

«Os fãs dos autores não vão ficar desiludidos e os que devoraram
O Código da Vinci vão chorar por mais nesta série.» Library Journal

JAMES ROLLINS

e

REBECCA CANTRELL

**SANGUE
INOCENTE**

TODA A ESPERANÇA DA HUMANIDADE RESIDE
NUMA CRIANÇA... COBIÇADA PELO BEM E PELO MAL.

B

BERTRAND EDITORA



Título original: Innocent Blood

1.ª edição em papel: junho de 2015

Autores: James Rollins e Rebecca Cantrell

Tradução: Joana Chaves

Revisão: Rita Figueiredo

© 2014 by James Czajkowski and Rebecca Cantrell

Publicado por acordo com o autor, c/o BAROR INTERNATIONAL, INC., Armonk, Nova Iorque, EUA

[Todos os direitos para a publicação desta obra em língua portuguesa, exceto Brasil, reservados por Bertrand Editora, Lda.]

Esta edição segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Bertrand Editora

Rua Prof. Jorge da Silva Horta, n.º 1

1500-499 Lisboa

www.bertrandeditora.pt

editora@bertrand.pt

Tel. 217 626 000

ISBN: 978-972-25-3090-3

James

*A Carolyn McCray, pela sua inspiração, encorajamento
e amizade sem limites.*

Rebecca

Ao meu marido, filho e gato. Twinkle

*«Olhai, Deus recebeu o vosso sacrifício das mãos
de um sacerdote – ou seja, de um ministro do erro»*

— EVANGELHO DE JUDAS, 5: 15

PRÓLOGO

Solstício de verão, 1099
Jerusalém

Enquanto os gritos dos moribundos se erguiam em direção ao sol do deserto, os dedos esqueléticos de Bernard agarraram a cruz que pendia do seu pescoço. O toque da prata abençoada queimou-lhe a palma da mão calejada pela espada, marcando a carne amaldiçoada. Ignorou o odor da pele cauterizada e apertou-a com mais força. Aceitou a dor.

Pois essa dor tinha um propósito – servir a Deus.

À sua volta, peões e cavaleiros lançavam-se sobre Jerusalém numa vaga de sangue. Nos últimos meses, os cruzados tinham aberto caminho à força por terras hostis. Nove em cada dez homens pereceram ainda antes de alcançarem a Terra Santa: derrotados pela batalha, pelo impiedoso deserto, por doenças pagãs. Aqueles que sobreviveram, choraram abertamente ao verem Jerusalém pela primeira vez. Mas todo esse sangue derramado não o fora em vão, pois agora a cidade seria de novo restituída aos cristãos, uma vitória cruel, marcada pela morte de milhares de infiéis.

Bernard sussurrou uma breve oração pelos que tinham sido chacinados.

Não tinha tempo para mais.

Abrigando-se ao lado da carroça, puxou para baixo o grosseiro capuz do hábito sobre os olhos, mergulhando o cabelo branco e rosto pálido mais fundo nas sombras. Então, segurou o freio do garanhão e afagou o pescoço quente do animal, sentindo o retumbar do seu coração nas pontas dos

dedos e nos ouvidos. O terror inundava o sangue do corcel e evaporava-se dos seus flancos transpirados.

No entanto, com um puxão firme, o animal avançava ao seu lado, arrastando a carroça pelas pedras da calçada ensopadas em sangue. O estrado de madeira sustentava uma jaula de ferro, suficientemente grande para aprisionar um homem. Uma espessa cobertura de couro envolvia estreitamente a jaula, escondendo o que encerrava. Mas ele sabia. E o cavalo, também. As orelhas foram puxadas para trás numa expressão ansiosa. A desalinhada crina negra agitava-se.

Alinhados numa falange cerrada mais adiante, os obscuros confrades de Bernard – os outros cavaleiros da Ordem dos Sanguinistas – esforçavam-se por abrir caminho. Todos eles valorizavam aquela missão, mais do que a própria existência. Lutavam com uma força e determinação inigualáveis em qualquer humano. Um dos seus irmãos revolteou no ar, com uma espada em cada mão, revelando a sua natureza inumana, tanto pela rapidez do aço, como pelo brilho dos dentes afiados. Todos tinham sido outrora bestas ímpias, como aquele encarcerado na carroça, despojados de alma e votados ao abandono – até serem resgatados por Cristo. Cada um deles celebrara um pacto obscuro de não mais saciar a sede com sangue humano, mas unicamente com o sangue consagrado de Cristo, uma mercê que lhes permitia caminhar metade na sombra, metade à luz do sol, no fio da espada entre a graça e a condenação.

Agora votados por juramento à Igreja, cada um deles servia a Deus como guerreiro e como sacerdote.

Os mesmos deveres tinham arrastado Bernard e os outros até aos portões de Jerusalém.

Por entre os gritos e a carnificina, a carroça rolava a passo firme. Bernard queria que as rodas rolassem mais céleres, à medida que o medo se apoderava de si.

“Tinha de se apressar...”

Porém, uma outra necessidade percorria-o com a mesma urgência. Enquanto avançava, o sangue escorria das paredes em volta e corria em rios por entre as pedras debaixo dos seus pés. A acidez do ferro enchia-lhe a cabeça, toldando o próprio ar, inflamando uma fome profunda. Lambeu os lábios secos, como que tentando provar o que lhe era proibido.

Não era o único que sofria.

Do interior da jaula obscura, a criatura uivava, sentindo o odor do sangue derramado. Os seus brados apelavam ao mesmo monstro ainda escondido no fundo de Bernard – só que este monstro não estava encarcerado pelo ferro, mas pelo juramento e pela bênção. E ainda assim, em resposta a esse grito de fome de carne crua, as pontas dos dentes de Bernard tornaram-se mais longas e aguçadas, e o seu desejo mais intenso.

Ao ouvir esses gritos, os seus irmãos lançaram-se para diante com renovado ímpeto, como se fugissem do seu passado.

O mesmo não podia dizer-se do cavalo.

Quando a criatura uivava, o garanhão paralisava nos seus arreios.

Como bem devia.

Bernard capturara o demónio enjaulado há uns dez meses, num estábulo abandonado às portas de Avinhão, em França. Aquelas criaturas malditas deram por diferentes nomes ao longo dos séculos. Embora outrora humanos, eram agora um flagelo que assolava os lugares sombrios, sobrevivendo do sangue de homens e animais.

Depois de prender o demónio na jaula, Bernard cobrira o novo cárcere com camadas de couro grosso, para que nem um grão de luz pudesse penetrar. Esse escudo protegia a besta da luz abrasadora do dia, mas a proteção tinha um preço. Bernard mantinha-o voraz, dando-lhe apenas o sangue suficiente para sobreviver, mas nunca o bastante para o saciar.

Naquele dia, tal fome serviria a Deus.

Com o objetivo dolorosamente próximo, Bernard tentou fazer o cavalo avançar de novo. Passou a mão tranquilizadora pelo focinho coberto de

suor, mas o animal não parecia acalmar. Agitava-se contra um dos tirantes, depois o outro, lutando por se libertar.

À sua volta, os sanguinistas rodopiavam na habitual dança de guerra. Os gritos agudos de homens moribundos ecoavam da pedra fria. A besta dentro da jaula castigava as laterais como um tambor e urrava para se juntar à carnificina, para provar o sangue.

O cavalo gemia e sacudia a cabeça de terror.

Por esta altura, o fumo revolteava das ruas e vielas vizinhas. O cheiro a lã e carne queimada assaltou-lhe as narinas. Os cruzados tinham começado a deitar a tocha a secções da cidade. Bernard receou que arrasassem aquela parte de Jerusalém onde tinha de chegar – a parte onde estaria escondida a arma sagrada.

Reconhecendo que o cavalo não seria de mais uso, Bernard puxou da espada. Com alguns golpes hábeis, cortou os arreios. Liberto, o animal não precisou de incitamento. Arrancando-se aos tirantes, derrubou um sanguinista e desembestou pela carnificina adentro.

“Que vá com Deus” – rogou.

Deslocou-se para a retaguarda da carroça, sabendo que nenhum dos irmãos podia ser dispensado da batalha. Teria de dar aqueles últimos passos sozinho.

Como Cristo com a sua pesada cruz.

Embainhou a espada e assentou o ombro contra o fundo do carro.

Empurrá-lo-ia à força de braços pelo caminho restante. Numa outra vida, quando o seu coração ainda batia, fora um homem forte e vigoroso. Agora, tinha uma força que excedia a de qualquer humano.

Com o cheiro pungente do sangue a deixar um bafo húmido no ar, inspirou, vacilante. O desejo da seiva rubra cercava-lhe a visão. Ele queria bebê-la de cada homem, mulher e criança no burgo. A intensidade do desejo deixava-o à beira do limite.

Em vez disso, cingiu a cruz ardente, deixando que a dor sagrada o serenasse.

Deu um vagaroso passo em frente, forçando as rodas do carro a descreverem uma rotação e depois outra. Cada volta cumprida deixava-o mais perto do objetivo.

Mas um medo angustiante crescia, a cada passo conquistado.

“Será tarde demais?”

Quando o sol mergulhava no horizonte, Bernard avistou por fim a sua meta. Estremeceu do esforço, quase esgotado apesar da sua imensa força. No final da estrada, para lá de onde os últimos defensores da cidade se batiam ferozmente, a cúpula plúmbea de uma mesquita erguia-se contra um indiferente céu azul. Manchas escuras de sangue maculavam a sua fachada nívea. Mesmo àquela distância, sentia o pulsar assustado de homens, mulheres e crianças refugiados no interior das grossas paredes do templo.

Enquanto se pressionava contra a carroça, ouvia as preces de misericórdia a um deus distante. Não obteriam nenhuma da besta no carro.

Nem dele.

As suas pequenas vidas pouco contavam à vista do prémio procurado – uma arma que prometia livrar o mundo de todo o mal.

Distraído por essa esperança, não pôde impedir a roda dianteira do carro de cair num sulco fundo da estrada, alojando-se teimosamente entre as pedras. A carroça estacou com sobressalto.

Como que percebendo a vantagem, os infiéis penetraram a falange protetora em redor do carro. Um homem esguio de cabelo negro revoltado lançou-se contra Bernard, a sua lâmina curva a reluzir ao sol, disposto a proteger a mesquita e a família com a própria vida.

Bernard aceitou esse pagamento, esventrando-o com um relampejante golpe de aço.

O sangue quente salpicou as vestes sacerdotais de Bernard. Embora fosse proibido, salvo em circunstâncias e necessidade extremas, tocou o tecido manchado e levou os dedos aos lábios. Lambeu o líquido carmesim das pontas dos dedos. Só o sangue lhe poderia dar força para continuar a avançar. Mais tarde cumpriria penitência, por cem anos, se preciso fosse.

Pela língua, o fogo penetrou-o, alimentando-lhe os membros de força renovada, apurando-lhe a visão. Encostou o ombro ao carro e, com impressionante ímpeto, voltou a pô-lo em movimento.

Uma prece cruzou-lhe os lábios – implorando pela duração das suas forças, pelo perdão do pecado cometido.

Impeliu o carro para diante, enquanto os seus irmãos abriam caminho.

As portas da mesquita surgiram diante dele, os seus últimos defensores moribundos na soleira. Bernard abandonou a carroça, deu as últimas passadas até ao templo e abriu a pontapé a porta barrada, com uma força que nenhum homem comum poderia invocar.

Do interior, gritos aterrorizados ecoaram pelas paredes ornamentadas. As pulsações uniam-se no pavor – demasiadas, demasiado aceleradas para distinguir uma só. Fundiam-se num batimento único, como o rugido do mar. Olhares assustados fitavam-no de volta, da escuridão sob a cúpula.

Estacou à entrada, para que o pudessem ver iluminado em contraluz pelas chamas da cidade. Impunha-se que reconhecessem as suas vestes de sacerdote e a cruz de prata, que compreendessem que os cristãos os tinham vencido.

Mas mais do que isso, importava que entendessem que não podiam escapar.

Os seus confrades sanguinistas alcançaram-no, postando-se ombro a ombro atrás dele, à entrada da mesquita. Ninguém escaparia. O cheiro a

terror preenchia o amplo espaço, do chão de ladrilhos à larga cúpula lá no alto.

De um salto, Bernard regressou à carroça. Soltou a gaiola e arrastou-a escadas acima até à porta, com o fundo de ferro a guinchar, traçando longas linhas negras nos degraus de pedra. A barreira de sanguinistas abriu-se para o receber e fechou-se de novo atrás dele.

Equilibrou a gaiola na vertical, sobre os ladrilhos de mármore polido. A espada decepou o ferrolho com um só golpe. Recuando, fez abrir a porta ferrugenta da gaiola. O rangido abafou a pulsação, a respiração.

A criatura avançou, livre pela primeira vez em muitos meses. Os longos braços tateavam o ar, como que procurando as tão familiares barras.

Bernard mal conseguia imaginar que aquela coisa fora outrora humana – a sua pele lívida como a dos mortos, o cabelo dourado tornado longo e enredado pelas costas abaixo, os membros delgados como os de uma aranha.

Aterrorizada, a multidão recuou para longe da vista da besta, comprimindo-se contra as paredes distantes, esmagando outros com o seu receio e pânico. O débil odor do sangue e do medo irradiava deles.

Bernard ergueu a espada e esperou que a criatura o encarasse. A criatura não podia escapar para as ruas. O seu trabalho era ali. Tinha de trazer o mal e a blasfémia àquele lugar sagrado. Tinha de destruir qualquer vestígio de sacralidade que ainda restasse. Só então o lugar poderia ser novamente consagrado ao Deus de Bernard.

Como se lhe lesse o pensamento, a besta ergueu o rosto enrugado para Bernard. Um par de olhos de um branco leitoso. Há muito que fora privado do sol e há muito que se tinha metamorfoseado.

Um bebé choramingou no espaço que se abria pela frente.

A besta não podia resistir à tentação.

Com um dardejar dos membros esqueléticos, voltou-se na direção oposta e precipitou-se sobre a presa.

Bernard baixou a espada, já não precisando dela para manter o monstro à distância. A promessa de sangue e de dor mantê-lo-ia confinado àquelas paredes, por enquanto.

Forçou os seus pés a avançar, seguindo no encalço da besta assassina. Ao cruzar a cúpula, bloqueou os ouvidos aos gritos e preces. Desviou a vista da carne dilacerada, dos corpos que pisava. Recusou-se a reagir à malícia do sangue que pairava no ar.

Contudo, o monstro dentro de si, alimentado há pouco com umas gotas da seiva carmesim, não podia ser totalmente ignorado. Ele ansiava por se juntar ao outro monstro, alimentar-se e entregar-se a uma necessidade simples.

Ficar saciado, verdadeiramente saciado, pela primeira vez em anos.

Bernard apressou-se, atravessando o espaço, receoso de perder o controlo, de sucumbir ao desejo, até que chegou aos degraus no lado oposto.

Aí, o silêncio deteve-o.

Atrás dele, todos os batimentos cardíacos cessaram. A quietude aprisionou-o e ele estacou, incapaz de se mover, subjugado pela culpa.

Então, um grito sobrenatural ecoou da cúpula, enquanto os sanguinistas matavam por fim a besta que cumprira a sua função.

“Que Deus me perdoe...”

Liberto do silêncio, precipitou-se pelos degraus e passagens tortuosas, nas profundezas da mesquita. O rumo trilhado levava-o mais fundo nas entranhas da cidade. O denso odor da carnificina perseguia-o, um espectro nas sombras.

Depois, por fim, sentiu um outro odor.

“Água.”

Deixou-se cair de gatas, rastejou por um túnel apertado e vislumbrou o tremular de uma chama, mais adiante. Esta incitava-o a avançar, como a

uma traça. No final do túnel, abria-se uma caverna, suficientemente alta para se poder levantar.

Arrastou-se para fora do túnel e pôs-se de pé. Uma tocha feita de junco estava suspensa de uma parede, lançando uma luz trémula sobre uma lagoa de águas negras. Gerações de fuligem maculavam o teto alto.

Começou a avançar quando uma mulher se ergueu de trás de um penedo. Tranças de um negro lustroso, caídas sobre os ombros da sua simples túnica branca, e uma pele escura, de brilho suave e perfeito. Um fragmento de metal, do comprimento da palma da mão, pendia de uma fina corrente de ouro presa em torno do seu pescoço esguio. Repousava entre os seios, que se insinuavam contra o fino corpete de linho.

Há muito que era sacerdote, mas o seu corpo reagiu à beleza da mulher. Com grande esforço, obrigou o seu olhar a enfrentar o dela. Os seus olhos claros fitaram os dele.

– Quem és? – perguntou ele.

Não lhe ouvia o bater do coração, mas sabia também instintivamente que ela não era como a besta enjaulada, nem como ele próprio. Mesmo àquela distância, sentia o calor irradiado pelo corpo da mulher.

– És a Senhora do Poço?

Era o nome que descobrira escrito num antigo pedaço de papiro, juntamente com um mapa do que se encontrava nas profundezas.

Ela ignorou as perguntas.

– Não estás preparado para o que procuras – disse-lhe simplesmente. As palavras eram em latim, mas a pronúncia parecia antiga, mais do que a sua própria.

– Apenas procuro o conhecimento – contrapôs ele.

– Conhecimento? – Aquela simples palavra soou tão lúgubre quanto um cântico fúnebre. – Aqui, só encontrarás desilusão.

Porém, deve ter reconhecido a determinação dele. Afastou-se e apontou-lhe o lago com a mão morena, os seus dedos longos e graciosos. Uma fina

tira de ouro rodeava-lhe o braço.

Ele passou por ela, o seu ombro quase tocando o dela. A fragrância de botões de lótus dançava no ar cálido que a envolvia.

– Deixa para trás as vestes – ordenou ela. – Tens de entrar na água nu como dela saíste.

À borda da água, ele tateou desajeitadamente o hábito, lutando contra os pensamentos impuros que lhe povoavam a mente.

Ela recusou-se a desviar o olhar.

– Trouxeste muita morte a este lugar sagrado, ministro da cruz.

– Será purificado – disse ele, procurando apaziguá-la. – E consagrado ao único Deus.

– *Único?* – A mágoa despertou nos seus olhos profundos. – Pareces tão certo.

– Estou.

Ela encolheu os ombros. O pequeno gesto desprende-lhe a fina túnica dos ombros. Caiu com um sussurro sobre o áspero chão de pedra. A luz da tocha revelou um corpo de tal perfeição, que ele esqueceu os votos e o contemplou sem pudor, os olhos demorando-se na curva dos seios plenos, no ventre, no longo contorno musculado das coxas.

Ela voltou-se e mergulhou na água escura, quase sem provocar ondulação.

Agora só, ele desapertou apressadamente o cinto, sacudiu dos pés as botas ensanguentadas e arrancou a veste. Uma vez nu, saltou atrás dela, mergulhando fundo. A água gelada lavou-lhe o sangue da pele e batizou-o na inocência.

Expulsou o ar dos pulmões, pois não necessitava dele enquanto sanguinista. Desceu rapidamente, nadando atrás dela. Nas profundezas, membros nus reluziram por um instante – depois ela desviou-se para o lado, rápida como um peixe, e desapareceu.

Ele impeliu-se para mais fundo, mas ela desaparecera. Ele tocou na cruz e rogou por orientação divina. Deveria procurá-la ou prosseguir com a sua missão?

A resposta foi simples.

Virou-se e nadou para diante, através de passagens tortuosas, seguindo o mapa na sua cabeça, aprendido de antigos fragmentos de papiro, na direção das profundezas secretas sob Jerusalém.

Deslocava-se tão célere quanto ousava, na mais absoluta escuridão, por passagens complexas. Um homem mortal teria morrido repetidas vezes. Uma mão varria a pedra, contando as passagens. Por duas vezes, chegou a becos sem saída e teve de voltar atrás. Combateu o pânico, dizendo que lera mal o mapa, prometendo a si próprio que o lugar procurado existia.

O seu desespero atingiu o ponto limite – e, então, uma figura passou rapidamente por ele, nas águas geladas, como uma corrente a percorrer-lhe a pele, retrocedendo na direção de onde ele viera. Assustado, procurou a espada, lembrando-se tarde demais que a deixara junto com o amontoado de roupas.

Tentou alcançá-la, mas sabia que ela se fora.

Voltando-se na direção de onde ela viera, impeliu-se para frente com renovado vigor. Abriu caminho por entre o medo crescente de nadar para todo o sempre no meio da escuridão sem nunca encontrar o que procurava.

Finalmente, chegou a uma vasta caverna, as suas paredes abrindo-se amplamente para cada um dos lados.

Embora cego, sabia que encontrara o lugar certo. A água era mais quente, ardendo com uma sacralidade que lhe irritava a pele. Nadando para um dos lados, ergueu as mãos trémulas e explorou a parede.

Sob as mãos, sentiu um desenho gravado na pedra.

“Por fim...”

As pontas dos dedos percorreram a pedra, procurando entender as imagens aí gravadas.

Imagens que os poderiam salvar.

Imagens que o poderiam levar à arma secreta.

Sob os dedos, sentiu a forma de uma cruz, percebeu uma figura crucificada – e, acima dela, a mesma figura, com o rosto erguido ao alto e os braços estendidos para o céu. Entre os corpos, uma linha ligava a alma em ascensão ao corpo pregado lá em baixo.

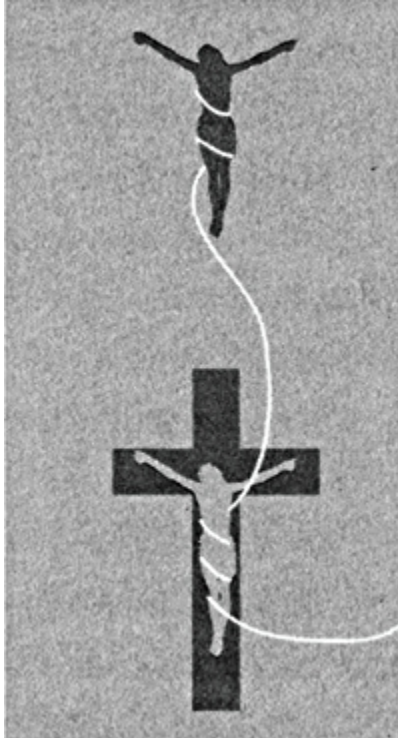
Enquanto seguia aquele curso, as pontas dos dedos ardiam, revelando que a linha era feita da mais pura prata. A partir da cruz, o curso ígneo estendia-se pela parede curva da caverna até um desenho contíguo. Aí, descobriu um grupo de homens com espadas, vindos para prender Cristo. A mão do Salvador tocava na têmpora de um dos homens.

Bernard sabia o que representava.

“A cura de Malco.”

O *último* milagre de Cristo, antes da ressurreição.

Nadando ao longo da parede, Bernard seguiu a linha argêntea através dos muitos milagres realizados por Jesus, durante a sua vida: a multiplicação dos pães e peixes, a ressurreição dos mortos, a cura dos leprosos. Traçava cada um deles na sua mente, como se os tivesse visto. Esforçou-se por conter a esperança, a exaltação.



Por fim, chegou à representação das bodas de Caná, onde Jesus transformara a água em vinho. O *primeiro* milagre do Salvador de que havia registro.

Porém, o curso de prata prosseguia para lá de Caná, ardendo através da escuridão.

Mas para onde? Revelaria milagres desconhecidos?

Bernard seguiu-o – descobrindo apenas um largo espaço de rocha fragmentada sob os dedos. Desesperado, passou as mãos pela parede em arcos cada vez mais amplos. Fragmentos de prata incrustada na pedra marcaram a sua pele a fogo. A dor fê-lo recuperar a razão, forçando-o a enfrentar o seu maior receio.

Aquela parte da gravação fora destruída.

Espalmou as mãos contra a parede, tateando em busca de mais. Segundo os antigos fragmentos de papiro, a história dos milagres de Cristo revelaria o lugar onde se escondia a arma mais sagrada de todas – uma arma capaz de destruir a alma danada mais poderosa pelo simples toque.

Permaneceu na água, ciente da verdade.

O segredo fora destruído.

E ele sabia por quem.

As palavras dela ecoaram na sua mente.

“Conhecimento? Aqui, só encontrarás desilusão.”

Achando-o indigno, ela devia ter vindo direta ali e apagado a imagem sagrada, antes que ele a pudesse ver. As suas lágrimas misturavam-se com a água gélida – não pelo que se perdera, mas por uma verdade mais dura.

“Falhei.”

“Todas as mortes deste dia foram em vão.”



PRIMEIRA PARTE

*«Pequei, entregando sangue inocente.
Eles replicaram: "Que nos importa?"*

– MATEUS 27: 4

CAPÍTULO 1

18 de dezembro, 09h58, PST
Palo Alto, Califórnia

Uma pontada de pânico mantinha-a tensa.

Quando a doutora Erin Granger entrou na sala de conferências do campus de Stanford, olhou o espaço em toda a sua extensão para se certificar de que estava só. Até se agachou e vasculhou debaixo dos lugares vazios, confirmando que ninguém se escondia ali. Mantinha uma mão sobre a *Glock 19* no coldre do tornozelo.

Era uma bonita manhã de inverno, com o sol suspenso de um quebradiço céu azul salpicado de nuvens. Com a luz radiante entrando a jorros pelas janelas altas, pouco tinha a recear das criaturas sombrias que habitavam os seus pesadelos.

No entanto, depois de tudo o que lhe acontecera, sabia que os seus semelhantes humanos eram capazes do mesmo mal.

Voltando a endireitar-se, alcançou o atril diante da sala de aula e deixou escapar um suspiro de alívio discreto. Sabia que os seus receios eram ilógicos, mas isso não a impedia de verificar a segurança da sala antes que os alunos entrassem em tropel. Por muito irritantes que os universitários pudessem ser, lutaria até à morte para manter cada um deles livre do mal.

Não voltaria a falhar a nenhum estudante.

Os dedos de Erin apertaram-se sobre a mala de couro coçado que tinha na mão. Teve de forçar os dedos a abrirem-se e pousar a mala ao lado do atril. Com o olhar ainda a percorrer o espaço, abriu a mala e tirou para fora

as notas para a aula. Normalmente, memorizava as suas apresentações, mas assumira aquela aula em substituição de uma professora em licença de maternidade. Era um tópico interessante e impedia-a de repisar os acontecimentos surgidos na sua vida, a começar pela perda de dois alunos de licenciatura em Israel, alguns meses antes.

Heinrich e Amy.

O estudante alemão morrera de ferimentos prolongados na sequência de um terramoto. A morte de Amy sobreviera mais tarde, assassinada porque Erin enviara não intencionalmente informação proibida à sua aluna, dando-lhe um conhecimento que levaria à sua eliminação.

Friccionou as palmas das mãos, como que tentando limpar-se daquele sangue, daquela responsabilidade. Subitamente, o espaço pareceu mais frio. Não deviam estar mais de dez graus lá fora e estava pouco mais quente na sala de aula. Contudo, os arrepios que a percorriam enquanto preparava os papéis nada tinham a ver com o insuficiente sistema de aquecimento do espaço.

Regressada a Stanford, devia ter-se sentido aliviada por estar em casa, rodeada pelo que lhe era familiar, pelas rotinas diárias de um semestre a encaminhar-se para as férias de Natal.

Mas não sentia.

Porque nada era igual.

Enquanto se endireitava e preparava as notas para a aula daquela manhã, os alunos chegaram, um a um, dois a dois, alguns descendo os degraus até aos lugares da frente, mas a maioria ficando atrás e baixando os assentos nas filas mais afastadas.

– Professora Granger?

Erin olhou para a esquerda e viu um rapaz com cinco argolas de prata numa das sobrancelhas a aproximar-se. O aluno exibia uma expressão determinada no rosto quando se colocou diante dela. Carregava uma câmara com teleobjetiva num dos ombros.

– Sim? – Não se deu ao trabalho de dissimular a irritação na sua voz.

Ele pousou um pedaço de papel dobrado sobre o atril de madeira, deslizando-o na direção dela.

Mais atrás, os outros estudantes olhavam, fingindo indiferença, mas eram atores pouco convincentes. Ela conseguia perceber que a observavam, à espera da sua reação. Não precisou de abrir o pedaço de papel para saber que continha o número de telefone do jovem.

– Sou do *Stanford Daily*. – Brincou com um dos *piercings*. – Pode conceder-me uma breve entrevista para o jornal da escola?

Ela voltou a empurrar o pedaço de papel na direção dele.

– Não, obrigada.

Recusara todos os pedidos de entrevista desde que regressara de Roma. Não quebraria o silêncio agora, sobretudo quando tudo o que lhe era permitido dizer não passava de mentira.

Para ocultar a verdade sobre os trágicos acontecimentos que tinham levado à morte dos dois estudantes, fora engendrada uma história de como ela ficara presa no deserto israelita, sepultada sob os escombros após um tremor de terra em Massada. Segundo esse falso relato, fora descoberta com vida, juntamente com um sargento do exército chamado Jordan Stone e o único estudante sobrevivente, Nate Highsmith.

Compreendera a necessidade de encobrir o acontecimento para explicar o tempo que passara a trabalhar para o Vaticano, um subterfúgio também aprovado por uma pequena elite do governo que conhecia a verdade. As pessoas não estavam preparadas para relatos sobre os monstros da noite, sobre os obscuros pilares que sustentavam o mundo.

Porém, com ou sem necessidade, não tinha intenção de desenvolver essas mentiras.

O estudante com uma fileira de argolas na sobrancelha insistia.

– Poderia rever a história, antes de ser editada. Se não ficar satisfeita com alguma parte, podemos trabalhá-la até lhe agradar.

– Respeito a sua persistência e empenho, mas isso não altera a minha resposta. – Gesticulou para o auditório meio cheio. – Sente-se, por favor.

Ele hesitou e pareceu prestes a falar de novo.

Ela endireitou-se e fitou-o com um olhar severo. Tinha apenas um metro e setenta e seis e usava o cabelo louro apanhado num descuidado rabo de cavalo que não lhe dava o ar mais intimidante.

No entanto, era tudo uma questão de atitude.

O que quer que ele tivesse visto nos olhos dela fê-lo recuar para junto dos outros estudantes, onde se afundou rapidamente no lugar, mantendo o rosto baixo.

Com o assunto resolvido, ela juntou as suas notas numa pilha ordenada e dirigiu-se à turma.

– Agradeço a todos por terem vindo à sessão final de História 104: Separar o Divino da História Bíblica. Hoje, vamos discutir equívocos comuns sobre uma festividade religiosa que está quase a chegar, nomeadamente o *Natal*.

Os sons dos portáteis a serem ligados substituiu o outrora familiar restolhar do papel, enquanto os alunos se preparavam para tomar notas.

– O que celebramos a vinte e cinco de dezembro? – Deixou o olhar percorrer os alunos, alguns com *piercings*, outros com tatuagens e vários que pareciam de ressaca.

– Vinte e cinco de dezembro? Alguém? Esta é de caras.

Uma rapariga vestindo uma camisola com um anjo bordado na frente levantou a mão.

– O nascimento de Cristo?

– Exato. Mas quando *nasceu* realmente Cristo?

Ninguém respondeu.

Ela sorriu, deixando para trás os receios, enquanto se acomodava no papel de professora.

– Foi inteligente da vossa parte evitarem a armadilha.

Aquilo granjeou alguns risos.

– A data do nascimento de Cristo é, na verdade, tema de disputa. Clemente de Alexandria dizia que...

Prosseguiu a aula. Um ano antes, teria dito que ninguém hoje vivo sabia a verdadeira data do nascimento de Cristo. Agora, já não o podia dizer, pois no decorrer das suas aventuras por Israel, Rússia e Roma, conhecera alguém que o *sabia*, que estava vivo quando Cristo nasceu. Nesse momento, apercebera-se do quanto da história aceite estava *errada* – mascarada pela ignorância ou obscurecida por falsidades propositadas para esconder verdades mais sombrias.

Enquanto arqueóloga, alguém que buscava a história escondida debaixo de areia e pedra, tal revelação deixara-a inquieta, à deriva. Depois de regressar ao cómodo mundo académico, descobriu que já não conseguia dar a mais simples aula sem uma reflexão cuidada. Dizer aos alunos a verdade, se não toda a verdade, tornara-se praticamente impossível. Cada aula soava-lhe a mentira.

“Como posso continuar por este rumo, mentindo àqueles a quem devo ensinar a verdade?”

No entanto, que outra escolha tinha? Depois de aberta por breves instantes, revelando a verdadeira natureza do mundo, aquela porta fora fechada com a mesma firmeza.

“Não fechada. Arremessada na minha cara.”

Separada dessas verdades ocultas atrás daquela porta, foi deixada do lado de fora, perguntando-se o que era real e o que era falso.

Por fim, a aula terminou. Rapidamente, apagou o quadro branco, como que tentando apagar todas as falsidades e meias-verdades aí contidas. Por fim, acabara. Congratulou-se a si mesma, por ter conseguido chegar ao fim da última aula do ano. Agora, só lhe restava classificar os últimos trabalhos – depois, ficaria livre para enfrentar o desafio da pausa de Natal.

Nesse cenário de dias em aberto, imaginou os olhos azuis e a superfície áspera de um rosto rugoso, os lábios cheios que sorriam tão facilmente, a testa serena sob uma madeixa curta de cabelo louro. Seria bom voltar a ver o sargento Jordan Stone. Tinham passado várias semanas desde que o vira em pessoa pela última vez – embora falassem frequentemente ao telefone. Não estava certa do destino dessa relação a longo prazo, mas queria estar presente para o descobrir.

É claro que isso significava escolher o presente de Natal perfeito para expressar esse sentimento. Sorriu perante a ideia.

Quando começava a apagar a última linha do quadro branco e se preparava para dispensar os alunos, uma nuvem abafou o sol, mergulhando a sala na sombra. O apagador parou no quadro. Sentiu-se momentaneamente atordoada, e depois sentiu-se mergulhar...

...a mais absoluta escuridão.

Paredes de pedra comprimiam-lhe os ombros. Debateu-se para se sentar. A cabeça esmagou-se contra a pedra e caiu para trás com um esparrinhar. As mãos frenéticas tatearam um mundo negro.

Pedra a toda a volta – em cima, atrás, por todos os lados. Não uma pedra áspera, como se estivesse sepultada debaixo de uma montanha. Era lisa. Polida como vidro.

Ao longo da tampa do caixão havia um desenho trabalhado a prata. Queimava-lhe a ponta dos dedos.

Engoliu e a sua boca encheu-se de vinho. O bastante para a afogar.

“Vinho?”

Uma porta ao fundo da sala bateu com força, trazendo-a bruscamente de volta à sala de aula. Fitou o apagador no quadro branco, os dedos apertados com força à sua volta, os nós brancos.

“Há quanto tempo estou assim? Diante de todos...”

Não podiam ter passado mais do que uns minutos. Tivera ataques daqueles antes, nas últimas semanas, mas nunca diante de ninguém. Menosprezara-os como stresse pós-traumático e esperara que passassem por si mesmos, mas este último fora o mais vívido de todos.

Inspirou fundo e virou-se para encarar a turma. Pareciam indiferentes, por isso não devia ter-se alheado por muito tempo. Tinha de controlar aquilo, antes que algo pior acontecesse.

Olhou para a porta que batera.

Uma figura agradável estava ao fundo da sala. Notando a atenção, Nate Highsmith ergueu um grande envelope e agitou-o na direção dela. Sorriu, em jeito de desculpa, e avançou para a sala com as suas botas de *cowboy*, no coxear uma evocação da tortura que sofrera no outono passado.

Ela comprimiu os lábios. Devia tê-lo protegido melhor. E a Heinrich. E sobretudo a Amy. Se Erin não tivesse exposto a jovem ao perigo, ela poderia ainda estar viva. Os pais de Amy não teriam de passar o primeiro Natal sem a filha. Eles nunca tinham querido que Amy fosse arqueóloga. Fora Erin quem acabara por os convencer a deixar a filha participar na escavação em Israel. Enquanto investigadora de campo sénior, Erin garantira-lhes que a filha estaria em segurança.

No final, falhara dolorosa e terrivelmente.

Inclinou a bota para sentir a massa tranquilizadora da arma contra o tornozelo. Não seria apanhada desprevenida de novo. Não morreriam mais inocentes sob a sua guarda.

Ela aclarou a garganta e voltou a atenção para a turma.

– E é tudo. Estão dispensados. Aproveitem as férias de inverno.

Enquanto a sala se esvaziava, forçou-se a olhar para lá da janela, para o céu radiante, procurando afastar a escuridão deixada pela visão de há um momento atrás.

Nate alcançou-a, por fim, quando o espaço ficou vazio.

– Professora. – Parecia apreensivo. – Tenho uma mensagem para si.

– Que mensagem?

– Duas, aliás. Uma é do governo de Israel. Finalmente, libertaram os nossos dados sobre o local de escavação na Cesareia.

– Isso é excelente! – Ela tentou forçar um tom de entusiasmo, mas falhou. Mais que não fosse, Amy e Heinrich receberiam algum crédito pelo seu derradeiro trabalho, um epitáfio às suas curtas vidas.

– E a segunda mensagem?

– É do cardeal Bernard.

Surpreendida, encarou Nate mais frontalmente. Durante semanas, tentara contactar o cardeal, representante máximo da Ordem dos Sanguinistas em Roma. Pensara mesmo em apanhar um avião para Itália e rondar os seus aposentos na Cidade do Vaticano.

– Já não era sem tempo – murmurou.

– Ele pede-lhe para ligar quanto antes – disse Nate. – Parecia urgente.

Erin suspirou de exasperação. Bernard ignorara-a durante dois meses, mas agora precisava de algo dela. Ela tinha inúmeras perguntas para lhe fazer – preocupações e pensamentos que se tinham adensado nas últimas semanas, desde o regresso de Roma. Olhou para o quadro branco, fitando a linha meio apagada. Também tinha perguntas sobre aquelas visões.

Seriam os episódios um efeito secundário do stresse pós-traumático? Seria um reviver do tempo que passara aprisionada debaixo de terra, em Massada?

“Mas, se assim fosse, porque sinto recorrentemente o sabor a vinho?”

Abanou a cabeça para clarear as ideias e apontou para a mão dele.

– O que tem o envelope?

– Está endereçado a si. – Entregou-lho.

Pesava demais para conter uma simples carta. Erin examinou a morada do remetente.

“Israel.”

Os seus dedos tremeram ligeiramente enquanto abria a aba do envelope com a caneta.

Nate reparou que a mão dela vacilava e pareceu preocupado. Ela sabia que ele consultava um psicólogo sobre o seu próprio distúrbio de stresse pós-traumático. Eram sobreviventes feridos, com segredos que não podiam ser totalmente revelados.

Agitando o envelope, fez deslizar para fora uma simples folha de papel escrita à máquina e um objeto do tamanho e forma de um ovo de codorniz. O coração caiu-lhe aos pés ao reconhecer o objeto.

Até Nate deixou escapar um leve arquejo e recuou um passo.

Ela não teve esse luxo. Leu a folha de papel rapidamente. Era das forças de segurança israelitas. Tinham chegado à conclusão de que o artefacto anexo já não era relevante para a investigação do caso encerrado, e esperavam que ela o pudesse devolver a quem de direito.

Aninhou o pedaço de âmbar polido na palma da mão, como se fosse o objeto mais valioso do mundo. Sob a turva luz fluorescente, parecia pouco mais do que uma pedra acastanhada brilhante, mas parecia mais quente ao toque. A luz refletia-se da sua superfície e, bem no centro, uma minúscula pena escura flutuava imóvel, preservada por milhares de anos, um pedaço de tempo congelado para sempre no âmbar.

– O amuleto da Amy – murmurou Nate, engolindo com dificuldade. Ele estava lá quando Amy fora assassinada. Manteve os olhos desviados do pequeno ovo de âmbar.

Erin pousou a mão no cotovelo de Nate, num gesto solidário. Na verdade, o talismã era mais do que um amuleto da sorte para Amy. Certo dia, na escavação, Amy explicara a Erin que encontrara o âmbar numa

praia quando era miúda e que ficara fascinada com a pena aprisionada no interior, perguntando-se de onde teria vindo, imaginando a asa de onde poderia ter caído. O âmbar cativara a sua imaginação tão intensamente quanto a pena. Fora o que despertara o desejo de Amy por estudar arqueologia.

Erin fixou o âmbar na palma da sua mão, consciente de que aquele minúsculo objeto conduzira não apenas à área de estudo de Amy, mas também à sua morte.

Os dedos fecharam-se com força sobre a pedra lisa, reforçando a sua determinação, fazendo a si mesma uma promessa.

“Nunca mais...”

CAPÍTULO 2

18 de dezembro, 11h12, EST
Arlington, Virgínia

O sargento Jordan Stone sentia-se uma fraude ao marchar no seu uniforme de gala. Hoje, enterraria o último membro da sua antiga unidade – um jovem cabo de nome Sanderson. À semelhança dos outros companheiros da unidade, o corpo de Sanderson nunca fora encontrado.

Depois de alguns meses de buscas por entre as toneladas de entulho que outrora formaram a montanha de Massada, os militares tinham desistido. O caixão vazio de Sanderson comprimia-se dolorosamente contra a perna de Jordan, enquanto marchava em cadência com os restantes portadores do caixão.

Um nevão de dezembro cobrira de branco os terrenos do Cemitério Nacional de Arlington, escondendo a erva parda e amontoando-se nos troncos de árvores sem folhas. A neve acumulava-se sobre o contorno arqueado das placas fúnebres de mármore, mais placas do que conseguia contar. Cada campa estava numerada, a maioria tinha nome e todos aqueles soldados tinham sido sepultados no descanso eterno com honra e dignidade.

Um deles era a sua mulher, Karen, morta em combate há um ano. Não houvera restos mortais suficientes para enterrar, apenas as placas de identificação militares. O seu caixão estava tão vazio quanto o de Sanderson. Em certos dias, Jordan não conseguia acreditar que ela tinha partido, que não voltaria a trazer-lhe flores e a receber um demorado beijo

em agradecimento. Em vez disso, as únicas flores que lhe traria acabariam na sua campa. Depositara aí rosas vermelhas, antes de se dirigir para o funeral de Sanderson.

Recordou o rosto sardento de Sanderson. O seu jovem companheiro de unidade fora um homem sempre pronto a agradar e cumpridor do dever, que dera o seu melhor. Em troca, tivera uma morte solitária no topo de uma montanha em Israel. Jordan estreitou o aperto sobre a pega fria do caixão, desejando que a missão tivesse terminado de outra forma.

Mais alguns passos para lá das árvores nuas e ele e os companheiros carregaram o caixão para o interior de uma capela gélida. Sentia-se mais reconfortado dentro daquelas simples paredes brancas do que se sentira nas sumptuosas igrejas da Europa. Sanderson também se teria sentido mais aconchegado ali.

A mãe e a irmã de Sanderson esperavam-nos no interior. Envergavam vestidos pretos quase idênticos e finos sapatos formais, apesar da neve e do frio. Ambas tinham a tez clara de Sanderson, com as faces cobertas de sardas mesmo no inverno. Os narizes e os olhos estavam avermelhados.

Sentiam a falta dele.

Desejou que não tivessem de a sentir.

Ao lado delas, o seu superior, o capitão Stanley, mantinha-se em silêncio. O capitão estivera do lado esquerdo de Jordan em todos os funerais, os seus lábios comprimidos numa estreita linha enquanto os caixões eram descidos à terra. Bons soldados, todos eles.

Era um comandante que seguia escrupulosamente as regras e tratara o depoimento de Jordan com toda a retidão. Por seu lado, Jordan fizera o seu melhor por se manter fiel à mentira elaborada pelo Vaticano: a montanha desabara num terramoto e todos tinham morrido. Ele e Erin tinham ficado num recesso que não ruíra, tendo sido salvos três dias mais tarde por uma equipa de resgate do Vaticano.

Bastante simples.

Mas não era verdade. Infelizmente, mentia mal e o seu superior suspeitava que ele não tinha revelado tudo o que acontecera em Massada ou após o salvamento.

Jordan fora já dispensado do ativo e colocado sob acompanhamento psiquiátrico. Alguém o vigiava permanentemente, à espera que se fosse abaixo. O que ele mais queria era voltar ao ativo e fazer o seu trabalho. Enquanto membro do Centro Forense Expedicionário Conjunto no Afeganistão, tratara e investigara cenários de crime militares. Era bom no que fazia e queria voltar a fazê-lo.

Tudo para se manter ocupado, em atividade.

Em vez disso, postava-se de novo em sentido ao lado de mais um caixão, o frio do chão de mármore a infiltrar-se pelos dedos dos pés. A irmã de Sanderson tremia ao seu lado. Desejou poder oferecer-lhe o casaco da sua farda.

Ouvia o tom sombrio da voz do capelão militar, mais do que as suas palavras. O sacerdote dispunha de apenas vinte minutos para celebrar a cerimónia. Arlington tinha muitos funerais por dia e seguia um horário rigoroso.

Rapidamente, viu-se no exterior da capela em direção ao cemitério. Fizera aquela marcha tantas vezes que os pés encontraram o caminho da campa sem ter de pensar muito. O caixão de Sanderson aguardava num monte de terra castanha limpa de neve, ao lado de uma cova coberta pela bandeira.

Um vento frio soprava sobre a neve, encaracolando os flocos em enleios, como cirros, o tipo de nuvens altas tão comum no deserto onde Sanderson morrera. Jordan esperou pelo resto da cerimónia, ouviu a salva de três tiros, o corneteiro a entoar o *Toque do Silêncio* e observou o capelão a entregar a bandeira dobrada à mãe de Sanderson.

Jordan vivera a mesma cena por cada um dos companheiros perdidos.

Não se tornava mais fácil.

No final, Jordan apertou a mão da mãe de Sanderson. Sentiu-a fria e frágil, e receou quebrá-la.

– Sinto muito pela sua perda. O cabo Sanderson era um bom soldado e um excelente homem.

– Ele gostava de si – disse ela, dirigindo-lhe um sorriso triste. – Achava-o inteligente e corajoso.

Jordan forçou o rosto rígido a corresponder ao sorriso.

– É bom ouvir isso, minha senhora. Ele também era inteligente e corajoso.

Ela pestanejou para afastar as lágrimas e virou costas. Ele preparou-se para a seguir, embora incerto do que lhe iria dizer, mas antes que pudesse fazê-lo, o capelão cravou-lhe a mão no ombro.

– Penso que temos assuntos a discutir, Sargento.

Voltando-se, Jordan examinou o jovem capelão. Envergava o uniforme de gala, tal como Jordan, só que com cruces pregadas nas lapelas do casaco. Olhando-o agora mais de perto, Jordan apercebeu-se da sua pele lívida demais, mesmo para o inverno, do cabelo escuro um pouco longo demais, da postura pouco militar. Ao olhá-lo de volta, os olhos verdes do capelão não pestanejaram.

Jordan sentiu os pelos do pescoço eriçarem-se.

O gelo da mão do capelão infiltrava-se através da luva. Não era como uma mão que tivesse estado demasiado tempo exposta, num dia frio, mas como uma mão que não tinha calor há anos.

Jordan já conhecera muitos do género. O que tinha diante de si era um predador morto-vivo, uma criatura vampírica denominada *strigoi*. Mas, para estar ali à luz do dia, devia ser um sanguinista – um *strigoi* que fizera um voto de deixar de beber sangue humano para servir a Igreja Católica e alimentar-se unicamente do sangue de Cristo, ou mais exatamente do *vinho* consagrado pelo sacramento da Eucaristia no sangue de Cristo.

Tal voto tornava aquela criatura menos perigosa.

Mas não muito menos.

– Não tenho assim tanta certeza de que tenhamos mais assuntos a discutir – disse Jordan.

Afastou-se do capelão e colocou-se em posição, pronto para lutar se necessário fosse. Já vira sanguinistas a lutar. Sem dúvida que aquele capelão franzino podia acabar com ele, mas isso não significava que Jordan se deixasse vencer facilmente.

O capitão Stanley interpôs-se entre eles e clareou a garganta.

– Foi esclarecido até ao topo da hierarquia, sargento Stone.

– O quê, capitão?

– Ele explicar-lhe-á tudo – respondeu o capitão, gesticulando na direção do capelão. – Acompanhe-o.

– E se eu recusar? – Jordan susteve a respiração, esperando uma resposta favorável.

– É uma ordem, sargento. – Olhou Jordan diretamente nos olhos. – Está totalmente fora do meu controlo.

Jordan reprimiu um gemido.

– Lamento, capitão.

O capitão Stanley recurvou um canto minúsculo da boca, equivalente à gargalhada sonora de um homem mais alegre.

– Disso tenho a certeza, sargento.

Jordan fez-lhe continência, perguntando-se se seria a última vez, e seguiu o capelão até uma limusina preta estacionada na berma. Os sanguinistas pareciam ter invadido novamente a sua vida, dispostos a espezinhar o que restava da sua carreira com os seus pés imortais.

O capelão segurou-lhe a porta aberta e Jordan entrou. O interior cheirava a couro, *brandy* e charutos caros. Não o que se esperaria do carro de um sacerdote.

Jordan deslizou para o outro extremo do banco. O separador de vidro estava subido e tudo o que conseguia ver do motorista era a parte de trás

de um pescoço grosso, o cabelo louro curto e o boné do uniforme.

O capelão puxou para cima as pernas das calças, para conservar o vinco, antes de entrar. Com uma mão, fechou a porta com estrondo, aprisionando Jordan consigo no interior.

– Por favor, ligue o aquecimento para o nosso convidado – disse o capelão ao motorista. Depois, desabotoou o casaco da farda de gala e recostou-se.

– O meu capitão disse que me explicaria tudo. – Jordan cruzou os braços.
– Força.

– Isso é praticamente impossível.

O jovem capelão serviu um *brandy*. Levou o copo ao nariz e inspirou. Com um suspiro, baixou o copo e ofereceu-o a Jordan.

– Uma bela colheita.

– Beba-o, então.

O capelão girou o *brandy* no copo, seguindo com os olhos o líquido acastanhado.

– Sabe que não posso fazê-lo, por muito que queira.

– E essa explicação? – insistiu.

O capelão ergueu a mão e o carro pôs-se em movimento.

– Lamento toda esta história de capa e espada. Ou melhor de *hábito e cruz*, talvez seja o termo mais adequado.

Sorriu melancolicamente, enquanto aspirava de novo o *brandy*.

Jordan franziu a testa ao ver os maneirismos do seu interlocutor. Parecia decididamente menos carrancudo e formal do que os outros sanguinistas que conhecera.

O capelão tirou a luva branca e estendeu a mão.

– O meu nome é Christian.

Jordan ignorou o convite.

Apercebendo-se disso, o capelão afastou a mão e passou os dedos pela farta cabeleira.

– Sim, compreendo a ironia. Um sanguinista com um nome que significa *cristão*. Foi como a minha mãe o planeou.

O homem bufou.

Jordan não estava muito certo do que pensar daquele sanguinista.

– Quase nos cruzámos na Abadia de Ettal – disse o capelão. – Mas, na Alemanha, Rhun escolheu a Nadia e o Emmanuel para formar o resto do trio.

Jordan visualizou as feições sombrias de Nadia e a atitude ainda mais sombria de Emmanuel.

Christian abanou a cabeça.

– Nada de surpreendente, suponho.

– Como assim?

O outro ergueu uma sobrancelha.

– Parece que não me cubro suficientemente de cinzas e burel para o padre Rhun Korza.

Jordan reprimiu um sorriso.

– Posso perceber como isso o incomodaria.

Christian pousou o *brandy* numa bandeja junto à porta e inclinou-se para diante, com os olhos verdes sérios.

– Na verdade, o padre Korza é a razão de eu estar aqui.

– Ele enviou-o?

De alguma forma, Jordan não o conseguia imaginar. Duvidava que Rhun quisesse ter mais o que fosse a tratar com ele. Não se tinham separado no melhor dos termos.

– Não exatamente. – Christian pousou os cotovelos magros nos joelhos.

– O cardeal Bernard está a tentar manter a discrição, mas Rhun desapareceu sem uma palavra.

“Era de esperar... Ele não era propriamente do tipo comunicativo.”

– Ele contactou-o desde que deixou Roma, em outubro? – indagou Christian.

– Porque haveria de me contactar?

O outro inclinou a cabeça para o lado.

– Porque não haveria?

– Eu odeio-o. – Jordan não viu razão para mentir. – E ele sabe-o.

– O Rhun é uma pessoa difícil de se gostar – admitiu Christian. – Mas o que fez ele para o fazer odiá-lo?

– Para além de quase matar a Erin?

As sobrancelhas de Christian franziram-se de preocupação.

– Pensei que ele tinha salvado a vida dela... e a sua.

Jordan cerrou os maxilares. Recordou Erin caída no chão, com a pele lívida, o cabelo ensopado de sangue.

– O Rhun mordeu-a – explicou Jordan com aspereza. – Sugou-a e deixou-a a morrer nos túneis debaixo de Roma. Se eu e o irmão Leopold não a tivéssemos encontrado quando encontrámos, ela estaria morta.

– O padre Korza alimentou-se da Erin? – Christian vacilou para trás, a surpresa marcada no seu rosto. Observou Jordan por vários segundos sem falar, claramente desorientado com a revelação daquele pecado.

– Tem a certeza? Talvez...

– Ambos o admitiram. Erin e Rhun. – Jordan cruzou os braços. – Não sou eu quem mente.

Christian ergueu as mãos num gesto conciliador.

– Peço desculpa. Não estava a duvidar de si. Só que é... invulgar.

– Não para o Rhun. – Pousou as mãos nos joelhos. – O seu eleito já cometeu erros antes.

– Uma única vez. E o caso de Elizabeta Bathory foi há séculos.

Christian pegou no copo de *brandy* e estudou-o.

– Está a dizer que o irmão Leopold *sabia* de tudo isto?

– Sabia pois.

Aparentemente, Leopold devia ter encoberto Rhun. Jordan sentiu desilusão, mas não surpresa. Os sanguinistas protegiam-se uns aos outros.

– Ele alimentou-se dela... – Christian fitava o copo como se pudesse encontrar aí a resposta. – Isso significa que Rhun está impregnado do sangue dela.

Jordan estremeceu, perturbado com a ideia.

– Isso muda tudo. Temos de ir ter com ela. Já. – Christian inclinou-se para diante e bateu no separador para chamar a atenção do motorista. – Para o aeroporto! Agora!

Obedecendo prontamente, o motorista acelerou, a parte de baixo do carro raspou no chão ao transpor uma elevação, e dirigiu-se para fora do cemitério.

Christian olhou de relance para Jordan.

– Seguiremos caminhos distintos no aeroporto. Consegue ir para casa pelos seus meios, certo?

– Consigo – concordou. – Mas, se a Erin está envolvida nisto, eu vou consigo.

Christian inspirou e expirou longamente. Tirou o telemóvel do bolso e marcou alguns números.

– Estou certo de que, da última vez, o cardeal Bernard lhe fez todo o discurso sobre os perigos para a sua vida e alma de se envolver nos nossos assuntos.

– Fez, de facto.

– Então, poupemos tempo e finjamos que lho fiz de novo. – Christian levou o telefone ao ouvido. – Preciso imediatamente de um avião para a Califórnia.

– Quer dizer que não se opõe a que vá consigo?

– Ama a Erin e quer protegê-la. Quem sou eu para o impedir?

Para um tipo morto, Christian revelava-se bastante aceitável.

Contudo, à medida que a limusina acelerava pela cidade varrida pela neve, a ansiedade de Jordan adensava-se a cada quilómetro vencido.

Erin estava em perigo.

De novo.

E provavelmente por causa das ações de Rhun Korza.

“Talvez fosse melhor que o canalha continuasse desaparecido.”

CAPÍTULO 3

18 de dezembro, 18h06, CET
Cidade do Vaticano

O cardeal Bernard reorganizou os jornais sobre a sua mesa polida, como se ao organizá-los em linhas perfeitas pudesse mudar as palavras que continham. Os terríveis títulos gritavam das páginas: *«Assassino em série à solta em Roma.»*; *«Homicida macabro ataca mulheres jovens.»*; *«Polícia chocada com a brutalidade.»*

A luz da vela era refletida pelo globo adornado de joias ao lado da mesa de trabalho. Girou a esfera antiga lentamente, desejando estar em qualquer lugar que não ali. Olhou para os seus livros antigos, os seus pergaminhos, a sua espada na parede, que remontava ao tempo das Cruzadas – objetos que colecionara durante séculos de serviço à Igreja.

“Servi por muito tempo, mas terei servido bem?”

O cheiro a tinta de jornal chamou-lhe a atenção de volta para as páginas. Os detalhes perturbaram-no ainda mais. Cada uma das mulheres apresentava a garganta cortada e o corpo esvaziado de sangue. Eram todas belas e jovens, de cabelo negro e olhos azuis. Provinham de todas as esferas sociais, mas todas tinham morrido na zona mais antiga de Roma, nas horas mais obscuras entre o pôr e o nascer do Sol.

Vinte no total, de acordo com a imprensa.

Mas Bernard conseguira ocultar muito mais mortes. Desde finais de outubro, somava-se uma nova vítima a cada dia.

Não podia ignorar o momento em que acontecera.

“Finais de outubro.”

As mortes tinham começado logo após a batalha travada nas criptas sob a Basílica de S. Pedro, uma luta pela posse do Evangelho de Sangue. Os sanguinistas tinham ganho a batalha contra a Belial, uma força conjunta de humanos e *strigoi*, dirigida por um líder desconhecido que continuava a atormentar a ordem.

Pouco depois da batalha, o padre Rhun Korza tinha-se eclipsado.

Onde estaria? O que teria feito?

Bernard afastou aquele pensamento.

Olhou para a pilha de jornais. Teria um *strigoi* solitário escapado da batalha, percorrendo as ruas de Roma à caça dessas jovens mulheres? Eram tantas as bestas nos túneis. Uma podia ter escapado à sua rede.

Parte dele rezava para que fosse verdade.

Não ousava pensar na alternativa. Aquele medo mantinha-o na expectativa, na indecisão, enquanto mais raparigas inocentes morriam.

Uma mão bateu à porta.

– Cardeal?

Reconheceu a voz e o vagaroso batimento cardíaco que lhe pertencia.

– Entre, padre Ambrose.

O sacerdote humano abriu a porta de madeira com uma mão, a outra fechada num punho frouxo.

– Lamento incomodá-lo.

Mas o assistente não parecia lamentar. Na verdade, a sua voz tinha um tom de satisfação mal disfarçada. Embora Ambrose o amasse claramente e servisse o cardeal com zelo, persistia no homem um minúsculo traço que encontrava um prazer perverso nas desgraças alheias.

Bernard reprimiu um suspiro.

– Sim?

Ambrose entrou no gabinete. O seu corpo bojudo inclinava-se para diante como um cão a seguir o faro. Olhou em torno da sala iluminada por

velas, provavelmente certificando-se de que Bernard estava sozinho. Como Ambrose prezava os seus segredos. Mas talvez fosse por isso que prezava tanto Bernard. Passados tantos séculos, as suas veias eram percorridas por tantos segredos como sangue negro.

Por fim satisfeito, o assistente inclinou a cabeça em deferência.

– Os nossos encontraram *isto* no local do crime mais recente.

Ambrose encaminhou-se para a mesa e estendeu o braço. Lentamente, voltou a mão e abriu os dedos.

Na palma da sua mão estava uma faca. A sua lâmina encurvada lembrava uma garra de tigre. O gancho afiado tinha uma abertura numa das extremidades, por onde um guerreiro podia enfiar o dedo, permitindo ao manejador arremeter a lâmina numa infinidade de golpes mortais. Era uma antiga arma designada *karambit*, cujas origens remontavam a séculos atrás. E pela pátina que lhe cobria a superfície, aquela em concreto era bem antiga – mas não era nenhuma peça de museu. Estava claramente marcada pelas batalhas e pelo uso intenso.

Bernard tirou-a da mão de Ambrose. O ardor nas pontas dos dedos confirmou o seu pior receio. A lâmina era revestida a prata, a arma de um sanguinista.

Evocou os rostos das raparigas mortas, das suas gargantas abertas de lado a lado.

Fechou os dedos sobre a prata ardente.

Em toda a ordem, apenas um sanguinista carregava tal arma, o homem que desaparecera quando os assassínios tinham começado.

Rhun Korza.

CAPÍTULO 4

18 de dezembro, 16h32, PST
Condado de Santa Clara, Califórnia

Montada no seu cavalo favorito, Erin galopava por prados pintados de um castanho dourado pelo inverno seco da Califórnia. Respondendo à mais pequena variação do seu peso, o negro corcel alongou o passo.

“É isso mesmo, Blackjack.”

Mantinha o animal alojado nuns estábulos às portas de Palo Alto. Montava-o sempre que tinha oportunidade, sabendo que ele precisava do exercício, mas sobretudo pelo puro prazer de voar pelos campos em cima do musculado corcel. *Blackjack* não era montado há dias e transbordava de energia.

Olhou para trás por cima do ombro. Nate seguia não muito atrás dela, montado numa égua cinzenta chamada *Gunsmoke*. Criado no Texas, ele próprio era um cavaleiro experiente e estava claramente a pôr a montada à prova.

Ela deixou simplesmente *Blackjack* gastar todo o vigor, procurando concentrar-se no vento que lhe batia no rosto, no arrebatador cheiro do cavalo, na ligação natural entre ela e a montada. Adorava montar desde muito pequena. Ajudava-a a pensar. Hoje, questionava-se sobre as visões, tentando perceber o que fazer com elas. Sabia que não eram simples efeito do stresse pós-traumático. Significavam algo mais.

À sua frente, o sol tocava o topo dos montes.

– Temos de voltar daqui a nada! – gritou-lhe Nate. – O Sol põe-se daqui a meia hora!

Ela percebeu um toque de ansiedade na sua voz. Em Roma, Nate ficara preso na escuridão durante dias e fora torturado nas sombras. A noite encerrava, provavelmente, um certo terror para ele.

Reconhecendo-o agora, percebeu que não devia ter concordado em deixá-lo vir. Mas ao início da tarde, não conseguindo contactar o cardeal Bernard por telefone, saíra do gabinete para libertar alguma ansiedade. Nate perguntara-lhe onde ia e insensatamente permitira-lhe acompanhá-la.

Nesses últimos meses, tinha dificuldade em dizer-lhe que não. Depois dos trágicos acontecimentos em Israel e Roma, ele continuava a ter dificuldades, ainda mais do que ela, embora raramente falasse sobre isso. Ela tentava dar-lhe apoio, ajudá-lo a suportar as memórias que lhe tinham sido impostas. Era o mínimo que podia fazer.

No passado, a sua relação fora descontraída – desde que fingisse não perceber a atração que ele tinha por ela. Mas quando ela se apaixonara por Jordan, Nate recuara para um profissionalismo distante. Seria por sentimentos feridos, raiva ou por outro motivo?

Infelizmente, depois dessa noite, talvez não importasse mais.

Suspirou. Talvez tivesse sido bom que Nate a acompanhasse na cavalgada. O momento oferecia-lhe a oportunidade perfeita para lhe falar em privado.

Abrandou *Blackjack* imprimindo uma ligeira tensão às rédeas. Nate colocou-se ao seu lado com *Gunsmove*. Ele sorriu-lhe, despedaçando-lhe um pouco o coração. Mas tinha de lhe dizer. Era melhor dizer-lho agora, antes das férias de Natal, para lhe dar tempo de se habituar à ideia.

Ela inspirou fundo.

– Nate, preciso de te dizer uma coisa.

Nate puxou para cima o *Stetson* de palha e olhou-a de esguelha. Os cavalos seguiam a passo, lado a lado, pelo trilho amplo.

– O que é?

– Falei com o reitor esta manhã. Sugeri-lhe nomes de outros professores com quem poderias querer trabalhar.

As sobrancelhas dele franziram-se de preocupação.

– Fiz alguma coisa de errado? Tem sido difícil, desde que voltámos, mas...

– O teu trabalho sempre foi excelente. Não tem a ver contigo.

– Diria que sim, tendo em conta o meu envolvimento e tudo o mais.

Ela mantinha o olhar focado num ponto entre as orelhas negras e macias do cavalo.

– Depois do que aconteceu em Israel... não estou muito certa de que seja a melhor escolha para ti.

Ele agarrou na brida de *Blackjack* e refreou os dois cavalos até os fazer parar.

– De que está a falar?

Erin encarou-o. Parecia preocupado e zangado.

– Ouve, Nate. A universidade não está contente comigo por ter perdido dois alunos.

– Não foi culpa sua.

Ela falou por cima dele.

– O reitor acha que é melhor eu fazer uma pausa sabática para pôr a cabeça em ordem.

– Então, eu espero. – Nate cruzou as mãos sobre o apoio da sela. – Não há problema.

– Não estás a perceber.

Ela remexia nas rédeas, desejando arrebatá-las e fugir a galope daquela conversa, mas deixou que a dura verdade a segurasse no lugar.

– Nate, acho que é o primeiro passo da universidade no sentido de me dispensar.

Ele ficou boquiaberto.

Ela falou rapidamente, deitando tudo para fora.

– Não podes querer a tua tese associada a um professor prestes a ser excluído. Tu és um cientista brilhante, Nate, e estou certa de que vais encontrar um orientador mais adequado... alguém que te possa abrir portas que eu já não posso abrir.

– Mas...

– Agradeço a tua lealdade – disse ela – mas não é merecida.

Ele explodiu, revoltado.

– É pois!

– Nate, o facto de ficares não me vai ajudar. O que tiver de acontecer com a minha carreira, acontecerá.

– Mas eu escolhi-a como minha orientadora porque é a melhor do ramo.

– A raiva brotava dele, fazendo-o vacilar na sela. – *A* melhor. E isso não mudou.

– Quem sabe? Pode ser esquecido com o tempo.

Na verdade, Erin não achava que assim fosse, nem tinha a certeza de querer que assim fosse. No início da sua carreira, a vida académica oferecera-lhe a segurança da racionalidade depois de uma rígida educação religiosa, mas já não parecia suficiente. Recordou a dificuldade em lecionar no semestre passado. Não podia continuar a ensinar mentiras.

E não podia ser menos verdadeira com Nate agora.

– Mesmo que o incidente seja esquecido – disse ela – terás perdido oportunidades valiosas até lá. Não vou permitir que isso aconteça.

Nate pareceu prestes a argumentar, a protestar. Talvez sentindo a sua perturbação, a égua sacudiu a cabeça e dançou levemente sobre as patas dianteiras.

– Não tornes isto mais difícil do que já é – terminou ela.

Nate esfregou o lábio superior, incapaz de a fitar. Finalmente, abanou a cabeça, virou *Gunsmoke* e afastou-se a galope, sem dizer palavra, na direção do estábulo.

Blackjack relinchou atrás deles, mas ela segurou firmemente o cavalo, sabendo que Nate precisaria de algum tempo a sós. Deu-lhes alguma distância, antes de deixar *Blackjack* percorrer a passo o caminho de volta.

Os últimos raios do dia mergulharam por fim atrás dos montes, mas restava luz suficiente para impedir *Blackjack* de cair numa toca de toupeira. Desconfortável, mudou de posição na sela. Sentiu o amuleto da sorte de Amy no bolso da frente das calças. Tinha-se esquecido de que o pusera aí, ainda incerta do que fazer com ele. Pensara devolvê-lo aos pais de Amy, mas retirariam daí algum bem? O pedaço de âmbar seria sempre uma evocação de que a filha escolhera uma profissão que acabara por a matar, o seu sangue derramado em areias longínquas.

Erin não podia fazer-lhes tal coisa – nem queria guardar o talismã, esse pesado testemunho do seu papel na morte de Amy.

Ainda sem saber o que fazer com isso, voltou a pensar em Nate. Em Roma, ela salvara a vida de Nate e agora faria o que pudesse para lhe salvar a carreira, por muito revoltado que ele ficasse. Esperava que Nate estivesse mais resignado quando chegasse ao estábulo. Fosse como fosse, enviar-lhe-ia um *e-mail* mais tarde, nessa noite, com a lista de nomes. Eram arqueólogos de renome e a sua recomendação teria peso junto deles.

Nate ficaria bem.

E quanto mais se distanciasse dela, melhor seria para ele.

Resignada e decidida, afagou o pescoço de *Blackjack*.

– Vamos lá arranjar-te aveia e dar-te uma boa escovadela. O que me dizes?

As orelhas de *Blackjack* agitaram-se para trás. O cavalo retesou-se subitamente debaixo dela.

Sem pensar, apertou os joelhos.

Blackjack resfolegou e dançou para o lado, revirando os olhos.

Algo o assustara.

Erin abarcou o prado aberto num movimento rápido. À sua direita, estendia-se uma fileira sombria de carvalhos de folha persistente, nuvens de visco prateado pendentes dos ramos. Tudo poderia esconder-se ali.

Ouviu um estalido, vindo da linha de árvores, o quebrar de um galho a rasgar a noite silenciosa.

Sacou a arma do coldre do tornozelo e desbloqueou o travão de segurança, procurando um alvo por entre os carvalhos. Mas estava demasiado escuro para ver o que quer que fosse. Com o coração a ressoar-lhe nos ouvidos, lançou um rápido olhar aos estábulos distantes.

Nate já lá estaria, provavelmente.

Blackjack empinou-se de súbito, quase a arremessando para fora da sela. Ela debruçou-se sobre o seu pescoço quando o animal disparou em direção aos estábulos. Não o tentou abrandar ou travar.

O medo estreitava-lhe a visão, ao mesmo tempo que se esforçava por olhar atentamente em todas as direções. Sentiu o sabor do sangue na língua ao morder o lábio.

Depois, o odor a vinho inundou-lhe as narinas.

“*Não, não, não...*”

Lutou para não se perder, sentindo um novo ataque a aproximar-se. O pânico fê-la apertar mais as rédeas de *Blackjack*. Se perdesse o controlo agora, cairia por terra.

Então, sobreveio um terror maior.

Um ronco cavernoso ressoou no meio da noite, estendendo-se dos montes na sua direção. O grito gutural não provinha de uma garganta comum, mas de algo horrendo... e próximo.

CAPÍTULO 5

19 de dezembro, 02h02, CET
Criptas sob a Cidade do Vaticano

Rhun lançou-se cambaleante para cima e para diante. A cabeça bateu em pedra lisa. O golpe abriu-lhe uma ferida na têmpora e fê-lo cair para trás no escaldante banho de vinho. Acordara assim repetidas vezes, preso no interior de um sarcófago de pedra, com o corpo meio submerso em vinho – vinho abençoado e convertido no sangue de Cristo.

A sua carne maldita ardia naquela sacralidade, flutuando num mar de dor escarlate. Parte dele queria lutar, mas parte sabia que o merecia. Pecara séculos antes e, agora, encontrara a verdadeira penitência.

Mas quanto tempo passara?

Horas, dias, anos?

A dor recusava-se a cessar. Pecara muito, portanto deveria ser punido muito. Então, poderia ter descanso. O seu corpo *ansiava* por descanso – um fim para a dor, um fim para o pecado.

Contudo, quando se sentiu perder, lutou contra isso, sentindo que não podia render-se. Tinha um dever.

“Mas para com quem?”

Forçou os olhos a manterem-se abertos, a enfrentarem uma escuridão que mesmo a sua visão sobrenatural não conseguia penetrar. A agonia continuava a atormentar o seu corpo enfraquecido, mas ele afastava-a com a fé.

Procurou com uma mão a pesada cruz de prata que usava sempre ao peito – e encontrou apenas a roupa molhada. Lembrou-se. Alguém lhe roubara o crucifixo, o rosário, todas as provas da sua fé. Mas não precisava delas para apelar aos céus. Proferiu uma outra prece no silêncio e ponderou o seu destino.

“Onde estou? Quando...”

Tinha o peso dos anos atrás de si, mais do que os humanos podiam imaginar.

Vidas inteiras de pecado e de serviço.

As memórias assaltavam-no, enquanto se demorava naquele mar ardente. Entrava e saía delas.

... uma charrete atolada na lama. Ele lançava casca de árvore debaixo das rodas de madeira, enquanto a irmã lhe sorria, as suas longas tranças dançando de um lado para o outro.

... uma pedra tumular com um nome de mulher inscrito. O dessa mesma irmã sorridente. Mas desta vez usava um hábito de sacerdote.

... apanhando alfazema nos campos e falando de intrigas da corte. Mãos brancas e pálidas colocando os raminhos roxos numa cesta feita à mão.

... comboios, automóveis, aviões. Viajando cada vez mais depressa pela superfície da Terra, vendo cada vez menos dela.

... uma mulher de cabelo louro e olhos cor de âmbar, olhos que viam o que ele não podia ver.

Libertou-se da opressão de tais memórias.

Só *aquele* momento importava.

Só *aquele* lugar.

Tinha de persistir naquela dor, naquele corpo.

Tateou em volta, as suas mãos mergulhando no líquido frio, que queimava como se fervesse. Ele era um Cavaleiro de Cristo, desde aquela noite iluminada pela lua em que visitara a campa da irmã. E embora o sangue de Cristo o tivesse sustentado ao longo dos infindáveis séculos, o mesmo vinho consagrado insurgia-se sempre contra ele, a sua sacralidade em guerra com o mal profundo que o habitava.

Inspirou fundo, sentindo o cheiro da pedra e do seu próprio sangue. Estendeu os braços e tateou as superfícies polidas à sua volta. Embateu no mármore – liso como vidro. No cimo da sua prisão, encontrou um rendilhado de prata incrustada. Queimava-lhe a ponta dos dedos.

Ainda assim, pressionou as palmas das mãos contra os traçados e empurrou a tampa de pedra do sarcófago. Tinha a vaga sensação de já o ter feito muitas vezes antes – e, tal como nessas outras tentativas, falhou de novo. O peso não se deixava mover.

Debilitado mesmo por aquele ínfimo esforço, caiu para trás afundando-se no vinho.

Pôs as mãos em concha e levou o amargo líquido ardente aos lábios. O sangue de Cristo dar-lhe-ia forças, mas também o forçaria a reviver os seus piores pecados. Preparando-se para a penitência que se seguiria, bebeu. Enquanto a garganta lhe ardia com esse fogo, juntou as mãos em prece.

Com qual dos pecados o vinho o torturaria desta vez?

Deixando-se ir, percebeu que a penitência revelava um pecado com centenas de anos.

Os servos do castelo de Čachtice acotovelavam-se do lado de fora da porta de aço da câmara sem janelas da torre. Lá dentro, a sua antiga senhora fora aprisionada, acusada da morte de centenas de raparigas.

Como membro da nobreza húngara, a condessa não podia ser executada, apenas excluída do mundo pelos seus crimes, num lugar onde o seu desejo de sangue pudesse ser contido atrás de tijolo e aço.

Rhun viera ali com um único propósito: livrar o mundo dessa criatura, expiar o seu papel na transformação de uma mulher de doce espírito, dotada nas artes da cura, numa besta que assolava as terras circundantes tirando a vida a jovens raparigas.

Encontrava-se agora diante da condessa, fechado dentro da câmara com ela. Comprara o silêncio dos criados com ouro e promessas de liberdade. Queriam-na longe do castelo, tanto quanto ele.

Também eles sabiam no que ela se tornara, encolhidos do lado de fora.

Rhun trouxera igualmente uma dádiva para a condessa, algo que ela exigira para cooperar. Para a aplacar, ele encontrara uma jovem, ardente de febre, moribunda, num orfanato vizinho, e trouxera-a ao monstro.

Postado ao lado do catre da prisão, Rhun ficou à escuta enquanto o coração da rapariga vacilava e refreava. Nada fez para a salvar. Tinha de esperar. Odiou-se, mas permaneceu imóvel.

Por fim, o débil coração deu o derradeiro batimento.

“Serás a sua última vítima.” – prometeu.

Ela própria à beira da morte, faminta pelo longo aprisionamento, a condessa afastou a cara do pescoço da rapariga. Pérolas de sangue escorreram-lhe do queixo lívido. Os seus olhos argênteos refletiam um ar saciado e sonhador, uma expressão que ele já lhe vira antes. Não pensaria demasiado no assunto. Rezou para que ela estivesse suficientemente distraída para conseguir pôr fim àquilo e para que ele tivesse forças suficientes para o fazer.

Não podia falhar de novo.

Inclinou-se sobre o catre e afastou-a da rapariga morta. Levantou suavemente a forma fria da condessa nos seus braços e carregou-a para longe da cama maculada.

Ela encostou a face à dele, os lábios junto à sua orelha.

*– É bom estar nos teus braços de novo – sussurrou, e ele acreditou nela.
Os seus olhos argênteos fitaram-no.*

– Quebrarás de novo os teus votos?

*Ela obsequiou-o com um sorriso indolente, demorado, belo e hipnótico.
Ele reagiu, preso no seu encanto por um instante.*

Recordou o seu amor por ela, como num momento de presunção se julgara capaz de quebrar o seu voto como sanguinista e deitar-se com ela como um homem comum. Mas na luxúria do momento, apertado contra ela, dentro dela, perdera o controlo e deixara o demónio dentro de si quebrar as amarras. Dentes rasgaram o seu pescoço macio e ele bebeu profundamente, até a fonte estar quase vazia e a mulher debaixo dele estar às portas da morte. Para a salvar, transformara-a num monstro, dando-lhe a beber do seu próprio sangue para a manter consigo, rezando para que ela fizesse os mesmos votos e se juntasse aos sanguinistas ao seu lado.

Ela não o fez.

Um restolhar do outro lado da pesada porta trouxe-o de volta à câmara, à rapariga morta sobre a cama, às muitas outras que tinham partilhado o mesmo destino.

Bateu na porta com a biqueira da bota e os criados destrancaram-na. Ele abriu a porta com o ombro, enquanto eles fugiam pelas escadas sombrias da torre.

Deixado para trás, do lado de fora da porta, um sarcófago de mármore repousava no chão coberto de junco. Anteriormente, ele enchera o caixão de vinho consagrado e deixara-o aberto.

Ao ver o que a esperava, ela levantou a cabeça, aturdida pelo desejo de sangue.

– Rhun?

– Eu vou salvar-te – disse ele. – E salvar a tua alma.

– Não quero salvar a minha alma – disse ela, cravando os dedos nele.

Antes que ela pudesse reagir, ele ergueu-a sobre o sarcófago aberto e mergulhou-a no vinho. Ela gritou quando o vinho consagrado lhe tocou a pele. Ele cerrou os maxilares, sabendo o quanto era doloroso para ela, desejando ainda tirar-lhe essa agonia e reclamá-la para si mesmo.

Ela debateu-se sob as suas mãos, mas no seu estado debilitado não podia fazer frente à força dele. Vinho espalhava-se pelos lados. Ele empurrou-a contra o fundo de pedra, ignorando o escaldante ardor do vinho. Estava grato por não lhe conseguir ver o rosto, afundado sob a maré escarlate.

Segurou-a ali... até que, por fim, ela se aquietou.

Agora, repousaria num longo sono até que ele encontrasse forma de inverter o que fizera, de devolver a vida ao seu coração morto.

Com lágrimas nos olhos, colocou a pesada tampa de pedra no sítio e prendeu-a com tiras de prata. Feito isso, pousou as palmas das mãos frias sobre o mármore e rezou pela alma dela.

E pela sua.

Lentamente, Rhun voltou a si. Lembrava-se perfeitamente de como chegara até ali, aprisionado no mesmo sarcófago que usara para prender a condessa, séculos antes. Lembrava-se de retornar ao sarcófago, ao local onde o sepultara, no interior de uma cripta selada a tijolo, bem nas profundezas da Cidade do Vaticano, escondendo o seu segredo de todos os olhares.

Viera até ali seguindo as palavras de uma profecia.

A condessa ainda parecia desempenhar um papel naquele mundo.

Na sequência da batalha pelo Evangelho de Sangue, ele aventurara-se sozinho até onde tinha sepultado o seu maior pecado. Derrubara os tijolos, quebrara os selos do sarcófago e decantara-a do banho de vinho antigo. Visualizou os seus olhos argênteos abrindo-se pela primeira vez em séculos e fitando os dele. Nesse breve momento, deixou cair as defesas,

recuando a verões há muito partidos, a um tempo em que acreditara poder ser mais do que era, poder amar sem causar destruição.

Nesse lapso de tempo, não vira o tijolo estilhaçado aninhado na sua mão. E moveu-se demasiado devagar, quando ela lançou a pedra, dura com um ódio alimentado por séculos – ou talvez ele soubesse simplesmente que o merecia.

Então, acordara ali e, agora, sabia finalmente a verdade.

“Ela sentenciou-me à mesma prisão.”

Embora parte dele soubesse que merecia aquele destino, sabia que tinha de escapar.

Mais que não fosse porque libertara de novo o monstro num mundo ignorante.

Ainda assim, imaginou-a como a conhecera em tempos, tão cheia de vida, radiosa como o Sol. Sempre lhe chamara *Elisabeta*, mas a história batizara-a com um novo nome, um epitáfio mais sombrio – *Elizabeth Bathory: a Condessa Sanguinária*.

02h22, CET

Roma, Itália

Como convinha ao seu nobre estatuto, o apartamento que Elisabeta escolhera era sumptuoso. Espessos cortinados de veludo carmesim velavam as altas janelas em arco. O soalho de carvalho sob os seus pés frios irradiava um suave tom dourado e exalava calor. Instalou-se numa cadeira de cabedal, a pele bem curtida, com a reconfortante fragrância do animal há muito morto sob o odor químico.

Na mesa de mogno à sua frente, um círio branco crepitava, próximo de se extinguir. Levou uma vela intacta à chama moribunda. Uma vez aceso o pavio, pressionou o alto círio sobre a cera derretida do antigo. Aproximou-se da pequena chama, preferindo a luz do fogo ao brilho intenso que irradiava da Roma moderna.

Reclamara aqueles aposentos depois de matar os antigos inquilinos. Seguidamente, pilhara as gavetas repletas de objetos não familiares, tentando sondar aquele estranho século, procurando reconstituir uma civilização perdida a partir do estudo dos seus artefactos.

No entanto, as pistas para aquela era não seriam todas descobertas em gavetas.

Do outro lado da mesa, a luz da vela tremulava sobre montes desiguais, cada qual retirado dos bolsos e corpos das últimas vítimas. Voltou a sua atenção para uma pilha encimada por uma cruz de prata. Estendeu a mão nessa direção, mas manteve os dedos longe do calor ardente do metal e da bênção que carregava.

Deixou que a ponta de um único dedo acariciasse a prata. Queimou-se, mas não se importou – pois outro sofria bastante mais pela sua perda.

Sorriu, a dor arrastou-a para a memória.

Braços fortes ergueram-na do caixão de vinho, arrancando-a à dormência, despertando-a. Como toda a criatura ameaçada, mantivera-se imóvel, sabendo que a dissimulação seria a sua melhor vantagem.

Quando abriu os olhos, reconheceu o seu benfeitor, tanto pelo colarinho de sacerdote católico romano, como pelos olhos escuros e rosto duro.

O padre Rhun Korza.

O mesmo homem que a aprisionara naquele caixão.

Mas há quanto tempo?

Quando ele a ergueu, ela deixou o braço cair até ao chão. As costas da mão pousaram numa pedra solta.

Ela sorriu-lhe. Ele sorriu-lhe de volta, com o amor a cintilar-lhe nos olhos.

Com uma celeridade sobrenatural, esmagou-lhe a pedra contra a têmpora. A sua outra mão insinuou-se pela manga dele acima, onde sempre guardava a faca de prata. Agarrou-a antes que ele a largasse. Mais um golpe e ele caiu.

Rapidamente, rolou para cima dele, procurando com os dentes a carne gélida da sua garganta embranquecida. Uma vez penetrada a pele, o destino dele estava nas suas mãos. Precisou de muita força para parar de beber antes de o matar, paciência para esvaziar metade do vinho do caixão antes de o fechar lá dentro. Mas tinha de ser. Se ficasse totalmente imerso em vinho, ficaria meramente adormecido até ser resgatado, como acontecera com ela.

Em vez disso, deixara-lhe uma magra camada de vinho, sabendo que ele em breve despertaria no seu solitário túmulo para morrer lentamente à fome, como acontecera com ela aprisionada na torre do castelo.

Retirando o dedo da cruz que lhe roubara, permitiu-se um momento de fria satisfação. Ao mover o braço, os seus dedos arrastaram-se para um sapato gasto no cimo de outra pilha.

O pequeno pedaço de couro marcava a sua primeira vítima naquela nova era.

Saboreou o momento.

Enquanto fugia pelas catacumbas obscuras – sem saber onde estava, em que tempo se encontrava – as pedras ásperas cortaram a fina sola de couro dos sapatos e feriram-lhe os pés. Não lhes prestou atenção. Só tinha aquela oportunidade para escapar.

Não sabia para onde corria, mas reconhecia a textura do chão sagrado sob os seus pés. Este enfraquecia-lhe os músculos e abrandava-lhe os passos. Porém, sentia-se mais poderosa do que nunca. O tempo passado no vinho fortalecera-a, não sabia ao certo quanto.

Então, o som de um batimento cardíaco deteve a sua precipitada fuga pelos túneis escuros.

Humano.

O coração pulsava regular e calmo. Não sentira a sua presença. Enfraquecida pela fome, encostou-se à parede do túnel. Lambeu os lábios, sentindo o sangue amargo do sanguinista. Ansiava por saborear algo mais doce, mais quente.

O tremular de uma vela distante clareou a escuridão. Ouviu o ruído surdo de sapatos a aproximarem-se.

Então, um nome foi chamado.

– Rhun?

Espalmou-se contra a pedra fria. Alguém procurava o padre.

Deslizou para diante e avistou uma figura indistinta a contornar uma esquina distante na sua direção. Numa mão levantada, a figura segurava uma vela num castiçal, revelando as vestes acastanhadas de um monge.

Não a vendo, ele seguiu em frente, alheado do perigo.

Quando estava suficientemente perto, ela lançou-se para diante atirando o corpo quente do homem ao chão. Antes que ele pudesse sequer reagir, os dentes dela encontraram a sua voluptuosa garganta. O sangue invadiu-a vaga após vaga, fortalecendo-a ainda mais. Exultou de felicidade, como sempre acontecia desde a primeira vez. Só queria rir de tanta satisfação.

Rhun quisera que ela trocasse aquele poder pelo vinho ardente, por uma vida de servidão à sua Igreja.

Nunca.

Extenuada, largou a carcaça humana, os seus dedos curiosos demorando-se no tecido da veste. Não parecia linho. Detetou um toque lustroso, como o da seda, mas diferente da seda.

Um indício de desconforto insinuou-se por ela.

A vela extinguiu-se durante a queda do homem, mas a incandescência na ponta do pavio ainda brilhava rubra. Ela soprou, aclarando o brilho para um ténue laranja.

Àquela luz fraca, Tateou o corpo arrefecido, de novo incomodada com o toque lustroso do tecido. Descobriu uma cruz peitoral de prata, mas abandonou o seu toque cauterizante.

Percorreu-lhe as pernas e tirou o sapato do pé sem vida, sentindo também aí estranheza. Aproximou-o da luz. A parte de cima era de couro coçado e banal, mas a sola era feita de uma grossa substância esponjosa. Nunca vira nada assim. Pressionou o material entre o polegar e o indicador. Este cedeu e depois retomou a forma, como um rebento de árvore.

Sentou-se de cócoras, pensativa. Essa substância peculiar não existia quando Rhun a aprisionara no caixão de vinho, mas agora devia ser suficientemente banal para ser usada por um modesto monge.

Subitamente, teve vontade de gritar, ao perceber o abismo que a separava do seu passado. Soube que não adormecera por dias, semanas ou mesmo meses.

Tinham sido anos, décadas, talvez séculos.

Aceitou essa verdade brutal, e reconheceu ainda outra.

Teria de ser extremamente cautelosa naquele estranho novo mundo.

E fora-o. Desviando-se do sapato, pegou numa bola branca com uma estrela vermelha que havia em cima da mesa. A superfície parecia pele humana, mas mais macia. Repugnava-a, mas obrigou-se a segurá-la, lançando-a ao ar e voltando a agarrá-la.

Ao deixar as catacumbas, sentira-se tão assustada.

Mas rapidamente os outros se sentiram assustados com ela.

Rastejara pelos túneis, esperando mais monges. Mas não encontrara nenhum, enquanto seguia o murmúrio cada vez mais próximo do bater de corações.

Finalmente, chegou a uma pesada porta de madeira, que atravessou sem dificuldade – e saiu para o ar livre. Este acariciou-lhe o corpo, secou-lhe o vinho no vestido e trouxe-lhe os odores familiares dos humanos, dos perfumes, da pedra, do rio. Mas também odores que nunca sentira antes – odores acres que imaginara apenas existirem na oficina de um alquimista. O cheiro intenso fê-la encostar-se à porta e quase transpor o limiar de volta ao abrigo dos túneis escuros.

A estranheza aterrorizava-a.

Mas uma condessa nunca se acobarda, nunca mostra medo.

Endireitou as costas e avançou como uma senhora, as mãos cruzadas à sua frente, os olhos e ouvidos atentos ao perigo.

Enquanto se afastava da porta, reconheceu de imediato as colunas de ambos os lados, a imponente cúpula que se erguia à esquerda, até mesmo o obelisco na praça diante de si. O pilar egípcio fora erigido na piazza no mesmo ano em que a sua filha Anna nascera.

Relaxou ao ver tudo aquilo, sabendo onde se encontrava.

Na praça de São Pedro.

Um divertimento sardónico animou-a.

Rhun escondera-a debaixo da Cidade Santa.

Continuou em direção à piazza. Postes altos iluminavam a praça com uma chama áspera e pouco natural. A luz feria-lhe os olhos, pelo que se desviou, mantendo-se junto à colunata que emoldurava a praça.

Um casal passou despreocupadamente por ela.

Perturbada, deslizou para trás de uma coluna de mármore. A mulher usava calças, como um homem. O seu cabelo curto roçava-lhe os ombros e o companheiro segurava-lhe a mão enquanto conversavam.

Nunca vira uma mulher tão alta.

Escondida pela coluna, estudou outras figuras que se movimentavam pela praça. Todas vestidas de cores vivas, envoltas em casacos espessos de aspeto requintado. Numa rua vizinha, estranhas carruagens deslizavam, precedidas por feixes de luz sobrenaturais e não eram puxadas por animais.

Estremecendo, encostou-se à coluna. Aquele novo mundo ameaçava esmagá-la, paralisá-la. Deixou pender a cabeça e forçou-se a respirar. Tinha de se abstrair de tudo aquilo e determinar um objetivo simples... e executá-lo.

O cheiro nauseabundo a vinho atingiu-lhe as narinas. Tocou o vestido ensopado. Não serviria. Olhou de novo a praça, para as mulheres com trajes tão estranhos. Para escapar dali, tinha de ser um lobo vestido com pele de cordeiro, pois se adivinhassem quem ela era, seguir-se-ia a morte.

Por muitos anos que tivessem passado, essa certeza permanecia inalterada.

As suas unhas enterraram-se nas palmas das mãos. Não queria deixar o que lhe era familiar. Sentia que o que se encontrava para lá da praça lhe seria ainda mais estranho do que o que ali via.

Mas tinha de ir.

Uma condessa nunca se esquivava ao dever.

E o seu dever era sobreviver.

Percebendo que restavam horas até ao amanhecer, deixou-se cair nas sombras da colunata. Sentou-se, sem respirar, sem se mover, imóvel como uma estátua, escutando os caóticos batimentos cardíacos humanos, as palavras de inúmeras línguas, o riso frequente.

Aquelas pessoas eram tão diferentes dos homens e mulheres do seu tempo.

Mais altas, mais ruidosas, mais fortes e bem alimentadas.

As mulheres, sobretudo, fascinavam-na. Usavam roupas de homem: calças e camisas. Caminhavam sem medo. Falavam rispidamente com os homens sem serem censuradas e agiam como se fossem suas iguais – não da forma calculista que fora obrigada a usar no seu tempo, mas de uma forma despreocupada, como se fosse usual e aceite.

Aquela era parecia promissora.

Uma jovem mulher aproximou-se descontraída com uma criança pequena a reboque. A mulher estava envolta num casaco de lã cor de vinho e usava botas de montar, embora pelo cheiro nunca tivessem estado perto de um cavalo.

Pequena para uma mulher daquele tempo, aproximava-se da estatura de Elisabeta.

A criança deixou cair a bola branca com uma estrela vermelha, que rolou para as sombras, detendo-se a centímetros dos sapatos esfarrapados de Elisabeta. A bola cheirava à sola dos sapatos do monge. A criança recusou-se a ir atrás do brinquedo, como que pressentindo a besta escondida nas sombras.

A mãe instigou-a num italiano de sotaque bizarro, gesticulando no sentido da floresta de colunas. Mesmo assim, a menina abanou a cabeça.

Elisabeta passou a língua pelos dentes afiados, desejando que a mãe viesse atrás do brinquedo. Poderia tirar-lhe a vida e ficar-lhe com os adornos, antes que a criança órfã pudesse gritar por ajuda.

Nas sombras, saboreou os batimentos aterrorizados da criança, ouvindo o tom da voz da mãe tornar-se mais impaciente.

Esperou pelo momento certo, naquele tempo estranho.

Depois atacou.

Elisabeta pousou a bola na mesa, suspirando, perdendo o interesse nos seus troféus.

Levantando-se, dirigiu-se ao vasto guarda-fatos no quarto de dormir, recheado de sedas, veludos, peles, tudo roubado das suas vítimas naquelas muitas semanas. A cada noite, ataviava-se diante dos irrepreensíveis espelhos prateados e escolhia um novo conjunto para usar. Alguns trajes eram quase familiares, outros tão remotos como a vestimenta de um menestrel.

Nessa noite, escolheu umas calças azuis macias, uma camisa de seda a condizer com os seus olhos argênteos e umas delicadas botas de cabedal. Passou um pente pelo espesso cabelo escuro. Cortara-o pela altura dos ombros, copiando o estilo de uma mulher que matara debaixo de uma ponte.

Como parecia diferente. O que diriam Anna, Katalin e Paul se a vissem? Os seus próprios filhos não a reconheceriam.

Contudo, recordou-se:

“Eu sou a condessa Elisabeta de Ecsed.”

Os seus olhos semicerraram-se.

“Não.”

– *Elizabeta...* – murmurou ao seu reflexo, recordando-se de que aquele era um novo tempo e de que, para sobreviver, tinha de seguir os usos. Assim, adotaria esse nome mais moderno e usá-lo-ia como usava o novo penteado e maneira de vestir. Era quem se tornaria. Desempenhara muitos papéis desde que fora prometida em casamento a Ferenc, aos onze anos –

rapariga impulsiva, esposa solitária, estudiosa de línguas, curandeira experiente, mãe devotada – mais papéis do que conseguia enumerar. Este era apenas mais um.

Voltou-se ligeiramente para apreciar a sua nova identidade ao espelho. Com cabelo curto e calças, parecia um homem. Mas não era homem nenhum e já não invejava aos homens a sua força e poder.

Tinha a sua própria força e poder.

Caminhou até às janelas de sacada e puxou para trás os cortinados macios. Fitou o brilho das gloriosas luzes criadas pelo Homem da nova Roma. A estranheza ainda a aterrorizava, mas dominara-a o suficiente para conseguir viver, descansar, aprender.

Retirava a sua força de uma característica única da cidade, a única cadência que permanecera inalterada ao longo dos séculos. Fechou os olhos e escutou mil pulsares de coração, batendo ritmados como mil relógios, dizendo-lhe que afinal a marcha do tempo pouco importava.

Sabia que tempo era aquele, que tempo era *sempre* para um predador como ela.

Abriu as janelas de sacada para a noite.

Era tempo de caçar.

CAPÍTULO 6

18 de dezembro, 17h34, PST
Condado de Santa Clara, Califórnia

À medida que o crepúsculo se estendia sobre montes e pradarias, Erin cavalgava ruidosamente pelo final do trilho que conduzia aos estábulos. Sem necessitar de incentivo, *Blackjack* galopou a toda a brida pelo recinto adentro.

Ela mantinha uma mão nas rédeas e a outra na pistola. Quando a sua montada resvalou e se deteve no pátio poeirento, ela voltou-se na sela. Apontou a arma na direção dos montes escurecidos.

Na corrida até ali, não conseguira vislumbrar a criatura que assustara o cavalo, mas *ouvira-a*. O som de ramos a quebrar, de arbustos a serem calcados, tinha-os feito fugir dos montes. Não conseguia afastar a sensação de que o caçador furtivo brincava com eles, esperando pela noite cerrada para atacar.

Mas não estava disposta a dar-lhe essa oportunidade.

Fez *Blackjack* passar a trote pelo seu velho *Land Rover*, descobrindo um novo carro – um *Lincoln* preto com divisória – no lado mais afastado, estacionado a uma certa distância. Passando mais perto, a caminho dos estábulos, vislumbrou um símbolo familiar na porta: duas chaves cruzadas e uma coroa tripla.

O selo papal.

O medo adensou-se no seu íntimo.

“O que está alguém do Vaticano a fazer aqui?”

Procurou e não viu ninguém, instando *Blackjack* a seguir na direção dos estábulos. Chegada às portas de correr do celeiro, travou o cavalo. Tossindo por causa do pó, deslizou da sela, mantendo seguras a rédea de *Blackjack* e a pistola. Buscando respostas e abrigo, apressou-se para as portas e estendeu a mão para o manípulo.

Antes que os dedos o pudessem tocar, a porta abriu-se sozinha. Uma mão irrompeu, agarrou-lhe o pulso com uma força férrea e arrastou-a para lá da soleira. Sobressaltada, perdeu a rédea de *Blackjack*, lutando por se manter de pé.

O atacante puxou-a para a escuridão do estábulo e a porta fechou-se com estrondo atrás dela, deixando o cavalo no exterior. Recuperando o equilíbrio, torceu-se para o lado e lançou o pé com força, acertando com a bota em algo mole.

– Então? Calma, Erin!

Reconheceu de imediato a voz, embora não fizesse sentido.

– Jordan?

As mãos soltaram-na.

Uma lanterna acendeu-se e um feixe de luz branca iluminou o rosto de Jordan. Atrás do ombro do sargento, avistou Nate, são e salvo mas pálido, de olhos arregalados.

Jordan massajou a barriga e lançou-lhe aquele seu sorriso torcido, aliviando de imediato muita da sua tensão. Ali estava ele, com as calças da farda de gala e camisa branca desabotoada no colarinho com as mangas enroladas para cima, revelando os seus braços bronzeados e musculados.

Ela saltou para ele e abraçou-o com força. Sentiu-o quente, agradável, autêntico. Adorou sentir como era fácil voltar de novo aos seus braços.

Falou contra o peito dele.

– Nem posso acreditar que és tu.

– Em carne e osso... embora, depois daquele teu pontapé, talvez um nada mais dorido.

Ela recuou para o ver melhor. A barba de um dia escurecia-lhe o queixo anguloso, os seus olhos azuis sorriam-lhe e o cabelo estava mais longo. Enredou os seus dedos por entre a espessa cabeleira cor de trigo e puxou-o para baixo num beijo.

Queria mais do que tudo prolongá-lo, demorar-se nos seus braços, talvez mostrar-lhe o palheiro vazio lá em cima, mas deu um passo atrás, afastada por uma preocupação maior.

– O *Blackjack* – disse. – O meu cavalo. Temos de o trazer para dentro. Há algo lá fora nos montes.

Ela voltou-se para a porta, quando irrompeu o relincho de um cavalo, rasgando a noite e calando-se bruscamente. Antes que alguém se pudesse mover, um objeto pesado embateu com um baque contra a parede contígua. Fugiram para o interior dos estábulos, onde os outros cavalos estavam alojados em baias. Ela olhou na direção da porta.

“Não, por favor, não...”

Visualizou o seu imponente cavalo, de olhos confiantes e focinho macio, o modo como se empinava quando estava feliz e o suave relinchar com que a saudava, sempre que entrava no recinto.

Jordan aprontou a sua *Heckler & Koch MP7* preta, uma arma automática de ar agressivo.

Ela ergueu a sua minúscula *Glock 19*, reconhecendo um problema.

– Preciso de algo maior.

Jordan passou a lanterna a Nate e procurou no seu cinto. Sacou o seu *Colt 1911* e passou-o a Erin, a mesma arma que lhe emprestara tantas vezes no passado. Ela fechou os dedos em volta do punho, sentindo-se mais segura.

Virou-se para dar a sua *Glock* a Nate, oferecendo-lhe alguma proteção, quando um estranho surgiu, saindo das sombras atrás dele e assustando-a. O homem envergava a farda azul de gala, com duas cruces douradas bordadas na lapela.

“*Um capelão?*”

– Detesto interromper a vossa feliz reunião – disse o estranho. – Mas é tempo de pensar em sair daqui. Procurei outras saídas, mas a porta principal continua a ser o caminho mais sensato.

– Este é o Christian – apresentou Jordan. – Um amigo do Rhun, se é que me entendes.

Por outras palavras, um sanguinista.

A voz de Nate tremia.

– O carro da professora está estacionado a uns quarenta e cinco metros daqui. Conseguiremos chegar lá?

Em resposta, um guincho sobrenatural rasgou a noite.

Nas baías a toda a volta, os cavalos escoiceavam e acometiam contra as cancelas, expressando o seu terror crescente. Até eles sabiam que a fuga era a única esperança.

– O que nos espera lá fora? – indagou Jordan, com a arma fixa na porta.

– Pelo odor e pelo som, creio que é um tipo de felídeo – disse Christian.

– Embora corrompido.

“*Corrompido?*”

Erin enregelou.

– Quer dizer um *blasphemare*.

O capelão inclinou a cabeça em aquiescência.

Os *blasphemare* eram feras corrompidas pelo sangue de um *strigoi*, transformadas em encarnações monstruosas das suas formas naturais, de carcaça tão dura que os sanguinistas faziam armaduras com a sua pele.

Nate inspirou uma rápida lufada de ar. Ela tocou-o e sentiu-o estremecer. Não o censurava. Um *blasphemare* atacara-o violentamente no passado.

Tinha de tirar Nate dali.

Um som dilacerante, lancinante, irrompeu à esquerda.

Nate voltou a lanterna para o ruído. Quatro garras em gancho retalhavam a espessa parede de pau-brasil. Em pânico, Nate disparou a *Glock*.

As garras desapareceram, seguidas de um novo guincho que soou mais irritado.

– Parece que o chateaste – disse Jordan.

– Desculpe – proferiu Nate.

– Não te preocupes. Se não tivesses disparado, eu tê-lo-ia feito.

O felino arremessou-se contra a mesma parede, abanando as traves, como se tentasse atravessá-la.

– É hora de partir – afirmou Christian, apontando para a porta à sua frente. – Eu saio primeiro e tento atraí-lo para longe. Vocês seguem-me aos dez. Vão direitos ao *Land Rover* da Erin e arrancam.

– E você? – perguntou Jordan.

– Se eu tiver sorte apanham-me, senão deixam-me para trás.

Antes que alguém pudesse argumentar, Christian transpôs a distância até à porta num segundo. Agarrou o manípulo e abriu de rompante as portas da frente. Diante dele, abria-se uma extensão de pó e erva. Ao longe, podia ver o castigado *Land Rover* e o reluzente *Lincoln* de cabina dividida. Ambos pareciam bem mais longe do que quando Erin passara por eles momentos antes, montada em *Blackjack*.

Christian saiu para a noite, iluminado por uma lâmpada sobre a porta. Um cintilar argênteo revelou que sacara de uma lâmina. Depois desapareceu à esquerda.

Jordan mantinha a arma em riste, claramente iniciando a contagem na sua mente.

Erin desviou o olhar, ao recordar-se de *Blackjack*. Apressou-se ao longo da linha de seis baias e começou a destrancar os ferrolhos, abrindo as portinholas. Não deixaria os cavalos ali encurralados para morrerem como *Blackjack*. Mereciam uma oportunidade de fugir.

Já assustados, os cavalos galoparam para fora das baias e precipitaram-se por entre Jordan e Nate. *Gunsmoke* seguia em último. Nate correu os dedos pelo flanco suado da égua, quando o animal debandou veloz, como

que desejando acompanhá-lo. Alcançando a porta, os cavalos abalaram noite fora.

– Dez – anunciou Jordan, agitando a mão livre na direção da porta aberta.

Os três precipitaram-se para a frente, seguindo o trilho de pó levantado pelos cavalos, em direção ao pátio. Jordan mantinha-se à esquerda, apontando a arma para onde Christian desaparecera.

Enquanto Erin corria com Nate para o *Land Rover*, um movimento chamou-lhe a atenção de volta para o estábulo. Da esquina distante, Christian cambaleou para o pátio, caindo por terra dobrado sobre si mesmo.

Dessa mesma esquina, uma fera monstruosa surgiu, furtiva.

Erin ficou assombrada.

Nate tropeçou, caindo de joelhos.

O felino penetrou calmamente no pátio, com a cauda a chicotear para a frente e para trás. Tinha quase três metros de comprimento e bem mais de 135 quilos de músculo, garras e presas. As orelhas levantadas e peludas giravam, captando todo o som. Os olhos rubros e dourados brilhavam na escuridão. Mas a característica mais impressionante era o fantasmagórico pelo cinzento, como um pedaço de nevoeiro transformado em carne.

– Vai – instou Jordan, ao vê-la abrandar para ajudar Nate. – Eu cuido dele.

“*Mas quem cuida de ti?*”

Ela permaneceu com eles, mantendo o *Colt* em riste.

Do outro lado do pátio, a fera rosnou a Christian, revelando as longas presas – depois atacou. Mas era um ataque simulado. Saltou para lá do capelão sanguinista e correu diretamente para eles.

Por essa altura, Jordan já tinha posto Nate de pé, mas os dois homens não conseguiriam sair do caminho a tempo. Firmando posição diante deles,

Erin disparou um tiro. A bala atingiu na frente o animal, que se limitou a sacudir a cabeça, continuando a avançar.

Continuou a disparar, enquanto a besta seguia lançada na sua direção.

Não podia fugir, não até Nate estar a salvo.

Apertou o gatilho uma e outra vez – até que, finalmente, o tambor do *Colt* bloqueou. Vazio.

O felino encolheu-se nas patas traseiras e cobriu com um salto a distância restante.

Cidade do Vaticano

Os músculos de Rhun retesaram-se de terror.

“Ela corre perigo...”

Imaginou madeixas de cabelo claro e olhos de âmbar. O aroma a alfazema invadiu-lhe as narinas. A dor mantinha o seu nome afastado dele, deixando-lhe apenas carência e desejo.

“Tenho de chegar até ela...”

À medida que o pânico troava pelo seu corpo, castigou o próprio estômago no vinho ardente, sofrendo a agonia, tentando pensar, fixar um pensamento na sua mente.

Não a podia deixar morrer.

Colocou-se penosamente de gatas e colou as costas à tampa de pedra do sarcófago. Reunindo a sua fé, força e medo, impulsionou-se contra a laje de mármore.

A pedra rangeu sobre pedra, quando a tampa se moveu. Apenas um dedo, mas moveu-se.

Cerrou os dentes e empurrou de novo, em extremo esforço, rasgando a sua veste. A prata incrustada na laje de mármore por cima dele marcou-lhe as costas nuas. Sentiu o cheiro da pele a queimar, sentiu o sangue a escorrer.

Contudo, persistiu até à última fibra de músculo, osso e vontade.

A sua existência tornou-se uma agonizante impressão de desejo.

“Para a salvar.”

Condado de Santa Clara

Jordan lançou-se contra Erin, levantando-lhe os pés do chão.

Quando ela caiu de costas, o *blasphemare* voou sobre eles. Uma pata traseira embateu no solo próximo da cabeça de Jordan, levantando o pó. O felino girou sobre si mesmo, soltando um guincho de desejo frustrado.

Ainda por terra, Jordan rolou sobre um ombro e apontou a sua *Heckler & Koch*, disparando em automático. Abriu um trilho ao longo do flanco, enquanto a besta se virava, arrancando tufos de pelo e provocando algum sangue, mas não muito.

Esvaziou todo o carregador de quarenta tiros em menos de três segundos.

E apenas conseguiu irritar o felino.

A besta encarou-os, baixando-se rente ao chão, as garras enterrando-se fundo na terra dura. Rosnou, silvando como uma máquina a vapor.

Jordan reposicionou a arma vazia, pronto para se armar em homem das cavernas e usá-la como moca.

Depois, num relâmpago azul, uma pequena forma aterrou sobre a cabeça da criatura. Uma faca de prata golpeou-lhe a orelha. Sangue escuro brotou dela. O felino urrou, torcendo a cabeça, tentando alcançar Christian.

Mas o sanguinista foi ágil, deslizando pelo dorso da fera e evitando a cauda.

– Corram para o *Rover*! – gritou Christian, desviando-se enquanto uma pata traseira era lançada contra ele, rasgando o ar com as garras afiadas.

Jordan pôs Erin de pé e correram para o *Land Rover*.

Mais adiante, Nate já alcançara o SUV e abrira ambas as portas, do condutor e de trás – depois, entrou para o banco traseiro.

“*Perfeito.*”

Jordan corria ao lado de Erin. Alcançando o *Rover*, mergulhou para o lugar do condutor, ao mesmo tempo que ela se lançava para o assento de trás ao lado de Nate. Ambas as portas se fecharam em simultâneo.

Erin esticou-se do banco de trás, esmagando as chaves frias na palma da mão dele que estava aberta, à espera.

Ele sorriu selvaticamente. Faziam uma boa equipa – agora, tinham de se certificar de que a equipa se mantinha viva. Pôs a chave na ignição, ligou o motor e arrancou de marcha-atrás, fazendo oscilar a traseira.

Quando deu a volta, os faróis dianteiros encontraram o felino. O seu fantasmagórico pelo cinzento cintilava à luz. A fera voltou-se para o carro como uma convulsa nuvem de trovoada, semicerrando os olhos rubros ao brilho intenso.

Christian estava alguns passos atrás da criatura.

O felino rosnou e precipitou-se em direção ao *Land Rover*, atraído pelo som e movimento.

“*Típico felino...*”

Jordan acelerou de marcha-atrás, procurando manter as luzes focadas nos olhos da fera.

Momentaneamente liberto, Christian correu para o seu *sedan* preto.

O felino ganhava terreno sobre eles, correndo a toda a velocidade. Jordan receava que o animal os alcançasse facilmente naquelas estradas de terra. Provando-o, a fera saltou e cravou as patas da frente no capô. As garras

rasgaram o metal. Uma pesada pata arremessou-se contra o para-brisas. Rachas abriram-se por todo o vidro.

Mais um golpe como aquele e alcançaria o banco da frente.

Então, a buzina de um carro irrompeu estridente, incessantemente.

Rugindo ao súbito ruído, o felino saltou do capô como um gato assustado. Aterrou no chão, torcendo-se para enfrentar o novo desafio, com as orelhas baixas de fúria.

Para lá da massa da fera, Jordan avistou Christian. O sanguinista acocorava-se na parte de trás do seu carro de divisória. Inclina-se sobre o banco da frente, com um braço estendido para o volante e atacava a buzina, pressionando-a insistentemente.

Todas as janelas do *sedan* estavam abertas.

“*O que está ele a fazer?*”

O felino disparou na direção do ruído.

Jordan travou a fundo e desengatou o carro da marcha-atrás, para seguir de novo em frente. Acelerou atrás da fera, seguindo no seu encalço. Sabia que não conseguiria alcançar o carro antes do animal, mas queria estar lá para ajudar Christian.

O felino acometeu contra o flanco do *sedan*, fazendo-o voar uns centímetros e amolgando-o gravemente. Christian foi disparado para o outro extremo do banco traseiro. O retumbar da buzina cessou de imediato, deixando apenas o silvo atroador da monstruosa fera.

O felino detetou a presa no interior e forçou a cabeça e espáduas pela janela, tentando alcançar o sacerdote.

Jordan carregou a fundo no acelerador, tencionando arremeter sobre a besta por trás, se necessário.

“*Pira-te daí, amigo!*”

O felino contorceu-se e deu impulso com os quartos traseiros, arrastando todo o seu comprimento pela janela traseira adentro. Era apertado, mas a fera estava determinada.

Então, do outro lado, Christian saltou pela outra janela.

– Ali! – gritou Erin, avistando-o também.

Jordan guinou e fez o *Rover* patinar para lá do para-choques traseiro do *sedan*.

Christian cambaleou para longe do carro, apontando o comando ao carro. Pressionou um botão – todas as janelas se fecharam e o carro emitiu um duplo *bip*.

Jordan reprimiu o riso perante a pura audácia de Christian.

Ele trancara a criatura no carro.

A fera rosnou e arremessou-se furiosamente de um lado para o outro, fazendo oscilar o *sedan*.

Jordan parou ao lado de Christian.

– Precisa de uma boleia?

Christian abriu a porta da frente do passageiro e entrou.

– Arranque. E acelere. Não sei por quanto tempo a minha armadilha o vai segurar.

Jordan entendeu. Carregou no acelerador, precipitando o *Land Rover* para fora do recinto dos estábulos e ziguezagueou pela estrada de terra em direção à autoestrada. Tinha de deixar o máximo de distância possível entre eles e a besta enfurecida.

Christian tirou um telemóvel do bolso e gritou algumas ordens em latim.

– O que está ele a dizer? – perguntou Jordan a Erin.

– A pedir reforços – explicou ela. – Para despachar a fera.

Christian terminou a chamada e olhou para trás, para os estábulos.

– Espero que a besta não tenha espaço suficiente para conseguir partir o vidro duplo.

Erin aclarou a garganta.

– Mas porque estava ali? Porque estava atrás de mim?

Jordan fitou Christian.

– Peço desculpa – disse Christian, parecendo abatido. – Penso que alguém deve ter sabido que eu e o Jordan procurávamos a sua ajuda. A notícia deve ter chegado aos ouvidos errados. Como sabe, a ordem suspeita que há traidores da Belial no nosso seio. Receio não ter sido cuidadoso o suficiente.

“*A Belial...*”

Imaginou essa força de *strigoi* e humanos, reunidos sob as ordens de um líder misterioso. Nem mesmo as fileiras apertadas da Ordem dos Sanguinistas eram impenetráveis ao alcance e infiltração desse grupo.

– Pode não ter sido culpa sua – disse Erin, chegando-se à frente e apertando-lhe o ombro. – O cardeal Bernard também me ligou hoje cedo. Talvez tenha deixado escapar algo. Seja como for, vamos adiar o assunto até que o Nate esteja a salvo.

– Não tenho uma palavra a dizer? – Nate parecia ofendido.

– Não, não tens – atalhou Christian. – As minhas ordens são claras e específicas. Devo levar a Erin e o Jordan de volta a Roma. E é tudo.

Jordan perguntou-se se seria verdade ou se estaria apenas a tentar aliviar a pressão sobre Erin.

– Porquê Roma? – perguntou Erin.

Christian virou-se para a encarar.

– Parece que com todo este tumulto nos esquecemos de lhe dizer. O padre Rhun Korza desapareceu. Eclipsou-se pouco depois da sangrenta batalha em Roma.

Olhando pelo espelho retrovisor, Jordan notou a preocupação nos olhos de Erin, o modo como levou uma mão ao pescoço. Ainda tinha marcas ali, onde Rhun a mordera, onde se alimentara dela. Mas pela expressão de preocupação, vira-se que ela se importava verdadeiramente com o sacerdote sanguinista.

– O que tem isso a ver comigo? – insistiu ela.

Christian sorriu-lhe.

– A doutora Granger é a única que o pode encontrar.

Jordan não se importava com o desaparecimento de Rhun Korza. No que lhe dizia respeito, o tipo podia continuar perdido. Porém, havia um mistério que queria ver resolvido.

“Quem enviara o raio do felino?”

CAPÍTULO 7

19 de dezembro, 04h34, CET
Roma, Itália

Com uma antiga pinça de relojoeiro na mão, o líder da Belial estava curvado sobre o espaço de trabalho na sua mesa. Segurava uma lente de ampliação num dos olhos. Com extrema perícia, enroscou cuidadosamente uma minúscula mola no interior de um mecanismo do tamanho de um polegar.

A mola retesou-se e prendeu.

Sorriu de satisfação e fechou as duas metades do mecanismo, formando o que aparentava ser a escultura metálica de um inseto, com seis patas articuladas e uma cabeça sem olhos. Esta última era guarnecida de uma probóscide de prata da espessura de uma agulha e coroada pelo suave movimento de um par de leves antenas de cobre.

Abençoado com mãos firmes, desviou-se para outro recanto da zona de trabalho e pegou com a pinça na asa anterior desarticulada de uma traça, pousada numa cama de seda branca. Levou a iridescente pétala ao feixe de halogénio da lâmpada de trabalho. As escamas de um verde prateado brilhavam, mal ocultando o delicado rendilhar da sua estrutura interna, característica do belo padrão da *Actias luna*, a borboleta lunar. Com uma envergadura total de asas de dez centímetros, era uma das maiores borboletas do mundo.

Com movimentos pacientes e astutos, fixou a frágil asa em minúsculos grampos, alinhados no tórax de cobre e prata da sua criação mecânica.

Repetiu o mesmo com a outra asa anterior e mais duas asas posteriores. O mecanismo no interior do tórax continha centenas de engrenagens, rodas e molas, à espera para voltar a dar vida àquelas extraordinárias asas orgânicas.

Terminada a operação, os seus olhos demoraram-se em cada peça. Venerava a precisão das suas criações, o modo como cada peça se encaixava na outra, engrenadas num projeto maior. Durante anos, construía relógios, precisando de ver o tempo medido num dispositivo, já que não era medido no seu próprio corpo. Desde então, desviara o seu interesse e engenho para a criação daqueles minúsculos autómatos – metade máquinas, metade criaturas vivas – condenados à eternidade segundo a sua vontade.

Normalmente, encontrava paz naquele trabalho minucioso, concentrando-se facilmente. Mas naquela noite, essa calma escapava-lhe. Nem mesmo o suave tilintar de uma fonte próxima conseguia sossegá-lo. O seu plano de séculos – tão intrincado e delicado como qualquer dos seus mecanismos – estava em risco.

Enquanto fazia uma pequena correção na sua última criação, a extremidade da pinça vacilou e rasgou a delicada asa anterior, espalhando iridescentes escamas esverdeadas sobre a seda branca. Proferiu uma praga que não era ouvida desde os dias da Roma antiga e largou a pinça no tampo de vidro da mesa.

Inspirou fundo, buscando de novo a paz.

Mas ela fugia-lhe.

Como se fosse de propósito, o telefone tocou na secretária.

Massajou as têmporas com os dedos, procurando alcançar calma a partir do exterior.

– *Sì*, Renate?

– O padre Leopold está lá em baixo na antecâmara, senhor.

O tom aborrecido da sua bela rececionista ecoou pelo altifalante. Ele resgatara-a de uma vida de escravidão sexual nas ruas da Turquia e ela retribuía-lhe com um serviço leal, embora indiferente. Em todos os anos que a conhecera, ela nunca expressara surpresa. Era um traço que ele apreciava.

– Faça-o subir.

Pondo-se de pé, esticou-se e caminhou até à fileira de janelas atrás da sua secretária. A sua empresa – a *Argentum Corporation* – detinha o arranha-céus mais alto de Roma e o seu gabinete ocupava o último piso. A *penthouse* contemplava a Cidade Eterna através de paredes de vidro à prova de bala. Sob os seus pés, o piso era de um mármore vermelho-violáceo, o pórfiro imperial, tão raro que se encontrava num único lugar do mundo, uma montanha egípcia a que os romanos chamaram *Mons Porphyrites*. Fora descoberto no tempo de vida de Cristo e tornara-se o mármore de reis, imperadores e deuses.

Cinquenta anos antes, ele desenhara e projetara aquele pináculo em conjunto com um arquiteto de renome mundial. Esse homem estava agora morto, evidentemente. Mas ele permanecia, inalterado.

Estudou o seu reflexo. No seu tempo de vida natural, marcas de um flagelo da infância tinham-lhe tomado o rosto, mas as imperfeições desapareceram quando enfrentou a maldição da eternidade. Agora, não se conseguia lembrar do lugar dessas marcas. Via apenas pele lisa e sem mácula, umas poucas rugas que nunca se adensavam em torno dos olhos cinzento-prateados, um rosto severo e anguloso, e uma massa de espesso cabelo grisalho.

Pensamentos amargos percorreram-no. Aquele rosto tivera muitos nomes ao longo dos séculos, vestira muitas identidades. Mas passados dois milénios, retornara àquele que a sua mãe lhe dera.

Judas Iscariotes.

Embora esse nome se tivesse tornado sinónimo de traição, ele percorrera o círculo completo desde a negação até à aceitação dessa verdade – sobretudo depois de descobrir o caminho para a sua própria redenção.

Séculos antes, descobrira finalmente *porque* Cristo o condenara à imortalidade.

Para que pudesse fazer o que tinha a fazer nos dias vindouros.

Assumindo essa responsabilidade, encostou a fronte ao vidro frio. Em tempos, tivera um administrador que tinha tanto medo de cair, que não se chegava a menos de dois metros das janelas.

Judas não tinha medo de cair. Ele caíra inúmeras vezes para o que deveria ter sido a sua morte.

Contemplou através do vidro a cidade lá em baixo, as resplandecentes ruas conhecidas pela sua decadência desde antes da era de Cristo. Roma sempre irradiara luz à noite, embora a intensa eletricidade branca tivesse há muito substituído o fogo quente e áureo de tochas e velas.

Se o seu plano resultasse, todas essas luzes se apagariam finalmente.

O brilho e o fogo eram características que os povos modernos achavam que lhes pertenciam, mas há muito que o homem iluminara o mundo também com a sua vontade. Por vezes, pelo progresso, outras por trivialidade.

Ali postado, recordou as festas fulgurantes a que assistira, séculos delas, e todos os frequentadores tão certos de terem atingido o auge do *glamour*. Com a sua aparência e riqueza, nunca lhe faltaram convites, nem companhia feminina, mas essas companhias exigiam frequentemente mais do que ele tinha para dar.

Vira tantas amantes envelhecerem e morrerem, extinguindo toda a esperança do amor eterno.

No final, nunca valera o preço a pagar.

Exceto uma vez.

Assistira a uma festa na Veneza medieval, onde uma mulher capturara o seu coração eterno e lhe mostrara que o amor valia qualquer preço. Olhou para as luzes coloridas da cidade lá em baixo, até se tornarem um borrão indistinto que o transportou para as suas memórias.

Judas deteve-se no limiar do salão de baile veneziano, deixando as cores rodopiarem diante dele. Vermelho-carmesim, dourados intensos, azuis que evocavam o mar ao entardecer, negros que devoravam a luz e o brilho pérola de ombros nus. Em nenhum outro lugar, as mulheres se vestiam tão vivamente e revelavam tanta pele como em Veneza.

O salão de baile parecia igual ao que fora cem anos antes. As únicas alterações eram os três novos quadros a óleo pendurados nas majestosas paredes. As pinturas retratavam membros austeros ou alegres daquela família veneziana, cada qual vestido com a elegância do seu tempo. Todos há muito falecidos. À sua direita, estava um retrato de Giuseppe, partido há trinta anos, o rosto imobilizado aos quarenta pelos óleos e talento de um pintor há muito falecido. Os olhos castanhos de Giuseppe, sempre prontos para a diversão, contrariavam a fronte rígida e postura fleumática. Judas conhecera-o bem, ou tão bem quanto era possível conhecer alguém em dez anos.

Era o tempo que Judas se permitia ficar numa cidade. Depois disso, as pessoas podiam perguntar-se porque não envelhecia. Um homem que não ganhava rugas nem morria seria apelidado de bruxo ou pior. Assim, viajava de norte a sul, de este a oeste, em círculos que se alargavam à medida que os limites da civilização se expandiam. Em algumas cidades, representava o solitário, noutras o artista, noutras ainda o errante. Vestia os papéis como capas. E cansava-se de todos eles.

As suas elegantes botas de cabedal preto cruzaram o soalho de madeira com um à-vontade estudado. Um criado mascarado surgiu com uma

bandeja carregada de copos de vinho. Judas pegou num, recordando a excelência da adega do seu anfitrião de outra era. Bebeu um gole, deixando os aromas acariciarem-lhe a língua – felizmente, as caves de Giuseppe não tinham entrado em declínio com a sua morte. Judas esvaziou o copo e pegou noutro.

Na sua outra mão, escondida atrás das costas, o dedo apertava-se firmemente em torno de um minúsculo objeto negro.

Viera ali com um propósito maior que o baile.

Tinha vindo para fazer o luto.

Deslizou por entre os mascarados que dançavam enquanto se dirigia para a janela. O longo nariz da sua máscara retorcido para baixo como o bico de um corvo. O odor do couro bem trabalhado de que era feita invadia-lhe as narinas. Uma mulher passou por ele, a sua fragrância forte demorando-se no ar bem depois de ela e o seu acompanhante se terem afastado.

Judas conhecia aquelas danças e inúmeras outras. Mais tarde, depois de mais vinho, juntar-se-ia aos dançarinos. Escolheria uma jovem cortesã, talvez uma outra moura, se a conseguisse achar. Faria o seu melhor por se perder nesses passos familiares.

Cinquenta anos antes, na sua última passagem por Veneza, conheceu a mais encantadora mulher que alguma vez conhecera na sua longa vida. Também ela era moura – a pele morena, com uns luminosos olhos castanhos-escuros e tranças negras que lhe desciam pelos ombros nus até à cintura fina. Usava um vestido verde-esmeralda debruado a ouro, cingido na cintura como era moda, mas entre os seios, pendente de uma fina corrente dourada ao pescoço, repousava um fragmento de prata refulgente, como um pedaço de espelho partido, um adorno invulgar. Um aroma a flores de lótus, fragrância que não sentia desde a sua estadia no Oriente, pairava em redor dela.

Ele e a mulher misteriosa tinham dançado durante horas, nenhum deles necessitando de parceiro diferente. Quando ela falava, tinha um sotaque curioso que ele não conseguia localizar. Em breve esqueceu o sotaque, escutando apenas as suas palavras. Ela sabia mais do que qualquer outra que tivesse conhecido – história, filosofia e os mistérios do coração humano. A serenidade e a sabedoria habitavam a sua silhueta esguia, e ele queria captar a sua paz. Talvez através dela pudesse encontrar forma de recuperar os interesses comuns de homens mortais.

Depois do baile, naquela mesma janela, ela tirara a máscara para que ele lhe pudesse ver o resto do rosto e ele tirou a sua. Fitara-a num momento de silêncio mais íntimo do que alguma vez partilhara com alguém. Então, ela dera-lhe a sua máscara, desculpava-se e desaparecera por entre a multidão.

Só então se apercebeu de que não sabia o seu nome.

Ela nunca voltou. Durante mais de um ano, vasculhara Veneza à sua procura, pagara somas exorbitantes por informações incorretas. Era a neta de um doge. Era uma escrava do Oriente. Era uma judia que fugira do gueto por uma noite. Não era nenhuma delas.

Destroçado, fugira da cidade das máscaras e procurara esquecê-la nos braços de uma centena de diferentes mulheres – algumas de pele morena como mouras, outras de pele alva como a neve. Escutara milhares de histórias delas, favorecera algumas e abandonara outras. Nenhuma lhe tocara o coração e deixara-as a todas antes de se confrontar com a sua velhice e morte.

Mas, agora, voltava a Veneza para a banir dos seus pensamentos, cinquenta anos depois de dançar com ela por aquele soalho de madeira. Nesta altura, sabia-o, ela estaria provavelmente morta ou seria uma velha mulher encarquilhada e cega, há muito esquecida daquela noite mágica. Tudo o que ele próprio retinha dessa noite era a sua memória e a velha máscara de couro dela.

Revirava agora a máscara nas mãos. Negra e acetinada, era uma densa faixa lisa de couro, aberta na zona dos olhos, com uma pequena joia reluzente pregada no canto de cada olho. Um desenho ousado, a sua simplicidade destoando das elaboradas máscaras usadas pelas mulheres desse tempo.

Mas ela não precisara de mais adorno.

Ele regressara àquelas salas refulgentes para lançar a sua máscara ao canal naquela noite e expulsar esse fantasma para a biblioteca do seu passado. Apertando o velho couro, olhou pela janela aberta. Lá em baixo, um gondoleiro impelia a sua esguia embarcação pela água escura, a ondulação tornada prata pela luz do luar.

Pelas margens do canal, figuras apressavam-se, cruzando o pavimento de pedra ou atravessando as pontes. Pessoas em misteriosas demandas. Pessoas em demandas banais. Ele não sabia, não queria saber. Como tudo o mais, cansava-o. Por um único momento, acreditara que podia encontrar uma ligação, até que ela partiu.

Agora, relutante em separar-se dela, acariciou a máscara com o indicador. Repousara no fundo do seu baú durante anos, envolta na mais fina seda. De início, conseguira sentir a fragrância das flores de lótus, mas até isso se dissipara. Levou a máscara às narinas e aspirou – uma última vez – esperando inalar os odores do couro envelhecido e do cedro do baú.

Mas em vez disso, brotou dela o aroma a flores de lótus.

Voltou a cabeça, receoso de olhar, o movimento tão lento que não perturbaria nem mesmo um tímido pássaro. Sentia o coração martelar-lhe aos ouvidos, tão alto que achou que o som atrairia todos os olhares para si.

Ela estava diante dele, sem máscara e inalterada, o seu sorriso sereno igual ao de meio século antes. A máscara deslizou-lhe dos dedos para o

chão. A sua respiração ficou suspensa na garganta. Os dançarinos rodopiavam em volta, mas ele permanecia imóvel.

Não podia ser.

Seria a filha daquela mesma mulher?

Descartou a possibilidade.

Não com tamanha semelhança.

Um pensamento mais sombrio insinuou-se. Tinha conhecimento das bestas ímpias que partilhavam a sua marcha pelo tempo, tão imortais quanto ele, mas com um cobarde desejo de sangue e loucura.

De novo, banuiu a hipótese da sua mente.

Nunca esquecera o calor do seu corpo através do vestido de veludo quando dançou com ela.

Então, o que era ela? Amaldiçoada como ele? Imortal?

Milhares de questões dançavam na sua mente, por fim substituídas pela única que importava verdadeiramente, a questão que não colocara cinquenta anos antes.

– Qual é o seu nome? – sussurrou, receoso de quebrar o momento em estilhaços como aquele que ela carregava ao pescoço esguio.

– Esta noite é Anna. – A sua voz soou com o mesmo sotaque estranho.

– Mas não é o seu verdadeiro nome. Não o quer partilhar comigo?

– Se quiser.

Os seus luminosos olhos castanhos observaram longamente os dele, não seduzindo, mas avaliando o seu mérito. Lentamente, ele inclinou a cabeça em sinal de acordo, rezando para que ela o achasse digno.

– Arella – disse ela num tom sussurrado.

Ele repetiu-lhe o nome, reproduzindo a entoação sílaba a sílaba.

– Arella.

Ela sorriu. Provavelmente, não ouvia o seu nome dito em voz alta por outro há muitas vidas mortais. Os seus olhos procuraram os dele, exigindo o preço prometido pela revelação do seu nome verdadeiro.

Pela primeira vez, em mil anos, ele disse-o em voz alta, também.

– Judas.

– O filho amaldiçoado de Simão Iscariotes – concluiu ela, não parecendo surpreendida e esboçando um leve sorriso.

Estendeu-lhe uma mão.

– Quer dançar?

Com os segredos revelados, começara a sua relação.

Mas esses segredos escondiam outros, mais profundos e mais sombrios.

Segredos sem fim, a condizer com as suas vidas eternas.

As enormes portas abriram-se de rompante atrás dele, refletidas na janela, transportando-o da Veneza antiga para a Roma moderna. Judas martelou os dedos no frio vidro à prova de bala, perguntando-se o que os vidreiros venezianos dos tempos medievais pensariam daquilo.

No reflexo, viu Renate emoldurada pelo umbral. Vestia um fato formal tom de amora e um *top* de seda castanha. Embora tivesse passado de mulher jovem a madura ao seu serviço, achava-a atraente. Percebeu, subitamente, que era por lhe fazer lembrar Arella. A sua rececionista tinha a mesma pele morena e olhos escuros, a mesma calma.

“Como não o percebi antes?”

O monge louro entrou na sala atrás dela, exibindo um rosto bem mais jovem do que os seus anos. Nervoso, o sanguinista beliscou a haste dos seus pequenos óculos. A sua face redonda denotava traços de preocupação

que pareciam deslocados em alguém de aparência tão jovem, traindo as décadas escondidas por detrás da pele macia.

Renate saiu e fechou a porta silenciosamente.

Judas gesticulou para que avançasse.

– Vem, irmão Leopold.

O monge lambeu os lábios, alisou o tecido da sua humilde túnica castanha com capuz e obedeceu. Passou a fonte e deteve-se diante da imponente secretária. Sabia bem que não devia sentar-se sem ser convidado.

– Conforme as suas instruções, apanhei o primeiro comboio vindo da Alemanha, Damnatus.

Leopold inclinou a cabeça, usando o antigo título que assinalava o passado de Judas. O latim traduzia-se vagamente como o *condenado*, o *desventurado*, o *amaldiçoado*. Embora outros pudessem tomar o título como um insulto, Judas usava-o com orgulho.

Fora Cristo quem lho dera.

Judas moveu uma cadeira atrás da secretária, voltando ao seu espaço de trabalho, e sentou-se. Manteve o monge à espera, enquanto focava de novo a atenção no projeto anterior. Com destreza e perícia, desprendeu a asa anterior que rasgara antes e deixou-a cair ao chão. Abriu a sua gaveta de espécimes e retirou outra *Actias luna*. Separou-lhe a asa anterior e usou-a para substituir a que tinha danificado, devolvendo à sua criação a mais absoluta perfeição.

Agora, tinha de reparar outra coisa arruinada.

– Tenho uma nova missão para ti, irmão Leopold.

O monge permanecia em silêncio à sua frente, com a quietude que só os sanguinistas conseguiam alcançar.

– Sim?

– Pelo que me é dado entender, a tua ordem está segura de que o padre Korza é o profetizado *Cavaleiro de Cristo* e esse soldado americano,

Jordan Stone, é o *Homem Guerreiro*. Mas permanecem dúvidas quanto à identidade da *terceira* figura mencionada na profecia do Evangelho de Sangue. A *Mulher Sábia*. Devo entender que *não* é a professora Erin Granger, como se suspeitou inicialmente durante a busca pelo Evangelho perdido de Cristo?

Leopold baixou a cabeça, em desculpa.

– Ouvi tais dúvidas e penso serem legítimas.

– Se assim for, é preciso encontrar a *verdadeira* Mulher Sábia.

– Será feito.

Judas retirou uma lâmina de prata de outra gaveta e golpeou a ponta do seu dedo. Segurou-o sobre o inseto que construía de metal e asas delicadas. Uma única e brilhante gota de sangue caiu sobre o dorso da sua criação, infiltrando-se por orifícios ao longo do tórax e desaparecendo.

O monge recuou.

– Receias o meu sangue.

Todos os *strigoi* o receavam.

Séculos antes, Judas aprendera que uma simples gota do seu sangue era fatal para qualquer uma dessas criaturas malditas, mesmo para os poucos que se tinham convertido ao serviço da Igreja como sanguinistas.

– O sangue encerra um grande poder, não é verdade, irmão Leopold?

– É verdade.

Os olhos do monge vacilavam inquietos. Devia ser perturbador para ele estar tão perto de algo que podia pôr termo à sua vida imortal.

Judas invejava-lhe esse medo. Condenado por Cristo à imortalidade, teria sacrificado muito para ter a escolha de morrer.

– *Porque* não me disseste, então, que essa trindade está agora ligada pelo sangue?

Judas fez deslizar dedos cuidadosos por baixo da sua criação. Esta ganhou vida na palma da sua mão, alimentada pelo seu próprio sangue. O zunir de minúsculas engrenagens vibrou, quase impercetível sob o gotejar

da fonte. As asas ergueram-se e uniram-se sobre o dorso, e depois abriram-se na sua plenitude.

O monge estremeceu.

– Uma tão bela criatura da noite, a singela traça – disse Judas.

O autómato bateu as asas e elevou-se da palma da sua mão. Lentamente, circundou a mesa, as suas asas captando cada partícula de luz e irradiando-a de volta a cada batimento.

Leopold seguiu-lhe o curso, desejando claramente fugir, mas sabendo que não o devia fazer.

Judas ergueu a mão e a traça voltou, pousando na ponta do seu dedo estendido. As suas patas de metal eram leves como fio de aranha na sua pele.

– Tão delicada, porém imensamente poderosa.

Os olhos do monge mantinham-se fixos nas asas reluzentes, a sua voz trémula.

– Lamento. Não achei que tivesse importância que Rhun bebesse da arqueóloga. Achei... achei que ela não era a verdadeira Mulher Sábia.

– Contudo, o seu sangue corre pelas veias de Rhun Korza e, graças à tua imprudente transfusão, o sangue do sargento Jordan corre pelas veias dela. Não achas curioso tal acaso? Talvez mesmo significativo?

Obedecendo à vontade do seu criador, a traça ergueu-se de novo do dedo de Judas e esvoaçou pelo gabinete. Dançou pelas correntes de ar, tal como Judas dançara, outrora, pelos salões de baile do mundo.

O monge engoliu o seu terror.

– Talvez – prosseguiu Judas. – Talvez essa arqueóloga *seja* a Mulher Sábia, afinal.

– Lamento...

A traça desceu do ar e pousou no ombro esquerdo do monge, as suas minúsculas patas agarrando-se ao tecido grosseiro do seu hábito.

– Tentei matá-la esta noite. – Judas brincava com as pequenas engrenagens na sua mesa. – Com um *blasphemare* felino. Achas que uma simples mulher conseguiria escapar a tal besta?

– Não vejo como.

– Nem eu.

À mínima provocação, a traça trespassaria o monge com a sua probóscide afiada, libertando uma única gota de sangue e matando-o instantaneamente.

– Contudo, ela sobreviveu – concluiu Judas. – E está agora reunida com o Guerreiro, embora não ainda com o Cavaleiro. Sabes porque ainda não se reuniram com o padre Rhun Korza?

– Não.

O monge baixou os olhos para o seu rosário. Se morresse agora, em pecado e não em batalha sagrada, a sua alma ficaria amaldiçoada para toda a eternidade. Ele devia estar a pensar o mesmo.

Judas concedeu-lhe mais um instante para ponderar, depois explicou.

– Porque Rhun Korza está desaparecido.

– Desaparecido? – Pela primeira vez, o monge pareceu surpreendido.

– Poucos dias depois de Korza se ter alimentado dela, ele desapareceu de vista da Igreja. E de todos os outros.

As asas da traça estremeceram à passagem do ar.

– Agora, cadáveres juncam as ruas de Roma, enquanto um monstro ousa atacar nos limites da própria Cidade Sagrada. Não é nenhum *strigoi* sob o meu controlo ou sob o controlo deles. Eles receiam que seja o seu precioso Rhun Korza, retornado a um estado selvático.

O irmão Leopold olhou-o nos olhos.

– O que quer que eu faça? Que o mate?

– Como se pudesses... Não, meu caro irmão, essa missão caberá a outro. A tua missão é vigiar e informar. E não voltes a omitir-me nenhum detalhe.

Ergueu a mão e a traça levantou voo do ombro do monge e retornou à palma da mão estendida do seu criador.

– Se me falhares, falharás a Cristo.

O irmão Leopold fitou-o, os seus olhos expressando alívio e exultação.

– Não voltarei a falhar.

CAPÍTULO 8

18 de dezembro, 19h45, PST
São Francisco, Califórnia

“Ao menos o restaurante estava vazio.”

Erin soltou um suspiro de alívio, enquanto se sentava com Jordan e Christian num pequeno barracão maltratado, no distrito de Haight-Ashbury. Tinham deixado Nate no seu apartamento do *campus*, em Stanford, e depois partiram rapidamente para o anonimato de São Francisco, tomando um caminho labiríntico até ao pequeno restaurante.

Ela pegou no menu – não que tivesse fome, apenas para ter algo com que ocupar as mãos. O peso da sua *Glock* encontrava-se de novo no coldre do tornozelo. E carregava o *Colt* de Jordan no bolso interior do casaco de inverno. O peso combinado de ambos ajudava-a a centrar-se.

Estudou o decrepito lugar, com os seus quadros a preto-e-branco de crânios e flores. As únicas alusões ao Natal eram caducas estrelas-de-natal de plástico, a adornar cada mesa.

Jordan pegou-lhe na mão direita com a sua mão esquerda. Mesmo àquela luz crua e pouco lisonjeira, ele era atraente. Uma mancha de pó estendia-se por uma das suas faces. Ela pegou no guardanapo e limpou-a, demorando-se.

Os olhos dele tornaram-se mais intensos e lançou-lhe um sorriso insinuante.

Do outro lado, Christian aclarou a garganta.

Jordan endireitou-se, mas continuou a segurar-lhe a mão.

– Que bela escolha – disse, esticando o pescoço para olhar em volta para os arco-íris tingidos à mão, que decoravam a parede do fundo. – Foi fã dos Grateful Dead numa vida passada ou simplesmente estagnou nos anos 60?

Escondendo um sorriso atrás do menu, Erin percebeu que a ementa era toda vegetariana.

“O Jordan vai adorar isto.”

– O lugar é bastante mais agradável agora do que era nos anos 60 – retorquiu Christian, revelando um vislumbre do seu próprio passado, de uma vida anterior naquela cidade. – Nessa altura, mal se conseguia respirar aqui com o fumo da erva e o cheiro de *patchouli*. Mas uma coisa que não mudou foi o desprezo do estabelecimento pela autoridade. Aposto a minha vida em como não há câmaras de vigilância neste edifício ou aparelhos eletrónicos de fiscalização. Quanto menos olhares indiscretos, melhor.

Erin entendia o nível de paranoia do sanguinista, especialmente depois do ataque.

– Está assim tão certo de que há um infiltrado na sua ordem? – indagou Jordan.

– Alguém sabia que Erin estaria sozinha naquele rancho. Por agora, é melhor não darmos nas vistas. Pelo menos, até chegarmos a Roma.

– Parece-me bem – disse Erin. – O que queria dizer com aquilo de eu ser a única que pode encontrar Rhun?

Durante a viagem até ao restaurante, Christian recusara-se a falar. Mesmo agora, olhou em volta e inclinou-se para diante.

– Soube pelo sargento Stone que o Rhun se alimentou de si durante a batalha nas catacumbas de S. Pedro. É verdade?

Ela largou a mão de Jordan, estudando o guardanapo no seu colo, para que ele não pudesse ver a sua expressão ao pensar na intimidade que partilhara com Rhun. Vieram-lhe à mente aqueles dentes afiados a enterrar-se na sua carne, vacilando entre a dor e a beatitude, enquanto os

seus lábios lhe queimavam a pele e a língua lhe penetrava as feridas para beber mais profundamente.

– Sim – murmurou ela. – Mas teve de o fazer. Não havia outra forma de apanhar o lobo sanguinário e Bathory Darabont. Sem as nossas ações, o Evangelho de Sangue teria sido perdido.

Jordan pôs-lhe um braço em volta do ombro, mas ela sacudiu-o. O seu olhar revelou surpresa. Ela não o queria magoar, mas não queria que ninguém lhe tocasse naquele momento.

– Não estou aqui para julgar Rhun – disse Christian. – Foi uma situação extraordinária. Não tem de mo explicar. Estou mais interessado no que lhe aconteceu *depois* disso.

– Como assim?

– Tem tido visões? Sensações que não consegue explicar?

Ela fechou os olhos. O alívio inundou-a. Então, podia haver uma explicação para as suas perdas de consciência.

“Afinal, não estou a ficar louca.”

Christian deve ter notado a sua reação.

– Tem tido visões. Graças a Deus!

– Alguém me quer explicar o que se passa? – Pediu Jordan.

Em retrospectiva, ela devia ter-lhe contado dos ataques. Mas não quisera pensar neles, muito menos partilhá-los.

Christian explicou-o a ambos.

– Quando um *strigoi* se alimenta de alguém e a vítima sobrevive, o que é uma ocorrência rara, o sangue cria uma ligação entre eles. A ligação perdura até o *strigoi* se alimentar de novo e a apagar com uma torrente de novo sangue.

Jordan parecia repugnado.

Um jovem empregado aproximou-se nesse instante, o seu cabelo em rastas louras, com um bloco na mão e um lápis atrás da orelha. Foi despachado, feito o pedido de uma rodada de café forte.

Erin esperou até que o rapaz estivesse fora do alcance da voz e depois insistiu.

– Mas o que tenho experimentado não faz sentido. É escuro. Completamente escuro. Vivo uma intensa sensação claustrofóbica, como se estivesse encurralada. Como se estivesse presa num sarcófago ou num caixão.

– Como em Massada? – perguntou Jordan.

Ela pegou-lhe de novo na mão, apreciando o seu calor, desculpando-se em parte pelo tratamento rude de há instantes.

– Foi o que pensei. Achei que eram ataques de pânico. Menosprezei os episódios como *flashbacks* desse momento em que ficámos presos na antiga cripta. Mas certos detalhes dessas visões pareceram-me estranhos. A caixa era fria, mas parecia estar deitada sobre ácido. Ensopava-me a roupa e queimava-me a pele. E o que era ainda mais estranho era que tudo cheirava a vinho.

– Vinho? – repetiu Christian, endireitando-se.

Ela assentiu.

– Se estive em sintonia com Rhun durante essas visões, um banho de vinho consagrado queimá-la-ia.

Christian fitou-a com os seus sagazes olhos verdes.

– Faz alguma ideia de onde fica essa caixa? Conseguiu ouvir alguma coisa?

Ela abanou lentamente a cabeça, tentando pensar em mais detalhes, mas sem conseguir.

– Lamento.

Tudo o que recordava era aquela dor, compreendendo que o que sentira seria uma fração ínfima do que Rhun experimentava. Há quanto tempo estaria ali encurralado? Christian dissera que ele tinha desaparecido pouco depois da batalha. Tinha sido há dois meses. Não o podia abandonar àquele destino.

Um outro entendimento gelou-a.

– Christian, a cada uma dessas visões sinto-me mais fraca, mais inerte. Na última, mal conseguia levantar os braços.

A expressão de Christian confirmou o seu pior receio.

Provavelmente, aquilo significava que Rhun estava a morrer.

Christian estendeu a mão e tocou-lhe o braço, procurando tranquilizá-la.

– O melhor plano é chegar a Roma. O cardeal Bernard tem mais conhecimento sobre esse tipo de ligação do que eu. Era mais comum nos primórdios da Igreja.

Estava previsto partirem num voo fretado dali a duas horas.

– E se encontrarmos Rhun – perguntou Erin – o que acontece depois?

Receava ser posta de lado, de novo, sumariamente dispensada, como antes.

– Partimos em busca do Primeiro Anjo – respondeu Christian.

“O Primeiro Anjo.”

Ela conhecia demasiado bem a profecia em relação a essa figura mítica. Visualizou as palavras inscritas na primeira página do Evangelho de Sangue, palavras escritas pelo próprio Cristo, a previsão de uma guerra próxima – e a forma de a evitar: ***«Prenuncia-se uma grande Guerra dos Céus. Para que as forças do bem prevaleçam, deve ser forjada uma Arma a partir deste Evangelho escrito com o meu sangue. A trindade profética deverá levar o livro ao Primeiro Anjo e obter a sua bênção. Só assim poderão assegurar a salvação do mundo.»***

– O tempo da espera já passou – insistiu Christian. – Sobretudo depois de alguém ter agido contra si, Erin. Claramente, já conhecem o seu valor.

– Valor? – Não conseguiu evitar o tom escarninho e amargo.

– A profecia diz que a trindade deve levar o livro ao Primeiro Anjo. O Cavaleiro de Cristo, o Homem Guerreiro e a Mulher Sábia. Você e o Jordan são os dois últimos. Rhun, o primeiro.

– Pensei que tivesse ficado claro que eu *não* sou a Mulher Sábia. – Manteve a voz firme e forçou a frase seguinte. – Estou bastante certa de que a matei.

Jordan apertou-lhe a mão. Ela matara Bathory Darabont nos túneis sob Roma. Não apenas acabara com a vida da mulher, mas a família Bathory era há muito tida como a verdadeira linhagem de onde emergiria a Mulher Sábia. A bala de Erin pusera fim a essa linha, matando o último descendente vivo.

– Darabont está efetivamente morta e com ela essa linhagem amaldiçoada.

Christian suspirou, recostando-se com um encolher de ombros.

– Você parece ser o melhor que temos, doutora Erin Granger. Para quê duvidar?

O café chegou finalmente, permitindo-lhes ordenar os pensamentos.

Quando o empregado se afastou, Jordan sorveu um golo, estremeceu face à temperatura escaldante e anuiu para Christian.

– Concordo com ele. Vamos lá procurar esse anjo.

Como se pudesse ser assim tão fácil.

Ninguém fazia a mínima ideia de quem era o Primeiro Anjo.

CAPÍTULO 9

19 de dezembro, 06h32
Oceano Ártico

Os dentes de Tommy Bolar doíam-lhe do frio. Não sabia que tal era possível. De pé junto à amurada do navio, na escuridão do despontar da manhã ártica, um vento rude fustigava-lhe as faces expostas. O gelo branco estendia-se adiante no horizonte. Para trás, um rasto esmagado de gelo azulado e água escura marcava a passagem do quebra-gelo através da paisagem glacial.

Olhava em volta, desesperado. Não fazia ideia de onde estava.

Ou mesmo *do que* era.

Tudo o que sabia era que não era o mesmo rapaz de catorze anos que vira os pais morrerem nos seus braços, sobre as ruínas de Massada, vítimas de um gás venenoso que os matara e que o salvara a ele. Olhou para o pedaço de pele nua, que se adivinhava entre as luvas de camurça e as mangas da sua sofisticada *parka* de penas. Em tempos, uma mancha escura de melanoma persistira no pulso pálido, revelando a sua condição terminal – agora, desaparecera por completo, como o resto do cancro. Até mesmo o cabelo, perdido na quimioterapia, recomeçara a crescer.

Tinha sido curado.

“Ou amaldiçoado. Dependendo da perspetiva.”

Desejava ter morrido no cimo daquela montanha com os pais. Em vez disso, fora sequestrado de um hospital militar israelita, arrancado aos médicos que tentavam perceber a sua milagrosa sobrevivência. Os seus

mais recentes carcereiros alegavam que fizera mais do que *sobreviver* à tragédia de Massada, insistiam que fora mais do que *curado* do cancro.

Diziam que nunca morreria.

E pior do que isso, começara a acreditar neles.

Uma lágrima rolou-lhe pela face, deixando um rasto quente na sua pele gelada.

Limpou-a com as costas da luva, sentindo-se revoltado, frustrado, querendo gritar para aquela vastidão sem fim – não por *ajuda*, mas por libertação, para ver de novo os seus pais.

Dois meses antes, alguém o drogara, e acordara ali, naquele imenso quebra-gelo no meio de um oceano gelado. O navio tinha sido pintado recentemente, quase totalmente de negro, com as cabinas empilhadas no convés como peças de *Lego* vermelhas. Até ao momento contara aproximadamente uma centena de membros da tripulação a bordo, memorizando as caras, aprendendo a rotina do navio.

Por agora, a fuga era impossível – mas o conhecimento significava poder.

Era uma das razões por que passava tanto tempo na biblioteca da embarcação, esquadrinhando os poucos livros em inglês, tentando aprender o máximo que podia.

Todas as outras investigações se tinham deparado com o silêncio. A tripulação falava russo e ninguém lhe dirigia a palavra. Apenas duas pessoas a bordo do quebra-gelo tinham comunicado com ele – e deixavam-no aterrorizado, embora fizesse o melhor por dissimulá-lo.

Como que convocado pelos seus pensamentos, Alyosha juntou-se a ele na amurada. Trazia dois floretes e deu-lhe um. O rapaz russo parecia da mesma idade de Tommy, mas a aparência era ilusória. Alyosha era bem mais velho, décadas mais velho. Provando a sua inumanidade, Alyosha usava calças de flanela cinzenta e uma camisa branca perfeitamente engomada, aberta no colarinho, expondo o pescoço pálido ao vento gélido

que varria aquele recanto vazio do convés gelado. Uma pessoa real morreria congelada naqueles trajes.

Tommy aceitou o florete, sabendo que, se tocasse a mão nua de Alyosha, a encontraria tão gélida quanto a amurada coberta de gelo do navio.

Alyosha era uma criatura imperecível chamada *strigoi*.

Imortal, tal como Tommy, mas muito diferente dele.

Pouco depois do rapto de Tommy, Alyosha pressionara-lhe a mão contra o seu peito sem calor, revelando a inexistência de batimento cardíaco. Mostrara a Tommy as suas presas, a forma como os seus caninos podiam recolher ou sair para fora das gengivas, segundo a sua vontade. Mas a maior diferença entre eles era que Alyosha se alimentava de sangue humano.

Tommy era muito diferente.

Continuava a comer comida normal, continuava a ter batimento cardíaco, continuava a ter os mesmos dentes.

“*Então, o que sou eu?*”

O seu próprio captor – o mestre de Alyosha – não parecia saber. Ou pelo menos, nunca partilhara esse conhecimento.

Alyosha tocou-lhe na cabeça com o punho da espada para lhe chamar a atenção.

– Tens de estar atento ao que te digo. Temos de praticar.

Tommy seguiu-o até à zona de treino improvisada no convés do navio e assumiu posição.

– Não! – censurou o seu adversário. – Alarga mais! E mantém o florete *erguido* para te protegeres.

Aparentemente, Alyosha aborrecia-se no imenso navio e ensinava-lhe as maneiras de um nobre russo. Para além das lições de esgrima, ensinava-lhe uma série de termos sobre cavalos, selaria e formação cavaleira.

Tommy entendia a obsessão do outro. Fora-lhe dito o verdadeiro nome de Alyosha: Alexei Nikolaevich Romanov. Na biblioteca, encontrara um

texto sobre a história russa e descobrira mais sobre aquele *rapaz*. Cem anos antes, fora o filho do czar Nicolau II, um príncipe real do Império Russo. Em criança, Alyosha sofria de hemofilia e, segundo o livro, apenas uma pessoa o conseguia aliviar das dolorosas crises de hemorragia interna, o mesmo homem que mais tarde se tornaria seu mestre, transformando o príncipe num monstro.

Visualizou o mestre de Alyosha, com a sua espessa barba e tez escura, refundido num outro ponto daquele barco, como uma aranha negra na sua teia. No início de 1900, era conhecido como o Monge Louco da Rússia, mas o seu verdadeiro nome era Grigori Yefimovich Rasputine. Os textos históricos detalhavam a forma como o monge travara amizade com os Romanov, tornando-se um inestimável conselheiro do czar. Mas outros textos insinuavam a peculiaridade sexual de Rasputine e as intrigas políticas, que acabaram por conduzir a uma tentativa de assassinio por parte de um grupo de nobres.

O monge fora envenenado, atingido a tiro na cabeça, espancado com uma clava e lançado a um rio gelado – para apenas sair a cuspir água, ainda com vida. Os livros diziam que ele acabara por se afogar nesse mesmo rio, mas Tommy conhecia a verdade.

Não era assim tão fácil matar um monstro.

Como o rapaz príncipe, Rasputine era um *strigoi*.

Ligeiro como uma cobra, Alyosha lançou-se pelo tapete de esgrima improvisado, simulando à direita, depois deslocando-se à esquerda, quase rápido demais para ser percebido. A ponta do seu florete aterrou no centro do peito de Tommy, a extremidade forçando a *parka* e atingindo a pele. Aquelas não eram espadas de treino embotadas. Tommy sabia que Alyosha lhe podia ter espetado o coração, se quisesse.

Não que o tivesse matado.

Tê-lo-ia magoado, provavelmente deixado de cama e fraco por um ou dois dias, mas teria sarado, amaldiçoado como fora em Massada com uma

vida imortal.

Alyosha sorriu e deu um passo atrás, brandindo o seu florete com um movimento triunfante. Tinha uma estatura próxima da de Tommy, com braços e pernas esguios. Mas era bastante mais forte e rápido.

A maldição de Tommy não lhe oferecia vantagens como a força e a velocidade.

Contudo, fez o melhor por se esquivar aos ataques seguintes. Dançavam para trás e para diante no tapete de esgrima. Tommy rapidamente se sentiu extenuado, consumido pelo frio.

Quando pararam para tomar fôlego, um sonoro ruído fraturante chamou a atenção de Tommy para lá da amurada de estibordo. O convés inclinou-se sob os seus pés. A proa do navio ergueu-se ligeiramente, depois desceu violentamente sobre as densas placas de gelo. Os poderosos motores faziam avançar o barco, prosseguindo na sua lenta passagem pelo mar Ártico.

Observou os grandes lençóis de gelo a serem retalhados e a rasparem ao longo do casco e perguntou-se o que aconteceria se saltasse.

“Morreria?”

O medo impediu-o de experimentar. Embora pudesse não conseguir morrer, conseguia sofrer. Esperaria por uma melhor oportunidade.

Alyosha lançou-se para diante e atingiu-o na face com a espada.

A vergastada lembrou-o de que a vida era dor.

– Basta! – decidiu Alyosha. – Mantém-te alerta, amigo!

“Amigo...”

Tommy quis escarnecer de tal título, mas manteve-se em silêncio. Sabia que, de certa forma, o jovem príncipe se sentia só, apreciando a companhia, mesmo que forçada, de um outro jovem.

Porém, Tommy não se deixava iludir.

Alyosha não era um rapaz jovem.

Assim, retomou a posição defensiva no seu lado do tapete. Era a sua única opção por agora. Esperaria pela sua hora, aprenderia o que pudesse e manter-se-ia em forma.

Até poder escapar.

CAPÍTULO 10

19 de dezembro, 07h13, CET
Roma, Itália

O caçador tinha-se tornado a presa.

Elizabeta pressentia a matilha que a perseguia pelas ruas e becos sombrios e estreitos, que aumentava enquanto seguia no seu encalço. Por agora, mantinham-se afastados, talvez na expectativa de crescer em número. Não eram crápulas humanos, nem salteadores ou ladrões visando o alvo fácil de uma mulher solitária naquelas horas precedentes à aurora. Eram *strigoi*, como ela.

Teria invadido o seu território de caça? Quebrado alguma regra de etiqueta? Aquela era encerrava muitas armadilhas.

Olhou para leste, pressentindo que o sol de inverno estava prestes a nascer. O medo apoderou-se dela. Queria retornar ao apartamento, escapar ao dia ardente, mas não se atrevia a conduzir a matilha até à sua toca.

Assim, à medida que o dia ameaçava, ela continuou por uma ruela estreita, o ombro rente à fria parede de estuque, as antigas e irregulares pedras da calçada sob as solas das suas botas.

As horas que precediam a madrugada tinham-se tornado as suas favoritas naquela cidade moderna. Àquela hora matutina, os automóveis roncantes calavam-se quase por completo, o seu hálito parando de conspurcar o ar. Deu-se ao cuidado de estudar os homens e mulheres da noite, reconhecendo como, de tantas formas, pouco mudara desde o seu século, identificando facilmente meretrizes, jogadores e ladrões.

Ela compreendia a noite – e pensara que era a única a dominá-la.

Até àquela manhã.

Pelo canto do seu ângulo de visão, espectros sombrios moviam-se. Eram agora mais de uma dúzia, estava certa, mas quantos *mais* não sabia dizer. Sem batimento cardíaco ou respiração, não podia ter a certeza até estarem em cima dela.

O que não tardaria muito.

As bestas montavam o cerco, apertavam cada vez mais a malha.

Pareciam acreditar que ela não os notara. Deixou-os continuar a acreditar. O engano ainda a poderia salvar, como tantas vezes no passado. Atraiu-os para diante, em direção a um terreno de batalha da sua eleição.

O seu destino estava longe. Receando que a pudessem atacar antes de o alcançar, apressou o passo, mas apenas um pouco, pois não queria que soubessem que pressentira a sua presença.

Precisava de uma área aberta. Encurralada naquelas ruelas estreitas, seria muito fácil para a matilha cair sobre ela e dominá-la.

Por fim, as suas botas arrastaram-na em direção ao Panteão, na Piazza della Rotonda. A praça era o terreno aberto mais próximo. A luz parda do sol nacarado aclarava as sombras sobre a cúpula redonda do Panteão. A abertura do *oculum* no topo aguardava o novo dia, cega à escuridão.

Não como ela. Não como eles.

O Panteão fora em tempos a casa de muitos deuses, mas era agora uma Igreja Católica votada ao deus *único*. Ela evitava esse santuário. O terreno sagrado no seu interior enfraquecê-la-ia – tal como àqueles que a perseguiram – mas depois de renascer na sua nova força, recusava-se a renunciar-lhe.

Em vez disso, continuou a avançar para o terreno aberto à sua frente.

De um dos lados, uma fila de bancas vazias esperava a luz do dia para se transformar num agitado mercado de Natal. As suas luzes festivas douradas tinham sido apagadas e grandes guarda-sóis de tela branca

cobertos de geada protegiam as mesas vazias. Do outro lado, restaurantes mantinham-se sem luz e de persianas corridas, os seus clientes há muito recolhidos.

Atrás dela, as sombras alteraram-se nos limites da praça.

Consciente de que o seu tempo se esgotava, apressou-se para a fonte no centro da praça. Pousou as mãos na pedra cinzenta do recetáculo. Próximo de si, um peixe de pedra esculpido cuspiu água para a bacia em baixo. No centro, erguia-se um esguio obelisco. O seu granito vermelho fora extraído sob o implacável sol egípcio, para ser arrastado para ali por conquistadores. Hieróglifos tinham sido gravados de todos os quatro lados, até à extremidade cónica: luas, aves, um homem sentado. A linguagem antiga era incompreensível, tão sem sentido para ela como aquele novo mundo. Mas as imagens, gravadas por pedreiros há muito falecidos, podiam salvá-la naquela noite.

Ergueu o olhar para a ponta bicuda, onde a Igreja erigira uma cruz para reivindicar o poder desses deuses antigos.

De trás dela, ouviu-se o ranger do couro, o roçar de tecido em tecido, o suave cair de cabelo de uma cabeça voltada.

Por fim, a matilha aproximava-se.

Antes que algum deles a pudesse alcançar, saltou da borda do tanque para o obelisco, agarrando-se como um gato. Os seus dedos fortes encontraram apoio nos antigos entalhes: uma mão, uma lua, uma pena, um falcão. Içou-se pedra acima, mas à medida que o pedestal se tornava mais fino, a escalada tornava-se mais difícil. O medo impeliu-a até ao cimo.

Aí empoleirada, preparou-se para a dor cauterizante e agarrou a cruz com uma das mãos. Olhou rapidamente para baixo.

Sombras fervilhavam pelo obelisco acima como formigas, maculando cada centímetro de granito. As suas roupas eram andrajos, os seus membros esqueléticos, o cabelo emaranhado e enegrecido. Uma das

criaturas tombou de costas na fonte com um esparrinhar, mas outros logo se precipitaram para o espaço deixado por ela.

Virando costas, fitou a casa mais próxima na praça e reuniu toda a força sobre si mesma, como uma capa.

Depois, saltou.

07h18

Bem abaixo da Basílica de São Pedro, Rhun rastejava de gatas por um túnel escuro, a cabeça tão baixa que o nariz chegava a roçar o chão de pedra.

Porém, murmurava preces de agradecimento.

Erin estava a salvo.

A urgência que o impelira para fora da agonizante prisão desvanecera-se. A pura força de vontade incitava-o, agora, a erguer cada mão sangrenta, a arrastar cada joelho ferido. Centímetro a centímetro, avançava pela passagem, procurando a luz.

Parando um momento para descansar, encostou o ombro à parede de pedra. Tocou o pescoço, recordando a ferida, agora sarada. Elisabeta bebera tanto do seu sangue. Deixara-o propositadamente incapacitado, mas vivo.

“Para sofrer.”

A agonia tornara-se a sua nova arte. Recorda os rostos das muitas jovens raparigas que tinham morrido pelas suas mãos. Essa encarnação sinistra da sua radiosa Elisabeta aprendera a esculpir a dor, como outros esculpam o mármore. Todas essas mortes horríveis pesavam na sua consciência.

Quantas mais mortes teria de acrescentar à contagem, enquanto ela corria à solta pelas ruas de Roma?

Ainda dentro do túmulo, captara sussurros do seu deleite, do êxtase da sua saciação. Ela bebera dele, carregando o seu sangue dentro de si, ligando-os.

Sabia que ela forjara essa ligação intencionalmente.

Quisera arrastá-lo nas suas perseguições, forçando-o a testemunhar as suas depravações e assassínios. Felizmente, à medida que ela se alimentava, derramando novo sangue sobre o antigo, a ligação enfraquecia, apenas permitindo que as emoções mais fortes dela o atingissem.

Como que avivado por esses pensamentos, Rhun sentiu os limites da visão estreitarem-se, assaltado por um pânico aterrorizado – não o seu, mas o de outro. Fraca como era a ligação, podia ter resistido ao ímpeto, mas tal oposição correria o risco de esgotar ainda mais as suas já exauridas reservas.

Então, deixou-se levar.

Para preservar as suas forças e para outro propósito, também.

“Onde estás, Elisabeta?”

Tencionava usar a frágil ligação para a descobrir, para acabar com toda aquela violência, uma vez reencontrada a luz. Por agora, deixou-se arrastar voluntariamente para a escuridão partilhada.

Uma onda de criaturas sombrias avançava na sua direção. Presas brancas brilhavam na escuridão, vorazes, prontas a morder. Ele saltou para longe, cruzando o ar.

O céu clareava a leste, anunciando um novo dia.

Devia encerrar-se antes que tal acontecesse, ocultado do sol ardente.

Aterrou num telhado. As telhas de terracota quebraram-se sob as suas botas, as suas mãos. Fragmentos derramaram-se borda fora, despedaçando-se na pedra cinzenta da praça em baixo.

Correu pelo telhado com passo seguro. Atrás dele, um dos perseguidores tentou o salto, falhou e embateu no solo com um baque repulsivo.

Outros tentaram.

Muitos caíram, mas alguns conseguiram.

Alcançara o extremo oposto do telhado – e saltou para o seguinte. O frio ar da noite banhou-lhe as faces. Se esquecesse os perseguidores, poderia apreciar toda aquela beleza, correndo pelo topo de Roma.

Mas não os podia esquecer, por isso correu para diante.

Sempre para ocidente.

O objetivo erguia-se alto no céu ruborizado.

Rhun regressou à sua própria pele, afundando-se no túnel. Ergueu-se sobre mãos e joelhos, sabendo que não era o suficiente. Penetrando nos últimos resquícios da sua força declinante, levantou-se. Com uma mão na parede, seguiu tropegamente para diante.

Tinha de avisar os outros.

Elisabeta conduzia uma matilha de *strigoi* diretamente para a Cidade do Vaticano.

07h32

Nada a deteve enquanto corria por cima dos telhados, em direção a ocidente, fugindo do sol nascente a leste e perseguida por uma horda

furiosa. A surpresa da sua escalada ao obelisco conquistara-lhe alguns segundos preciosos.

Se a apanhassem, estava morta.

Saltava de telhado em telhado, quebrando telhas, dobrando goteiras. Nunca correria assim na sua vida natural ou sobrenatural. Parecia que aqueles séculos aprisionada no sarcófago a tinham tornado mais forte e veloz.

A exultação apoderou-se dela, reprimindo o medo.

Estendeu os braços ao lado como asas, apreciando a carícia do vento à sua passagem. Se sobrevivesse, iria fazê-lo todas as noites. Pressentia ser mais velha do que aqueles que a perseguiam, também mais rápida – decerto não o suficiente para os manter eternamente à distância, mas talvez o bastante para chegar ao seu destino.

Lançou-se sobre o telhado seguinte, aterrando pesadamente. Um bando de pombos assustou-se e levantou voo. As penas rodearam-na como uma nuvem, cegando-a. Momentaneamente distraída, prendeu a bota na fenda de uma fileira de telhas. Teve de parar para a soltar, rasgando o couro.

Um olhar de relance para trás revelou que o avanço se esfumara.

A matilha estava quase a alcançá-la, nos seus calcanhares, agora.

Correu, com a dor a subir-lhe pelo tornozelo. A perna não conseguiria aguentar o peso. Amaldiçoou a fraqueza, saltando agora mais do que correndo, impelindo-se com a perna intacta, aterrando sobre a lesionada, castigando-a por lhe falhar.

A leste, o céu estava do mesmo cinzento-claro das asas dos pombos.

Se os *strigoi* não a abatessem, o sol encarregar-se-ia disso.

Lançou-se furiosamente para a frente. Não desistiria, deixando que aqueles que a perseguiam a reclamassem. Tais bestas não tinham legitimidade para acabar com a sua vida.

Concentrou-se no objetivo diante de si.

Poucas ruas a separavam dos muros da Cidade do Vaticano.

Os sanguinistas nunca deixariam tal corja de *strigoi* invadir a sua Cidade Santa. Extirpá-los-iam como ervas daninhas. Correu para lá, com uma esperança no seu coração silencioso.

Ela sabia o segredo da localização de Rhun.

Seria o suficiente para desviar as espadas da sua garganta?

Não sabia.

CAPÍTULO 11

19 de dezembro, 07h34, CET
Cidade do Vaticano

– Ajudem-nos! – clamou uma voz à sua porta.

Ao ouvir o medo, a urgência, o cardeal Bernard ergueu-se da cadeira da secretária e cruzou o espaço num segundo, não se dando ao trabalho de esconder a sua alteridade do padre Ambrose. Embora o assistente conhecesse a natureza oculta do cardeal, vacilou para trás, em choque.

Bernard ignorou-o e franqueou a porta com violência, quase a arrancando dos gonzos.

Na soleira, descobriu a silhueta jovem do monge alemão, o irmão Leopold, acabado de chegar da Abadia de Ettal. Do seu outro lado, um diminuto noviço de nome Mario. Carregavam o vulto inerte de um sacerdote entre si, a cabeça da vítima pendente.

– Encontrei-o a cambalear para fora dos túneis mais profundos – disse Mario.

O cheiro acre de vinho passado exalava do corpo, inundando o aposento, enquanto Leopold e Mario entravam com o seu fardo. Pulsos pálidos ressaltavam do hábito húmido, a pele retesada sobre os ossos.

O sacerdote passara muita fome, sofrera imensamente.

Bernard ergueu o queixo do homem. Contemplou um rosto tão familiar quanto o seu próprio – os salientes ossos malares eslavos, o queixo profundamente fendido e a testa alta e lisa.

– Rhun?

Passado o choque, vagas de emoções colidiram no seu íntimo perante a visão do vulto devastado do amigo: *fúria* contra quem lhe infligira aquilo; *medo* que fosse tarde demais para o salvar e uma grande parte de *alívio*. Pelo retorno de Rhun e pela clara evidência de que não poderia ter assassinado e sugado o sangue de todas aquelas raparigas em Roma, não naquele estado.

Contudo, não estava ainda tudo perdido.

Os torturados olhos escuros entreabriram-se e reviraram-se.

– Rhun? – chamou Bernard. – Quem te fez isto?

Rhun forçou as palavras a brotarem dos lábios gretados.

– Ela vem aí. Está a aproximar-se da Cidade Santa.

– Quem?

– Ela está a conduzi-los até nós – murmurou. – Muitos *strigoi*. A caminho daqui.

Entregue a mensagem, Rhun sucumbiu.

Leopold deslizou um braço sob os joelhos de Rhun e levantou-o como se fosse uma criança. O seu corpo estava inerte, exausto. Bernard não extrairia mais nada dele naquele estado. Seria necessário mais do que vinho para arrancar Rhun àquela devastação.

– Levem-no para o sofá – ordenou Bernard. – Deixem-no comigo.

O jovem erudito obedeceu, depositando Rhun no pequeno sofá do compartimento.

Bernard voltou-se para Mario, que o fitava boquiaberto, com os olhos azuis arregalados. Novo na ordem, nunca testemunhara nada de semelhante.

– Vai com o irmão Leopold e o padre Ambrose. Façam soar o alarme e dirijam-se para a entrada da cidade.

Assim que os outros deixaram os aposentos, ele abriu o pequeno frigorífico sob a secretária. Estava guarnecido de bebidas para os seus convidados humanos, mas não era disso que precisava no momento.

Procurou atrás das garrafas por um singelo frasco de vidro, vedado por uma rolha. Todos os dias o reabastecia. Ter tal tentação perto de si era interdito, mas Bernard acreditava nos velhos tempos, quando a necessidade atenuava o pecado.

Levou o frasco até Rhun e abriu-o. O odor intoxicante emanou dele, agitando até Rhun.

“Ótimo.”

Bernard inclinou a cabeça de Rhun para trás, abriu-lhe a boca e verteu-lhe o sangue pela garganta abaixo.

Rhun estremeceu com a bênção, perdido no fluido carmesim que lhe percorria as veias negras. Queria rebelar-se, reconhecendo o pecado na sua língua. Mas as memórias enevoavam-se: os seus lábios sobre um pescoço aveludado, o ceder da carne sob os seus dentes afiados. O sangue e os sonhos arrastaram para longe a dor. Gemeu de prazer, cavalgando as ondas de êxtase que pulsavam por cada fibra do seu ser.

Negado a esse deleite há tanto tempo, o corpo não o queria largar.

Mas o enlevo acabou por refrear, deixando para trás um vazio, um poço de desejo sinistro. Rhun debatia-se para ganhar fôlego para falar, mas antes que o conseguisse, a escuridão apoderou-se dele. Enquanto esta o consumia, rezava para que o corpo infestado pelo pecado pudesse resistir à penitência que se avizinhava.

Rhun passava pelo jardim de ervas do mosteiro, a caminho das orações do meio da manhã. Demorou-se, deixando o sol de verão aquecer-lhe o rosto. Correu a mão pelos pés de alfazema roxos que ladeavam o caminho de gravilha, enquanto a delicada fragrância se intensificava à sua

passagem. Levou os dedos assim contaminados ao rosto para apreciar o aroma.

Sorriu ao lembrar-se de casa.

Na casa de família, a sua irmã repreendia-o frequentemente por se perder na horta, rindo-se quando ele se tentava desculpar. Como adorara atormentá-lo, mas sempre fazendo-o rir. Talvez a pudesse ver nesse domingo, o ventre redondo a crescer com o seu primeiro filho.

Uma gorda abelha dourada esvoaçou em torno de um botão roxo-escuro, uma outra abelha pousando no mesmo pé. O caule dobrou-se sob o seu peso e oscilou na brisa, mas as abelhas pouco se importaram. Trabalhavam diligentemente, seguras do seu lugar no plano divino.

A primeira abelha levantou da flor e sobrevoou a alfazema.

Sabia para onde ia.

Seguindo-lhe o rumo deambulante, Rhun alcançou o muro coberto de líquenes ao fundo do jardim. A abelha desapareceu pela abertura redonda de uma das colmeias cónicas amarelo-douradas, de palha, alinhadas no topo do muro de pedra.

Rhun construíra aquele cortiço ele próprio, no final do último verão. Apreciara a simples tarefa de entretecer a palha em tranças, torcendo as mechas em espirais e dando-lhes a forma de colmeia cónica. Encontrava paz nessas tarefas simples e executava-as bem.

O irmão Thomas observara o mesmo:

– Os seus dedos ágeis estão talhados para este tipo de obra.

Fechou os olhos e inalou o aroma intenso do mel. O ruidoso zunido das abelhas envolveu-o. Tinha outras obras a executar, mas ali ficou por um longo momento, repleto de satisfação.

Quando voltou a si, Rhun sorriu. Esquecera aquele momento. Era um simples fragmento de uma outra vida, há séculos, antes de se tornar um

strigoi e perder a sua alma.

Sentiu de novo o doce e rico aroma do mel, o toque suave da alfazema. Recordou o calor do sol na sua pele, quando a sua luz ainda não era um misto de dor. Mas acima de tudo, pensou na irmã a sorrir.

Sentia saudades dessa vida singela – apenas para reconhecer que nunca a teria.

E com esse duro reconhecimento, veio um outro.

Os olhos abriram-se bruscamente, sentindo o sabor do sangue na sua língua, e confrontou Bernard.

– O que fez... é pecado.

O cardeal afagou-lhe a mão.

– Pecado *meu*, não seu. Aceitarei de bom grado o fardo para o ter ao meu lado no combate que se aproxima.

Rhun permaneceu imóvel, debatendo-se com as palavras de Bernard, querendo acreditar nelas, mas sabendo que o gesto fora errado. Sentou-se, descobrindo uma força renovada na carne e nos ossos. A maioria das feridas tinha sarado. Inspirou o ar para aquietar a mente em tumulto.

Bernard estendeu a mão, revelando uma familiar forma curva de prata manchada.

Era a *karambit* de Rhun.

– Se se sentir suficientemente recuperado – disse Bernard – poderá juntar-se a nós na batalha que se avizinha. Para se vingar daqueles que o trataram tão brutalmente. Referiu uma mulher.

Rhun pegou na arma, evitando o olhar penetrante do cardeal, demasiado envergonhado, mesmo agora, para proferir o nome dela. Tateou o gume afiado da lâmina.

Elisabeta tirara-lha.

Como é que Bernard a encontrara?

O soar estridente de uma campainha de alarme quebrou o momento.

As perguntas teriam de esperar.

Bernard atravessou o compartimento num relampejar de tecido escarlate e retirou a sua antiga espada da parede. Rhun pôs-se de pé, surpreso com a ligeireza do seu corpo depois de beber o sangue, como se pudesse voar. Apertou com mais força a sua própria arma.

Assentiu para Bernard, confirmando que se sentia suficientemente bem para lutar, e partiram rapidamente. Percorreram os reluzentes corredores de madeira dos aposentos papais, transpuseram as portas de bronze e saíram para a praça.

Para evitar os olhares de um punhado de pessoas que circulavam pelo espaço aberto, Rhun seguiu Bernard para o refúgio umbroso da colunata de Bernini que ladeava a praça. As enormes colunas toscanas, em quatro fiadas, deveriam manter oculta a sua veloz passagem sobrenatural. Bernard juntou-se a um contingente de outros sanguinistas que esperavam o cardeal nas sombras. Em grupo, apressaram-se ao longo do curso da colunata em direção à entrada da Cidade Santa.

Uma vez alcançada a baixa vedação que separava a cidade-estado do Vaticano da Roma propriamente dita, os olhos de Rhun perscrutaram os telhados mais próximos. Recordou a visão partilhada que tivera com Elisabeta, dela a saltar de telhado em telhado.

O som furioso de uma buzina de automóvel chamou-lhe a atenção para baixo, para a rua de pedra que conduzia ao lugar.

A uns cinquenta metros dali, o pequeno vulto de uma mulher corria pelo centro da Via della Conciliazione, coxeando sobre uma perna. Embora o cabelo fosse mais curto, ele não teve dificuldade em reconhecer Elisabeta. Um carro branco guinou para a evitar.

Ela não lhe prestou atenção, determinada em chegar à Praça de São Pedro.

Atrás dela, uma dezena de *strigoi* corria e saltava a toda a velocidade.

Queria irromper da colunata e correr para ela, mas Bernard colocou-lhe uma mão firme no braço.

– Espere – avisou o cardeal, como que lendo os seus pensamentos. – Há humanos na rua e naquelas casas. Verão a batalha e saberão. Temos milénios de sigilo a proteger. Deixe que a batalha venha até nós.

Enquanto observava, Rhun reconheceu a dor nos lábios comprimidos de Elisabeta, os olhares receosos que lançava para trás. Recordou-se do mesmo pânico ao ver pelos olhos dela.

Ela não está a *conduzir* a matilha – está a tentar *escapar-lhe*.

Apesar de tudo o que ela lhe fizera e aos inocentes da cidade, uma vontade impulsiva de a proteger brotou no seu íntimo. Os dedos de Bernard fincaram-se no seu ombro, talvez sentindo-o tender para diante, pronto a lançar-se em sua defesa.

Por fim, Elisabeta chegou ao fundo da rua. Os outros *strigoi* estavam quase sobre ela. Sem abrandar, saltou o muro que marcava os limites da Cidade do Vaticano e aterrou, meio encolhida, encarando a ameaçadora matilha.

Escarneceu, expondo as presas e disse, em tom de provocação:

– Sigam-me, se ousarem.

A matilha estacou repentinamente atrás da vedação. Alguns deram um passo cauteloso adiante, depois de novo atrás, sentindo a debilitante sacralidade do solo consagrado do outro lado. Queriam-na, mas ousariam entrar na Cidade do Vaticano para a ter?

O solo sagrado não era tudo o que tinham a temer.

A força sanguinista esperava de cada lado de Rhun e Bernard, imóveis como estátuas entre as colunas. Se os *strigoi* entrassem na cidade, as bestas seriam arrastadas para essa escura floresta de pedra e chacinadas.

Elisabeta recuou da vedação, mas colocou demasiado peso sobre a perna magoada e o tornozelo cedeu, por fim, fazendo-a tombar no pavimento.

O sinal de fraqueza foi demasiado para os *strigoi* resistirem. Como leões a atacarem uma gazela ferida, a matilha precipitou-se para diante.

Rhun libertou-se da prisão de Bernard e irrompeu pelo espaço aberto. Voou em direção a Elisabeta, tão criatura de instinto quanto os *strigoi*. Alcançou-a, ao mesmo tempo que o líder da matilha, uma figura imensa de grossos músculos e tatuagens negras azuladas, saltou a vedação e aterrou do outro lado da condessa, revelando os dentes.

Mais *strigoi* seguiram-lhe o exemplo, voando sobre o muro.

Rhun agarrou-a pelo braço e recuou em direção à colunata, arrastando-a, na esperança de atrair a matilha para a floresta de pedra.

O líder gritou uma ordem e uma besta zelosa avançou prontamente.

Oscilando um dos braços, Rhun atirou Elisabeta como uma boneca de trapos para a colunata e desferiu a sua *karambit*. A lâmina de prata cortou o ar – e depois a carne. A jovem criatura selvática caiu para trás, agarrando a garganta, enquanto ar e sangue borbulhavam para fora do pescoço decepado.

Outros *strigoi* precipitaram-se para a frente, enquanto Rhun recuava – para se depararem com Bernard e os outros sanguinistas no limite da colunata.

Uma breve batalha grassou por entre as colunas. Mas com a matilha apanhada de surpresa e enfraquecida pelo solo sagrado, foi uma chacina. Alguns escaparam, saltando a vedação e dispersando-se pelas ruas como vermes, fugindo da luta e do sol.

Rhun viu-se confrontado com o corpulento líder. No seu peito nu, tinha tatuada uma pintura de Hieronymus Bosch, um cenário infernal de morte e castigo, que ganhava vida com a agitação dos seus músculos ao erguer a pesada lâmina.

A lâmina de Rhun parecia desprezivelmente pequena comparada com aquela extensão de aço.

Como se o soubesse, o despeito gerou um brilho perverso nos olhos escuros do outro. Lançou-se sobre Rhun, desferindo a espada sobre a cabeça deste, disposto a rachá-la em duas.

Mas a sacralidade abrandou o ataque do *strigoi*, dando a Rhun tempo de mergulhar na guarda do outro. Virou o gancho da sua *karambit* para cima e penetrou o ventre do adversário. Rasgando mais, cortou a grotesca tela a meio e lançou o corpo para longe.

O vulto estripado tombou para o limite das colunas, um dos braços estendendo-se para a luz – a *luz do sol*. O membro irrompeu em chamas. Um outro sanguinista ajudou Rhun a puxar o corpo de volta às sombras e estancou as chamas, antes que o fogo atraísse atenções indesejadas.

Alguns rostos voltaram-se na direção das sombras, mas a maioria permanecia alheada da brusca e mortal batalha no interior da colunata. Enquanto Rhun fitava a luz do sol a clarear a praça, o medo apoderou-se dele.

“*Elisabeta...*”

Voltou-se, descobrindo Bernard sobre o seu vulto encolhido e com o rosto contra o chão. Sentia certamente o esplendor do novo dia, sentia o seu ardor. Por agora, a sua única segurança residia no abrigo sombrio da colunata. Sair dali seria a morte.

Bernard agarrou-a pelo ombro, pronto a lançá-la para a praça, para enfrentar o julgamento do novo dia. Os sanguinistas reuniam-se à sua volta, a tresandar a vinho e a incenso. Nenhum deles impediria o cardeal se ele decidisse matá-la. Ela conduzira *strigoi* até à cidade mais sagrada da Europa.

Bernard enterrou uma mão no seu cabelo curto, puxou-lhe a cabeça para trás e encostou a lâmina ao seu pescoço macio e pálido.

– Não! – gritou Rhun, precipitando-se para a frente, empurrando os outros.

Mas não foi o seu grito que deteve a espada do cardeal.

O choque paralisou Bernard – além de o ter mergulhado na mais profunda incredulidade.

Fitava o rosto da mulher, como se fosse um fantasma.

“Não podia ser ela.”

Devia ser uma ilusão de luz e sombra, a sua mente entregando-se à fantasia, um *strigoi* com uma aparência inquietante. Contudo, reconhecia-lhe os olhos argênteos, o tom negro do seu cabelo, até mesmo a expressão indignada e altiva, quando a lâmina se encostou à sua garganta macia, como se o desafiasse a tomar-lhe a vida.

“A condessa Elizabeth Bathory de Ecsed.”

Mas ela morrerá há séculos. Bernard vira-a aprisionada no seu castelo. Até a visitara aí uma vez, tivera pena dela, a culta e nobre senhora aviltada pelos desejos ignóbeis de Rhun.

Mas Bernard carregava culpa idêntica por esse crime. Séculos antes, empurrara a mulher para aquele destino cruel, quando juntara Rhun e a condessa, tentando impor a sua vontade à profecia divina. Depois disso, Bernard implorara para ser ele a pôr fim à vida dela, para poupar Rhun de o fazer, sabendo quanto este a amara, o quanto se apaixonara por ela. Mas o papa considerara parte da penitência de Rhun acabar com a vida sobrenatural da mulher, matar o monstro que ele próprio criara.

Bernard ficara inquieto quando Rhun voltara da Hungria. Rhun afirmara que o tinha feito, que a condessa fora afastada deste mundo. Bernard depreendera que ela estava morta, não guardada como uma boneca numa gaveta. Ao mesmo tempo, como penitência adicional, Rhun condenara-se à fome durante anos, mortificara-se durante décadas, isolando-se do mundo mortal.

Mas, claramente, não a matara.

“O que fizeste, meu filho? Que mais pecados cometeste em nome do amor?”

À medida que o horror se dissipava, um outro entendimento ganhou forma, um entendimento cheio de promessa.

Por Rhun a ter poupado, a linhagem Bathory não estava extinta – como Bernard desesperara naqueles últimos meses. Ponderou o que aquilo implicava.

“Será um sinal de Deus?”

“Terá a vontade de Deus agido por intermédio de Rhun, preservando a condessa para aquela nova missão?”

Pela primeira vez desde que o Evangelho de Sangue anunciara a sua mensagem, lançando a dúvida sobre o papel da doutora Erin Granger como a Mulher Sábia, a esperança apoderou-se de Bernard.

A condessa Bathory ainda podia salvá-los a todos.

Bernard fixou o seu belo rosto deslumbrado, ainda sem acreditar naquele milagre, naquela súbita viragem da sorte. Agarrou-lhe o cabelo mais firmemente, recusando-se a perder aquela esperança.

Não podiam deixá-la escapar.

Rhun surgiu ao seu lado, algo vacilante, claramente sucumbindo de novo ao estado enfraquecido. Mesmo aquela breve batalha apagara o fogo que o sangue avivara no seu íntimo.

Contudo...

– Prendam-no – ordenou Bernard aos outros, receando o que Rhun podia fazer. Naquele momento, ele não conhecia o coração do amigo. Matá-la-ia, salvá-la-ia ou tentaria fugir com ela em desgraça?

“Não sei.”

Tudo o que sabia ao certo era que tinha de proteger aquela mulher maldita, com todas as forças que pudesse reunir.

Precisava dela.

O mundo precisava dela.

A condessa deve ter lido essa certeza nos seus olhos. Os seus lábios perfeitos curvaram-se num sorriso ardiloso e mesquinho.

“Que Deus nos ajude se eu estiver errado.”



SEGUNDA PARTE

*«Porque eles derramaram o sangue dos santos e dos profetas,
também lhes deste sangue a beber; disso são merecedores.»*

– APOCALIPSE 16: 6

CAPÍTULO 12

19 de dezembro, 10h11, CET
Roma, Itália

Erin partilhava o banco de trás do *Fiat* vermelho com Jordan. Christian ia sentado à frente com o motorista. O sanguinista tinha a cabeça fora da janela aberta e falava com um guarda suíço de uniforme azul-escuro e boné. O jovem carregava uma espingarda automática ao ombro, guardando o Portão de Santa Ana, uma das entradas da Cidade do Vaticano.

Por norma, os guardas ali não andavam abertamente armados.

“Então, porquê a segurança reforçada?”

O guarda anuiu, deu um passo atrás e fez sinal para o carro avançar.

Christian sussurrou para o motorista e entraram na Cidade Santa, passando pela arcada de ferro de um verde acinzentado. Uma vez em movimento, Christian voltou a aproximar o telemóvel do ouvido, onde estivera colado desde que o voo fretado aterrara no pequeno aeroporto de Ciampino, em Roma. O motorista aguardava-os num *Fiat* descaracterizado e em minutos fê-los chegar aos portões da Cidade do Vaticano.

Jordan segurava a mão de Erin no banco de trás, olhando para o exterior, enquanto o carro passava pelo banco do Vaticano e pela estação dos correios, contornando por trás a grande Basílica de São Pedro.

Ela estudou os edifícios antigos, imaginando os segredos escondidos para lá das resplandecentes paredes de estuque. Enquanto arqueóloga, desvendava a verdade camada a camada, mas a descoberta da existência de

strigoi e sanguinistas ensinara-lhe que a história tinha camadas ainda mais profundas do que alguma vez pensara.

Mas uma pergunta ocupava um lugar de destaque na sua mente.

Jordan expressou-a.

– Onde nos leva Christian?

Ela estava igualmente curiosa. Pensara que se dirigiriam diretamente aos aposentos papais para se encontrarem com o cardeal Bernard no seu gabinete, mas em vez disso o veículo seguiu para mais longe, para os terrenos por trás da basílica.

Erin inclinou-se para diante, interrompendo Christian ao telefone. Estava demasiado cansada para mostrar cortesia e irritada por todos os subterfúgios seguidos para chegar ali.

– Para onde vamos? – perguntou, tocando no ombro do sanguinista.

– Estamos quase lá.

– Lá, onde? – insistiu ela.

Christian apontou o telefone em diante.

Erin baixou-se mais para estudar a aproximação a um edifício de mármore branco italiano com telhado de telha vermelha. Uma série de carris por detrás do edifício revelaram a função da estrutura.

Era a Stazione Vaticano, a única estação ferroviária na linha que servia o Vaticano. Fora construída durante o papado de Pio XI, no início da década de 1930. Atualmente, era sobretudo usada para o transporte de mercadorias, embora os últimos papas tivessem realizado algumas viagens cerimoniais a partir dali, a bordo de um comboio papal especial.

Erin viu esse mesmo comboio atualmente parado naquelas linhas.

Três carruagens verde-escuras alinhavam-se atrás de uma antiga máquina preta que soprava fumo. Noutra altura, teria ficado entusiasmada com a visão, mas naquele instante tinha uma preocupação mais premente: o destino de Rhun. Durante a viagem até ali, não tivera mais visões e receava o que isso significaria em relação a Rhun.

O *Fiat* foi direito à plataforma e estacou. Christian saltou para fora do carro, arrastando Jordan e Erin consigo. Com o telefone de volta ao ouvido, Christian conduziu-os à plataforma. O sanguinista trocara o uniforme militar esfarrapado por uma camisa de padre e calças pretas. O traje assentava-lhe melhor.

Ao chegar ao comboio, baixou o telefone e apontou para a carruagem do meio com um sorriso travesso.

– Todos a bordo!

Erin olhou para trás, para a cúpula da basílica.

– Não compreendo. Vamos já partir? E Rhun?

O esguio sanguinista encolheu os ombros.

– Neste momento, sei tanto quanto vocês. O cardeal pediu-me para os trazer até aqui e embarcá-los. Está previsto partir assim que embarcarmos.

Jordan pousou-lhe a mão quente no fundo das costas. Ela apoiou-se nela, grata pelo toque do que era familiar, compreensível.

– Que mais esperavas de Bernard? – disse ele. – Se procurares *necessidade de saber* no dicionário, encontrarás o seu rosto sorridente. O tipo adora os seus segredos.

“E os segredos matavam pessoas.”

Erin tateou a pequena esfera de âmbar no bolso das suas calças, recordando o sorriso hesitante de Amy sob o sol do deserto.

– Por agora – prosseguiu Jordan – mais vale fazermos o que o cardeal nos pede. Podemos sempre vir embora, se não gostarmos do que ele tem para nos dizer.

Ela assentiu. Jordan conseguia sempre apontar o caminho mais prático. Beijou-o na face, a barba parecendo-lhe áspera junto aos lábios, terminando com um beijo suave na boca.

Christian aproximou-se da porta e abriu-a.

– Para evitar atenções indesejadas, o Vaticano divulgou a história de que o comboio vai ser transferido para um estaleiro de manutenção fora de

Roma. Mas quanto mais depressa partirmos, mais feliz ficarei.

Sem outra escolha, Erin subiu os degraus de metal, seguida por Jordan. Entrou numa sumptuosa carruagem-restaurante. As cortinas de veludo dourado estavam apanhadas ao lado de cada janela e o compartimento resplandecia à luz da manhã – desde o teto amarelo leitoso até à rica carpintaria de carvalho. O ar cheirava ao limão do polimento e a madeira antiga.

Jordan assobiou.

– Parece que o papa sabe viajar. A única coisa que poderia melhorar o cenário, seria uma cafeteira a fumar numa dessas mesas.

– Concordo plenamente – disse Erin.

– Sentem-se – disse Christian, passando por eles e apontando para a mesa preparada. – Vou tratar da concretização dos vossos desejos.

Enquanto se dirigia para a carruagem da frente, Erin descobriu um lugar banhado de sol e sentou-se, apreciando o calor depois da corrida pela cidade fria. Percorreu com um dedo a toalha de mesa de linho branco. Estavam postos quatro lugares, com baixela de prata e fina porcelana decorada com o selo papal.

Jordan alisou o uniforme azul, tentando parecer apresentável, enquanto tomava lugar ao lado dela. Contudo, ela percebeu a dureza na sua expressão ao olhar para fora da janela, constantemente à espreita do perigo, embora tentasse não o mostrar.

Por fim, aquietou-se.

– Espero que a comida aqui seja melhor do que naquele lugar *hippie* onde o Christian nos levou em São Francisco. Comida vegetariana? A sério? Eu sou do tipo de bife com batatas fritas. E, no meu caso particular, mais inclinado para o lado *carnívoro* da equação.

– Estamos em Itália. Algo me diz que poderás ter sorte com a comida.

– Terá com certeza! – bradou uma nova voz atrás deles, da porta de ligação à carruagem da frente.

Sobressaltado, Jordan esteve a ponto de irromper do lugar e desferir um golpe para trás, mas até ele reconheceu o ligeiro sotaque alemão naquelas poucas palavras.

– Irmão Leopold! – exclamou Erin, encantada por ver o monge, para além da bandeja que este trazia com um serviço de café.

Não voltara a ver o monge alemão desde o dia em que ele lhe salvara a vida. Parecia igual – com os seus óculos de armação metálica, o singelo hábito castanho e o sorriso de garoto.

– Nada temam. O pequeno-almoço será servido dentro de instantes. – Leopold ergueu a bandeja. – Mas, antes de mais, Christian referiu que estavam ambos desesperados por uma dose de cafeína depois da vossa longa viagem.

– Se define *dose* como uma cafeteira cheia de café, está bem certo. – Jordan sorriu. – É bom voltar a vê-lo, Leopold.

– Igualmente.

O monge apressou-se para junto deles e encheu as chávenas de porcelana com uma mistura fumegante de café torrado escuro. O comboio pusera-se lentamente em movimento, o ruído dos motores a intensificar-se.

Christian reapareceu e sentou-se no lugar em frente a Erin, fixando intencionalmente a chávena fumegante que ela segurava nas mãos.

Familiarizada com a sua rotina, ela passou-lhe a chávena de porcelana branca. Ele levou-a ao nariz, fechou os olhos e inspirou profundamente a espiral de fumo. Uma expressão de contentamento atravessou-lhe o rosto.

– Obrigado – disse ele, devolvendo-lhe a chávena.

Como jovem sanguinista que era, não estava assim tão distanciado dos simples prazeres humanos, como o café. Ela apreciava isso.

– Novidades? – perguntou-lhe Jordan. – Como o local para onde vamos?

– Foi-me dito que uma vez fora de Roma, saberemos mais. Entretanto, o melhor é saborear a calma.

– Como a que *antecede a tormenta*? – inquiriu Erin.

Christian riu-se.

– Muito provavelmente.

Jordan pareceu suficientemente satisfeito com a resposta. Durante a viagem até ali, ele e Christian tinham-se tornado rapidamente amigos; inusitado, tendo em conta a antipatia e desconfiança de Jordan pelos sanguinistas, depois de Rhun a ter mordido.

À medida que a fila de carruagens saía lentamente da estação, o comboio dirigiu-se para um par de portas de aço, que bloqueavam a via a umas centenas de metros adiante, cravadas nos maciços muros que circundavam a Cidade Santa. O portão ostentava rebites e pregos, parecendo destinado a guardar um castelo medieval.

Um silvo de comboio soou e as portas abriram-se pesadamente, deslizando de encontro ao muro de tijolo. O portão marcava a fronteira entre a Cidade do Vaticano e Roma.

Passando pela arcada sob uma cobertura de fumo, o comboio ganhou velocidade e entrou em Roma. Atravessou a cidade como qualquer comboio comum – só que aquele era composto por apenas três carruagens: a locomotiva à frente, o vagão-restaurant a meio e um terceiro compartimento atrás. Do exterior, a última carruagem parecia igual às restantes, mas as cortinas tinham sido corridas e uma sólida porta de metal separava esta carruagem da sua.

Enquanto a olhava, agora, tentava ignorar o medo crescente que lhe apertava o estômago.

“O que estaria ali?”

– Ah – exclamou o irmão Leopold, chamando a sua atenção. – Conforme prometido... o pequeno-almoço.

Da locomotiva, emergiu uma nova figura tão familiar quanto Leopold, embora não tão bem-vinda.

O padre Ambrose – assistente do cardeal Bernard – entrou vindo da locomotiva, com um tabuleiro de omeletas, brioques, manteiga e compota.

A cara redonda do sacerdote parecia mais corada do que o habitual, humedecida pelo suor ou talvez pelo vapor da cozinha. Não parecia feliz com o seu papel de empregado de mesa.

– Bom dia, padre Ambrose – exclamou Erin. – Que bom voltar a vê-lo.

Fez os possíveis por parecer sincera.

Ambrose nem se deu ao trabalho.

– Doutora Granger, sargento Stone – disse com indiferença, inclinando a cabeça ligeiramente para cada um deles.

O sacerdote deixou a comida e regressou à locomotiva.

Claramente, não estava interessado em conversar.

Ela perguntou-se se a sua presença indicaria que o cardeal Bernard já estava a bordo. Olhou de novo para a porta de aço que conduzia à carruagem seguinte.

Ao seu lado, Jordan atirava-se à omeleta, como se não fosse voltar a ver comida nos próximos dias – o que, considerando as experiências passadas com sanguinistas, podia ser verdade.

Seguindo-lhe o exemplo, ela espalhou compota numa metade de brioche.

Christian observava tudo, transpirando inveja.

Quando os pratos ficaram vazios, o comboio tinha serpenteado para fora de Roma e parecia dirigir-se para sul.

A mão de Jordan encontrou de novo a sua por baixo da mesa. Ela fez correr as pontas dos dedos pela palma da mão dele, apreciando o sorriso que isso provocou. Por muito que a ideia de uma relação a assustasse, por ele estava pronta a correr o risco.

Mas uma certa estranheza permanecia entre eles. Por muito que se esforçasse por o impedir, o seu pensamento voltava frequentemente ao momento em que Rhun a mordera. Nenhum homem mortal alguma vez a fizera sentir assim. Mas o ato nada significara, uma mera necessidade. Perguntava-se se essa felicidade profunda seria um artifício dos *strigoi* para desarmar as suas vítimas, torná-las fracas e impotentes.

Os seus dedos viram-se a tocar instintivamente as marcas no pescoço.

Queria perguntar a alguém. Mas a quem? A Jordan não, certamente. Ponderara perguntar a Christian, indagar como tinha sido para ele quando fora mordido pela primeira vez. No restaurante em São Francisco, ele parecera pressentir aqueles pensamentos, mas ela recusava-se discutir uma experiência tão erótica com qualquer homem, sobretudo um padre.

Porém, nem toda a hesitação era embaraço.

Ela sabia que parte de si não queria conhecer a verdade.

E se o sentimento de ligação que experimentara não fosse simplesmente um mecanismo para aquietar a presa? E se fosse outra coisa?

10h47

Rhun acordou com uma sensação de terror e pânico. Os braços lançaram-se para cima e para os lados, esperando sentir as paredes de pedra a enclausurá-lo.

As memórias voltaram.

“Estava livre.”

Enquanto escutava o estalo das rodas de aço sobre os carris, recordou-se da batalha nos limites da Cidade Santa. Sofrera ferimentos menores, mas, pior que tudo, a luta esgotara-lhe os últimos resquícios de força, devolvendo-o a um estado enfraquecido. O cardeal Bernard insistira para que descansasse, enquanto esperavam pela chegada de Erin e Jordan.

Mesmo agora, conseguia ouvir o bater surdo de corações humanos, a cadência do seu pulsar tão familiar aos seus ouvidos apurados como qualquer melodia. Correu as mãos pelo corpo. Vestia roupa seca, livre do

odor a vinho apodrecido. Levantou-se devagar, testando cada vértebra enquanto o fazia.

– Cuidado, meu filho – disse Bernard da escuridão da carruagem. – Ainda não estás totalmente recuperado.

À medida que a visão de Rhun se ajustava e focava, reconheceu a carruagem-cama do comboio papal, equipada com uma cama de casal sobre a qual descansara. Havia também uma pequena secretária e um par de cadeirões de seda a ladear um sofá.

Detetou uma figura familiar atrás de Bernard, à sua cabeceira. Ela envergava uma armadura de couro justa e um cinto de corrente em prata. O cabelo preto estava puxado para trás numa trança, revelando as linhas severas do seu rosto tisonado.

– Nadia? – Crocitou ele.

Quando chegara ela?

– Bem-vindo de volta ao mundo dos vivos – disse Nadia com um sorriso malicioso. – Ou o mais próximo dos *vivos* que um sanguinista pode chegar.

Rhun tocou a fronte.

– Há quanto...?

Foi interrompido pela última figura que havia naquele espaço. Alongava-se no sofá, com uma perna estendida para cima, provida de uma tala. Recordou o seu coxear pela rua de pedra, ao fugir em direção à Cidade Santa.

– *Helló, az én szeretett* – disse Elisabeta, falando húngaro, cada sílaba tão familiar como se a tivesse ouvido no dia anterior e não há centenas de anos.

“*Olá, meu querido.*”

Não havia calor nas suas palavras, apenas desdém.

Elisabeta mudou para o italiano, embora o dialeto fosse também antigo.

– Espero que não tenhas achado a tua breve estadia na minha prisão demasiado opressiva. Mas enfim, acabaste com a minha vida, destruístes a

minha alma e depois roubaste-me quatrocentos anos.

Os seus olhos argênteos fitavam-no na escuridão.

– Como tal, duvido que tenhas sido punido o suficiente.

Cada palavra dilacerava-o com a sua verdade. Ele fizera-lhe tudo aquilo, a uma mulher que em tempos amara – que ainda amava, ainda que talvez apenas a memória do seu antigo ser. Procurou a cruz peitoral, descobriu uma nova pendente do seu pescoço e rogou por perdão por esses pecados.

– Cristo tem sido de algum conforto nestas últimas centenas de anos? – inquiriu ela. – Não pareces mais feliz do que no meu castelo, há séculos.

– É meu dever servi-Lo, como sempre foi.

Um dos cantos da boca dela torceu-se num meio sorriso.

– Dás-me a resposta politicamente correta, padre Korza. Contudo, não prometemos em tempos dizer a verdade um ao outro? Não me deves ao menos isso?

Devia-lhe muito mais.

Nadia fitou Elisabeta com uma irritação não disfarçada.

– Não esqueça que ela o deixou naquele caixão para sofrer e morrer. Nem todas as mulheres que ela matou nas ruas de Roma.

– É essa a sua natureza, agora – retorquiu ele.

“Eu tornei-a assim.”

Ele pervertera-a. Todos os crimes dela pesavam na sua consciência – no passado e no presente.

– Podemos controlar a nossa natureza – contrapôs Nadia, tocando a delicada cruz de prata ao seu pescoço. – Eu controlo a minha todos os dias. Você também. Ela é perfeitamente capaz de fazer o mesmo, mas escolhe não o fazer.

– Eu nunca mudarei – prometeu Elisabeta. – Devias ter-me matado no castelo.

– Foi o que me ordenaram – disse-lhe Rhun. – Foi a misericórdia que me levou a esconder-te.

– Confio pouco na tua misericórdia.

Ela agitou-se no assento, erguendo as mãos juntas para afastar uma madeixa de cabelo da testa, antes de voltar a pousá-las sobre o colo. Ele viu que ela estava algemada.

– Basta. – Bernard gesticulou para Nadia.

Aproximou-se mais do sofá e pôs Elisabeta de pé sem grande delicadeza. Nadia manteve-a firmemente agarrada. Não subestimaria Elisabeta como ele fizera, quando a retirara do vinho.

A condessa simplesmente sorriu, mostrando as algemas a Rhun.

– Acorrentada como um animal – disse ela. – Foi ao que me levou o teu amor.

10h55

Leopold começou numa ponta da carruagem-restaurante, avançando até ao outro extremo. Fez o que lhe ordenaram, correndo cada par de cortinas, juntando cuidadosamente os panos até não passar qualquer fração de luz.

A carruagem escureceu, a única iluminação vinda das lâmpadas elétricas no teto. Deteve-se à porta da carruagem seguinte.

Os dois corações humanos batiam mais forte. Sentiu a ansiedade que deles se desprendia como vapor. Uma pontada de piedade tremulou por ele.

– O que está a fazer? – perguntou Erin, mas ela não era ingénua. Pela forma como olhava da porta de aço para as cortinas corridas, já devia pressentir que algo de perigoso estava prestes a ser trazido para ali.

– Está perfeitamente a salvo – garantiu-lhe Leopold.

– Para o Diabo com isso! – praguejou Jordan.

O soldado estendeu a mão para a cortina ao lado de Erin e voltou a abri-la de um sacão. A luz do sol derramou-se no interior, banhando-a.

Leopold fitou Erin no meio daquele lago de luz solar, tentando decidir se devia voltar atrás e correr a cortina. Mas pela expressão de Jordan, decidiu não o fazer. Em vez disso, bateu repetidamente na espessa porta de aço, alertando quem estava no interior de que tudo estava pronto.

Christian levantou-se, como que preparando-se para o confronto, posicionando-se entre Erin e a porta, meio nas sombras, meio na luz.

A porta abriu-se e o cardeal Bernard entrou primeiro na carruagem, usando as suas vestes escarlates. Olhou ora para Erin ora para Jordan.

– Antes de mais, permitam que me desculpe por medidas tão clandestinas, mas depois de tudo o que aconteceu – aqui e na Califórnia – achei mais prudente ser cauteloso.

Nenhum dos dois humanos pareceu muito satisfeito com a explicação, visivelmente desconfiados, mas permaneceram educadamente em silêncio.

Aquele quadro de estranheza foi interrompido quando a porta da locomotiva, no outro extremo da carruagem, se abriu e o padre Ambrose surgiu. Limpou as mãos a um pano da louça e entrou sem ser convidado. Devia ter ouvido a voz de Bernard e vindo oferecer assistência ao cardeal – e espiar a discussão.

Bernard cruzou a carruagem em passos largos. O cardeal pegou na mão de Erin com ambas as mãos, depois na de Jordan.

– Parecem ambos bem.

– O senhor também.

Erin tentou sorrir, mas Leopold podia ler a inquietação no rosto dela.

– Há notícias do paradeiro de Rhun?

A esperança era visível. Ela importava-se genuinamente com ele.

Leopold endureceu o coração contra a culpa que crescia dentro de si. Gostava daqueles dois humanos, admirava a sua vivacidade e inteligência, mas lembrou-se pela milésima vez de que a sua traição servia um

propósito maior. Esse conhecimento não tornava os seus atos desleais mais fáceis.

– Explicarei tudo na altura devida – prometeu Bernard. O seu olhar voltou-se para o assistente. – É tudo, padre Ambrose.

Com um suspiro de irritação, o assistente retirou-se de volta à locomotiva, mas Leopold não tinha dúvidas de que o anguloso padre manteria um ouvido colado à porta, atento a cada palavra dita. Não estava disposto a ser deixado no escuro.

“Mas eu também não.”

Recordou a promessa ao *Damnatus*, sentiu de novo o toque da terrível traça no seu ombro, o agitar das asas contra o seu pescoço.

“Não lhe posso falhar.”

CAPÍTULO 13

19 de dezembro, 11h04, CET
Sul de Roma, Itália

Logo que o padre Ambrose saiu, o cardeal Bernard gesticulou para as sombras para lá da porta de aço aberta.

Erin ficou tensa, os seus dedos fincaram-se na mão de Jordan. De súbito, sentiu-se imensamente feliz por Jordan ter aberto a cortina. Porém, apesar da torrente de luz solar, sentiu-se a gelar.

Da escuridão, um sacerdote vestido de preto entrou na carruagem iluminada. Era esqueleticamente magro, com uma descarnada mão pálida a segurar o bordo do capuz contra a claridade. Movia-se com passos vacilantes, mas persistia nele uma certa graça, uma familiaridade nos gestos.

Então, deixou cair a mão e revelou o rosto. O cabelo negro corredio pendia-lhe sobre os olhos escuros e fundos. A pele estava esticada sobre os largos ossos malares e os lábios pareciam emagrecidos, exangues.

Lembrou-se de beijar esses lábios quando eram mais cheios.

– Rhun...

O choque fê-la erguer-se. Ele parecia ter envelhecido vários anos.

Jordan levantou-se e manteve-se ao lado dela.

Rhun fez sinal a todos para que se sentassem. Depois coxeou, assistido por Bernard, e deixou-se cair pesadamente no lugar vago ao lado de Christian. Erin notou que ele se mantinha afastado da luz mais forte.

Embora os sanguinistas conseguissem tolerar a luz do sol, esta enfraquecia-os e Rhun tinha, claramente, poucas reservas para dispensar.

Do outro lado da mesa, olhos familiares fixaram-se nos dela. Viu neles exaustão, a par de uma certa mágoa.

Rhun falou, com voz fraca:

– Soube pelo cardeal Bernard que acabámos por estabelecer uma ligação de sangue. Peço desculpa por todo o sofrimento que possa ter-lhe causado.

– Está tudo bem, Rhun – asseverou ela. – Eu estou bem. Mas você...

Os seus lábios descorados ergueram-se numa espectral tentativa de sorriso.

– Já me senti mais vigoroso do que agora, mas com a ajuda de Cristo, em breve recuperarei todas as forças.

Jordan agarrou na mão dela por cima da mesa, tornando clara a sua reivindicação sobre ela. Fixou Rhun, sem mostrar piedade. Em vez disso, voltou-se para Bernard, que estava de pé ao lado da mesa.

– Cardeal, se sabia que Rhun estava desaparecido há tantas semanas, porque esperou tanto para nos contactar? Podia ter dito alguma coisa, antes de ele chegar a este estado deplorável.

O cardeal entrelaçou os dedos enluvados.

– Até há poucas horas, eu não sabia do obscuro ato cometido contra a doutora Granger nos túneis sob São Pedro. Não podia saber de nenhuma ligação entre ele e Erin. Mas as ações de Rhun ofereceram esperança ao mundo.

Rhun baixou o olhar para a mesa, parecendo *mortificado*.

“Do que estava o cardeal a falar?”

Bernard ergueu os braços para abarcar o comboio.

– Com todos os que estão aqui reunidos, a profetizada trindade, podemos agora buscar o Primeiro Anjo.

Jordan olhou em volta para a mesa.

– Por outras palavras, o bando está junto de novo. O Cavaleiro de Cristo, o Homem Guerreiro e a Mulher Sábia.

À menção do último dos três, apertou os dedos de Erin.

Ela soltou a mão.

– Não necessariamente – recordou Erin a todos.

Ouviu o disparo da pistola na sua mente, visualizou Bathory Darabont a sucumbir naquele túnel.

“Eu assassinei a última da linhagem Bathory.”

Rhun fitou-a.

– Nós os três já conseguimos muito.

Nisso, Jordan pareceu de acordo.

– É uma certeza danada.

Podiam ter razão, mas era a parte *danada* que a inquietava.

11h15

O comboio abrandou e mudou de linha, continuando a sua viagem para sul.

Jordan olhou para fora da janela, procurando adivinhar o destino. Bernard ainda não lhes dissera. Em vez disso, o cardeal desaparecera de novo na última carruagem, deixando-os com os seus próprios pensamentos, a digerir tudo o que tinha acontecido.

E era muito para digerir.

Um retinir de metal chamou a sua atenção de volta à entrada escurecida. Bernard voltou a emergir, com duas mulheres no encalço.

A primeira era alta, uma sanguinista de cabelo e olhos negros. Reconheceu imediatamente Nadia. Observou a armadura de couro e a

extensão de prata que lhe cingia a cintura. Esta última era um chicote de corrente, uma arma que a mulher era extremamente hábil a manobrar. Tinha igualmente uma longa lâmina presa de lado.

Veio-lhe à mente a expressão *vestida para matar*.

A atenção de Nadia mantinha-se focada na segunda mulher.

Não era um bom sinal.

A estranha era mais baixa do que Erin, com cabelo curto e encaracolado cor de ébano. Envergava *jeans* e botas, a da direita rasgada, expondo uma tala na perna, claramente um ferimento recente. Sobre a roupa, tinha aos ombros uma capa pesada e antiquada, que a parecia fazer vergar. As suas pequenas mãos estavam recatadamente entrelaçadas à frente, levando a Jordan mais uns segundos para perceber que estava algemada.

Numa mão enluvada, Nadia segurava uma grossa corrente presa às algemas.

Não corriam riscos com aquela.

“Porque era aquela mulher tão perigosa?”

Quando a prisioneira coxeou para mais perto, Jordan viu-lhe o rosto. Cerrou os maxilares para impedir a boca de se abrir de surpresa.

Uns olhos argênteos encontraram os dele. Examinou a forma daqueles lábios perfeitos, os ossos malares salientes, as madeixas encaracoladas. Se lhe mudasse o tom do cabelo para um ruivo fogo, seria a imagem de Bathory Darabont, a mulher que Erin matara nos túneis sob Roma.

Erin petrificara ao seu lado, reconhecendo igualmente a óbvia semelhança familiar.

– Encontrou outra da linhagem Bathory – disse Erin.

– Sim – confirmou o cardeal.

Jordan resmoneou interiormente.

“Como se a última não tivesse dado problemas suficientes.”

– E é uma *strigoi* – acrescentou Erin.

Jordan vacilou de surpresa, subitamente entendendo a necessidade da apertada vigilância, das cortinas corridas. Devia tê-lo reconhecido por si mesmo.

A mulher fitou Erin com um olhar frio, de rejeição, depois voltou-se para o cardeal. Falou-lhe em latim, mas num sotaque que parecia eslavo, semelhante ao de Rhun quando se exaltava.

Jordan observou a prisioneira com um novo olhar, avaliando o grau de ameaça, calculando as contingências para o caso de aquele monstro se libertar dos seus captores.

Quando a mulher terminou, Bernard instou:

– É melhor que fale em inglês. Tudo correrá mais facilmente.

Ela encolheu os ombros, voltou-se para Rhun e falou em inglês.

– Pareces mais recuperado, meu amor.

“Meu amor? O que significava aquilo?”

Enquanto sacerdote, Rhun não devia ter amantes.

Farejou sumariamente na direção de Erin e Jordan, como se tivessem rastejado para fora de uma sarjeta.

– Tão baixa companhia parece-te adequada.

Rhun não deu qualquer indicação de a ter ouvido.

O cardeal Bernard deu um passo em frente e fez a apresentação formal.

– Esta é a condessa Elizabeth Bathory de Ecsed, viúva do conde Ferenc Nádasdy Bathory de Nádasd et Fogarasföld.

Erin arquejou, atraindo a atenção de Jordan, mas continuou simplesmente a fixar a mulher.

Por seu turno, o cardeal apresentou-os a ambos à condessa. Felizmente, os seus títulos eram mais curtos.

– Permita-me que lhe apresente a doutora Erin Granger e o sargento Jordan Stone.

Erin recuperou a fala.

– Alega que esta é a Elizabeta Bathory? De finais de 1500?

A mulher inclinou a cabeça, como que em reconhecimento da verdade.

Emoções cruzaram o rosto de Erin – um misto de alívio e desilusão. Ambos sabiam como a Igreja estava convicta de que a Mulher Sábia emergiria da linhagem Bathory.

– Não estou a compreender – disse Jordan. – Esta mulher é uma *sanguinista*?

A condessa respondeu:

– Não tenho nada a ver com essa lúgubre ordem. Baseio a minha fé na paixão, não na penitência.

Rhun estremeceu. Jordan recordou a história do sacerdote, de quando era novo na facção sanguinista. Num momento de paixão proibida, Rhun matara Elizabeta Bathory e a única forma de a salvar fora *convertê-la*, torná-la uma *strigoi*. Mas onde estivera aquela mulher nos últimos quatrocentos anos? A Igreja ficara convencida de que a linhagem Bathory se extinguiu com Darabont.

Jordan podia adivinhar a resposta.

“Rhun deve tê-la escondido.”

Parecia que o sacerdote ocultara mais do que apenas o facto de que mordera Erin.

Bernard falou.

– Acredito que aqueles aqui reunidos são a nossa melhor arma na Guerra dos Céus que se anuncia, uma batalha profetizada no Evangelho de Sangue. Aqui reside a única esperança do mundo.

A condessa Bathory soltou uma gargalhada, simultaneamente divertida e amarga.

– Ah, Cardeal! Com a sua paixão pelo dramatismo, ter-se-ia saído melhor como ator num palco maior do que no púlpito.

– Não obstante, acredito ser a verdade.

Ele voltou-se, para confrontar a atitude desagradável da mulher.

– Preferia que o mundo acabasse, condessa Bathory?

– O meu mundo não acabou há muito? – retorquiu esta, fitando Rhun.

Nadia tirou a sua espada da bainha junto à anca.

– Podemos pôr-lhe um fim *permanente*. Depois dos assassínios que cometeu, devia ser executada na hora.

A condessa riu-se de novo, um melodioso som tilintante que arrepiou Jordan.

– Se o cardeal me quisesse verdadeiramente morta, eu seria agora uma pilha de cinzas na praça de São Pedro. Apesar das palavras duras, precisam de mim.

– Basta! – Bernard ergueu as suas mãos com luvas vermelhas.

– A condessa tem um papel a cumprir. Irá encarnar a Mulher Sábia... ou eu próprio a exporei à luz do sol.

11h22

Erin endureceu-se contra o orgulho ferido.

“Era um claro voto de não confiança da parte do cardeal.”

Estaria Bernard assim tão certo da Bathory e tão incerto em relação a ela?

Ela tinha um defensor do seu lado. Jordan deslizou um braço em volta dos seus ombros.

– Para o Diabo com isso! A Erin provou ser *ela* a Mulher Sábia.

– É mesmo? – A condessa Bathory passou a língua rosada pelo lábio superior, revelando as presas brancas e afiadas. – Então, afinal, parece que não sou necessária.

Erin manteve uma expressão neutra. Ao longo dos séculos, mulheres Bathory tinham sido escolhidas entre as várias gerações, treinadas para o

papel de Mulher Sábia. Ela não tinha tal *pedigree*. Embora tivesse feito parte da trindade que recuperara o Evangelho de Sangue, fora Bathory Darabont quem conseguira, de facto, abrir o antigo tomo no altar de São Pedro.

“*Não eu.*”

Bernard apontou uma mão à condessa.

– O que pode explicar a sua presença aqui, senão a concretização da profecia? Uma mulher julgada morta mas ressuscitada por Rhun, o indisputável Cavaleiro de Cristo.

– Que tal um falso juízo? – propôs Christian, colocando-se do lado de Erin. – Ou simples coincidência? Nem tudo é profecia.

Jordan concordou firmemente.

Rhun falou, com a voz áspera.

– Foi o *pecado* que trouxe Elisabeta aqui, não uma profecia.

– Ou talvez a inexperiência em relação ao pecado – contrapôs a condessa, com um sorriso desdenhoso. – Podíamos perder horas a especular sobre *porque* estou aqui. Nada disso superará o facto de eu *estar* aqui. O que desejam de mim e o que me vão dar em paga da colaboração?

– Não é paga suficiente salvar o reino terrestre? – inquiriu Nadia.

– O que devo eu a esse seu *reino terrestre*? – atalhou Bathory, endireitando-se. – Contra a minha vontade, fui dele apartada, arrancada pelos dentes de um dos vossos. Desde então, passei mais tempo aprisionada do que livre. A partir de agora, não farei *nada* de que não tire proveito.

– Não precisamos dela – disse Jordan. – Temos a Erin.

Nadia e Christian assentiram, e ela sentiu-se cheia de gratidão pela confiança.

– Não – disse Bernard firmemente, pondo fim à discussão com a sua dureza. – Precisamos desta mulher.

Erin cerrou os maxilares. Estava de novo a ser posta de lado.

A condessa fitou Bernard.

– Explique-me então esse meu papel, Cardeal. Veremos se poderá comprar a minha ajuda.

Enquanto Bernard explicava a profecia e a Guerra dos Céus que se avizinhava, Erin baixou a mão, em busca da mão quente de Jordan. Ele inclinou a cabeça para a olhar e ela perdeu-se, por um momento, naqueles límpidos olhos azuis, os olhos do Homem Guerreiro. Ele apertou-lhe a mão, fazendo uma promessa silenciosa. O que quer que acontecesse, ela e Jordan estariam nisto juntos.

O cardeal terminou a explicação.

– Estou a ver – disse Bathory. – E que tipo de pagamento posso esperar, se vos ajudar a encontrar esse Primeiro Anjo?

Bernard inclinou a cabeça para a mulher.

– Há muitas recompensas no serviço ao Senhor, condessa Bathory.

– As minhas recompensas no serviço à Igreja foram escassas até agora. – A condessa abanou a cabeça. – A glória de servir não me satisfaz.

Nesse ponto, Erin concordava com Bathory. A condessa recebera indubitavelmente tratamento injusto – tornada *strigoi*, primeiro aprisionada no seu próprio castelo, depois num caixão de vinho por centenas de anos.

Todos os que a mulher conhecera tinham morrido há muito. Tudo o que importara para ela tinha desaparecido.

“À exceção de Rhun.”

– Os meus desejos são da maior simplicidade. – A condessa ergueu um dedo imperioso. – Primeiro, os sanguinistas têm de proteger a minha pessoa para o resto da minha vida sobrenatural. Tanto de outros *strigoi*, como de humanos metediços.

Ergueu outro dedo.

– Segundo, deve ser-me permitido caçar.

Ergueu mais um dedo.

– Terceiro, o meu castelo deve ser-me devolvido.
– Elisabeta – sussurrou Rhun. – Seria um desserviço para a tua alma, se...
– Eu *não tenho* alma! – Afirmou ela com estrépito. – Não te lembras do dia em que a destruístes?

Rhun soltou um suspiro silencioso.

Erin detestava vê-lo tão derrotado. E detestava Bathory por o causar.

– Podemos chegar a um acordo – disse o cardeal. – Se aceitar viver num enclave sanguinista, será protegida de todos os que lhe queiram fazer mal.

– Não me vou deixar aprisionar numa qualquer clausura sanguinista. – A voz da condessa estava carregada de raiva. – Nem por Cristo, nem por homem nenhum.

– Podíamos arranjar-lhe aposentos na própria Cidade do Vaticano – contrapôs Bernard. – E sanguinistas para a proteger quando saísse da Cidade Santa.

– E passar a eternidade na companhia de padres? – escarneceu a condessa. – Certamente não imagina que eu aceitaria tão terrível fado?

Um dos cantos da boca de Christian torceu-se num sorriso, mas Nadia parecia prestes a explodir.

– A Igreja possui outras propriedades. – O cardeal Bernard parecia impassível. – Embora não tão bem defendidas.

– E quanto à caça?

Todos ficaram em silêncio. O comboio chocalhava contra os carris, arrastando todos para sul.

Bernard abanou a cabeça.

– *Não* pode tomar nenhuma vida humana. Se o fizer, seremos forçados a abatê-la como qualquer outro animal.

– Então, como vou sobreviver?

– Temos acesso a sangue humano – disse Bernard. – Fornecer-lhe-emos o suficiente para satisfazer as suas necessidades.

A condessa examinou as mãos algemadas.

– Então, tornar-me-ei prisioneira privilegiada, como foi meu destino em séculos passados?

Erin perguntou-se quanto tempo ela teria ficado encarcerada no seu próprio castelo, antes de Rhun a ter enclausurado num caixão e a levar misteriosamente para Roma. Certamente o tempo suficiente para saber o que significava perder a liberdade.

O cardeal recostou-se.

– Desde que não mate, poderá vaguear pelo mundo, viver a sua vida como bem lhe aprouver.

– Presa à Igreja por proteção. – Ela agitou as correntes que a prendiam. – Para sempre dependente da vossa espécie pelo próprio sangue que sustenta a minha pobre existência.

– Tem uma proposta melhor? – desdenhou Nadia. – O cardeal Bernard oferece-lhe uma vida de facilidade, quando apenas merece a morte.

– Não pode o mesmo ser dito de todos os sanguinistas neste compartimento? – Os seus olhos argênteos fixaram-se em Nadia. – Ou nenhum de vós experimentou o pecado?

– Renunciámos aos nossos pecados – disse Nadia. – Como é também o seu dever.

– Dever?

– Se não concordar, – sublinhou o cardeal, num tom que não permitia argumento – será lançada comboio fora à luz do sol, assumindo tratar-se da vontade de Deus.

Os olhos da condessa fecharam-se sobre o rosto do cardeal durante um longo momento.

Ninguém na carruagem falou ou se moveu.

– Muito bem – disse a condessa. – Aceito as suas graciosas condições.

– Se ela pode estipular condições – falou Jordan – também eu posso.

Todos o fitaram, com expressões incrédulas.

Jordan puxou Erin para mais perto de si.

– Estamos nisto juntos.

Bernard parecia prestes a contestar.

Christian enfrentou o cardeal.

– Mesmo que Erin não seja a Mulher Sábia, possui muito conhecimento. Podemos precisar dela. Eu não faço certamente parte de nenhuma profecia, mas isso não significa que não possa dar o meu contributo.

Erin apercebeu-se de que ele estava certo. Não importava se ela era ou não a Mulher Sábia profetizada. O que importava era que ajudaria se pudesse. Aquela demanda não era uma questão de orgulho, era uma questão de salvar o mundo.

Ela fitou Bernard.

– Eu quero tomar parte.

Jordan apertou-lhe o ombro com mais força e encarou o cardeal.

– Ouviu-a. Não é negociável. Ou eu vou-me embora. E não tenho aversão à luz do sol.

Nadia inclinou a cabeça na direção de Erin.

– Eu dou o meu apoio. A doutora Granger mostrou-se leal na luta e nos atos. Enquanto esta – puxou a corrente que prendia a condessa – mostrou o contrário.

Uma ruga surgiu na testa do cardeal.

– Mas o cumprimento da profecia é claro quanto...

Rhun levantou a cabeça, enfrentando Bernard.

– Quem é você para pretender conhecer a vontade de Deus?

Erin pestanejou, surpresa com o apoio daquele que ressuscitara Elizabeta Bathory para tomar o seu lugar.

O cardeal ergueu as mãos, com as palmas abertas num gesto conciliador.

– Muito bem. Seja. Seria insensato da minha parte rejeitar o conhecimento e argúcia de espírito da doutora Granger. Estou certo de que poderá assistir a condessa Bathory no seu papel de Mulher Sábia.

Erin não conseguia decidir se havia de se sentir aliviada ou aterrorizada.

Assim, encostou-se a Jordan e decidiu-se por ambas as opções.

CAPÍTULO 14

19 de dezembro, 11h55, CET
Sul de Roma, Itália

O comboio balançava enquanto seguia para sul, rumo a pontos desconhecidos.

Enquanto as árvores e montes passavam pela janela, Jordan pousou o queixo sobre a cabeça de Erin. Cheirava a alfazema e café. O ombro e braço dela faziam pressão contra os seus. Queria que as cadeiras não estivessem fixas ao chão para poder puxá-la para mais perto.

Um tempo a sós com ela seria bom, sem padres nem profecias. Mas tal não iria acontecer em breve.

Idealmente, preferiria que Erin ficasse o mais longe possível de toda aquela confusão, de padres sanguinistas e condessas *strigoi*. Mas isso também não iria acontecer. Interviera por ela, porque sabia o quanto ela queria estar presente. Além de que, se o Vaticano a enviasse para casa, não poderia protegê-la.

“Mas poderei protegê-la aqui?”

Depois de Karen ter sido morta em combate, o tempo parara para ele e só contara de novo quando conhecera Erin. Teria sempre consciência de que Karen morrera sozinha a centenas de milhares de quilómetros de distância. Não voltaria a deixar aquilo acontecer a alguém que amava.

Alguém que *amava*...

Nunca o confessara em voz alta, mas estava lá, dentro de si.

Beijou a cabeça de Erin, determinado a ficar junto dela acontecesse o que acontecesse.

Erin abraçou-o com mais força, mas ele viu que os seus olhos estudavam Rhun. O sacerdote estava sentado com a cabeça inclinada em oração, as mãos magras entrelaçadas à sua frente. Jordan não gostava da forma como Erin agia perto de Rhun, desde que ele a mordera. Os olhos dela raramente o deixavam quando ele estava por perto. Os dedos dela tocavam frequentemente as marcas do pescoço – não com temor, mas com algo próximo do anseio. Algo acontecera naquele túnel, algo que ela também ainda não confessara em voz alta. Jordan não sabia o que era, mas sentia que ela lhe escondia mais segredos, mais do que apenas aquelas malditas visões sangrentas.

Mas não havia nada que ele pudesse fazer para a levar a falar. Fosse o que fosse com que ela lidava, era claramente privado e ele dar-lhe-ia essa liberdade. Por agora, o melhor plano era levar a cabo a missão – depois, levar Erin para o mais longe possível de Rhun.

Para esse fim...

Jordan agitou-se, mantendo um braço firme em volta de Erin.

– Alguém faz ideia de *onde* podemos encontrar o Primeiro Anjo? Ou mesmo começar a procurá-lo?

Erin endireitou-se.

– Isso depende de quem *for* o Primeiro Anjo.

Sentada numa mesa contígua, a condessa levantou as mãos, chocalhando as algemas.

– Não nos ensina a Bíblia que o Primeiro Anjo é a estrela da manhã, a primeira luz do dia, o filho da madrugada?

– Está a falar de Lúcifer – disse Erin. – Era referido por todas essas designações e foi, de facto, o primeiro anjo a *cair*. Mas a Bíblia menciona muitos outros anjos *antes* dele. O primeiro anjo mencionado no Génesis

surgiu à escrava Agar e disse-lhe que voltasse para a sua senhora e gerasse o filho do seu senhor.

– É verdade. – A condessa exibiu o sorriso mais frio que Jordan alguma vez vira. – Contudo, como podemos esperar encontrar um anjo sem nome?

– Bem visto – disse Erin.

Bathory inclinou a cabeça, aceitando o elogio.

Jordan reparou em Rhun e Bernard a estudarem a troca de palavras entre as duas mulheres. Christian também olhou para Jordan, como que dizendo: *"Eu sabia que elas iam trabalhar bem juntas."*

Nas sombras, Bathory fechou os olhos argênteos, numa expressão pensativa. As longas pestanas negras repousavam-lhe sobre as faces pálidas.

Erin fitava a luz do sol pela janela, enquanto o comboio ressoava pelas paisagens de inverno ponteadas de gigantes fardos redondos de feno.

A condessa voltou a abrir os olhos.

– Talvez devêssemos centrar a busca em anjos com nome. O primeiro anjo mencionado pelo *nome* na Bíblia é Gabriel, o primeiro mensageiro de Deus. Poderá ser o Primeiro Anjo que procuramos?

Os sacerdotes junto à mesa mostraram-se inseguros. Erin permaneceu curiosamente calada, olhando para fora da janela.

– Gabriel o mensageiro? – Nadia ergueu uma sobrancelha, ainda atrás de Bathory, segurando a trela da condessa. – Numa batalha, penso que o arcanjo Miguel seria um melhor aliado.

Jordan perscrutou a carruagem, reconhecendo subitamente a estranheza da discussão. Mesmo que se decidissem por um anjo bíblico, como o iriam encontrar e trazê-lo até ao livro?

– Os anjos não vivem numa outra dimensão ou algo assim? – indagou Jordan. – Uma dimensão a que os humanos não têm acesso? Como podemos contactar um anjo aí?

– Os anjos habitam no Céu. – Rhun voltara a atenção para as suas mãos entrelaçadas. – Contudo, podem viajar livremente para a Terra.

– Não me parece que tenham algum tipo de telefone angélico, têm? – perguntou Jordan, meio a brincar. Depois de tudo o que vivera, desde que descobrira os *strigoi* e sanguinistas, quem sabia que outros segredos podia a Igreja ocultar?

– Chama-se rezar – disse o cardeal Bernard, franzindo o olhar face à irreverência. – E passei muitas horas de joelhos a rezar para que o Primeiro Anjo se revelasse. Mas não me parece que o vá fazer. Não a mim. Ele apenas se irá revelar à trindade da profecia.

– Se estiver certo, meu caro cardeal – disse Bathory – é melhor começarmos a rezar a Lúcifer imediatamente. Pois seguramente, só um anjo *caído* se iria revelar a tal imperfeita trindade.

Erin falou, por fim, ainda olhando pela janela, com aquele olhar distante que indicava que estava imersa em profundo pensamento.

– Penso que não procuramos Gabriel ou Miguel ou Lúcifer. Penso que procuramos o Primeiro Anjo do Apocalipse.

A condessa soltou uma gargalhada, quase batendo as mãos.

– O anjo que soa a trombeta e anuncia o fim do mundo. Que teoria mais sedutora!

Erin citou de memória:

– ***«O primeiro anjo tocou a trombeta. Saraiva e fogo misturados com sangue, foram lançados sobre a terra; queimou-se uma terça parte da terra, a terça parte das árvores e também toda a erva verde.»***

O Armagedão.

Era o que estava em jogo.

Jordan tentou imaginar granizo e fogo misturados com sangue, e suspirou.

– Então, onde vamos encontrá-lo?

Erin voltou-se para a carruagem.

– Acho que a resposta está numa passagem anterior do Apocalipse, antes de a trombeta soar. Há uma linha que diz: **«Veio então outro anjo... e pôs-se junto do altar.»** Algumas linhas abaixo, continua: **«E o fumo dos perfumes subiu da mão do anjo, com as orações dos santos, até diante de Deus. Depois, o anjo tomou o incensário, encheu-o com o fogo do altar e lançou-o sobre a terra: houve vozes, trovões, relâmpagos e terremotos.»**

Jordan sorriu.

– Bem, pelo menos essa parte é fácil de interpretar.

E estava a falar a sério.

Deliciou-se com o ar de surpresa no rosto dos padres sanguinistas.

– Não é preciso ser um erudito bíblico para o perceber – continuou Jordan. – Fumo da mão do anjo? Incenso? Trovão? Terramoto?

Os outros olharam-no com uma expressão confusa. A condessa parecia meramente divertida. Ele devia ser a força, não o intelecto.

Erin tocou-lhe no pulso, para que ele revelasse o que ela já compreendera.

Ele agarrou os dedos dela e apertou-os.

– Parece exatamente o que aconteceu em Massada. Lembram-se do rapaz que sobreviveu? Ele disse que tinha sentido o cheiro de incenso e canela no fumo. Até encontrámos vestígios de canela nas amostras de gás. E o rapaz referiu também que o fumo lhe tocou a mão, antes de todos morrerem do gás e do tremor de terra.

– **«E o fumo dos perfumes subiu da mão do anjo, com as orações dos santos, até diante de Deus»** – repetiu Rhun, a voz plena de reverência.

– Todos morreram no cimo daquela montanha. – As palavras de Jordan brotavam agora mais apressadas. – Só algo *sobre-humano*, como um anjo, poderia ter sobrevivido àquele ataque fatal.

Erin ofereceu-lhe um sorriso que o acalentou até à ponta dos pés.

– Os acontecimentos coincidem com a passagem bíblica. Mais importante do que isso, apontam para alguém que podemos ter

verdadeiramente esperança de encontrar.

– O rapaz – disse Rhun, soando pouco convincente. – Falei com ele no cimo da montanha, nesse dia. Pareceu-me um rapaz comum. Em choque, dominado pela dor depois da morte dos pais. E nasceu da sua carne. Como poderia ser um anjo?

– Lembra-te, Cristo também nasceu da carne – contrapôs o cardeal Bernard. – O rapaz parece um bom ponto de partida para iniciar a busca.

Jordan concordou.

– Onde está ele então? Alguém sabe? A última coisa que recorde é ele a ser evacuado da montanha por helicóptero, pelo exército israelita. Iam levá-lo para um dos seus hospitais. Não deve ser difícil seguir-lhe o rasto a partir daí.

– Será mais difícil do que julga – comentou Bernard, parecendo subitamente preocupado.

Nunca era bom sinal.

12h05

– Porque será mais difícil? – perguntou Erin, pressentindo que não ia gostar da resposta.

Bernard suspirou, com pesar.

– Porque já não está sob a custódia dos israelitas.

– Então, onde está? – insistiu ela.

Em vez de responder, o cardeal voltou-se para o irmão Leopold. O monge alemão tinha permanecido em silêncio ao fundo da carruagem.

– Leopold, és o mais hábil com computadores. O meu portátil está junto da minha bagagem. O padre Ambrose tem as *passwords*. Preciso de aceder

aos meus ficheiros do Vaticano. Podes ajudar-me?

Leopold assentiu.

– Posso certamente tentar.

O monge apressou-se a deixar a carruagem-restaurante em direção à locomotiva.

Bernard voltou-se para os outros.

– Mantínhamos vigilância sobre o rapaz, permanecendo em contacto com os israelitas que o estavam a estudar num hospital militar. Chama-se Thomas Bolar. O pessoal médico estava a tentar descobrir como é que ele tinha sobrevivido ao gás venenoso. E então...

Leopold irrompeu de novo na carruagem, carregando na mão um simples computador portátil preto. Aproximou-se deles, pousou-o na mesa e ligou-o. Ajustando os óculos de armação metálica, Leopold teclou com a velocidade que só um sanguinista conseguia atingir. Os seus dedos eram uma mancha difusa sobre o teclado, acedendo à Internet, introduzindo *passwords*, fazendo a ligação ao servidor do Vaticano.

Bernard observava por cima do ombro, orientando-o aqui e ali.

Erin achou estranho ver aqueles homens idosos de vestes sacerdotais a usar tecnologia moderna. Era como se os sanguinistas devessem assombrar igrejas e cemitérios, e não navegar na Internet. Mas Leopold parecia saber o que fazia. Em poucos minutos, tinha uma janela aberta no ecrã contendo um vídeo acinzentado e com pouca definição.

Erin aproximou-se para ver, como todos os outros.

Apenas a condessa ficou para trás. Pela sua expressão inquieta, aquela tecnologia devia enervá-la. Não tinha vivido longos anos como os restantes, para poder assimilar as mudanças com o passar do tempo. Erin perguntou-se qual seria a sensação de ser atirada do século XVI para o século XXI. Tinha de reconhecer o mérito à mulher. Tanto quanto percebia, a condessa parecia estar a ajustar-se com facilidade, mostrando

surpreendente resiliência e determinação. Erin teria de se recordar disso no futuro tratamento com ela.

De momento, mantinha a atenção fixa no computador portátil.

– É um vídeo de vigilância das instalações médicas israelitas – disse Bernard. – Vejam. Depois, explicarei melhor.

No ecrã, um rapaz estava sentado numa cama de hospital. Vestia uma fina bata de internado que prendia nas costas. Enquanto observavam, o rapaz limpou as lágrimas dos olhos, depois levantou-se e arrastou o suporte de soro até à janela. Encostou a cabeça ao vidro e olhou a noite lá fora.

Erin sentiu pena do rapaz – ambos os pais tinham morrido nos seus braços e agora estava encurralado, sozinho, num hospital militar. Ficou feliz por Rhun ter dispensado alguns minutos a falar com o rapaz, confortando-o, antes de tudo ter acontecido.

Subitamente, uma outra figura pequena surgiu ao lado do rapaz, junto à janela. O rosto do recém-chegado estava de costas para a câmara. Aparecera do nada, como se alguém tivesse cortado parte do vídeo.

O estranho vestia um fato escuro de casaco e calças. Thomas recuou, claramente assustado. Num movimento demasiado rápido para seguir, uma faca cintilou à luz. O rapaz agarrou-se à garganta, com o sangue a esguichar, ensopando-lhe a bata de hospital.

Erin encolheu os ombros, mas não desviou o olhar do ecrã. Jordan puxou-a para mais perto de si, confortando-a. Ele já vira a sua quota-parte de derramamento de sangue e assassinio de crianças no Afeganistão e sabia como era duro assistir a tal crueldade.

No ecrã, Thomas cambaleara para longe do estranho e arrancara uma série de fios que tinha ligados ao peito. Luzes dispararam nas máquinas ao lado da cama. O rapaz estava a tentar chamar ajuda.

Astuto.

Dois soldados israelitas entraram de rompante no quarto, de armas em riste.

O estranho lançou uma cadeira contra a janela, agarrou em Thomas e atirou-o pela janela fora antes que os soldados pudessem abrir fogo.

Pela velocidade do atacante, só podia ser um *strigoi*.

O estranho voltou-se para encarar os soldados, mostrando finalmente o rosto. Parecia ser também um rapaz, com não mais de catorze anos. Esboçou uma pequena vénia antes de saltar também pela janela.

– Qual é a altura da queda? – perguntou Jordan, observando os soldados a correrem para a janela e começarem a disparar para baixo em silêncio.

– Quatro andares – respondeu o cardeal.

– Então o Thomas deve estar morto – observou Jordan. – Não pode ser o Primeiro Anjo.

Erin não estava tão certa. Olhou para Bernard, enquanto este sussurrava a Leopold. Se Thomas estivesse morto, porquê perder tempo a mostrar aquele vídeo?

– O rapaz sobreviveu à queda – explicou o cardeal, apontando para o ecrã.

Um outro ficheiro de vídeo surgiu, este de uma câmara do parque de estacionamento, ao nível do solo.

Visto daquele ângulo, Thomas caiu pelo ar, a bata de hospital ensopada em sangue a esvoaçar em volta do corpo como asas, antes de cair de cabeça no asfalto negro. Estilhaços de vidro partido cintilaram e dançaram em seu redor.

Enquanto eles observavam, o rapaz mexeu-se, claramente vivo.

Uma fração de segundo depois, o estranho de fato aterrou, *de pé*, ao lado dele.

Agarrou em Thomas por um braço e correu com ele em direção ao deserto, desaparecendo rapidamente de vista.

– Acreditamos que o raptor era um *strigoi*, provavelmente ao serviço da Belial – acrescentou o cardeal. – Mas sabemos com toda a certeza que a criança que sobreviveu a Massada não era *strigoi*. Foi encontrado à luz do sol. E as máquinas hospitalares israelitas mostraram que tinha batimento cardíaco.

– Também o ouvi – confirmou Rhun. – Segurei-lhe a mão. Tinha calor. Ele estava *vivo*.

– Mas nenhum humano sobreviveria a tal queda – disse Leopold, impressionado, ainda tecendo velozmente, como se procurasse respostas.

Erin vislumbrou uma caixa de texto a ser aberta, uma mensagem enviada, depois fechada de novo. Tudo tão rápido, em menos de dois segundos, que não conseguiu perceber uma única palavra.

– Mas o Thomas sobreviveu – disse Jordan. – Tal como em Massada.

– Como se estivesse sob algum tipo de proteção divina. – Erin tocou o ombro de Leopold. – Mostre-me o primeiro vídeo de novo. Quero ver o rosto do atacante.

O monge aquiesceu.

Quando o estranho se voltou para a câmara, Leopold parou a imagem e ampliou-a. O raptor tinha um rosto atraente, oval, com sobrancelhas escuras, uma mais erguida do que a outra. Tinha olhos claros, cabelo escuro e curto, penteado de risco ao lado.

Não lhe parecia familiar, mas Rhun e Bernard retesaram-se ao reconhecê-lo.

– É Alexei Romanov – disse Bernard.

Erin deixou que o choque ecoasse por ela.

“O filho do czar Nicolau II...”

Rhun fechou os olhos, visivelmente amargurado com um súbito entendimento.

– Deve ter sido por isso que Rasputine desistiu do Evangelho de Sangue tão facilmente, em São Petersburgo. Já tinha posto em movimento o plano

para raptar o rapaz. Estava envolvido num jogo totalmente diferente do nosso, mantendo as cartas bem escondidas na manga. Devia ter suspeitado na altura.

– Falam dos Romanov – interrompeu a condessa. – No meu tempo, a família real russa perdeu o poder e foi exilada para o Norte. Regressaram ao trono?

– Reinaram de 1612 a 1917 – esclareceu Rhun.

– E a minha família? – A condessa inclinou-se para diante. – O que lhes aconteceu? Também regressámos ao poder?

Rhun abanou a cabeça, parecendo relutante em dizer mais.

Nadia, pelo contrário, estava mais do que disposta a estender os ramos da árvore genealógica da condessa, a suprir a história perdida.

– Os seus filhos foram acusados de traição pelos crimes da mãe, despojados dos seus bens e exilados da Hungria. Durante uma centena de anos, foi proibido mencionar o seu nome na sua terra natal.

A condessa levantou o queixo uns milímetros, mas não deu qualquer outro sinal de se importar. Porém, algo no seu olhar quebrou, quando virou o rosto, revelando um poço de dor por detrás da postura fria, um vislumbre da sua anterior humanidade.

Erin mudou de assunto.

– Então, Rasputine raptou o rapaz. Mas porquê? Com que fim?

Ninguém respondeu, mas não os censurou, recordando o seu próprio encontro com Rasputine. O monge era arguto, calculista e totalmente egocêntrico. Para adivinhar as intenções perversas do Monge Louco da Rússia, só alguém igualmente *louco*.

Ou, no mínimo, uma alma gémea.

A condessa agitou-se e olhou em volta.

– Presumo que o fez porque vos odeia a todos.

CAPÍTULO 15

19 de dezembro, 12h22, CET
Sul de Roma, Itália

Enquanto a composição oscilante de vagões atravessava a luz do meio-dia, Elizabeta forçava a corrente que prendia as suas grilhetas à parede da última carruagem.

A abominável mulher sanguinista, Nadia, arrastara-a de volta à escuridão e prendera-a naquela carruagem. A corrente estava fixa a um gancho à altura da cintura, os elos tão curtos que era obrigada a permanecer de pé, enquanto o compartimento oscilava à sua volta.

A alguns passos de distância, Nadia observava-a, tão paciente como uma raposa a vigiar uma toca de coelho.

Elizabeta torceu os braços, tentando encontrar uma posição mais confortável. As grilhetas de prata queimavam como um anel de fogo em volta dos pulsos, mas sentia-se mais à vontade ali do que na carruagem-restaurante, onde a única cortina aberta deixava entrar um raio de sol. Não mostrara o quanto lhe ferira a vista, sempre que olhava para a mulher e o soldado, recusando-se a revelar fraqueza perante os dois humanos.

À medida que o comboio avançava, afastou mais os pés para evitar ser derrubada pela oscilação. Adaptar-se-ia. O mundo moderno tinha muitos objetos poderosos e dominá-los-ia. Não permitiria que o receio de tudo isso a vencesse.

Com as mãos pressionadas contra a parede, saboreou a sensação do aço aquecido pelo sol nas suas palmas. Imaginou o astro a brilhar forte e claro

lá fora, cruzando um céu azul com nuvens brancas recortadas. Não vira tais cenários durante séculos, mal se recordando de como eram. Os *strigoi* não podiam tolerar o sol, ao contrário dos sanguinistas. Sentia a falta do dia, com o seu calor e a sua vida, e das coisas a crescer. Lembrava-se dos seus jardins, das flores viçosas, das ervas curativas que em tempos cultivara.

Mas estaria disposta a abdicar da sua liberdade como *strigoi* para poder contemplar de novo o céu, convertendo-se à vida piedosa de sanguinista?

Nunca.

Esfregou as mãos aquecidas uma na outra e pressionou-as contra as suas faces geladas. Mesmo que tentasse converter-se, suspeitava que Deus sabia que o seu coração era negro e que o vinho abençoado a mataria.

Concordara ajudar os sanguinistas, mas a promessa fora feita sob ameaça de morte. Não tinha intenção de manter a palavra, se se apresentasse uma melhor oportunidade de sobrevivência. Um voto feito sob pena de morte não era vinculativo.

Não lhes devia nada.

Nadia fitou-a como se tivesse escutado os seus pensamentos. Uma vez livre, Elizabeta faria a mulher esguia pagar pela sua insolência. Mas por agora sentia que Nadia era um captor difícil de iludir. A mulher sentia claramente aversão por ela e parecia dedicada a Rhun – embora mais como uma companheira de armas, não como uma mulher dedicada a um homem.

O mesmo não podia dizer da mulher humana.

A doutora Erin Granger.

Elizabeth detetara rapidamente as reveladoras marcas rosadas no pescoço da outra. Um *strigoi* alimentara-se dela recentemente e permitira-lhe viver. Um caso bastante raro e, seguramente, nenhum *strigoi* comum teria deixado marcas tão cuidadosas. Aquelas punções revelavam controlo e zelo. Pela forma estranha como a mulher e Rhun se comportavam e não

falavam, suspeitava que Rhun tivesse voltado a pecar, que tivesse voltado a beber sangue.

Mas desta vez não matara a mulher nem a transformara num monstro.

Elizabeta recordou como o coração de Erin disparara quando Rhun entrou pela primeira vez na carruagem. Ela reconhecera a angústia que se desprendeu da voz da mulher quando viu as suas feridas e disse o seu nome. Aquela humana parecia ligada a Rhun de um modo mais profundo do que a união de sangue devia permitir.

O ciúme inflamou-se, intenso e rancoroso.

“O Rhun pertence apenas a mim.”

Elizabeth pagara muito caro por esse amor e recusava-se a partilhá-lo.

Evocou aquela noite no passado, Rhun nos seus braços, o amor inconfessado um pelo outro por fim expresso no calor dos lábios, na pressão da carne, nas suaves palavras de amor. Ela sabia que o que estava a acontecer era proibido a um padre, mas nada sabia de como essas leis continham a besta que verdadeiramente se escondia no íntimo de Rhun. Uma vez infringidas as leis, o rosto mostrou finalmente as presas, a mais negra luxúria, e arrancou-a à sua vida anterior para a escuridão eterna.

E agora, parecia que Rhun soltara a mesma besta sobre outra mulher, outra com quem claramente se importava.

Nessa atração, Elizabeta viu também possibilidade. Quando se apresentasse a oportunidade, usaria os sentimentos que nutriam um pelo outro contra eles próprios, para os destruir a ambos.

Mas por agora, tinha de se contentar em esperar. Tinha de seguir o grupo de Bernard, embora confiasse pouco no cardeal. Não agora e não, certamente, na sua vida mortal. Nessa altura, ela tinha procurado avisar Rhun contra Bernard, pressentindo as profundezas de segredos escondidos no seu peito hipócrita e sem coração.

Na carruagem contígua, os seus ouvidos apurados escutaram o seu nome a ser referido.

– Não podemos correr o risco de a perder – disse o cardeal Bernard. – Temos de saber sempre onde está.

O jovem monge de nome Christian respondeu.

– Não se preocupe. Já tomei medidas nesse sentido. Irei mantê-la sob rédea curta.

Um outro falou com o sotaque cerrado dos alemães, identificando-o como o irmão Leopold.

– Vou buscar mais café.

Passos ligeiros deixaram a mesa, dirigindo-se à carruagem da frente, onde comida estava a ser preparada e onde ela conseguiu detetar vagamente um outro pulsar de coração, outro servo daquela horda.

Aqueles à mesa permaneceram sentados em silêncio, aparentemente com pouco para dizer, cada qual provavelmente refletindo na jornada que tinham pela frente.

Decidiu fazer o mesmo, voltando-se para Nadia.

– Fale-me desse russo ligado à família real Romanov... esse Rasputine. Porque não tem a Igreja apreço por ele?

Talvez pudesse torná-lo seu aliado.

Nadia permaneceu silenciosa como uma pedra, mas a sua expressão traía o quanto adorava guardar segredos.

– O vosso cardeal quer que eu faça parte desta demanda – lembrou-lhe Elizabeta, pressionando. – Como tal, devo saber tudo.

– Então, o cardeal que lho diga. – Nadia cruzou os braços.

Percebendo que não iria conseguir tréguas, Elizabeth voltou a atenção para a escuta, mas perdeu o interesse quando o chocalhar do comboio se tornou mais sonoro ao subir um longo monte, encobrendo quase todos os sons.

Minutos mais tarde, a porta de aço da sua prisão abriu-se, trazendo os aromas penetrantes da comida, o clarão da luz do sol e o pulsar mais nítido dos corações humanos.

O cardeal Bernard entrou com o jovem sanguinista, Christian. Eram seguidos por um outro sacerdote, este humano, provavelmente o criado do cardeal. Ela reconheceu o vagaroso pulsar da primeira carruagem, onde a comida era preparada. Ela própria estava a ficar com fome – e aquele tinha um ventre roliço, faces redondas, um leitão à espera da matança.

– Chegaremos em breve – Bernard informou Nadia. – Uma vez deixado o comboio, a condessa Bathory ficará a seu cargo e de Christian.

– A *prisioneira*, não é o que quer dizer? – corrigiu Elizabeta. – Apesar de me ter incluído na demanda, confia assim tão pouco em mim?

– A confiança ganha-se – interpôs Christian. – E neste momento goza de um notório défice de confiança.

Ela estendeu as mãos atadas.

– Não podem pelo menos soltar-me, para me mover livremente nesta prisão? Com o sol lá fora, não posso escapar. Não vejo que mal...

Uma explosão silenciou as suas palavras. Como que atingida pela mão de Deus, a carruagem ergueu-se por inteiro debaixo dos pés, cavalgando sobre um estrondo ameaçador, acompanhado das chamas do Inferno.

CAPÍTULO 16

19 de dezembro, 12h34, CET
Sul de Roma, Itália

Rhun agiu à primeira alteração no ar, ao primeiro sinal da explosão. Cavalgou a onda da detonação, enquanto o tempo abrandava para a espessura de vidro liquefeito.

Lançou-se sobre a mesa, deitando ambos os braços em torno de Erin e embateu na janela fechada com o ombro. A grossa cortina enrolou-se no seu corpo enquanto ele chocava contra ela. O vidro cortou-lhe os braços e as costas. As chamas e o rugido despejaram-no no mundo.

Sob os seus pés, quando saltou, a carruagem expandiu-se, dilatando-se impossivelmente até a casca se fender – e fumo e fuligem e madeira irromperem numa imensa explosão.

Atirado para cima, Rhun voltou o corpo de lado e embateu no chão a rolar, um braço em torno das costas de Erin, o outro puxando-lhe a cabeça para junto do seu peito. Rolou com Erin pelo restolho de um campo cultivado que ladeava os trilhos.

A breve fragrância da erva seca foi rapidamente calcinada pelo odor amargo e gredoso dos explosivos, o arranhar do carvão e o inconfundível cheiro da carne humana queimada.

O comboio explodira.

Alguém, talvez todos, poderiam ter morrido.

Nos seus braços, Erin arquejava e tossia.

Contudo, ela estava viva – e isso deixou-o bastante mais feliz do que deveria.

Passou as mãos pelo corpo dela, procurando ossos partidos, sangue. Encontrou arranhões, alguns cortes e pisaduras. Nada mais. Os seus dedos entrelaçados nos dela, querendo tranquilizá-la, sentindo o choque a roubar-lhe o calor do corpo.

Puxou-a mais para si, protegendo-a.

Só então se virou para trás, para encarar o desastre espalhado pelos campos.

Fragmentos de metal enegrecidos de fuligem trespassavam a erva amarelecida, juncavam os carris e espalhavam-se pelos campos que ardiam em fogo lento. Pedacos negros da máquina a vapor tinham sido projetados para longe da via. A caldeira jazia a uma centena de metros adiante, o buraco aberto no seu bojo metálico escancarado ao céu.

Retalhos de fogo devoravam os campos, enquanto fragmentos de vidro choviam do alto, como granizo cristalino, misturado com sangue. Recordou a citação bíblica do Apocalipse: ***«Saraiva e fogo, misturados com sangue, foram lançados sobre a terra.»***

Seria a isso que assistia agora?

Poeria e fumo erguiam-se dos trilhos. Um pedaço de metal aterrara a poucos passos, o vapor a sibilar onde a superfície ardente tocava a erva húmida.

Um apito agudo soava-lhe ininterruptamente aos ouvidos. Com uma mão, sacudiu o vidro das vestes e arrancou estilhaços do seu outro braço. Ainda envolvendo Erin, perscrutou em volta, mas nada se mexeu.

O que acontecera aos outros?

Tocou o rosário e rezou pela sua segurança.

Finalmente, soltou Erin. Ela sentou-se na erva, os braços em torno dos joelhos. Os seus membros estavam sujos de lama e sangue. Ela afastou o

cabelo da testa. O rosto estava intocado, protegido como estivera enquanto a segurara junto ao seu corpo.

– Está ferida? – perguntou-lhe, consciente de que falava muito alto, para se fazer ouvir por cima do apito que tinha nos seus ouvidos.

Ela estremeceu e ele quis tomá-la de novo nos braços e acalmá-la, mas a fragrância do sangue exalava do seu corpo e não ousou fazê-lo.

Em vez disso, os olhos argênteos dela encontraram os seus. Ele olhou-os profundamente, pela primeira vez desde que a deixara no chão do túnel a morrer, meses antes.

Os lábios dela formaram uma única palavra.

"Jordan."

Ela ergueu-se com esforço e cambaleou em direção aos carris. Ele seguiu-lhe no encalço, esquadrinhando os destroços, querendo estar por perto quando ela o encontrasse.

Ele não via como o soldado podia ter sobrevivido... como alguém podia ter sobrevivido.

12h37

Elizabeta queimava no solo, rolando em agonia.

A luz do sol crestava-lhe a vista, escaldando-lhe os olhos. Fumo erguia-se das suas mãos, do seu rosto. Enrolou-se numa bola, afundou o queixo contra o peito, com os braços em volta da cabeça, esperando que a pudessem proteger. O seu cabelo crepitava como uma aura à sua volta.

Instantes atrás, o comboio explodira, abrindo-se com violento estrépito. Ela voou como um anjo negro pela claridade ardente. Ambas as suas mãos agarraram a corrente de prata que a prendia a um inútil pedaço de metal.

Vislumbrou as mãos de outra pessoa, também agarradas à corrente – depois a luz do sol cegou-a, fulminando-lhe a visão.

O poderoso estrondo roubou-lhe igualmente a audição, deixando-lhe um ressoar contínuo nos ouvidos, como se o mar lhe tivesse penetrado o cérebro e se agitasse para trás e para diante dentro da sua cabeça.

Tentou rastejar mais fundo na lama fria, para escapar à luz.

Depois, mãos viraram-na e lançaram a escuridão sobre ela, protegendo-a do sol.

Sentiu o cheiro da lã espessa de uma capa e encolheu-se sob essa precária proteção. O ardor rapidamente abrandou para uma dor, dando-lhe a esperança de ainda sobreviver.

Uma voz gritou junto à sua cabeça, penetrando o mar que se agitava no seu crânio.

– Está viva?

Não confiando na própria voz, assentiu com a cabeça.

Quem a salvara?

“Só podia ser Rhun.”

Sentia a sua falta, desejando ser abraçada e confortada. Precisava dele para a guiar naquela dor, rumo a um futuro sem ardor.

– Tenho de ir – bradou a voz.

À medida que a cabeça clareava, reconheceu aquele tom ríspido.

Não era Rhun.

Era Nadia.

Visualizou aquelas outras mãos agarradas à sua corrente, guiando a sua queda, protegendo-a. Nadia arriscara a vida para segurar aquela corrente e salvá-la. Mas Elizabeta sabia que tais esforços não eram nascidos da preocupação ou compaixão.

A Igreja ainda precisava dela.

Por agora salva, outros receios se levantaram.

“Onde estaria Rhun? Ainda viveria?”

– Fique aqui – ordenou Nadia.

Ela obedeceu – não que tivesse qualquer outra hipótese. A fuga continuava impossível. Para lá das bordas da capa, restava apenas uma morte ardente.

Por um momento, pensou arremessar o manto para o lado, pondo fim àquela interminável existência. Mas em vez disso, enrolou-se mais ainda, determinada a sobreviver, envolvendo-se tão firmemente em pensamentos de vingança, como na pesada lã.

12h38

Erin cambaleou pelo terreno salpicado de estilhaços de metal do comboio. Tossindo com o fumo impregnado de óleo, a mente procurava compreender, passando em revista a explosão.

A detonação devia ter-se centrado na máquina a vapor, porque a locomotiva estava praticamente obliterada. Pedacos de metal negro despontavam do solo como árvores arruinadas. Mas não era apenas metal causticado que juncava os campos.

Um corpo sem pernas jazia junto ao trilho. Avistou o chapéu de maquinista.

Correu e ajoelhou-se ao seu lado, sobre a erva seca.

Olhos castanhos sem vida fitavam o céu fuliginoso. Um braço vestido de preto moveu-se sobre a cabeça dela e baixou as pálpebras do homem morto. O maquinista não estava envolvido em nenhuma profecia. Apenas estava presente para cumprir um honesto dia de trabalho.

Mais uma vida inocente.

“Quando terá fim?”

Levantou o rosto para Rhun. O sacerdote levou a cruz aos lábios, a prata abençoada crestando a tenra carne, enquanto sussurrava preces pelo homem morto.

Quando ele terminou, ela levantou-se e prosseguiu, arrastando Rhun no seu encalço.

Poucos metros adiante, encontrou um segundo funcionário do caminho de ferro, igualmente morto. Tinha cabelo castanho-claro encaracolado e sardas, uma marca da fuligem na sua face. Parecia demasiado jovem para trabalhar num comboio. Ela pensou na vida dele. Teria namorada, pais ainda vivos? Quem sabia até onde se estenderiam as repercussões do seu luto?

Abandonou Rhun às suas orações, impelida pela urgência de encontrar Jordan.

Seguindo a linha férrea, chegou aos destroços do que suspeitava ser a carruagem da locomotiva. Um fogão fora disparado pelo ar e aterrara numa cratera. Leopold estava nesse compartimento. Procurou-o também, mas sem encontrar vestígios dele.

Continuando, alcançou as ruínas da carruagem-restaurante. Embora a parte da frente estivesse descarnada, a parte de trás estava intacta. Tinha descarrilado e abrira um sulco profundo no rico solo acastanhado. Uma cortina dourada esvoaçava por uma janela quebrada na parte de trás.

Recordou o momento antes da explosão. Rhun devia tê-la pressentido. Arrancara-a dos braços de Jordan, lançando-se por aquela janela.

A sombra de Rhun desenhou-se na terra, ao seu lado, mas ela não se voltou. Em vez disso, perscrutou o interior da carruagem-restaurante, receando encontrar um corpo, mas necessitando de saber.

Estava vazia.

Afastando-se da carruagem-restaurante, olhou na direção da carruagem-cama. A última carruagem jazia de lado, parte dela amolgada e fendida. À direita desta, detetou movimento por entre o fumo e correu nessa direção.

Rapidamente reconheceu o cardeal Bernard, coberto de fuligem. Ajoelhava-se sobre uma figura estendida no chão, dobrado em sinal de luto. Montando vigília atrás do cardeal, Christian apertava o ombro de Bernard.

Abriu caminho por entre os destroços até eles, temendo o pior.

Christian devia ter pressentido a sua aproximação, voltando a cabeça, revelando o rosto coberto de sangue escuro. Chocada com a visão, ela tropeçou e quase caiu de cabeça.

Rhun amparou-a e ajudou-a a prosseguir.

Mais adiante, Bernard chorava, os seus ombros agitavam-se para baixo e para cima.

Não podia ser Jordan.

Não podia.

Por fim, alcançou Christian, que abanou a cabeça com tristeza. Apressadamente, contornou o cardeal.

O homem no chão estava irreconhecível – a fuligem manchava-lhe o rosto, as roupas tinham sido devoradas pelas chamas. Os olhos dela erraram do rosto enegrecido aos ombros desnudados, à cruz de prata que trazia ao pescoço.

O padre Ambrose.

Não era Jordan.

Bernard segurava as mãos queimadas do sacerdote nas suas e fitava o seu rosto sem vida. Ela sabia que Ambrose servira o cardeal durante muitos anos. Apesar da atitude azeda do padre com todos os outros, ele e o cardeal tinham sido próximos. Meses antes, ela vira o homem ajoelhar-se no sangue do papa, tentando salvá-lo após um ataque sem pensar sequer na sua própria segurança. Ambrose podia ter sido um homem amargo, mas era igualmente um leal protetor da Igreja – e agora dera a vida ao serviço desta.

O cardeal ergueu o rosto.

– Chamei um helicóptero. Têm de encontrar os outros antes que a Polícia e a equipa de emergência cheguem.

– Também temos de nos preocupar com quem fez explodir o comboio – acrescentou Christian.

– Pode ter sido um simples e trágico acidente – corrigiu Bernard, voltando-se para Ambrose.

Deixou Bernard entregue à sua dor, tropeçando sobre destroços fumegantes, contornando fogos, perscrutando com o olhar a paisagem massacrada. Christian e Rhun flanqueavam-na, movendo-se com ela, as suas cabeças virando-se para um lado e para outro. Ela esperava que os sentidos mais apurados deles a ajudassem a descobrir uma pista sobre o destino de Jordan.

– Aqui! – bradou Christian, caindo de joelhos.

No chão, diante dele, uma familiar cabeleira loura.

Jordan.

“Por favor, não...”

O medo imobilizou-a. Faltou-lhe o fôlego e os seus olhos encheram-se de lágrimas. Procurou dominar-se. Quando Rhun lhe pegou no braço, soltou-se e cruzou os últimos metros até Jordan sozinha.

Jazia estendido de costas. O casaco do uniforme azul estava em farrapos, a camisa branca sob ele desfeita em pedaços.

Deixou-se cair de joelhos ao lado dele e agarrou-lhe na mão. Com dedos trémulos, procurou-lhe o pulso. Este batia firme sob as pontas dos seus dedos. Com o toque, ele abriu os límpidos olhos azuis.

Ela chorou de alívio e pegou-lhe na mão quente com as suas.

Segurou-o, observando-lhe o peito subir e descer, infinitamente grata por o encontrar com vida.

A visão de Jordan focou-se e ele fitou-a, os seus olhos espelhando o alívio dela. Ela acariciou-lhe a face, a fronte, assegurando-se de que estava inteiro.

– Olá, querida – pronunciou ele. – Estás linda.

Ela lançou os braços à sua volta e enterrou o rosto no seu peito.

12h47

Rhun viu Erin agarrar-se ao soldado. O primeiro pensamento dela fora para Jordan, como deveria ser. De igual modo, Rhun tinha as suas responsabilidades.

– Onde está a condessa? – perguntou a Christian.

Ele abanou a cabeça.

– Quando a carruagem explodiu, vi-a ser projetada para fora com a Nadia.

“Para a luz do sol.”

Christian apontou para lá dos destroços centrais.

– A trajetória tê-las-ia lançado para o lado mais distante da linha.

Rhun fitou Erin e Jordan.

– Vão – disse Erin. Ajudou Jordan a sentar-se e começar a pôr-se de pé, vacilante. – Encontramo-nos junto do cardeal Bernard.

Liberto daquela responsabilidade, Rhun partiu com Christian. O jovem sanguinista corria pelo terreno, saltando sobre valas, ligeiro como um potro. Parecia não ter sido afetado pela explosão, ao passo que Rhun tinha dores em todo o corpo.

Uma vez para lá da linha férrea, Christian disparou subitamente para a esquerda, talvez detetando alguma coisa. Rhun esforçou-se por segui-lo.

Saída do pano de fumo, uma figura esguia vestida de preto coxeava na direção deles.

Nadia.

Christian alcançou-a primeiro e abraçou-a com força. Ele e Nadia tinham servido juntos em missões anteriores para a Igreja.

Rhun alcançou-os finalmente.

– Elisabeta?

– A condessa demoníaca ainda vive. – Nadia apontou um monte, a uns cem metros de distância. – Mas está gravemente queimada.

Ele correu para junto do seu corpo encoberto.

Christian seguiu-o com Nadia, pondo-a a par da situação da equipa.

– E Leopold? – indagou Nadia.

A expressão de Christian ensombrou-se.

– Ele estava na locomotiva, mais perto da explosão.

– Continuarei a procurá-lo – disse Nadia. – Vocês os dois podem cuidar de Sua Majestade. Preparem-na para partir.

Enquanto Nadia andava em direção ao fumo, Rhun percorreu o resto da distância até Elisabeta. Nadia cobrira Elisabeta com o manto de viagem da condessa. Ajoelhou-se junto ao montículo, sentido o cheiro a carne queimada.

Rhun tocou a superfície do manto.

– Elisabeta?

Um gemido respondeu-lhe. Foi tomado por um sentimento de piedade. Elisabeta era lendária pela sua capacidade de suportar a dor. Para estar reduzida àquilo, a agonia devia ser tremenda.

– Ela vai precisar de sangue para sarar – Rhun disse a Christian.

– Não lhe vou oferecer o meu – disse Christian. – E você não tem nenhum para dispensar.

Rhun inclinou-se sobre o manto. Não ousava levantá-lo para examinar a extensão dos ferimentos. Porém, deslizou uma mão sob a capa e encontrou a mão dela. Apesar da dor que lhe devia causar, ela apertou-lhe os dedos, agarrando-se a ele.

“Levar-te-ei para um lugar seguro” – prometeu ele.

Fitou os céus do meio-dia, o azul vivo mascarrado de fumo.
Para onde poderiam ir?

12h52

O helicóptero surgiu veloz e baixo, e aterrou numa zona não afetada do terreno. O piloto abriu uma janela e acenou ao grupo reunido no limiar dos destroços.

– Deve ser o nosso transporte – disse Jordan, reconhecendo o sofisticado helicóptero, uma réplica daquele que os resgatara do deserto de Massada, muitos meses antes.

Jordan pegou na mão de Erin e juntos navegaram por entre os últimos fragmentos até ao helicóptero. Ele estava vacilante, mas Erin parecia bem. Recordou o vago borrão de Rhun a arrancar Erin do seu aperto e a lançá-la pela janela, quando o comboio explodira.

A rápida reação de Rhun salvara-lhe provavelmente a vida.

Talvez devesse perdoar o sacerdote sanguinista pelas suas ações anteriores, por beber de Erin e tê-la deixado a morrer nos túneis sob Roma, mas ainda não conseguia reunir boa vontade suficiente para o fazer.

Adiante, as hélices faziam voar o pó e pedaços de erva. O piloto envergava o familiar uniforme azul-escuro da Guarda Suíça e gesticulava para a traseira, indicando que deviam embarcar.

Erin subiu em primeiro lugar e estendeu a mão para ajudar Jordan.

Pondo de parte o orgulho, ele aceitou-a e deixou que ela o ajudasse a subir.

Posto o cinto, olhou para fora da porta aberta, na direção dos outros sanguinistas. A poeira rodopiante obscurecia tudo, à exceção dos vultos de

Christian e Rhun que se aproximavam. Suspenso entre eles, transportavam um fardo escuro e esfarrapado, completamente coberto por um manto.

“A condessa.”

Bernard surgiu depois deles, no meio do pó. Carregava o corpo do padre Ambrose. Nadia seguia-o.

Christian e Rhun entraram no interior. Uma vez sentados, Rhun tomou posse do vulto de Bathory, aninhando-a no seu colo, a cabeça encoberta repousando no seu ombro.

– Nenhum sinal do Leopold? – perguntou Jordan a Christian.

O jovem sanguinista abanou a cabeça.

Bernard chegou e estendeu o seu fardo. Christian pegou nele e, juntos, prenderam o corpo de Ambrose a uma maca, os seus movimentos rápidos e eficientes, como se o tivessem feito um milhar de vezes antes.

“E provavelmente tinham.”

O cardeal afastou-se do helicóptero, permitindo a Nadia embarcar. Ela bateu no ombro do piloto e virou o polegar para cima, indicando que devia partir.

Conforme planeado, Bernard ficaria para trás para explicar tudo à Polícia, para dar um rosto público à tragédia. Seria uma dura missão, sobretudo quando claramente ainda estava a sofrer.

As hélices aceleraram com um ronco do motor e o helicóptero levantou voo.

Uma vez suficientemente alto, sobrevoou a carnificina.

Com os rostos colados às janelas, todos olhavam para baixo, chegando à triste e inevitável conclusão.

O irmão Leopold tinha desaparecido.

CAPÍTULO 17

19 de dezembro, 13h04, CET
Castel Gandolfo, Itália

Erin apertou o braço de Jordan, enquanto o helicóptero acelerava em direção a uma encantadora aldeia de pedra, aninhada entre pinhais e olivais, à beira de um grande lago. As suas águas azul-cobalto lembraram-lhe o lago Tahoe, despertando uma vontade de estar de volta à Califórnia – protegida de toda aquela mortandade e caos.

“Não que as complicações não me encontrassem aí, também.”

Recordou *Blackjack* e evocou os guinchos do *blasphemare*.

Sabia que toda a paz duradoura lhe escaparia até tudo aquilo ter acabado.

“Mas alguma vez acabaria verdadeiramente?”

O piloto apontou à borda da exuberante cratera vulcânica que encimava o lago e a praça da aldeia. A dominar o cume pedregoso como uma coroa, erguia-se um imponente castelo de telhados de telha vermelha, com duas cúpulas plúmbeas e impressionantes varandins. O terreno envolvente era igualmente impressionante, dividido em jardins privados bem cuidados, pequenos lagos contemplativos e fontes gotejantes. As avenidas eram ladeadas por pinheiros ou semeadas de gigantescas azinheiras. Erin vislumbrou mesmo as ruínas da *villa* de um imperador romano.

Não teve dificuldade em reconhecer a residência de verão do papa.

Castel Gandolfo.

À medida que a aeronave descia em direção a um heliporto vizinho, Erin interrogou-se quanto ao destino. Teria a residência sido sempre o objetivo

ou seria simplesmente um refúgio próximo e conveniente após a explosão?

Em última análise, pouco lhe importava. Precisavam de descansar e de um lugar onde recuperar.

“Qualquer porto, naquela tormenta...”

Olhou para os companheiros de viagem, reconhecendo aquela verdade. Jordan parecia abalado debaixo de uma máscara de fuligem e fumo. O semblante duro de Nadia era ensombrado pela tristeza. Christian ainda tinha vestígios de sangue nas rugas do rosto, fazendo-o parecer bem mais velho, ou talvez fosse apenas exaustão.

À sua frente, Rhun não desviara os olhos do fardo que tinha nos braços, parecendo prostrado e inquieto. Amparava a cabeça encoberta de Bathory contra o seu ombro, com uma mão. A condessa jazia completamente imóvel no seu colo.

Assim que os esquis tocaram o solo, os sanguinistas apressaram-se a afastar Erin e Jordan do heliporto. O corpo de Ambrose permaneceu a bordo, embora todos os sanguinistas o tenham tocado ao desembarcar, até mesmo Rhun. Segundo Christian, o piloto e copiloto cuidariam do corpo do padre.

Erin e Jordan seguiram os outros por um caminho de gravilha que atravessava um roseiral, as plantas há muito sem flor. Alguns minutos depois, chegaram a uma porta em forma de espada, engastada no muro de estuque do jardim. Christian abriu-a e conduziu-os por uma passagem com um luminoso pavimento de mosaico. Salões e salas abriam-se para cada um dos lados, decorados com tapeçarias medievais e mobília debruada a ouro.

Numa interseção, Nadia fez sinal a Rhun para que seguisse para a esquerda com o seu fardo. Christian dirigiu Erin e Jordan para a direita.

– Vou levá-los a aposentos onde se poderão lavar – disse ele.

– Não vou perder a Erin de vista – avisou Jordan.

Ela apertou-lhe a mão com mais força. Também não o ia perder de vista.

– Já calculava – declarou Christian. – E não vou perder nenhum dos dois de vista até estarem a salvo no quarto. O plano é esperar pelo regresso do cardeal. Recuperaremos forças e reagruparemos, para depois decidirmos o que fazer.

Com a questão esclarecida, Jordan seguiu Christian. As janelas altas de um dos lados daquele corredor abriam-se sobre o lago. Velas brancas deslizavam sobre as águas azuis e gaivotas pairavam a grande altura. Era uma vista serena, quase surreal, depois de toda aquela devastação e morte.

Jordan estava claramente menos fascinado, a sua mente noutro lugar.

– O que acha que aconteceu a Leopold?

Christian tocou na cruz.

– Ele estava mais próximo da origem da explosão. O corpo pode nunca vir a ser encontrado. Mas o cardeal continuará a procurar até a equipa de emergência e a Polícia chegarem. Se o corpo de Leopold for encontrado, o cardeal reclamá-lo-á para o trazer para aqui.

Chegando a uma porta de carvalho, Christian destrancou-a e fê-los entrar, seguindo-os. Rapidamente, cruzou o espaço e fechou as portadas sobre as janelas que davam para o lago. Acendeu alguns candeeiros de ferro forjado. O quarto tinha uma cama de casal com edredão branco, uma lareira de mármore e uma zona de estar diante das janelas.

Christian desapareceu por uma porta secundária. Erin seguiu-o, com Jordan no seu encalço. Descobriu uma casa de banho simples de paredes brancas, com sanita e lavatório. O duche ficava num canto, revestido do mesmo mármore que cobria o chão. Duas toalhas grossas repousavam numa mesinha baixa de madeira, encimadas por uma muda de roupas lavadas.

Parecia que ia vestir umas calças de caqui e uma camisa de algodão branca. Jordan vestiria *jeans* e uma camisa castanha.

Pendurados atrás da porta da casa de banho, um par de blusões de pele familiares. Na missão anterior, ela e Jordan tinham usado aqueles mesmos

casacos, feitos de pele de lobo – à prova de golpes e suficientemente fortes para resistirem aos dentes de *strigoi*. Ela passou a mão pelo couro pardo gasto, lembrando as batalhas do passado.

Christian abriu o armário dos medicamentos e tirou para fora um estojo de primeiros socorros.

– Isto deve ter o que precisam.

Virou-se e encaminhou-se para a porta. Levantou uma sólida trave encostada à parede junto à porta e passou-a a Jordan.

– É reforçada com estrutura de aço.

Jordan sopesou a barra.

– Assim parece.

– Quando eu estiver do lado de fora, use-a para trancar a porta.

Christian apontou uma arca aos pés da cama.

– Também têm armas aí. Não deverão ser necessárias, mas é melhor não serem apanhados desprevenidos.

Jordan assentiu, olhando para a arca.

– Não deixem ninguém entrar, além de mim – avisou Christian.

– Nem mesmo o cardeal ou Rhun? – indagou Erin.

– Ninguém – repetiu Christian. – Alguém sabia que estávamos naquele comboio. O meu melhor conselho é não confiarem em mais ninguém.

Transpôs a porta e fechou-a atrás de si. Jordan ergueu a pesada barra e fixou-a no lugar.

– Palavras pouco animadoras, as de Christian – comentou ela. – Não foram propriamente tranquilizadoras.

Jordan foi até à arca e abriu-a. Tirou para fora uma arma automática e examinou-a.

– Uma *Beretta AR 70*. Pelo menos, isto é tranquilizador. Dispara até seiscentos e cinquenta tiros por minuto. – Verificou a provisão de munições na arca e sorriu ao encontrar outra arma, um *Colt 1911*. – Não é o meu, mas parece que alguém se deu ao trabalho de investigar.

Passou-lho.

Ela verificou o tambor. As balas eram de prata – adequadas contra humanos, essenciais contra *strigoi*. A prata reagia com o sangue destes, ajudando a equilibrar as probabilidades. Os *strigoi* eram difíceis de matar – mais resistentes do que os humanos, capazes de controlar a perda de sangue e possuidores de capacidades curativas sobrenaturais. Mas não eram invulneráveis.

A seguir, Jordan olhou para a casa de banho.

– Deixo-te atacar primeiro o chuveiro, enquanto eu trato de acender a lareira.

Era um excelente plano, o melhor que ouvira naquele dia.

Mas antes disso aproximou-se dele, aspirando o seu odor almiscarado, sentindo a fuligem por baixo. Beijou-o, feliz por estar viva, por estar com ele.

Quando se afastou, os olhos de Jordan estavam semicerrados de preocupação.

– Estás bem?

“*Como poderia estar?*” – pensou ela.

Não era um soldado. Não conseguia marchar por campos cobertos de cadáveres e seguir adiante. Jordan treinara-se para isso, os sanguinistas também, mas ela não estava certa de querer alguma vez ser tão forte, mesmo que pudesse. Pensou no olhar longínquo que Jordan por vezes tinha. Era algo que lhe custava a ele e apostava que custava aos sanguinistas, também.

Ele sussurrou, ainda abraçado a ela.

– Não estou a falar de hoje. Sinto que me escondes alguma coisa desde que nos reunimos na Califórnia.

Ela fugiu do abraço.

– Todos têm os seus segredos.

– Então, conta-me o teu.

O pânico agitou-se no seu peito.

“Não aqui. Não agora.”

Para esconder a sua reação, ela virou costas e encaminhou-se para a casa de banho.

– Já tive a minha conta de segredos, por hoje – disse, com pouca convicção. – Neste momento, tudo o que quero é um banho quente e um fogo acolhedor.

– Não me oponho.

Mas apesar das palavras, parecia desiludido.

Ela entrou na casa de banho e fechou a porta. Despiu de bom grado a roupa, ansiosa por se livrar do odor da fuligem e do fumo, e substituí-lo pela fragrância do sabonete de alfazema e do champô de citrinos. Ficou muito tempo sob a água quente, deixando que levasse para longe aquele dia, deixando-lhe a pele esfolada e sensível.

Secou-se com a toalha e vestiu um roupão macio. Descalça, voltou ao quarto. As luzes tinham sido apagadas e a única iluminação vinha da lareira crepitante.

Jordan endireitou-se, depois de golpear e rolar um tronco para melhor posição nas chamas. Tinha despido o casaco do uniforme e a camisa rasgada. A sua pele refulgia à luz do fogo, pisada e marcada de golpes e arranhões. No lado esquerdo do peito, a sua tatuagem quase parecia incandescente. O desenho envolvia-lhe o ombro e estendia filamentos pela metade superior do braço e parte do peito e costas. Pareciam as raízes de uma árvore, centradas numa única marca escura no peito.

Ela conhecia a história da marca. Jordan fora atingido por um relâmpago, quando andava no liceu. Morrera por um curto período de tempo, antes de ser ressuscitado. A descarga de energia deixara a sua marca fractal na pele, rebentando capilares, criando aquilo a que se chamava uma figura de Lichtenberg ou flor relâmpago. Antes que se

dissipasse, ele tatuara o padrão como memória do seu encontro com a morte, tornando a quase tragédia em algo belo.

Ela aproximou-se, como que atraída por aquela energia residual.

Ele encarou-a, sorrindo.

– Espero que não tenhas gasto toda a...

Ela pôs-lhe um dedo sobre os lábios, silenciando-o. Não era de palavras que precisava naquele momento. Solto o cinto e sacudiu o roupão. Este deslizou para o chão, roçando-lhe o peito e amontoando-se em volta dos tornozelos.

Com uma mão, ele afastou-lhe o cabelo do pescoço. Ela arqueou o pescoço, num convite. Ele aceitou-o, percorrendo-o com lentos beijos até à clavícula. Ela gemeu e ele recuou, os olhos carregados de paixão e uma pergunta não expressa.

Em resposta, ela puxou-o pela cintura das calças para a cama.

Uma vez aí, ele largou o resto da roupa, arrancando-a e atirando-a para longe.

Nu, excitado, ele ergueu-a nos seus braços. As pernas dela enroscaram-se nas suas coxas musculadas, enquanto ele a baixava para a cama. Debruçou-se sobre ela, imenso como o mundo, eclipsando tudo, deixando apenas os dois, aquele momento.

Ela puxou-o para baixo num beijo ansioso, provando-o, os dentes dela encontrando o seu lábio inferior, a língua dele a tocar na dela. As suas mãos quentes percorreram-lhe a pele, os seios, deixando um rasto eletrizante à sua passagem – depois deslizaram pelo fundo das costas para a puxar mais para cima.

Ela arqueou-se por baixo dele, desejando-o, sabendo que sempre o desejaria.

Os lábios dele deslizaram-lhe para a garganta, roçando as cicatrizes do pescoço.

Ela gemeu, puxando-lhe o rosto com força contra si, como que implorando que lhe enterrasse os dentes, que voltasse a abri-la. Um nome veio-lhe aos lábios, mas ela reprimiu-o antes que escapasse para o mundo.

Lembrou-se de Jordan a pedir que lhe contasse o seu segredo.

“Mas os segredos mais profundos são aqueles que não sabemos que o são.”

Os lábios dele moveram-se abaixo da orelha, o seu hálito acalentando-lhe a base do pescoço. As palavras seguintes brotaram dele doridas, cheias da sua verdade, sentidas por ela nos ossos do próprio crânio.

– Amo-te.

Ela sentiu as lágrimas a subirem-lhe aos olhos. Atraiu a boca dele para a sua e sussurrou-lhe enquanto os lábios se tocavam.

– E eu amo-te a ti.

Também era a sua verdade – embora talvez não fosse toda a verdade.

CAPÍTULO 18

*19 de dezembro, 13h34, CET
Castel Gandolfo, Itália*

Rhun carregava Elisabeta por uma passagem escura, que cheirava a madeira e vinho envelhecido. Aquela zona dos níveis subterrâneos do castelo servira, em tempos, como adega pessoal do papa. Alguns compartimentos há muito esquecidos ainda abrigavam grandes pipas de carvalho ou filas de garrafas verdes carregadas de pó.

Seguiu Nadia por mais um lanço de escadas, em direção ao piso reservado à sua ordem. Sentia os braços a tremer, enquanto segurava Elisabeta. Bebera um rápido gole de vinho consagrado, a bordo do helicóptero. Fortificara-o o suficiente para fazer aquela viagem ao subsolo, mas a fraqueza ainda o atormentava.

Por fim, depois de percorrer uma passagem de pedra escavada no leito vulcânico, Nadia estacou numa arcada emparedada a tijolo, um aparente beco sem saída.

– Eu posso pagar a penitência – ofereceu Rhun.

Nadia ignorou-o e tocou quatro tijolos, um junto à cabeça, um junto ao estômago e um junto a cada ombro – formando uma cruz.

Depois, pressionou a pedra do centro e sussurrou palavras proferidas pelos membros da sua ordem, desde o tempo de Cristo.

– Tomai e bebei todos.

O tijolo central deslizou para trás, revelando uma minúscula bacia escavada no tijolo de baixo.

Nadia desembainhou a sua adaga e espetou a ponta no centro da palma da sua mão, no lugar onde outrora os pregos foram cravados nas mãos de Cristo. Colocou a mão em concha, até conter várias gotas do seu sangue, depois verteu a poça carmesim na bacia de pedra.

Nos braços de Rhun, Elisabeta ficou tensa, provavelmente sentindo o odor do sangue de Nadia.

Ele recuou alguns passos, permitindo que Nadia terminasse.

– Pois este é o cálice do meu sangue – prosseguiu ela – do novo e eterno Testamento.

Com a última palavra da prece, fendas surgiram entre os tijolos da arcada formando os contornos de uma estreita porta.

– *Mysterium fidei* – concluiu Nadia e empurrou.

A pedra a raspar contra o tijolo, enquanto a porta girava para o interior.

Nadia deslizou para dentro primeiro e ele seguiu-a, tomando cuidado para não bater com o corpo de Elisabeta nas paredes de ambos os lados. Transposto o limiar, Elisabeta descontraiu nos seus braços. Devia ter percebido que estava, agora, bem fundo no subsolo, onde o sol não a poderia atingir.

A delgada silhueta de Nadia deslizava adiante, revelando a ágil velocidade e força de membros que possuía, em comparação com ele. Passou apressadamente além da entrada para a capela sanguinista do castelo, conduzindo Rhun a um domínio raramente trespassado – as celas.

Ele seguiu-a. Por muito graves que fossem as suas feridas, Elisabeta continuava a ser uma prisioneira.

Embora as celas raramente fossem usadas nestes tempos, o chão de pedra estava polido e reluzente dos séculos de botas que por ali tinham passado. Quantos *strigoi* teriam sido ali aprisionados e sujeitados à questão? Tais prisioneiros entravam como *strigoi* e ou aceitavam a proposta de se juntarem aos sanguinistas ou morriam ali como almas danadas.

Nadia alcançou a cela mais próxima e abriu uma porta de ferro maciça. Os pesados gonzos e robusta tranca eram suficientemente fortes para conterem até os mais poderosos *strigoi*.

Rhun carregou Elisabeta para o interior e pousou-a sobre a solitária enxerga. Ele sentiu o cheiro da palha fresca e dos lençóis novos. Alguém preparara o quarto. Ao lado da cama, uma vela de cera de abelha repousava sobre a tosca mesa de madeira, lançando uma luz tremulante pela cela.

– Vou buscar unguentos para tratar as queimaduras – disse Nadia. – É seguro deixá-lo sozinho com ela?

Primeiro, a indignação cresceu dentro de si, mas controlou-a. Nadia estava certa em preocupar-se.

– Sim.

Satisfeita, ela desapareceu, a porta fechando-se com estrondo atrás de si. Ele ouviu a chave rodar na fechadura. Nadia não corria riscos.

Agora a sós, sentou-se ao lado de Elisabeta na enxerga e, suavemente, moveu o manto para expor as delicadas mãos. Estremeceu à vista do líquido que vertia das bolhas rebentadas, a pele por baixo destas em carne viva. Sentiu o calor que lhe irradiava do corpo, como se quisesse expulsar a luz do sol.

Ele retirou o resto do manto, mas ela desviou-se, a cabeça escondida no capuz da sua capa de veludo.

– Não quero que me vejas o rosto – disse ela, a sua voz rouca e áspera.

– Mas eu posso ajudar-te.

– A Nadia que o faça.

– Porquê?

– Porque – e desviou-se mais ainda – o meu aspeto irá repugnar-te.

– Achas que isso me importa?

– A *mim* importa – murmurou ela, as suas palavras pouco mais sonoras que o fôlego.

Honrando o seu desejo, ele não moveu o capuz e tomou uma das mãos queimadas dela na sua, notando que a palma estava intacta. Imaginou-a a cerrar as mãos em agonia, enquanto o sol a engolia com o seu fogo. Ele encostou-se aos tijolos de pedra e descansou, continuando a segurar-lhe a mão.

Os dedos dela fecharam-se, lentamente, sobre os dele.

Um cansaço profundo penetrou-o até à medula. A dor disse-lhe onde fora ferido – lacerações nos ombros, escoriações nos braços, algumas queimaduras nas costas. Os olhos começavam a fechar-se, quando uma brusca pancada soou na porta. Uma chave rodou na fechadura e os gonzos chiaram.

Nadia entrou no compartimento. Semicerrou os olhos, ao ver a mão de Rhun entrelaçada na de Elisabeta, mas nada disse. Transportava uma taça de barro coberta com um pano de linho acastanhado. O odor fluiu pela cela, inundando o espaço.

O corpo dele acelerou e Elisabeta rosnou ao seu lado.

Sangue enchia aquela taça.

Sangue quente, fresco, *humano*.

Nadia devia tê-lo colhido de algum voluntário entre o pessoal do castelo.

Cruzou o espaço até à enxerga e passou-lhe a taça.

Ele recusou-se a tomá-la.

– Elisabeta prefere que seja você a tratar-lhe as feridas.

Nadia arqueou uma sobrancelha.

– E eu prefiro *não* o fazer. Já lhe salvei a sua real vida. Nada mais farei.

Ela soltou um cantil de couro e estendeu-lho.

– Vinho consagrado para si. Quer tomá-lo agora ou depois de atender a condessa Bathory?

Ele pousou o frasco na mesa.

– Não a vou deixar sofrer mais.

– Então, virei buscá-lo mais tarde.

Ela retrocedeu para a porta e saiu de novo, voltando a trancar a cela.

Um gemido de Elisabeta lembrou-lhe a sua missão.

Mergulhou o pano de linho na taça, ensopando-o generosamente no sangue. O odor férreo penetrava-lhe as narinas, mesmo sustendo a respiração. Para se fortalecer contra o desejo que se agigantava no seu íntimo, tocou a cruz peitoral e murmurou uma prece para ganhar forças.

Depois, pegou na mão que segurara e fez deslizar o pano por ela, o tecido raspando-lhe a pele.

Ela arquejou, a voz abafada pelo capuz.

– Magoei-te?

– Sim – sussurrou ela. – Não pares.

Ele lavou-lhe uma mão, depois a outra. Onde tocava, as bolhas regrediam e a pele ferida sarava. Terminado isso, estendeu por fim a mão para a borda do capuz.

Ela agarrou-lhe o pulso com os seus dedos manchados de sangue.

– Não olhes.

Sabendo que não podia fazê-lo, puxou o capuz para trás, revelando primeiro o queixo alvo, manchado de fuligem e encarniçado do ardor. Os seus lábios macios tinham gretado e sangrado. O sangue secara em regatos escuros pelos cantos da boca.

Ele retesou-se e retirou de uma vez o capuz. A luz da vela recai sobre os seus ossos malares salientes. Onde antes a límpida e alva pele o cativara ao toque, via agora uma ruína enegrecida e empolada, tudo coberto por uma camada de fuligem. As suaves ondas do seu cabelo quase tinham desaparecido por completo, consumidas pelo sol.

Os seus olhos argênteos encontraram os dele, as córneas enevoadas, quase cegas.

Contudo, ele leu aí o medo.

– Sou repugnante para ti, agora? – perguntou.

– Nunca.

Ele ensopou o pano e levou-o ao seu rosto devastado. Mantendo o toque leve, passou-o pela fronte, pelas faces, pela garganta. O sangue cobria-lhe a pele, impregnava-se nas bolhas e tingia-lhe a zona nívea sob o queixo.

O cheiro inebriava-o. O seu calor excitava-lhe os dedos frios, aquecia-lhe as palmas das mãos, incitando-o a saboreá-lo. Todo o seu corpo ansiava por isso.

“Só uma gota.”

Passou de novo o pano pelo rosto dela. A primeira passagem quase só lavara a fuligem. Agora, ele tratava a sua pele arruinada. Lavou-lhe o rosto, uma e outra vez, contemplando em assombro a cada passagem, vendo a ruína dissipar-se – e surgir lentamente pele imaculada. Um campo de caracóis negros ganhou raiz, cobrindo-lhe o escalpe com a promessa de um novo florescimento. Mas era o seu rosto que o encantava, tão perfeito como no dia em que por ela se apaixonara, num roseiral há muito morto, à beira de um castelo agora em ruínas.

Delineou os lábios dela com o pano macio, deixando para trás um delicado brilho de sangue. Os seus olhos argênteos abriram-se para ele, límpidos de novo, mas agora enevoados de desejo. Inclinou-se sobre os lábios dela e esmagou-os contra os seus.

O gosto do fogo carmesim espalhou-se pelo seu corpo, tão rápido como um fósforo lançado em erva seca. Ela entrelaçou os dedos húmidos de sangue no seu cabelo, abraçando-o numa névoa de fome e desejo.

A boca dela abriu-se sob o seu beijo e ele perdeu-se no cheiro, no sangue, na macieza dela. Ele não tinha tempo para brandura e ela não a pediu. Ele esperara tanto para a ela se unir de novo, e ela a ele.

Naquele momento, jurou exercer vingança implacável sobre quem a lançara ao fogo do sol.

Mas até lá...

Caiu sobre ela, deixando o fogo e o desejo queimarem todo o pensamento.

CAPÍTULO 19

19 de dezembro, 13h36, CET
Sul de Roma, Itália

Enterrado fundo no gigantesco fardo de feno, Leopold procurou uma posição mais confortável. A palha penetrava a roupa e macerava-lhe as leves queimaduras. Contudo, não ousava abandonar aquele abrigo.

Quando o comboio explodira, ele saltara para longe, cavalgando a onda de detonação por uma larga extensão de campos cobertos de restolho. Por mera intervenção divina, estava do lado oposto da caldeira, quando esta rebentara. O reservatório metálico sofreu o embate da explosão, salvando-o de ser incinerado na hora.

Em vez disso, fora cuspidos para fora da carruagem. Revoludara pelo ar, queimado e ferido, e resvalara pela lama fria dos campos invernosos. Atordoado e ensurdecido, rastejara para um fardo de feno para se esconder, pensar, planejar.

Não sabia, então, se seria o único sobrevivente.

Enquanto esperava, estancara o sangue que brotava das suas muitas feridas. Por fim, quando o retinir nos seus ouvidos se desvaneceu, ouviu o som ritmado de um helicóptero a aterrar, abafado pela palha que o rodeava.

Não sabia se a aeronave tinha sido convocada pelo cardeal ou se assinalava a chegada de equipas de resgate. Fosse como fosse, manteve-se escondido. Embora não tivesse sido ele a detonar a bomba, sabia que era culpado pelo ataque. Assim que enviara uma mensagem ao *Damnatus*, a

informá-lo de que estavam todos a bordo, para além de partilhar a teoria relativa à identidade do Primeiro Anjo, o comboio explodira – apanhando Leopold totalmente de surpresa.

Talvez devesse tê-lo esperado.

Quando o *Damnatus* detetava a presa que queria, entrava a matar.

Nunca hesitava.

Depois de o helicóptero levantar voo e se afastar, ouviu o cardeal Bernard a chamar o seu nome, a dor palpável na sua voz. Leopold queria correr para ele, mitigar o seu sofrimento, pedir o seu perdão e reunir-se verdadeiramente aos sanguinistas.

Mas, evidentemente, não o fez.

Embora brutal, o objetivo do *Damnatus* era justo e puro.

Na hora seguinte, mais helicópteros chegaram, seguidos de veículos de emergência com sirenes, gritos de homens e o retumbar de passos. Encolheu-se mais no feno. A agitação encobriria quaisquer sons que produzisse na sua penitência.

Finalmente, pôde beber o vinho sagrado e sarar.

Com alguma dificuldade, libertou o seu cantil de couro e levou-o aos lábios. Servindo-se dos dentes, desenroscou a tampa, cuspiu-a fora, e bebeu sofregamente, deixando que o fogo o levasse para longe.

Nas profundezas da cidade de Dresden, Leopold ajoelhava-se numa cripta húmida, iluminada por uma solitária vela. Desde que soara a sirene de ataque aéreo, ninguém ousava acender uma luz, com receio de atrair a ira dos bombardeiros britânicos sobre si.

Enquanto escutava, uma bomba explodiu ao longe, o estrondo sacudindo pedras soltas do teto. A igreja que ficava por cima tinha sido atingida semanas antes. Apenas aquela cripta fora poupada, a sua entrada escavada a partir de dentro pelos sanguinistas que aí viviam.

Leopold estava ajoelhado entre dois outros homens. Tal como ele, eram ambos strigoi, preparando-se para tomar os votos finais de sanguinistas, naquela escura e violenta noite. Diante dele, estava um sacerdote sanguinista, envergando belas vestes e segurando um cálice de ouro nas mãos alvas e puras.

Um dos strigoi ao seu lado estremeceu. Teria receio de que a sua fé não fosse forte o suficiente, que o seu primeiro gole do sangue de Cristo fosse o último?

Chegada a sua vez, Leopold inclinou a cabeça e enumerou os seus pecados. Tinha muitos. Na sua vida mortal, fora um médico alemão. No início da guerra, ignorara os nazis, resistira-lhes. Mas o regime acabou por recrutá-lo e enviá-lo para os campos de batalha, para tratar de jovens soldados dilacerados por armas e bombas ou assolados pela doença, pela fome e pelo frio.

Numa noite invernosa, uma cruel matilha de strigoi atacou a sua pequena unidade nos Alpes Bávaros. Os enregelados soldados lutaram com fuzis e baionetas, mas a batalha não durara mais de uns poucos minutos. Na primeira investida das bestas, Leopold ficara ferido, com a coluna fraturada, incapaz de se mover ou lutar. Apenas podia assistir ao massacre, sabendo que a sua vez se seguiria.

Então, um strigoi do tamanho de uma criança arrastara-o pelas botas para uma floresta deserta e fria. Morrerá aí, o seu sangue abrindo buracos na neve branca conspurcada. Durante todo esse tempo, a criança cantara com uma voz límpida e aguda uma música popular alemã. Deveria ter sido o fim da vida miserável de Leopold, mas o rapaz decidira transformá-lo num monstro.

Debateu-se contra o sangue que lhe era vertido na boca – até que a repugnância se tornou ânsia e beatitude. Enquanto Leopold bebia, a criança continuou a cantar.

No final, o tempo de guerra era um paraíso para os strigoi.

Para sua grande vergonha, Leopold entregara-se ao banquete.

Então, um dia, encontrou um homem que não podia morder. Os seus instintos diziam-lhe que uma gota do sangue desse homem o mataria. O estranho intrigava-o. Como médico, queria compreender os segredos daquele outro. Assim, procurou-o, noite após noite, vigiando-o durante semanas antes de ousar dirigir-lhe a palavra. Quando, finalmente, confrontou o estranho, o homem escutou as palavras de Leopold e entendeu a repugnância por aquilo em que se tornara.

Por sua vez, o estranho confessara-lhe o verdadeiro nome, um nome tão amaldiçoado por Cristo, que Leopold ousava ainda apenas pensar nele como o Damnatus. Nessa altura, ele ofereceu a Leopold um caminho para a salvação, uma forma de servir Cristo em segredo.

Fora isso que o levava àquela cripta sob Dresden.

Ajoelhado, enumerando os seus pecados, ao lado dos outros.

Leopold recebera instruções para procurar os sanguinistas e imiscuir-se no meio deles, mas continuando a ser os olhos e ouvidos do Damnatus na ordem.

Jurara obediência na altura – como devia jurar de novo naquela noite.

Mais uma bomba caiu à superfície, sacudindo fragmentos do teto da cripta. O penitente à sua esquerda gemeu. Leopold permaneceu em silêncio. Não receava a morte. Ele fora chamado a um propósito maior. Cumpriria um destino estendido por milénios.

O penitente forçou-se a recuperar o controlo, fez o sinal da cruz e terminou a sua litania de pecados. Por fim, as suas palavras estancaram. Confessara os seus pecados a Deus. Agora, poderia ser purificado.

– Arrependes-te dos teus pecados por verdadeiro amor a Deus e não por receio da condenação? – entoou o sacerdote sanguinista ao companheiro de Leopold.

– Sim, arrependo-me – respondeu o homem.

– Então, levanta-te e enfrenta o julgamento.

O rosto do sacerdote mantinha-se invisível debaixo do capuz.

O penitente ergueu-se, trémulo, e abriu a boca. O sacerdote ergueu o cálice dourado e verteu-lhe o pálido vinho na língua.

De imediato, o homem começou a gritar, o fumo erguendo-se da sua boca. Ou a criatura não se arrependera por completo ou mentira totalmente. Qualquer que fosse a razão, a sua alma fora julgada maculada de pecado, pelo que o corpo não era digno de aceitar a sacralidade do sangue de Cristo.

Era o risco que todos corriam ao aderirem à ordem.

A criatura sucumbiu sobre o chão de pedra e contorceu-se, os seus guinchos ecoando pelas paredes nuas. Leopold baixou-se para o tocar, para o acalmar, mas, antes que a mão o alcançasse, o seu corpo desfez-se em cinzas.

Leopold disse uma prece pelo strigoi que quisera mudar de rumo, ainda que o seu coração fosse impuro. Ajoelhou-se, então, e juntou de novo as mãos.

Terminou a sua própria longa confissão e esperou pelo vinho. Se o seu percurso fosse considerado digno, não arderia em cinzas diante daquele sagrado sanguinista. Se ele e aquele que servia estivessem errados, uma simples gota de vinho revelá-lo-ia.

Abriu a boca, deixando que Cristo fosse vertido no seu corpo.

E viveu.

Leopold regressou ao seu corpo trémulo, comprimido pelo aguçado feno. Nunca considerara a sua conversão de *strigoi* em sanguinista como pecado, como algo que exigisse penitência.

“Porque lhe enviara Deus aquela visão? Porquê agora?”

Por um angustiante momento, receou que fosse porque Deus sabia que a sua conversão fora feita sob falsos pretextos, que Leopold estava destinado

a trair a ordem, como o *Damnatus* traíra Cristo.

Deixou-se ficar ali por muito tempo, ponderando tudo aquilo, depois engoliu os seus medos.

Não.

Tivera aquela visão, precisamente *porque* a sua missão era verdadeira.

Deus poupava-lhe a vida, então, para servir o *Damnatus* e poupava-a de novo, agora. Depois de o Sol se pôr e as equipas de emergência partirem naquela noite, deixaria o fardo de feno a coberto da escuridão e continuaria a sua missão, a todo o custo.

Porque Deus assim lho dissera.

CAPÍTULO 20

19 de dezembro, 13h44, CET
Roma, Itália

Sobre o rio Tibre, Judas puxava os remos para trás e o esguio barco de madeira disparava ligeiro pelas águas. A luz do sol refletia-se do rio prateado e ofuscava-lhe o olhar. Naquela altura tardia do ano, apreciava a sua luminosidade e calor declinante.

Um bando de corvos volteou adiante, desaparecendo entre os ramos nus de um parque na margem, antes de se elevar contra o vivo céu de inverno.

Em baixo, mantinha o corpo a trabalhar ritmado, movendo-se ao longo do Tibre, aumentando a cadência ao cruzar a esteira de outro barco a passar. Embarcações maiores sulcavam o rio à sua volta. O seu frágil casco de madeira poderia facilmente ser reduzido a fósforos, em segundos. Naquela altura do ano, ele era o único remador que enfrentava as gélidas temperaturas de inverno e o risco de ser abalroado por lanchas rápidas, *ferries* e cargueiros.

O telemóvel vibrou com mais uma mensagem de texto da rececionista.

Suspirando, soube o que dizia, sem sequer a ler. Vira-o nas notícias, antes de subir para o barco. O comboio papal fora destruído. Só o cardeal sobrevivera. Todos os outros tinham morrido.

Impeliu de novo os remos na água.

Com a trindade profética eliminada, nada se interpunha no seu caminho.

A última mensagem do irmão Leopold mencionara o Primeiro Anjo, aquele que estava destinado a usar o livro como arma na Guerra dos Céus

que se avizinhava. Com a profecia quebrada, esse anjo não representaria provavelmente mais ameaça, mas Judas não gostava de pontas soltas.

O capitão de um *ferry* soou a sirene e Judas ergueu uma mão em saudação. O homem endireitou o boné preto e acenou de volta. Cumprimentavam-se quase todos os dias, há vinte anos. Judas vira-o crescer de franzino rapazola, incerto do seu comando, para um imponente homem maduro. Porém, nunca lhe conhecera o nome.

Aprendera a entender a solidão, enquanto via a família e os amigos morrerem. Aprendera a manter a distância dos outros, depois de gerações de amizades terem terminado em morte.

Mas e esse rapaz imortal de que Leopold falara?

“Thomas Bolar.”

Judas queria-o. Negociaria com Rasputine, pagaria o que o monge exigisse e traria aquela criança imortal para sua casa. O seu coração acelerou ante o pensamento de conhecer outro como ele, mas também por conhecer o papel que o rapaz estava destinado a desempenhar.

“Ajudar a conduzir o mundo ao seu fim.”

Era uma pena que não tivesse conhecido esse rapaz mais cedo na sua longa vida, para ter alguém com quem partilhar a interminável sucessão dos anos, outro alguém sem idade e não sujeito à prisão do tempo.

Porém, tal oportunidade fora-lhe oferecida séculos antes e ele desperdiçara-a.

“Talvez esta seja a minha penitência.”

Enquanto puxava os remos, recordou a pele escura e os olhos áureos de Arella. Lembrou a primeira viagem que fizera com ela, na noite em que se reuniram de novo no baile de máscaras veneziano. Também nessa altura, manobrou um barco de madeira, dirigira a embarcação para onde queria, nunca se dando conta do pouco controlo que tinha.

A gôndola deslizava sobre as águas serenas de um sombrio canal, as estrelas brilhando no alto, uma lua cheia e chamativa. Enquanto impelia a embarcação pela leve névoa, passando junto de uma grandiosa casa veneziana, o fedor a excrementos e dejetos varreu a barca, invadindo aquela agradável noite como uma sombra sulfúrea.

Fez uma careta ao ver o cano de esgoto vertendo tépido no canal.

Notando a atenção e expressão dele, Arella rira:

– Esta cidade não é suficientemente refinada para o seu gosto?

Ele gesticulou para os quartos acima repletos de riso e decadência, depois para a imundície conspurcando as águas em baixo.

– Há maneiras melhores de se livrarem deste lixo.

– E a devido tempo, encontrá-las-ão.

– Eles encontraram-nas e perderam-nas.

A voz de Judas continha a amargura que adquirira ao assistir ao destino dos homens.

Ela arrastou os dedos longos e morenos pelo negro lacado do casco.

– Fala das antigas maravilhas de Roma, quando a cidade estava no seu maior esplendor.

Ele impeliu a embarcação para longe das casas iluminadas, de volta à sua estalagem.

– Muito se perdeu, quando essa cidade caiu.

Ela encolheu os ombros.

– Será ganho de novo. A seu tempo.

– Em tempos passados, os curandeiros de Roma sabiam curar doenças de que os homens desta era ainda sofrem e morrem.

Ele suspirou por tanto que se perdera para aquela era de treva. Desejava ter estudado Medicina, poder ter preservado tal conhecimento, depois de os livros terem sido queimados e os homens sábios mortos pela espada.

– Esta era passará – asseverou Arella. – E o conhecimento será recuperado.

A luz prateada do luar brilhava no seu cabelo e ombros nus, deixando-o intrigado quanto à bela e misteriosa mulher diante de si. Depois de se descobrirem de novo, tinham dançado quase toda a noite, flutuando por soalhos de madeira, até se encontrarem ali ao despontar da aurora.

Por fim, abordou o tema que estivera relutante em evocar toda a noite, receoso da resposta.

– Arella...

Ele abrandou o curso do barco e deixou-o à deriva pela névoa, tão livre como uma folha de árvore.

– ...só pelo meu nome conhece o meu pecado, o meu crime, e a maldição que me foi imposta por Cristo, de viver eternamente. Mas como pode você... o que é que...?

Nem conseguia formular por completo a pergunta.

Contudo, ela compreendeu e sorriu.

– O que lhe diz o meu nome?

– Arella – repetiu ele, deixando-o rolar para fora da língua. – É um nome bonito. Antigo. Em hebraico antigo, significa: mensageiro de Deus.

– E é um nome apropriado – disse ela. – Carreguei frequentemente mensagens de Deus. Também nisso somos semelhantes. Ambos servos dos céus, obrigados pelo nosso dever.

Judas fez um breve riso escarninho.

– Ao contrário de si, não recebi mensagens do alto.

E como desejava ter recebido. Uma vez desvanecida a amargura da maldição, perguntara-se muitas vezes porque tal punição lhe fora imposta na carne, tornando-o incapaz de morrer. Seria mero castigo pelo seu pecado ou teria algum propósito, um fim que ele ainda não percebera?

– É afortunado – disse ela. – Eu teria aceitado de bom grado tal silêncio.

– Porquê? – insistiu ele.

Ela suspirou e tocou o fragmento de prata que lhe pendia do pescoço.

– Pode ser uma maldição ver vislumbres do futuro, saber de uma tragédia que vai acontecer, sem saber como a afastar.

– Então, é uma profetisa?

– Fui, em tempos – disse ela, os seus olhos escuros olhando de relance para a Lua no alto. – Ou, deveria dizer, em muitos tempos. No passado, usei o título de Oráculo de Delfos, de Sibila da Eritreia, mas tive muitos outros nomes ao longo das eras.

Em choque, ele deixou-se cair no banco à sua frente. Mantendo uma mão no longo remo na água, tomou a dela na sua outra mão. Apesar da noite fria, sentiu o calor que lhe irradiava do corpo, bem mais quente do que o toque da maioria dos homens e mulheres, do que qualquer humano.

Os lábios dela curvaram-se no já familiar meio sorriso.

– Duvida de mim? Você que viveu o tempo de ver o mundo mudar e voltar a mudar?

O mais extraordinário era que não duvidava.

Enquanto a gôndola deslizava silenciosamente ao luar, um meio sorriso desenhava-se nos lábios dela, como se lhe conhecesse os pensamentos, adivinhando o que ele começara a suspeitar.

Ela esperou.

– Não pretendo saber tais coisas – começou ele, imaginando-a nos seus braços, dançando com ela. – Mas...

Ela mexeu-se no lugar.

– O que não pretende saber?

Ele sentiu o calor intenso da palma da mão e dos dedos.

– A natureza de alguém como você. Alguém que recebe mensagens de Deus. Alguém que resiste ao longo das eras. Alguém de tal perfeição.

Ele corou ao dizer essas últimas palavras.

Ela riu.

– Então, sou assim tão diferente de si?

No seu íntimo, ele sabia que sim – por natureza e por caráter. Ela era a personificação do bem, enquanto ele fizera coisas terríveis. Contemplou a maravilha diante de si, ciente de outro nome para um mensageiro de Deus, um outro nome para Arella.

Forçou-se a proferi-lo em voz alta.

– É um anjo.

Ela uniu as mãos à sua frente, como em oração. Lentamente, uma suave luz dourada emanou do seu corpo. Inundou a gôndola, a água, o rosto dele. O calor desse toque inundou-o de alegria e santidade.

Ali estava outro ser eterno – mas ela não era como ele.

Enquanto ele era o mal, ela era o bem.

Enquanto ele era escuridão, ela era luz.

Ele fechou os olhos e bebeu desse esplendor.

– Porque veio até mim? Porque está aqui?

Ele abriu os olhos e fitou a água, as casas, a imundície no canal, depois ela de novo – aquela beleza ímpar.

– Porque está na Terra e não no Céu?

A luz desvaneceu-se e ela pareceu de novo uma mulher comum.

– Os anjos podem descer à Terra. – Ela olhou-o. – Ou podem cair.

Sublinhou essa última palavra.

– Caiu?

– Há muito – acrescentou ela, lendo o choque e a surpresa no seu rosto.

– Juntamente com a Estrela da Manhã.

Era outro nome de Lúcifer.

Judas recusava-se a acreditar que ela tivesse sido expulsa do Céu.

– Mas sinto apenas bondade em si.

Ela fixou-o, os seus olhos pacientes.

– Porque caiu? – insistiu ele, como se fosse uma pergunta simples numa simples noite. – Não pode ter feito mal.

Ela baixou o olhar para as mãos.

– Mantive o meu conhecimento do orgulho de Lúcifer escondido no meu coração. Previ a sua rebelião, contudo fiquei em silêncio.

Judas procurou imaginar tal acontecimento. Ela ocultara a Deus uma profecia relativa à Guerra dos Céus e, por isso, fora expulsa.

Arella levantou a cabeça e falou de novo.

– Foi um castigo justo. Mas ao contrário da Estrela da Manhã, não desejei mal à humanidade. Decidi usar o meu exílio para cuidar do rebanho de Deus aqui, para continuar a servir os Céus como pudesse.

– Como serve os Céus?

– Como posso. – Ela sacudiu um grão de pó da saia. – O meu ato mais grandioso foi durante a sua era, quando protegi o Cristo criança do mal, zelando por ele quando ainda era bebé, indefeso neste mundo cruel.

Judas baixou a cabeça envergonhado, recordado de como falhara em fazer o mesmo, quando Jesus era mais velho. Judas traíra não apenas o Filho de Deus, mas, também, o seu mais querido amigo. Sentiu de novo o peso da bolsa de moedas de prata que os sacerdotes lhe tinham dado, o calor da face de Cristo sob os seus lábios, quando o beijou para o assinalar ao carrasco.

Incapaz de afastar o ciúme da voz, indagou:

– Mas como protegeu Cristo? Não compreendo.

– Apareci a Maria e José em Belém, pouco depois de Cristo ter nascido. Disse-lhes o que antevira, o sacrifício dos inocentes pelo rei Herodes.

Judas engoliu em seco, conhecendo a história, reconhecendo de novo quem com ele partilhava o barco.

– É o anjo que lhes disse para fugirem para o Egito.

– Também os conduzi aí, levando-os para onde o filho pudesse crescer protegido do mal.

Judas compreendia, agora, quão diferente ela era de si.

Ela salvara Jesus.

Judas matara-o.

A respiração tornou-se opressiva. Tinha de se levantar de novo, de se mover. Recomeçou a impelir lentamente a gôndola pelo canal, tentando imaginar a vida dela ali na Terra, uma extensão de tempo bem mais longa do que a sua curta existência.

Por fim, colocou-lhe outra questão, igualmente importante para si.

– Como suporta o tempo?

– Passo por ele, tal como você. – Tateou de novo o fragmento pendente do pescoço. – Por tempos indefinidos, servi a humanidade como vidente, profetisa, oráculo.

Ele imaginou-a nesse papel, envergando as simples vestes de uma sacerdotisa délfica, partilhando palavras proféticas.

– Contudo, já não o faz?

Ela olhou para além das águas escuras.

– Ainda vejo vislumbres ocasionais do que está para vir, do tempo que se estende à minha frente, tão certo quanto o que está para trás. Não posso evitar tais visões. – Uma linha de mágoa desenhou-se entre as sobrancelhas. – Mas já não as partilho. Conhecer essas profecias trouxe mais sofrimento do que satisfação à humanidade, pelo que mantenho tais futuros em segredo.

A estalagem surgiu por entre a névoa. Manobrou a gôndola em direção ao cais de pedra. Uma vez de través, dois homens de libré apressaram-se a amarrar o barco. Um deles estendeu uma mão enluvada à bela senhora. Judas amparou-a com uma mão encostada à curva das costas.

Então, sombras surgiram da escuridão mais acima e aterraram no cais, tomando a forma de homens – mas não eram homens. Ele vislumbrou os dentes afiados, os rostos pálidos e selvagens.

Muitas vezes lutara contra tais criaturas e muitas vezes perdera. Porém, com a sua imortalidade, acabava sempre por sarar e o seu sangue impuro sempre os destruía.

Puxou Arella para trás de si, no barco, deixando as bestas apanharem os homens do hotel. Ele não os podia salvar, mas talvez pudesse salvá-la a ela.

Balançou o longo remo como uma clava, enquanto as belas mãos de Arella lutavam com as cordas que os amarravam ao cais. Uma vez soltas, ele impeliu a gôndola para longe. Inclinou-se sobre um dos lados, depois endireitou-se.

Mas não eram suficientemente rápidos.

As criaturas saltaram sobre a água. Era uma distância impossível para um homem, mas fácil para essas bestas.

Sacou de um punhal da bainha na sua bota e espetou-o fundo no peito da maior de duas criaturas. Sangue gélido espalhou-se pela sua mão e pelo braço, ensopando-lhe a elegante camisa branca.

Nenhum homem teria sobrevivido ao golpe, mas a criatura mal abrandou, derrubando-lhe o braço e arrancando o punhal do seu próprio corpo.

Atrás dele, a segunda besta tinha deitado Arella por terra e rastejava pelo seu corpo macio.

– Não – sussurrou ela. – Deixe-nos.

Arrancou o fragmento de prata do pescoço e passou o seu gume afiado pela goela da criatura.

Um guincho irrompeu-lhe da garganta rasgada, seguido de chamas que rapidamente varreram aquele corpo maldito. Inteiramente em chamas, lançou-se à escuridão fria do canal, mas apenas cinzas caíram à água, o corpo já totalmente consumido.

Ao vê-lo, a besta maior saltou alto, alcançando a margem próxima e partiu na direção da cidade escura.

Arella mergulhou o fragmento no canal e limpou-o à saia.

Ele escrutinou a prata nas mãos dela.

– Como?

– É um pedaço de lâmina sagrada – explicou ela, pendurando-o de novo ao pescoço. – Mata qualquer criatura que penetre.

O coração de Judas acelerou.

Poderia matar o que não podia ser morto – como ele?

Ou ela?

A mágoa atravessou o rosto dela, como se lhe tivesse lido os pensamentos, confirmando o que ele acabara de imaginar. Ela carregava o instrumento da sua própria destruição em volta do delgado pescoço, uma forma de escapar àquela prisão de anos infinitos. E pela expressão dela, devia ter-se sentido violentamente tentada a usá-lo, em certos momentos.

Ele compreendia esse desejo. Por incontáveis anos, procurara pôr fim à sua vida, suportando indescritível dor nessas tentativas. Porém, continuava a viver. O simples direito à morte era garantido a todas as outras criaturas. Mesmo as bestas que ali tinham combatido, podiam simplesmente caminhar para a luz do dia e acabar com a sua existência pecaminosa.

O seu olhar recaiu de novo sobre a prata reluzente entre os seios dela, sabendo que a morte que desejara por tanto tempo estava próxima. Bastava agarrá-la.

Em vez disso, estendeu a mão e pegou na mão dela, puxando-a para ele, para os seus lábios.

Beijou-a, feliz por estar vivo.

Sobre o Tibre, no cintilar do sol do meio-dia, Judas rememorou esse momento, esse beijo na escuridão. A mágoa cresceu dentro de si, sabendo o que se seguiria, que aquela relação terminaria tão mal.

“Talvez devesse ter agarrado no fragmento e não na mão dela.”

Nunca soube onde ela o obtivera, nem nada mais sobre aquela lâmina sagrada. Afinal, cada qual tinha segredos a guardar.

Tateou o bolso do peito e retirou uma pedra gélida, da dimensão e forma de um baralho de cartas. Era feita de um cristal verde-claro, como uma esmeralda, mas bem no centro apresentava uma mancha, um veio negro-ébano. Ergueu a pedra contra o sol, revirando-a de vários lados. A marca negra tremulou à luz, refluindo para um pequeno ponto, mas presente. Uma vez devolvido o cristal às sombras do bolso, a mancha cresceria de novo.

Como uma coisa viva.

Só que aquele mistério medrava na escuridão, não na luz.

Ele encontrara a pedra nos anos que se seguiram a Arella, depois de descobrir *porque* percorria aquele longo caminho na Terra. Durante esse tempo obscuro da sua vida, perdera-se no estudo da alquimia, ensinado pelos pares de Isaac Newton e Roger Bacon. Aprendera imenso, inclusive a animar as suas criaturas automatizadas, a manipular o poder contido no seu sangue.

Encontrara o cristal ao procurar a mítica pedra filosofal, uma substância que se dizia garantir a vida eterna. Esperara que lhe fornecesse uma pista para a sua própria imortalidade. Desenterrara o cristal debaixo da pedra angular de uma igreja em ruínas.

Afinal, não era a pedra filosofal, mas algo bem mais poderoso, ligado à *morte* e não à *vida* imortal. Passou o polegar pela marca escavada na parte inferior da pedra. Depois de anos a estudar o símbolo e a pedra, descobrira muitos dos seus segredos – mas não todos.

Porém, sabia que, nas mãos certas, aquela singela pedra verde poderia perturbar o equilíbrio da vida na Terra. Durante séculos, esperara pelo momento certo para libertar esse mal no mundo, para terminar a missão pela qual fora colocado na Terra.

Guardou a pedra no bolso e fitou o Sol.

Por fim, era chegado o momento.

Mas, primeiro, tinha de amarrar dois anjos.

Um do passado, outro do presente.

CAPÍTULO 21

19 de dezembro, 13h48, CET
Oceano Ártico

Bem acima do convés do quebra-gelo, Tommy agarrava os braços metálicos de uma grua escarlate, segurando-se firmemente com as suas grossas luvas. Não tinha medo da morte, sabendo que a queda na dura estrutura metálica em baixo não o mataria – mas dispensava a dor de uma coluna, pélvis ou crânio partidos.

Em vez disso, içava-se cuidadosamente mais alto.

Os seus captores deixavam-no subir quando queria.

Também eles não tinham medo que ele morresse – ou fugisse.

Esforçou-se por contornar a grua até à parte de trás. Mesmo com o vento cortante, adorava estar ali em cima. Sentia-se livre, deixando em baixo todos os seus medos e inquietações.

Com o Sol do Ártico apaticamente pousado no horizonte, recusando erguer-se completamente naquela altura do ano, Tommy contemplava a infinita extensão de mar gelado, o trilho escuro de água aberto pela proa do navio. Os únicos seres vivos ao longo de quilómetros em redor eram a tripulação do quebra-gelo. Não estava certo de Alyosha e o mestre do miúdo contarem como seres vivos.

O ranger de uma porta chamou-lhe a atenção do horizonte de volta para o convés. Uma figura escura passou por uma escotilha, tendo de se baixar para sair. Segurava as pontas da veste contra o vento feroz – não porque

tivesse frio, mas simplesmente para impedir que o tecido lhe vergastasse o corpo. Era fácil detetar a barba cerrada, a expressão rígida.

Era o mestre de Alyosha.

Grigori Rasputine.

O monge russo segurava um telefone de satélite na mão.

Curioso, Tommy trepou na direção dele, tencionando espiá-lo de cima.

A bordo do navio, todos faziam um silêncio de morte quando Tommy entrava numa cabina. Olhavam-no como se fosse uma criatura alienígena – e talvez o fosse, agora. Mas dali de cima, sem ser visto, ele podia ouvir e observar a vida comum desenrolar-se lá em baixo. Era outra das razões porque gostava de trepar até ali. Reconfortava-o ver alguém fumar ou assobiar ou dizer uma piada, mesmo não entendendo russo.

Silenciosamente, foi descendo até achar um pouso suficientemente próximo para escutar, mantendo-se fora da vista de Rasputine.

O monge caminhava lá em baixo, resmungando em russo e fitando o gelo em volta. Verificava constantemente o telefone, como se esperasse uma chamada. Algo o tinha claramente agitado.

Por fim, o telefone tocou.

Rasputine levou bruscamente o aparelho ao ouvido.

– *Da?*

Tommy mantinha-se perfeitamente imóvel no seu pouso. Rezou para que a pessoa do outro lado da linha falasse inglês. Talvez pudesse ficar a saber alguma coisa.

“*Por favor...*”

Rasputine aclarou a garganta, depois de ouvir durante um minuto, e falou com sotaque carregado.

– Antes de negociar o rapaz – disse ele – quero uma fotografia do Evangelho.

Tommy ficou aliviado ao ouvir inglês, mas o que queria Rasputine dizer com *negociar o rapaz*? Estaria alguém a tentar comprá-lo? O telefonema

teria a ver com a sua libertação ou outra prisão?

“Se eu pudesse ouvir o outro lado da linha.”

Infelizmente, esse desejo não lhe foi concedido.

– Eu sei o que o Evangelho revelava, cardeal – rosnava Rasputine. – E não negociarei, a menos que possa verificar que o livro permanece em sua posse.

As questões explodiam como foguetes na cabeça de Tommy:

“Que evangelho? Que cardeal? Estaria a falar com alguém da Igreja Católica? Porquê?”

Tommy recordou o olhar do padre que o confortara depois da morte dos pais, em Massada. Recordou a preocupação do homem. O padre oferecera mesmo uma oração pelos seus pais, apesar de saber que eram ambos judeus.

Sons irados irromperam do outro lado da linha, sonoros o suficiente para chegarem onde Tommy se encontrava.

Rasputine voltou a falar, mudando de inglês para o que soava como latim.

Recordou que a prece do padre também fora feita em latim.

Haveria ligação?

– Estas são as minhas condições – cuspiu Rasputine, pondo fim à chamada.

Retomou os passos, até que o telefone emitiu o som de entrada de mensagem.

Rasputine olhou o ecrã e caiu de joelhos no convés gelado. O rosto parecia extasiado ao varrer o gelo em volta, segurando o telefone entre as mãos como se fosse um livro de orações.

Tommy empoleirou-se silenciosamente na grua para fixar o ecrã em baixo. Não conseguia perceber, mas adivinhou que seria a foto do evangelho que Rasputine exigira ver.

O telefone tocou de novo.

Rasputine atendeu, de joelhos, claramente incapaz de esconder o deleite da voz.

– *Da?*

Seguiu-se uma longa pausa, enquanto o monge escutava.

– Bastante satisfatório – disse, tocando a sua cruz com um dedo maciço.

– Mas, cardeal Bernard, podemos sempre encontrar-nos em São Petersburgo para a troca. Gostaria de lhe demonstrar um pouco da hospitalidade russa. O padre Korza ficou bastante agradado quando me visitou da última vez.

Tommy sobressaltou-se, quase caindo do pouso.

Tinha esquecido o nome do padre, mas reconhecera-o ao ouvi-lo agora.

“Korza.”

Antes que pudesse considerar esse novo mistério, Rasputine descobriu os dentes, expondo as suas presas afiadas.

– Terreno neutro, então – disse com riso abafado. – Que tal Estocolmo?

Rasputine ficou à escuta mais um pouco, depois despediu-se e desligou o telefone. O monge voltou a pôr-se de pé e fitou o gelo em redor, durante muito tempo.

Tommy tinha receio de se mover, pelo que observou e esperou.

O monge inclinou a cabeça e olhou em cima para Tommy, o seu sorriso mais gelado do que o gelo que rodeava o navio. Rasputine devia saber que Tommy estivera ali o tempo todo. Suspeitava mesmo que o monge tivesse propositadamente passado ao inglês, para se certificar de que Tommy compreendia a essência da conversa.

Mas porquê?

Rasputine agitou um dedo na sua direção.

– Tem cuidado aí em cima. Podes ser um anjo, mas ainda não tens as tuas asas. Terei de te arranjar um par, antes de partirmos.

O riso cruel ecoou pelo convés.

“O que queria ele dizer com aquilo?”

Subitamente, Tommy sentiu que corria maior perigo do que há um momento atrás. Rezou para que alguém o salvasse, visualizando o rosto do padre Korza.

Mas o sacerdote seria bom ou mau?

CAPÍTULO 22

*19 de dezembro, 13h51, CET
Castel Gandolfo, Itália*

Perdido em sangue e fogo, Rhun afastou os lábios da boca de Elisabeta e levou-os à garganta dela. A sua língua deslizou por veias que outrora pulsavam de vida.

Ela gemia sob ele:

– Sim, sim, meu amor...

As presas cresceram-lhe, prontas a penetrar a carne macia e beber o que ela lhe oferecia.

A sua garganta de alabastro seduzia-o.

Por fim, unir-se-ia a ela. O sangue dela correria pelas suas veias, como o dele fluíra por ela. Desceu os lábios sôfregos sobre a apetecível garganta.

Abriu a boca, descobrindo os dentes aguçados à carne macia.

Antes que pudesse morder, umas mãos agarraram-no subitamente. Foi arrancado de Elisabeta e esmagado contra a parede de pedra. Rosnou e debateu-se, mas o seu captor manteve-se firme como um lobo sobre um alce.

Ouviu dois estalidos.

Depois, um outro par de mãos uniu-se ao primeiro.

Quando o fogo se dissipou da vista, viu Elisabeta algemada à cama, lutando para se libertar. O ardor da prata empolando-lhe os delicados pulsos, arruinando o que ele acabara de sarar, de beijar.

Nadia e Christian prendiam-no contra a parede. Na sua plena força, poderia ter sido capaz de se libertar, mas ainda estava enfraquecido. As palavras deles penetravam a sua confusão, revelando-se como preces, relembrando-o de quem era.

Esgotado, cedeu à força deles.

– Rhun. – Nadia não afrouxou o aperto. – Reze connosco.

Obedecendo ao comando na voz dela, ele moveu os lábios, forçando as palavras a saírem. A sede de sangue esmoreceu lentamente, mas o consolo não ocupou o seu lugar, apenas o vazio, deixando-o exausto, consumido.

Os dois sanguinistas arrastaram-no para fora da cela e Nadia trancou a porta.

Carregando-o para uma cela mais adiante, Christian deitou-o numa cama.

“Sou também prisioneiro, agora?”

– Cura-te! – Nadia pressionou um cantil de vinho contra a palma da sua mão.

Ela e Christian fecharam e trancaram a porta da cela.

Ficou deitado de costas na enxerga bafienta. O odor bolorento a palha velha e pó de pedra enchia o compartimento. Ansiava por voltar à cela de Elisabeta e perder-se na fragrância do sangue. Com ambas as mãos, agarrou a cruz peitoral e deixou que a prata lhe queimasse as palmas, mas não conseguia focar a mente.

Sabia o que tinha de fazer.

Pegou no cantil, abriu-o e esvaziou todo o conteúdo num longo gole. O fogo do sangue de Cristo não deixaria lugar à dúvida. A santidade cauterizou-lhe a garganta e explodiu no seu íntimo, esvaziando-o, expulsando mesmo o vazio de há um momento atrás.

Agarrando de novo a cruz, fechou os olhos e esperou que a penitência se abatesse sobre ele. O preço da bênção de Cristo era o reviver dos piores pecados.

Mas o que lhe revelaria, desta vez, o sangue consagrado?

O que poderia ser suficientemente forte para se equiparar ao pecado na sua alma?

Com a Lua alta, Rhun fez o sinal da cruz e cruzou o limiar da taberna. Era o único lugar de reunião num pequeno lugarejo, conhecido pela qualidade do seu mel. Quando entrou, o cheiro do hidromel misturou-se com o odor férreo do sangue derramado.

Um strigoi estivera ali. Um strigoi matara ali.

Uma empregada de mesa, franzina e crivada de feridas, estava estendida no chão imundo, ao lado do corpulento estalajadeiro. Nenhum batimento ecoava do seu peito. Estavam mortos e assim permaneceriam.

Cacos de louça de barro estalavam-lhe debaixo das botas.

O fogo da lareira reluzia na sua lâmina de prata.

Bernard treinara Rhun naquela arma, bem como em muitas outras, preparando-o para a sua primeira missão como sanguinista. Fazia precisamente um ano que Rhun perdera a sua própria alma num ataque de strigoi, ao lado da campa da sua irmã.

Hoje, teria de iniciar a sua redenção.

Bernard ordenara-lhe que encontrasse a besta que andava a aterrorizar a aldeia local. O bárbaro strigoi chegara há apenas dois dias, mas já matara quatro almas. Rhun teria de converter os apetites impuros da besta em desejos sagrados, como Bernard fizera com ele, ou matar a criatura.

Um ranger chamou a sua atenção para o canto, onde uma grosseira mesa de madeira fora empurrada contra a parede. A sua visão apurada detetou uma sombra na escuridão em baixo da mesa.

O strigoi que procurava escondia-se aí.

Um outro som chegou-lhe aos ouvidos.

Choro.

Num único salto, Rhun cruzou a distância até à mesa, puxou-a com uma mão e lançou-a para longe. Com a sua outra mão, desceu a espada sobre uma garganta pálida e suja.

Uma criança.

Um rapaz de dez ou onze anos fitava-o, de olhos esgazeados, o cabelo castanho curto penteado por mãos ternas. Dedos imundos envolviam os joelhos magros e nus. As lágrimas manchavam-lhe as faces – mas o sangue marcava-lhe o queixo.

Rhun não se atrevia a mostrar misericórdia. Demasiados sanguinistas tinham morrido por subestimarem a sua presa. Um rosto jovem e inocente mascarava, muitas vezes, um assassino com séculos de idade. Recordou-se disso, mas a criança parecia inofensiva, inspirando mesmo compaixão.

Olhou rapidamente para os corpos mortos no chão, relembrando-se que não se deixasse iludir. O rapaz estava longe de ser inofensivo.

Virou o rapaz e encostou-o ao peito, agarrando-o por trás, prendendo-lhe os braços em baixo. Rhun arrastou-o até à lareira. Um espelho estava pendurado sobre a tosca prateleira de madeira.

O reflexo mostrava a criança quieta no seu aperto, não oferecendo resistência.

Uns infelizes olhos castanhos encontraram os seus no espelho.

– Porque sou um monstro? – perguntaram aqueles lábios inocentes.

Rhun vacilou perante a questão inesperada, mas buscou forças no que Bernard lhe ensinara.

– Pecaste.

– Não pequei, não o fiz de minha livre vontade. Eu era um bom rapaz. Uma criatura entrou pela minha janela durante a noite. Mordeu-me. Fez-me beber do seu sangue e depois desapareceu. Eu não quis que isso acontecesse. Lutei contra isso. Lutei com todas as minhas forças.

Rhun recordou-se da sua própria resistência inicial aos strigoi, que lhe tinham roubado a alma, e de como sucumbira no fim, abraçando a

felicidade que lhe era oferecida.

– Há uma maneira de travar o mal, servindo de novo a Deus.

– Porque havia de querer servir um deus que permitiu que isto me acontecesse?

A criança não parecia revoltada, simplesmente curiosa.

– Podes transformar esta maldição numa dádiva – disse ele. – Podes servir a Cristo. Podes viver, bebendo do Seu sangue sagrado e não do sangue de humanos.

Os olhos do rapaz vaguearam pelos corpos no chão.

– Eu não quis matá-los. A sério, eu não quis.

Rhun afrouxou o aperto.

– Eu sei. E podes acabar com isso agora.

– Mas – a criança encontrou de novo o seu olhar no espelho – eu gostei.

Algo nos olhos do rapaz apelava à escuridão no seu íntimo. Rhun sabia que aquela primeira missão era tanto um teste a si próprio como ao rapaz.

– É pecado – frisou Rhun.

– Então, acabarei no Inferno.

– Não, se te desviares deste caminho. Não, se te dedicares a uma vida de serviço à Igreja, a Cristo.

A criança refletiu, depois falou.

– Promete-me que não vou para o Inferno, se fizer como diz?

Rhun hesitou. Desejava poder oferecer uma verdade mais sólida ao rapaz.

– É a tua melhor esperança.

Como tanto na sua vida, era uma questão de fé.

Um tronco incandescente deslizou do fogo e rolou contra a parede da lareira. Faíscas reluzentes precipitaram-se para o chão, extinguindo-se aí. Rhun pressentiu que a manhã se aproximava velozmente. A criança olhou para a janela, pressentindo-o provavelmente também.

– Tens de decidir em breve – avisou Rhun.

– O sol queima-o? – perguntou a criança, encolhendo-se da dor recordada.

– Sim – admitiu Rhun. – Mas com a bênção de Cristo consigo andar sob o sol do meio-dia. O seu sangue dá-me a força e a santidade para tal.

Os olhos redondos do rapaz pareciam duvidosos.

– E se eu beber do Seu sangue, sem acreditar verdadeiramente?

– Cristo reconhecerá a falsidade. O Seu sangue reduzir-te-á a cinzas.

O pequeno corpo da criança estremeceu nos seus braços.

– Deixar-me-á partir, se eu disser que não?

– Não posso permitir que continues a matar inocentes.

O rapaz inclinou a cabeça na direção do casal no chão.

– Eles eram menos inocentes do que eu alguma vez fui. Roubavam os viajantes, traficavam prostitutas e uma vez degolaram um homem para lhe roubar a bolsa.

– Deus julgá-los-á.

– Mas eu serei julgado por si? – indagou a criança.

Rhun hesitou.

Era esse o seu papel, não era?

Juiz e executor.

A sua voz esmoreceu.

– Temos pouco tempo. A madrugada está...

– Sempre tive pouco tempo e agora não tenho nenhum. – Lágrimas brotaram e correram-lhe pelas faces. – Não o seguirei. Não me tornarei sacerdote. Não fiz nada de errado para me tornar este monstro. Por isso, acabe com isto agora. O quanto antes.

Rhun fitou aqueles olhos húmidos mas resolutos.

“É a vontade de Deus” – lembrou-se.

Contudo, hesitava enquanto o sol abrasador ameaçava.

O que fizera aquela criança para merecer ser transformada numa besta? Fora inocente, lutara contra o mal quando atacada e perdera.

Com Rhun não fora diferente – só que escolhera servi-Lo.

O odor do sangue frio vertia dos corpos no chão. Tal destruição seria o que o rapaz deixaria para trás, até ao fim dos seus dias.

– Perdoa-me – sussurrou Rhun.

O rapaz disse uma palavra que o atormentaria por séculos sem fim.

Apesar disso, puxou a lâmina pela garganta da criança, espalhando o sangue escuro no espelho.

Rhun voltou a si no chão da cela. A dado ponto, terá rastejado para debaixo da cama, enrolando-se sobre si mesmo, a chorar. Aí se descobriu, só, fitando as ripas da cama, a apenas centímetros do rosto.

“Porque me foi mostrado este momento?”

Fizera o que lhe fora ordenado, obedecendo à palavra de Deus.

Como era isso um pecado que necessitasse de penitência?

“Seria porque hesitara no final?”

Trepou de debaixo da cama e sentou-se na borda. Cravou os cotovelos nos joelhos, baixou a cabeça entre as mãos e rogou por consolo.

Mas nenhum lhe chegou.

Em vez disso, lembrou os límpidos olhos castanhos do rapaz, a sua voz aguda, como se aninhara contra o peito de Rhun e erguera o queixo, para que a lâmina encontrasse o destino certo.

Rhun lembrou-se de lhe ter pedido perdão.

O rapaz respondera:

“Não.”

No entanto, em nome de Deus, ele chacinara a criança.

Desde então, muitos rostos inocentes tinham morrido sob a sua espada. Não mais se demorou, não mais hesitou. Matara sem a angústia do pesar. Os seus anos de serviço levaram-no aí – ao ponto de matar crianças sem remorso.

Cobrindo o rosto, chorou agora.
Por si e pelo rapaz de olhos castanhos.

CAPÍTULO 23

*19 de dezembro, 14h36, CET
Castel Gandolfo, Itália*

Jordan espreguiçou-se debaixo dos lençóis, cada parte do seu corpo nu em contacto com o corpo de Erin. Ela murmurou no sono e ele puxou-a para mais perto de si.

Como sentira a falta dela.

Uma pancada na porta acordou Erin, assustando-a claramente. Sentou-se de súbito. O cabelo louro varreu-lhe os ombros e a coberta caiu do peito nu. À luz esbatida que entrava pela janela entaipada, ela era bela.

Procurou-a, incapaz de se conter.

Christian falou do outro lado da porta, em tom divertido.

– Têm quinze minutos. Por isso, terminem o que começaram... ou comecem o que quiserem terminar. Seja qual for o caso, foram devidamente avisados.

– Obrigado! – respondeu Jordan, sorrindo a Erin. – Sabes que é pecado mortal desobedecer à ordem direta de um sacerdote.

– De certa forma, não me parece que tal seja verdade – contrapôs ela, com um sorriso descontraído e apontando, depois, o chuveiro e a promessa de água quente, sabão e pele nua. – Mas, para o bem das nossas almas, talvez seja melhor jogar pelo seguro.

Ele sorriu-lhe, levantou-a nos braços e levou-a para a casa de banho.

Quando Christian voltou a bater à porta, estavam ambos de banho tomado, vestidos e equipados com as novas armas. Apesar das feridas e

pisaduras, Jordan não se sentia tão bem há muito.

Uma vez no corredor, Christian levou um dedo aos lábios e passou a cada um deles uma pequena lanterna.

“Para que será isto?” – perguntou-se Jordan.

Porém, confiava o suficiente em Christian para não questionar as ações do homem. Jordan e Erin seguiram-no até ao fim da passagem, por uma série de escadas abaixo e por um longo túnel sem luz.

Jordan ligou a sua lanterna e Erin fez o mesmo.

Christian impôs um passo esgotante ao longo da passagem. Parecia escavada no leito rochoso natural e estendia-se, pelo menos, por um quilómetro e meio. Por fim, Christian alcançou uma porta de aço e estacou. Introduziu dígitos num teclado eletrónico e deu um passo atrás. A porta girou silenciosamente para dentro. Tinha cerca de 30cm de espessura e, provavelmente, conseguiria suportar a detonação de uma bomba.

A radiosa luz do dia inundou a passagem escura.

Jordan sentiu a fragrância de pinheiros e terra argilosa.

Devia ser uma saída de emergência, possivelmente destinada a pôr rapidamente o papa a salvo em caso de ameaça ao castelo.

Christian transpôs o limiar, gesticulando para se manterem próximos.

Inquieto com tanto subterfúgio, Jordan ergueu a espingarda automática, mantendo Erin entre si e Christian. Ele queria-a protegida de todos os lados.

Entraram numa densa floresta de árvores perenes. Fazia frio naquela estufa sombria. À medida que caminhavam, o hálito ficava suspenso no ar parado. Um tapete de agulhas de pinheiro caídas abafava o som dos seus pés.

Erin correu até cima o fecho do blusão de pele de lobo.

Mesmo esse som subtil foi demasiado ruidoso para aquela floresta silenciosa.

Mais à frente, três figuras saíram das sombras. Enquanto Christian relaxava, Jordan mantinha o pulso firme sobre a espingarda. Depois viu que era Nadia, conduzindo Rhun e Bathory. Ou pelo menos presumiu que fosse a condessa, já que a mulher estava velada da cabeça aos pés contra o sol. Mas a algema de prata ligada a um dos seus delgados pulsos deixava pouca dúvida de que se tratava de Bathory. A outra algema estava presa a Rhun.

Os sanguinistas não corriam riscos com a condessa.

Pessoalmente, Jordan preferia estar algemado a uma cobra.

Nadia fez sinal a Jordan para trás do maciço tronco de um pinheiro para uma reunião privada. Era enervante que ninguém falasse. Apertou brevemente o cotovelo de Erin, deixando-a com Christian, e depois seguiu Nadia.

Uma vez fora de vista, Nadia puxou para fora uma única folha de papel grossa, dobrada e selada com lacre vermelho, exibindo a insígnia de uma coroa e duas chaves cruzadas.

O selo papal.

Com uma longa unha, ela quebrou o selo e desdobrou o papel para revelar um mapa de Itália traçado à mão. Uma linha azul partia de Castel Gandolfo para norte, terminando próximo de Roma. Incluía indicações rodoviárias numéricas e um plano temporal.

Nadia ergueu um isqueiro e fez brotar uma chama, pronta a queimar o papel, de olhos postos nele.

Claramente, esperava que ele memorizasse o mapa.

Suspirando sem emitir som, memorizou as indicações rodoviárias e temporais. Uma vez terminado, olhou nos olhos dela.

Ela imitou o gesto de guiar e apontou para ele.

“Parece que terei de guiar.”

Ela levou o isqueiro à página. Chamas amareladas lamberam o espesso papel, reduzindo-o a cinzas. O propósito de toda aquela pantomina era

claro. Jordan e Nadia, e quem quer que tivesse escrito a nota – provavelmente o cardeal – eram os únicos autorizados a conhecer o destino e rota.

Não iam dar ao bombista outra oportunidade de os eliminar a todos.

Com o assunto resolvido, Nadia conduziu-o de volta a onde os outros aguardavam.

Uma vez todos juntos, atravessaram a floresta em direção a um parque de estacionamento. Havia apenas dois veículos estacionados aí: um SUV *Mercedes* preto com vidros escurecidos e uma moto *Ducati*, igualmente preta, com linhas que gritavam velocidade.

Ele contemplou desejosamente a moto, mas sabia que iria ficar com o SUV.

Comprovando-o, Nadia lançou uma perna sobre o motociclo e ergueu uma sobancelha na sua direção. Ele sorriu, recordando a louca corrida pela Baviera, alguns meses antes. Nunca se sentira tão assustado ou inflamado. Os seus reflexos sobrenaturais permitiam-lhe conduzir a máquina a velocidades que não imaginara possíveis.

Mas não ia ser assim naquele dia.

Ela atirou-lhe as chaves do SUV, antes de ligar a moto e arrancar com estrépito.

O grupo de Jordan encaminhou-se para o SUV. Rhun ajudou a condessa a subir para trás, flanqueada do outro lado por Christian. Jordan segurou a porta do passageiro da frente para Erin. Não estava disposto a deixá-la sentar-se no banco de trás com Rhun e a condessa.

Mesmo o banco da frente era demasiado perto desse par.

15h14

Enquanto o veículo subia veloz uma estrada de alcatrão preto e suave, Elizabetha cerrou o punho da mão não algemada. Os automóveis aterrorizavam-na. Em Roma, fugira do seu revoltante odor, dos motores roncantes. Não tinha qualquer desejo de se aproximar de nenhum deles e agora estava dentro de um.

Era bastante como uma carruagem do seu tempo, só que as carruagens nunca foram tão rápidas. Nunca um cavalo galgara o chão a um tal ritmo. Como é que o soldado o conseguia controlar? Ela sabia que o veículo era um dispositivo mecânico, como um relógio, mas não conseguia evitar pensar que os iria cuspir para fora daquele casulo de couro, arrojando os seus cérebros de encontro à estrada dura.

Vigiu o coração dos humanos no banco da frente, usando-os como forma de avaliar potencial perigo. Naquele momento, ambos os corações batiam a um ritmo lento, tranquilo. Não receavam aquela besta expetorante e roncante.

Fez os possíveis por imitar as suas emoções.

Se eles não mostravam medo, também não se podia permitir fazê-lo.

À medida que os minutos passavam, o terror inicial desvaneceu-se, dando lugar a um simples tédio. A faixa negra de estrada desenrolava-se diante dela com uma misteriosa monotonia. Árvores, localidades e outros automóveis passavam de ambos os lados, sem serem notados, sem se fazerem notar.

Uma vez amansado o receio, os seus pensamentos voltaram a Rhun. Recordou-se dele a segurar-lhe a mão, dos seus lábios na garganta dela. Não era tão desprovido de paixão e dedicado à Igreja quanto aparentava – não agora e não outrora. Chegara de novo muito perto de quebrar os seus votos na cela.

Ela sabia que não era simples sede de sangue.

Ele desejava-a.

“Ainda me ama.”

De toda a estranheza daquele mundo moderno, essa era a que mais a assombrava. Pensava nisso agora, ciente de que esperaria pela oportunidade certa para tirar partido da situação.

Para se libertar.

Talvez para os libertar a *ambos*.

O automóvel passou por um alinhamento de casas italianas rústicas. Em algumas janelas, vislumbrou gente movendo-se no interior. Invejava-lhes a simplicidade da existência – mas também reconhecia como eram reprimidos, encurralados pela duração de um tempo de vida, vivendo vidas de fragilidade, para sempre desgastados pelo passar dos anos.

Como eram criaturas frágeis e fugazes, aqueles humanos.

Depois de mais um tempo de condução, o automóvel penetrou num vasto campo revestido do mesmo material rijo da estrada e parou ao lado de uma estrutura de metal gigante, com imponentes portas abertas.

O soldado rodou a chave e o roncar do automóvel calou-se.

– Que lugar é este? – perguntou ela.

Rhun respondeu:

– É um hangar. Um lugar que abriga aeronaves.

Ela assentiu. Sabia o que eram aeronaves, tendo visto frequentemente as suas luzes no céu noturno de Roma. No seu pequeno apartamento, estudara atentamente fotografias delas, fascinada com os prodígios daquela era.

Nas sombras do hangar, vislumbrou um pequeno aeroplano branco com uma risca azul no casco.

De uma porta lateral, Nadia surgiu, no topo de uma série de degraus. As presas de Elizabeta cresceram uma fração, o seu corpo recordando as incontáveis pequenas humilhações a que a esguia mulher a sujeitara.

Rhun guiou Elizabeta para fora do automóvel, os seus movimentos desajeitados pelas ardentes correntes que os ligavam. Seguiram os outros pelas sombras profundas do edifício.

Nadia juntou-se-lhes.

– Verifiquei minuciosamente a aeronave. É segura.

Rhun voltou-se para Elizabeta.

– Está suficientemente escuro aqui dentro. Se quiser, pode retirar o véu.

Feliz por poder fazê-lo, ergueu a mão livre e afastou o pano. O ar fresco fluíu pelo seu rosto e lábios, trazendo consigo o odor a peixe e alcatrão, e outros odores que eram acres, amargos e queimados. Aquele era um tempo que parecia funcionar a fogo e óleo queimado.

Ela mantinha o rosto desviado das portas abertas. Mesmo a luz difusa do sol a feria, mas fez o possível por esconder a dor.

Em vez disso, observou o soldado enquanto este esticava as costas e fazia regressar o sangue às pernas após a viagem. Lembrava-lhe um garanhão inquieto, solto depois de estar preso num estábulo tempo demais. O título – *Homem Guerreiro* – assentava-lhe bem.

Ele mantinha-se perto da mulher, Erin Granger. Estava claramente enamorado por ela e mesmo Rhun parecia mais atento à presença da mulher do que agradava a Elizabeta.

Porém, Elizabeth tinha de admitir que a historiadora tinha uma certa graça atlética e uma mente astuta. Num outro tempo, numa outra vida, poderiam ter sido amigas.

Nadia voltou a encaminhar-se para o aparelho.

– Se quisermos chegar ao ponto de encontro no tempo previsto, temos de partir de imediato.

O grupo seguiu-a pelas escadas acima e entrou na aeronave.

Encolhida no interior, Elizabeta olhou para a esquerda, para um pequeno compartimento com duas minúsculas cadeiras, janelas angulares e manivelas e botões vermelhos e pretos.

– É o *cockpit* – explicou Rhun. – O piloto comanda o avião a partir daí.

Ela viu o mais novo dos sanguinistas, aquele de nome Christian, tomar lugar ali dentro. As capacidades dos sanguinistas pareciam ter-se adaptado àquela nova era.

Virou costas e dirigiu-se ao espaço principal. Requentados assentos de pele alinhavam-se de cada lado da pequena aeronave, com uma estreita passagem pelo meio. Prestou atenção às pequenas janelas, imaginando como seria ver o mundo do ar, as nuvens de cima, as estrelas do céu.

Aquele era sem dúvida um tempo de prodígios.

Os seus olhos vaguearam para lá dos lugares e pousaram numa longa caixa negra ao fundo, com pegadas nas extremidades. A caixa era claramente de construção moderna, mas a forma não mudara desde muito antes do seu próprio tempo.

Era um caixão.

Estacou tão subitamente que Rhun colidiu com ela.

– Perdão – disse ele em voz baixa.

Os olhos dela não tinham deixado o caixão. Farejou. A caixa não continha nenhum corpo ou tê-lo-ia cheirado.

“Porque está aqui?”

Então, Nadia sorriu – e Elizabeta compreendeu de imediato.

Lançou-se para trás, embatendo bruscamente em Rhun. Com a mão esquerda, puxou-lhe a lâmina curva da bainha da manga. Num movimento rápido, desferiu-a na direção de Nadia. Mas o alvo dançou para trás, a lâmina acertando-lhe no queixo, fazendo sangue.

Mas não o suficiente.

Elizabeta amaldiçoou a inépcia da sua mão esquerda.

Atrás dela, uma porta bateu. Voltou-se e viu que Christian enfiara os dois humanos no *cockpit* por precaução. Sentiu-se lisonjeada por ele a considerar tamanha ameaça.

Apertou com mais força a faca e enfrentou Nadia.

A mulher soltara uma extensão de corrente, aprontando-a como um chicote, e empunhava uma espada curta na outra mão.

– Não! – bradou Rhun, a sua voz ecoando no espaço confinado.

Elizabeta manteve a posição. Recordou o sarcófago de onde irrompera para aquele novo mundo. Relembrou a cela emparedada na torre do seu castelo onde morrera lentamente à fome. Não seria de novo aprisionada, encurralada.

– Da última vez que me puseste num caixão – cuspiu a Rhun – perdi quatrocentos anos.

– É só durante viagem – prometeu Rhun. – O avião viajará acima das nuvens. Não haverá como escapar ao sol enquanto voamos.

Porém, sentia pânico só de pensar em ser encerrada de novo, incapaz de se controlar. Lutou com a corrente de prata que a ligava a ele.

– Prefiro morrer.

Nadia aproximou-se.

– Se assim prefere.

Com um rápido golpe da sua curta espada, a mulher cortou a garganta de Elizabeta. A prata queimou-lhe a pele e o sangue jorrou da ferida, tentando purgar a santidade do seu corpo. Elizabeth parou de lutar, a lâmina deslizando-lhe da ponta dos dedos. Rhun estava lá, aplicando-lhe uma mão sobre a garganta, contendo o sangue.

– O que foi fazer? – sibilou para Nadia.

– Ela sobreviverá – respondeu Nadia. – O corte é superficial. Assim, será mais fácil metê-la na caixa, sem lutas desnecessárias.

Nadia levantou a tampa articulada.

Elizabeta resmoneou, mas, mutilada pela prata, não tinha forças para mais.

Rhun ergueu-a nos braços e carregou-a até ao caixão.

– Prometo vir tirá-la daqui – disse ele. – Dentro de horas.

Baixou-a suavemente para o interior do caixão. Um estalido e a algema deixou-lhe o pulso.

Ela quis sentar-se, lutar, mas não conseguiu reunir forças para isso.

A tampa fechou-se sobre a caixa e a escuridão engoliu-a de novo.

CAPÍTULO 24

*19 de dezembro, 17h39, CET
Castel Gandolfo, Itália*

Com o sol posto há mais de uma hora, Leopold assombrava os limites da residência de verão do papa. O próprio terreno envolvente era mais extenso do que toda a Cidade do Vaticano, oferecendo uma imensidade de lugares onde se esquivar, esconder e vigiar. De momento, encontrava-se no cimo de uma das gigantescas azinheiras que cobriam a propriedade, usando os ramos e grosso tronco para se manter escondido na penumbra. A árvore erguia-se a poucos metros do edifício principal.

Mais cedo, quando o sol se punha, ele rastejara para fora do fardo de feno. A coberto da escuridão, fora fácil esgueirar-se até à barricada policial em torno dos destroços do comboio. Os seus ouvidos detetavam facilmente os batimentos cardíacos dos investigadores da equipa de resgate, permitindo-lhe evitá-los e fugir sem ser visto. Do fardo de feno, ouvira o cardeal referir que ia para Castel Gandolfo, onde poderia chorar e rezar pelas almas daqueles que tinham perdido a vida naquele dia.

Assim, Leopold seguira-o, depois de o Sol se pôr, movendo-se com a celeridade apenas possível a um sanguinista, cruzando os vários quilómetros até ao pequeno lugarejo encimado pelo castelo papal.

Na última meia hora, observara a residência à distância, circundando-a lenta e totalmente. Não se atrevia a chegar mais perto, receando que os sanguinistas no interior sentissem a sua presença.

Mas com os ouvidos apurados, ele escutava muito do que se passava lá dentro, pedaços de conversas, os mexericos entre o pessoal. Pouco a pouco, foi-se inteirando do que sabiam sobre os trágicos acontecimentos. Parecia que só o cardeal Bernard tinha escapado com vida. A polícia encontrara os corpos dos maquinistas do comboio. Leopold recordava-se de ouvir um helicóptero chegar e partir, antes de as equipas de resgate entrarem em cena. O cardeal devia ter recolhido os seus mortos. Bernard não deixaria os corpos de sanguinistas caírem nas mãos da Polícia italiana. Leopold ouviu mesmo uma criada referir um corpo, brevemente vislumbrado por ela, antes de Bernard o levar para fora de vista para as entranhas do castelo.

Leopold mudou de posição no seu ramo e rezou pelas almas assassinadas. Ele sabia que as mortes eram necessárias, para servir um propósito maior, mas chorava por Erin e Jordan, e pelos colegas sanguinistas – Rhun, Nadia e Christian. Mesmo o irascível padre Ambrose não merecera tal destino.

Agora, escutava os sons de uma missa fúnebre, a rica e inconfundível entoação italiana do cardeal, mesmo àquela distância. Os lábios de Leopold moveram-se em oração para o acompanhar, assistindo ele próprio à missa do seu alto pouso na árvore. Todo o tempo, procurara as vozes de Erin e Jordan, caso o pessoal estivesse enganado. Tentara captar o seu batimento cardíaco, por entre a tapeçaria de sons dos servidores humanos do papa.

Nada.

Apenas ouvia as preces do cardeal.

Quando a missa fúnebre chegou ao fim, desceu da árvore e saiu dos terrenos, dirigindo-se à localidade próxima. Procurou e encontrou uma cabina telefónica discreta, ao lado de uma estação de serviço. Marcou um número que memorizara.

A ligação foi atendida de imediato.

– Sobreviveste? – exclamou o *Damnatus*, parecendo mais contrariado do que aliviado. – Mais alguém?

Claro que essa seria a maior preocupação do *Damnatus*. Era evidente que receava que se Leopold tinha sobrevivido, outros poderiam ter sobrevivido também, como a trindade profética. Leopold não esperava um pedido de desculpas por ter sido apanhado na mesma armadilha – embora julgasse merecê-lo. Mas ambos sabiam que o caminho seguido era o justo. Independentemente dos seus sentimentos, Leopold tinha de agir em consonância com o *Damnatus*, ainda que o homem quase o tivesse matado para atingir o objetivo.

Ciente disso, Leopold explicou tudo o que soubera.

– Pelo que consegui determinar, apenas o cardeal sobreviveu. Uma criada viu um corpo a ser trazido dos destroços para aqui. Pode haver mais.

– Volta ao castelo e averigua o que puderes sobre esse corpo – ordenou o *Damnatus*. – Confirma que os outros estão mortos. Traz-me provas.

Leopold devia ter pensado nisso, mas entrar na residência colocava-o em grande risco de ser descoberto. Contudo, fez ao *Damnatus* a promessa.

– Assim farei.

Minutos mais tarde, Leopold viu-se no portão secreto que conduzia à ala subterrânea do castelo reservada aos sanguinistas. Rezou para que ninguém estivesse de guarda à porta. Uma vez aí, golpeou a tenra carne da palma da sua mão e verteu algumas preciosas gotas de sangue na antiga taça de pedra. Sussurrou as preces necessárias, depois esgueirou-se pela entrada, quando esta se abriu.

Estacou no limiar e aguçou os sentidos: escutando batimentos de coração, cheirando a presença de outros, perscrutando cada recanto escuro.

Uma vez convicto de estar sozinho, Leopold abriu caminho até à capela sanguinista. Quaisquer corpos recuperados da explosão teriam sido trazidos para ali. Recordou-se do funeral que escutara.

Receando que outros da sua ordem ainda circulassem por ali, tirou para fora a curta lâmina e apertou-a com força. Matara muitos homens e *strigoi* na sua longa vida, mas nunca matara outro sanguinista. Preparou-se para essa possibilidade.

Continuou silenciosamente pelo túnel final, inalando os familiares odores subterrâneos da terra húmida, excrementos de rato e um vestígio de incenso da missa recente. Quando se aproximava da entrada da capela, abrandou os passos.

Preces apagadas fluíram até ele, fazendo-o estacar.

Reconheceu a voz do solitário enlutado.

O cardeal Bernard.

Leopold moveu-se até à porta fechada e espreitou pelo minúsculo óculo. Para lá de uma fila de bancos corridos, um pano branco de altar cobria uma mesa de pedra, iluminada por velas de cera de abelha em ambos os extremos. Um cálice dourado erguia-se no centro, cheio de vinho até à borda.

A luz tremulante das chamas refletia-se das janelas de vitral engastadas nas paredes de pedra de ambos os lados – e de um caixão de ébano deposto frente ao altar.

Reparou na singela cruz de prata afixa ao topo.

Era um caixão de sanguinista.

Sabia que o corpo no interior seria em breve embarcado para Roma e sepultado no santuário sob a Basílica de São Pedro, o único lugar na Terra suficientemente seguro para guardar esses segredos.

Mas alguém não estava ainda pronto para se despedir.

Bernard ajoelhava-se diante do caixão, a sua cabeça branca inclinada, murmurando orações. Parecia diminuído, despido do seu alto estatuto de cardeal para uma mágoa profunda e pessoal.

Ali confrontado com a prova física dos seus atos, a dor penetrou Leopold. Um guerreiro da Igreja jazia morto e era como se fosse por obra

direta das suas mãos. Embora tal morte ao serviço da Igreja trouxesse a paz final a um sanguinista, Leopold não encontrava consolo em tal pensamento.

As vestes escarlates de Bernard engelharam-se quando este se inclinou para diante e pousou uma mão no pano lateral do caixão.

– Adeus, meu filho.

Leopold imaginou os companheiros sanguinistas a bordo do comboio. Pelas palavras finais de despedida do cardeal, devia ser Rhun ou Christian naquele caixão.

Bernard ergueu-se e deixou a capela, os ombros curvados pela dor.

Leopold recuou para um compartimento contíguo, atulhado de pipas de vinho. Esperou até que o som dos passos do cardeal se desvanecesse claramente ao longe, para voltar à capela vazia e entrar.

Moveu-se em direção ao caixão, as pernas pesando-lhe da mágoa e da culpa. Sabia que o *Damnatus* desejaria que fosse Rhun naquele caixão, o profetizado Cavaleiro de Cristo. O destino dos outros não era certo, mas Leopold suspeitava que não tivessem sobrado restos suficientes para serem trazidos até ali.

Alcançando a urna, fez deslizar a mão pela sua superfície suave e fria, murmurando uma prece de expiação. Depois de terminada, susteve a respiração e olhou para o interior, retesando-se.

Estava vazio.

Em choque, Leopold perscrutou a capela, procurando uma armadilha, sem encontrar nenhuma.

Voltando de novo a atenção para a urna, viu que não estava inteiramente vazia.

Um simples rosário repousava disposto com grande cuidado no fundo, as contas claramente gastas, a pequena cruz de prata romba das décadas de fricção de um polegar em oração. Imaginou Bernard a apanhar o rosário da

lama fria dos campos invernoses, tudo o que restara do sanguinista que outrora o usara.

Leopold não precisou de lhe tocar para saber a quem pertencia.

Era-lhe tão familiar quanto a sua própria mão.

Era o seu próprio rosário, perdido quando saltara do comboio.

Fechou os olhos.

“Como caí fundo, Senhor...”

Recordou Bernard tão prostrado de pesar, tão ferido de dor.

“Por mim... um traidor.”

Fechou a tampa do caixão e cambaleou para fora da capela, para fora do castelo.

Só então chorou.



TERCEIRA PARTE

*«Faz descer o granizo aos punhados,
e perante o Seu frio, quem pode resistir?»*

– SALMOS 147: 17

CAPÍTULO 25

19 de dezembro, 20h04, CET
Estocolmo, Suécia

O mundo ficara incrustado em gelo.

Encolhida contra o frio implacável da noite invernosa sueca, Erin estremecia no seu casaco, enquanto percorria a passos largos uma rua do centro de Estocolmo. A pele reforçada do blusão podia protegê-la de mordidas e golpes, mas pouco fazia contra o vento gélido que penetrava por cada abertura da roupa. Cada fôlego era como se inalasse gelo. Mesmo debaixo dos pés, a frieza das pedras enregeladas parecia infiltrar-se pelas solas das botas.

Só tomara conhecimento do destino com o avião fretado já no ar, precipitando-se para norte de Roma. O voo até à Suécia durara três horas, deixando-os naquela terra de neve e gelo. Dirigiam-se agora para um encontro na cidade com Grigori Rasputine, para negociar a libertação de Tommy Bolar, o presumível Primeiro Anjo da profecia.

Ela estava surpreendida por Rasputine ter concordado em reunir-se em Estocolmo e não em São Petersburgo. Bernard devia ter sido bastante insistente, afastando o monge russo o máximo possível do seu território natal, para um suposto terreno neutro.

Contudo, para Erin, não parecia suficientemente longe.

Christian seguia à frente. Naquele contínuo jogo de subterfúgios, o jovem sanguinista fora o único informado do local de encontro na cidade, conduzindo o grupo rapidamente pelo centro de Estocolmo. Edifícios

austeros ladeavam o caminho. As singelas fachadas escandinavas eram um alívio, depois das ornamentadas estruturas italianizadas de Roma. Uma luz quente derramava-se pela noite da maioria das janelas, refletida na neve recente acumulada de ambos os lados da rua.

O hálito de Erin formava nuvens brancas no ar, tal como o de Jordan.

Se os sanguinistas respiravam, não havia sinal.

Reparou em Jordan subitamente a farejar o ar, como um cão sentindo um cheiro. Depois sentiu-o, também: pão de gengibre e mel, castanhas assadas e o aroma quente de amêndoas glaceadas.

No fundo da rua, avultava uma praça resplandecente de luzes.

Um mercado de Natal.

Christian conduzia-os em direção àquele porto de calor e animação. Ela e Jordan mantinham-se nos seus calcanhares, seguidos por Rhun e Bathory, os dois de novo discretamente algemados um ao outro.

Nadia seguia no fim, a sua atenção focada nas costas eretas da condessa.

A cada passo e olhar, Rhun irradiava uma raiva fria. Durante todo o voo, ele fervilhara de ira pelo ataque de Nadia a Bathory. Erin conseguia compreender a lógica e necessidade do confinamento da mulher. Ninguém confiava na condessa, receando que pudesse dizer algo a um agente fronteiriço ou que atacasse alguém ou mesmo que criasse tumulto a bordo do aeroplano, o que a julgar pelos ecos da luta anterior à partida de Roma se provara uma preocupação justificada.

Mesmo assim, à semelhança de Rhun, Erin sentia-se contrariada quanto ao ato de cortar a garganta da mulher.

Bathory quase fora morta para conveniência deles. Erin doara do seu próprio sangue para restabelecer a saúde da condessa, depois de o avião aterrar, mas sabia que não desfizera o dano. Ela via-o nos olhos da condessa. Nadia dilacerara mais do que a garganta da mulher, dilacerara toda a confiança que ela pudesse depositar neles.

Para Erin, fora igualmente difícil relembrar os extremos a que os sanguinistas estavam dispostos a ir para alcançar os seus objetivos. Ela sabia que a proteção do Primeiro Anjo era fundamental para impedir uma guerra santa, mas não estava assim tão certa de os fins justificarem os meios. Especialmente naquele caso. Podia ter havido uma forma menos brutal de conter Bathory, um outro meio de conseguir a sua rancorosa cooperação, mas os sanguinistas não pareciam procurá-lo.

Porém, o ato não podia ser desfeito.

Tinham de seguir em frente.

Ao penetrar no calor e vivacidade do mercado de Natal, o seu estado de espírito gélido derreteu, bem como parte do frio no corpo, enquanto passava por braseiros vivos apinhados de castanhas assadas e amêndoas.

Mais à esquerda, um pinheiro imenso iluminado de esferas de ouro estendia os ramos verdes polvilhados de neve no céu noturno. Na escuridão, mais adiante, leves flocos de neve dançavam até ao chão. À direita, um rotundo e alegre Pai Natal acenava de uma tenda que vendia guloseimas natalícias, afagando com uma das mãos a longa barba branca.

Jordan parecia pouco notar de tudo isso. Os seus olhos avaliavam claramente a praça, examinando os altos edifícios e as pessoas que deambulavam em redor com os seus quentes casacos de inverno. Vigia cada frente de loja, como se abrigasse um atirador furtivo.

Ela sabia que ele tinha razão para estar vigilante. Recordada de que Rasputine estava algures à espreita por ali, a magia simples do mercado de Natal depressa se desvaneceu. Por exigência do monge russo, o grupo tinha deixado as armas no avião. Mas podiam confiar que Rasputine faria o mesmo? Estranhamente, era tido como um homem de palavra – embora pudesse distorcer essa palavra da forma mais inesperada, pelo que havia que prestar grande atenção a cada sílaba pronunciada.

Ao passar ao lado de uma tenda que vendia brinquedos de madeira, Erin chocou com uma menina que usava um gorro de lã azul encimado por um

pompom branco. Nas suas pequenas mãos, a criança estivera a examinar uma marioneta de um elfo montando uma rena. O brinquedo caiu ao chão, emaranhando os fios. O proprietário da loja não ficou satisfeito.

Para evitar uma cena, Erin passou-lhe uma nota de dez euros, propondo-se pagar. A transação foi concluída rapidamente no frio. A criança ofereceu-lhe um sorriso tímido, agarrou no prémio e correu para longe.

Enquanto isso, Jordan parou junto a uma tenda que vendia salsichas fumegantes. Outras fiadas enrolavam-se em cavilhas junto ao teto. Se houvesse dúvida quanto à carne de que eram feitas as salsichas, seria dissipada pela cabeça de rena empalhada suspensa por detrás do proprietário de faces coradas.

Erin reuniu-se aos outros, pronta a desculpar-se pelo atraso.

Mas Christian detivera-se e olhava em volta.

– As minhas instruções terminam aqui – disse ele. – Foi-me dito para vir direto do aeroporto ao mercado de Natal.

Todos olharam em volta, estudando o perímetro do festival.

A condessa tocou a ferida sarada no pescoço.

– Uma missão de vida ou morte e, contudo, sabem tão pouco?

Erin concordou com ela, farta de tantos segredos. Sentiu o peso da pedra de âmbar no seu bolso. Transferira a lembrança de Amy das roupas velhas para as novas, carregando esse fardo consigo, recordando-a de que os segredos podiam matar.

Observou tudo na praça, circunspecta. Uma mulher empurrava um carrinho de bebé, a frente tapada por uma manta de xadrez. Ao lado dela, um miúdo de quatro anos e bochechas peganhentas segurava um chupa-chupa na sua luva felpuda. Atrás deles, um bando de raparigas soltava risinhos junto a uma tenda que vendia corações de pão de gengibre, enquanto dois rapazes se concentravam nas inscrições escritas a *glacé* branco nos corações.

Um coro de vozes ergueu-se em cântico, ecoando pelo mercado, vindo de um grupo de crianças a entoar *Noite Feliz*, em sueco. As notas melancólicas dessa canção favorita de Natal ecoavam o seu estado de espírito.

Ela esticou o pescoço, procurando sinal de Rasputine. Podia estar em todo ou em nenhum lado. Não punha de parte a hipótese de o monge louco não aparecer, deixando-os ali à espera ao frio.

Jordan friccionava os braços, claramente desagradado com o facto de estarem ali parados em espaço aberto ou, talvez, meramente com frio.

– Devíamos circular pelo mercado – sugeriu ele. – Se Rasputine nos quiser encontrar, encontrar-nos-á. É claramente ele quem controla o jogo e temos de esperar que faça a primeira jogada.

Christian assentiu e iniciou de novo a marcha.

Jordan deslizou a sua mão enluvada para a dela. Embora parecesse caminhar despreocupadamente atrás do jovem sanguinista, ela sentia a tensão no seu aperto e reconhecia pela postura de ombros que ele estava tudo menos descontraído.

Juntos, passaram por outras tendas que vendiam louça de barro, roupa de lã e doces sem conta. As cores vivas e cintilantes das luzes douradas refulgiam em redor, mas tornou-se aparente que o mercado começava a encerrar. Mais pessoas se dirigiam para as ruas circundantes do que entravam na praça.

Continuava a não haver sinal de Rasputine ou de qualquer dos seus seguidores *strigoi*.

Parando junto de uma tenda que vendia camisolas tricotadas com lã da região, Erin considerou comprar uma se tivessem de esperar muito mais. Atrás dela, o coro de crianças começou de novo, as suas sonoras vozes inocentes enchendo o ar.

Olhou o palco, no fundo da estreita rua do mercado.

Escutou, enquanto iniciavam uma interpretação de *O Pequeno Tambor*. Era novamente em sueco, mas a melodia era inconfundível, contando a história de uma criança pobre que oferecia ao Cristo nascido a única prenda que lhe podia dar: um solo de tambor.

Ela sorriu, recordando como ficara extasiada em miúda, ao ser-lhe permitido assistir a uma versão animada da história, uma rara concessão na rígida comunidade religiosa em que fora criada.

O seu olhar foi atraído pelos cantores, notando que eram todos rapazes, como o sujeito da canção de Natal. Então, retesou-se subitamente, fitando aqueles rostos inocentes.

– É ali que estará Rasputine – disse ela.

Ela conhecia a inclinação do monge por crianças. O seu interesse não era sexual, embora fosse predatório à sua maneira. Recordou todas aquelas crianças de Leninegrado que o monge encontrara a passar fome ou à beira da morte durante o cerco da Segunda Guerra Mundial. Ele tornara-as *strigoi* para impedir que morressem.

Rasputine fora em tempos um sanguinista, mas tinha sido excomungado e banido por tais crimes. Em retribuição, ele criara uma versão perversa da ordem em São Petersburgo, tornando-se o seu Papa *de facto*, misturando sangue humano e vinho consagrado para sustentar o seu rebanho, na maioria crianças.

– Ele estará com aquelas crianças – insistiu ela. – Perto daquele coro.

Bathory ergueu uma sobrancelha, cética, mas Rhun assentiu. Ele conhecia Rasputine melhor do que qualquer um deles. O olhar de Rhun encontrou o dela, reconhecendo o seu discernimento da psique do monge.

Jordan apertou-lhe de novo a mão.

– Vamos ver o espetáculo.

Jordan mantinha-se firmemente ao lado de Erin, enquanto o grupo serpenteava por entre a multidão dispersa em direção ao palco. O estômago doía-lhe do cheiro das castanhas assadas e vinho quente com canela. Há muito que ele e Erin não comiam. Os sanguinistas esqueciam, muitas vezes, que os seus companheiros humanos tinham de comer.

Uma vez terminado aquilo, planeava encontrar a maior e mais quente tigela de sopa de Estocolmo. Ou talvez *duas*. Uma para comer e outra para mergulhar dentro os pés dormentes.

Olhou em volta para as pessoas que percorriam o mercado, carregando canecas fumegantes, embrulhos bem apertados ou pacotes untuosos de castanhas. O que lhes aconteceria se Rasputine atacasse com o seu bando de *strigoi*? Tentou imaginar os danos colaterais. Não seria bom.

Na verdade, todo aquele esquema cheirava a esturro. Não tinham armas. Ou aliados fiáveis. Observou a condessa, que caminhava a passos largos com o capuz puxado para trás, alheia ao frio, as costas direitas numa postura ativa e superior.

Se as coisas se complicassem, ele não sabia que lado ela escolheria. Depois corrigiu-se. Sabia.

Escolheria o seu próprio lado.

Durante o voo até ali, tivera uma conversa rápida com Christian, entrincheirando-se com ele no *cockpit* do avião. Jordan exigira a Christian uma promessa: se as coisas dessem para o torto, Christian levaria Erin para longe o mais rápido possível. Jordan não ia arriscar a vida dela mais do que o necessário. Não a ia perder.

Olhou de relance o rosto determinado de Erin. Ficaria furiosa se soubesse desses planos. Mas preferia tê-la furiosa – a não a ter.

Ao aproximar-se do palco, Jordan passou por uma tabuleta com a forma de um braço esticado. O dedo indicador de madeira apontava para uma secção do mercado atrás do coro.



As palavras na tabuleta estavam escritas em sueco e em inglês, indicando a presença de um labirinto de gelo. Os suecos pareciam tirar definitivamente proveito do clima.

Jordan passou a tabuleta e aproximou-se do palco com o coro. Duas filas de jovens rapazes vestiam vestes brancas, com as mãos enfiadas nas mangas e os narizes vermelhos do frio. Enquanto cantavam, estudou-lhes os rostos sérios, pálidos do tempo invernososo. Os seus olhos detiveram-se no último rapaz da fila da frente, com um livrete de músicas agarrado nas delicadas mãos, obscurecendo-lhe parcialmente o rosto.

O miúdo destacava-se dos demais. Parecia ter treze ou catorze anos, um ano ou dois mais velho do que os outros. Mas não fora isso que causara estranheza a Jordan.

Jordan tocou o braço de Christian.

– Aquele último – sussurrou ele. – Não está a usar luvas.

O rapaz cantava com os outros, em harmonia, claramente experiente a cantar num coro – mas talvez não *naquele*. O vizinho mais próximo estava afastado dele, como se não o conhecesse.

Jordan imaginou o reduto de Rasputine em São Petersburgo – a Igreja do Salvador do Sangue Derramado – onde ele conduzia as suas próprias missas e tinha o seu próprio coro.

Jordan estudou as feições parcialmente ocultas do cantor. O cabelo castanho-escuro emoldurava um rosto tão branco, quanto a imaculada veste. Não havia qualquer tonalidade nas faces.

O rapaz notou a sua atenção e, por fim, baixou o livro de música. Foi quando Jordan o reconheceu. Era o rapaz do vídeo: Alexei Romanov.

Jordan reprimiu o impulso de agarrar em Erin e fugir dali. Examinou as outras crianças do coro com um olhar mais atento. Pareciam com frio, cansadas e humanas. E ninguém na multidão em redor se parecia destacar.

Esperaria para ver o que se seguia antes de reagir.

Uma miúda aproximou-se do grupo, usando um gorro de lã azul com um pompom branco. Brincava com uma marioneta. Era a criança a quem Erin comprara o brinquedo antes. Jordan notou que também não usava luvas.

Christian seguiu-lhe o olhar até aos dedos nus. Pareceu escutar por um instante, com a cabeça ligeiramente inclinada, depois assentiu.

Não havia batimento cardíaco.

Então, ela era mais uma das crianças *strigoi* de Rasputine, o seu rosto inocente escondendo uma criatura duplamente mais velha que Jordan e duplamente mais mortífera.

Nadia e Rhun retesaram-se de cada lado, preparados para a luta. A condessa simplesmente levou uma mão graciosa ao lenço que lhe cobria o pescoço ferido; a outra permanecia algemada a Rhun. Avaliou a praça calmamente, como que procurando vantagens, mais do que inimigos.

Quando o canto terminou, o maestro fez um discurso em sueco, em jeito de conclusão, assinalando o fim do festival por essa noite. Mais pessoas se dispersaram para as ruas em redor. Uma jovem mãe levou do palco um rapaz de veste branca, envolveu-o num casaco de inverno e passou-lhe um termo com uma bebida fumegante.

“Criança feliz.”

Outros pais reclamaram as outras crianças, até restar apenas o rapaz de Rasputine. Com um ligeiro inclinar de cabeça na sua direção, saltou da plataforma e caminhou para eles com todo o orgulho da nobreza russa.

Christian confrontou o rapaz quando os alcançou.

– Onde está o teu mestre?

A criança sorriu, lançando um arrepio pela espinha de Jordan.

– Tenho duas mensagens, mas primeiro têm de responder a uma pergunta. Sua Santidade tem estado a observar-vos desde que chegaram. Diz que vieram com *duas* Mulheres de Sabedoria. Aquela que ele conheceu na Rússia e uma outra da verdadeira linhagem de Bathory.

Enervou Jordan perceber o quanto Rasputine já sabia sobre eles.

Mas talvez fosse esse o objetivo do monge.

– E porque o preocupa isso? – contrapôs Rhun.

Alexei levou as mãos aos lábios.

– Ele diz que se impõe um *teste*.

Jordan não gostou daquilo.

– Conforme a palavra dada ao vosso cardeal, Sua Santidade apenas passará o Primeiro Anjo à verdadeira Mulher Sábia. Foi esse o acordo.

Rhun pareceu pronto a ripostar, mas Erin deteve-o.

– Que tipo de teste? – indagou ela.

– Nada de muito perigoso – asseverou Alexei. – Levarei dois de vocês com *uma* Mulher Sábia e a Olga – indicou a rapariga do gorro azul – levará outros dois com a *outra* Mulher Sábia.

– O que acontece depois? – perguntou Jordan.

– A primeira mulher a descobrir o Primeiro Anjo, vence.

A condessa aproximou-se, avaliando o desafio que se preparava, talvez procurando uma forma de os trair.

– O que acontece àquela que perder?

Alexei encolheu os ombros.

– Não sei.

– Não vou pôr a Erin em risco – disse Jordan. – Encontrem outra forma.

A rapariga, Olga, falou. A sua voz era infantil e sibilante, mas as palavras eram demasiado sofisticadas e formais para alguém daquela aparentemente tenra idade.

– Sua Santidade disse-nos para vos relembrar de que ele tem a posse do Primeiro Anjo. Se não acederem às suas exigências, nunca o verão.

Jordan carregou o olhar. Rasputine tinha-os à sua mercê e sabia disso.

– Para onde vamos? – indagou Jordan, agarrando firmemente em Erin, recusando ser separado dela, escolhendo irrevogavelmente a equipa em que iria jogar. – Onde começamos essa busca?

Alexei apontou simplesmente a tabuleta por que Jordan passara antes.

Aquela em forma de braço estendido.

Iam para o labirinto de gelo.

CAPÍTULO 26

19 de dezembro, 20h59, CET
Estocolmo, Suécia

Erin seguiu o pompom branco e oscilante de Olga, contornando o palco do coro em direção a uma estreita ruela. O labirinto de gelo do festival fora criado numa praça vizinha, ainda escondido pelos edifícios de apartamentos de ambos os lados.

É claro que Rasputine escolheria um tal labirinto para o seu *teste* – um lugar frio e desconcertante. E àquela hora tardia, com o mercado encerrado, o monge russo apenas teria de colocar guardas nas várias entradas do labirinto para assegurar a privacidade no interior. Mas o que os esperava no coração do labirinto? Recordou o gigantesco urso *blasphemare*, que Rasputine mantivera enjaulado sob a sua igreja em São Petersburgo. Que monstros os esperariam ali?

Enquanto se encaminhava para a entrada da ruela, Erin era flanqueada por Christian e Jordan. Um breve olhar para a sua esquerda revelou Alexei a conduzir Rhun, Bathory e Nadia. Surgiram do lado oposto do palco e dirigiram-se para uma rua distinta. Provavelmente, levaria a uma outra entrada para o obscuro labirinto de gelo, um outro ponto de partida.

Rhun olhou na sua direção, chegado à boca da sua viela.

Ela ergueu um braço, desejando-lhe sorte.

Depois, as duas equipas desapareceram nas estreitas ruas, cada qual pronta a enfrentar o desafio adiante, a superar a outra pelo prémio no centro do labirinto: o Primeiro Anjo.

Quando o grupo de Erin penetrou na estreita viela, o olhar de Jordan percorreu as linhas direitas dos telhados de ambos os lados. Vigiava as portas maciças, preparado para qualquer ataque repentino. Das janelas geladas, a luz derramava-se sobre as pedras da calçada cobertas de neve. Sombras indistintas moviam-se pelos quentes interiores, os ocupantes alheados do perigo para lá das suas paredes de pedra e portas de madeira, cegos aos monstros que ainda assombravam a noite.

Por um momento, Erin desejou essa simples ignorância.

Mas o desconhecimento não significava segurança.

Com as mãos nos bolsos, sentiu a recordação de Amy, o quente pedaço de âmbar que preservava uma frágil pena. A sua aluna desconheceria igualmente esse mundo secreto – e este matara-a mesmo assim.

Depois de mais uns passos, a rua terminou numa outra praça. Erin parou abruptamente, detida pela pura beleza do que se estendia diante de si. Aquele labirinto não parecia ser uma simples reprodução de um dédalo de sebes. Adiante, erguia-se um verdadeiro palácio de gelo, ocupando toda a praça, elevando-se a trinta metros de altura, composto de pináculos e torreões, tudo feito de gelo. Centenas de esculturas encimavam as fachadas, cravadas de geada e recobertas de neve.

Não parecendo impressionada pela beleza, Olga conduziu-os por um arco gótico no muro mais próximo, uma das muitas entradas para o labirinto oculto no interior. Chegando mais perto, Erin admirou a perícia dos artesãos que o tinham esculpido, a forma astuta como tinham cortado os blocos de gelo, ligando-os com água gelada, como pedreiros de outros tempos.

Iluminado pelos candeeiros de rua amarelentos atrás dela, o portão de entrada tinha um brilho cítrico.

Olga deteve-se à entrada.

– Deixo-vos na vossa missão. O anjo espera-vos no centro do palácio.

A rapariga cruzou os braços, afastou as pernas e ficou imóvel como as estátuas no cimo das fachadas. Até mesmo o olhar ficou vazio. Um arrepio percorreu a espinha de Erin, recordada de que aquela menina era uma *strigoi*. A criança matava, provavelmente, há meio século ou mais.

– Eu vou primeiro – disse Christian, transpondo o arco, a sua veste negra contrastando com a luz dourada.

– Não.

Erin deteve-o com um toque na manga.

– É o meu teste. Eu devo ir em primeiro. Tratando-se de Rasputine, é melhor seguir todas as regras. Como Mulher Sábia, devo ser eu a encontrar o caminho seguro para o centro do labirinto.

Jordan e Christian trocaram olhares inquietos. Ela sabia que eles a queriam proteger. Mas não podiam protegê-la daquilo.

Erin ligou a lanterna, passou adiante de Christian e penetrou na passagem.

Imponentes paredes branco-azuladas erguiam-se de ambos os lados, com cerca de três metros e meio de altura, e sessenta centímetros de espessura talvez, abertas ao escuro céu lá no alto. A passagem entre os blocos era tão estreita que ela conseguia tocar ambos os lados com as pontas dos dedos de braços esticados. As suas botas esmagavam a neve tornada cinzenta pelos incontáveis visitantes.

Apontou a lanterna em volta. A cada passo, os construtores tinham inserido janelas de gelo transparente, proporcionando vislumbres distorcidos de passagens vizinhas. Chegou a uma arcada à esquerda e espreitou por ela, esperando encontrar mais uma ramificação do labirinto, mas em vez disso descobriu um pátio ajardinado em miniatura, onde todas as flores e latadas e arbustos eram feitos de gelo.

Apesar do perigo, um sorriso assomou-lhe ao rosto.

Os suecos sabiam como pintar um cenário de inverno.

Continuando, olhou para o céu nublado. Não havia estrelas a guiar os seus passos. Caía agora uma neve suave, silenciosa e límpida. Ao chegar a uma interseção, seguiu para a esquerda, fazendo correr as pontas dos dedos enluvadas ao longo da parede esquerda, relembrando um truque de criança. A forma mais segura de atravessar todas as partes de um labirinto era manter uma mão de um dos lados e segui-la. Podia chegar a becos sem saída, mas o percurso acabaria por ir dar ao centro.

“Não era o caminho mais rápido, mas era o mais seguro.”

Com Jordan e Christian no seu encalço, acelerou o passo, a luva deslizando por janelas de gelo, desbravando partes de parede feitas de neve. A luz da lanterna revelou outros espaços. Descobriu uma câmara contendo uma cama de quatro colunas e duas almofadas esculpida em gelo, encimada por um candelabro de gelo eletrificado com lâmpadas verdadeiras. Agora, estava apagado, mas tentou imaginá-lo aceso, o seu brilho refletindo-se na polida superfície gelada. Numa outra câmara, viu-se a fitar um imponente elefante de gelo, com as presas voltadas para a porta, servindo de pouso a uma fileira de pássaros finamente esculpidos, alguns aquietados no sono, outros de asas estendidas prontos a voar.

Apesar das maravilhas ali encontradas, o desassossego no íntimo de Erin crescia a cada passo, os seus olhos atentos a armadilhas. Que jogo estaria Rasputine ali a jogar? O teste não podia ser tão simples como encontrar um caminho naquele labirinto.

Perscrutou mesmo algumas das inscrições gravadas no gelo por visitantes, provavelmente adolescentes a julgar pelos corações com iniciais. Não encontrou nada de ameaçador, nenhuma pista para uma intenção mais obscura do monge russo.

Contornou mais uma esquina, certa de estar agora perto do centro do labirinto – quando o viu.

Uma das janelas de gelo, a sua superfície polida com a clareza do vidro, tinha um objeto preso no interior. Ela ergueu a lanterna, incrédula.

Suspensa na janela, perfeitamente preservada pelo gelo, estava uma manta de retalhos suja cor de marfim, com um quadrado em falta no canto inferior esquerdo.

Horrorizada, Erin imobilizou-se e fitou-a.

– O que foi? – perguntou Jordan, apontando também a sua lanterna.

“Como podia Rasputine saber daquilo? Como descobrira?”

– Erin? – insistiu Jordan. – Parece que viste uma assombração. Estás bem?

Ela descalçou a luva e pressionou a palma da mão nua contra o gelo. O calor da sua mão derreteu a superfície, lembrando-lhe a última vez que vira aquela manta.

A pequena ponta do dedo de Erin percorreu a musselina cor de marfim. Quadrados unidos de tecido de tom verde formavam um padrão na superfície. A mãe chamava-lhe o padrão encadeado irlandês.

Recordava-se de ajudar a mãe a fazê-la.

Terminado o trabalho do dia, ela e a mãe cortavam e uniam quadrados à luz da vela. A costura da mãe não era tão perfeita como noutros tempos e, para o final, estava muitas vezes demasiado cansada para o fazer. Assim, Erin assumiu a responsabilidade da tarefa, cosendo cuidadosamente cada quadrado no lugar, os seus jovens dedos ficando mais céleres a cada um.

Terminou a tempo do nascimento da irmã Emma.

Agora, com apenas dois dias de vida, Emma repousava sobre essa mesma manta. Emma vivera toda a sua vida envolta nela. Nascera fraca e febril, mas o pai proibiu que se chamasse um médico. Decretou que Emma viveria ou morreria unicamente pela vontade de Deus.

Emma morreu.

Apenas podendo assistir, Erin vira a cor apagar-se do minúsculo rosto e mãos de Emma. A sua pele ficou mais pálida do que o marfim da manta

sob ela. Não tinha de ter sido assim. A injustiça de tudo aquilo feriu Erin, disse-lhe que não podia mais aceitar as palavras do pai, os silêncios da mãe.

Teria de deixar falar o seu coração e teria de partir.

Olhando por cima do ombro, para se certificar de que ninguém a via, Erin tirou uma tesoura do bolso do vestido. O metal deslizou enquanto ela cortava um quadrado do canto da sua preciosa manta. Dobrou o quadrado e escondeu-o no bolso, depois envolveu a irmã na manta pela última vez, o canto em falta cuidadosamente dobrado para dentro, para que ninguém soubesse o que fizera.

O corpo da irmã estava envolto na manta quando o pai sepultou o pequeno ser.

Através do gelo, Erin percorreu o padrão irlandês em tons de verde, escurecido pelo bolor e pela idade. As pontas dos dedos deslizavam pelo gelo. Nunca esperara voltar a ver aquela manta.

Horrorizada, percebeu o que significava a sua presença ali.

Para a obter, Rasputine devia ter saqueado a sepultura da sua irmã.

21h11

Elizabeta corria pelo labirinto, arrastando Rhun pelas algemas de prata. Nadia seguia atrás, a sua eterna sombra negra. Os adversários humanos nunca poderiam superar a velocidade sobrenatural do seu grupo. Elizabeta não deveria ter dificuldade em alcançar o centro muito antes da erudita loura.

Embora pouco se importasse com as ambições dos sanguinistas, sabia que tinha de vencer aquela competição. Se o cardeal Bernard decidisse que ela *não* era a Mulher Sábia, a sua vida seria confiscada. Os dedos vaguearam de novo até ao lenço macio que lhe cobria a ferida na garganta. Era um golpe superficial, um relembrar da fragilidade da confiança que a ordem nela depositava. Se a fé de Bernard em si vacilasse, o próximo golpe seria bem mais fundo.

Assim, estabeleceu um passo rápido, memorizando cada volta no escuro. Não precisava de luz, enquanto avançava velozmente. Mas a cada passo, a garganta recentemente sarada doía-lhe do frio. O sangue de Erin reavivara-a, mas não o suficiente, nada que se parecesse com o suficiente. Surpreendera-a que a mulher tivesse oferecido tal dádiva – e ainda mais que Erin reconhecesse a natureza gravosa do ataque dos sanguinistas à sua integridade.

A mulher era cada vez mais intrigante para ela. Elizabeta começara até a compreender o fascínio de Rhun por ela. Porém, isso não impediria Elizabeta de derrotar a humana naquela missão.

As botas de Elizabeta trotavam pela neve, as suas pernas apressando-se em diante. Ignorou as distrações pelo caminho, aquelas câmaras esculpidas para atrair o olhar e excitar a imaginação. Apenas uma câmara lhe abrandara o passo. Era um espaço que albergava um carrossel de cavalos à escala real, feito de gelo. Recordava-se de ter visto algo assim em Paris, no verão de 1605, quando tais atrações começaram a substituir as antigas justas medievais. Recordou o deleite no rosto do filho Paul ao ver os resplandecentes trajes e corcéis empinados.

Uma mágoa pela família perdida, pelos filhos há muito mortos e netos nunca conhecidos, cresceu no seu íntimo.

Mas a dor e a raiva impeliavam-na para a frente.

Continuando velozmente, espreitava pelas várias janelas de gelo, cada qual habilidosamente trabalhada, mas nenhuma fornecia pistas quanto à

direção a seguir. Nas encruzilhadas, farejava o cheiro do frio e da neve, tentando encontrar no vento uma pista do caminho correto.

Então, do espaço à sua frente, chegou-lhe um vago ressoar, apontando uma presença furtiva. Nenhum pulsar acompanhava o ruído.

“Strigoi.”

Devia estar próximo do centro do labirinto.

Concentrando-se nos sons, acelerou de novo o passo – então, algo lhe captou a atenção pelo canto do olho. Algo congelado numa das janelas de vidro, como uma mosca no âmbar. Parou para o examinar, fazendo estacar Rhun, também.

Suspenso no meio do gelo, estava um objeto retangular do tamanho das suas duas mãos juntas. Um lustroso tecido negro envolvia-o estreitamente, atado por um cordão escarlate sujo. Ela sabia o que continha.

O seu diário.

“O que está aqui a fazer?”

Era suficientemente difícil imaginar que o livro tivesse sobrevivido aos estragos de séculos. E ainda mais difícil conceber que alguém o tivesse arrancado do seu esconderijo e trazido até ali.

“Porquê?”

O tecido lustroso era um oleado. As pontas dos dedos recordaram a sua superfície viscosa e visualizou a primeira página tão claramente como se a tivesse traçado no dia anterior.

Era um desenho de uma folha de amieiro, a par de um diagrama das suas raízes e caules.

Aquelas primeiras páginas tinham contido desenhos de ervas, listando as suas propriedades, os segredos dos seus usos, os lugares onde se poderiam encontrar no terreno do seu castelo. Ela própria desenhara as plantas e flores e escrevera as instruções com a sua melhor caligrafia, à luz de velas, durante as longas horas de inverno. Mas não se detivera por aí, recordando

quando os seus estudos se tornaram mais obscuros, tal como o coração que Rhun obscurecera.

Elizabeta escrevera a última nota enquanto a jovem camponesa morria diante de si, o sangue brotando de uma centena de golpes. Elizabeta julgara-a mais forte do que isso. Calculara mal a morte da rapariga e o resultado revelara-se um fracasso. Sentiu uma pontada de impaciência, mas recordou-se de que mesmo tais fracassos lhe traziam conhecimento.

Atrás dela, uma outra rapariga choramingava na sua cela. Seria a próxima vítima, mas o seu destino poderia esperar pelo dia seguinte. Como que pressentindo-o, a rapariga encarcerada aquietou-se, pondo os braços em volta dos joelhos e embalando-se.

Elizabeta escreveu observações à luz da lareira, registando cada pormenor – quão rapidamente a primeira rapariga morreria, quanto tempo podia esperar antes de tornar semelhante vítima num strigoi, quanto tempo levava até cada vítima sucumbir nesse estado.

Elizabeta fazia experiências continuamente, com diferentes raparigas. Lenta e cuidadosamente, aprendia os segredos de quem era, do que era. Tal conhecimento só a tornaria mais forte.

Elizabeta ergueu a mão para tocar o gelo. Não pensara voltar a ver o seu diário. Escondera-o no castelo quando o seu julgamento se iniciara. Continha mais de seiscentos nomes, muito mais raparigas do que as que fora acusada de matar. Guardara-o em segurança nas profundezas do castelo, debaixo de uma pedra tão maciça que nenhum mortal a poderia levantar.

Mas alguém o fizera.

Provavelmente, a mesma pessoa que o trouxera para aquele labirinto, que ali o deixara para ela encontrar.

“*Quem? E porquê?*”

– O que está a fazer? – perguntou Rhun, notando o seu interesse.

– O livro é meu – disse ela. – Quero-o de volta.

Nadia impeliu-a para a frente.

– Não temos tempo para essas distrações.

Elizabeth recuou para a janela de gelo, marcando posição. Ela queria-o de volta. O seu trabalho ainda podia ser de valor.

– Temos, sim – insistiu ela, raspando a extremidade da algema pelo gelo, removendo a camada superior. – Eu sou a Mulher Sábia e eu decido como gastamos o nosso tempo. Sou eu quem está a ser testada.

– Ela tem razão – acrescentou Rhun. – Rasputine não quereria que interferíssemos. Ela deve sair-se bem ou fracassar por si mesma.

– Então, seja breve – aquiesceu Nadia.

Rhun juntou a sua força à de Elizabeta. Juntos, rapidamente furaram o gelo cristalino, até libertarem o livro. Com ambas as mãos, Elizabeta arrancou o precioso diário da sua gélida prisão.

Quando o segurou, notou formas indistintas ao longe. Embora distorcidas pelo gelo, as formas eram claramente mulheres e homens. Mais uma vez, não ouviu pulsações.

Deviam ser os *strigoi* que pressentira antes.

Subitamente, compreendeu que não havia necessidade de continuar a seguir aquele detestável labirinto. Havia um caminho mais direto para a vitória. Lançando o braço livre para trás, esmagou o cotovelo na janela de gelo, despedaçando-a.

Estilhaços de gelo voaram pela neve suja do coração do labirinto.

Rhun e Nadia inclinaram-se ao seu lado, espreitando pela abertura.

Elizabeta regozijou-se no meio deles.

– Ganhámos.

CAPÍTULO 27

19 de dezembro, 21h21, CET
Estocolmo, Suécia

Erin desviou os olhos da manta congelada. Não podia permitir que os seus sentimentos pessoais a distraíssem do objetivo. Tinha de deixar esse pedaço do seu passado para trás e prosseguir. Adivinhava o seu propósito ali: Rasputine queria desorientá-la, atrasá-la.

Não lhe daria essa satisfação.

– Erin? – A voz branda de Jordan sussurrava-lhe ao ouvido.

– Eu estou bem. – As palavras soaram estranhas, claramente fingidas. – Vamos continuar.

– Tens a certeza? – As mãos quentes dele seguraram-lhe os ombros. Jordan conhecia-a suficientemente bem para ver além das suas palavras corajosas.

– Tenho a certeza.

Dessa vez, soou mais confiante. Não podia deixar que Rasputine percebesse como a tinha afetado. Se ele pressentisse nela fraqueza, usá-la-ia para abrir uma ferida ainda mais profunda. Assim, calou a dor e continuou a andar.

“Devemos estar agora próximo do centro.”

Apressou-se em diante, de novo fazendo correr as pontas dos dedos pela parede esquerda, movendo-se cada vez mais perto do coração do labirinto. Em mais duas curvas da passagem, entrou numa espaçosa câmara circular,

as paredes feitas de neve acumulada, de novo aberta ao céu lá no alto, o topo das paredes guarnecido de ameias.

Tinham alcançado o torreão central do palácio de gelo.

No meio do espaço, erguia-se uma escultura de gelo à escala real de um anjo. Encimava um plinto, igualmente esculpido em gelo. A perícia era extraordinária. Parecia que o anjo acabara de aterrar, usando as maciças asas para descer sobre aquele pouso gelado. O luar tremulava pelas suas asas de diamante, cada pena perfeitamente definida. O próprio corpo estava vitrificado pelo frio num branco imaculado, o rosto coberto de neve voltado para os céus lá no alto.

Apesar da beleza da visão, Erin sentiu desilusão.

Reunido em baixo da escultura estava o grupo de Rhun, com a condessa a arvorar um sorriso presunçoso.

“Perdi.”

O juiz da competição estava ao lado da vencedora.

Rasputine ergueu um braço em saudação na direção dela.

– Bem-vinda, doutora Granger! Já era tempo de se juntar a nós!

O monge estava o mesmo de sempre, com uma simples veste preta que lhe chegava abaixo dos joelhos. Do pescoço, pendia-lhe uma proeminente cruz ortodoxa de ouro, em lugar da prata dos sanguinistas. O cabelo pela altura dos ombros parecia untuoso sob a luz fraca, mas os seus olhos azul-claros destacavam-se, dançando de diversão.

Ela enfrentou o seu olhar, desafiante, enquanto se aproximava.

Ele bateu as mãos pálidas e nuas, o som demasiado vivo para aquele espaço quieto.

– Infelizmente, parece ter chegado em segundo, minha cara Erin. Mas esteve perto, admito.

Bathory lançou-lhe um frio sorriso triunfante, provando mais uma vez ser a verdadeira Mulher Sábia.

Rasputine prosseguiu, voltando-se para Jordan.

– Como era aquela expressão astuta, sargento Jordan? A proximidade só importa com granadas de mão?

– Ou com ferraduras de cavalo – acrescentou Jordan. – Qual é o caso aqui?

Rasputine riu-se, um riso profundo.

Rhun carregou o olhar.

– Não viemos aqui para nos divertirmos com jogos, Grigori. Prometeu-nos o Primeiro Anjo. Conforme o acordo de Bernard, a sua casa em São Petersburgo, a Igreja do Salvador do Sangue Derramado, será reconsagrada pelo próprio papa. Sua Santidade conceder-lhe-á igualmente o perdão total e revogará a sua excomunhão. Se quiser, poderá fazer de novo os votos de sanguinista e...

– Porque havia de o querer? – exclamou Rasputine, interrompendo-o. – Uma eternidade de pio sofrimento.

Bathory inclinou a cabeça.

– De facto.

Erin manteve-se atrás, ignorando Rhun e Rasputine à medida que a discussão se tornava mais acesa. A exímia escultura captava a sua atenção. Agora, mais próxima, via a expressão de angústia naquele rosto pálido, como se a criatura alada tivesse sido lançada dos céus para aterrar naquele plinto, banida para aquele mundo terreno.

Era horrível e maravilhosa ao mesmo tempo.

Rhun continuou.

– Poderá regressar a São Petersburgo sabendo que a sua alma foi perdoada pela Igreja. Mas, primeiro, tem de nos entregar o rapaz, Grigori.

– Eu trouxe-vos o que prometi – asseverou Rasputine, gesticulando na direção da estátua. – Um belo anjo.

– Não pedimos tal escárnio da santidade – rosnou Rhun, dando um passo ameaçador para Rasputine, fazendo agitar o punhado de *strigoi* que se reunia junto aos limites da câmara.

– Está, então, a dizer que recusa a minha oferta? – indagou Rasputine. – Declina a minha generosa dádiva, quebrando o acordo?

Algo no olhar do monge se obscureceu, indicando um perigo, uma armadilha.

Cego a isso, demasiado enfurecido para o notar, Rhun começou a dizer a Rasputine onde podia meter o seu anjo gelado.

Erin interrompeu-o.

– Ficamos com ele! – bradou, antes que Rhun pudesse dizer o contrário.

Rasputine voltou-se para ela, o seu rosto endurecendo-se de raiva.

Erin abeirou-se da estátua, começando a perceber o grau de crueldade do monge. Descalçou as luvas e tocou no pé do anjo. O gelo derreteu sob as pontas quentes dos seus dedos. Ela correu a mão pela perna da estátua, retirando mais da camada à superfície para revelar o límpido gelo por baixo.

Ergueu a lanterna, apontando o feixe de luz para o coração da escultura translúcida. Praguejou e disparou um olhar irado a Rasputine.

– O que foi? – perguntou Jordan.

Ela desviou-se para lhe mostrar, para mostrar a todos.

Pelo espaço que ela limpara, uma perna humana nua brilhava entre o gelo.

A perna de um rapaz.

Um rapaz que não podia morrer.

Mesmo congelado.

Com um peso no estômago, ela voltou-se bruscamente para encarar Rasputine.

– Congelou-o num pedaço de gelo e esculpiu uma estátua em volta.

Rasputine encolheu os ombros, como se fosse a coisa mais natural a fazer.

– É um anjo, por isso tinha de lhe dar *asas*.

Jordan apontou a estátua e agarrou Christian pelo braço.

– Ajude-me! Temos de libertar o rapaz!

A criança devia estar em agonia.

Congelado até à morte, mas incapaz de morrer.

Juntos, arremeteram os ombros contra a secção média da estátua. Esta tombou para trás do plinto e esmagou-se na neve. Uma racha abriu-se ao longo do torso. Erin juntou-se a eles, ajoelhando-se. Esforçaram-se por limpar o gelo da forma encarcerada, cada um de seu lado, arrancando e quebrando pedaços de gelo.

Jordan retirou um pedaço do peito do rapaz, trazendo atrás uma parte de pele.

Rezou para que o rapaz estivesse mergulhado numa dormência glacial, tentando não o imaginar a ser largado em água gelada, aí selado e afogado à medida que o gelo se solidificava em redor. Apenas conseguia imaginar o sofrimento.

Erin limpava delicadamente em torno do rosto, expondo as faces, as pálpebras, quebrando o gelo no cabelo. Os lábios e ponta do nariz tinham rachado, perdendo sangue e voltando a congelar.

Rasputine observava, de braços cruzados.

– É claro que isto apresenta um problema – disse ele. – A condessa alcançou o centro do labirinto primeiro, mas Erin encontrou o anjo. Então, quem é a vencedora?

Jordan olhou-o, ameaçador, como se isso interessasse agora. Observava Erin, concentrada em libertar o rosto do rapaz, pressionando as suas mãos contra as faces e queixo e sobre as pálpebras fechadas. Parecia um processo inútil. Poderia levar horas a descongelar o rapaz, mesmo com um fogo próximo.

Mas Erin olhou-o, com expressão espantada.

– A pele está gelada, mas uma vez aquecida, a carne por baixo torna-se mole e flexível.

Intrigado, Rasputine aproximou-se.

– Parece que a graça que concede a Thomas a imortalidade resiste mesmo ao toque do gelo.

Porém, pelo esgar imobilizado no rosto do rapaz, tal graça não o impedia claramente de sofrer.

Jordan puxou de um pequeno estojo médico do bolso. Tirara-o da casa de banho em Castel Gandolfo. Abriu-o e tirou para fora uma seringa.

– Isto é morfina. Ajudará com a dor. Queres que lha injete? Se a parte central do corpo não tiver congelado e o coração ainda bater, mesmo debilmente, poderá oferecer-lhe alívio, especialmente quando acordar.

Erin assentiu.

– Injeta.

Jordan colocou uma mão sobre o peito nu do rapaz, sobre o coração. Esperou que a palma aquecesse a pele por baixo. Enquanto esperava, sentiu um fraco pulsar.

Levantou o olhar.

– Também o ouvi! – confirmou Rhun. – Ele está a mexer-se.

– Desculpa, amigo – murmurou Jordan.

Ergueu a seringa e inseriu a agulha na marca da palma derretida no peito, apontando ao coração. Uma vez inserida, puxou o êmbolo para trás, obtendo um satisfatório fluxo de sangue frio na seringa, indicando uma boa colocação. Satisfeito, empurrou o êmbolo para diante.

Erin penteou-lhe o cabelo gelado e sussurrou-lhe uma litania ao ouvido frio, aquecendo-o com o hálito.

– Perdoa-nos... perdoa-nos...

Esperaram todo um minuto, mas nada pareceu acontecer.

Depois de lhe friccionar as coxas, a barriga das pernas e os joelhos, Jordan ativou-lhe a circulação das pernas, dobrando-as com grande cuidado. Christian fez o mesmo com os braços.

De repente, Erin saltou bruscamente para trás, quando o seu magro peito se elevou, uma e outra vez.

Jordan fitou-o, enquanto as pálpebras do rapaz se abriam. Apesar da escuridão, as pupilas do rapaz mantiveram-se fixas e contraídas, sob o efeito da morfina. Os lábios abriram-se e um grito sufocado escapou, meio choro, meio dor.

Erin aninhou-o no seu colo. Jordan despiu o blusão de pele e envolveu nele o corpo e membros de Thomas, enquanto um violento estremecer lhe agitava o vulto descorado.

Rhun agigantou-se sobre Rasputine.

– O rapaz agora é nosso. Ganhou o seu perdão e o nosso assunto aqui fica concluído.

– Não – respondeu Rasputine. – Receio que não.

Mais *strigoi* penetraram pelas várias arcadas em volta da câmara, juntando-se aos poucos que já aí estavam e superando rapidamente o grupo. Muitos carregavam armas automáticas.

Os sanguinistas juntaram-se para enfrentar a ameaça.

– Vai quebrar a sua palavra? – perguntou Rhun.

– Quase o levei a quebrá-la quando estive a ponto de recusar a minha oferta – contrapôs Rasputine com um sorriso. – Mas parece que Erin percebeu o estratagema. O que só torna a sua decisão mais difícil, Rhun.

– Que decisão?

– Eu disse a Bernard que entregaria o rapaz à Mulher Sábia. – Moveu o braço para abarcar Erin e Bathory. – Então, qual delas é? Tem de escolher.

– Porquê?

– A profecia apenas admite *uma* Mulher Sábia – disse Rasputine. – A falsa deve morrer.

Jordan levantou-se, movendo-se para o lado de Erin.

Rasputine sorriu perante o movimento.

– Claramente, o Homem Guerreiro escolhe a mulher amada, guiado pelo coração e não pela cabeça. Mas, meu caro Rhun, você é o Cavaleiro de Cristo. Assim, tem de escolher. Quem é a *verdadeira* Mulher Sábia? Qual das mulheres deverá viver? Qual deverá morrer?

– Não vou tomar parte no seu mal, Grigori – afirmou Rhun. – Não vou escolher.

– Isso envolve igualmente uma *escolha* – disse Rasputine. – E ainda mais interessante.

O monge bateu as mãos uma vez.

Os seus *strigoi* ergueram as armas.

Rasputine enfrentou Rhun.

– Escolha ou mato ambas.

21h44

Rhun olhou para Elisabeta e Erin, reconhecendo a cruel armadilha urdida por Rasputine. O monge era uma aranha que tecia palavras para iludir e torturar. Sabia, agora, que Rasputine viera ali tanto para o atormentar a ele, como pela absolvição prometida por Bernard. O russo entregaria o rapaz, mas não antes de fazer Rhun sofrer.

“Como posso escolher?”

Mas com o destino do mundo em jogo, como poderia *não* o fazer?

Ele viu como as linhas de batalha tinham sido traçadas na neve: *strigoi* de um lado, sanguinistas do outro. Estes últimos em inferioridade numérica, apanhados sem armas. Mesmo alcançando a vitória, ambas as

mulheres seriam provavelmente mortas ou o rapaz seria rapidamente levado pelas forças de Rasputine durante a luta.

No silêncio que se estendeu, um estranho intruso insinuou-se no espaço, esvoaçando por entre os flocos de neve flutuantes, atravessando-se no meio dos dois pequenos exércitos. As suas asas verde-esmeralda captavam cada partícula de luz e refletiam-na. Era uma enorme traça, muito bizarra naquela paisagem glacial. O ouvido apurado de Rhun captou o ténue zunido vindo do interior, acompanhado pelo suave bater das asas iridescentes.

Ninguém se movia, cativados como estavam pela sua beleza.

Esvoaçava mais perto dos sanguinistas, como que escolhendo um lado na batalha que se avizinhava. Pousou no blusão de Nadia, no ombro, exibindo as extremidades das asas em cauda de andorinha, as escamas esmeralda cobertas de um toque de prata.

Antes que alguém pudesse reagir, exprimir-se quanto à estranheza, mais criaturas daquelas irromperam no espaço, uma vindas das passagens a toda a volta, outras descendo do alto com os flocos de neve.

Em breve, toda a câmara se agitava desses minúsculos fragmentos de brilho, dançando pelo ar, pousando aqui e ali, batendo as asas.

O zunido que Rhun notara antes tornou-se mais evidente.

Rhun estudou a traça pousada em Nadia, notou a matiz metalizada em torno do corpo.

Apesar das asas verdadeiras, aqueles invasores não eram criaturas vivas, mas construções artificiais, criadas por mão desconhecida.

“Mas de quem?”

Como que em resposta à questão, um homem alto penetrou no torreão de gelo pela mesma entrada usada por Erin. Rhun ouvia agora o bater do seu coração, não o tendo detetado antes no meio de toda aquela estranheza. Era um humano.

O homem usava um lenço verde-claro e um casaco de caxemira cinzento, que lhe chegava aos joelhos. Os tons realçavam o cabelo grisalho e os olhos de um azul-metalizado.

Rhun notou que Bathory estremeceu ao ver o homem, retesando-se ligeiramente, como se o conhecesse. Mas como poderia? Ele era claramente humano, daquele tempo. Teria encontrado o estranho durante os meses em que deambulava livre pelas ruas de Roma? Tê-lo-ia chamado para a libertar? Se assim fora, o estranho dificilmente podia esperar vencer contra os *strigoi* de Rasputine e os sanguinistas.

No entanto, não parecia minimamente nervoso.

Rasputine reagiu, também, à chegada do homem com uma expressão ainda mais incomodada do que Bathory. O monge afastou-se para a parede mais recuada, a sua habitual expressão sinistramente divertida transformada em horror.

Rhun gelou.

Nada naquele mundo alguma vez perturbava Rasputine.

Sabendo-o, Rhun lançou um olhar circunspecto ao estranho. Moveu-se para se colocar ao lado de Erin e do rapaz, pronto para os proteger dessa nova ameaça.

O homem falou, em inglês com um leve sotaque britânico, formal e estudado.

– Vim pelo anjo – proferiu com uma calma mortal.

Os outros sanguinistas postaram-se de cada lado de Rhun.

Jordan ajudou Erin a levantar-se, claramente preparando-se para fugir ou lutar. O rapaz estava sentado na neve aos seus pés, aturdido da debilitação e da morfina, envolto no blusão de pele de Jordan. Rhun sabia que Erin não deixaria o rapaz.

Por sua vez, os *strigoi* agruparam as suas pequenas formas diante de Rasputine, formando um escudo entre ele e o homem misterioso, as suas armas apontadas ao estranho.

O homem permaneceu imperturbado, de olhos postos em Rasputine.

– Grigori, por vezes, é demasiado astuto para seu próprio bem. – O homem gesticulou em direção ao rapaz. – Encontrou um outro imortal como eu há *meses* e só me alertou há *horas*...

Rhun esforçava-se por compreender.

“Um outro imortal como eu...”

Fitou o homem. Como era possível?

O estranho queixou-se tristemente.

– Pensei que tínhamos um acordo no que toca a tais assuntos, *tovarishch*.

A boca de Rasputine abriu-se, mas não saiu nenhuma palavra.

Uma outra coisa rara para o monge de língua afiada.

Christian e Nadia trocaram um rápido olhar com Rhun, confirmando a mútua confusão. Nenhum deles sabia nada daquele homem, daquele presumível imortal.

Bathory limitava-se a observar, com uma pequena linha calculista entre as sobrancelhas. Sabia algo, mas mantinha-se em silêncio, claramente disposta a ver como o caso se desenrolaria antes de reagir.

Os olhos do homem encontraram os dela e um sorriso cordial suavizou-lhe o semblante gelado.

– Ah, condessa Elizabeta Bathory de Ecsed – pronunciou formalmente. – Continua tão bela como quando a vi pela primeira vez.

– Reconheço que também se mantém inalterado – retorquiu ela. – Contudo, ouço o bater do seu coração e não consigo compreender como tal é possível, uma vez que nos conhecemos há muito tempo.

Ele entrelaçou as mãos atrás das costas, transpirando desconfiança. Respondeu-lhe, mas as palavras dirigiam-se a todos.

– À semelhança de si, sou imortal. Ao contrário de si, não sou *strigoi*. A minha imortalidade foi uma dádiva de Cristo em sinal do meu serviço à Sua pessoa.

Atrás dele, Erin arquejou.

Rhun também não conseguiu evitar o choque no seu rosto.

“Porque concederia Jesus a imortalidade àquele homem?”

Nadia falou, fazendo uma nova pergunta.

– Que serviço foi esse que prestou? – insistiu ela. – O que fez para que Nosso Senhor o abençoasse com a eternidade?

– Abençoasse? – escarneceu ele. – Sabe melhor do que ninguém que a imortalidade não é uma bênção. É uma maldição.

Rhun não podia argumentar contra aquilo.

– Então, porque foi *amaldiçoado*?

Um sorriso desenhou-se-lhe nos lábios.

– São duas perguntas ocultas numa só. Primeiro, pergunta o que fiz para ser amaldiçoado. Segundo, porque me foi dado tal castigo?

Rhun queria as respostas a ambas.

Como que lendo a sua mente, o sorriso dele alargou-se.

– A resposta à primeira é fácil. A segunda foi uma questão que me atormentou durante milénios. Tive de cruzar muitos séculos por esta Terra antes que a verdade do meu desígnio se tornasse evidente.

– Então, responda à primeira – instou Rhun. – O que fez para ser amaldiçoado?

Ele enfrentou o olhar de Rhun, imperturbável.

– Traí Cristo com um beijo no Jardim do Getsémani. Certamente conhece a história bíblica, padre.

Nadia arquejou, enquanto Rhun vacilava de horror.

“Não podia ser.”

Nesse silêncio atónito, Erin avançou, como que encarando a verdade da impossível existência daquele homem.

– E porque lhe foi imposta essa punição, essa eternidade?

O Traidor de Cristo voltou-se para Erin.

– Pelas minhas palavras, expulsei Cristo deste mundo. Pelos meus atos, irei trazê-lo de volta. É esse o desígnio da minha maldição. Abrir os

portões do Inferno e preparar o mundo para o Seu regresso, para a Segunda Vinda de Cristo.

Para seu horror, Rhun compreendeu.

“Ele tenciona desencadear o Armagedão.”

CAPÍTULO 28

*19 de dezembro, 22h02, CET
Estocolmo, Suécia*

Erin debatia-se com o peso da história que se agigantava diante de si, para impedir que esse peso a reduzisse à imobilidade. Se aquele homem falasse a verdade e não fosse alguma alma iludida, diante de si estava Judas Iscariotes, o homem mais infame de toda a história, o traidor que enviara Cristo para a cruz.

Ela ouvira a sua confissão, o seu objetivo de acabar com o mundo.

– E acredita que esse é o seu desígnio? – desafiou-o. – Acredita que Cristo o colocou nesse longo calvário para orquestrar o Seu regresso?

Ao longe, ouviu-se o queixume de sirenes da polícia, lembrando-a daquele mundo moderno, daquele tempo em que poucos acreditavam em santos e demónios. Contudo, diante dela, estava um homem que alegava abarcar ambos. Se ele falasse a verdade, os seus olhos teriam testemunhado os milagres de Cristo, os seus ouvidos teriam escutado as Suas parábolas e lições, aqueles mesmos lábios teriam beijado Jesus no Jardim do Getsémani, condenando o Cristo à morte.

As sirenes tornaram-se mais fortes, aproximando-se deles.

Teria a sua invasão sido notada pelos vizinhos? Teria sido dado o alarme?

O olhar de Iscariotes voltou-se nessa direção, depois focou-se de novo neles.

– O tempo da discussão acabou. Vou pegar no anjo e desaparecer daqui.

Pressentindo a ameaça por detrás das palavras, *strigoi* e sanguinistas prepararam-se para a batalha.

Jordan puxou Erin para trás de si.

Iscariotes limitou-se a erguer o dedo indicador, como quem chama o empregado de mesa – mas em vez disso convocou o estranho bando que precedeu a sua chegada. O esvoaçar de traças no ar imobilizou-se sobre as forças ali reunidas.

Uma delas pousou na mão de Erin quando ela levantou o braço, protegendo-se de toda a ameaça que aqueles fragmentos de brilho colocassem. Minúsculas patas de cobre dançaram sobre a lã da sua luva, até encontrarem um pedaço de pele exposta na ponta da manga. Uma diminuta probóscide de prata atingiu-lhe a pele, penetrando profundamente.

Ela baixou o braço e agitou a mão da picada.

A traça desprendeuse e, com um vagaroso bater de asas, voou para longe.

“*Que diabo?*”

Ela examinou a gota de sangue que se adensava no ponto da picada.

Jordan praguejou, dando uma palmada na parte de trás do pescoço, esmagando uma traça que caiu na neve. Observou enquanto os outros eram similarmente atacados. Mas ainda não conseguia entender a ameaça – até que viu Olga afastar-se a cambalear do grupo de crianças *strigoi*.

Asas verde-esmeralda agitavam-se sobre a sua face miúda. Então ela gritou, caindo de joelhos. A traça ergueu-se do seu pouso no nariz da criança e voou para longe. Uma corrupção negra iniciou-se na face, devorando-lhe rapidamente o rosto, expondo os ossos, o sangue a fervilhar por entre as fissuras. O seu pequeno vulto convulsionava-se. Mais membros do bando de Rasputine caíram por terra, contorcendo-se, sucumbindo na neve.

Erin fitou o ponto de sangue no seu pulso, percebendo o que acontecia.

Veneno.

As borboletas carregavam um tipo de material tóxico.

Friccionou o braço, mas continuava a não ser afetada.

Tal como Jordan.

Rasputine caiu entre o seu bando, não por ação do veneno, mas pela mágoa.

– Para! – gemeu.

Erin recordou-se de outra criatura que morrera por uma corrupção semelhante. Recordou o lobo nos túneis sob o Vaticano. Ela matara a besta com balas tingidas do sangue de Bathory Darabont. A mulher carregava alguma forma de veneno no seu sangue que era mortal para os *strigoi* – e mesmo para os sanguinistas.

Em pânico, voltou-se para Rhun, para os outros sanguinistas.

Nadia estava de joelhos, amparada por Christian, enquanto Rhun se batia contra a tormenta cor de esmeralda em seu redor, usando o blusão de pele reforçado como escudo.

Erin apressou-se para eles, arrastando Jordan consigo.

– Ajuda-os! – incitou. Enquanto humanos, pareciam imunes ao veneno. – Afasta as traças!

Porém, recordou a primeira traça, as suas asas esmeralda pousando sobre Nadia.

– Queima – gemeu a mulher. Os seus dedos aferravam-se à garganta enegrecida, apertando como se pudesse deter o veneno.

Mas era inútil. A negrura subiu-lhe às faces, consumindo-a – embora se espalhasse mais lentamente do que com os *strigoi*, parecia inevitável.

Christian olhou impotente para Erin.

– O que podemos fazer?

A resposta chegou-lhe do lado distante da tormenta.

– Nada – disse Iscariotes, escutando o apelo. – A não ser vê-la morrer.

O corpo de Nadia arqueou-se, entrando em convulsão.

Algo atingiu Erin de lado. Um rapaz pequeno agarrava-se a ela, um dos *strigoi*, metade do seu rosto desaparecido. As lágrimas corriam do seu único olho. Ela baixou-se e amparou-o, a sua pequena mão agarrando a dela, talvez sabendo que não podia salvá-lo, mas não querendo estar só. Ele levantou o olhar para ela, com o seu único olho azul-céu. Ela segurou-lhe firmemente as mãos frias, até ele se imobilizar, a corrupção consumindo-o por completo.

Erin olhou a neve em volta.

Nenhuma das crianças se movia agora e os seus corpos devastados cobriam a neve.

Nadia exalou um suspiro final – depois imobilizou-se, sem vida.

Christian inclinou-se sobre ela, com os olhos cintilantes de lágrimas.

Erin soltou as minúsculas mãos do *strigoi* – ou o que restava delas.

Obedecendo a algum sinal silencioso, as traças ergueram-se em torno deles, subindo alto, mas mantendo a ameaça. Ela contou os poucos sobreviventes: Rasputine e os outros sanguinistas. Suspeitava que apenas tinham sobrevivido porque o mestre das pequenas criaturas assim o quisera.

Levantou-se e encarou Iscariotes.

– Porquê?

Judas estendeu a mão e uma traça aterrou-lhe graciosamente na palma, as asas verde-metalizadas abrindo e fechando.

– É uma lição para todos. – Apontou o corpo de Nadia. – Para provar aos sanguinistas que a sua bênção não os protegerá da minha maldição, do meu sangue.

Então, era o sangue conspurcado *dele* no interior dos insetos.

Erin assistiu, enquanto o corpo de Nadia se transformava em cinzas e ossos. A destemida mulher salvara-lhe a vida inúmeras vezes. Não merecia uma morte tão ignóbil e sem sentido.

E não fora só ela.

Rasputine gemia, de joelhos entre as suas crianças caídas.

– Então, para quê isto? Que lição me quer ensinar?

– Nenhuma lição, Grigori. Apenas castigo. Por esconderes segredos de mim.

Os insetos rodopiavam mais baixo de novo, ameaçadores. Um deles adejava sobre o ombro de Rhun.

A mente de Erin disparou, pressentindo que Iscariotes não terminara com eles. Evocou a impressão da palma da mão enegrecida na garganta de Bathory Darabont, assinalando o seu sangue contaminado. Erin pressentiu que a palma da mão pertencia a Iscariotes. Teria usado uma alquimia do seu próprio sangue para corromper o da mulher, para a proteger entre os *strigoi* que comandara? Darabont servira a Belial, um grupo de *strigoi* e humanos que trabalhavam em conjunto, manipulados por um mestre desconhecido.

Erin visualizou de novo a impressão da palma da mão escura e olhou para Iscariotes.

– Você é o líder da Belial.

As suas palavras chamaram-lhe a atenção.

– Parece que o seu precedente título de Mulher Sábia não era injustificado, doutora Granger. – Encarou os sobreviventes. – Mas ainda não terminei aqui.

Antes que alguém se pudesse mover, as traças desceram dos céus e cobriram os sanguinistas, pousando sobre Rasputine e até mesmo sobre Bathory, demasiadas para serem travadas. Quando eles começaram a debater-se de novo, Iscariotes gritou uma ordem:

– Parem! – ameaçou. – Se resistirem, morrerão todos! Reconhecendo a inutilidade dos seus esforços, obedeceram, imobilizando-se. – As traças esvoaçaram, empoleirando-se em ombros e membros. – Não desejo matá-los a todos, mas matarei se a tal for obrigado.

Iscariotes mantinha o olhar fixo em Rhun, que permanecia ereto como uma armadura, um verdadeiro Cavaleiro de Cristo.

Apontou um dedo a Rhun.

– Agora, é tempo de o Cavaleiro de Cristo se reunir à sua irmã de hábito. De deixar este mundo em paz e ascender ao seu lugar nos céus.

Os olhos de Rhun fixaram-se nela, como que para se despedir.

– Espere – disse Erin. – Por favor.

Iscariotes voltou-se para ela.

Erin tinha apenas uma carta a jogar, recordando as negociações anteriores de Rasputine com a Belial. Em São Petersburgo, o monge entregara o Evangelho de Sangue e Erin a Bathory Darabont, mas apenas depois de obter dela uma promessa. Erin evocou as palavras de Rasputine, da dívida jurada.

"Prometo-lhe o livro em gesto de boa vontade... se um dia, em retorno, o seu mestre me conceder a vida de quem eu escolher, um dia."

Assim fora acordado.

Erin voltou-se para Rasputine. Estaria o monge disposto a reclamar a dívida agora, para salvar Rhun? Honraria Iscariotes a promessa? Não tinha escolha, senão expor o seu caso.

Encarou Iscariotes.

– Há dois meses, Rasputine fez um trato com as suas forças da Belial. Em troca da sua cooperação, ser-lhe-ia concedida a vida de quem escolhesse. O pacto foi acordado. Testemunhado por todos.

Iscariotes fitou Rasputine, ajoelhado entre os corpos das suas crianças. As lágrimas corriam-lhe pelas faces, desaparecendo-lhe na barba. Apesar da crueldade, ele amara aquelas crianças como um verdadeiro pai e vira-as morrer em agonia, vítimas da sua própria maquinação.

– É esse o seu desejo, Grigori? – indagou Judas. – Irá lançar esse véu de proteção sobre Rhun Korza? É a vida dele que irá reclamar?

Rasputine levantou a cabeça para enfrentar o olhar do homem.

“Por favor” – desejou ela. – “Diz que sim. Salva uma vida esta noite.”

O monge russo fitou longamente Iscariotes e ainda mais longamente Rhun. A dada altura, ele e Rhun tinham sido amigos, trabalhando juntos enquanto sanguinistas.

Finalmente, Rasputine falou, a sua voz debilitada pela dor.

– Demasiados foram os que morreram hoje.

Iscariotes suspirou, os lábios comprimindo-se de irritação.

– Quebrei a minha palavra uma vez... e fui amaldiçoado por isso. Jurei não mais a quebrar. E não o farei agora. Apesar do que possam pensar, não sou um cobarde. – Inclinou a cabeça na direção de Rasputine. – Honro a minha dívida e concedo-lhe o seu desejo.

Erin libertou a respiração sustida, fechando os olhos.

Rhun viveria.

Iscariotes ergueu o braço e dois homens corpulentos entraram na câmara, um de cabelo escuro, outro de cabelo claro. Eram ambos altos e de constituição maciça, com pescoços e braços grossos. Cruzaram o espaço em direção ao rapaz, prontos a recolher o prémio de Iscariotes.

Erin fez menção de os impedir, mas Jordan agarrou-lhe o braço.

Não era uma batalha que pudessem vencer e qualquer agressão podia terminar com os amigos mortos pelas traças.

O imponente par examinou o corpo inerte do rapaz com ríspida atenção, arrancando um queixume do seu vulto aturdido e drogado. Puseram-no de pé, bruscamente.

– O que quer dele? – perguntou Erin.

– Não é da sua conta.

– Acho que o podemos transportar – disse um dos homens. – Perdeu muito sangue, mas parece suficientemente forte.

– Muito bem. – Iscariotes estendeu uma mão em convite a Bathory. – Quer acompanhar-me?

Bathory endireitou-se.

– Teria todo o prazer em retomar o seu conhecimento. – Ergueu o braço, exibindo as algemas. – Mas, de momento, estou ligada a outro.

– Libertem-na.

Christian hesitou, mas Rhun assentiu.

– Faça como ele diz.

Ninguém queria provocar mais o homem. Christian baixou-se, tateou no bolso de Nadia e retirou uma pequena chave. A condessa estendeu a mão, como se exibisse uma valiosa bracelete. Christian abriu as algemas.

Uma vez livre, Bathory encaminhou-se para junto de Iscariotes.

– Agradeço, senhor, pela amabilidade que me demonstra agora e que sempre demonstrou pela minha família.

Iscariotes mal lhe prestou atenção, o que provocou um ínfimo crisar de irritação nos lábios da condessa. Em vez disso, o homem sacou de uma imponente arma do bolso, apontou-a e disparou.

Erin estremeceu com o estampido – mas a arma não fora apontada a ela.

O aperto de Jordan no seu braço desfez-se.

Ele caiu na neve ao seu lado.

Gritando, ela caiu de joelhos junto dele. Uma mancha húmida espalhava-se pelo lado esquerdo do peito. Ela abriu-lhe a camisa, revelando o ferimento de bala. O sangue jorrava do buraco, atravessando as linhas azuladas da sua tatuagem de flor relâmpago, derramando-se pelo peito e formando um lago sob ele.

Ela pressionou as mãos com força contra a ferida. O sangue quente e fugidio cobriu-lhe os dedos. Ele ficaria bem. Tinha de ficar. Mas o seu coração sabia que não era verdade.

– Porquê? – gritou a Iscariotes.

– Lamento – disse friamente. – Segundo as palavras da profecia, são os únicos três no mundo com alguma esperança de me fazer face, de impedir o Armagedão. Para quebrar a profecia, um desses *três* teria de morrer.

Feito isso, os outros dois tornam-se irrelevantes. Assim, ofereço-vos a vossa vida. Como afirmei, não sou um cobarde, meramente pragmático.

Encolheu os ombros.

Erin cobriu o rosto com as mãos, mas não poderia esconder tão facilmente a verdade. Ela matara Jordan com a sua astúcia. Ao salvar Rhun, condenara o homem que amava.

Iscariotes não se deixava deter.

Se o Cavaleiro de Cristo vivia, o Homem Guerreiro tinha de morrer.

Sob as suas mãos, o peito de Jordan deixara de subir e descer. O sangue continuava a espalhar-se, fumegando sobre a neve fria. Um floco de neve caiu sobre o seu olho azul aberto e derreteu-se aí.

Ele não pestanejou.

– Não pode ajudá-lo – sussurrou Christian.

Ela recusou-se a acreditar.

“Eu posso ajudá-lo. Tenho de ajudá-lo.”

Enquanto as lágrimas lhe corriam pelas faces, ela não conseguia respirar. Jordan não podia partir. Ele era sempre forte, conseguia sempre superar. Não podia morrer de um simples tiro. Não podia ser e ela não deixaria que assim fosse.

Levantou o olhar para Christian, agarrando-lhe a perna das calças com uma mão ensanguentada.

– Pode trazê-lo de volta à vida. Torne-o um dos seus.

Ele fitou-a horrorizado.

Ela não se importou.

– Torne-o um dos seus. Deve-lhe isso. Deve-me isso.

Christian abanou a cabeça.

– Mesmo que não fosse proibido, não poderia fazer nada. O seu coração já parou de bater. É tarde demais.

Ela fitou-o incrédula, tentando dar sentido às palavras.

– Lamento, Erin – disse Rhun. – Mas o Jordan já partiu.

O som de neve a ser esmagada indicou-lhe que alguém se movia na sua direção, mas não quis saber quem. Uma mão, com a pele estalada e ensanguentada, tocou o peito de Jordan.

Ela ergueu a cabeça para encontrar o rapaz agachado ao seu lado, mal se segurando de pé. Tirou o casaco dos ombros – o casaco de Jordan – e devolveu-o ao seu antigo dono, colocando-o gentilmente sobre a ferida.

O rapaz lambeu os lábios gretados.

– Obrigado.

Erin sabia que ele agradecia a Jordan por muito mais do que o casaco.

– Basta – disse Iscariotes, enquanto as sirenes explodiam mais nítidas à sua volta. – Tragam-no.

Um dos corpulentos assistentes pegou no rapaz como se fosse um saco de batatas, carregando-o nos braços. O rapaz gemeu do rude tratamento, sangue fresco vertendo das suas inúmeras feridas e abrindo buracos na neve.

Erin levantou-se parcialmente, querendo ir com ele.

– Por favor, não lhe faça mal.

Mas foi ignorada. Iscariotes virou costas e estendeu a mão, e Bathory tomou-a, a sua mão pálida repousando sobre a dele, fazendo a sua escolha de quem seguir.

– Fica, Elisabeta – pediu Rhun. – Não conheces esse homem.

A condessa tocou o lenço que cobria a recém-sarada incisão no pescoço.

– Mas conheço-te a *ti*, meu querido.

Ameaçado pelas traças, Rhun apenas podia vê-los partir.

Erin voltou ao corpo de Jordan. Acariciou-lhe a face sem vida, o restolho da barba rijo sob as pontas dos seus dedos. Tocou-lhe o lábio superior, depois inclinou-se para diante, beijando-o uma última vez, os lábios já frios, mais como os de Rhun.

Apressou-se a afastar esse pensamento.

Atrás do seu ombro, os dois sanguinistas entoavam uma prece. Reconhecia as palavras, mas permaneceu muda. As preces não a confortavam.

Jordan estava morto.

Nenhuma das suas palavras podia mudar isso.

CAPÍTULO 29

19 de dezembro, 22h11, CET
Cumas, Itália

Leopold encontrava-se nas margens de um lago azul no sul de Itália, com o luar a refletir-se nas águas tranquilas. Inspirou fundo, preparando-se para o que teria de vir. Notou os vestígios de enxofre no ar, o odor demasiado ténue para ser detetado por sentidos mortais, mas ainda presente, revelando a natureza vulcânica do lago Averno. Densa vegetação erguia-se ao longo das margens íngremes da antiga cratera. Do outro lado da água, a dispersão de luzes assinalava herdades e quintas distantes e, bem mais ao longe, a cidade de Nápoles cintilava no horizonte.

No passado, o lago fumegara intensamente de gases vulcânicos, de tal forma que as aves que passassem por cima cairiam dos céus. O próprio nome *avernus* significava *sem aves*. Os antigos romanos acreditavam que a entrada para o Inferno se encontrava perto daquele lago.

“Como estavam certos...”

Examinou as imperturbadas águas de anil, imaginando aquele lugar tranquilo nascido do fogo, criado de lava explodida aos céus, queimando a terra, matando qualquer criatura que rastejasse, caminhasse ou voasse. Agora, tornara-se um vale sossegado, oferecendo abrigo a aves, peixes, veados e coelhos. Os pinheiros e arbustos em redor abundavam de nova vida.

Tomou a lição a peito.

Por vezes, o fogo era necessário para purgar, para garantir uma paz duradoura.

Essa era a esperança de Leopold: trazer a salvação ao mundo através do fogo do Armagedão.

Fitou o lago, interrompendo a sua tarefa de agradecimento a Deus por poupar a vida daqueles que seguiam no comboio. Ligara ao *Damnatus*, depois de ver o seu próprio caixão em Castel Gandolfo, ficando a saber que os outros tinham sobrevivido e que o *Damnatus* fizera um pacto com o monge russo para os emboscar em Estocolmo.

Resolvido a fazer o que tinha de ser feito, virou costas ao lago. As suas sandálias de couro roçavam o solo vulcânico avermelhado, enquanto ele seguia o caminho que conduzia à Grotta di Cocceio. Era um antigo túnel romano, de um quilómetro de comprimento, construído antes do nascimento de Cristo, estendendo-se desde o lago até às ruínas da antiga Cumas, no lado distante da vertente da cratera. Danificado durante a Segunda Guerra Mundial, o túnel fora fechado ao público, sendo agora um local perfeito para ocultar segredos.

Leopold alcançou a entrada, uma arcada de pedra escura selada por um portão de ferro.

Exigiu-lhe pouca força arrombar a fechadura e penetrar no interior. Uma vez lá dentro, teve de rastejar e atravessar uma desolada paisagem rochosa, até chegar ao túnel principal. Com o caminho agora desimpedido, apressou-se pela escuridão, não se dando ao trabalho de dissimular a sua velocidade sobrenatural. Ninguém o veria ali.

Os seus passos abrandaram quando se aproximou do extremo oposto, onde o túnel abria para um complexo de ruínas no exterior da cratera. Saiu para a brisa fresca do mar vizinho. Mais acima, empoleirado na crista do vale, erguia-se um templo a Apolo, um antigo emaranhado de pilares partidos, anfiteatros de pedra destruídos e fundações esboroadas de estruturas há muito desaparecidas. Mas não era esse o seu destino. À saída

do túnel, virou à direita, mergulhando num outro túnel. A passagem aqui fora aberta na rocha ocre, escavada em forma trapezoidal, estreita na base com as paredes a inclinar para fora.

Era a entrada da gruta da Sibila de Cumas, a intemporal profetisa mencionada por Virgílio, cuja imagem estava pintada na Capela Sistina, assinalando-a como um dos cinco áugures que previram o nascimento de Cristo.

Leopold recebera instruções precisas sobre o que tinha de fazer a partir dali. Por essa altura, o *Damnatus* já devia ter capturado o Primeiro Anjo. Leopold devia fazer o mesmo com o outro. Um arrepio percorreu-lhe a pele fria, quase o levando a retroceder.

“Como posso ousar atacar tal outro?”

Mas recordou o lago Averno, onde a paz e a graça tinham nascido do fogo e do enxofre. Ele não podia falhar quando o objetivo estava tão próximo.

A passagem estendia-se uma centena de metros pelas profundezas abaixo da cratera. Segundo Virgílio, o caminho para a sibila era cêntuplo, aludindo ao labirinto enterrado sob aquelas ruínas. O que era visível aos turistas era uma ínfima fração do verdadeiro covil da profetisa.

No entanto, chegou ao fundo do túnel e arrastou-se pelo que era considerado o santuário privado da sibila. Estacando no limiar, examinou as arcadas esculpidas e os bancos de pedra vazios. Outrora fora grandioso, cheio de frescos e flores. Belas ofertas teriam coberto as paredes. Botões teriam exalado a sua fragrância pelo ar subterrâneo. Frutos teriam amadurecido e apodrecido ali.

Do lado oposto, erguia-se o trono entalhado, um simples assento de pedra.

Visualizou a Sibila de Cumas a entoar ali as suas profecias, imaginando o agitar de folhas que se dizia acompanhar tais predições, folhas em que ela registava as suas visões do futuro.

Apesar dos relatos antigos, Leopold sabia que o verdadeiro poder não residia naquele espaço, mas bastante mais fundo. A sibila escolhera aquele lugar por causa do que se escondia no coração da sua cova, algo que ela protegia do mundo em geral.

Antes que perdesse a coragem, apressou-se a atravessar a sala até ao trono, até à arcada por detrás dele. Abeirando-se da parede do fundo, estudou o padrão das pedras aí dispostas. Seguindo as diretrizes transmitidas pelo *Damnatus*, pressionou para dentro uma série de pedras, formando o símbolo grosseiro de uma taça, o antigo ícone que representava aquela sibila.

Quando empurrou a última pedra, ouviu um estalar e desenharam-se linhas escuras, libertando poeira e assinalando uma porta. Sabia que existiam outros acessos secretos ao labirinto profundo, mas o *Damnatus* tinha deixado claro que ele tinha de se dirigir a ela por aquela via. O *Damnatus* conhecia-a de uma outra vida, aprendera sobre aquele santuário. Ao longo dos séculos, ele seguira-lhe os passos pela Terra, sabia que ela residia aí agora, provavelmente aguardando-os.

Leopold empurrou a porta, abrindo-a com um raspar de pedra, mas permaneceu no limiar. Não ousava entrar no domínio dela sem permissão. Recuou até diante do trono e ajoelhou-se.

Sacou de uma faca e golpeou o pulso.

Sangue escuro brotou para fora, deixando transparecer a bênção de Cristo.

– Ouvi a minha prece, ó Sibila! – entoou. – É chegada a hora de a vossa profecia final se tornar realidade.

Esperou, de joelhos, pelo que lhe pareceram horas, mas foram provavelmente minutos.

Por fim, ao seu ouvido apurado, chegou o som abafado de pés descalços sobre a pedra.

Olhou para lá do trono, para o limiar escurecido.

Um pedaço de sombra dissolveu-se, tornando-se visível, revelando a bela perfeição de uma mulher de pele escura. Envergava uma simples túnica de linho. As únicas peças de adorno eram uma pulseira de ouro na parte superior do braço e um fragmento de prata, pendente de uma corrente áurea. Não que precisasse de tais acessórios. A beleza escura da mulher cativou toda a sua imaginação, instigando mesmo pensamentos pecaminosos. Como podia um homem resistir-lhe? Ela era mãe, amante, filha, a encarnação absoluta da natureza da mulher.

Mas não era nenhuma mulher.

Ele não lhe ouviu o pulsar do coração, quando ela se aproximou e se sentou no trono.

Ela era algo bem mais grandioso.

Baixou o rosto perante tal beleza.

– Perdoai-me, ó Divina.

Ele sabia o seu nome – *Arella* – mas não ousava proferi-lo, sentindo-se indigno.

– O meu perdão não aliviará os teus fardos – disse ela, suavemente. – Tens de te despir deles por tua própria vontade.

– Sabeis que não o posso fazer.

– E ele enviou-te em seu lugar, incapaz de vir ele próprio.

Ele ergueu o rosto, reconhecendo a profundidade da mágoa nos seus olhos.

– Lamento, abençoada Senhora.

Ela riu docemente, um simples som que prometia ventura e paz.

– Estou além das tuas bênçãos, padre. Estarás tu além das minhas? Ainda podes pôr de parte essa missão de que ele te incumbiu. Não é tarde demais.

– Não posso. Do fogo surgirá a paz duradoura.

Ela suspirou, como que repreendendo uma criança.

– Do fogo surge apenas a ruína. Só o amor pode trazer a paz. Não o aprendeste Daquele que abençoa o próprio sangue que derramaste à minha entrada?

– Tudo o que procuramos é trazer o Seu amor de volta a este mundo.

– Destruindo-o?

Ele permaneceu em silêncio, resolutivo.

O *Damnatus* incumbira-o daquela missão – e de uma outra. Sentiu o peso da pedra esmeralda no bolso interior da sua veste. Teria de esperar. Antes de mais, tinha de concluir o primeiro dever, por muito que lhe custasse.

Encarou a sibila.

Ela terá lido a sua inabalável determinação. Com um olhar de profunda tristeza, limitou-se a estender os pulsos.

– Então, que se inicie. Não interferirei. As crianças devem cometer os seus próprios erros. Mesmo tu.

Odiando-se, Leopold levantou-se e atou-lhe os pulsos com suaves tiras de couro. Ao contrário dele, ela não possuía força sobrenatural para resistir, para lutar. A fragrância de botões de lótus desprendeu-se da sua pele, enquanto se pôs delicadamente de pé. Ele segurou a tira ligada às suas mãos atadas e guiou-a, as pernas tremendo-lhe da impertinência, de volta ao limiar obscurecido.

Quando o transpôs à frente dela, um manto de enxofre e vapores sulfúreos varreu o suave aroma do lótus. Impedindo-se de o engolir, desceu para a escuridão, rumo a um destino de fogo e caos.

CAPÍTULO 30

19 de dezembro, 22h18, CET
Estocolmo, Suécia

“Não pode ter partido...”

Rhun tocou no braço de Erin, mas ela mal o sentiu. Quando ele falou, a sua voz parecia vir de muito longe.

– Temos de deixar este lugar.

As sirenes soavam estridentes em redor.

As borboletas esmeralda tinham levantado voo há um instante, elevando-se para longe a um sinal silencioso do seu mestre já dali desaparecido, deixando apenas ruína para trás. Pouco restava dos mortos, roupas e pedaços de ossos enegrecidos entre montículos de cinzas.

Nada mais os prendia ali.

Contudo, ela agarrava-se a Jordan, incapaz de o largar. Não via necessidade de partir. Tudo se tinha transformado em cinzas. O Primeiro Anjo tinha partido, a Mulher Sábia trocara-os pelo inimigo e o Homem Guerreiro jazia morto aos seus pés.

“Jordan...”

Ele era bem mais do que esse título profetizado.

Um som de passos apressados atraiu-lhe a atenção para o lado. O pequeno vulto de Alexei surgiu de uma das arcadas do labirinto. Embora fosse um monstro, ficou feliz por ele estar vivo. Devia ter sido deixado a guardar os muros exteriores do palácio de gelo, escapando à carnificina que ali ocorrera – embora não à dor. Correu para Rasputine e deixou-se

cair nos seus braços, como qualquer rapazinho assustado procurando o consolo do pai. As lágrimas corriam-lhe pela face, enquanto fitava os restos esfaляlhados dos outros, a sua família obscura.

Christian levantou-se, carregando o corpo de Nadia envolto num manto, o pouco que dela restava.

– Há uma catedral aqui perto. Podemos procurar aí refúgio e decidir o próximo passo a tomar.

– Próximo? – Erin ainda observava Alexei, recordando-se de que havia uma *outra* criança em grande risco. Ela não abandonaria o rapaz sem dar luta. A raiva secou-lhe as lágrimas. A determinação acerou-se por entre a dor. – Temos de salvar o Primeiro Anjo.

“*Tommy*” – lembrou-se, não se permitindo relegá-lo para um frio título. Esse nome fora-lhe dado por uma mãe e um pai que o amavam. Isso era bem mais importante do que qualquer nome profético.

Rhun falou, fitando Jordan no chão.

– Mas com a trindade destruída, não há...

Ela cortou-lhe a palavra.

– Não podemos deixar o Tommy nas mãos daquele monstro.

Rhun e Christian olharam-na, com a preocupação estampada nos seus rostos.

“*Que se preocupassem.*”

Erin pousou a mão sobre o ombro de Jordan. Certificar-se-ia de que ele era sepultado em Arlington, como o herói que era. Ele salvara muitas vidas, incluindo a dela. Para o honrar, salvaria o rapaz.

“*Completaria a missão.*”

Era o que Jordan teria desejado.

Não podia fazer menos do que isso.

Um floco de neve caiu sobre a sua pálpebra fria e derreteu-se, a pequena gota vertendo do seu olho como uma lágrima. Ela estendeu o polegar para

a limpar. Quando o fez, notou que o pó de neve nas faces dele começara a escorrer e lhe deslizava pela pele.

– Rhun – sussurrou ela.

Despiu apressadamente a luva e colocou a palma da mão nua sobre o seu pescoço.

A pele estava quente.

O coração de Erin saltou bruscamente. Levantou de rompante o blusão que Tommy dispusera delicadamente sobre o corpo dele.

O sangue encharcava o peito de Jordan, afundando-se na concavidade do seu esterno. Limpou-o com a palma da mão nua, expondo a tatuagem, a extensão de pele sobre músculo firme. Usava agora ambas as mãos, tentando limpar o peito.

Levantou o olhar para Rhun e Christian.

Até mesmo Rasputine foi atraído pela sua ação frenética.

– Não há ferida – disse ela.

Rhun baixou-se ao seu lado, a mão sobre as costelas de Jordan, mas refreou-se de tocar os vestígios de sangue aí visíveis. Então, subitamente, o peito de Jordan elevou-se, como que procurando alcançar a mão do sacerdote. Rhun caiu para trás, em choque.

Enquanto Erin observava, o peito de Jordan elevou-se de novo.

– Jordan? – A voz dela vacilava.

Christian falou.

– Ouço batimento.

“Como era possível?”

Erin pousou a mão sobre o peito dele, querendo sentir o coração a bater. Então, o braço de Jordan ergueu-se do outro lado e procurou a mão dela, descansando a palma quente na sua.

Ela olhou-o, encontrando os seus olhos abertos, fixando-a, a expressão confusa, como se acordasse de um sono profundo. Os seus lábios abriram-se.

– Erin...?

Ela segurou-lhe o rosto entre as mãos, querendo rir e chorar.

Rhun ajudou Jordan a sentar-se. Procurou o ferimento de saída da bala nas costas de Jordan. Depois, abanou simplesmente a cabeça quando não encontrou nada.

– É um milagre – exclamou Rhun.

Jordan olhou-a, desorientado, em busca de uma explicação para toda aquela comoção.

Faltavam-lhe as palavras.

Rasputine falou.

– Deve ter sido o toque do Primeiro Anjo. Foi o sangue do rapaz.

Erin recordou Tommy a colocar a sua mão ensanguentada no peito de Jordan.

“Seria possível?”

As sirenes alcançaram a praça, as luzes azuis e brancas a dardejar para lá do muro. Gritos podiam ser ouvidos ao longe.

Rhun ajudou Jordan a pôr-se de pé.

– Consegue aguentar-se?

Jordan ergueu-se com pouco esforço, estremeando do frio e vestindo o blusão, fitando a sua camisa ensanguentada com uma expressão confusa.

– Porque não haveria de me conseguir aguentar?

Não tinha claramente memória de ter sido alvejado.

Rhun apontou a saída mais afastada das sirenes e das luzes.

– Temos de ir.

Rasputine assentiu, avançando nessa direção.

– Conheço o caminho de saída. Tenho um carro não muito longe.

Christian agarrou o corpo de Nadia, pronto para correr com ela.

Ao ver a forma prostrada da mulher nos braços do jovem sanguinista, a alegria de Erin esmoreceu. Em vez de sucumbir à dor, agarrou-se firmemente à raiva dentro de si. Olhou para baixo, para as traças

destroçadas na neve. Determinada a conhecer melhor o inimigo, a converter a mágoa em objetivo, inclinou-se e recolheu várias das traças caídas, enfiando-as no bolso do seu blusão de pele.

Enquanto se dobrava para a última traça, Erin contemplou com amargura a destruição deixada no rasto de Iscariotes. Os corpos dos *strigoi* não permitiam reconhecimento, um mistério que atormentaria Estocolmo por algum tempo. Olhando nessa direção, notou algo largado na neve a um metro de distância, algo escuro.

Caminhou até lá e descobriu um pacote envolto num oleado. Recolheu-o e guardou-o no casaco de dentro.

Quando se endireitava, uns dedos agarraram-lhe o braço, duros como ferro.

Rhun arrastou-a para a saída, enquanto os gritos da Polícia se tornavam mais fortes atrás de si. Guiou Jordan juntamente com ela. Chegando à arcada de gelo, empurrou-os para o labirinto.

– Corram!

22h23

A neve esmagava-se debaixo dos pés de Rhun. Ele escutava o pulsar dos corações de Erin e Jordan, enquanto eles corriam. Firmes e fortes, embora acelerados do esforço.

O coração de Jordan soava como qualquer outro. Mas Rhun sabia que o ouvira *parar*. Ele ouvira o silêncio da sua morte. Ele soubera que aquele coração calado não voltaria a bater – mas voltara.

Era um verdadeiro milagre.

Evocou o rosto do rapaz, do Primeiro Anjo, imaginando tal dom, trazer de volta à vida. Saberá o rapaz que possuía tal poder? Rhun sabia que esse milagre se devia, em última instância, à vontade de Deus. Seria aquela ressurreição um sinal de que a trindade servia, verdadeiramente, o Seu desígnio?

Mas quem formava a *trindade*?

Estudou as costas de Erin, ao mesmo tempo que evocava a partida de Elisabeta. Não olhara sequer para trás, quando se fora. Porém, ele sabia que merecera tal deserção.

Finalmente, a saída avultou-se. Fugiram do impressionante palácio de gelo para o escuro emaranhado de ruas adiante. Grigori conduziu-os a um monovolume azul estacionado numa ruela deserta. Precipitaram-se para o interior pelas portas de todos os lados.

Grigori assumiu o volante e arrancou rumo à cidade escurecida.

Christian inclinou-se do banco de trás.

– Leve-nos para a Catedral de São Nicolau. Aí, ficaremos a salvo por algum tempo.

– Deixo-vos lá – disse Grigori, entorpecido pelo choque da perda. – Eu tenho o meu próprio alojamento.

Pelo espelho retrovisor, os olhos azuis ensombrados de Grigori encontraram os de Rhun, o arrependimento visível, a par da profunda dor. Rhun queria castigar o monge por ter estendido aquela armadilha, mas o seu velho amigo também o salvara há pouco, usando o favor que lhe era devido para poupar a sua vida. Em última análise, não havia pior castigo do que aquele que o monge já sofrera no interior do labirinto.

Algumas voltas adiante, o monovolume estacou frente à catedral de Estocolmo: a Igreja de São Nicolau. A estrutura era mais simples do que a das igrejas de Roma, construída de tijolo ao estilo gótico. Quatro candeeiros de rua faziam incidir a sua luz dourada sobre as fachadas ocre.

Janelas em arco engastavam-se firmemente na pedra, flanqueando uma grande roseta de vitrais ao centro.

Rhun esperou que todos os outros saíssem. Uma vez a sós, inclinou-se para diante e tocou o ombro de Grigori.

– Lamento, por todos aqueles que perdeste hoje. Rezarei pelas suas almas.

Grigori assentiu em agradecimento, fitando Alexei. O monge apertou a pequena mão do rapaz, como que receando perdê-lo, também.

– Nunca pensei que ele próprio viesse – sussurrou Grigori. – Em pessoa.

Rhun visualizou o semblante gélido de Iscariotes.

– Eu apenas queria desafiar Deus – disse o monge. – Ver a Sua mão agir, lançando tudo no caos pelas minhas próprias mãos. Ver se Ele o repararia.

Rhun apertou o ombro do seu velho amigo, consciente de que sempre existiria um fosso entre eles. Grigori estava demasiado revoltado com Deus, tendo sido demasiado ferido no passado pelos Seus servos na Terra. Nunca se poderiam reconciliar totalmente, mas por aquela noite, separar-se-iam nos melhores termos possíveis.

Grigori observou Jordan a afastar-se.

– Afinal, talvez tenha visto a mão de Deus.

O rosto do monge voltou-se ligeiramente para Rhun, as suas faces manchadas de lágrimas.

Com um aperto final de despedida, Rhun saiu, fechando a porta com força. A carrinha arrancou rua abaixo, abandonando-os à noite.

A um passo de distância, Christian segurava a cabeça encoberta de Nadia contra o seu ombro, como se ela dormisse, com uma mão a amparar-lhe a base do pescoço.

Também Rhun travara inúmeras batalhas ao lado dela. De muitas maneiras, ela fora a mais forte de entre eles, não atormentada pela dúvida. A sua dedicação ao propósito era intensa e inabalável. A sua perda – como sanguinista e como amiga – era incalculável.

– Temos de sair da rua – alertou Jordan.

Rhun assentiu e Christian encaminhou-se para a lateral da igreja, passando sob os ramos esqueléticos de árvores desnudas pelo inverno. Rhun inclinou a cabeça para admirar as janelas da catedral. Por dentro, era um espaço imensamente belo, com tetos caiados de branco e arcadas de tijolo vermelho. As preces por Nadia encontrariam aí lugar adequado.

Nas traseiras da catedral, diante de uma parede incaracterística, Rhun procedeu ao ritual, golpeando a palma da mão e abrindo a porta secreta sanguinista. Recordou-se de Nadia o ter feito meio dia antes, nenhum dos dois sabendo que seria a sua última vez.

Christian apressou-se a entrar e a descer os degraus sombrios.

Jordan acendeu uma lanterna e seguiu-o. Erin segurava a mão do soldado com uma intimidade descontraída. Rhun recordou-se de ouvir o seu coração, aferindo a profundidade imensa da sua dor. Porém, contra todas as expectativas, Jordan fora-lhe restituído.

A inveja dardejou por ele. Séculos atrás, perdera o seu amor, mas quando ela lhe fora restituída, mudara para sempre.

Para ele, não havia retorno.

Rhun penetrou na capela subterrânea secreta. Tal como a igreja à superfície, tinha teto abobadado, pintado de um azul sereno séculos antes, para relembrar os sanguinistas do céu, da graça de Deus que lhes fora restituída. De ambos os lados, tijolos vermelhos cobriam as paredes do chão ao teto. Ao fundo, o singelo altar continha uma pintura de Lázaro a erguer-se dos mortos com um Cristo resplandecente diante dele.

Passando à frente, Rhun alisou o pano do altar, depois Christian pousou os restos mortais de Nadia delicadamente em cima dele, mantendo-a coberta. Rezaram por ela. Com a sua morte, toda a profanidade a abandonara por fim.

Na morte, ela fora libertada.

Erin e Jordan inclinaram igualmente a cabeça naquelas últimas preces, com as mãos postas. A dor ecoava em cada fôlego, em cada batimento, enquanto a choravam também.

Uma vez terminado, Christian recuou do altar.

– Temos de ir.

– Não vamos ficar aqui? – indagou Jordan, parecendo exausto.

– Não podemos correr esse risco – disse Christian. – Se quisermos salvar o rapaz, temos de seguir.

Rhun concordou, lembrando-os:

– Continua a haver um traidor dentro da Igreja. Não podemos arriscar permanecer no mesmo sítio por muito tempo. Especialmente aqui.

– E o corpo da Nadia? – perguntou Erin.

– Os sacerdotes locais compreenderão – asseverou-lhe Rhun. – Eles tratarão de a enviar para Roma.

Rhun baixou a cabeça uma vez mais para a homenagear, depois deixou o seu corpo frio sozinho sobre o altar e seguiu os outros dali para fora.

Agora, tinha de cuidar dos vivos.

CAPÍTULO 31

19 de dezembro, 23h03, CET
Estocolmo, Suécia

Erin seguia por uma rua bem iluminada, para longe da proteção e do calor da catedral. A neve caía agora mais intensamente, estreitando o mundo em redor. Os flocos em breve lhe cobriram o cabelo e os ombros. Alguns centímetros acumulavam-se sob os pés.

Poucos carros passavam pela rua àquela hora tardia, os pneus ressoando sobre as pedras da calçada, os faróis abrindo buracos por entre a neve cadente.

Mantinha um firme aperto sobre Jordan – para evitar escorregar no pavimento gelado e para se certificar de que não sonhava. Enquanto avançavam, ela observava o bafo quente que exalava dos lábios dele, tornado branco no ar frio.

Há menos de uma hora, ele estivera morto – sem respiração, sem pulsação.

Observou Jordan pelo canto do olho.

A sua mente lógica lutava para entender aquele milagre, colocá-lo num contexto científico, compreender as suas regras. Mas, por agora, agarrava-se simplesmente a ele com firmeza, grata por estar quente e vivo.

Rhun seguia do seu outro lado. Parecia derrubado, mais enfraquecido do que a recente perda de sangue podia explicar. Ela conseguia adivinhar porquê. Bathory causara-lhe muito dano – e não apenas ao corpo.

Claramente, ele ainda a amava e a condessa parecia determinada a usar esses sentimentos para o ferir.

Por fim, Christian estacou diante de uma frente de loja profusamente iluminada.

– Onde estamos? – perguntou Jordan.

– Num cibercafé. – Christian abriu a porta, fazendo tocar uma campainha presa à ombreira. – Foi o mais próximo que consegui encontrar a esta hora da noite.

Feliz por escapar à neve, Erin apressou-se a entrar no edifício aquecido. Lá dentro, parecia mais uma loja de conveniência do que um cibercafé – prateleiras de comida estendiam-se à esquerda e um armário frigorífico cobria uma das paredes. Mas ao fundo, duas cadeiras desdobráveis de metal aguardavam diante de monitores de computador e teclados, dispostos numa comprida mesa de jogo.

Christian falou com a mulher entediada atrás do balcão. Vestia-se de preto, com um *piercing* prateado na língua, que cintilava enquanto ela falava. Christian comprou um telemóvel, fazendo perguntas concisas em sueco. Quando terminou, passou-lhe uma nota de cem euros e dirigiu-se ao fundo da loja.

Ao balcão, Jordan pediu quatro salsichas do espeto rotativo, onde pareciam rodar desde o início do milénio. Erin adicionou duas coca-colas, pacotes de batatas fritas e um punhado de chocolates ao pedido.

Podia não ter oportunidade de comer de novo por muito tempo.

Jordan transportou o jantar num tabuleiro até ao posto dos computadores. Christian já estava sentado diante de um monitor, os seus dedos voando velozmente sobre as teclas.

Rhun pairava-lhe sobre o ombro.

– O que está a fazer? – perguntou Jordan, devorando uma salsicha.

– A verificar o plano de contingência que tracei com o cardeal Bernard.

– Que plano de contingência? – Pressionou Erin, esquecendo por um momento o chocolate desembulhado.

– O cardeal queria manter a nossa querida condessa sob rédea curta – explicou Christian. – Caso ela cortasse as amarras e tentasse escapar, idealizei uma forma de lhe seguirmos o rasto.

Jordan apertou o ombro do jovem sanguinista com uma mão gordurosa, sorrindo.

– Colocou-lhe um localizador, não foi?

Christian sorriu.

– No interior do manto.

Erin retribuiu o sorriso. Se conseguissem seguir Bathory, havia uma boa possibilidade de localizarem o rapaz.

Rhun encarou o sanguinista mais jovem.

– Porque não fui informado disso?

– Terá de o esclarecer com Bernard. – Christian baixou mais a cabeça, parecendo envergonhado com o subterfúgio.

Rhun suspirou pesadamente, irradiando raiva. Erin leu o entendimento nos olhos dele. O cardeal não confiara que Rhun não escaparia com a condessa. Depois de Rhun ter escondido Bathory durante séculos, Bernard não podia ser censurado por tal precaução.

– Pode demorar alguns minutos a apanhar o sinal e a fixá-lo – avisou Christian. – Por isso, ponham-se confortáveis.

Foi exatamente o que Erin fez, deslizando o braço em torno a cintura de Jordan e descansando a cabeça no calor do seu peito, ouvindo o pulsar do coração, apreciando cada sólida batida.

Após dez minutos a dedilhar no teclado e de lamúrias sussurradas sobre velocidades de ligação, Christian deu um murro na mesa – não de raiva, mas de satisfação.

– Apanhei-o! – declarou. – Apanhei o sinal dela no aeroporto.

Rhun deu meia-volta agitando a sua veste negra, arrastando consigo Christian, que rapidamente desligou o computador. Os dois sanguinistas apressaram-se, sem se darem ao trabalho de esconder a sua velocidade sobrenatural da empregada do balcão.

Alheada, a rapariga tinha o nariz afundado num livro de capa mole e cantos dobrados, com os auriculares do *iPod* firmemente enfiados nos ouvidos.

Jordan correu atrás deles, resmungando.

– Às vezes, só gostava que estes tipos precisassem de comer e dormir.

Ela agarrou-lhe de novo a mão e correram em direção à porta, acenando em despedida à rapariga atrás do balcão. Erin foi igualmente ignorada pelo desprezo da juventude.

Reprimiu um sorriso, sentindo subitamente a falta dos seus alunos.

23h18

Elizabeta acomodou-se num assento junto à janela do avião. O espaço era bastante similar àquele em que viajara anteriormente para ir até ali: luxuosos assentos de pele, com pequenas mesas acopladas. Só que, desta vez, não estava prisioneira num caixão. Ao tocar o lenço em volta do pescoço, a raiva inflamou-se dentro dela.

Olhou para fora da janela redonda. As luzes do aeroporto cintilavam, cada qual envolta num halo tremeluzente de neve. Encaixou o estranho cinto no sítio, cruzando o colo. Nunca usara tal restrição, mas Iscariotes e o rapaz tinham posto os deles, pelo que presumiu que também devia fazê-lo.

Olhou para a criança sentada ao seu lado, tentando entender o que a tornava tão especial. Ele era o Primeiro Anjo, um outro imortal, mas exteriormente parecia apenas um rapaz comum. Ouvia mesmo o seu coração a bater ao ritmo do medo e da dor. Depois de lhe ligarem as feridas piores, os seus novos captores deram-lhe um conjunto de roupas cinzentas para vestir, macias e soltas para não agredir a sua pele em carne viva.

Sweats, como lhes chamaram.

Voltou a atenção para o mistério sentado diante de si.

Judas Iscariotes.

Ele despira o casaco exterior e vestia um moderno fato de caxemira, de bom corte. Na mesinha entre eles estava pousada uma caixa de vidro, contendo a sua coleção de traças, à parte das três que esvoaçavam pela cabina. Ela sabia que aquelas permaneciam à solta como evocação do preço por qualquer desobediência, como se não o andasse a pagar há séculos.

O avião acelerou pelo terreno às escuras e coberto de neve. Ela apertou as mãos sobre o colo, deixando que o manto caísse sobre elas, para que Iscariotes não notasse o seu nervosismo. Procurou não imaginar aquele engenho metálico a lançar-se no ar e arrojá-lo por centenas de milhas sobre mar e terra.

A natureza nunca previra tal coisa.

A seu lado, o rapaz reclinou o assento, claramente indiferente ao aeroplano e ao seu funcionamento. Diversos pontos de carmesim manchavam a sua roupa cinzenta, vertendo das centenas de fendas na sua pele queimada do gelo. O odor do seu sangue enchia a cabina, mas estranhamente não a tentava.

Seria o sangue dos anjos diferente do de todos os outros?

Ele afastou o cabelo castanho dos olhos. Era mais velho do que ela julgara a princípio, talvez tivesse catorze anos. A angústia no seu rosto

lembrou-lhe o filho, Paul, quando sofria. A tristeza avultou dentro dela face à memória, sabendo que o filho estava agora morto, como todos os seus filhos. Perguntava-se o que teria sido feito do filho.

“Teria tido vida longa? Teria sido feliz? Teria casado e tido filhos?”

Desejava conhecer esses simples factos. A amargura subiu-lhe à garganta. Rhun roubara-lhe tudo isso, com um simples ato irrefletido. Ela perdera as filhas, o filho, todos aqueles que amara.

O rapaz mexeu-se no seu lugar com um leve gemido. Tal como ela, também ele perdera tudo. Rhun contara-lhe como os pais tinham morrido diante dele, envenenados por um terrível gás.

Tocou-lhe suavemente no ombro.

– Sentes muita dor?

Olhos incrédulos encontraram os dela.

Claro que sentia dor.

Um golpe sobre a sobrancelha coagulara e secara. Ele já sarava. Ela tocou a garganta, ainda latejante da ferida infligida por Nadia. Também ela estava a sarar, mas necessitaria de mais sangue.

Como que lendo os seus pensamentos, Iscariotes fitou-a rapidamente.

– As bebidas serão servidas dentro de momentos, minha cara.

Para lá da cabina, os motores tornaram-se mais ruidosos e o avião lançou-se suavemente no ar. Ela susteve a respiração, como se ajudasse o aeroplano a pairar. A nave subiu mais alto. O estômago afundou-se e depois estabilizou. A sensação recordava-a de saltar vedações montada na sua querida égua.

Finalmente, a trajetória estabilizou num suave deslizar, como um falcão no ar.

Ela retomou a respiração, devagar.

Iscariotes levantou a mão e o corpulento homem louro que os acompanhava desde o labirinto surgiu pesadamente na parte de trás do avião.

– Por favor, Henrik, traz bebidas para os nossos convidados. Talvez algo quente, depois de todo o gelo e frio.

O homem inclinou a cabeça e desapareceu.

A atenção dela regressou à janela, atraída pelas luzes que se tornavam cada vez mais pequenas lá em baixo. Voavam mais alto do que qualquer ave. A exaltação inundou-a.

Henrik regressou minutos depois.

– Chocolate quente – disse ele, inclinando-se para pousar uma caneca fumegante nas mãos do rapaz.

Depois ergueu uma pequena taça na direção dela. A arrebatadora fragrância do sangue quente flutuou até si. Notou o adesivo branco na curva do robusto braço do bruto, manchado de uma gota de sangue. Parecia haver pouco que os servos não fizessem pelo seu senhor. A opinião que tinha de Iscariotes engrandeceu.

Aceitou a taça e esvaziou o seu conteúdo cáldo de um só gole. O calor e a beatitude estenderam-se do ventre aos braços, às pernas, às pontas dos dedos. A dor persistente no pescoço desvaneceu-se. Ela vibrava agora de força e deleite.

Como podiam os sanguinistas recusar tal prazer?

Rejuvenescida, voltou a atenção para o jovem companheiro. Recordou a conversa a bordo do comboio.

– O teu nome é Thomas Bolar.

– Tommy – corrigiu ele, brandamente, propondo algo mais íntimo.

Ela propôs-lhe o mesmo.

– Então, podes tratar-me por Elizabeta.

O olhar dele focou-se mais intensamente nela. Por seu lado, ela estudou-o. Podia tornar-se um aliado valioso. A Igreja queria-o e se ele fosse verdadeiramente o Primeiro Anjo, podia ter poderes que ela ainda não conseguia abarcar.

– Devias beber – disse ela, apontando a caneca nas mãos dele. – Vai aquecer-te.

Ainda fixando-a, ele levantou a caneca e sorveu delicadamente, estremecendo um pouco com a temperatura.

– Muito bem – disse ela, voltando-se para Henrik. – Traz-me toalhas limpas e água quente.

O louro mostrou-se surpreendido com o tom. Olhou para o seu senhor.

– Traz-lhe o que ela quer – ordenou Iscariotes.

Ela saboreou a pequena vitória e, momentos mais tarde, Henrik regressou com um recipiente e uma pilha de toalhas brancas. Ela embebeu a primeira toalha e estendeu-a a Tommy.

– Limpa o rosto e as mãos. Com cuidado.

Tommy pareceu prestes a recusar, mas ela manteve o braço estendido, até que, com um suspiro cansado, ele pegou na toalha. Pousando a caneca, cingiu o calor da toalha nas mãos e pressionou-a contra o rosto. Em breve, passava uma segunda toalha pelos braços acima, enfiando-a por dentro da camisola e deslizando-a sobre o peito. A expressão suavizou-se pelo simples prazer do calor húmido.

O seu olhar, também suavizado agora, encontrou de novo o dela.

– Obrigado.

Ela assentiu subtilmente com a cabeça e voltou a atenção para o homem de cabelo grisalho à sua frente. Quando o vira pela última vez, quatrocentos anos antes, ele envergava uma túnica de seda de tom pardo de nobre. Pareciam-lhe apenas meses, depois de perder séculos encurralada na armadilha de Rhun. Nessa altura, um anel de rubi adornava-lhe um dos dedos, anel que ele dera à filha mais nova de Elizabeta, Anna, em sinal do seu compromisso em proteger a família Bathory.

Mas porquê?

Perguntou-o agora.

– Porque me foi ver, quando eu estava presa no castelo de Čachtice?

Ele estudou-a por um longo momento, antes de responder.

– O seu destino interessou-me.

– Por causa da profecia?

– Muitos falavam das suas capacidades curativas, mente astuta e olhar penetrante. Ouvi murmúrios do interesse da Igreja em si, na sua família. Assim, decidi ver por mim mesmo se os rumores da sua sabedoria eram verdadeiros.

Então, ele fora farejar o rasto da profecia, como um cão de caça na pista de uma presa.

– E o que concluiu? – perguntou ela.

– Concluí que o interesse da Igreja podia ter validade. E decidi zelar pelas mulheres da sua linhagem.

– As minhas filhas. Anna e Katalin.

Ele anuiu.

– E muitas depois delas.

Um desejo intenso e doloroso invadiu-a, o de colmatar as lacunas do seu passado, conhecer o destino da sua família.

– O que foi feito delas? De Anna e Katalin?

– Anna não teve descendência. Mas a sua filha mais velha, Katalin, teve duas filhas e um filho.

Ela desviou o rosto, desejando ter podido vê-los, o gérmen e sangue da nobre casa de Bathory. Teriam possuído a beleza simples e encanto suave de Katalin? Nunca o saberia, pois também eles estavam há muito mortos.

Tudo por causa de Rhun.

– E o meu filho, Paul?

– Casou. A esposa deu-lhe três filhos e uma filha.

O alívio percorreu-a, sabendo agora que todos eles tinham vivido, tido vidas depois dela. Receava perguntar *quanto* tempo tinham vivido, como

se tinham desenrolado as suas vidas. Por agora, contentou-se em saber que a sua linhagem não fora cortada.

Tommy largou a toalha na bacia ao lado do seu lugar e recostou-se na cadeira, cruzando os braços, parecendo mais tranquilo.

– Devias terminar a tua bebida – censurou ela, apontando a caneca. – Ajudar-te-á a recuperar forças.

– Que me interessam as forças? – murmurou ele. – Sou um simples prisioneiro.

Ela ergueu a caneca e estendeu-lha.

– Tal como eu. E os prisioneiros têm de preservar as suas forças a todo o custo.

Ele aceitou a caneca das suas mãos, os olhos castanhos curiosos. Talvez não tivesse percebido que ela era tão prisioneira quanto ele.

Iscariotes mexeu-se no seu assento.

– *Não* são prisioneiros. São meus convidados.

Tal como tinham dito todos os outros captadores.

Tommy não parecia mais aliviado do que ela. Rodava a caneca, hipnotizado pelo seu conteúdo. Fora claramente um menino muito amado, era óbvio. Depois, fora arrebatado, ferido e abalado na confiança.

Por fim, Tommy ergueu o olhar, preparado para encarar aquele outro.

– Para onde nos leva?

– Para o vosso destino – respondeu Iscariotes, juntando os dedos em pirâmide e fixando o rapaz por cima deles. – São afortunados por estarem presentes num momento tão crucial.

– Não me sinto afortunado.

– Por vezes, não conseguimos entender o destino até estarmos perante ele.

Tommy limitou-se a suspirar audivelmente e a olhar pela janela, lá para fora. Passado muito tempo, Elizabeta notou-o a fixá-la, estudando as suas mãos, o seu rosto, tentando não o mostrar.

– O que é? – perguntou, finalmente.

Ele contraiu o semblante.

– Que idade tem?

Ela sorriu perante a descortês pergunta, compreendendo a sua curiosidade, apreciando o seu descaramento.

– Nasci em 1560.

Ele inspirou ruidosamente e ergueu as sobrancelhas de espanto.

– Mas dormi durante grande parte desses séculos. Não compreendo este mundo moderno como devia.

– Como a história da Bela Adormecida – observou ele.

– Não conheço essa história – retorquiu ela, merecendo um novo erguer de sobrancelhas. – Conta-ma. Depois, talvez me possas contar mais sobre esta era, mostrar-me como aprender a viver nela.

Ele assentiu, parecendo feliz pela distração – e talvez ela precisasse do desanuviamento, também. Ele respirou fundo e começou. Enquanto ela ouvia atentamente a sua narração de fadas e encantamentos, a sua mão quente deslizou sobre o braço da cadeira e aninhou-se na dela.

Ela sentiu os dedos quentes fechados sobre os seus. Para lá do seu poder e destino desconhecido, viu que ele era também um rapazinho jovem e solitário, privado de pai, privado de mãe.

Tal como Paul, após o seu julgamento.

Os seus dedos apertaram mais intensamente os dele, um sentimento raro a crescer dentro de si.

Proteção.

No banco traseiro do *Audi* cinzento-metalizado roubado, Jordan agarrava-se à pega lateral, enquanto Rhun acelerava por Estocolmo em direção ao aeroporto. Procurava ignorar os sinais vermelhos por que passavam. Tempos desesperados exigiam medidas desesperadas, o que não queria dizer que se quisesse enfaixar num semáforo.

Esperava que o dono do carro tivesse um bom seguro.

Agora na autoestrada, Rhun saltava de faixa em faixa, como se as linhas separadoras fossem mera sugestão. Christian seguia no lugar da frente, alheado do perigo, estudando o seu novo telefone, usando a rede móvel para seguir o rasto da condessa. Um instante atrás, referira que ela já tinha descolado, dirigindo-se para sul de Estocolmo sobrevoando o mar Báltico.

Rhun recusava-se a deixar-lhe mais avanço. Acelerava ao lado de um semirreboque, a lateral do automóvel a escassos milímetros do degrau de estribo do camião.

Erin aferrava-se ao braço de Jordan.

– É mais fácil se fechares os olhos – disse ele.

– Quando a minha morte chegar, quero vê-la.

– Eu já morri uma vez hoje. Não o recomendo, de olhos fechados ou abertos.

– Lembras-te de alguma coisa, quando estavas...?

As palavras morreram-lhe na garganta.

– Quando estava morto? – Ele encolheu os ombros. – Lembro-me de sentir o coice no peito e de cair no chão. Depois, tudo ficou escuro. A última coisa que vi foram os teus olhos. Parecias aflita, já agora.

– Estava. Ainda estou. – Ela pegou na mão dele com as suas. – O que recordas, depois disso?

– Nada. Nenhuma luz clara, nenhum coro celestial. Lembro-me vagamente de reviver o dia em que fui atingido pelo relâmpago. As linhas da minha tatuagem ardiam. – Coçou o ombro. – Ainda me incomodam um pouco.

– Assinalando a tua outra morte – disse ela, estudando-lhe o rosto, como que procurando um sentido naquele pormenor.

– Parece que o Céu não me queria nessa altura, nem agora. Fosse como fosse, a seguir fitava de novo os teus olhos.

– Como te sentes agora?

– Como se tivesse acordado na manhã de Natal, cheio de energia e pronto para seguir em frente.

– Ver-te aqui ao meu lado é como uma manhã de Natal para mim.

Ele apertou-lhe a mão enquanto Rhun carregava bruscamente nos travões, projetando Jordan contra o cinto de segurança.

– Chegámos – anunciou Rhun.

Jordan viu que estavam de volta ao aeroporto, estacionados junto ao jato.

Saíram rapidamente, apressando-se a continuar a perseguição.

Rhun e Christian conduziram Erin ao avião.

Enquanto Jordan os seguia, sentia a culpa de ter mentido a Erin instantes antes – ou, pelo menos, de não lhe contar toda a verdade.

Esfregou o ombro. Todo o seu lado esquerdo ardia com um fogo que recusava abrandar, seguindo as linhas fractais da sua flor relâmpago. Ele não sabia o significado desse ardor – apenas a sua origem.

“Há algo dentro de mim.”

CAPÍTULO 32

19 de dezembro, 23h50, CET

Espaço aéreo sobre o mar Báltico

Assim que o jato alcançou a altitude de cruzeiro, Rhun desapertou o cinto. Precisava de se mexer, de libertar a sua frustração. Anteriormente, mal conseguira conter a ansiedade enquanto Christian executava a interminável verificação pré-voo e Jordan examinava o avião com um sensor para detetar possíveis explosivos ocultos. Eram ambas precauções sensatas, mas Rhun sentia-se nervoso com atrasos adicionais, sentindo Elisabeta a fugir para mais longe a cada minuto que passava.

Visualizou o semblante presunçoso do homem que matara Nadia. Elisabeta estava agora debaixo da sua alçada, de um homem que a podia matar com um simples gesto.

Porque a levava ele?

Porque fora ela com ele?

Rhun compreendia, pelo menos, a resposta a essa última pergunta. Olhou para o caixão vazio na retaguarda do avião, onde Elisabeta fora aprisionada na viagem até ali.

“Falhei em protegê-la.”

Mas quem era verdadeiramente aquele homem?

Durante a corrida até ao aeroporto, Grigori enviara uma mensagem para o telemóvel de Rhun. Era uma simples imagem de uma âncora antiga.



Por baixo, estavam as palavras:

«Este é o símbolo dele. Tem cuidado.»

Necessitando de se mexer, Rhun caminhou até ao *cockpit* e espreitou para dentro do compartimento iluminado pelos instrumentos.

– Pode entrar – disse Christian, gesticulando para o lugar do copiloto.

Rhun permaneceu no limiar. Não gostava de estar perto dos comandos, com receio de embater inadvertidamente algures e causar estragos.

– Ainda estou a seguir o avião da condessa – disse Christian. – Continua a seguir para sul, nos limites do corredor aéreo convencional. Agora, é apenas uma questão de lhes seguir no encalço e de tentar encurtar a distância. Mas será que o devíamos fazer?

– O que quer dizer?

– Acredita verdadeiramente que o homem que perseguimos é o Traidor de Cristo? – indagou Christian. – E não um louco iludido?

– Elisabeta reconheceu-o do seu tempo, atestando-o como imortal. E tem batimento cardíaco. Por isso, não pode ser um *strigoi*, mas antes outra coisa.

– Tal como o rapaz.

Rhun considerou o facto, pressentindo que devia haver uma ligação entre eles.

“Mas qual?”

– Seja ou não, verdadeiramente, Judas Iscariotes do Evangelho – disse Rhun – foi-lhe dada a imortalidade, mantendo a humanidade. Tal milagre

exigiria aparentemente a mão de Deus ou, possivelmente, um ato de Cristo como o homem o alega.

– Se estiver certo, então deve ter-lhe sido concedido esse milagre com um propósito.

– O de desencadear o Apocalipse?

– Talvez. – Christian fitou Rhun, tateando a sua cruz. – Se estiver certo, estaremos a interferir com a vontade de Deus ao tentar impedi-lo, ao persegui-lo, ao tentar resgatar esse rapaz?

Tornou-se audível um movimento atrás deles. Erin desapertou o cinto e caminhou na direção deles, arrastando Jordan com ela. Ambos tinham trocado para roupas lavadas e secas, antes de levantarem voo. O aroma a alfazema flutuou com ela, empurrando Rhun mais para dentro do *cockpit*, para manter maior distância.

Ela encostou-se à ombreira da porta.

– Acreditam que seria vontade de Deus torturar uma criança inocente?

– Lembra-te – falou Jordan –, que se trata de *Judas*. O seu papel é o de mau da fita, certo?

– Depende de como se interpretam os Evangelhos – disse Erin, voltando-se para ele, mas dirigindo as suas palavras a todos. – Nos textos canónicos da Bíblia, Cristo sabia que Judas O ia trair, mas nada fez para o impedir. Cristo *precisava* de alguém que o entregasse aos Romanos, para que Ele pudesse morrer na cruz pelos pecados do homem. Com efeito, num texto gnóstico, «*O Evangelho de Judas*», afirma-se que Cristo lhe *pediu* que O traísse, dizendo a Judas: "*Quanto a ti, superarás todos os outros. Pois sacrificarás o homem que me encarna.*"

Por isso, na melhor das aceções, o carácter de Judas é indistinto.

Jordan franziu as sobancelhas, claramente não aceitando o juízo.

– Indistinto? Eu vi-o dizimar Nadia e as crianças de Rasputine. Ele alvejou-me no peito. Não o aceito como força do bem.

– É possível – disse Christian. – Mas talvez Deus precise, por vezes, de uma força do *mal* para agir. A traição de Judas serviu um desígnio maior. Tal como Erin disse, Cristo tinha de morrer para nos perdoar os pecados. Talvez o mesmo aconteça agora. Uma ação do mal para servir um propósito maior.

Erin cruzou os braços.

– Então, ficamos quietos, permitindo que o mal aconteça na possibilidade improvável de um desfecho positivo. Ou seja, os fins justificam os meios.

– Mas quais são os *fins*? – indagou Jordan, indo direto ao cerne do problema com o seu habitual espírito prático. – Ainda não fazemos ideia do que o canalha quer do rapaz.

– Ele continua a ser o profetizado Primeiro Anjo – recordou Rhun. – O rapaz deverá servir um destino. Talvez Judas tencione pervertê-lo, da mesma forma que tentou acabar com a trindade matando Jordan.

Jordan massajou o peito, parecendo desconcertado com o pensamento.

Erin franziu a testa.

– Mas o que *é* o Tommy? Claramente, não pode morrer. Então, será verdadeiramente um *anjo*?

Rhun lançou-lhe um olhar duvidoso.

– Eu ouvi-lhe o bater do coração. Soava natural e humano, nada de outro mundo. Na melhor das hipóteses, poderá ter sangue angelical, alguma bênção lançada sobre ele no topo daquela montanha, em Massada.

– Mas porquê ele? – insistiu Erin. – Porquê Tommy Bolar?

Rhun abanou a cabeça, incerto.

– Na montanha, eu procurei consolá-lo, indagar o que sabia dos trágicos acontecimentos que tinham matado tantos, mas que contudo o pouparam. Ele mencionou ter encontrado uma pomba com a asa partida, ter tentado salvá-la, mesmo antes de o chão se abrir e a terra começar a tremer.

– Um único ato de misericórdia? – murmurou Erin. – Seria o suficiente para lhe garantir tal bênção?

Christian olhou para trás quando atingiram uma zona de turbulência.

– A pomba é, muitas vezes, o símbolo do Espírito Santo. Talvez o mensageiro procurasse alguém merecedor de tal bênção. Apresentando-lhe um pequeno teste.

Rhun anuiu.

– Ele era um rapaz comum quando chegou à montanha, mas talvez ao realizar aquele ato misericordioso no lugar e na hora certos, tivesse sido infundido de sangue angelical.

– Não me interessa o que está no *sangue* dele – disse Jordan. – Se estiver certo, ele continua a ser essencialmente um rapaz.

– Ele é mais do que um rapaz – contrapôs Rhun.

– Mas é *também* um rapaz – insistiu Erin. – E não devemos esquecer isso.

Rhun não podia negar as palavras dela, mas nada daquilo resolvia a preocupação fundamental levantada por Christian. Rhun encarou todos os outros.

– Então, corremos o risco de contrariar a vontade de Deus ao salvar Tommy das mãos de Iscariotes?

– Sem a menor dúvida. – Jordan ergueu o queixo, pronto a lutar pelo rapaz. – O meu antigo comandante incutiu em todos os soldados uma citação: "*Tudo o que basta para o triunfo do mal é que os homens bons nada façam.*"

Erin mostrou a mesma determinação.

– Jordan tem razão. Trata-se de vontade própria. Tommy Bolar *escolheu* salvar aquela pomba e foi abençoado por esse ato de bondade. Temos de permitir que o rapaz escolha o seu próprio futuro, não que seja privado dele por Iscariotes.

Rhun não esperara menos de nenhum deles e retirou força das suas palavras.

– Cristo caminhou de livre vontade para a cruz – concordou. – Daremos a este rapaz, Tommy, a mesma liberdade para decidir o seu destino.

23h58

Quando o avião atingiu uma violenta zona de turbulência, Christian enviou-os de volta aos seus lugares. Os solavancos e oscilações ecoavam o próprio mal-estar de Erin, aumentando a sua inquietação. Ao apertar o cinto, ela sabia que devia tentar dormir, mas sabia, também, que qualquer esforço nesse sentido seria inútil.

Jordan parecia menos perturbado, bocejando com um estalar dos maxilares, o seu treino de soldado prestando-lhe serviço. Ele parecia conseguir dormir nas mais duras circunstâncias.

Enquanto ele se reclinava no assento, contorcendo a sua larga estrutura numa posição melhor, Erin fitava pela janela a extensão de negrume sobre o mar da meia-noite. A sua mente girava em torno do mistério que era Tommy Bolar, em torno da dimensão da história que envolvia Judas Iscariotes. Por fim, necessitando de distração, procurou dentro do bolso do casaco e tirou para fora o objeto coberto de oleado que recuperara da neve do labirinto de gelo.

Rhun remexeu-se diante dela, o seu olhar fixando-se no que ela continha nas mãos.

– Isso pertence à condessa. Ela encontrou-o congelado na parede do labirinto. Deve tê-lo deixado cair durante a confusão.

Erin franziu a testa, recordando-se de ter encontrado a manta da irmã bebé similarmente engastada no gelo, aí colocada pelo monge russo para desorientar e causar dor. A visão daquela peça de tecido manchada afetara-a profunda e pessoalmente.

“Contudo, abandonei-a.”

Passou um dos polegares pelo oleado. Bathory desenterrara, claramente, o seu prémio. Seria essa a escolha certa no labirinto? Erin escolhera seguir os ditames da necessidade, em vez da emoção. Contudo, Bathory vencera, rebentando com o gelo e revelando um atalho. Teria Grigori testado o coração de ambas?

“Seria por isso que falhei?”

Ainda agora, percorria-a a angústia do arrependimento. Devia ter recuperado a manta, para a poder levar de volta à Califórnia e sepultá-la na campa da irmã, onde pertencia.

Considerou o objeto nas suas mãos, perguntando-se o que conteria, se tivera sobre Bathory o mesmo impacto emocional que a manta tivera sobre si. Precisando de saber, esforçou-se por soltar o nó, os dedos deslizando de cada vez que o avião balançava.

Finalmente, o cordão afrouxou um pouco. Lentamente, desfez o resto do nó e puxou para trás uma ponta do tecido. Parecia linho tratado com cera de abelha para o tornar resistente à água.

– O que quer que se encontre aqui – murmurou – devia ser importante para Bathory.

Rhun estendeu a mão.

– Então, provavelmente é privado, devendo ser por nós respeitado.

Erin imobilizou a mão, recordando como ficara perturbada perante a ideia de Rasputine ter violado a campa da irmã para obter a manta.

“Estarei a cometer uma violação semelhante?”

Jordan mexeu-se ao seu lado, claramente acordado.

– Algo aí dentro poderá oferecer-nos uma pista para o interesse do canalha pela condessa. Poderá salvar-lhe a vida. Salvar a nossa vida.

Erin ergueu as sobrancelhas para Rhun.

O sacerdote baixou a mão sobre o colo, acedendo.

Enquanto o aeroplano abanava para cima e para baixo, Erin desdobrou o grosso pano com movimentos determinados. Revelou um livro, envolto em couro, corrompido pelas marcas da idade. Ela passou suavemente um dedo pela insígnia gravada a relevo na capa.



Era um símbolo heráldico de um dragão enrolado e três dentes horizontais.

– É o brasão da família Bathory – disse Rhun. – Os dentes aludem a um dragão alegadamente morto pelo guerreiro Vítus, o fundador da linhagem Bathory.

Agora ainda mais curiosa, afastou gentilmente a capa, revelando papel escurecido num tom creme acastanhado. Uma evidente escrita feminina fluía pela página, desenhada a tinta de sais de ferro. Havia, igualmente, um belo esboço de uma planta: folhas, caules e mesmo uma nota detalhada do sistema de raízes.

O coração de Erin acelerou.

“Devia ser o seu diário pessoal.”

– O que diz? – perguntou Jordan, sentando mais direito e aproximando-se.

– É latim. – Ela ponderou sobre a primeira frase, habituando-se à caligrafia. – Descreve um amieiro, enumerando as diversas propriedades das diferentes partes. Inclui remédios e a forma de os preparar.

– No seu tempo, Elisabeta foi uma mãe dedicada e curandeira.

Rhun falou tão baixo, que ela mal conseguiu perceber as palavras.

– No nosso tempo, ela é uma assassina – acrescentou Jordan.

Rhun endureceu.

Erin passou à página seguinte. Continha um hábil esboço de um milefólio. A condessa reproduzira os seus botões compósitos, as folhas felpudas, a raiz aprumada dotada de minúsculos enlços recurvados dos lados.

– Parece que era, igualmente, uma artista talentosa – disse Erin.

– De facto – reconheceu Rhun, transparecendo maior amargura, provavelmente lembrado de toda a virtude que destruíra quando a transformara.

Erin examinou o texto, decifrando os usos medicinais comuns do milefólio: no tratamento de feridas e para estancar a hemorragia. Uma nota em fim de página chamou-lhe a atenção: ***«É também conhecido como Urtiga do Diabo, devido aos efeitos divinatórios e de afastamento do mal.»***

A última parte indicava que Bathory vivera em tempos supersticiosos. Contudo, a condessa procurara compreender as plantas, trazer-lhes ordem, conciliando a Ciência com as crenças daqueles dias. Um respeito rancoroso pela mulher cresceu dentro de si. A condessa desafiara as superstições do seu tempo na busca de modos de curar.

Erin contrastou aquela informação com as rígidas admonições do seu pai contra a medicina moderna. Em lugar disso, ele aderira à superstição, agarrando-se às suas crenças com mãos calejadas e atitude inflexível, não permitindo cedências.

Tal cegueira determinada matara a sua irmã recém-nascida.

Erin acomodou-se no seu lugar e leu, não mais notando a turbulência, enquanto aprendia sobre os antigos usos das plantas. Mas a meio, as ilustrações mudaram subitamente.

Em vez de pétalas de flores e raízes, viu-se a fitar uma representação detalhada de um coração humano. Era anatomicamente perfeito, como um dos esboços medievais de Da Vinci. Aproximou o livro. Nítidas letras por baixo do coração indicavam o nome e idade de uma mulher.

“*Dezassete.*”

Um arrepio percorreu-a, enquanto continuava a ler. A condessa transformara aquela rapariga de dezassete anos numa *strigoi* – depois matara-a e dissecara-lhe o corpo, tentando descobrir porque o seu próprio coração já não tinha batimento. A condessa observava que o coração *strigoi* era anatomicamente idêntico ao coração humano, mas já não necessitava de se contrair. Bathory anotava as suas especulações sobre as experiências por si conduzidas, na mesma escrita cuidada. Avançava a hipótese de que os *strigoi* possuíam um outro método de circulação.

Designava-o como a *vontade do próprio sangue*.

Horrorizada, Erin releu a página. O brilhantismo de Bathory era inegável. Aquelas páginas precediam as teorias europeias da circulação em pelo menos vinte anos. No seu castelo isolado, afastada de universidades e cortes, ela usara as suas macabras experiências para compreender o seu novo corpo, de formas que poucos na Europa poderiam ter imaginado.

Erin perscrutou as páginas seguintes, à medida que os métodos de Bathory se tornavam mais tenebrosos.

A condessa torturara e assassinara inocentes para satisfazer a sua insaciável curiosidade, dirigindo os seus talentos de curandeira e cientista para fins sinistros. Aquilo lembrou Erin do que os investigadores médicos nazis tinham feito aos prisioneiros dos seus campos de concentração, atos igualmente insensíveis e alheios ao sofrimento.

Erin tocou a página envelhecida. Enquanto arqueóloga, não devia fazer juízos. Muitas vezes, era-lhe exigido que encarasse de frente o mal e registasse os seus atos. A sua função era pegar em factos da História, colocá-los num contexto mais abrangente e trazer as verdades à luz, por muito horríveis que fossem.

Assim, apesar do mal-estar, continuou a ler.

Lentamente, a busca da condessa voltou-se do aspeto físico para o espiritual. Erin deparou-se com uma passagem, datada de 7 de novembro de 1605. Dizia respeito a uma conversa que Elizabeth tivera com Rhun, sobre como os *strigoi* não tinham alma.

Bathory queria saber se era verdade. Erin leu o que ela escrevera: ***«Confio que ele me diz a verdade em que acredita, mas não penso que alguma vez tenha ido além da fé para procurar entender os simples mecanismos desta condição que nos foi imposta.»***

Procurando provas dessa suposição, Bathory experimentou e observou. Primeiro, pesou as raparigas antes e depois da morte, para ver se a alma tinha peso. Tirou a vida a quatro raparigas para determinar que não.

Numa outra página, estava uma ilustração arquitetonicamente precisa de um caixão de vidro selado. Bathory mandara-o construir de modo a ser estanque. Encheu-o mesmo de fumo, para se certificar de que nenhum gás poderia escapar. Uma vez satisfeita, Bathory encerrou uma jovem rapariga no interior e deixou-a sufocar, tentando capturar a alma da rapariga morta dentro da caixa.

Erin imaginou a rapariga a socar as paredes do caixão, implorando pela vida, sem que a condessa mostrasse misericórdia, deixando-a morrer e registando as suas notas.

Depois, a condessa manteve a caixa selada durante vinte e quatro horas, examinando-a à luz da vela, à luz do sol. Não encontrou o mínimo vestígio de alma na caixa de vidro.

A condessa fez o mesmo com uma rapariga *strigoi*, ferindo-a mortalmente, antes de a selar para morrer. Erin queria passar à frente dessas experiências arrepiantes, mas o olhar foi atraído para uma passagem no final da página seguinte. Apesar do horror, esta intrigou-a: *«Após a morte da criatura, uma pequena sombra escura ergueu-se do seu corpo, quase impercetível à luz da vela. Ao longo da noite, observei a sombra agitar-se dentro da caixa, procurando escapar. Mas, ao amanhecer, um raio de sol incidiu sobre ela, que se dissipou e desapareceu da minha vista, para nunca mais voltar.»*

Em choque, Erin leu a passagem repetidas vezes. Teria Bathory sido iludida, vendo algo que não estava lá? Senão, o que queria aquilo dizer? Que uma força obscura animava os *strigoi*? Rhun saberia disso?

Erin leu a conclusão de Bathory: *«Avanço a hipótese de que a alma humana seja invisível, talvez demasiado diáfana para que os meus olhos a vejam, mas as almas de criaturas como eu própria são escuras como prata manchada. Na sua tentativa de escapar, para onde procurava ir? É o que me proponho descobrir.»*

Erin estudou a última página, em que Bathory reproduzira uma imagem rigorosa da experiência. Mostrava uma rapariga com presas jazendo morta num caixão de vidro. A luz de uma janela incidia sobre o fundo da caixa, enquanto uma sombra escura pairava no outro extremo, como se procurasse fugir da luz.

Rhun fitava a página, também visivelmente abalado. Mas o que o perturbaria mais: a sombra ou a rapariga assassinada? Ele estendeu a mão para o livro.

– Posso ver, por favor?

– Sabia disto? O que ela fazia? O que ela descobriu?

Rhun evitou o seu olhar.

– Ela procurava descobrir que tipo de criatura era... em que tipo de besta eu a transformara.

Erin folheou as páginas seguintes, todas em branco. Claramente, Bathory fora apanhada e aprisionada pouco depois dessa última experiência. Estava prestes a passar o livro a Rhun, quando vislumbrou um desenho final, na última página, que parecia ter sido traçado com grande pressa.



Parecia uma espécie de taça, mas qual seria o seu significado?

– Posso ver? – pediu de novo Rhun.

Ela fechou o livro e passou-lho.

Lentamente, ele percorreu as páginas. Ela viu o maxilar dele a contrair-se, mais e mais.

“Culpar-se-á pelas ações da condessa?”

Como poderia não se culpar?

Por fim, Rhun fechou o livro, o seu rosto perdido e derrotado.

– Em tempos, ela não era maligna. Era radiosa e benevolente.

Erin perguntou-se o quanto isso seria verdade ou se o amor cegara Rhun à verdadeira natureza da condessa. Para Bathory ter executado experiências tão medonhas, devia haver alguma obscuridade atrás desse brilho, enterrada fundo, mas latente.

Jordan franziu o sobrolho.

– Não me interessa o que essa condessa foi no passado. Agora, é maligna. E é bom que nenhum de nós o esqueça.

Lançou a Rhun um olhar fulminante, depois voltou-lhes as costas, pronto para dormir.

Erin sabia que ele tinha razão. Se tivesse a oportunidade, Bathory matá-los-ia a todos – provavelmente de forma lenta, ao mesmo tempo que tomava notas.



QUARTA PARTE

*«A sua casa é caminho para a sepultura,
que conduz à mansão da morte.»*

– PROVÉRBIOS 7: 27

CAPÍTULO 33

20 de dezembro, 02h33, CET
Próximo de Nápoles, Itália

Com a face cheia da Lua a brilhar sobre o mar da meia-noite, Elizabeta encaminhou-se para a proa do estranho barco acerado e perscrutou a antiguidade intemporal do Mediterrâneo. Reconfortou-se com a sua imutabilidade. As luzes da cidade de Nápoles desapareceram rapidamente para trás, levando consigo a costa escura.

O avião tocara de novo o chão a meio da noite, há menos de uma hora, aterrando numa metrópole invernosa sem qualquer semelhança com a cidade do seu passado.

Ela tinha de deixar de olhar para esse passado.

Aquele era um mundo novo.

Enquanto permanecia de pé na proa, o vento frio acariciava-lhe o cabelo. Lambeu os salpicos de sal dos lábios, assombrada com a velocidade da embarcação. O navio embateu numa onda alta. Estremeceu do impacto. Depois prosseguiu, como um cavalo avançando a custo pela neve funda.

Ela sorriu face às imensas ondas negras.

Aquele século tinha muitas maravilhas para lhe oferecer. Sentiu-se tola por se ter limitado durante tanto tempo às ruas da antiga Roma. Ela devia ter-se lançado naquele novo mundo, não tentado acobardar-se no antigo.

Inspirada, puxou o manto sanguinista dos ombros. Protegera-a da luz do sol, mas o velho corte e lã densa não pertenciam àquele mundo. Ergueu o

manto ao vento. O pano negro agitava-se no ar como um pássaro monstruoso.

Largou-o, libertando-se do seu passado.

O manto rodopiou num golpe de vento, depois foi arrastado e aterrou na água. Descansou aí um instante, um círculo preto mascarrado sobre as ondas iluminadas pela lua, antes de o mar o tragar.

Agora, *nada* carregava dos sanguinistas, *nada* desse velho mundo.

Voltou a olhar em frente, correndo a palma da mão pela amurada de aço do barco. Olhou ao longo dos lados do casco, para os estabilizadores sobre os quais a embarcação voava pela água.

– Chama-se um hidrofólio – disse Tommy, aproximando-se dela vindo de trás.

De tal forma enlevada pelo vento e pelo assombro, não escutara o acercar da sua pulsação.

– É como uma garça-real, deslizando sobre a água.

Ela olhou-o, rindo com o prazer de tudo aquilo.

– Para uma prisioneira, parece demasiado feliz – observou Tommy.

Ela estendeu a mão e desgrenhou-lhe o cabelo.

– Comparada com a minha antiga prisão, esta é maravilhosa.

Ele parecia pouco convencido.

– Temos de saborear cada momento que nos é proporcionado – frisou ela.

– Não sabemos onde termina esta viagem, por isso temos de extrair daí cada pedacinho de felicidade, enquanto dura.

Ele chegou-se mais perto e ela viu-se a passar o braço em torno dele. Juntos, partilharam as ondas escuras que se erguiam e abatiam diante da embarcação, o vento frio arrojando para trás os cabelos.

Passado um breve momento, ela sentiu-o estremecer nos seus braços, ouviu-lhe o bater dos dentes, recordando que ele não possuía a sua natureza insensível.

– Temos de te aquecer – disse ela. – Ainda morres de frio.

– Não morro, não – retorquiu ele, lançando-lhe um olhar divertido. – Pode acreditar.

Finalmente, sorriu.

Ela sorriu-lhe de volta.

– Seja como for, é melhor levar-te para dentro, para longe deste vento, para onde fiques mais confortável.

Ela conduziu-o pelo convés, por uma porta de escotilha, descendo até à cabina principal. Cheirava a homens e a café e a óleo de motor. Iscariotes estava sentado num banco ao lado de uma mesa, bebericando de uma grossa caneca branca. O corpulento servo pairava por perto de uma pequena cozinha.

– Traz chá quente para o rapaz – ordenou a Henrik.

– Eu não gosto de chá – disse Tommy.

– Então, seguras simplesmente na caneca – retorquiu ela. – Vai aquecer-te na mesma.

Henrik obedeceu, regressando com uma caneca fumegante. Tommy pegou-lhe com ambas as mãos e abeirou-se de uma das janelas, observando Iscariotes com visível suspeita.

O homem parecia absorto, movendo um braço, convidando Elizabeta a sentar-se à sua mesa. Ela aceitou a oferta e deslizou para o assento.

– Qual é o nosso destino? – perguntou ela.

– Uma das minhas muitas casas – disse ele. – Longe de olhares indiscretos.

Ela fitou pela janela o mar iluminado pela lua. Adiante, não havia nada além da escuridão. Aquela casa devia ficar longe de tudo.

– Porque vamos para lá?

– O rapaz tem de recuperar da sua provação no gelo. – Judas olhou para onde estava Tommy. – Ele perdeu muito sangue.

– Então, o sangue dele tem valor para si? – Uma preocupação súbita pelo rapaz assaltou-a.

– Tem certamente valor para *ele*.

Notou que ele não respondera à sua questão, mas esqueceu-a por uma preocupação mais urgente.

– Conseguirão os sanguinistas encontrar-nos lá?

Iscariotes passou a mão pelo cabelo argênteo.

– Duvido que consigam.

– E diga-me, por favor, o que deseja de mim? Compreendo que cobice o Primeiro Anjo, mas que utilidade poderei ter para si?

– Nenhuma, cara senhora – asseverou ele. – Mas tive sempre uma mulher Bathory ao meu lado, durante quatrocentos anos, dezoito mulheres no total, e sei como podem ser um poderoso aliado. Se escolher ficar, protegê-la-ei dos sanguinistas e talvez me possa proteger de mim próprio.

“Mais enigmas.”

Antes que ela pudesse aprofundar, Tommy apontou pela janela da frente.

– Vejam!

Ela levantou-se para ver melhor. Saída da escuridão, iluminada por centenas de luzes, uma monstruosa estrutura de aço emergia das ondas. Quatro pilares cinzentos projetavam-se do mar, como as pernas de uma besta gigantesca. Os impressionantes pilares suportavam uma plataforma plana, mais extensa do que a Basílica de São Pedro. No topo dessa plataforma, assentava um aglomerado de vigas e blocos pintados.

– É uma plataforma petrolífera – disse Tommy.

– Foi, *em tempos*, uma plataforma petrolífera – corrigiu-o Iscariotes. – Transformei-a numa residência particular. Não consta de nenhum mapa. Totalmente afastada das preocupações do mundo.

Elizabeta examinou as luzes tremeluzindo no centro da plataforma e que definiam as muralhas de um castelo de aço, formado por blocos. Contemplou a extensão de água escura a toda a volta, depois de novo a plataforma petrolífera.

“Será esta a minha nova cela?”

02h38

– Temos um problema! – gritou Christian do *cockpit* para a cabina do jato.

“É claro que temos” – pensou Jordan. Só iriam aterrar daí a mais quarenta minutos. Nas últimas horas, tinham encurtado a distância para os outros. Christian comunicara que o grupo de Iscariotes tinha aterrado quinze minutos antes, em Nápoles.

– O que se passa? – gritou Erin de volta.

Para variar, Jordan esperava que fosse um problema de motor.

– Perdi o sinal da Bathory! – Informou Christian. – Já tentei recalibrar, mas nada.

Jordan desapertou o cinto e apressou-se para o *cockpit*. Dispôs os braços sobre a minúscula porta e espreitou lá para dentro.

– Onde a detetou pela última vez?

– O grupo deve ter-se transferido para um outro veículo. Mais lento que um jato, mas mesmo assim veloz. Lancha, helicóptero, aeronave de pequeno porte. Não sei dizer. Afastaram-se da costa, atravessando o Mediterrâneo, deslocando-se para oeste. Então, subitamente, o sinal perdeu-se.

Erin juntou-se-lhe com Rhun.

– Talvez se tenham despenhado – disse ela. – Num acidente.

– Talvez – admitiu Christian. – Mas há explicações mais simples. Ela pode ter encontrado o localizador ou ter-se desfeito do manto onde o ocultei, ou talvez a pilha do dispositivo se tenha esgotado. Não sei dizer.

Jordan suspirou de frustração, friccionando o ardor no ombro. O fogo que grassava ao longo da sua tatuagem aquietara-se para dar lugar a um

calor constante, impedindo-o de dormir verdadeiramente na viagem.

– Seja qual for a razão, ela desapareceu – concluiu Christian, espreitando por cima do ombro. – E agora?

– Aterramos em Nápoles, conforme planeado – disse Rhun. – Contactamos o cardeal em Roma e decidimos como proceder a partir daí.

Resignado por a perseguição se ter dificultado, Jordan encaminhou-se de volta ao lugar com os outros, mas antes desviou-se até à retaguarda do avião e agarrou no estojo de primeiros socorros da casa de banho.

Quando voltou ao lugar, Erin questionou:

– O que vais fazer?

Ele abriu o estojo sobre a pequena mesa de noqueira, diante dos assentos.

– Quero deitar uma olhadela a essas traças mecânicas. Se nos vamos envolver de novo com o canalha, temos de arranjar forma de neutralizar essa ameaça alada. Caso contrário, estamos feitos.

Calçou um par de luvas de látex do estojo médico e pegou na caixa onde Erin guardara o punhado de traças, que recolhera do labirinto de gelo. Com a pinça, retirou para fora uma que parecia quase intacta e pousou-a delicadamente na mesa.

Rhun recuou subtilmente no assento.

“Bom instinto.”

O veneno residual no interior ainda poderia provavelmente matá-lo.

Erin chegou-se para mais perto de Jordan, o que não o incomodou nem um pouco.

Ele examinou as asas esverdeadas. Pareciam definitivamente orgânicas, presumivelmente arrancadas de um espécime vivo. Voltou, depois, a atenção para o corpo, um impressionante trabalho artesanal em cobre, prata e aço. Inspeccionou as minúsculas pernas articuladas, os delgados fios de antena. Mantendo os dedos afastados da probóscide afiada, voltou o corpo ao contrário e sondou a parte inferior, descobrindo pequenas dobradiças.

“*Interessante...*”

Endireitou-se no lugar.

– Sabemos que as traças têm a capacidade de injetar veneno em *strigoi* ou sanguinistas – observou ele. – Mas não nos afeta a nós, humanos. Talvez haja aí uma pista. É hora de conduzir uma pequena experiência.

Voltou o olhar para Rhun.

– Vou precisar de umas gotas do seu sangue.

Rhun assentiu e retirou a sua *karambit* da manga. Golpeou o dedo e verteu algumas gotas do líquido carmesim sobre a mesa, no local indicado por Jordan. Por sua vez, Jordan usou uma lâmina do estojo para golpear o próprio polegar e fazer o mesmo.

– E agora? – indagou Erin.

– Agora, preciso de um pouco da toxina no interior da traça.

Jordan voltou a calçar a luva de látex, depois de colocar um penso no polegar.

– Cuidado – advertiu Rhun.

– Acredite, nos meus anos de trabalho forense com o exército manuseei venenos e explosivos. Não corro riscos.

Debruçado sobre o corpo de cobre do inseto, usou uma pinça para soltar as dobradiças na base da traça. Uma vez soltas, abriu o corpo do inseto com grande cuidado, revelando minúsculas engrenagens, molas e arames.

– Parece o interior de um relógio – observou Erin, com os olhos brilhando de assombro.

A perícia da obra era sublime.

Rhun inclinou-se para diante, também, a curiosidade prevalecendo sobre a anterior cautela.

Jordan reparou que um minúsculo frasco de vidro ocupava a extremidade anterior do mecanismo. Tinha quebrado, mas ainda continha vestígios de sangue no interior.

– O sangue de Iscariotes – disse Erin.

Rhun recuou de novo.

– Cheira a morte. A contaminação é evidente.

Jordan introduziu a pinça no frasco quebrado e forçou mais a abertura. Depois, usou duas cotonetes para extrair gotas do líquido contaminado restante. Pressionou a primeira cotonete contra o seu próprio sangue.

Como era de esperar, nada aconteceu.

“Até aqui, tudo bem.”

Pegou na segunda cotonete e mergulhou-a no sangue de Rhun. Com um som audível, o sangue de Rhun evaporou-se, deixando apenas uma mancha de fuligem na superfície de nogueira.

No silêncio atônito que se seguiu, Jordan encontrou os olhos esgazeados do sacerdote.

– Então, o sangue de Iscariotes é definitivamente hostil ao sangue de um sanguinista.

– E ao sangue dos *strigoi* – acrescentou Erin.

“Uma e a mesma coisa no meu dicionário” – pensou Jordan, mas guardou-o para si mesmo.

Em vez disso, voltou-se para o saco com as roupas de inverno despidas e remexeu nele até encontrar uma das suas luvas de lã. Estava manchada com o sangue de Tommy, de quando ele ajudara a retirar o rapaz da escultura de gelo.

– O que estás a fazer? – indagou Erin.

– Sabemos que Iscariotes e essa criança são similarmente imortais. Quero verificar se o sangue do rapaz é igualmente tóxico.

Rhun espremeu mais algumas gotas para testar. Jordan embebeu uma cotonete no sangue do sacerdote e aplicou-o sobre a luva.

Não houve reação.

A testa de Erin enrugou-se, pensativa.

Jordan suspirou.

– Então, parece que o sangue do rapaz não lesa ninguém. Na verdade, pode ter-me salvado a vida.

– Pode ter? – Repetiu Erin. – Salvou certamente.

Jordan ignorou o ardor que lhe grassava ao longo do ombro e pelas costas e peito.

– Seja como for, o rapaz e Judas são muito diferentes, apesar da imortalidade partilhada.

– E onde é que isso nos leva? – perguntou Rhun.

– De agora em diante, eu e a Erin assumiremos a linha da frente sempre que houver traças em redor. E não apenas traças. Devemos suspeitar de tudo o que se arraste, rasteje ou voe. E sugiro que usem proteção mais espessa, com menos pele exposta. Talvez mesmo algo como uma máscara de apicultor para cobrir o rosto.

Rhun assentiu.

– Partilharei essa informação com o cardeal, para alertar quaisquer sanguinistas em campo e preparar tal equipamento para possíveis lutas.

Jordan voltou de novo a atenção para os restos da traça.

– O que nos leva ao seu mecanismo funcional. A estrutura mecânica é muito elaborada. Suspeito que qualquer contaminação externa poderia causar estrago, possivelmente afetando as engrenagens. Poeira, areia, óleo.

– Alertarei o cardeal para que o investigue, igualmente.

Jordan encarou Rhun.

– E, para o bem de todos, seria bom ter o máximo de aviso possível deste tipo de ataque. No labirinto de gelo, conseguiu ouvir as traças quando voavam pelo ar?

Imaginou que as engrenagens produzissem algum tipo de ruído.

– Lembro-me de um leve zumbido, bem mais ténue do que o batimento cardíaco. Mas reconhecê-lo-ia, se o ouvisse de novo.

– Já é um princípio – disse Jordan.

“Mas seria suficiente?”

CAPÍTULO 34

20 de dezembro, 03h13, CET

Mar Mediterrâneo

Tommy abriu a boca de espanto quando as portas maciças do elevador se abriram para um espaço imenso.

Depois de o hidrofólio ter acostado na base de uma das gigantescas pernas da plataforma petrolífera, o grupo dirigira-se a um elevador de carga industrial. Parecia decrépito e muito usado, um artefacto dos tempos em que a plataforma extraía efetivamente petróleo do fundo do mar Mediterrâneo. A indefinível gaiola de aço transportara-os para a plataforma elevada e para o interior da superestrutura construída no topo.

Iscariotes saiu à frente, flanqueado pelos seus dois gigantes.

Tommy seguiu-o com Elizabeta.

Esperara encontrar aí o mesmo aspeto industrial e decrépito. Mesmo vista de baixo, a superestrutura no topo parecera o castelo de proa de aço de um velho veleiro. Mas quando Tommy entrou naquele espaço, foi como se penetrasse na ponte do *Nautilus* do capitão Nemo. O espaço era uma harmoniosa combinação de aço e madeira, vidro e cobre, masculino porém elegante.

Imediatamente diante do elevador, erguiam-se altaneiras janelas, arqueadas em ponta, como as que se viam em catedrais góticas. As laterais mais distantes eram mesmo de vitral, representando cenas de pesca, de homens arrastando redes, de pequenos barcos com velas brancas. As

restantes janelas ofereciam uma vista privilegiada sobre o mar. O luar incidia sobre ondas negras coroadas de branco e ténues nuvens prateadas.

Exigiu-lhe algum esforço desviar o olhar dessa visão. Sob os pés, uma espessa carpete vermelha forrava um pavimento que mostrava madeira sólida polida nas margens. Em cima, vigas de aço tinham sido pintadas de preto, os rebites de um cobre vivo. Uma claraboia cintilava no alto, também de vitral, mostrando aves marinhas em voo: albatrozes, pelicanos, garças-reais. Porém, no centro, pairava suspensa uma pomba branca de olhos esmeralda.

Tommy tropeçou num degrau, recordando a pomba ferida que procurara salvar em Massada. Iscariotes agarrou-lhe a mão, antes que ele caísse, olhando para a mesma claraboia, os seus olhos azul-metalizados regressando a Tommy com um brilho de curiosidade.

– Tens as mãos frias – disse Iscariotes. – Mandeï acender o fogo para a nossa chegada.

Tommy assentiu, mas tinha dificuldade em fazer as pernas moverem-se. O resto do espaço estava decorado com cadeiras de couro e sofás generosamente almofadados, pregados com tachas de cobre. Havia também vitrinas e mesas, contendo sextantes de bronze, velhos telescópios, um grande sino de aço. Erguida diante da janela central, estava mesmo uma impressionante roda do leme, de madeira e bronze, claramente uma autêntica relíquia. Suspensa da parede, sobre essa mesma janela, havia uma velha âncora, atacada de verdete.

“O tipo deve gostar de pescar” – pensou Tommy.

Lançou um olhar de soslaio a Iscariotes.

Judas, lembrou-se, apesar da impossibilidade de tal. Mas, depois de tudo o que vivera ultimamente, *porque não?*

Elizabeth tocou-lhe no braço.

– Estás a tremer. Vamos levar-te para o calor.

Ele deixou-se conduzir até um grupo de cadeiras diante de uma imensa lareira. Estantes de livros erguiam-se de ambos os lados, estendendo-se do chão ao teto, tão altas que era preciso trepar a uma escada móvel para lhes chegar. A sua mãe teria gostado daquela sala, um espaço quente e acolhedor, repleto de livros para ler.

– Senta-te – ordenou Elizabeta, uma vez alcançando uma volumosa cadeira estofada. Ela arrastou-a para mais perto do fogo, revelando a dimensão da sua força.

Ele afundou-se nela, fixando entre as chamas os cães de lareira em forma de golfinho a dançar sobre a cauda. Todo o espaço cheirava a lenha, relembrando-o subitamente das viagens de esqui que fizera com os pais, antes de ficar doente.

Sobre a prateleira da fornalha, estava um tríptico de três mapas. Inclinou-se para mais perto, esfregando as mãos sobre as chamas crepitantes. O mapa do meio exibia o mundo moderno, mas traçado ao estilo antigo com uma escrita angulosa. O mapa da esquerda aparentava ser antigo, com extensas partes do mundo em falta. A carta da direita estava datada de 1502. Mostrava o extremo da América do Norte, pintado de verde, e uma parte mínima da América do Sul.

Elizabeta observou esse mapa mais de perto, agora com uma voz mais branda.

– Essa era a aparência do mundo quando eu tinha a idade que tens hoje.

O comentário apanhou Tommy de surpresa, recordando-lhe subitamente que ela tinha mais de quatrocentos anos de idade.

Tommy apontou o mapa do centro.

– Atualmente, esta é a aparência do mundo. Até já o traçámos visto do espaço.

– Do espaço? – inquiriu ela, olhando para trás, como que para ver se ele estava a brincar.

– Temos satélites gigantes. Máquinas. A orbitar lá em cima, algures entre aqui e a Lua.

Os olhos argênteos de Elizabeta turvaram-se.

– O homem foi assim tão longe?

– Até à Lua e de volta à Terra – disse Iscariotes, juntando-se-lhes. – A humanidade enviou aparelhos que circulam pela superfície de Marte e viajam para lá do nosso sistema solar.

Elizabeta deixou-se cair para trás, pousando uma mão nas costas da cadeira de Tommy para se apoiar.

– Tenho muito que aprender – confessou, parecendo avassalada.

Tommy estendeu o braço e tocou-lhe na mão gelada.

– Eu ajudo.

Os dedos dela curvaram-se e agarraram os dele – de início, demasiado forte, ameaçando quebrar os ossos, mas depois afrouxando, a força controlada.

– Gostaria que o fizesses.

Iscariotes suspirou, parecendo prestes a revirar os olhos.

– Antes que uma parte que seja disso possa acontecer, o Thomas tem de descansar, comer e recuperar as suas próprias forças.

A mão de Elizabeta voltou a apertar-se ligeiramente sobre a dele.

– E depois?

– Depois, ao amanhecer, o Thomas enfrentará o seu destino. Como todos nós, um dia.

Um arrepio percorreu a espinha de Tommy; um arrepio que o fogo não conseguia aquecer.

“Que destino?”

Um dos homens de Iscariotes chegou com um tabuleiro. Tommy agitou-se perante a visão e o aroma de um hambúrguer com batatas fritas e batido de chocolate.

– Achei que gostarias dessa ementa – disse Iscariotes, enquanto o tabuleiro era pousado ao lado de Tommy, numa mesinha de apoio. – Deves comer bem. O dia de amanhã será longo.

Tommy tocou no tabuleiro, recordando o conselho anterior de Elizabeta.

“Alimentar-se para ficar forte.”

Ele sabia que precisaria de todas as suas forças para escapar.

03h32

Elizabeta instalou-se numa cadeira em frente à do rapaz, junto à lareira, enquanto este comia. Mantinha as mãos estendidas para o agradável calor. As chamas reais aqueciam-na como nenhum dispositivo moderno conseguia. Fechou os olhos e deixou que o corpo absorvesse o fogo, imaginando o sol num dia quente de verão.

Agora quente e alimentada, devia sentir-se satisfeita – mas não sentia.

“Não estou segura aqui – nem o rapaz.”

Surpreendia-a o quanto esse último facto a perturbava. Iscariotes tinha planos para ambos e começava a suspeitar que ele não a trataria com mais brandura do que os sanguinistas.

Rodou o tornozelo lesado. Sarara o suficiente para não a retardar, se tivesse de fugir. Mas e o rapaz? Observou Tommy. Mostrava modos constrangedores, devorando tudo o que tinha no prato. O odor a carne grelhada e ao óleo da fritura repugnava-a, mas não o mostrou. Ela sabia que grande parte do apetite do rapaz era instigada pelo mesmo objetivo que o seu, manter-se forte e pronto para escapar.

“Mas surgirá a oportunidade para o fazer?”

Iscariotes vigiava-os como um falcão faminto, mesmo enquanto tomava a sua própria refeição: um bife mal passado e vegetais em manteiga. Usava faca e garfo de prata, os utensílios brasonados com uma âncora.

Por fim, Tommy suspirou de grande satisfação e reclinou-se na cadeira.

Ela estudou-lhe o rosto jovem. A cor regressara-lhe de novo às faces. Era estranho, mesmo para ela, a rapidez com que ele sarava. A comida dera-lhe claramente forças.

– Não consigo comer mais – declarou ele, abafando um arroto com o punho. Tornou-se, em vez disso, num longo bocejo.

– Devias descansar – disse Iscariotes. – Temos de estar de novo a pé antes do amanhecer.

Os olhos cansados de Tommy encontraram os dela. Não sabia, claramente, como responder.

Ela acenou impercetivelmente com a cabeça.

Não era o momento de confrontar o novo captor.

– Está bem – disse ele, levantando-se e esticando as costas.

Iscariotes gesticulou para Henrik.

– Leva o rapaz para o quarto de hóspedes e dá-lhe roupas lavadas.

Tommy examinou as suas calças e camisola, manchadas de sangue seco. Precisava claramente de roupa lavada.

Resignado, Tommy seguiu Henrik, não sem antes lançar um olhar preocupado a Elizabeta. Um olhar que feriu o coração silencioso dela.

Quando o rapaz partiu, Iscariotes moveu-se no sofá para mais perto da cadeira dela.

– Um pouco de sono irá fazer-lhe bem. – Ele enfrentou-a com os seus olhos azul-prateados. – Mas você tem muitas perguntas a fazer-me. Perguntas que é melhor colocar e responder sem o rapaz presente.

Ela cruzou as mãos no colo e decidiu começar pelo passado, antes de abordar o presente ou o futuro.

– Gostaria de saber mais sobre o destino da minha família.

Ele assentiu e, no decurso de longos e dolorosos minutos, contou-lhe sobre os filhos e os filhos deles, os casamentos, nascimentos e mortes. Era uma narrativa sobretudo trágica, de uma família caída em desgraça, uma vasta trama urdida com os fios dos pecados dela.

“Este é o meu legado.”

Manteve a expressão estoica e enterrou as palavras dele bem no seu íntimo. As Bathory não revelavam a sua dor. Dissera-o inúmeras vezes aos filhos, mesmo quando os quisera segurar nos braços e limpar-lhes as lágrimas. Mas não aprendera o consolo com a sua mãe e não o ensinara aos seus filhos. Essa força pesara-lhe, mas também a salvara.

Terminada a narrativa dos descendentes, ele perguntou:

– Mas não está curiosa sobre o mundo moderno?

– Sim – reconheceu ela – mas estou ainda mais curiosa sobre o meu *papel* neste novo mundo.

– E suspeito que queira conhecer o papel do rapaz, também.

Ela encolheu os ombros, não admitindo nada. Permitiu-se um vestígio de sarcasmo na voz.

– Que tipo de monstro seria eu, se não me importasse com um rapaz tão corajoso?

– Que tipo de monstro, sem dúvida. – Uma insinuação de sorriso atravessou-lhe os lábios.

Ela percebeu a sua expressão satisfeita, deixando-o acreditar que ela era esse tipo de monstro, que pouco se importava com aquele rapaz. Pois era, de facto, tal monstro – ela matara muitos, pouco mais velhos do que Thomas. Mas por ele sentia uma estranha proximidade, e os que lhe eram próximos eram sagrados.

Iscariotes fixou-a com um olhar mais duro.

– O seu *papel*, minha cara condessa Bathory, é antes e acima de mais mantê-lo calmo e obediente.

“Devo, então, servir de ama.”

Mantendo a irritação afastada da voz, ela perguntou:

– O que planeia fazer com ele que exija tais serviços balsâmicos?

– Antes da madrugada, seguiremos para a costa, para as ruínas de Cumas. Aí, ele encontrará o seu destino, um destino de que poderá querer fugir. E embora a fuga seja impossível, se resistir, tornar-se-á mais difícil para ele.

Elizabeta voltou-se para as chamas.

“As ruínas de Cumas.”

Um fio de memória insinuou-se por ela, do tempo em que lera os antigos escritos de Virgílio e a história da Europa, como era preceito de toda a mulher nobre. Uma famosa profetisa vivera, outrora, em Cumas, uma sibila que previra o nascimento de Cristo. No tempo de Elizabeta, o lugar caíra em ruínas, as muralhas da cidade há muito destruídas.

Mas algo mais a incomodava, uma outra história de Cumas. O medo insinuou-se nos seus ossos, porém escondeu-o do rosto.

– Qual é o destino do rapaz em Cumas? – indagou ela.

“E qual o meu?”

– Ele é o Primeiro Anjo – recordou-lhe Judas. – E você, a Mulher Sábia. Juntos, forjaremos o destino de que Cristo me incumbiu, de O trazer de volta ao Seu mundo, de trazer o Seu Juízo sobre todos nós.

Ela evocou a confissão anterior de Iscariotes de tão grandioso propósito.

– Pretende iniciar o Armagedão. Mas como?

Ele apenas sorriu, recusando-se a responder.

Porém, ela recordou o último pormenor relativo a Cumas. Segundo as lendas romanas, o trono da sibila ocultava a entrada para o mundo dos mortos.

A porta de entrada para o Inferno.

CAPÍTULO 35

20 de dezembro, 04h14, CET

Nápoles, Itália

O cardeal Bernard caminhava a passos largos pelo aeroporto quase deserto, nos arredores de Nápoles. As lâmpadas engastadas lançavam um matiz azulado sobre os poucos viajantes da madrugada, emprestando-lhes um ar doentio. Ninguém lhe prestou atenção, enquanto passava velozmente em direção ao átrio de chegadas. Trocara o carmesim das suas vestes formais pelo azul-escuro de um moderno fato de executivo.

No entanto, não viera a Nápoles como cardeal ou homem de negócios, mas como guerreiro.

Sob a seda do seu fato, envergava uma armadura.

Suspeitando de um espião na ordem, viajara até ali em segredo, escapando da Cidade do Vaticano por um longo túnel em desuso e atravessando as ruas tardias de Roma, por onde passara despercebido. Viajara em avião comercial em vez de um jato privado, usando documentos falsos. Arrastava uma mala, contendo dois conjuntos de armadura sanguinista, especialmente preparados para aquela viagem.

Próximo da saída do aeroporto, reconheceu de imediato Erin e Jordan, escutando-lhes o revelador batimento cardíaco, antes de eles transporem as portas de vidro.

Rhun e Christian flanqueavam o par.

Jordan alcançou-o primeiro, movendo-se sobre as suas fortes pernas.

– Que bom voltar a vê-lo, cardeal.

– Por agora, sou simplesmente Bernard.

Olhou em volta, depois passou a mala a Rhun e apontou para uma casa de banho.

– Troquem de roupa. Mantenham a armadura sob as roupas civis.

Depois de partirem, apertou a mão a Jordan, notando o intenso calor da sua palma, quase febril, como se estivesse em chamas.

– Sente-se bem? – perguntou-lhe.

– Tendo em conta que acabei de voltar dos mortos, sinto-me fantástico.

Bernard notou uma ligeira hesitação na postura do homem. Ocultava claramente alguma coisa, mas Bernard deixou passar.

– Estou grato por estar bem... e igualmente grato pelo seu esforço em ajudar-nos a compreender esta ameaça única colocada pelos autómatos de Iscariotes.

Bernard ainda tinha dificuldade em aceitar que Judas Iscariotes caminhava pela Terra, que Cristo tinha amaldiçoado o Seu traidor com a eternidade. Mas a ameaça que o homem colocava não podia ser negada ou ignorada.

– Com tempo e instalações mais adequadas – disse Jordan – poderei saber mais sobre essas criações.

– Terá de bastar. O tempo escasseia. Temos de achar o Primeiro Anjo e reuni-lo com o livro.

As palavras da profecia do Evangelho surgiram-lhe na mente, em traços flamejantes:

“A trindade profetizada levará o livro ao Primeiro Anjo para que o abençoe. Só assim poderão garantir a salvação do mundo.”

Nada mais importava.

Erin parecia triste.

– Para que tal aconteça, temos de descobrir *onde* Iscariotes o escondeu e perceber *o que* ele quer do rapaz.

– E porque o canalha veio até aqui com a criança – acrescentou Jordan.

Erin assentiu.

– Deve ser importante.

Rhun e Christian regressaram, as suas roupas mais justas do que antes, escondendo a nova armadura, de um material resistente ao golpe, sugerido por Jordan como defesa contra a picada das traças.

Bernard gesticulou na direção da porta.

– Aluguei um helicóptero para nos levar às coordenadas do ponto onde Christian detetou a condessa pela última vez. Seguiremos para oeste pelo mesmo caminho, procurando pistas.

Conduzindo o caminho, Bernard embarcou-os numa carrinha-táxi, que os levou a um aeródromo próximo, onde o helicóptero os aguardava. Era um aparelho azul e laranja, com um nariz curiosamente longo e janelas em flecha, delineando uma cabina ampla.

Christian saiu da carrinha e assobiou em sinal de apreço.

– Lindo! Um *AW-193*.

– Sabe pilotar um helicóptero? – indagou Jordan.

– Desde que você ainda andava de calções. – Gesticulou em direção à aeronave. – Subam!

Erin subiu primeiro. Estacou bruscamente, ao avistar uma longa caixa negra presa entre os assentos.

– Preparei um caixão para a condessa Bathory – explicou Bernard. – Para o caso de a encontrarmos durante esta viagem.

– Vamos trazê-la de volta? – questionou Jordan.

– Ela pode ser a Mulher Sábia – retorquiu Bernard.

Ele não estava disposto a correr riscos.

Rhun tocou a caixa com uma mão, uma expressão dorida no rosto. Bernard ouvira os relatórios de Christian sobre como Nadia cortara a garganta da mulher, uma mulher por quem Rhun ainda sentia, claramente, profundo afeto.

Bernard tinha de se manter atento a essa ligação.

04h44

Rhun apertou o cinto ao lado de Erin, enquanto Christian tomava o lugar do piloto. O motor ganhou vida e as pás começaram a girar mais e mais depressa. Momentos mais tarde, estavam no ar, deslizando velozmente em direção às águas escuras do Mediterrâneo.

Quando se aproximavam da linha da costa, Christian gritou para trás:

– Foi daqui que partiram para o mar! Perdi-lhe o sinal a poucas milhas mais para oeste!

Rhun fitou as ondas negras lá em baixo. O luar cintilava em tons de prata nas cristas brancas.

Viajaram em silêncio por vários minutos, mas as águas permaneciam vazias, não mostrando indício dos outros. Imaginou Iscariotes a lançar Elisabeta ao mar obscuro, livrando-se dela.

Christian bradou.

– Foi aqui que o sinal se interrompeu.

Fez o aparelho descrever um círculo lento sobre a água. Todos os olhos procuraram em baixo quaisquer vestígios, qualquer prova do curso seguido pelo grupo de Iscariotes.

Jordan falou olhando em frente.

– Devíamos consultar mapas das correntes locais. Se um barco se afundou ou um helicóptero ou avioneta se despenharam aqui, teremos de seguir as correntes costeiras – mas, por agora, sugiro que continuemos pela sua trajetória original.

– Entendido. – Christian inclinou o aparelho e partiu para oeste.

Rhun continuou a sua vigília, o olhar penetrante varrendo cada onda.

Rezou por esperança.

Rezou por ela.

CAPÍTULO 36

20 de dezembro, 05h06, CET

Mar Mediterrâneo

Judas estava no seu quarto, de novo vestido após um breve sono de uma hora.

Sentia-se refrescado, pleno de esperança.

Enquanto apertava a gravata, mantinha as costas voltadas para a imponente cama de quatro colunas. Para o ajudar a vestir-se, usava o reflexo no relógio gigante que cobria uma das paredes. A face superior de cristal estendia-se por quase dois metros e meio. Com as suas próprias mãos, construía-o e reconstruía-o em vinte moradas diferentes. O mostrador do relógio era igualmente de vidro, revelando as engrenagens e encaixes internos, todos de bronze, cobre e aço. Ele gostava de observar os mecanismos a marcar a interminável passagem da sua vida.

Agora, com uma mão precisa, parou o relógio. Já não precisava dele. A sua vida terminaria em breve. Depois de anos a rogar por aquele momento, em breve descansaria.

Uma pancada na porta perturbou os seus pensamentos.

– Entre! – bradou.

Voltou-se para ver Henrik a empurrar o Primeiro Anjo para dentro do quarto. Com o nascer do dia a poucas horas, ordenara que lhe trouxessem o rapaz.

Tommy esfregava os olhos, claramente ainda aturdido de sono.

– O que quer de mim?

– Apenas conversar.

O rapaz deixava transparecer que preferiria dormir mais.

Judas arrastou-o para a sua pequena secretária. Possuía um escritório mais amplo para tratar de negócios, noutra parte da plataforma, mas, por vezes, preferia a intimidade tranquila do seu próprio quarto.

– Nós os dois, Tommy, somos únicos neste mundo.

– O que quer dizer?

Judas pegou numa faca afiada para papel e golpeou o centro da palma da própria mão. O sangue jorrou intensamente, mas ele limitou-se a usar um lenço para o limpar. A pequena ferida fechou rapidamente, sarando quase de imediato.

– Sou imortal, mas não como a tua condessa. Eu sou como tu.

Como prova, ele pegou na mão do rapaz com firmeza e colocou a palma da mão dele contra o seu peito.

– Sentes o meu coração?

Tommy assentiu, claramente intimidado, mas intrigado.

– Tal como tu, nasci como um rapazinho vulgar. Foi uma maldição que me concedeu a imortalidade, mas gostava de saber o que *fizeste* tu para merecer igual infortúnio.

Judas ouvira um relato geral da história do rapaz, mas queria ouvir os detalhes da própria fonte.

Tommy mordeu o lábio inferior, visivelmente hesitante, mas o rapaz ansiava por compreender o que lhe acontecera.

– Aconteceu em Israel – começou ele e, lentamente, contou a história da visita a Massada com os pais, do tremor de terra e do gás venenoso.

Nada nesse relato explicava a sua súbita imortalidade.

– Fala-me mais sobre o que aconteceu, *antes* do tremor de terra – pressionou Judas.

Uma expressão de culpa cobriu-lhe o semblante.

– Eu... fui a um lugar onde não devia ir. Sabia que não devia. Mas havia uma pomba branca no chão e achei que estivesse ferida. Quis levá-la dali para fora e pedir ajuda.

O coração de Judas martelava contra as costelas.

– Uma pomba branca com a asa partida?

– Como sabe? – Os olhos de Tommy semicerraram-se.

Judas afundou-se de encontro à mesa, as suas palavras carregadas de memória.

– Há dois mil anos, vi uma pomba assim. Quando era rapaz.

Não atribuíra importância ao encontro, mal pensando nisso, exceto que ocorrera na manhã em que conhecera Cristo, quando era apenas um rapaz de catorze anos, quando se tornaram rapidamente amigos.

“Eu tinha a mesma idade que o Tommy” – apercebeu-se repentinamente.

Evocava, agora, aquela manhã, com todo o pormenor: como as ruas ainda estavam sombrias, com o sol ainda não tinha nascido, como os despejos fediam nos drenos, como as estrelas ainda brilhavam.

– E a pomba que viu – disse o rapaz – também tinha uma asa partida?

– Tinha. – Judas visualizou o branco fantasmagórico das suas penas na noite, a única coisa que se movia na rua escura. – Ela arrastava a asa pelas pedras lamacentas. Apanhei-a.

Sentiu-lhe a plumagem agora, roçando-lhe as mãos. A ave ficara quieta, a cabeça contra o polegar de Judas, fitando-o com um único olho esverdeado.

– Tentou ajudá-la? – perguntou Tommy.

– Apertei-lhe o pescoço.

O rapaz recuou meio passo, arregalando os olhos.

– Assim, sem mais nem menos?

– Havia ratos e cães. Ela teria sido despedaçada. Salvei-a dessa desgraça. Foi um ato de misericórdia.

Contudo, recordou-se de como depois se sentira perturbado. Correria para o templo para procurar consolo junto do pai, que era um fariseu. Fora aí que vira Cristo pela primeira vez, um rapaz da mesma idade, que impressionava o seu pai e muitos outros com as Suas palavras. Depois disso, os dois tornaram-se amigos, raramente se separando.

Até ao fim.

“Agora, tenho de o corrigir.”

O rapaz, a pomba, era tudo sinais de que o seu rumo era o correto.

Judas encaminhou o rapaz de volta à porta, de volta ao cuidado de Henrik.

– Prepara-o para a nossa partida.

Quando Tommy saiu, Judas regressou à secretária. Pegou num pedaço de cristal, que lhe cabia perfeitamente na palma da mão. Era a sua posse mais valiosa. Retirara-o do cofre do seu escritório e voltaria a guardá-lo antes de partir. Mas precisava do seu encorajamento naquela manhã em germe, precisando de sentir a sua solidez e peso nas próprias mãos.

O cristal continha uma frágil folha castanha suspensa no interior, protegida dos séculos pelo vidro. Ergueu-o à altura dos olhos e leu as palavras gravadas na superfície, outrora verde, com uma aguçada faca de pedra.

Segurou o objeto entre as mãos, pensando na mulher que escrevera aquelas palavras, evocando a sua luminosa pele escura, os seus olhos cintilando com um brilho tranquilo. Tal como ele, ela entendia verdades que mais ninguém podia entender. Tal como ele, ela vivera muitas vidas, vira muitos amigos morrerem. Sozinha na Terra, ela era sua igual.

“Arella.”

Mas aquela simples folha pusera fim ao melhor século da sua longa vida – aquele que partilhara com ela. Fora em Creta, onde a casa deles dava para o oceano. Ela odiava estar longe do mar. Ele mudara-se com ela de Veneza para Alexandria, para Constantinopla, para outras cidades que

davam para as ondas. Teria vivido em qualquer lugar para a ver feliz. Naquela década em particular, ela quisera simplicidade e quietude.

Então, ele escolhera Creta.

Olhou pela janela do quarto, agora, fitando as ondas escuras. Desde esses dias, também ele nunca estivera longe do mar. Mas nesses tempos, ele contemplara-a mais intensamente do que as águas em perpétua mudança. Naquela noite, ela estava diante de uma janela, com as portadas abertas sobre a noite.

Judas abriu agora a sua própria janela e inspirou o ar salgado, recordando os sons e aromas dessa noite de há muito.

Da sua cama, ele contemplou a silhueta dela a mover-se contra o céu estrelado.

O cheiro do oceano inundou o quarto, a par do suave desenrolar das ondas na areia. Ali perto, uma coruja chamou a companheira e foi correspondida. Uma semana antes, ele vira o par sobre uma oliveira, cada ave pouco maior do que dois punhos juntos.

– Ouves as nossas corujas? – perguntou ela, voltando-se para ele.

A luz da Lua refletia-se do seu cabelo cor de ébano, um anel caprichoso caindo-lhe sobre o rosto. Ela ergueu a mão para o afastar, um gesto que ele vira milhares de vezes. Mas a mão deteve-se, o corpo retesando-se de uma forma igualmente familiar.

Judas abafou uma imprecação e levantou-se rapidamente.

Quando se abeirou dela, viu os seus belos olhos vazios.

Também isso era familiar.

Agora, as profecias derramar-se-iam por ela. De cada vez, ele odiava aquilo, pois nesse estado, ela ficava para lá do seu alcance, para lá do alcance de si mesma, varrida pelas ondas do tempo, essa força de maré a que era impossível resistir.

Como sempre, ele seguia as instruções dela. Retirava folhas frescas de um cesto de junco no canto e pressionava-as contra o seu cálido braço esquerdo. Todos os dias, ela apanhava folhas para esse fim, embora as profecias apenas ocorressem uma ou duas vezes por ano.

Ele dobrava-lhe os dedos da mão direita em torno da antiga faca de pedra.

Depois, deixava-a sozinha.

Mantinha uma silenciosa vigília à porta do quarto. Por vezes, as visões duravam meros minutos, outras vezes, horas. Demorasse o tempo que demorasse, ela não devia ser interrompida.

Felizmente, nessa noite, ela foi poupada.

Após um único minuto, ela voltou a si e pediu-lhe que entrasse.

Quando ele entrou no quarto, ela estava deitada na cama, enrolada numa bola. Ele tomou-a nos seus braços e acariciou-lhe o longo e espesso cabelo. Ela voltou o rosto contra o peito dele e chorou. Ele embalou-a de um lado para o outro e esperou que a tormenta passasse. Sabia que não devia perguntar-lhe sobre a origem da sua mágoa. Era uma maldição que ela tinha de suportar sozinha.

Geralmente, as folhas em que ela escrevia as suas profecias jaziam espalhadas pelo chão e ele reunia-as, enquanto ela dormia, e queimava-as no fogo.

Era como ela desejava, como ela lhe pedira. Nenhum bem alguma vez adviera do seu dom, dissera-lhe ela. As profecias eram meras visões, não encerrando certezas, mas o seu conhecimento levava muitos homens a forçarem a sua concretização, frequentemente sob o aspeto mais maligno.

Porém, em segredo, ele lia cada folha antes de a queimar, registando muitas das suas palavras, e mesmo imagens por ela desenhadas, num diário de couro grosso que usava para as contas da casa. Ela nunca lia aquele livro, nunca se preocupando com detalhes financeiros.

Confiava nele.

Naquela noite, quando a respiração dela se aquietou no sono, ele desenleou-se do seu abraço e levantou-se para apanhar a única folha, que jazia à beira do fogo.

Uma única profecia, nessa noite.

*Sentiu a folha macia sob as pontas dos seus dedos. O aroma a árvores verdejantes flutuou até ele. As frases inscritas chamavam-no. Segurando a folha junto às chamas da lareira, ele leu as palavras que lhe percorriam a superfície em linhas incertas: «**Depois de as Suas palavras, escritas com sangue, serem retiradas da prisão de pedra, aquele que O levou deste mundo intervirá para O trazer de volta, desencadeando uma era de fogo e sangue, lançando um pano mortuário sobre a Terra e todas as suas criaturas.**»*

*Incrédulo, delineou cada palavra com um dedo trémulo. Leu-as uma e outra vez, desejando que o seu sentido não fosse tão claro. Já sabia que Cristo escrevera um Evangelho com o Seu próprio sangue e o aprisionara na pedra. Judas registara outras profecias relativas a esse livro, que ela inscrevera em folhas no século findo, mas não lhes atribuíra importância. Nunca pensara que as profecias dela lhe poderiam dizer respeito, até àquela linha que dizia: «... **aquele que O levou deste mundo...**»*

Não podia ser outro que não aquele que traíra Cristo.

Todos os outros envolvidos na morte de Jesus, há muito que se tinham tornado pó, mas Judas perdurara. Fora poupado para um propósito.

Para aquele propósito.

Tão poucas palavras, mas cada uma delas confirmava os seus piores receios sobre a maldição. Uma vez desenterrado o Evangelho perdido, Judas tinha de trazer Cristo de volta. Para tal, era o seu dever dar início ao fim dos tempos – uma era de fogo e sangue.

Um restolhar de folhas chamou a sua atenção. Ela estava sentada, tão bela à luz do fogo como a qualquer luz.

Os olhos dela viram o que os seus dedos seguravam.

– Leste isso?

Ele desviou o rosto, mas sentiu o olhar dela a queimá-lo.

– Leste-as todas? – questionou ela.

Não lhe podia mentir, voltando-se para ela.

– Eu queria preservá-las, para o caso de mudares de ideias, para que o teu dom não se perdesse para o mundo.

– Dom? Não é nenhum dom. E cabia-me a mim decidir o que fazer com ele. Acreditei que tu, mais do que qualquer homem no mundo, o compreenderias.

– Pensei que te prestava um favor.

– Como? Quando? Durante cem anos, traíste-me.

Um fio de lágrimas cintilou à luz do fogo. Ela passou as costas da mão por uma das faces macias. Ele fora contra os seus mais profundos desejos, uma e outra vez. Ele leu nos seus olhos que não haveria perdão para os seus atos.

– Fi-lo por ti – murmurou ele.

– Por mim? – A voz dela endureceu. – Não pela tua própria curiosidade?

Ele não tinha resposta a essa questão, em vez disso colocou-lhe uma outra. Ergueu a folha.

– Quanto tempo? Quanto tempo até que esta profecia se cumpra?

– Não passa de uma profecia. – O seu rosto era uma ardósia em branco, onde ele não conseguia ler nada. – Uma possível visão do futuro. Não implica certeza, nem necessidade.

– Será assim – insistiu ele.

Ele reconhecera a sua verdade no instante em que lera as palavras.

Ele traíra Jesus.

Agora, tinha de trair o mundo dos homens.

– Não podes sabê-lo. – Ela cruzou o espaço para se colocar diante dele.

– Não podes fazer essa coisa obscura baseado nas minhas palavras. Nada

neste mundo está definido. Como todos os homens, foste imbuído de livre vontade por Deus.

– A minha vontade não importa. Tenho de encontrar o Evangelho de Cristo. Tenho de pôr esses acontecimentos em movimento.

– Uma profecia não pode ser forçada. – A voz dela ergueu-se, de raiva. – Mesmo com toda a tua arrogância, deves sabê-lo.

Ele ergueu de novo a folha, igualando a sua raiva.

– Eu vejo isto. Eu sei isto. Temos de fazer o que fomos destinados a fazer. Eu sou um traidor. Tu és uma profetisa. Não desafiaste Deus ao não partilhares a tua profecia sobre a traição de Lúcifer? Não caíste em desgraça por causa disso? E agora, queres desafiá-Lo de novo!

Ferida, ela fitou-o. Ele sabia que tinha posto a nu e em voz alta o maior receio dela e desejou poder recuar no que dissera.

As lágrimas avolumavam-se-lhe nos olhos brilhantes, mas ela afastou-as com um pestanejar. Virou costas, puxou o capuz do manto para esconder o rosto e correu porta fora para a noite estrelada.

Ele esperou que ela voltasse, que a sua raiva se dissipasse, que lhe pudesse pedir perdão. Mas quando o sol da manhã se ergueu, ela não voltou e ele soube que nunca mais voltaria.

Judas inspirou profundamente o ar da noite, recordando tudo.

Depois de Arella o deixar, ele viajou pela Europa, onde passou muitos anos em busca de rumores sussurrados do Evangelho perdido de Cristo. Tomou conhecimento de uma outra profecia relacionada com o livro, uma que falava de uma trindade sagrada.

Então, procurou-a também.

Numa noite de outono, seguindo um rumor entre os sanguinistas, procurou a condessa Elizabeta Bathory – a *mulher* sábia casada com um poderoso *guerreiro* e ligada a um *cavaleiro* de Cristo.

À semelhança da Igreja, achou que poderiam ser a trindade profetizada – até o padre Korza transformar a condessa em *strigoi* e esta ser supostamente assassinada.

Contudo, continuava convicto do poder da família Bathory. A cada geração, escolhia uma mulher dessa linhagem para preparar e proteger, envenenando o seu sangue contra os *strigoi*, para garantir que nunca seria convertida, como a sua antepassada.

A maioria dessas mulheres tinha-o servido bem, até a linhagem ser interrompida com Bathory Darabont. Mas, por essa altura, o Evangelho perdido de Cristo tinha sido trazido de volta ao mundo, anunciando o que Judas devia fazer em seguida.

Ergueu o pedaço de vidro e leu as palavras: «... *aquele que O levou deste mundo, intervirá para O trazer de volta, desencadeando uma era de fogo e sangue, lançando um pano mortuário sobre a Terra e todas as suas criaturas.*»

Por fim, essa hora chegara.

CAPÍTULO 37

20 de dezembro, 05h22, CET

Mar Mediterrâneo

Tommy estremeceu com a brisa que soprava pela superfície aberta da plataforma petrolífera, o vento afugentando os últimos resquícios de sono.

Fitava um helicóptero cinzento-metalizado estacionado do outro lado da estrutura elevada. Tinha janelas com vidros fumados e uma imensidão de antenas de radar a brotar-lhe do nariz. Pelas linhas polidas e características invulgares, parecia personalizado e dispendioso. Um piloto postava-se ao lado do aparelho, envergando um uniforme de voo preto, incluindo capacete e luvas.

Nem uma réstia de pele à vista, sugerindo que era como Elizabeth e Alexei.

“Strigoi.”

Elizabeth encontrava-se ao seu lado. Embora ainda faltassem duas horas para o nascer do Sol, estava igualmente coberta dos pés à cabeça. Vestia botas altas, calças pretas, uma túnica de manga comprida e luvas, a par de um véu que lhe tapava o rosto. Este tinha uma abertura para os olhos, mas segurava na mão um par de óculos de sol, a postos para a chegada do amanhecer.

Iscariotes gesticulou na direção da aeronave estacionada.

– Todos a bordo.

Sem escolha, Tommy encolheu-se por baixo das hélices, que começavam a girar, e subiu para o helicóptero. O medo insinuou-se por ele. Para onde

o levavam? Evocava as palavras de Iscariotes sobre um destino e, de alguma forma, sabia que não lhe ia agradar.

Enquanto se prendia, notou que Elizabeta se exasperava com os cintos de ombro e cintura.

– Precisa de ajuda? – ofereceu ele.

– É mais complicado do que colocar arreios numa parelha de cavalos – desabafou ela, mas conseguiu desenvencilhar-se e prendeu-se em segurança ao lado dele.

Iscariotes falou ao piloto, depois subiu para a cabina, levando consigo os dois corpulentos guarda-costas. Quando fechou a porta, toda a cabina ficou mergulhada na escuridão. Nenhuma luz entrava pelas janelas e Tommy não conseguia ver nada para fora. Sentiu-se aliviado quando as luzes artificiais foram ligadas.

Elizabeth retirou lentamente o véu e os óculos de sol.

Iscariotes passou a cada um deles um conjunto de pesados auscultadores sem fios.

Tommy colocou os seus e Elizabeta seguiu-lhe o exemplo, claramente observando cada gesto dele.

O ruído do motor aumentou de volume e levantaram do heliporto com um sacão. Com as janelas escurecidas, Tommy serviu-se do estômago para avaliar o quanto subiam, quando estabilizavam e quando voltaram a descer para terra.

Tommy inclinou-se para diante e espreitou. O para-brisas estava igualmente tingido de um negro compacto. Como sabia o piloto para onde iam?

Iscariotes viu para onde ele olhava. A sua voz chegou pelos auscultadores.

– Há uma câmara digital montada no nariz do helicóptero. Vou mostrar-te.

Estendendo-se para lá de Tommy, premiu um interruptor junto do apoio de braço. Um monitor desceu diante de Tommy. Ganhou vida, exibindo uma extensão de ondas iluminadas pelo luar e um horizonte aclarado adiante.

– Tens um pequeno *joystick* junto à tua mão direita – acrescentou Iscariotes. – Podes mover a câmara com ele.

Testando-o, Tommy rodou o *joystick* num círculo e as imagens no monitor rodaram 360 graus. Viu ondas perseguindo ondas. O horizonte era água e céu. Para trás do helicóptero, as luzes tremulantes da plataforma petrolífera tornavam-se cada vez mais pequenas. Quando rodou de novo a câmara para diante, avistou uma série de ténues luzes correndo baixo, sobre a água, na direção deles.

Um outro helicóptero.

Iscariotes endireitou-se no lugar, depois inclinou-se para o piloto, na frente.

– Quem é?

– Não sei – respondeu o piloto. – Percorri-o com o dispositivo de visão noturna. Não tem marcas distintivas no casco, mas parece um aparelho fretado. Podem ser turistas.

Iscariotes escarneceu.

– Antes do nascer do dia? Leva-nos mais perto.

A aeronave mergulhou e partiu em direção ao outro aparelho, em rota de interceção.

Iscariotes afastou a mão de Tommy do *joystick* e comandou-o. Premiu um interruptor e a imagem tornou-se mais clara, em gradações de cinzento-prateado.

Visão noturna.

Subitamente, a imagem foi ampliada, centrando-se no para-brisas da outra aeronave.

Tommy conseguiu perceber as feições do piloto, recordando-o do labirinto de gelo.

O choque do reconhecimento depressa se tornou *esperança*. Era um dos sacerdotes, um dos que ajudara a libertá-lo do gelo.

“Encontraram-me!”

Não sabia como, mas pouco importava.

“Talvez me possam salvar... nos possam salvar.”

Olhou de relance para Elizabeta, que também fitava o ecrã. Exibia um meio sorriso, como se não o pudesse evitar.

– Os sanguinistas descobriram-nos.

A raiva inflamou a voz de Iscariotes e enrubesceu-lhe as faces.

– Abate-os!

No canto do ecrã, surgiu um ícone amarelo de quatro mísseis.

Por baixo, três simples palavras: *«Fogo do Inferno.»*

“Não podia ser bom.”

Tommy sentiu um ressoar sob o assento. Imaginou uma escotilha a abrir, o suporte de míssil a baixar, tornando-se visível.

No ecrã, um dos ícones amarelos de míssil ficou vermelho.

“Oh não...”

05h35

Com o rosto colado à janela, Erin observou o helicóptero a mergulhar na direção deles. Já tinham reparado no aparelho a levantar voo, como um pequeno grão de poeira, do sistema galáctico de uma plataforma petrolífera, ao largo do oceano. Parecia dirigir-se à costa, distanciando-se

deles – depois virara subitamente na sua direção, claramente aproximando-se para ver melhor.

Jordan presumira que fosse a segurança da plataforma, que vinha investigar a aproximação de uma aeronave desconhecida. Eram tempos de desconfiança.

Então, inesperadamente, mergulhou direito a eles.

Fumo irrompeu, de súbito, da base da fuselagem, a par de um clarão de fogo.

– Míssil! – gritou Christian da frente.

Erin foi projetada para trás, quando Christian forçou o helicóptero a uma subida abrupta. Para lá do ruído dos motores, um guincho perfurante rasgou a noite. O aparelho rolou para a direita, enquanto uma sibilante espiral de fumo se ergueu do patim de aterragem esquerdo.

Um segundo depois, uma explosão eclodiu no mar atrás deles, a onda de choque fazendo oscilar a aeronave. Uma torrente de fumo e água disparou contra o céu.

Christian lançou, de imediato, o helicóptero num mergulho vertiginoso, tentando superar o outro aparelho, mas a aeronave de aluguer era uma pesada e gorda abelha, comparada com a ágil vespa assassina no seu encalço.

O oceano negro aproximava-se a grande velocidade.

Erin susteve a respiração. Jordan agarrava-se firmemente a ela.

A escassos centímetros da crista das ondas mais altas, o aparelho nivelou finalmente, deslizando rápido mas baixo sobre a água. Ela rodou o pescoço, vendo o outro helicóptero atrás deles. Este inclinou-se sobre o nariz, baixando lateralmente em direção ao mar, depois endireitou-se e disparou no seu encalço, aproximando-se rapidamente.

Nunca lhe conseguiriam escapar.

– Vou tentar chegar à plataforma! – gritou Christian. – Usar a estrutura como escudo.

Jordan retorquiu:

– Vi mais três mísseis preparados quando passou por nós.

“Mais três oportunidades de os aniquilar.”

Christian debatia-se com o comando, como se este tivesse vida própria. O helicóptero ziguezagueava sobre a água, rumo à plataforma petrolífera. Um novo rasto de fumo guinchou, passando à direita e explodindo no mar, projetando uma onda de fumo e água sobre o aparelho.

“Mais duas oportunidades...”

A plataforma avultava-se adiante, um arranha-céus iluminado erguendo-se do mar.

Erin permitiu-se um instante de esperança.

Então, a natureza empurrou-os para baixo.

Uma onda imensa atingiu os patins. A máquina oscilou e balançou como um equilibrista do arame prestes a perder o pé. Por um angustiante momento, ela pensou que iam cair ao mar. Depois o helicóptero estabilizou, deixando as ondas.

Suspirou.

– Segurem-se! – bradou Christian.

Sentiu a garganta estreitar-se, sabendo que tinham perdido demasiada velocidade. Nunca poderiam escapar ao próximo míssil. Erin encontrou os olhos de Jordan – enquanto Christian os fazia mergulhar de novo mais baixo, desta vez parecendo arrastar os patins na água propositadamente.

Erin foi esmagada contra os cintos, quando o impulso para a frente foi bruscamente travado. A aeronave inclinou-se sobre o nariz.

O míssil passou por baixo da cauda levantada e explodiu por baixo deles.

O fogo irrompeu de ambos os lados do helicóptero, as chamas cobrindo as janelas. O mundo rodopiou numa estonteante torrente de fumo, fogo e água. Depois, o aparelho imobilizou-se de lado, na água. Fumo negro insinuava-se pela cabina obscurecida.

O helicóptero resistiu por um último fôlego.

Depois, afundou-se no mar.

05h37

Judas estudou os destroços arrasados, a mancha negra que alastrava na água escura. O piloto fez pairar o helicóptero, varrendo lentamente a área, procurando sobreviventes.

– Senhor? – questionou o piloto.

Judas pesou as probabilidades de alguém ter sobrevivido à última explosão de míssil. Parecia ter atingido em cheio a cauda do aparelho. Nada poderia ter sobrevivido a um ataque tão direto; nem mesmo os obstinados corpos dos sanguinistas conseguiriam sarar, depois de feitos em tiras pelo metal dilacerado.

“Além de que,...” – verificou o *Rolex Yacht Master* de platina no seu pulso – *“... nada daquilo importava.”*

Mesmo que houvesse sobreviventes, já não o poderiam deter. O amanhecer estava a menos de duas horas. Mesmo que os sanguinistas conseguissem sobreviver, não o poderiam alcançar.

Ainda assim...

– Contacta o pessoal que ficou na plataforma – ordenou. – Eles que vasculhem e vigiem estas águas.

– Entendido, senhor.

– Depois, prossegue para a costa.

Judas fitou o rapaz, que parecia pálido após o ataque.

“Ninguém te pode salvar agora.”

CAPÍTULO 38

20 de dezembro, 05h38, CET
Mar Mediterrâneo

Uma tosse violenta irrompeu por Erin.

Sentiu o sabor do sangue, o odor do fumo.

Jordan apertou-lhe a mão com força.

“Vivos, mas por quanto tempo?”

A água submergia as janelas a toda a volta, enquanto a aeronave continuava o seu mergulho para as frias profundezas. As luzes de emergência vermelhas cintilavam, tingindo a cabina de tons carmesim. A água penetrava no interior, cobrindo lentamente a metade inferior.

Rhun debateu-se para avançar para diante com Bernard, alcançando Christian, que jazia imóvel preso pelos cintos de segurança. Lutaram para o libertar.

Seguindo-lhes o exemplo, Erin tateou apressadamente o botão de desbloqueio do seu cinto, que felizmente abriu. Jordan fez o mesmo, depois acendeu uma lanterna. Colocou uma mão contra a janela.

“Quão fundo estariam?”

As águas para lá da janela eram negras como petróleo.

Jordan desviou-se, quando Rhun se lhes juntou pela água, içando os braços de Christian. Bernard segurava-lhe as pernas. O sangue cobria todo o rosto do jovem sanguinista.

Estaria sequer vivo?

Jordan apontou para a janela.

– Temos de sair daqui. Rhun, tem força suficiente para quebrar esta janela?

– Creio que sim.

– Não – cortou Erin. – Não sabemos quão fundo estamos. A pressão poderia esmagar-nos. E mesmo que saíssemos daqui, duvido que conseguíssemos chegar à superfície de um só fôlego.

Jordan olhou-a de sobrolho franzido.

– Temos de tentar. Iremos afogar-nos na mesma, se não fizermos nada.

Rhun assentiu.

– Jordan tem razão. Farei o meu melhor por vos proteger e levar-vos à superfície. Bernard poderá carregar o corpo de Christian sozinho.

Erin apertou os braços em torno do próprio corpo, fitando a água crescente, agora já pela altura da anca, convencida de que eles estavam errados. Perscrutou o espaço e gritou de novo:

– Esperem! Há outra maneira.

Jordan olhou-a.

– Não vais gostar – disse ela.

– Qual é? – indagou Jordan.

Ela apontou a longa caixa, amarrada debaixo de água, aquela que Bernard trouxera para confinar a condessa.

– Poderia servir de veículo de fuga – propôs ela.

Jordan cerrou os maxilares, visivelmente não desejoso de colocar as suas esperanças de sobrevivência num *caixão*. Contudo, assentiu, reconhecendo que ela tinha razão.

Rhun soltou rapidamente as correias que prendiam a gigante caixa plástica ao chão e esta subiu até à superfície, provando ser flutuante.

– Deverá proteger-nos da pressão – disse Erin. – E deverá conter ar suficiente para chegarmos à superfície.

– São muitas suposições – observou Jordan.

Mas não havia melhor opção.

Enquanto Rhun mantinha a tampa aberta, Jordan entrou primeiro e estendeu-se de costas. Ergueu os braços, como que convidando-a a deitar-se. Ela trepou para o caixão, para os braços dele. Ele abraçou-a intensamente.

Rhun fechou a tampa da caixa, selando-os na escuridão. Ela ouviu os fechos a serem repostos. Na escuridão, concentrou-se no pulsar do coração do Jordan, sentindo-o martelar contra a caixa torácica e repercutir-se por ela. O calor do corpo dele queimava através das roupas húmidas, intenso depois da imersão no frio. Ela mexeu-se, notando o seu braço esquerdo mais quente do que o direito.

Antes que pudesse refletir sobre isso, Rhun bateu no exterior da caixa, provavelmente avisando-os para se prepararem.

Jordan puxou-lhe a cabeça contra o seu peito.

– Vai ser uma viagem agitada.

Ela ouviu um estalo e o sólido embater da água contra a parede lateral do caixão, empurrando-o para o outro lado da cabina. Ela rolou e foi impelida de um lado para o outro, no interior. Era como se um cão gigante tivesse abocanhado a caixa e a abanasse como um osso. Cerrou os dentes para evitar gritar.

Os braços de Jordan puxaram-na para mais perto.

– Eu protejo-te – disse-lhe ao ouvido.

“Mas quem nos protege a nós?”

05h42

Rhun lutou contra a força da água e içou o caixão pela janela quebrada. Ficou preso. Uma das pegas exteriores, normalmente usadas pelos

portadores do caixão, enganchou num pedaço retorcido de metal.

Olhou para o lado e viu Bernard a subir por entre as águas escuras, batendo as pernas e carregando o corpo inerte de Christian nos braços. O cardeal rebocava, igualmente, uma jangada de emergência selada e esvaziada, atada por uma corda à cintura.

Só, Rhun posicionou os pés de cada lado do caixão, escorando-se contra a parede lateral dos destroços, enquanto estes se afundavam cada vez mais.

Usando toda a força das suas pernas e costas, impeliu a caixa, dobrando o pedaço retorcido de metal e vendo a pega exterior partir. Receou que a caixa se fendesse, imaginando a água a irromper pelo interior e a afogar Erin e Jordan.

Escutou o martelar assustado dos seus corações.

Não lhes podia falhar.

Deu novo impulso, alimentado pelos fracassos anteriores, recusando repeti-los.

Por fim, o caixão libertou-se – tão repentinamente, que o largou.

Rodou para trás pela água e viu a caixa começar a flutuar para cima, lenta, demasiado lentamente. Bateu as pernas e deu aos braços e alcançou o caixão. Empurrando por baixo, impeliu a caixa para cima, em busca do ténue reluzir de uma Lua distante.

A superfície parecia a uma distância impossível, apenas visível pela sua capacidade sobrenatural. Sabia que pouco ar restava no caixão, muito dele contaminado pelo fumo da cabina encurralada.

Tinha de se apressar.

Durante todo esse tempo, escutava o pulsar dos seus corações, cada qual distinto do outro, mas soando de algum modo em sintonia. Rezou para que esse coro silencioso perdurasse até alcançar a superfície.

Jordan sentiu o veículo de fuga romper as ondas. A firme trajetória ascendente cedeu de súbito, o seu estômago revolveu-se para se adaptar ao rolar do mar para lá daquela prisão. Um momento depois, ouviu os fechos soltarem-se e a tampa abriu-se de repente.

Enquanto flutuavam, ele inspirou fundo o puro ar salgado, saboreando a pressão do corpo de Erin contra o seu. Mas um tremor percorreu-a. Ele friccionou-lhe as costas, tentando expulsar o medo. Sentira o corpo dela lutar contra o pânico o tempo todo.

Rhun agarrou uma extremidade do caixão e içou-se para espreitar.

– Estão os dois bem?

Jordan assentiu.

– Obrigado pela boleia.

Erin soltou uma breve gargalhada, embora menos de divertimento pela piada seca, do que pela euforia do alívio. Mesmo assim, fora o melhor som que ouvira em muito tempo. Ela fez força contra ele e sentou-se.

Rhun apontou para a esquerda.

– Bernard insuflou uma jangada de emergência. Vou empurrar-vos até lá.

A cabeça escura de Rhun balanceava para cima e para baixo como uma foca, à medida que os impelia em direção a uma jangada redonda, um disco amarelo brilhante a rodar sobre a água. Viu que Bernard tinha o corpo de Christian estendido sobre ela, uma mancha escura contra o fundo amarelo.

A inquietação pelo seu novo amigo gelava-o por dentro.

Já tinham morrido demasiados sanguinistas.

Perscrutou o horizonte, mas aparentemente o outro helicóptero desaparecera há muito.

Ainda assim, não estavam sozinhos.

O ruído ecoante de um motor chegou-lhes aos ouvidos. Jordan olhou para lá da jangada, uma luz isolada precipitando-se na sua direção,

oscilando sobre as ondas. Uma lancha semirrígida *Zodiac*. Claramente, viera da gigantesca plataforma petrolífera ao longe.

O mesmo local de onde o helicóptero atacante levantara voo.

Nada bom.

– Rhun! – gritou Jordan, sabendo que o sacerdote estava demasiado fundo na água para o detetar. – Temos companhia a vir direita a nós!

Se havia dúvidas quanto a serem amigáveis, foram dissipadas com o irromper de disparos, pontilhando a água escura, apontados ao alvo maior e mais reluzente da jangada.

Bernard mergulhou subitamente para o lado e desapareceu, abandonando Christian.

Significaria aquilo que o jovem sanguinista já estava morto?

Rhun abrandara a aproximação à jangada.

– Vamos deixá-los com Bernard. Entretanto, temos de ser um alvo menos evidente.

Sem aviso, o sacerdote ergueu-se sobre o caixão, despejando-os a ambos no mar gélido. Embora Jordan entendesse a necessidade, não aprovou necessariamente o método. Expulsou uma golfada de água quando veio à superfície. Apressou-se para Erin, sabendo que não era uma forte nadadora, nem entusiasta da água em geral.

Mas ela emergiu suavemente, os olhos assustados, mas determinados.

Rhun juntou-se-lhes.

– Alcançem a jangada, mas mantenham-na entre vocês e quem quer que apareça.

O padre seguiu à frente.

Em poucas braçadas, o grupo alcançou o refúgio flutuante, sem ousar subir para ele. Jordan espreitou por cima do bordo, enquanto o *Zodiac* encurtava a distância, abrandando. Avistou três homens: um piloto e dois atiradores com armas automáticas.

Na água, eram alvos fáceis.

Mas os recém-chegados desconheciam que havia, igualmente, um *tubarão* naquelas águas.

Bernard elevou-se subitamente a estibordo, uma longa lâmina reluzindo ao luar. Rápido como um relâmpago, golpeou todo o comprimento da lancha desse lado. O *Zodiac* inclinou-se de través, o motor engasgando, desequilibrando os homens armados. Uma mão lançou-se da água, agarrou um tornozelo e arrebatou um homem do barco. Foi atirado ao ar, mas não antes de Bernard lhe decepar a perna pelo joelho com um golpe selvagem.

O outro atirador disparou, mas Bernard já tinha desaparecido.

Enquanto o *Zodiac* continuava a estrebuchar, o segundo atirador rodava num círculo atento, vigiando as águas em volta. Então, subitamente, o barco abriu-se debaixo do homem, o fundo de lona dilacerando-se por baixo dele. O seu corpo foi abruptamente puxado por essa nova abertura e desapareceu.

O último homem – o piloto – injetou o motor a fundo e deu meia-volta ao barco, claramente desejando escapar para a segurança da plataforma petrolífera. Mas Bernard elevou-se do mar, como um golfinho em acrobacia. Aterrou por trás do piloto, agarrando-lhe o cabelo e golpeando-o no pescoço, quase lhe arrancando a cabeça.

Bernard lançou o corpo à água com um só braço.

Jordan tentou conciliar a imagem do piedoso homem de hábito com a daquele carnicheiro selvático.

– Nadem para o outro barco! – gritou Rhun, suficientemente alto para Bernard o ouvir. – Rápido. Eu agarro Christian e encontramo-nos lá.

O sacerdote saltou e rolou sobre a jangada.

Erin e Jordan nadaram para o *Zodiac*. Bernard ajudou-os a subir para a embarcação arruinada. Jordan sabia que os *Zodiac* eram barcos resistentes, capazes de navegar com apenas um flutuador. Quando Jordan subiu atrás de Erin, Rhun já lá estava, rebocando Christian por um braço.

Ajudou Rhun a içar o jovem sanguinista para bordo.

– E agora? – questionou Jordan, enquanto Erin e Bernard assistiam Christian.

– Consegue pilotar esta embarcação? – perguntou Rhun.

– Sem problema – respondeu Jordan.

O sacerdote apontou a plataforma petrolífera.

– Estamos demasiado longe da costa. Nunca conseguiremos chegar a terra com este pequeno motor. Temos de arranjar outro meio de transporte para alcançar a costa.

Jordan fitou a estrutura altaneira. Apesar de o poder de fogo da equipa estar sepultado no fundo do oceano, tinham de ir para aquele ninho de vespas.

Ciente disso, Jordan cruzou o espaço e assumiu o volante, enquanto Erin se debruçava sobre o corpo de Christian.

– Ainda está vivo? – perguntou ela.

– É difícil dizer – admitiu Rhun, ajoelhando-se entre ela e Bernard.

Os olhos de Christian permaneciam fechados. Um golpe profundo atravessava-lhe a fronte. Jordan sabia que era inútil verificar a respiração ou o batimento cardíaco. Os sanguinistas não tinham nenhum deles.

O cardeal colocou a sua cruz de prata sobre a testa de Christian, como se lhe fosse administrar os últimos ritos. Passado um instante, Bernard ergueu a cruz, revelando uma marca cauterizada da sua forma sobre a pele do jovem sanguinista.

– Ele vive – declarou Bernard.

Rhun explicou, com alívio palpável na voz:

– Quando morremos ao serviço da Igreja, ficamos purificados. A prata abençoada não nos queima.

Erin pegou na mão de Christian.

– Mas ele precisa de cuidados médicos – alertou Rhun, fitando Jordan, enquanto este punha o motor a trabalhar. – A sua vida ainda pode ser reclamada.

Jordan apontou para a plataforma petrolífera.
– Então, vamos fazer uma visita aos nossos vizinhos.

CAPÍTULO 39

20 de dezembro, 06h02, CET

Mar Mediterrâneo

Enquanto o barco deslizava em direção às luzes da plataforma petrolífera, Rhun estudava o rosto pálido de Christian. Ele era jovem, relativamente novo no clero, o que o tornava impetuoso e irreverente, mas Rhun não podia questionar a sua fé e bravura. Cerrou o punho de frustração, recusando-se a perder outro companheiro tão cedo após a morte de Nadia.

Bernard deitou algumas gotas de vinho do seu cantil de couro entre os lábios apagados de Christian, mas a maior parte escorreu-lhe pelas faces encovadas. Ainda estava demasiado fraco para engolir.

– E se lhe desse algum do meu sangue? – propôs Erin. – Como fizemos com a condessa. Isso não o ajudaria a reanimar?

– Apenas em último recurso – murmurou Bernard.

Erin pareceu pouco satisfeita com a resposta.

Rhun sussurrou-lhe.

– O sabor do sangue em alguém tão jovem corre o risco de libertar a besta no seu íntimo. Não podes correr esse perigo, sobretudo aqui, onde temos tão poucos meios para o controlar. Vejamos o que vamos encontrar na plataforma petrolífera.

– O que vamos *encontrar* são certamente mais inimigos – acrescentou Bernard e apontou para o recetáculo escondido e atado à coxa de Rhun. – Nós próprios devemos beber, para restaurar as nossas forças ao máximo.

Rhun sabia que Bernard estava certo, mas odiava sofrer penitência diante de outros, sabendo que frequentemente o deixava em lágrimas e confuso. Não desejava exhibir tal fraqueza.

Contudo, sabia que tinha de o fazer.

Enquanto Rhun desprendia o seu frasco sagrado, Bernard ergueu o seu e bebeu sofregamente, imperturbavelmente. Bernard parecia em paz com os seus pecados. Sofria a sua penitência e permanecia sempre calmo, momentos depois.

Rhun rezou pelo mesmo naquele dia, enquanto levava o recetáculo aos lábios e o bebia até ao fim.

O cemitério ganhou forma à volta de Rhun, enquanto jazia de costas sobre a sepultura da irmã. A besta estava deitada sobre ele, os membros de ambos entrelaçados como amantes. O sangue do monstro enchia-lhe a boca.

Rhun viera à campa da irmã naquela noite para chorar a sua partida, acabando por ser atacado por aquela besta, um monstro que usava calções de bom corte e uma túnica de pele tachonada. As presas tinham penetrado a garganta de Rhun, drenando o seu sangue para a boca faminta do outro. Mas em vez de o deixar morrer, o atacante oferecera a Rhun o pulso, golpeado, vertendo o sangue negro da besta.

Ele resistira, até que o sangue frio e aveludado se tornou fogo na sua língua.

Penetrou-a a beatitude e, com ela, a fome.

Agora, bebia sofregamente daquela fonte carmesim, sabendo que era pecado, sabendo que o prazer que lhe pulsava por cada membro do corpo o condenaria para toda a eternidade. E, contudo, não conseguia parar. Ansiava por ficar preso no abraço daquele homem para sempre, afogando-se em êxtase a cada gole ardente.

Depois, o seu crânio esmagou-se contra a lápide da irmã. Viu a besta ser arrancada dele. Rhun gemeu, estendo as mãos para ele de novo, querendo mais do seu sangue.

Quatro sacerdotes afastaram o monstro do corpo agonizante de Rhun. As suas cruzes peitorais de prata cintilavam sob o luar gélido.

– Foge! – gritou a besta, tentando alertá-lo.

Mas como podia ele abandonar tal fonte de ventura e sangue?

Os seus braços continuaram estendidos, tentando alcançar o outro.

Uma lâmina argêntea reluziu pela garganta da besta. Sangue escuro brotou do golpe, manchando-lhe a bela camisa branca, conspurcando-lhe a túnica de couro.

– Não! – Rhun lutou por se levantar.

Os quatro padres lançaram o corpo do homem ao chão. Rhun ouviu-o bater nas folhas dispersas e soube, sem saber como, que o homem partira para sempre. As lágrimas subiram-lhe aos olhos, perante a perda de tal êxtase.

Os sacerdotes sentaram Rhun e forçaram-lhe os braços para trás das costas. Rhun debateu-se com a ferocidade de um lince encurralado, mas eles aprisionaram-no com uma força implacável, que não pôde igualar.

Contorceu-se, os seus dentes afiados procurando-lhes o pescoço.

O seu corpo ansiava por sangue, qualquer sangue.

Levaram-no pela noite, sem uma palavra. Mas em todo esse silêncio, Rhun ouviu mais do que alguma vez ouvira na vida. Ouviu cada folha esmagar-se sob as suas botas, o suave ruído de asas de coruja sobre a cabeça, a corrida precipitada de um rato para dentro da sua toca. A mente de Rhun esforçava-se por entendê-lo. Podia mesmo ouvir o pulsar de coração dos pequenos animais: o do rato, rápido e assustado, o da coruja, mais lento e determinado.

Contudo, quando voltava os sentidos para os sacerdotes à sua volta, não ouvia nada.

Apenas um aterrador silêncio.

Estaria tão apartado da graça de Deus que não podia ouvir pulsares santificados, apenas os dos animais sem alma na Terra?

Desesperando com o seu destino, tornou-se inerte nas mãos dos padres. Os seus lábios pronunciavam preces angustiadas. Contudo, durante todo esse tempo, só queria rasgar as gargantas desses padres e banhar o rosto no seu sangue. As preces nada fizeram para aquietar a sua sede de sangue. Os seus dentes continuavam a vibrar de anseio.

O desejo inflamava-o, mais ardente do que alguma vez o sentira, mais intenso do que o amor pela família, mesmo do que o amor por Deus.

Os sacerdotes levaram-no de volta ao mosteiro, de onde momentos antes saíra como inocente, como seminarista prestes a fazer os seus votos sagrados. Detiveram-se diante de uma parede limpa e nua, que se transformou numa porta. Durante os seus anos ali, nunca soubera da sua existência.

Soubera tão pouco de tudo.

Os sacerdotes levaram-no para baixo, onde uma figura familiar se sentava a uma mesa, segurando uma pena de escrever: o padre Bernard, o seu mentor, o seu conselheiro em todas as coisas. Parecia que as lições de Rhun ainda não tinham terminado.

– Trazemo-lo à sua presença, padre – disse o sacerdote que lhe segurava o braço direito. – Ele foi atacado no cemitério, mas não provou outro sangue.

– Deixem-no comigo.

O mesmo sacerdote recusou.

– Encontra-se num estado perigoso.

– Sei disso tanto quanto você. – Bernard ergueu-se da mesa. – Deixem-nos.

– Como queira.

O sacerdote soltou o braço de Rhun, deixando-o tombar sobre o chão de pedra, e afastou-se, arrastando os irmãos de hábito consigo. Rhun ficou aí um longo momento, respirando os odores da pedra, do bafio e de passos antigos.

Bernard permaneceu em silêncio.

Rhun escondia o rosto do seu mentor. Amava Bernard, mais do que alguma vez amara o seu próprio pai. O sacerdote ensinara-lhe sobre sabedoria, bondade e fé. Bernard era o homem que Rhun sempre aspirara vir a ser.

Mas naquele momento, tudo o que Rhun sabia era que tinha de satisfazer a sua sede ou de morrer a tentar. De um salto, encurtou o espaço que os separava, derrubando-os a ambos.

Bernard ficou debaixo dele, o seu corpo estranhamente frio.

Rhun lançou-se-lhe ao pescoço, mas a presa moveu-se com uma velocidade sobrenatural, esquivando-se do aperto de Rhun e levantando-se ao seu lado. Como podia ser tão ágil?

– Cuidado, meu filho. – A voz rica de Bernard era calma e firme. – A fé é o teu dom mais valioso.

Um silvo irrompeu nas profundezas da garganta de Rhun. A fé não significava nada, agora. Só o sangue importava.

Saltou de novo.

Bernard agarrou-o e deitou-o ao chão. Rhun debateu-se, mas o homem mais velho prendia-o contra os ladrilhos, mostrando-se bem mais forte, mais forte do que a besta que o transformara, mais forte do que os padres que o tinham carregado.

O padre Bernard era duro como a pedra.

Seria aquela força prova do poder de Deus contra o mal dentro de Rhun?

Mas o seu corpo rebelava-se contra tais pensamentos. Por toda a longa noite, Rhun continuou a debater-se com aquele padre, recusando-se a

escutar, tentando sempre aceder a uma golfada do seu precioso sangue.

O velho homem não se deixava vencer.

Finalmente, o corpo de Rhun perdeu as forças – mas não da exaustão.

– Sentes a aproximação da madrugada – explicou Bernard, segurando-o, prendendo-o. – A menos que aceites o amor de Cristo, enfraquecerás sempre pela manhã, assim como morrerás se a luz pura do sol incidir sobre ti.

Um grande cansaço alastrou por dentro de Rhun, oprimindo-lhe os membros.

– Tens de me ouvir, meu filho. Podes ver o teu novo estado como uma maldição, mas é uma bênção para ti. Para o mundo.

Rhun escarneceu.

– Tornei-me uma besta ímpia. Anseio pelo mal. Não é bênção nenhuma.

– Podes tornar-te mais do que és.

A voz de Bernard encerrava pura certeza.

– Não desejo mais do que beber o seu sangue, matá-lo – alertou Rhun, enquanto a sua força refluía ainda mais. Agora, mal conseguia erguer a cabeça.

– Sei como te sentes, meu filho.

Bernard afrouxou, por fim, o aperto e Rhun deslizou para o chão.

Sobre as mãos e joelhos, como um cão, Rhun murmurava aos ladrilhos.

– Não pode saber deste desejo irreprimível que me percorre. É um padre. Este mal está fora do seu alcance.

Bernard abanou a cabeça, chamando a atenção de Rhun. O seu cabelo branco refulgia à luz da vela moribunda.

– Eu sou como tu.

Rhun fechou os olhos, descrente. Sentia-se tão cansado.

Bernard sacudiu Rhun, até ele abrir de novo os olhos. O velho sacerdote puxou o rosto de Rhun para o seu, como se o fosse beijar. Bernard abriu os lábios, convidativos, mas longas presas afiadas encararam Rhun.

Rhun fitou assombrado o seu mentor, um homem que conhecera durante anos, um homem que nunca fora um homem, mas uma besta.

– Senti a fome que sentes, meu filho. – A voz profunda de Bernard encheu Rhun de calma. – Satisfiz apetites perversos.

Rhun esforçava-se por compreender.

O padre Bernard era bom. Ele levava consolo aos doentes e moribundos. Ele levava esperança aos vivos. Sem ele, a maioria dos sacerdotes naquele mosteiro nunca teria encontrado o seu caminho para Deus.

– Há um caminho para nós – disse Bernard. – É o caminho mais difícil que um padre pode seguir, mas podemos fazer o bem, podemos servir a Igreja de formas que não são possíveis para outros. Deus não nos abandonou. Também nós podemos viver na Sua graça.

Com aquelas palavras, Rhun caiu num poço de sono profundo, deixando aquela persistente esperança domar a sua sede de sangue e oferecer-lhe salvação.

Rhun despertou da sua penitência, encontrando o cardeal debruçado sobre ele, aqueles profundos olhos castanhos irradiando o mesmo amor e preocupação.

Bernard salvara-o nessa altura.

Contudo, Rhun conhecia agora a infelicidade que se seguira a esse ato de misericórdia, recordando o olhar de Elizabeta, o seu sorriso astuto, as mortes e o sofrimento que ficaram no seu rasto.

Talvez o mundo tivesse sido mais bem servido se Bernard o tivesse deixado morrer.

CAPÍTULO 40

20 de dezembro, 06h07, CET

Próximo de Nápoles, Itália

Elizabeta abraçava Tommy ao seu lado, sentindo-o estremecer a intervalos, provavelmente ainda visualizando o fogo e as explosões. Ela nunca presenciara tal batalha: dois adversários voando como falcões, o fumo sibilando para fora de canhões impossíveis na proa, estrondos que abalavam o próprio ar. O combate extasiara-a, impressionara-a, mas aterrorizara o rapaz.

Ele encostou-se ao ombro dela, procurando conforto.

Recordou o outro veículo a explodir e rolar sobre o mar, afundando-se como um navio naufragado. Imaginou Rhun desfeito em pedaços, mas estranhamente não achou satisfação nessa visão, apenas desilusão.

“Ele devia ter morrido às minhas mãos.”

Também não podia negar uma sensação de vazio pela sua perda. Explorava agora esse vazio, sabendo que não era dor, pelo menos não inteiramente. Era mais uma sensação de que o mundo era estéril sem ele. Rhun sempre preencheria a sua vida, mesmo no castelo, antes de ela ser convertida – com as suas frequentes visitas, as suas longas conversas, os seus longos silêncios fecundos. Depois daquela noite sangrenta, ele continuou a defini-la, tendo gerado a sua nova existência. E, desde então, sempre atormentara a sua sombra – até naquele mundo moderno.

Agora, ele tinha simplesmente desaparecido.

– Estamos quase lá – anunciou Iscariotes, gesticulando para o ecrã diante deles.

Ela concentrou a atenção em frente. O ecrã mostrava uma linha de costa escura, semeada de luzes brilhantes. Mais longe, a leste, notou que os céus começavam a empalidecer com a aproximação da madrugada. Ela sentia esse aproximar na lassitude que a oprimia, fazendo-a sentir-se mole.

O aparelho desviou-se subitamente da massa de luzes que assinalava a cidade de Nápoles. Virou em direção a uma extensão de costa sombria, encimada por um monte elevado, com uma esguia praia de areia na base. A crista do monte era escavada, assinalando-o como um dos muitos velhos vulcões que pontilhavam aquela região do sul da Itália, mas há muito que as suas encostas se tinham coberto de floresta densa, abrigando lagos profundos.

– Onde estamos? – perguntou Tommy, movendo-se ao seu lado.

– Cumas – respondeu Elizabeta, fitando Iscariotes para lá da cabeça do rapaz.

– Vamos visitar um velho amigo – acrescentou Iscariotes, ambigualmente.

Elizabeta tinha pouco interesse em alguém que Iscariotes considerasse *amigo*.

À medida que o aparelho se aproximava da costa, deslizou baixo sobre a praia de areia, agitando os grãos numa nuvem. Desceram de volta ao solo, com a areia a erguer-se em seu redor.

Sentiu Tommy retesar-se nos seus braços. Ele devia saber que o destino estava próximo, receando-o visivelmente. Ela recordou as instruções de Iscariotes, de que devia manter o rapaz calmo, ocupar-se dele.

Fortaleceu o seu abraço em torno dos magros ombros do rapaz – não porque fosse o seu dever, mas porque ele precisava desse consolo.

Por fim, o aparelho embateu no solo. A areia desceu e aquietou-se, descerrando a vista sobre o oceano de um lado e a encosta íngreme, do

outro.

Iscariotes abriu a sua porta, deixando entrar o odor a sal e a óleo queimado.

Saíram todos.

Quando os pés de Elizabeta tocaram a areia, um outro odor impressionou-lhe os sentidos apurados.

Um bafo a enxofre.

Encarou os penhascos costeiros daquele antigo vulcão, sabendo o que se escondia bem nas suas profundezas, guardado por uma provecta sibila.

A entrada para o *Hades*.

Ao lado dela, Tommy olhava, entorpecido, para lá do mar obscuro, provavelmente imaginando as mortes atrás ocorridas e interrogando-se sobre o seu próprio destino. Ela pegou-lhe na mão e apertou-lhe os dedos de forma tranquilizadora. Desempenharia o seu papel conforme ordenado, até poder escapar.

Quando Elizabeta voltou o seu próprio olhar para além daquelas águas desabitadas, foi de novo atingida pelo vazio da perda. E não apenas de Rhun. Pensou nos seus bens, nos seus filhos, na sua família. Tudo desaparecido.

“Estou só neste mundo.”

Tommy encostou-se a ela. Ela apertou-o, por sua vez. Ele fitou-a, o luar refletido nos seus olhos, um olhar repleto de medo, mas também de gratidão por ela estar presente.

Ele precisava dela.

“E eu preciso de ti” – percebeu ela, repentinamente.

Iscariotes juntou-se a eles, avançando por entre um esvoaçar de asas cor de esmeralda, as traças libertadas de um porão na lateral da aeronave. Ela recusou deixar-se intimidar pela ameaça implícita e manteve a postura altiva.

– Está na hora – disse e agarrou os ombros de Tommy.

Voltou o rapaz para encarar os penhascos – e o seu destino.

06h12

Erin segurava a cabeça pesada de Christian no seu colo, enquanto Jordan conduzia lentamente o barco adernado em direção à obscura doca da plataforma petrolífera. Estavam os três sozinhos no barco. Rhun e Bernard tinham deslizado para dentro de água, a cerca de cem metros de distância, nadando até à doca. De longe, ela vira um breve tumulto entre sombras, um grito estrangulado – depois, Rhun fizera sinais de luz indicando que era seguro prosseguir até à doca.

Jordan impeliu o barco para diante.

Os dois sanguinistas tinham deixado claro que ela e Jordan deveriam manter-se afastados até o caminho estar desimpedido. Os sentidos apurados de Rhun e Bernard detetariam e eliminariam quaisquer ameaças.

– Mantém-te em baixo – avisou Jordan, quando penetraram na sombra da plataforma em cima. Ele tinha uma mão no volante, a outra numa espingarda, a arma largada por um dos homens que Bernard eliminara antes. Ela baixou a cabeça sobre Christian, observando Jordan.

Os olhos de Jordan vigiavam cada tirante e passadiço em cima, claramente não confiando por completo nos sanguinistas para garantir a sua segurança. A imponência da maciça estrutura parecia pesar sobre eles. Bem no alto, brilhavam luzes elétricas, mas a área inferior estava em grande parte mergulhada na escuridão, um mundo sombrio de pilares de betão, escadas de aço e um labirinto de rampas e pontes.

O *Zodiac* ultrapassou lentamente o vulto de um imenso hidrofólio de luxo, atracado num ancoradouro vizinho.

Jordan examinou-o atentamente – e talvez com alguma inveja.

– O tipo trata-se bem – murmurou, numa débil tentativa de leviandade.

Ela esboçou um breve sorriso, para lhe mostrar que tinha apreciado o gesto. Ele vigiou atentamente por mais uns longos minutos, depois fez-lhe sinal para se levantar.

Erin endireitou-se. Soube-lhe bem o vento salgado contra o rosto.

Jordan saltou para fora, colocando a arma ao ombro e amarrando rapidamente o barco. Depois acocorou-se junto dela no barco. Deviam aguardar pelo regresso de Rhun e Bernard.

Não demorou muito.

Uma sombra desprendeu-se de cima e aterrou silenciosamente no piso de aço da doca. Rhun juntou-se a eles, seguido instantes mais tarde por Bernard. Ambos tinham facas desembainhadas e sangrentas. Erin perguntou-se quantos homens teriam matado nessa noite.

Bernard guardou a sua lâmina e ajudou Erin a içar rapidamente Christian para fora do barco, e depois o cardeal carregou o corpo sozinho.

– O caminho até lá acima deve estar desimpedido – disse Rhun. – Mas temos de estar atentos ao chegarmos à estrutura no topo.

Conduziu-os a uma longa escada de metal, espiralada em torno de um pilar de betão próximo, em direção à plataforma lá em cima. Uma vez nas escadas, Rhun passou a Jordan uma pistola automática. Devia tê-la confiscado a um dos guardas.

Jordan voltou a colocar a espingarda ao ombro e empunhou a arma mais ágil.

– Não dispare a menos que seja necessário – aconselhou Rhun. – A minha lâmina é mais silenciosa.

Ele assentiu, como se falassem de tacos de golfe.

Enquanto subiam cada vez mais alto, Erin concentrava-se em agarrar firmemente o frio e escorregadio corrimão de metal. Os ventos atacavam-na com rajadas súbitas. Deparou-se com um patamar manchado de sangue

e contornou cuidadosamente a mácula, procurando não imaginar a carnificina.

À sua frente, as botas de Jordan subiam com mais confiança. Atrás dela, o cardeal não parecia ter dificuldade em trepar, carregando Christian ao ombro.

Rhun desaparecera de novo mais adiante, mas a sua presença era evidente. Ela ouviu um baque surdo, algures acima da sua cabeça. Momentos depois, chegaram ao topo das serpenteantes escadas. As luzes elétricas pareciam demasiado intensas e gélidas, depois das sombras lá em baixo.

Rhun estava sobre o corpo de mais um guarda.

Jordan reuniu-se a ele, agachado, de pistola em riste.

Erin acotovelava-se com Bernard no topo das escadas, enquanto os outros dois faziam uma rápida prospeção da área imediata. Àquela altura, os ventos esmagavam-se contra ela, chicoteando-lhe o cabelo, mordendo-lhe o blusão de pele.

Por fim, Rhun e Jordan voltaram.

– O lugar está deserto – disse Jordan. – Devem manter aqui apenas um mínimo de pessoal.

Rhun apontou a superestrutura no alto.

– Há ali uma porta.

Cruzaram rapidamente, em grupo, o espaço aberto. A estrutura diante deles parecia uma réplica de um castelo de proa de veleiro antigo, com as suas janelas altas, cordames falsos e até mesmo o gurupés com uma figura de proa. Assemelhava-se a um navio irrompendo de um mar de aço.

Rhun conduziu-os a uma porta. Abriu-a com um rangido, revelando um longo corredor. Apressou-os a transpor o limiar, fechando a porta atrás de si, mas reteve-os à entrada.

Ergueu uma mão e trocou um olhar significativo com Bernard. Erin conjecturou que deviam ter ouvido algo, possivelmente um batimento

cardíaco ou algum sinal de vida. Com um acenar de cabeça de Bernard, Rhun precipitou-se para diante como um cão solto sobre uma raposa. Desapareceu nas sombras. Ao longe, uma porta fechou-se com força, acompanhada de um estrondo do que pareciam ser tachos e painéis.

Rhun regressou um momento depois, deslizando da escuridão e fazendo-lhes sinal para avançarem.

Jordan olhou Rhun intensamente.

– Um cozinheiro. – Rhun ergueu o braço, revelando uma esverdeada garrafa de vinho. – E encontrei isto.

Bernard tomou-o rapidamente.

Erin sabia que o vinho podia ser consagrado e usado para ajudar Christian a sarar. Esperou que fosse suficiente.

– Não ouço mais nada – disse Rhun. – Nem um arrastar de pés, respirar ou pulsar.

Bernard concordou.

– Acho que estamos sozinhos.

– De qualquer forma, é melhor termos cuidado – alertou Jordan.

Enquanto avançavam pelo corredor, Erin percebeu o significado da ausência de qualquer presença viva.

– Isso significa que o Tommy não está aqui?

“Ou Iscariotes ou Elizabeth.”

Recordou o helicóptero que os atacara.

Estariam eles a bordo? Se sim, para onde se dirigiam?

– Temos de procurar minuciosamente, para termos a certeza – observou Rhun. – E se não estiverem aqui, temos de tentar descobrir para onde foram.

– E porque Judas arrebatou o Primeiro Anjo, antes de mais – acrescentou Bernard, ajustando o peso de Christian no seu ombro. – Em que é que o rapaz faz parte do seu plano?

“O plano do Armagedão” – recordou-se Erin.

A passagem terminava num imenso salão, delineado por estantes de livros de ambos os lados, com janelas arqueadas sobre o mar lá em baixo. Uma impressionante roda de leme erguia-se diante das janelas. Pelos expositores contendo antigos objetos náuticos, parecia um museu.

Rhun cruzou o espaço até à enorme lareira disposta entre as estantes, estendendo a mão.

– Ainda está quente.

– O chefe saiu claramente à pressa – comentou Jordan. – Devia estar naquele outro helicóptero.

“Mas porquê?”

– Vou tratar do Christian aqui – disse Bernard, carregando o corpo para junto da lareira e depositando-o num sofá. – Vejam o que conseguem descobrir.

Erin já estava em movimento, vislumbrando um par de portas de elevador à direita, emolduradas por um ornado gradeamento de bronze. Outras portas fechadas alinhavam-se pelas paredes, provavelmente conduzindo a um labirinto de quartos e corredores. Ignorando-as, avançou até à roda do leme. Esta marcava o posto simbólico do capitão daquele navio encerrado em aço. As altaneiras janelas ofereciam uma vista dominante sobre o mar, viradas a leste, na direção da costa distante, onde as estrelas tinham começado a desvanecer-se com a aproximação do novo dia.

Sentindo o tempo a esgotar-se, olhou para a direita, para a porta mais próxima. Talvez o capitão conservasse os seus espaços mais valiosos perto do seu posto de comando.

Dirigiu-se a essa porta e encontrou-a trancada.

Jordan notou a sua frustração, enquanto lutava para a abrir.

– Com licença – disse Jordan. – Eu tenho uma chave.

Ela voltou-se para ele.

“Como...?”

Ele baixou a espingarda, apontou à fechadura e disparou.

A detonação fê-la saltar, mas o resultado arrancou-lhe um sorriso. A fechadura foi rebentada, deixando um buraco na porta.

Abriu-a facilmente, revelando um escritório privado forrado a lambris de nogueira num requintado estilo vitoriano, com um mural botânico intrincadamente pintado na parede, representando realistas flores, folhas e tortuosas trepadeiras, misturadas com borboletas e abelhas. Parecia menos decorativo do que educativo, como algo que se encontraria num texto renascentista sobre Botânica.

Erin foi direta à imensa secretária, uma peça sólida com pernas trabalhadas e um tampo de couro juncado de papéis.

Jordan seguiu-a.

Rhun aproximou-se do limiar, atraído pela comoção.

– Cuidado – avisou ele. – Não sabemos...

Subitamente, as delicadas pinturas na parede ganharam vida. As folhas desprenderam-se dos ramos, as flores libertaram-se girando dos caules, uma dispersão de borboletas e abelhas saiu da parede.

Todo o motivo era uma colagem mortal.

Encheu o ar num atordoante caleidoscópio de movimento e cor.

E investiu sobre Rhun.

CAPÍTULO 41

20 de dezembro, 06h38, CET

Mar Mediterrâneo

Jordan transpôs os poucos passos que o separavam de Rhun e empurrou-o porta fora, pondo-lhe uma mão sobre o peito. Apanhado de surpresa, o sacerdote tropeçou para trás e estatelou-se no chão, na sala contígua.

Jordan bateu-lhe a porta na cara, com um certo grau de satisfação.

– Fique aí fora! – gritou pela porta. Agarrou num guarda-chuva de um bengaleiro à mão e enfiou a ponta pelo buraco que abrira na fechadura, fechando a nuvem atacante no interior, consigo e com Erin. – Eu trato de livrar o lugar destes sacanas! Até lá, mantenha-se ao largo, padre!

Jordan virou costas, imaginando que Rhun não estaria feliz.

“Azar.”

Uma pétala de flor flutuou até à sua face – picando-o, penetrando-lhe o canto do lábio. Agarrou-a, esmagou-a entre os dedos e lançou-a ao chão.

Como que enfurecidas por esse ataque, mais das criaturas lançaram-se sobre ele, ferrões de prata penetrando toda a pele exposta: face, mãos, pescoço. Bateu-se contra elas, vendo Erin debaixo de ataque também. Avançou na direção dela por entre aquela nuvem, fazendo o possível por proteger os olhos. Embora as criaturas não fossem tóxicas para os humanos, ele e Erin podiam ser cegados pelas suas picadas.

Erin estava agachada ao lado da enorme mesa antiga e esmagava o ar em redor com um arquivador tirado da mesa. Ele ouviu uma litania de

imprecações e viu os pontos de sangue gotejando de inúmeras picadas nos seus braços e rosto.

Ela deu uma palmada na garganta e uma borboleta caiu esborrachada no chão.

Seguindo-lhe o exemplo, ele despiu o casaco e bateu o ar com ele. Juntou-se a ela, usando o blusão como um toureiro contra um milhar de touros enraivecidos. Chicoteando com fúria, libertou algum espaço à volta dela.

Contudo, ela puxou a gola do blusão sobre a cabeça e formou uma tenda à sua volta. Inclinou-se, espalhando os papéis sob as mãos, claramente à procura de alguma pista sobre o paradeiro dos outros.

Ele espreitou sobre o ombro dela. Os papéis pareciam escritos numa centena de línguas, muitas delas antigas.

– Agarra em tudo! – sugeriu ele. – Podemos examiná-los depois!

– Não até neutralizarmos esta ameaça. Se alguma destas coisas nos escapar, irá direita a Rhun, Bernard ou Christian.

Jordan sabia que ela tinha razão. Os autómatos pareciam sintonizados para atacar *strigoi*. Momentos atrás, Erin não despoletara a armadilha ao entrar. Mesmo a detonação da espingarda não os despertara. Foi só quando Rhun cruzou o limiar, que ganharam vida.

– Vejamos se consigo reduzir um pouco esta carga – disse ele. – Continua a procurar.

Ele inverteu a tática. Em vez de usar o casaco para afastar a ameaça, usou toda a extensão deste como uma imensa rede. Lançou-o, retirando do ar quantidades significativas da horda esvoaçante. Atirou-os ao chão e esmagou-os com as botas.

Erin gritou-lhe, enquanto ele labutava.

– A maior parte destes papéis tem o logótipo da mesma empresa. A Argentum Corporation.

Jordan reconheceu o nome.

– Um grande consórcio! – gritou-lhe ele. – Faz todo o tipo de coisas, incluindo fabrico de armas. Parece o tipo de negócio em que alguém como Judas se envolveria.

Prosseguiu o seu ataque perseverante. Abafou, bateu e esmagou dessa forma por todo o compartimento, até o ar começar a ficar desimpedido. Depois, a caça tornou-se mais focada, apanhando criaturas isoladas no ar, com um golpe de casaco.

Rhun chamou do outro lado da porta.

– Como está a correr?

– Estou a terminar as limpezas!

Erin acenou-lhe.

– Jordan, vê isto.

Ele juntou-se a ela, limpando um rasto de sangue dos olhos. Ela apontava para uma parte da correspondência da Argentum Corporation: um envelope cinzento-prateado com um logótipo gravado no canto, representando uma antiga âncora.



– Estou sempre a encontrar estas âncoras por todo o lado – disse Erin. – E lembras-te da mensagem que Rasputine enviou a Rhun, aquela que o alertava de que o símbolo da âncora estava ligado a Judas?

– Pois, o tipo tem claramente um fetiche náutico.

– Não é *náutico*. É *cristão*. – Ela traçou a cruz que formava o centro da âncora. – É uma *crux dissimulata*. Os antigos cristãos usavam-na como

símbolo secreto, no tempo em que eram perseguidos pela sua fé e seria demasiado perigoso representar claramente a cruz.

Jordan esmagou uma pequena abelha de bronze e prata.

– Deve ter sido por isso que escolheu o símbolo para o logótipo da sua Argentum Corporation.

– Ele ainda ama Cristo – observou Erin. – E com esta imortalidade, nunca conseguirá escapar à sua culpa. Não admira que se esforce tanto por fazê-Lo regressar.

– Mas como? – questionou Jordan.

Ela afastou os papéis.

– Não há nada aqui, além de dados financeiros da empresa e correspondência banal. Nada aponta para o seu plano. Mas deve haver algo aqui. Algures nesta divisão.

– Ele não deixaria algo assim, em plena vista. Tê-lo-ia escondido. – Jordan apontou as gavetas da secretária. – Procura num lugar fechado, escondido.

Com apenas alguns atacantes ainda no ar, Jordan inspecionou as paredes, retirando os quadros emoldurados.

– Nada nas gavetas! – gritou-lhe Erin.

Jordan chegou a um retrato emoldurado a ouro, de aspeto antigo. Um olhar mais atento ao sujeito retratado revelou-lhe ser Iscariotes, pouco diferente da atualidade, mas envergando roupas renascentistas, com o braço em torno de uma mulher de tez escura, num vestido sumptuoso. As mãos desta seguravam uma pequena máscara veneziana.

Quando o tentou retirar, descobriu que estava *preso* à parede.

O sorriso de Jordan igualou o de Judas no retrato.

Pressionou-o, revelando a face de um moderno cofre digital.

– Erin!

Ela olhou para cima, arregalando os olhos.

– Só pode ser isso!

– Vejamos se o consigo abrir.

– Acho que atingi-lo com a espingarda não vai ajudar desta vez.

Jordan esfregou as pontas dos dedos e soprou-lhes.

– Basta um pouco de prática de assalto a cofres.

Ela olhou-o duvidosa.

– Sempre cética, doutora Granger.

Jordan tirou a lanterna do bolso e fez incidir o feixe pelos números do teclado branco, inclinando-a para trás e para diante, iluminando-os de diferentes ângulos.

– Consigo abrir isto em seis tentativas.

– A sério? Como?

– Ciência – respondeu ele. – Assaltar este cofre vai ser uma questão de ciência.

Ela ergueu uma sobrancelha.

– Observa atentamente os números. – Ele fez incidir, de novo, a lanterna sobre o teclado digital. – Vês o pó colorido em algumas das teclas?

Ela inclinou-se para diante.

– O que é?

Ele ergueu a sua mão livre, também coberta das mesmas partículas cintilantes.

– O tipo tem um passatempo que o apaixona. Provavelmente, mexe e remexe nas suas criações com frequência. E esquece-se de lavar as mãos quando está com pressa.

– Faz sentido – concordou Erin.

– O tipo é um arrogante, confiante na sua segurança. Prime os mesmos números, vezes sem conta. Mas também claramente paranoico. Duvido que deixe a criada limpar o cofre secreto.

Jordan apontou para o número sete.

– Essa é a tecla que tem mais pó, por isso aposto que é o primeiro número.

– E os outros três?

– Se vires com atenção, notarás a presença de pó nos números nove, três e cinco.

Ela inclinou-se para observar. Ele gostava de a sentir perto e também gostava de parecer inteligente, para variar.

– Pronto. – Agora precisava de um pouco de sorte. – Se não houver números repetidos e o código for de apenas quatro dígitos, começando pelo número sete, isso deixa-me apenas seis variações possíveis.

– Astuto – reconheceu Erin.

Ele tocou a testa.

– É lógica.

E, conforme esperava, *sorte*.

Introduziu as várias combinações, começando com 7935. Nada. À terceira tentativa, a luz no mostrador do cofre alterou-se de vermelho para verde.

Ele deu um passo atrás, dando as honras a Erin.

Ela agarrou o manípulo, rodou-o e a porta abriu-se.

Jordan espreitou sobre o ombro dela.

– Mais papéis.

Uma pilha ocupava o espaço, encimada por um tosco pisa-papéis de vidro.

Erin pegou-lhe, erguendo o pedaço de vidro à luz da lanterna. Suspensa no centro do cristal, estava uma folha acastanhada.

– Tem algo escrito – disse ela. – Em aramaico herodiano.

– Consegues traduzir?

Ela assentiu, semicerrando os olhos, virando o pedaço de vidro em vários ângulos. Finalmente, suspirou e proferiu as palavras aí inscritas:

– ***«Depois de as Suas palavras, escritas a sangue, serem retiradas da prisão de pedra, aquele que O levou deste mundo, intervirá para O trazer***

de volta, desencadeando uma era de fogo e sangue, lançando um pano mortuário sobre a Terra e todas as suas criaturas.»

Erin voltou o rosto para Jordan, a sua voz ressequida e sufocada pelo medo.

– Foi aqui que Judas encontrou o seu desígnio. O seu plano não foi gizado do nada. Trata-se de uma profecia.

– Porque dizes isso?

– A folha. É claramente antiga, preservada no cristal para a proteger. Dizia-se que os antigos áugures do passado registavam as suas visões em folhas.

– Então, o que quer isso dizer? Que está destinado a acontecer? Que não podemos fazer nada?

– Não, e por isso esses áugures as inscreviam em *folhas*. Uma evocação de que o destino não está escrito na *pedra*. Mas Judas, cego pela culpa, certamente, ter-se-á aferrado a essa profecia como sendo o seu desígnio supremo.

– Mas continuamos sem saber o que ele planeia – recordou-lhe Jordan.

Ela assentiu e retirou a primeira folha da pilha de papéis.

Jordan notou que a página envelhecida estava, igualmente, maculada de partículas de esmeralda, púrpura e carmesim, provando ser manuseada com frequência, talvez recentemente.

Erin retesou-se, incapaz de falar.

– O que foi? – indagou ele.

Em resposta, ela estendeu-lhe a página, revelando o que aí estava representado.



CAPÍTULO 42

20 de dezembro, 06h48, CET
Cumas, Itália

Tommy estacou no limiar do obscuro túnel na face do penhasco, recusando-se a entrar. O ténue fedor a ovos apodrecidos emanava da escuridão, como um mau hálito. Atrás de si, estendia-se a macia e melíflua areia da praia. Lá no alto, o céu estava escuro, cintilando de estrelas e umas poucas nuvens levemente argênteas, aclarado com a promessa da manhã.

Um vento frio penetrava-lhe o cabelo, mas não conseguia dissimular o odor do sal e das algas do mar.

“Não quero entrar aí.”

Uma traça alada cor de esmeralda estava pousada num dos brutamontes, tremulando as asas na sua direção. Elizabeta estava junto aos seus ombros, de olhos postos noutras traças vogando ao vento, os seus movimentos delicados dissimulando a ameaça.

Um dos homens de confiança de Iscariotes dobrou o vulto, ultrapassando Tommy, e entrou no túnel, acendendo uma lanterna. Paredes vulcânicas negras, matizadas de ocre, estendiam-se para lá do alcance do feixe de luz.

A palma de uma mão empurrou-lhe o meio das costas, não lhe permitindo outra escolha.

– Segue o Henrik – ordenou Iscariotes.

Elizabeta pegou-lhe firmemente na mão.

– Vamos juntos.

Tommy inspirou fundo para se acalmar, assentiu e deu um passo em frente, depois outro. Era como se ultrapassavam os tempos difíceis: *seguindo em frente*.

Atrás dele, Iscariotes falou ao *strigoi* que pilotara o helicóptero.

– Os outros que estejam atentos. Eles que vigiem os túneis atrás de nós. Não devemos ser perturbados.

Com essa ordem final, Iscariotes prosseguiu, com o segundo guarda-costas no seu encalço. Tommy apercebeu-se de que nunca soubera o nome desse outro, não que isso provavelmente importasse. Pressentia que não voltaria a ver o céu.

Uma vez a uma distância razoável dentro do estreito túnel, Elizabeta retirou o véu e as luvas e puxou para trás o capuz do seu manto. Uma das traças flutuou-lhe para o cabelo, enleando as suas minúsculas patas por um instante, depois afastou-se de novo.

Ela não pareceu importar-se.

Mas Tommy importava-se, reconhecendo a ameaça implícita do captor.

Para se acalmar e distrair, contou as traças, observando as subtis diferenças entre elas. Algumas eram mais pequenas, uma tinha uma longa cauda, uma outra tinha partículas de ouro fundidas com o tom de esmeralda.

“... nove, dez... onze...”

Havia provavelmente uma dúzia, embora não encontrasse a última para chegar a esse número certo.

Elizabeta fazia correr os dedos pela parede, os seus olhos estudando as passagens laterais que entrecruzavam o caminho seguido e as cavernas cegas que se abriam, a intervalos. Era um labirinto subterrâneo. Tommy lera sobre o mito de Teseu na escola, sobre o seu duelo contra o Minotauro no labirinto de Creta.

“*Que monstros se esconderiam ali?*”

Elizabeta devia estar a pensar numa história diferente. Ela fitou Iscariotes, mais atrás.

– Na «*Eneida*» de Virgílio, o herói Eneias vem a Cumas e fala com a sibila, que o conduz ao mundo dos mortos. O caminho por onde seguimos, agora, assemelha-se bastante ao descrito nesse livro.

Iscariotes moveu o braço num gesto circular, como que abarcando todo o monte vulcânico.

– Ele cita, igualmente, uma centena de caminhos em direção a esse poço, o que tendo em conta este monte picado e escavado e túneis, é provavelmente verdade.

Ela encolheu os ombros, mudando de tom como se declamasse um poema:

– «*Suave é a descida até ao Inferno; toda a noite, todo o dia, as portas do escuro Hades estão abertas; mas para refazer esse caminho, para voltar ao doce ar do Céu, impõe-se uma luta, impõe-se um fardo.*»

Iscariotes bateu palmas.

– É verdadeiramente a Mulher Sábia.

Apesar do elogio, a inquietação ensombrava os olhos argênteos de Elizabeta. Uma cintilante traça cinzento-esverdeada pousou de novo no seu cabelo negro e Tommy estendeu a mão para a afastar.

– Não – advertiu ela. – Deixa-a estar.

Ele retirou a mão.

Enquanto continuavam, cada vez mais fundo, a ramificação de túneis diminuiu, até alcançarem uma longa passagem íngreme, tão empestada de enxofre que Tommy teve de tapar a boca e respirar através da manga. A temperatura também aqueceu, as paredes tornaram-se húmidas. Tommy ouviu o eco de água a correr.

Por fim, a passagem terminou, desembocando num largo rio subterrâneo. Borbulhava e fumegava, uma fonte geotérmica quente. Os olhos de Tommy ardiam do enxofre, as suas faces queimavam do calor.

– Parece que chegámos ao rio Aqueronte... ou talvez ao Estige... ou outro dos inúmeros nomes na história do homem – comentou Elizabeta. – Mas, ao que parece, aqui não é necessário barqueiro.

– Efetivamente – confirmou Iscariotes.

Um arco de rocha transpunha o rio, conduzindo, do outro lado, a uma caverna escura.

Tommy fitou Elizabeta, subitamente aterrorizado com a perspectiva de atravessar. Os pelos dos braços arrepiaram-se, o coração martelando-lhe aos ouvidos.

Henrik agarrou-lhe bruscamente o braço na base da ponte, preparado para o arrastar para o outro lado, se necessário.

Elizabeta empurrou o corpulento homem para trás, como se fosse um mosquito.

– Não permitirei que o rapaz seja maltratado.

Os olhos de Henrik dardejaram de fúria, mas manteve-se recuado, ao obter um aceno de confirmação Iscariotes para obedecer.

Uma outra traça pousou em Elizabeta, desta vez no ombro, as suas asas roçando-lhe a orelha. Ela recusou reconhecê-lo, mas Tommy entendeu a mensagem.

“Ou atravesso ou ele mata Elizabeta.”

Engolindo o terror, Tommy encaminhou-se pela ponte, flanqueado de um lado por Henrik, do outro por Elizabeta. Deslocava-se lentamente pela ponte de pedra escorregadia do vapor, tossindo do enxofre, semicerrando os olhos do calor. Água negra, semelhante a petróleo, borbulhava e rebentava, revolta e agitada.

Elizabeta seguia ao seu lado, como se passeasse por um jardim, a postura ereta, o queixo erguido. Ele tentou emular-lhe a confiança, a fria elegância, sem conseguir. Assim que avistou o outro lado da ponte, apressou-se para diante, feliz por escapar ao rio ardente.

Por momentos, estava sozinho, todos os outros para trás, mesmo Henrik com a sua lanterna. À sua frente, o espaço negro como breu cheirava estranhamente a flores, o seu perfume penetrando o fedor sulfúreo.

Curioso, foi mais longe, querendo descobrir a fonte.

Henrik e os outros apanharam-no, finalmente. O corpulento homem dirigiu a sua lanterna para cima, revelando um teto arqueado de rocha vulcânica, densamente coberto de fuligem. As paredes continham diversos suportes de ferro segurando frescos feixes de junco. Alguém preparara o lugar.

– Acendam as tochas – ordenou Iscariotes.

Henrik e o comparsa começaram a incendiar os feixes embebidos em alcatrão, cada qual partindo numa direção, revelando gradualmente mais da vasta caverna. Outros túneis partiam dali.

Tommy recordou a descrição de Iscariotes dos cem caminhos para o Inferno.

No centro da câmara havia uma imponente pedra negra, ligeiramente enviesada mas polida, disposta como um olho negro a fitá-lo de volta. Tinha dificuldade em encará-la, pressentindo algo de *malévolo* nela.

O seu olhar deslizou para lá da pedra até ao lado mais distante, à medida que as últimas tochas eram incendiadas.

O que descobriu aí, atado a uma argola de ferro na parede, foi uma mulher envergando uma túnica branca. A sua pele era morena e macia, os ossos malares salientes. Longo cabelo negro derramava-se sobre os arredondados ombros desnudos. A luz das tochas refletia-se de um fragmento de metal, suspenso em torno do seu pescoço.

Ao contrário da pedra negra, os olhos de Tommy não se conseguiam desviar dela. Mesmo do outro lado da câmara, o olhar dela fixava-o, atraindo-o para mais perto, cativando-o, como um sussurrar do seu próprio nome pronunciado com todo o amor do mundo.

Iscariotes deteve-o, com um toque no ombro. Passou adiante de Tommy, para encarar a mulher do outro lado do fosso da câmara, mas a tristeza na sua voz fez o abismo soar mais infinito e impossível de transpor.

– Arella.

06h58

Judas estacou junto da pedra de altar, incapaz de se aproximar mais dela. Tinham passado séculos desde que a vira pela última vez em carne e osso. Por um instante, considerou esquecer tudo e correr para ela, implorando o seu perdão.

Ela ofereceu-lhe essa via, agora.

– Meu amor, ainda há tempo para impedir tudo isto.

Uma traça esvoaçou diante dos olhos dele, quebrando o poço de olhar escuro com asas de esmeralda. Ele recuou um passo.

– Não...

– Todos os séculos desperdiçados, em que podíamos ter estado juntos. Tudo para servir este obscuro destino.

– Depois do regresso de Cristo, podemos passar a *eternidade* juntos.

Ela fitou-o tristemente.

– Aconteça o que acontecer, nunca será assim. O que fazes está errado.

– Como pode ser? Nos séculos que se passaram, após a tua revelação do meu desígnio, recolhi pedaços e fragmentos de outras profecias para compreender o que devia fazer, como trazer ao mundo o Armagedão. Procurei áugures de todas as idades e cada um deles confirmou o meu destino. Contudo, só quando soube do rapaz, deste imortal tão semelhante, porém tão diferente de mim, recordei algo que *tu* me mostraste, meu amor.

Uma das primeiras predições, antes de fugires do meu lado. Eu tinha-o esquecido, considerara-o de pouca importância.

Ele voltou-se para o Primeiro Anjo.

– Depois, veio este rapaz prodigioso.

– Tu vês as sombras que eu lanço e pronuncia-las como reais – contrapôs ela. – Elas são apenas um caminho, uma sombra de possibilidade. Nada mais. São as tuas ações obscuras que lhes dão corpo, que as imbuem de significado e peso.

– Está certo que o faça, mesmo pela mais ínfima possibilidade de trazer Cristo de volta.

– No entanto, construístes tudo isso na tua mente apenas, baseando todos esses atos nas profecias que roubaste de mim. Como poderia algo de bom advir de tal quebra de confiança?

– Por outras palavras, um ato de traição. – Ele sorriu, quase vacilando com as primeiras palavras dela, mas agora libertado. – Pois eu sou o *Traidor*, não vês? O meu primeiro pecado levou ao perdão de *todos* os pecados, com a morte de Cristo na cruz. Agora, pecarei de novo para O trazer de volta.

Ela fraquejou contra a parede, desnudando as correntes que a prendiam, claramente reconhecendo a determinação nele.

– Então, porque me prendeste aqui? Só para me atormentar, forçando-me a assistir?

Por fim, Iscariotes encontrou forças para chegar até ela. Inspirou a fragrância do lótus, da pele que outrora beijara e acariciara. Estendeu a mão e tocou-lhe a clavícula nua, ousando tal violação com apenas um dedo.

Ela inclinou-se para ele, como que para o persuadir com o corpo, onde as palavras tinham falhado.

Em vez disso, ele deslizou o dedo para a volta do seu colar de ouro e fechou o punho em torno dele, fazendo oscilar o fragmento de prata entre

os seus seios perfeitos.

Os olhos dela dardejaram, inundados de entendimento e horror. Ela afastou-se, comprimindo as costas contra a parede.

– Não.

Ele puxou com força e quebrou a corrente. Recuou com o prêmio, deixando o ouro deslizar por entre os dedos, até segurar apenas o fragmento de prata.

– Com esta lâmina, posso matar anjos e revolver os próprios céus.

Ela voltou-se para Tommy, mas as suas palavras eram para Judas.

– Meu amor, tu não sabes nada. Moves-te na escuridão e chamas-lhe dia.

Às palavras dela, Judas virou costas e caminhou para o rapaz, preparado para cumprir o seu destino.

“Por fim.”

07h04

Elizabeta viu Iscariotes agarrar Tommy por um braço e arrastá-lo bruscamente para a pedra negra, no centro da câmara. Ela sentia o manto de malignidade em torno do altar negro, tão denso que mesmo o chão de pedra por baixo parecia incapaz de suportar o seu peso sacrílego, abrindo-se numa dispersão de pequenas fendas.

Tommy gritou, não se querendo aproximar.

O seu apelo incendiou algo dentro dela. Lançou-se para diante, disposta a libertá-lo.

Antes que pudesse dar dois passos, ouviu uma ordem sussurrada a ecoar dos escuros túneis que desembocavam ali, apontando para mais uma aranha naquela teia obscura, alguém mantido oculto até ao momento. A

voz pareceu-lhe familiar, mas antes que o pudesse ponderar, quatro figuras – duas de cada túnel de ambos os lados – irromperam diante dela, revelando as presas.

“*Strigoi.*”

Eram bestas imponentes, de peito nu e tatuado com blasfêmias. Exibiam cicatrizes e pedaços de metal voluntariamente espetados na carne. Formaram uma parede entre ela e Tommy.

Para lá deles, Iscariotes arrastava o rapaz para a pedra negra. A sua superfície enviesada estava polida dos muitos corpos aí sacrificados. Uma ligeira concavidade fora cavada junto da base, onde milhares de cabeças tinham repousado, descobrindo as gargantas ao teto.

Impelido pelo terror, Tommy arrancou-se ao aperto de Iscariotes. Sabia o que lhe ia ser exigido. O rapaz não era ingênuo.

– Não. Não me obrigue a fazer isto.

Iscariotes manteve-se afastado e ergueu os braços, o pedaço de prata cintilando à luz das tochas.

– Eu não te posso obrigar. Tens de fazer este sacrifício de tua livre vontade.

– Então, escolho não o fazer.

Elizabeta sorriu perante a sua tenacidade.

– Deixa-me persuadir-te – disse Iscariotes.

As restantes traças caíram sobre Elizabeta, na face, na prega do pescoço, várias nos braços e ombros.

– Num segundo, matá-la-ão – asseverou Iscariotes. – O seu sangue ferverá. Ela morrerá em agonia. É isso que *escolhes*?

Elizabeta compreendeu, repentinamente, que Iscariotes não lhe pedira para cuidar do rapaz para o manter calmo, mas para conquistar o seu coração, de modo a que a pudesse usar como arma. Para seu horror, percebeu quão bem se encaixara na armadilha.

Os olhos de Tommy encontraram os seus.

– Não o faça por mim – disse, friamente. – Não significas nada para mim, Thomas Bolar. Nada além de diversão, algo com que brincar antes de devorar.

Ela mostrou-lhe as presas.

Tommy encolheu-se com as suas palavras, ao ver os dentes. Porém, os olhos nunca se desviaram dos dela. Manteve o olhar fixo nela por um longo momento, depois voltou-se para Iscariotes.

– O que quer que eu faça? – perguntou Tommy.

“Maldito sejas, rapaz.”

Ela semicerrou os olhos sobre a parede de strigoi diante de si, calculando a sua força jovem contra a dela. Pesou quanto tempo levariam os ferrões a matá-la. Conseguiria libertar Tommy a tempo? Os seus ouvidos apurados detetaram um arrastar de passos do lado do rio ardente, atrás de si.

Mais *strigoi* espreitavam nos túneis do outro lado.

Tommy nunca conseguiria escapar para o exterior sozinho.

– Deita-te nesta pedra – disse Iscariotes. – É tudo o que tens de fazer. Eu farei o resto e ela viverá. Prometo-te isso.

Quando o rapaz avançava, ela gritou-lhe de novo:

– Tommy, podemos não sair deste lugar com vida, mas isso não significa que tenhamos de nos submeter à vontade dele.

Iscariotes riu, um riso vindo do fundo.

– Vocês, mulheres Bathory! Se alguma coisa aprendi, foi que as vossas alianças são tão volúveis como o vento.

– Então, o meu sangue é verdadeiro!

Elizabeta girou para o lado, o seu vulto um borrão. Rasgou a garganta de Henrik, antes que ele a pudesse ver. Os outros *strigoi* atiraram-se a ela, o mais próximo agarrando-lhe o braço. Ela arrancou-lhe o membro do encaixe, atirando-o para o lado. Dois outros saltaram alto e esmagaram-na contra o chão. Ela lançou-se contra eles, conseguindo repeli-los um passo,

mas outras bestas irromperam dos túneis vizinhos e prenderam-lhe os braços e as pernas.

Ela debateu-se, mas sabia que era inútil.

Falhara – não apenas por não libertar Tommy, como também por não *morrer*. Com a sua morte, Iscariotes não teria mais domínio emocional sobre Tommy. O rapaz poderia recusar-se.

Iscariotes devia ter adivinhado a intenção dela.

Observou uma traça arrastar-se pela sua face, depois erguer-se suavemente nas delicadas asas e afastar-se.

Ele precisava dela viva.

07h10

– Chega! – gritou Tommy, encarando Iscariotes. As lágrimas caíam-lhe pelo rosto. – Faça o que tem a fazer!

– Sobe à pedra – foi-lhe ordenado. – De costas. A cabeça na extremidade mais baixa da laje.

Tommy avançou para a pedra negra, cada célula do seu corpo gritando-lhe para fugir, mas subiu à rocha e torceu-se para se deitar de costas, o pescoço repousando numa concavidade na base do altar – e soube que era um altar.

Abaixo da cabeça, uma larga fenda negra exalava um cheiro a enxofre, mais intenso do que o próprio rio. Os pulmões comprimiram-se em revolta. Lágrimas quentes corriam nas suas faces. Virou a cabeça o suficiente para encontrar Elizabeta.

Ele sabia que ela não compreendia. Ele vira o pai e a mãe morrerem nos seus braços, o sangue jorrando-lhes da vista – enquanto ele sobrevivera,

curado do cancro. Não podia permitir que outro morresse novamente em agonia, em seu lugar. Nem mesmo para salvar o mundo.

Ela fitou-o, uma lágrima solitária rolando-lhe dos olhos furiosos.

Também ela não conhecia a bondade no seu íntimo. Ele reconhecia que ela era um monstro como aqueles que a prendiam, mas algures lá no fundo, algo mais radioso ainda existia. Embora ela ainda não o visse.

Iscariotes ajoelhou-se ao lado dele e lançou uma rede de corda sobre o seu corpo, segura nas pontas por pesadas pedras. Prendeu as extremidades a anéis de ferro cravados no chão. Feito isso, Tommy já não se podia mexer, com apenas a cabeça liberta.

Inclinado com as pernas para cima, o sangue escorria para baixo, tornando-lhe o rosto mais rubro.

Iscariotes colocou uma mão fresca sobre a sua face.

– Fica em paz. O teu ato é um ato bom. O teu valioso sacrifício proclamará o regresso de Cristo.

Tommy tentou encolher os ombros.

– Sou judeu. Que me importa? Acabe com isso.

Quis soar corajoso, desafiante, mas as palavras saíram-lhe num sussurro forçado. Um relampejar feriu-lhe os olhos, quando o fragmento de prata, roubado da mulher, foi levantado alto. A luz das tochas refulgiu ao longo da borda afiada. Tudo o resto na caverna se desvaneceu, à exceção da pequena lâmina.

Iscariotes inclinou-se sobre o seu ouvido.

– Isto pode doer e...

Espetou a lâmina no pescoço de Tommy, antes mesmo que este se pudesse preparar para isso. Embora talvez fosse esse o objetivo, para lhe poupar dor.

Falhara.

Tommy gritou, enquanto o fogo o lancetava, irradiando por todo o seu corpo. O sangue escorria-lhe para a garganta, derramando-se escaldante

como magma. Contorceu-se e arqueou-se debaixo da rede, com fúria suficiente para arrancar uma das extremidades. Torceu a cabeça e viu o seu sangue derramar-se pela pedra, pela borda e cair na fenda escura em baixo.

Gemeu de uma dor que se recusava a abrandar.

A visão estreitou-se ao seu redor, a escuridão inundando os cantos. Ele queria esse esquecimento, escapar àquela pira de agonia. Debaixo das costas, sentiu a pedra estremecer. O chão de pedra estalou.

Ao longe, Iscariotes exaltou em voz retumbante:

– Os portões foram abertos! Tal como predito!

A mulher aprisionada retorquiu, a sua própria voz repelindo uma ponta da sua dor:

– Ainda há tempo de mostrares misericórdia. Podes pôr termo a isto!

– É tarde demais. Quando todo o seu sangue tiver sido derramado nas profundezas, ninguém lhe poderá pôr termo.

Tommy sentiu-se afundar na escuridão – até perceber que a *escuridão* se erguia para o reclamar. Uma bruma negra brotava da fenda em baixo, envolvendo-o no seu abraço escuro, rodopiando à sua volta como uma criatura viva. A cada gota vertida do seu sangue, mais escuridão se erguia e fluía para o mundo.

Ele fitou a fonte, vendo a fenda debaixo de si rasgar-se. Recuou para a câmara em Massada, para uma outra fenda rasgando a terra, para outro fumo a erguer-se das profundezas.

“Não... outra vez, não...”

Depois, o chão estremeceu – tal como antes – sacudido por grandes abalos, com violência suficiente para derrubar montanhas. O rio fervente jorrou das margens numa imensa fonte, lançando-se alto e voltando a esmagar-se no fundo. Durante tudo isso, um tremendo troar foi subindo cada vez mais de intensidade, cobrindo o mundo e explodindo.

Tommy deixou que se derramasse sobre ele – até restar apenas silêncio e escuridão.

Depois, partiu.

CAPÍTULO 43

20 de dezembro, 07h15, CET

Mar Mediterrâneo

Ao atravessar o salão principal, o estômago de Erin revolveu-se subitamente, como se estivesse prestes a enjoar. Ela vacilou, apoiando-se num expositor para manter o equilíbrio. Voltou-se para Jordan, enquanto este fechava a porta do escritório privado, certificando-se de que nenhuma borboleta ou abelha perdida voava para fora com eles.

O olhar dele encontrou o dela, quando toda a plataforma começou a tremer ominosamente, como se uma manada de elefantes esbravejasse pela estrutura.

– Tremor de terra! – bradou Jordan, apressando-se para ela.

Erin voltou-se, vendo Rhun e Bernard a ajudarem Christian a levantar-se. O cardeal devia ter conseguido reanimar o jovem sanguinista com vinho recentemente consagrado, pelo menos o suficiente para o pôr sobre o seu pé.

Um violento abanão fez-se sentir debaixo dela, lançando-a ao ar. Aterrou sobre um joelho, enquanto Jordan resvalava ao seu lado. Livros caíram das estantes. Faíscas rubras voaram por entre a grade de ferro fundido da lareira.

Jordan levantou-a, enquanto a plataforma oscilava cada vez mais violentamente.

O aço rangia através das paredes. Um alto e esguio armário expositor tombou, com um pedaço de vidro. Jordan apressou-se a levá-la para

junto dos outros.

– Temos de sair desta plataforma! – bradou sobre o profundo troar.

Aparentemente alheio, o olhar de Bernard permanecia fixo nas altas janelas. Erin voltou-se para ver o que lhe captava assim a atenção. A leste, o horizonte clareara com o novo dia, que se erguia numa bruma de tonalidades rosa e laranja. Mas essa beleza era maculada por uma nuvem negra que a atravessava, subindo alto e alargando para fora, como se quisesse devorar o dia.

– Uma erupção vulcânica – disse Jordan.

Erin imaginou a direção em que Iscariotes voara com Tommy. Os seus dedos amarrotaram a folha de papel na sua mão, que representava um desenho antigo. Trouxera-a para a mostrar a Rhun e Bernard.

“Seria tarde demais?”

Como que acentuando essa inquietação, um abalo atroador percorreu a plataforma, atirando-os ao chão. As luzes apagaram-se. *Crac!* O som ensurdecido de rocha sob pressão ecoou das profundezas. Toda a estrutura se começou a inclinar lentamente.

Ela imaginou uma das pernas de betão da plataforma a despedaçar-se pela junção.

– Vamos! – bradou Jordan. – Agora!

Agarrou no braço dela. Rhun e Bernard suspenderam Christian entre si.

Fugiram do salão e ao longo da passagem central. Os abalos continuaram, lançando-os contra as paredes apaineladas a madeira. A escuridão amplificava o terror de Erin. Finalmente, alcançaram as portas exteriores e escaparam para um mundo de metal oscilante e betão a esboroar. O braço de uma grua rodou sobre as cabeças deles, solto e descontrolado.

– O hidrofólio! – disse Jordan, apontando para as escadas, enquanto tropeçavam em diante. – Temos de descer! Afastar-nos para o mais longe possível desta torre.

Christian libertou-se dos outros.

– Eu... vou fazer por isso.

Mesmo no seu estado enfraquecido, ele era veloz, desaparecendo num borrão escuro pelas escadas. Bernard seguiu nos seus calcanhares, enquanto Rhun permaneceu junto de Erin e Jordan.

O trio lançou-se pela escada numa corrida veloz, galgando degraus, por vezes saltando vários. Destroços choviam em torno deles, embatendo na água lá no fundo. Erin notou que o mar em volta se tornara estranhamente raso, sem ondas, apenas a superfície tremente como uma panela prestes a ferver. Isso, mais do que qualquer outra coisa, fê-la descer mais rápido. Lançou-se no patamar seguinte com violência, embatendo com o estômago no corrimão oposto e ressaltando para trás.

Volta atrás de volta, fugiam, enquanto a plataforma em cima continuava a sua lenta inclinação, esmagando-se sobre o pilar desse lado, comprimindo o betão com sonoros estalos de pedra.

Um outro abalo violento fê-la saltar alto, lançando-a contra o corrimão. Os seus dedos procuraram agarrar-se, antes que o corpo fosse projetado por cima – depois, os dedos férreos de Rhun agarraram-lhe o blusão de pele e puxaram-na de volta aos degraus, os pés no chão.

– Obrigada – disse ela, parando para respirar.

Depois, prosseguiram rapidamente, à medida que o mundo se despedaçava à sua volta. Um outro pilar do lado oposto explodiu com estrondo, projetando-se para cima.

Mas um novo ruído introduziu-se por entre o caos: o roncar forte de um motor. Uma última volta ao pilar e alcançaram a doca. Várias secções da sua extensão tinham sido destruídas por destroços em queda. Saltaram sobre as fendas abertas, enquanto o hidrofólio deslizava para trás, saindo do ancoradouro. A embarcação não escapara incólume: uma parte do passadiço esmagara-se sobre o convés da popa, onde permanecia.

Subitamente, um braço envolveu-lhe a cintura e impeliu-a para diante, no troço final da doca. Uma extensão de tirante retorcida desferiu-se como uma espada e perfurou completamente a secção de doca, onde ela se encontrara.

De novo, Rhun.

Jordan saltou por cima do pedaço de aço mortífero, para se juntar a eles.

O hidrofólio recuou para junto da doca, permitindo-lhes subir a bordo, abrigando-se sob o passadiço.

– Arranque! – gritou Jordan para a cabina na frente.

Os motores rugiram, impelindo o barco para diante, atirando Erin de volta aos braços de Jordan. Ambos olharam para cima, enquanto o veículo fugia de baixo da plataforma em colapso. Gigantes estilhaços de metal choviam ao seu redor, mas finalmente escaparam à sua mortal investida e alcançaram o mar aberto.

– Não abrande! – bradou Jordan. – Dê-lhe tudo!

Erin não entendia a urgência, até olhar para trás e ver toda a plataforma a ruir na direção deles, disposta a esmagá-los. Christian atendeu ao aviso de Jordan, acelerando em frente, erguendo a embarcação sobre os estabilizadores gémeos, deslizando sobre a água.

Ela viu com horror e assombro a plataforma a embater no mar, projetando alto uma imensa vaga e lançando essa parede de água no seu encalço. Mas agora a sua velocidade era tal que lhe escaparam facilmente. A onda maciça desvaneceu-se atrás deles, afundando-se de novo no mar.

Erin permitiu-se finalmente respirar, arquejando e limpando uma lágrima do olho.

– Anda – disse Jordan. – Vamos para junto do Christian e do Bernard.

Ela anuiu, incapaz de falar.

Subiram à cabina de comando, vendo Christian ao volante e Bernard no seu ombro. Ambos olhavam em diante, fitando a linha de costa.

Uma nuvem negra enchia o mundo no horizonte, alastrando na direção deles. No seu centro, dançava uma pequena fonte de fogo. Era sem dúvida, um vulcão. Partículas de cinza começavam já a cair, acumulando-se sobre o vidro como neve suja.

Erin sabia que aquela parte da costa italiana era um forte ponto geotérmico. Evocou as ruínas de Pompeia e Herculano, à sombra do Vesúvio. Mas mesmo esse monte mortífero era um ponto minúsculo, comparado com o monstro latente nas profundezas de toda aquela região: um supervulcão designado *Campi Flegrei*, com uma caldeira de seis quilómetros de largo. Se esse dragão adormecido alguma vez despertasse, grande parte da Europa seria destruída.

Um fragmento de cinza deslizou pelo vidro, deixando um rasto de fuligem.

Bernard debruçou-se sobre ele.

– Tem um tom carmesim – comentou ele.

Erin juntou-se-lhe, notando que tinha razão. O rasto era distintamente vermelho escuro.

“Como sangue.”

Provavelmente, devia-se apenas à tonalidade da pedra da região, conhecida por ser rica em ferro e cobre vulcânico.

Contudo, Erin citou uma passagem do Apocalipse 8:

– **«O primeiro anjo tocou a trombeta. Saraiva e fogo misturados com sangue, foram lançados sobre a terra.»**

Bernard olhou-a.

– O início do fim do mundo.

Erin assentiu, citando o seguimento:

– **«Queimou-se uma terça parte da terra, a terça parte das árvores e também toda a erva verde.»**

Visualizou a cratera de *Campi Flegrei*. Se se inflamasse, um *terço* da Europa arderia.

– Podemos impedi-lo? – questionou Jordan, não disposto a desistir sem lutar.

– Talvez ainda haja tempo – admitiu Bernard. – Se conseguirmos encontrar o Primeiro Anjo, talvez ainda consigamos corrigir o erro.

– Mas ele pode estar em qualquer lugar – disse Rhun.

– Não necessariamente – contrapôs Jordan. – Se Iscariotes fez algo para o desencadear, e é um *se* de peso, já agora, não pode ter ido longe com o rapaz. O helicóptero atacante dirigia-se para leste. Só passaram uns dezanove minutos, desde que nos derrubaram.

– E Iscariotes precisaria de tempo para o preparar, uma vez alcançada a costa – corroborou Rhun. – Provavelmente, planeou-o para coincidir com o nascer do novo dia.

Bernard apontou a dança de lava no coração da nuvem de cinzas.

– Deve estar próximo dali, mas onde?

Erin procurou no bolso interior do blusão e tirou para fora o desenho que roubara do cofre. Alisou-o sobre a mesa cartográfica do barco.

– Vejam isto.



O desenho mostrava dois homens – um mais velho, outro mais novo – numa pose sacrificial, com um anjo a olhar sobre o ombro do homem, o

seu rosto preocupado e com motivo. Um fio de sangue escorria pelo flanco do jovem, gotejando para uma fenda negra, próxima do fundo da página. Uma pata com quatro garras irrompia dessa fenda.

– O que significa? – perguntou Jordan.

Erin martelou o dedo sobre os dois homens. O mais velho dos dois tinha cabelo escuro, o outro mais claro. Fora isso, pareciam bastante idênticos, podendo até ser aparentados.

Ela apontou o mais jovem, talvez um rapaz.

– E se este for o Tommy?

Rhun inclinou-se sobre o seu ombro.

– Parece que o seu sangue está a ser vertido para o chão, para aquela fissura negra. – Os seus olhos escuros encontraram os dela. – Acha que ele está a ser sacrificado por Iscariotes?

– E o seu sangue está a ser usado para abrir uma porta. Tal como o vosso fluido sanguinista abre portas ocultas.

– E essa coisa com garras que irrompe do fundo? – Acrescentou Jordan.
– Não pode ser coisa boa.

07h26

Bernard fitou o demónio trepando do poço e desesperou. Como podiam esperar impedir o Armagedão, se já fora iniciado? Voltou-se na direção do fumo e conflagração. Por onde começar sequer?

Disse-o em voz alta.

– Mesmo que esteja certa, Erin, isto não nos diz *onde* o sacrifício tem lugar.

– Diz, sim.

Ele fitou-a mais intensamente.

Ela circundou com um dedo os cinco símbolos que rodeavam o quadro sacrificial: uma lamparina a óleo, uma tocha, uma rosa, uma coroa de espinhos e uma taça.

– Cinco ícones. Eu sabia que não eram meramente decorativos. Nada neste desenho está aqui por acaso.

Ele estudou-os, sabendo que ela tinha razão, perturbado pela familiaridade desses mesmos símbolos, mas incapaz de os situar. Por outro lado, não era tão versado em História Antiga como a doutora Granger.

Ela explicou:

– Estes símbolos representam cinco famosas profetisas do passado distante. Cinco mulheres, cinco antigas *sibilas*.

Bernard agarrou o bordo da mesa.

“É claro!”

– Da Capela Sistina – exclamou ele, impressionado. – Essas cinco mulheres estão aí representadas.

– Porquê? – perguntou Jordan.

Bernard estendeu a mão e pegou na mão de Erin, agradecido.

– São as cinco mulheres que preconizaram o nascimento de Cristo. Oriundas de diversos tempos e lugares, mas todas elas profetizaram a Sua vinda.

Erin tocou cada símbolo, nomeando-as em voz alta.

– A Sibila Pérsica, a Sibila Eritreia, a Sibila Delfica, a Sibila Líbia...

Parou, por último, no símbolo do topo.

– A taça representa sempre a Sibila de Cumas. Diz-se representar a natividade de Cristo. – Ela estudou a costa. – Estabeleceu a sua morada às portas de Nápoles. E segundo inúmeras narrativas antigas, desde Virgílio a Dante, diz-se que o seu trono guardava os portões do próprio Inferno.

Referindo-se à pata de garras irrompendo das profundezas, Bernard avançou.

– Creio que ele procura libertar Lúcifer, o Anjo Caído.

– É assim que ele pretende desencadear o Armagedão – concluiu Erin.

As cinzas chicoteavam o vidro como saraiva, à medida que se aproximavam mais da costa. O céu lá no alto eclipsara-se com o fumo, impedindo o dia de se mostrar. Bernard desanimava, face ao destino lúgubre que se seguiria inevitavelmente.

Jordan aclarou a garganta, com o nariz bem próximo do desenho.

– Então, se tudo é importante neste desenho, porque há um anjo a olhar sobre o ombro de Judas, não fazendo nada senão olhar tristemente?

Bernard desviou a atenção da linha de costa ardente, de volta ao desenho.

– O rosto dela – continuou Jordan. – Assemelha-se bastante ao da mulher pintada no escritório de Iscariotes. Podiam ser a mesma mulher. No retrato a óleo, Judas tinha um braço em torno dela, como se fossem marido e mulher.

Bernard examinou o desenho mais de perto, com Erin. Ele estudou o rosto, depois um estremecer de reconhecimento percorreu-lhe o corpo, gelando-o.

“Como podia ser...?”

Erin notou a reação.

– Conhece-a?

– Encontrei-a numa ocasião – disse debilmente, recuando ao viveiro de túneis nas profundezas de Jerusalém, à mulher resplandecendo de sublime graça na margem daquela lagoa negra. Recordou a sua ausência de pulsação e, contudo, o fogo ardente que dela emanava na fria caverna. – No tempo das Cruzadas.

Erin franziu a fronte, claramente em dúvida.

– Como... onde a conheceu?

– Em Jerusalém. – Bernard tocou a sua cruz peitoral. – Ela guardava um segredo, algo sepultado bem nas profundezas da Pedra Fundamental da antiga cidade.

– Que segredo? – perguntou Erin.

– Uma gravura em relevo. – Apontou o esboço diante deles. – Tratava-se da história da vida de Cristo contada através dos seus milagres. A história revelaria uma arma que aniquilaria todo e qualquer mal. Procurei-a a grande custo.

Os gritos dos moribundos na cidade ainda ecoavam nos seus ouvidos.

– O que aconteceu? – indagou Erin, soando distante.

– Ela achou-me indigno. E destruiu a parte mais crucial antes que eu a pudesse ver.

– Mas quem é ela? – questionou Jordan. – Se andava por aí no tempo das Cruzadas, depois de novo no tempo do Renascimento com Judas, deve ser imortal. Isso significa que é *strigoi*? Ou alguém como Judas ou o rapaz?

– Nenhum deles – compreendeu Bernard, em voz alta. Ele apontou as asas sobre os seus ombros. – Creio que ela é um anjo.

Ele fitou Erin e os seus olhos encheram-se de lágrimas.

“E ela achou-me indigno.”

CAPÍTULO 44

20 de dezembro, 07h38, CET

Ao largo de Itália

Rhun estava de pé à porta da ponte de comando, enquanto o hidrofólio se lançava em direção à costa. Seguindo o conselho de Erin, tinham traçado uma rota para noroeste da cidade de Nápoles, em direção a uma baía escura do mar Tirreno, na sombra do cone vulcânico onde a Sibila de Cumas estabelecera a sua morada.

Ondas negras agitavam-se contra o casco e a cinza golpeava a face descoberta de Rhun. Não cheirava a sangue, apenas a ferro e a escória e a enxofre. Quando a limpou da frente, o pó de pedra cobriu-lhe as pontas dos dedos.

Os abalos tinham cessado, mas a erupção continuava, lançando fumo e cinzas no mundo, projetando jatos de lava ardente na escuridão, para lá da crista do cone. Erin dissera-lhes que aquela caldeira ficava no centro de um supervulcão mais vasto, designado *Campi Flegrei*. Ela alertou-os de que, se aquele pequeno fósforo ardente despertasse o monstruoso poço de magma por baixo de si, grande parte da Europa estaria condenada.

Quanto tempo ainda teriam?

Ele ergueu os olhos ao céu, procurando resposta – e não encontrou nenhuma. A aurora estava a despontar, mas sob a mortalha do vulcão, permanecia uma noite sem lua. As luzes da embarcação abriam um túnel por entre a neve escura.

No interior da cabina, Erin e Jordan cobriam o nariz e a boca com pedaços de tecido rasgado, como ladrões naquela noite sem fim, protegendo-se das cinzas cadentes.

Jordan exclamou, apontando o braço.

– Aquilo ali à esquerda é um helicóptero aterrado na praia?

Rhun viu que ele estava certo, ligeiramente irritado por o soldado o ter notado primeiro. Com a sua visão mais apurada, Rhun examinou-lhe a forma singular, as marcas distintivas, ambas identificando-o como a aeronave que os atacara.

– É o helicóptero de Iscariotes! – Confirmou aos outros.

Christian virou o hidrofólio nessa direção, varrendo as suas luzes pelo vulto do aparelho.

Em retorno, foram disparados tiros contra eles, atingindo uma das luzes, trepidando pela proa. Jordan e Erin agacharam-se. Christian injetou os motores, como se tencionasse abalroar o helicóptero ao alcançar a praia.

– Segurem-se! – gritou Christian.

Em vez disso, Rhun libertou-se da porta, deslocando-se para a proa. Ouviu a areia e pedra serem esmagadas sob os estabilizadores – e o barco parou, subitamente, com um sacão. Lançado para diante, Rhun saltou alto, aproveitando o impulso para voar para lá da amurada da proa e sobre a faixa restante de água. Aterrou suavemente na areia macia, perto do helicóptero. Detetou uma variação nas sombras e caiu sobre ela. O atirador vestia um blusão de piloto, em couro, e exibia as presas de um *strigoi*.

Rhun desferiu a sua *karambit* pela garganta da besta, fazendo penetrar o aço abençoado até ao osso. O piloto caiu de joelhos, depois de cara. Um lago espalhou-se pelo areal, enquanto o sangue negro procurava expulsar pelo fogo a santidade do corpo amaldiçoado, levando a vida com ele.

Rhun procedeu a uma inspeção rápida da praia coberta de cinza – depois, fez sinal aos outros para desembarcarem.

Enquanto caminhavam na sua direção, Rhun olhou do corpo morto para o céu escuro. Com o dia tornado noite, todo o tipo de criaturas podia circular livremente.

Jordan pegou em algo a reluzir por entre a cinza escura.

– Uma das traças de Iscariotes. – Passou o feixe da lanterna por outros fragmentos de brilho, que cintilavam à luz, como uma dispersão de esmeraldas sobre lama. – A traça na minha mão parece intacta. Aposto que as engrenagens e o mecanismo não resistiram a toda esta cinza.

– Mesmo assim, tenham cuidado onde põem os pés – alertou Erin. – Provavelmente, ainda contêm sangue venenoso.

Era um conselho válido.

Christian perscrutava o terreno, parecendo especialmente desconfiado.

Rhun juntou-se a ele.

– Como se sente?

Após um nervoso lambe dos lábios, ele respondeu:

– Melhor. Um pouco de vinho, um pouco de ar fresco,... – Gesticulou ironicamente no sentido da neve escura – ... quem não se sentiria forte como um touro?

Rhun lançou-lhe um olhar avaliador.

Christian endireitou-se, ficando sério.

– Sinto-me... razoavelmente.

Rhun não podia, em absoluto, criticar a sua condução do veículo. Ele levava-os de volta à costa em menos de vinte minutos.

Para lá de Christian, Bernard investigava a praia, provavelmente procurando menos as provas da presença de Iscariotes, do que os reforços que solicitara durante o trajeto. A equipa não podia esperar muita ajuda imediata, apenas a de sanguinistas mais próximos de Nápoles. Roma era demasiado distante para conseguirem chegar ali a tempo.

Erin chamou, com a voz abafada pela máscara. Ela e Jordan tinham-se deslocado para mais junto dos penhascos.

– Pegadas! Aqui, na areia!

Rhun juntou-se a eles, levando consigo Christian e Bernard.

Ela apontou, enquanto Jordan varria com a lanterna. Mesmo polvilhadas de cinza, as marcas recentes eram claras, firmemente impressas na areia macia. Olhou para cima, as faces escorrendo de suor. O próprio ar queimava.

– Parece que se dirigiram àquele ninho de pedras.

Rhun assentiu e assumiu a liderança. Forçou o caminho por entre as rochas, até chegar à boca de um estreito túnel aberto na face do penhasco. Apesar da cinza que corrompia o ar e lhe secava as narinas, sentiu o hálito do enxofre que fluía desse túnel.

Jordan fez incidir a sua lanterna no interior, revelando uma longa garganta de rocha negra, matizada de veios ocres de enxofre.

– Isto deve conduzir às profundezas do monte vulcânico – disse Erin. – Provavelmente, levando às ruínas de Cumas e ao trono da sibila para nordeste.

“E mais fundo ainda, aos portões do Inferno.”

Bernard tocou no ombro de Christian.

– Fique aqui, com Erin e Jordan. Aguarde a chegada dos outros que convoquei. Uma vez chegados, sigam o nosso caminho. – Roçou um dedo com a lâmina. – Deixarei um rasto de sangue para seguirem.

Erin chegou-se à frente.

– Concordo que Christian deva ficar aqui, para conduzir os outros, mas eu vou agora. Conheço a sibila e a sua história local melhor do que ninguém. Poderão precisar desse conhecimento no labirinto lá em baixo.

Jordan concordou.

– É como ela diz. E eu vou, também.

Bernard aquiesceu, demasiado prontamente. Rhun queria argumentar mais veementemente, mas também ele sabia como era inútil contrariar Erin.

Entraram, deixando Christian a guardar a retaguarda e a preparar os eventuais reforços.

Rhun conduzia o caminho, seguido de Bernard. Notou como Jordan mantinha Erin em segurança, à sua frente. Livres da chuva de cinza, ambos tinham arrancado as máscaras, respirando mais facilmente, mas os rostos cobriam-se de sal e suor.

Rhun deslizou mais para diante, não necessitando de luz. Ele farejava o ar quando chegava a um cruzamento. Por entre o fedor sulfúreo, o olfato apurado de Rhun captava outros odores: um odor doce mais antigo, uma fragrância familiar, uma colônia almiscarada. O distinto trilho conduzia-o pela escuridão com a segurança de um mapa.

As passagens torciam-se e retorciam-se. Os seus ombros roçavam as paredes laterais, mas não abrandou. Bernard mantinha-se nos seus calcanhares ou seguia ao lado, quando conseguia. Bernard também notara claramente o trilho, ao mesmo tempo que assinalava o seu próprio trajeto com gotas de sangue.

Rhun alheou-se dessa nota carmesim, tentando ao mesmo tempo não ouvir o bater assustado do coração de Erin. Contudo, apesar do medo, ela prosseguia, inabalável na sua determinação e vontade. O coração de Jordan também batia acelerado, mas Rhun sabia que era mais por receio da segurança dela, do que pela sua.

Atrás dele, os feixes das suas lanternas oscilavam em diante, iluminando o caminho aos soluços. À medida que se moviam para mais fundo, notou gavinhas de negrume serpenteando pelo teto, assemelhando-se a um retorcer fuliginoso de trepadeiras vivas. Quanto mais fundo chegavam, mais espessas se tornavam as gavinhas, parecendo brotar das profundezas.

Levou uma gavinha ao rosto e tossiu repugnado quando a inalou. Fedia a enxofre, mas também a carne apodrecida, a corrupção, à escuridão de uma cripta antiga.

Trocou um olhar preocupado com Bernard.

Depois, a atenção de Bernard disparou para diante.

Distraído, com os sentidos perturbados pelo fumo escuro, Rhun quase não o percebera. O som abafado de pés descalços, um sussurrar de tecido – e os outros estavam sobre eles, lâminas cintilando na escuridão.

“*Strigoi.*”

Uma cilada.

Rhun e Bernard receberam o súbito ataque com prata e agilidade, os seus movimentos um borrão sincronizado. Os dois tinham lutado lado a lado muitas vezes nas suas longas vidas. Derrubaram os primeiros dois facilmente – mas mais surgiram dos túneis adiante, agitando a obscuridade com a sua maldição, enchendo-a com o sibilar da sua ferocidade.

Felizmente, os túneis eram estreitos, limitando o número dos que os conseguiam alcançar de uma só vez. Em lugar disso, o bando parecia mais determinado em detê-los, cansá-los. Talvez a vitória de Iscariotes não exigisse a morte dos sanguinistas. Apenas tinha de os controlar, para ter tempo suficiente de completar a sua missão ali.

O que oferecia esperança a Rhun.

Se Iscariotes enviava aquelas bestas para os impedir, devia haver algo que merecesse ser *impedido*.

“*Talvez não fosse tarde demais.*”

Rhun rangeu os dentes e continuou a lutar.

O som de tiros irrompeu mais atrás. Um olhar nessa direção revelou mais *strigoi* que surgiam à retaguarda. Ou tinham estado à sua espera ou tinham circundado o labirinto para virem em sua perseguição. A arma automática de Jordan penetrou os primeiros corpos. Erin também empunhava uma pistola, visível atrás do ombro do soldado.

– Ajude-os – disse Bernard. – Eu contenho a linha da frente.

“*Mas por quanto tempo?*”

Rhun voltou-se e juntou a sua lâmina à batalha na retaguarda, o trio trabalhando eficazmente em conjunto. Erin travava-os, com disparos bem

posicionados em joelhos e pernas. Jordan metralhava cabeças, explodindo crânios. Rhun exterminava tudo o que se aproximasse.

Estavam a aguentar-se, mas o tempo esgotava-se.

Certamente, esse era o objetivo de Iscariotes.

Então, para lá da massa dos *strigoi*, figuras de vestes negras surgiram, abrindo caminho pela retaguarda, as suas cruzes de prata cintilando na escuridão.

Os reforços sanguinistas.

Christian conduzia-os, com lâminas em ambas as mãos. Abriu passagem a golpe de espada pelos *strigoi* restantes, para se juntar aos outros. Jordan saudou-o, feliz, com uma palmada no ombro.

Mais sanguinistas abriram caminho para chegar a Bernard.

Rhun seguiu-os.

Bernard apontou o labirinto de passagens em redor.

– Espalhem-se! Desimpeçam os flancos!

De novo em movimento, Rhun redobrou os seus esforços, dilacerando *strigoi* e forçando o grupo em diante. Mais à frente, o túnel alargou, revelando um rio subterrâneo, uma ponte e uma caverna iluminada por tochas do outro lado.

Rhun e Bernard repeliram os restantes *strigoi* até à beira do rio e para as águas ferventes, onde desapareceram. Os reforços sanguinistas avolumavam-se, cobrindo a retaguarda.

Erin juntou-se a Rhun, apontando por entre o sulfúreo vapor do rio. Formas vagas moviam-se ao longe, mas era inequívoco o cenário de um sacrifício.

– Depressa!

Como um todo, a equipa correu pela escorregadia pedra da ponte em arco.

Assim que o pé de Rhun tocou o chão do outro lado, o próprio ar alterou-se, tornando-se frio como um túmulo no pico do inverno. O bafo de Erin e

Jordan tornou-se branco, enquanto arquejavam da mudança. Mas bem mais arrepiante era a horrível visão que os aguardava.

No centro da câmara, uma forma lívida jazia presa por cordas sobre uma pedra negra. Uma nuvem de bruma escura envolvia-a por completo, agitando-se e revolteando, elevando-se até ao teto arqueado e alastrando por cada túnel, serpenteando tentáculos, em busca de ar aberto.

O lugar tresandava a ruína e corrupção.

O familiar vulto acinzentado de Iscariotes desenhava-se estático contra o fundo dessa terrível força, com uma expressão triunfante no rosto.

Para lá do altar, uma mulher estava suspensa da parede, a sua pele escura resplandecente, os seus olhos visivelmente inflamados.

– É ela! – exclamou Bernard, agarrando-lhe a manga.

Rhun ignorou o cardeal, fixando uma derradeira figura naquele teatro sinistro.

À direita, Elisabeta estava caída por terra, num lago de sangue escuro, mas que não parecia ser seu. Debatia-se sob um sem-número de *strigoi*. Outros jaziam mortos à sua volta. Um punhado de traças retorcia-se sobre a pedra fria, com as asas cristalizadas do frio.

Os seus olhos encontraram os dele, inundados de terror – mas não pela sua própria vida.

– Salva o rapaz!

07h52

Jordan aproximou-se de Erin, fazendo um rápido inventário.

Nesse momento de incapacitação aturdida, uma saraivada de *strigoi* irrompeu dos túneis mais próximos, de ambos os lados. Bernard ocupou-se

dos da esquerda; Rhun tratou dos da direita.

Jordan impeliu Erin para diante, para longe daquele embate.

Fez pontaria à outra única ameaça direta na caverna.

Com a arma automática em riste, correu para o vulto vestido de cinza. Quando Iscariotes se voltou, Jordan atalhou qualquer réplica espirituosa. Disparou três tiros rápidos contra o peito do homem, concentrados no coração.

Iscariotes caiu para trás no chão, o sangue vermelho-vivo ensopando-lhe o casaco e a camisa branca e espalhando-se pela pedra.

– Devia-te essa, canalha – disse entredentes, friccionando o próprio peito.

Contudo, manteve a arma apontada ao homem. Iscariotes era imortal, provavelmente ia sarar, mas quanto tempo levaria? O rapaz demorara algum tempo a recuperar. Esperou o mesmo neste caso, mas mantinha a guarda. Um trilho de sangue carmesim corria pela rocha negra, como que atraído pelo escuro redemoinho.

O fluido congelou antes de o alcançar.

Erin avançou nessa direção, claramente pretendendo ajudar o rapaz.

Ele travou-a com uma mão no seu ombro.

– Espera.

Ela olhou-o.

– Achas que é venenoso?

– Acho que é bem *mais* do que isso – disse ele. – Deixa-me ir primeiro.

À medida que se aproximava, sentiu o persistente ardor no ombro arrefecer. A cada passo, as pernas tornavam-se pesadas. Era como se aquela força que se insinuava das profundezas pudesse estancar esse fogo dentro de si – e privá-lo de toda a energia. O peito doeu-lhe, subitamente, atraindo os dedos para o ponto onde fora atingido. Olhou para baixo, esperando ver sangue.

– Jordan?

– Não consigo...
Caiu de joelhos.

07h53

Rhun ouviu os disparos, viu Iscariotes sucumbir, momentaneamente incapacitado. Atrás de si, Bernard lutava à boca de um túnel, mantendo os *strigoi* encurralados desse lado. Rhun saltou sobre aqueles que mantinham Elisabeta cativa. Ainda no ar, estendeu os braços para baixo e arrancou dois dos assaltantes de cima dela, lançando-os violentamente sobre o bando que se avizinhava.

Esmagou traças com os pés ao aterrar, as criaturas estranhamente enfraquecidas pelo frio hostil.

Depois, carregou sobre a matilha, com a lâmina a cintilar.

Strigoi tombaram, o sangue derramando-se pela rocha.

Garras dilaceravam e presas rangiam contra ele, mas continuou a lutar, repelindo o bando de volta aos túneis. Finalmente, pareceram perder a vontade e fugiram para a escuridão.

Aproveitando a acalmia, rodou. Elisabeta lutava contra os seus quatro derradeiros assaltantes, arremetendo como uma leoa encurralada, sangrando de uma centena de golpes, tal como os atacantes.

De momento, criara-se um impasse.

Ele lançou-se para diante a fim de o quebrar.

CAPÍTULO 45

20 de dezembro, 07h54, CET
Cumas, Itália

Erin puxou Jordan para longe da pira fria de fumo negro. Recuperou suficientemente as forças para se levantar, mas continuava a friccionar o peito. Estaria a esforçar-se demasiado após a sua recente provação? Ela experimentou alívio ao sentir a sua mão húmida ganhar calor na dela.

Uma voz ergueu-se para lá da névoa.

– Não se podem aproximar mais.

Vinha da mulher acorrentada à parede. Vestia uma simples túnica branca e sandálias de couro, parecendo saída de uma urna da Grécia Antiga.

Erin circundou a nuvem escura o suficiente para lhe ver melhor o rosto. Inequivocamente, era a mulher do retrato, do quadro a óleo de Iscariotes e, provavelmente, a mulher que Bernard encontrara em Jerusalém. Estava amarrada a uma argola de ferro fixa à pedra, aparentemente tão prisioneira quanto o rapaz.

Mas o que era ela?

As suas meditações foram interrompidas quando Rhun lançou um *strigoi* alto no ar, fazendo-o voar pela bruma sobre o altar. Ao atingir a nuvem, um grito irrompeu da garganta da besta. O corpo imobilizou-se de imediato num gesto de agonia. Por um instante, Erin pensou ver uma sombra enegrecida brotar-lhe dos lábios e narinas, redemoinhando para se juntar ao negrume sobre Tommy. Recordou os esboços de Elizabeta no seu

macabro diário de pesquisa, como ela descrevera a mesma essência enegrecida associada aos *strigoi*.

Depois, o corpo embateu na parede distante e despedaçou-se como porcelana.

Horrorizada, Erin deu um passo atrás.

“*Como iam conseguir salvar o rapaz? Estaria sequer vivo?*”

Como que lendo os seus receios, a mulher falou.

– Eu posso alcançá-lo.

Erin fitou-a.

Ela ergueu os braços atados.

– Liberte-me.

Erin e Jordan olharam-se.

Jordan encolheu os ombros, mantendo a arma apontada à luta do outro lado da câmara. Rhun combatia ao lado de Bernard e Elizabeta, para livrar a caverna dos derradeiros *strigoi*.

– Nesta altura – disse ele – qualquer inimigo de Iscariotes é meu amigo.

Porém, Erin hesitava, recordando o quadro a óleo, com o braço de Iscariotes em torno dela, olhando-a ternamente.

– Alguém tem de ir até lá e salvar o rapaz – lembrou-lhe Jordan.

Ela assentiu, apressou-se em diante e, usando um punhal de Jordan, atacou a grossa corda que prendia as mãos da mulher à argola de ferro. Jordan continuou a vigiá-la.

Os olhos da mulher encontraram os de Erin, enquanto esta trabalhava, irradiando paz por entre todo o derramar de sangue.

Erin engoliu em seco, reconhecendo quem procurava libertar, mas necessitando da confirmação.

– É a Sibila de Cumas.

O queixo da mulher inclinou-se ligeiramente em reconhecimento.

– É um dos muitos nomes que carreguei ao longo dos séculos. De momento, prefiro Arella.

– E ajudará o rapaz?

Erin olhou o débil vulto deste sobre a pedra.

– Tenho de o ajudar... tal como ajudei um outro rapaz, há muito tempo.

As mãos de Arella soltaram-se, por fim, e ela juntou as palmas como que em oração, os dedos indicadores a milímetros do rosto.

Jordan e Erin recuaram, sentindo algo a avultar-se no interior daquela outra.

Uma luz dourada irradiou, subitamente, do corpo da sibila, impelindo-os mais para trás. O círculo exterior dessa luz tocou Erin, expulsando o frio dos seus ossos, como o calor aveludado de um sol de verão, cheirando a erva e a trevo. Erin sorveu o ar. Sentiu-se inundada de júbilo, recordando-se do momento em que o Evangelho de Sangue se transformara de um simples bloco de chumbo num tomo encerrando as palavras de Cristo.

Por fim, achou o termo para descrever o que sentia.

“Sacralidade.”

Ela estava na presença da verdadeira sacralidade.

Ao seu lado, Jordan sorria, seguramente sentindo o mesmo. Por instantes, no meio da batalha, houve paz. Encostou-se a ele, partilhando calor e força e amor.

– Há alguma coisa que possamos fazer para ajudar? – perguntou Erin.

Voltou toda a sua graça para Erin.

– Não. Nem vocês nem os sacerdotes podem salvar o rapaz. Só eu o posso fazer.

A mulher – Arella – afastou-se da parede e avançou na direção da pira ascendente de fria escuridão. Os poucos liames de negrume nas bordas foram queimados pela aproximação do seu brilho. Outros tentáculos retraíram-se de volta à nuvem, como que receosos do seu contacto.

Depois, ela impeliu-se pela própria bruma, o seu esplendor mais intenso, rechaçando a escuridão que rodopiava em volta. O seu brilho estendeu-se

para cima de ambos os lados, emplumando-se contra o negrume, assumindo uma forma familiar.

Erin visualizou o desenho antigo retirado do cofre.

“*Asas.*”

Como podia tal ser existir na Terra?

Compreendeu que fora mais fácil para ela acreditar em *strigoi*, na presença do mal sacrílego tornado carne, do que aceitar a presença do bem. Mas não podia negar o que agora presenciava.

Arella avançou para o altar, para o lado do rapaz.

A escuridão fechou-se sobre ela, ferindo o seu brilho.

Um brado ergueu-se do lado distante.

– Não... Arella... não...

Iscariotes pôs-se de pé, o sangue ensopando-lhe a camisa. Recuou, mergulhando num túnel atrás de si e desaparecendo.

Jordan preparou-se para o perseguir, mas Erin agarrou-lhe o braço, querendo-o por perto.

– Ele sabe que está perdido, mas o rapaz pode precisar de nós.

Jordan esboçou um esgar de frustração, mas assentiu, mantendo a arma apontada ao túnel.

Arella ajoelhou-se no chão áspero. As suas asas dobraram-se, formando um manto protetor em torno do rapaz. Tommy jazia deitado de costas, com uma pesada rede a cobrir-lhe o corpo. A sua pele exibia um tom céreo e azulado, como se já tivesse morrido.

“*É demasiado tarde.*”

A garganta de Erin estreitou-se.

Mas a sibila tocou-lhe o rosto pálido e a cor floresceu aí, alastrando da ponta dos seus dedos, prometendo, pelo menos, esperança para o rapaz.

Arella levantou-lhe a cabeça da pedra, amparando-lhe o pescoço, expondo um refulgente fragmento de prata que lhe penetrava a garganta descorada, o sangue vertendo da ferida. A sua outra mão soltou um dos

cantos da rede. Parecia já ter sido arrancada. Fez deslizar o braço por baixo e, gentilmente, puxou para fora o corpo magro do rapaz.

Mas a escuridão não estava disposta a deixar escapar a sua presa tão facilmente. Quando ela lhe pegou e se levantou, a escuridão fundiu-se em garras negras, que se enterraram fundo na sua luz, rasgando e dilacerando.

Arella arquejou, caindo sobre um joelho.

As costas da sua túnica rasgaram-se, revelando golpes escuros nos ombros.

Erin quis ajudar, mas os braços caíram-lhe, compreendendo que não havia nada que pudesse fazer.

Arella lutou por se voltar a pôr de pé, erguendo o rapaz nos seus braços. A sua luz dourada era agora mais fraca, devorada nos limites numa renda de frangalhos. Arqueou-se contra a tormenta, que se tornava cada vez mais feroz em seu redor. A nuvem encerrou-se mais densamente, tentando sufocar-lhe o brilho, atacando-a como uma dilacerante tempestade de gelo.

Arella deu um passo vacilante, depois outro.

Parecia concentrar o resto do seu brilho em torno do rapaz, ficando indefesa face à violenta investida.

Deu mais um passo – depois, saiu finalmente da escuridão, caindo de joelhos, aninhando o rapaz no seu colo. A sua túnica eram farrapos, a pele mosqueada de negras pústulas e escuros rasgões, o cabelo azeviche tornado num branco espectral.

Erin precipitou-se para a frente, enquanto a mulher tombava para o lado. Agarrou Tommy por debaixo dos braços e arrastou a sua forma inerte para mais longe da escuridão.

Jordan pegou em Arella e fez o mesmo.

– Temos de os tirar daqui – disse Erin. – Para o mais longe possível deste lugar horrendo.

Por essa altura, o combate cessara na caverna.

Os *strigoi* restantes pareciam ter fugido, na sequência da retirada de Iscariotes.

Rhun e Bernard juntaram-se a ela, mas a condessa abriu caminho por entre eles, chegando rapidamente ao lado do rapaz.

– O seu coração – disse Elizabeta, os olhos verdadeiramente assustados.
– Está a ficar mais fraco.

Rhun anuiu, como que pressentindo o mesmo.

– Ele não pode sarar com isso ainda cravado – alertou Elizabeta.

Antes que alguém pudesse impor cautela, a condessa agarrou o fragmento, arrancou-o do pescoço do rapaz, e lançou-o pelo espaço. O sangue continuava a verter da ferida de Tommy.

– Porque não está a sarar? – questionou Erin.

Olharam para a lâmina.

De um túnel próximo do lugar onde jazia, surgiu uma figura, materializando-se da escuridão.

Iscariotes fitou-os com uma fúria gélida.

Depois, fitou Arella em farrapos no chão e rapidamente recuperou o pedaço de prata largado. Distraído pela dor, Iscariotes cortou-se na lâmina. Golpeou-lhe o dedo, que verteu douradas gotas de luz, em vez de sangue.

Com um grito de choque, caiu para trás.

Jordan disparou contra ele, os tiros faiscando na pedra.

Rhun precipitou-se para a frente, cruzando o espaço com a velocidade que só um sanguinista podia dominar, a sua *karambit* reluzindo argêntea à luz das tochas.

Então, Iscariotes foi agarrado e puxado de volta ao túnel.

E um outro irrompeu daí, para enfrentar Rhun em seu lugar.

Rhun estacou repentinamente, paralisado pelo choque e pela descrença. Fitou o monge, o familiar hábito acastanhado, cingido por um rosário, o semblante de óculos eternamente juvenil.

– Irmão Leopold?

“Regressado dos mortos.”

Leopold empunhava uma espada em riste, o rosto sério e determinado.

Rhun fitava-o, perplexo. A sua mente tentava explicar as ações de Leopold, o facto de ainda estar vivo. Um milhar de explicações passavam-lhe pelo espírito, mas ele sabia que eram todas falsas. Tinha de enfrentar a dura verdade.

Ali estava o traidor sanguinista, aquele que estivera aliado a Iscariotes todo esse tempo.

Quantas mortes estavam aos pés daquele, de alguém que considerara um amigo?

Rostos e nomes acorreram ao coração silencioso de Rhun. Todos aqueles que chorara. Outros que mal conhecia. Recordou o maquinista e o ajudante do comboio.

Mas um nome, mais do que qualquer outro, inflamou a fúria no seu íntimo.

– A Nadia morreu por sua culpa.

Leopold teve a dignidade de parecer triste, mas achou, contudo, justificação.

– Todas as guerras têm baixas. Melhor do que qualquer um de nós, ela sabia-o e aceitava-o.

Rhun não podia aceitar tais trivialidades.

– Quando começou a trair a ordem? Desde quando é um traidor?

– *Sempre* servi um propósito maior. Antes de fazer os meus votos sanguinistas, antes de beber o primeiro cálice do sangue de Cristo, já me

tinha sido incumbido este desígnio pelo *Damnatus*. Para trazer Cristo de volta à Terra.

Rhun carregou o olhar.

“*Como podia ser? Porque não fora Leopold consumido pelo fogo, como os outros strigoi que tentavam iludir a ordem, prestando juramento falso?*”

Rhun encontrou a resposta no brilho de devoção no olhar do outro.

Leopold não prestara falso juramento, quando fizera os seus votos. Ele *acreditara*, com todo o seu coração, que servia a Cristo.

– Chorámos a sua morte – disse Rhun. – Enterrámos o seu rosário com todas as honras no Santuário, como se tivesse caído ao serviço do Senhor.

– Eu sirvo o Senhor – afirmou Leopold firmemente. – Se assim *não* fosse, porque é que o vinho consagrado me continua a abençoar?

Rhun vacilou.

“*Seria a devoção de Leopold assim tão absoluta?*”

– Tem de ver a verdade das minhas palavras – implorou Leopold. – Pode juntar-se a nós. Ele acolhê-lo-á.

O espanto inundou Rhun.

– Quer que eu deixe a Igreja para me aliar a esse traidor de Cristo? Um homem que une forças com os *strigoi*?

– Não fez o mesmo com os *strigoi*? – Leopold gesticulou na direção de Elizabeta. – O coração deve seguir o que julga estar certo.

Rhun ficou atordado – que era tudo o que Leopold quisera, com a sua astúcia.

Lançou-se sobre Rhun, veloz e selvaticamente, atacando com a espada.

Rhun girou no último momento, os seus instintos reagindo mais rápido do que a mente. A espada de Leopold golpeou-o de lado, penetrando a armadura, até às costelas. Reagindo com a mesma prontidão, Rhun desferiu a sua *karambit*.

Leopold cambaleou para trás, largando a espada. Agarrou-se à garganta, com o sangue a jorrar-lhe por entre os dedos. Caiu de joelhos, os óculos pendentes. Contudo, o olhar permanecia fixo em Rhun – brilhando não de raiva, não de mágoa, apenas de devoção.

CAPÍTULO 46

20 de dezembro, 08h09, CET
Cumas, Itália

Com uma mão sobre a garganta e lágrimas nos olhos, Erin viu o corpo de Leopold afundar-se no chão. Recordou um homem mais brando, o enrugar estudioso do seu olhar, o seu rebuscado humor autodepreciativo. Recordou acordar nos túneis sob Roma, certa de estar morta, descobrindo-o a segurar-lhe a mão e a usar os seus conhecimentos médicos para a reanimar.

O homem salvara-lhe a vida.

Contudo, os seus segredos tinham causado a morte a tantos.

Subitamente, o chão sacudiu-se violentamente, como se um punho tivesse sido desferido por debaixo dos pés. A nuvem negra em torno do altar contorceu-se e revolouteou, retalhando e vergastando. O ranger da rocha e o estrondear da pedra a cair ecoou dos túneis em redor.

– Hora de partir, pessoal! – bradou Jordan.

Erin ajudou Elizabeta com Tommy, enquanto corriam para a ponte. Rhun abria caminho, enquanto Bernard e Jordan seguiam atrás, com Arella suspensa entre eles. O chão continuava a tremer. Adiante, uma fenda abriu-se sobre o arco de pedra transpondo o rio, que se erguia cada vez mais alto das margens de pedra.

– Depressa! – gritou Erin.

Apressaram-se. Elizabeta distanciou-se rapidamente dela, mesmo sobrecarregada com o rapaz. Voou pela ponte, ultrapassando mesmo Rhun,

que agora seguia nos seus calcanhares. Reuniram-se ao punhado de sanguinistas que guardavam os túneis de regresso à superfície, onde se encontrariam com Christian.

Erin correu, deparando-se com a parede fumegante do calor sulfúreo, abrasador depois do gelo da caverna. Receava a rocha escorregadia, mas não abrandou – sobretudo quando um pedaço de ponte se desmoronou, mergulhando na ebulição em baixo. Mais fendas se abriam sob os seus pés.

Subitamente, um grande abalo derrubou-a. Na ponta dos seus dedos, a extensão adiante caiu. Ela mediu o fosso impossível, enquanto um redemoinhar de vapor e água explodia do fundo.

Então, surgiu Rhun, voando pelo espaço como um corvo escuro. Aterrou junto a ela, pô-la de pé, depois nos seus braços e saltou sobre o fosso, de um ímpeto. Estatelou-se com ela no lado distante, amortecendo o impacto com o ombro e rolando-a para segurança.

“Jordan...”

Bernard saltou para junto deles, com a sibila nos seus braços. Jordan surgiu a voar ao seu lado. Ambos os homens aterraram de pé – embora Jordan tivesse de dar vários passos curtos para se equilibrar.

Atrás deles, todo o vão se despedaçou e esboroou no rio.

O calor e o vapor crestavam a pele de Erin e queimavam-lhe os pulmões.

– Continuem! – ordenou Bernard.

Como um todo, recuaram rapidamente pelo labirinto. Os receios latentes impeliam-na mais e mais para cima. Sentia o contínuo estremecer debaixo dos pés. Imaginou a escuridão a agitar-se nas profundezas. Porque não cessava?

Seria tarde demais?

Estariam os portões do Inferno ainda abertos?

08h15

Rhun corria ao lado de Elisabeta, enquanto esta carregava nos braços Tommy, o profetizado Primeiro Anjo. Lembrou-se de a ouvir gritar quando entrara na caverna fria.

“Salva o rapaz!”

Ele sabia, pela angústia na sua voz, que não fora a profecia a despoletar a necessidade de proteger o rapaz. Ela apertava Tommy contra o peito, a sua boca crispada numa linha de preocupação. O pulsar do rapaz persistia inconstante, fraco mas determinado, sintonizado com a expressão de Elisabeta. Rhun vigiava cada passo seu, pronto a segurá-la se fraquejasse. O sangue vertia de um milhar de golpes, mas ela parecia retirar forças de um poço bem mais fundo do que o de um *strigoi*.

Era o de uma mãe decidida a salvar o filho a todo o custo.

Erin e Jordan seguiam-nos e, no fim, o cardeal, que carregava a mulher de tez escura. Recordou a luz dourada que irradiara dela, evocando a convicção de Bernard de que ela era um anjo. No entanto, conhecia claramente Iscariotes e tinha alguma relação com ele. Mas porque procuraria um anjo o Traidor de Cristo?

Porque o procuraria quem quer que fosse?

Rhun fitou o sangue que lhe manchava a manga.

O sangue de Leopold.

Havia tanto por conhecer.

Finalmente, alcançaram o final do túnel e escaparam pelo ninho de pedras até à praia. O céu permanecia negro, escondendo o Sol. Olhou para Elisabeta. Por agora, mantinha-se a salvo do dia ocultado. Mas por fim caiu de joelhos com o rapaz, na areia. O sol levantado ainda pesava, claramente, sobre ela, debilitando mesmo a sua imensa força.

Rhun perscrutou o céu. O fumo alastrara pelo horizonte. O que quer que Iscariotes tivesse posto em ação, tirar o Primeiro Anjo do templo não o travara.

Parecendo igualmente preocupado, Bernard reuniu-se a eles e baixou a mulher sobre a areia. Ela não abriu os olhos, mas um braço moveu-se debilmente, roçando a face, como que para afastar teias de aranha.

Ela ainda vivia.

Elisabeta pousou delicadamente o rapaz junto dela, deitando-lhe a cabeça na areia e examinando-lhe o ferimento na garganta. Continuava a derramar sangue, embora talvez ligeiramente menos. Mas seria porque sarava ou porque simplesmente se esgotava de vida?

Elisabeta segurou-lhe a mão. Rhun não duvidava de que ela mataria quem quer que tentasse fazer mal ao rapaz. Recordou o feroz instinto protetor dela em relação aos filhos, mesmo quando assassinava os filhos dos outros. As suas lealdades eram inexplicáveis para ele.

O vento agitou-lhe a capa e um feixe de luz do dia filtrada incidiu-lhe sobre a face. Rhun correu para ela, mas a sua pele não ardia. Evidentemente, havia suficientes cinzas impuras a cobrir o ar para permitir aos *strigoi* caminhar sob aquele temível céu.

Ele imaginou a nuvem de cinza a rodear o mundo, despertando horrores há muito adormecidos em criptas, sepulturas e outros lugares desprovidos de Sol.

Elisabeta sentiu também a mudança, erguendo o rosto ao céu pardacento. Mesmo toldado de cinza, era o primeiro céu diurno que ela contemplava a olho nu há séculos. Examinou-o por um longo momento, antes de voltar a sua atenção para o rapaz ferido na areia.

Bernard avançou para o outro lado de Tommy. Despiu o casaco do fato e desapertou a camisa branca manchada de sangue, revelando a armadura oculta. Abriu o fecho de um compartimento estanque sobre o coração e tirou para fora um simples livro encadernado a couro.

Rhun arquejou face ao objeto.
Era o Evangelho de Sangue.

08h21

Ao vislumbrar o Evangelho nas mãos de Bernard, Erin ajoelhou-se junto à cabeça do rapaz. Conseguia sentir os séculos de profecia a pesarem-lhe sobre a pálida fronte. A cinza pousava-lhe no cabelo, ainda suave da idade. Mais partículas aterraram nas suas faces e lábios. Ela estendeu a mão e limpou-as, deixando-lhe um borrão ferruginoso na pele.

Ele não se moveu sob o seu toque, a respiração superficial e demasiado lenta.

Christian juntou-se a ela.

– O que se passa com ele? – perguntou Erin. – Em Estocolmo recuperou muito mais depressa. Porque não está a sarar agora?

– Não sei – sussurrou Bathory, brandamente, fitando-a, a dor irradiando do seu olhar, surpreendendo Erin com a sua intensidade. – Mas ouvi Iscariotes dizer que a lâmina usada era capaz de matar anjos. Mesmo agora, ouço o seu jovem coração a desvanecer-se. Deve ser algo contido nessa lâmina.

A condessa afastou o cabelo da testa do rapaz.

Bernard baixou-se sobre um joelho.

– Deixem-me colocar o Evangelho nas mãos do Tommy – disse ele. – Talvez a sua graça o salve.

Bathory escarneceu.

– Deposita a sua esperança noutro livro sagrado, padre? O outro serviu-nos assim tão bem?

Contudo, a condessa não opôs resistência, enquanto Bernard puxava as mãos do rapaz para o seu peito. Mesmo ela sabia que alguma esperança era melhor do que nenhuma.

Bernard depositou reverencialmente o livro nas mãos do rapaz. Quando o couro tocou a pele, a capa irradiou um brilho áureo por um breve instante depois apagou-se.

As pálpebras de Tommy entreabriram-se.

– Mãe...?

A condessa debruçou-se sobre ele, uma lágrima resvalando sobre a face do rapaz.

– É Elizabeta, meu corajoso menino – disse ela. – Estamos livres.

– Abre o livro, meu filho – instou Bernard. – E salva o mundo.

A profecia ecoou por Erin: ***“A trindade profética deverá levar o livro ao Primeiro Anjo e obter a sua bênção...”***

Ela olhou de Rhun, para Jordan, para Bathory.

Tommy esforçou-se por se sentar, para cumprir também o seu papel.

Bathory ajudou-o a endireitar-se, deixando as suas costas magras apoiarem-se contra si, tratando-o com toda a gentileza.

Tommy colocou o livro no colo e abriu-o na primeira página. Ele debruçou-se debilmente, procurando ler as palavras antigas em grego que aí se revelavam.

– O que diz? – perguntou com voz rouca.

Erin recitou-lhe as palavras:

– ***«Prenuncia-se uma grande Guerra dos Céus. Para que as forças do bem prevaleçam, deve ser forjada uma Arma a partir deste Evangelho escrito com o meu sangue. A trindade profética deverá levar o livro ao Primeiro Anjo e obter a sua bênção. Só assim poderão assegurar a salvação do mundo.»***

Enquanto observavam, aguardando, a cinza caía sobre as páginas abertas.

Nada mais aconteceu.

Tommy olhou o céu agitado lá em cima, depois o mar plúmbeo e tumultuoso adiante.

– O que mais devo fazer? – indagou, soando perdido e desesperançado.

– Tu és o Primeiro Anjo – disse Rhun, docemente. – Deves abençoar este livro.

Tommy pestanejou, expulsando a cinza dos longos cílios e olhando-o, duvidoso. Voltou-se para a pessoa em quem, claramente, mais confiava.

Bathory.

A condessa clareou a garganta de sangue, revelando a ferida ainda presente. A inquietação inundava-lhe a voz, ansiando por qualquer esperança.

– Pode ser como dizem.

– Eu não sou um anjo – desdenhou Tommy. – Não existem anjos.

Bathory sorriu-lhe, mostrando as pontas dos seus dentes afiados.

– Se há monstros no mundo, porque não anjos?

Tommy suspirou, revirando ligeiramente os olhos – não de desdém, mas da crescente fraqueza. Estava, visivelmente, a esmorecer de novo.

Bathory encostou uma mão à sua face.

– Acredites ou não, que mal faz acederes aos seus desejos e abençoares o maldito livro?

Bernard apertou-lhe o ombro.

– Tenta, por favor.

Tommy abanou a cabeça, em cedência, e ergueu uma mão sobre as páginas abertas do Evangelho. A mão tremia-lhe, mesmo desse pequeno esforço.

– Eu abençoo... este livro.

De novo, aguardaram, enquanto a cinza caía e o chão continuava a vacilar.

Não ocorreu qualquer milagre. Nenhuma luz dourada. Nenhuma nova palavra.

Um mal-estar cresceu em Erin.

Falhara-lhes alguma coisa – mas o quê?

Jordan franziu a testa.

– Talvez tenha de dizer alguma oração especial.

Christian vigiava a paisagem arruinada.

– Ou talvez seja este maldito lugar.

Bernard retesou-se e agarrou o braço de Christian em agradecimento.

– É claro! O Evangelho de Sangue só poderia ser transfigurado sobre os ossos sagrados de Pedro, na Basílica. Temos de levar o rapaz para Roma. Só aí o livro poderá ser abençoado!

Tommy abateu-se subitamente de encontro à condessa, a sua breve energia apagando-se como uma vela gasta. Uma gota de sangue rolou-lhe da ferida ainda por sarar.

– Ele nunca chegará a Roma – disse Bathory. – Mal lhe consigo ouvir o batimento cardíaco.

Rhun olhou para Erin, confirmando-o.

Um ténue suspiro atraiu a atenção de Erin para lá do seu ombro, para onde Arella jazia na areia. A mulher rolara de lado, mas agora caiu novamente de costas, embora não antes de fitar Erin, com os olhos cheios da mesma tristeza representada no desenho, a mesma mágoa com que olhara para Iscariotes.

Erin compreendeu a mensagem, aquela a que Judas não prestara atenção.

“Estão errados.”

Como se a sibila soubesse que tinha sido compreendida, os olhos fecharam-se-lhe por fim e o corpo perdeu as forças.

Perturbada, Erin moveu-se para o seu lado e pegou-lhe na mão, sentindo-a quente. Notou que areia húmida lhe cobria as pontas dos dedos. Um olhar para o lado – para onde Arella estivera inclinada – revelou um símbolo desenhado na areia.



Era uma tocha – desenhada apressadamente e encoberta pela cinza, mostrava um feixe de juncos atado e em chamas.

Atrás dela, Bernard dizia:

– Podemos ligar o rapaz aqui e aplicar-lhe pressão sobre a ferida durante a viagem. Ele irá... *deverá* sobreviver à viagem até Roma.

Christian apontou um segundo helicóptero parado na praia. Devia ter sido trazido pelos reforços do cardeal.

– Vou buscar o estojo de primeiros socorros. O aparelho deve ter combustível suficiente para chegar à Cidade do Vaticano. Não é mais de uma hora de voo. Uma vez no ar, alertarei o pessoal médico para estar a postos.

Bathory escarneceu.

– O rapaz não tem um ferimento natural. Não pode ser curado com a vossa medicina moderna.

Por uma vez, Erin viu-se a concordar com a condessa. Mesmo sem as capacidades curativas de Tommy, a ferida já devia ter começado a coagular.

Considerou novamente o símbolo.

“Estão todos errados.”

Enquanto Christian corria a buscar o estojo de primeiros socorros, Bernard experimentava deitar vinho consagrado na ferida, murmurando preces em latim. Limpou-a com a sua manga.

O sangue avolumou-se, fluindo agora mais intensamente.

Erin notou um vago brilho dourado, apenas evidente devido à obscuridade. Talvez assinalasse a sua peculiar essência angelical, o milagre que sustentava a sua vida, o mesmo milagre que, possivelmente, salvara Jordan em Estocolmo.

– Não sabe o que está a fazer – disse Bathory, arrancando as mãos de Bernard do rapaz. Apontou Arella. – *Ela* carregava a lâmina que o feriu. Ela deve saber mais sobre isso. Despertem-na.

Erin tentou, abanando o ombro da mulher, mas não obteve resposta.

– Temos de tirar o rapaz destas areias malditas e levá-lo para Roma – exigiu Bernard, quando Christian regressou. – Aí poderemos salvá-lo.

Erin recordou o aviso anterior de Arella: *"Nem vocês, nem os sacerdotes podem salvar o rapaz. Só eu o posso fazer."*

Erin voltou-se para Bernard e expressou em voz alta aquilo em que começara a acreditar.

– Estão todos errados.

Como que ouvindo a sua própria mensagem pronunciada, Arella moveu-se. O seu braço tombou debilmente na direção de Tommy, da sua garganta ensanguentada. Com o toque, uma gota de sangue parou de se derramar da ferida. Susteve-se aí. Depois, os dedos deslizaram e a gota inflou e derramou-se pela sua pele sem cor.

– Ela pode curá-lo – insistiu Erin.

Bathory anuiu.

– Foi uma arma de anjos que o feriu. Só um anjo poderá curá-lo.

– Como? – Questionou Bernard.

Erin fitou o símbolo, sabendo que era importante. A mulher não o teria traçado sem intenção. A sibila *nunca* traçava nada que não fosse importante. Recordou o esboço encontrado no cofre de Iscariotes.

– Uma *tocha*!

Erin chamou os outros a si e apontou a areia.

– Era um dos cinco símbolos inscritos no desenho, representando as cinco sibilas.

– E o que quer dizer? – indagou Bernard, enquanto Christian regressava.

– Ela está a tentar mostrar-nos para onde ir, como curá-lo. A tocha em chamas é o símbolo da *Sibila Líbia*, uma das profetisas que preconizaram a vinda de Cristo. Segundo a mitologia local, essas águas têm, supostamente, propriedades curativas milagrosas. Alguns acreditam que Cristo permaneceu aí, com Maria e José, depois de fugir ao massacre de Herodes.

– Conheço essas histórias – disse Bernard. – Mas a Sibila Líbia estabeleceu morada em Siwa, um oásis nos desertos do atual Egito. Do outro lado do Mediterrâneo. O rapaz nunca conseguirá sobreviver a tão longa viagem.

Erin reconheceu essa verdade e permaneceu em silêncio.

Tomando-o como aquiescência, Bernard endireitou-se.

– Levaremos ambos para Roma.

Gesticulou para Christian.

– Carregue o rapaz. Eu levo a mulher.

Bathory interpôs-se entre Christian e Tommy.

– Não fará tal coisa.

Bernard olhou-a em fúria.

– Se o rapaz não pode ser curado *aqui*, se não consegue chegar a Siwa, o quê então? – insistiu ele. – Pelo menos se o levarmos até Roma, à Basílica de São Pedro, talvez possa viver o suficiente para abençoar o livro e revelar os segredos contidos nele.

– Então não lhe importa verdadeiramente se o rapaz sobrevive? – contrapôs Jordan. – Desde que cumpra a sua função.

A expressão irada de Bernard respondeu-lhe.

Erin juntou-se a Bathory.

– A vida desta criança é mais importante do que quaisquer segredos.

Bernard confrontou-os, agitando um braço na direção do manto fúnebre que alastrava no céu.

– As cinzas continuam a cair. Aquilo que foi corrompido, ainda não foi sanado. Vimos os portões do Inferno escancararem-se debaixo do rapaz. O processo foi travado, mas é inevitável. Aquilo que foi aberto, tem de ser encerrado. Temos até ao pôr do Sol para o impedir.

– Porquê o pôr do Sol? – perguntou Erin.

Bernard olhou para os céus.

– Li as narrativas sobre este lugar. Se os portões do Inferno forem abertos durante o dia, devem ser fechados até à última luz do dia ou não mais poderão ser encerrados. E isso é mais importante do que *qualquer* vida, incluindo a do rapaz. A menos que atuemos agora, serão incontáveis as vítimas inocentes.

– Mas é esse *ato* que me parece duvidoso – disse ela.

Jordan manteve-se do seu lado.

– Estou com a Erin nisto.

A condessa manteve-se firme.

– Tal como eu.

Rhun olhou-os, incerto, hesitando entre eles e Bernard, que tinha o peso de uma dezena de sanguinistas atrás de si.

– O que propõe, então, Erin?

– Esqueçamos o Evangelho, a profecia, a salvação do mundo. Centremos todas as nossas forças em salvar este rapaz, uma criança que sofreu imensamente. Devemos-lhe isso. Ele foi martirizado com a imortalidade pelo simples ato de tentar salvar uma pomba ferida. Para mim, ele é essa pomba. Não vou deixá-lo morrer.

A mão fria de Bathory encontrou a sua. Os dedos quentes de Jordan cingiram-lhe a outra.

– Diz-se que as águas curativas de Siwa são tão poderosas, que a própria sibila as usava para se regenerar, para se manter imortal. – Erin baixou o

olhar para a mulher, perguntando-se como um anjo podia parecer tão apagado e frágil. – Ainda podemos levá-los até lá, antes do pôr do Sol. Curá-los a ambos.

– O rapaz morrerá seguramente, antes chegar ao destino – argumentou Bernard. – Roma fica apenas...

Rhun cortou-lhe a palavra.

– Como planeia curar o rapaz em Roma?

– Temos médicos. Temos sacerdotes. Mas mesmo que não os houvesse, o mais importante seria abençoar o livro na Basílica de São Pedro.

Rhun franziu a fronte de desagrado.

– O que o torna tão certo de que o livro revelará os seus segredos em Roma?

– Porque tem de ser assim. – O cardeal tocou a sua cruz peitoral. – Ou tudo estará verdadeiramente perdido.

O olhar de Rhun oscilou entre Erin e Bathory.

– Bernard, está a dar demasiada importância a chegar à basílica.

– Foi onde o Evangelho de Sangue foi aberto e restituído ao mundo.

– Mas o livro foi levado até *aí* com base nas palavras de Erin e Bathory Darabont. Contudo, aqui estamos nós, com Erin de novo e outra mulher da família Bathory, ambas dizendo para levar o rapaz até Siwa. Embora não saibamos com certeza quem é a Mulher Sábia, neste caso pouco importa. Ambas instam a que se leve o rapaz para o Egito.

– Não somos só nós – acrescentou Erin, apontando Arella. – Uma outra mulher fá-lo também. Um anjo que, nas suas próprias palavras, o achou indigno no passado.

Bernard deu um passo atrás face às suas palavras, mas estas pareceram atizar ainda mais a sua fúria.

– Roma está a *apenas* uma hora de distância – insistiu. – Vamos para a Basílica de São Pedro e prestaremos ao rapaz os cuidados de que necessita. Se eu estiver errado, pode ser aí preparado para a longa viagem até Siwa.

– Nessa altura, poderá ser tarde demais – argumentou Erin, gesticulando para o Sol toldado.

Christian desviou-se, fitando esses mesmos céus.

– O que quer que decidam, vou aquecer o helicóptero. Depois, dizem-me para onde ir.

– O Christian tem razão – disse Jordan, à medida que as cinzas caíam cada vez mais intensamente à sua volta. – Este ar conspurcado pode tomar a decisão por nós. Se a cinza se adensar mais, não vamos a lado nenhum.

Reconhecendo essa verdade, todos seguiram Christian. Rhun carregava Arella, enquanto Bathory mantinha a posse do rapaz. Momentos mais tarde, o motor do helicóptero expetorava roucamente na praia, sufocado pela cinza, antes de roncar de volta à vida. Erin protegeu os olhos da areia e cinzas agitadas pelas hélices.

Tornou-se impossível falar.

Uma vez junto ao helicóptero, todos subiram a bordo. Bathory passou Tommy a Erin, enquanto Bernard ajudava Rhun a instalar Arella sobre uma fila de assentos. Christian mal lhes deu tempo de se sentarem, antes de injetar os esforçados motores. Levantou voo da praia e dirigiu-se para as águas plúmbeas, fugindo ao turbilhão de fogo e fumo.

– Para onde? – bradou Christian da frente.

– Roma! – gritou Bernard, fitando o outro lado da cabina, desafiando-os a contestar.

Bathory fitou Erin com um brilho maligno no olhar. Ela retraiu-se, temendo o pior. Mas não era ela o alvo da condessa. Movendo-se num borrão veloz, Bathory virou-se sobre o vizinho, lançou um braço à volta da sua cintura e abriu de rompante a porta ao lado dele. Nenhum deles tinha posto o cinto ainda e ambos, Bathory e Bernard, tombaram de cabeça porta fora, agarrados um ao outro.

Erin debruçou-se presa pelo cinto, enquanto Christian virava o helicóptero, a porta batendo e abrindo ao vento. Ela viu os dois

mergulharem na água em baixo e depois voltarem à superfície, ainda a lutar.

Jordan estendeu o braço e agarrou a porta, trancando-a.

– Isso resolve a questão – avançou ele, sorrindo, visivelmente apreciando o arrojado gesto de Bathory para pôr fim ao impasse.

Os três entreolharam-se.

Christian fitou-os, uma pergunta bailando-lhe nos olhos verdes.

Erin inclinou-se para diante e tocou o ombro do jovem sanguinista.

– Siwa – disse firmemente.

Christian fitou Rhun e Jordan, obtendo acenos de confirmação. Virou-se para a frente e encolheu os ombros.

– Quem sou eu para contestar a trindade da profecia?

CAPÍTULO 47

20 de dezembro, 08h38, CET
Cumas, Itália

Judas mantinha vigilância numa fenda na face do penhasco. Permanecia embrenhado fundo na sombra, oculto dos apurados sentidos dos sanguinistas na praia em baixo, blindado pelo fedor do enxofre e pelo estrondear da terra, enquanto os portões do Inferno ameaçavam abrir-se. Mal conseguira escapar dos túneis inferiores, antes de as passagens se desmoronarem em volta daquela caverna enegrecida pelo fumo, selando-a. Agora, nem mesmo os sanguinistas conseguiriam alcançar os portões a tempo.

Não havia nada que pudesse fazer para impedir o inevitável.

No entanto, momentos antes, vira o helicóptero atacar o denso manto de fumo e desaparecer, levando o rapaz e Arella consigo.

O seu coração angustiou-se ao vê-la tão derribada, reconhecendo o quanto ela arriscara para salvar o rapaz. Ele evocou o seu corpo destroçado, o seu cabelo tornado branco. Contudo, mesmo à distância, reconhecia a sua beleza, ao jazer estendida na areia.

“Meu amor...”

Das rochas, espiava agora o cardeal e a condessa que saíam penosamente das águas plúmbeas, as suas roupas molhadas colando-se ao corpo. Ambos fitavam os céus, por onde o helicóptero desaparecera.

Mas para onde se dirigiriam os outros?

Ele vira Bernard e Elizabeta projetarem-se para fora da aeronave, claramente largados fora como bagagem indesejada.

– Condenou-nos a todos! – O brado de Bernard ecoou até ele.

Em resposta, Elizabeta limitou-se a varrer a areia das vestes molhadas.

– Iremos atrás deles! – insistiu o cardeal. – Não alterou nada!

Ela descalçou uma bota e despejou a areia.

– Não consegue admitir a possibilidade de estar errado, padre?

– Não vou permitir que me julgue.

– Porque não? É responsável por aquilo que sou, bem como por Rhun. Foi a sua intromissão em profecias no passado que nos forçou a juntarmos-nos.

Os ombros de Bernard retesaram-se face às palavras de Bathory. Afastou-se em fúria, reunindo os outros sanguinistas e recuando para fora da praia, voltando a acorrentar a condessa.

Judas esperou um bom quarto de hora antes de descer do seu pouso, transpondo os penhascos de volta à praia. Tinha um objetivo específico em mente. Vira Arella a inscrever algo na areia, observara como isso afetara a doutora Granger e os outros. Atravessou até esse ponto, até onde Arella jazera tão inerte. Notou a depressão na areia, onde a cabeça dela repousara.

Ajoelhou-se e passou as pontas dos dedos pela concavidade.

A preocupação por ela feriu-o.

Viu o que ela traçara na areia. Reconheceria a marca da sua mão em qualquer lugar, tendo passado um século a registrar as suas palavras e a copiar os seus esboços. Viu o que ela inscrevera agora, tão atento ao seu sentido profético como em qualquer outra altura.

“Uma tocha em chamas.”

Sorriu, compreendendo.

Ela desenhara um mapa para os outros, mostrando-lhes para onde seguir.

A certeza acalmou-lhe a mente. Ele conhecia todos os símbolos associados a ela ao longo dos séculos, incluindo aquele.

Ela atraíra-os a Siwa.

Levantou-se, grato, uma convicção firmando-se no seu íntimo. Ele sabia que aquela mensagem fora deixada na areia, para *ele*, tanto como para os outros.

Ela convocava-o, também.

Mas porquê?



QUINTA PARTE

«... um anjo do Senhor apareceu em sonhos a José e disse-lhe: "Levanta-te, toma o Menino e Sua mãe, foge para o Egito e fica lá até que eu te avise, pois Herodes procurará o Menino para O matar."

E ele levantou-se, de noite, tomou o Menino e Sua mãe e partiu para o Egito, permanecendo aí até à morte de Herodes.

Assim se cumpriu o que o Senhor anunciou pelo profeta: "Do Egito, chamei o Meu filho."

– MATEUS 2: 13-15

CAPÍTULO 48

20 de dezembro, 13h49, CET

Espaço aéreo sobre o Egito

Jordan encostava a testa ao vidro de mais um helicóptero. O zumbido constante do motor e a infundável extensão de areia incaracterística embalaram-no numa sonolência. O persistente ardor que lhe castigava o ombro esquerdo, estendendo o fogo à sua tatuagem, impedia-o de dormir. Não era tanto uma dor mas um incômodo, um mal-estar que não se deixava mitigar.

Contudo, friccionava-o ainda agora, pouco consciente do que fazia.

Mas alguém não o estava.

– Passa-se alguma coisa com o teu ombro? – perguntou Erin.

– Hum... – disse, de forma não comprometedor, não a querendo perturbar com queixas menores, quando tinham preocupações de maior peso.

Como o rapaz estendido nos lugares ao lado de Erin.

Ela amparava a cabeça de Tommy, com uma das mãos a pressionar uma gaze dobrada contra o seu pescoço. Durante as mais de cinco horas de viagem, os seus esforços pareceram abrandar o sangramento, mas ainda assim tinha de substituir regularmente os pensos de gaze ensopados por outros.

Mas pelo menos estavam quase a chegar ao destino.

Depois de deixarem a praia, Christian regressara a Nápoles e retomara o anterior jato reabastecido, levantando voo de imediato para a pequena

cidade de Mersa Matruh, na costa egípcia, onde se transferiram para o atual helicóptero, um antigo aparelho militar convertido para uso civil. A partir daí, Christian conduziu-os para sul, sobre as areias.

Jordan viu muito deserto nas suas incursões pelo Afeganistão e o Iraque, mas nada da dimensão daquele. Era como se tivesse trocado o cinzento couraçado do mar Mediterrâneo por aquele oceano sariano dourado. Por muito que o helicóptero avançasse, a paisagem em baixo permanecia inalterada.

Mas pior que tudo, a nuvem de cinzas continuava a persegui-los, seguindo-os pelo oceano e pelo deserto. Segundo as informações via rádio, alastrava-se como uma imensa onda, movendo-se mais rapidamente do que previsto pelos modelos climatéricos. Eles tinham escapado do espaço aéreo europeu mesmo a tempo, antes de grande parte da região ser encerrada ao tráfego, devido às condições do ar.

Por agora, não tinha dificuldade em acreditar que as cinzas brotavam diretamente do Inferno.

Mas, pelo menos, o rapaz ainda vivia – embora a sua vida estivesse por um fio. A respiração era superficial e o batimento cardíaco tão fraco que Jordan não lhe conseguia sentir o pulso, mas Rhun assegurava-lhe que ele existia.

Por fim, algo captou a atenção de Jordan pela janela, junto à linha do horizonte, uma faixa de verde.

Esfregou os olhos agredidos pela areia e olhou de novo.

Ainda lá estava.

“Pelo menos, os meus olhos não me deixam ficar mal.”

Fitou Rhun, a mulher estendida ao lado dele, tapada por um cobertor azul-marinho. Tal como Tommy, nunca se mexera. Fora com base na sua palavra não expressa que tinham vindo até ali.

“Que não fosse em vão.”

Se a criança morresse, Erin ficaria destroçada, sabendo que fora por insistência sua que tinham feito aquele longo desvio para nenhures, com um rapaz moribundo.

Jordan voltou a olhar pela janela e viu a faixa verde crescer.

Segundo Erin, Siwa era um oásis, não longe da fronteira líbia. Tinha água corrente, palmeiras e uma pequena aldeia em redor. Vestígios antigos pontilhavam, igualmente, aquela esmeralda do deserto, incluindo as ruínas do tempo do famoso oráculo e um conjunto de túmulos, designado Gebel al Mawta, ou a *Montanha dos Mortos*.

Quisesse Deus que não tivessem de sepultar os seus dois passageiros nesse último local.

Não sabendo o que poderiam enfrentar em Siwa, Jordan voltou-se para a única pessoa que tinha essas respostas. Fitou o corpo encoberto da sibila do lado oposto – descobrindo-a a fixá-lo, de olhos bem abertos.

Retesou-se, surpreendido, e tocou o braço de Erin.

Ela voltou-se e teve a mesma reação de surpresa.

– Arella...?

Erin olhou para Tommy, no seu colo, mas ele continuava inconsciente.

Rhun soltou as correias que a prendiam em segurança no lugar e ajudou-a a sentar-se.

Ela manteve o cobertor sobre os ombros, apesar do calor da cabina, claramente ainda fria, ainda a recuperar. Vacilava ligeiramente, sentada.

– Como se sente? – perguntou Jordan, falando alto para se sobrepor ao ruído do helicóptero.

Ela voltou-se para a janela, fitando a faixa de árvores que se estendia na direção deles.

– Siwa...

– Estamos quase lá – disse Erin.

Arella fechou os olhos, inspirando fundo.

– Sinto-o.

Enquanto a observavam, a cor voltou-lhe lentamente, libertando a sua pele morena do cinzento apagado. Mesmo o cabelo espectral começara a ganhar tonalidade. Estava claramente a reanimar, como uma planta ressequida depois de regada.

– Deve estar a ganhar forças, à medida que nos aproximamos do oásis – sussurrou Erin a Jordan, ao seu lado.

– É da água – disse Arella, abrindo de novo os olhos, uma parte do seu brilho irradiando de novo. – Está no próprio ar.

Jordan olhou para fora. Via, agora, palmeiras a deslizar em baixo, a par de arbustos floridos, jardins de pátio e reflexos azuis de fontes e lagos artificiais, provavelmente tudo alimentado pelo lençol aquífero local.

Mais adiante, dois lagos de um azul leitoso emolduravam a aldeia. Avistou barcos de pesca e o rasto de um *jet ski*, tão incongruente ali, no meio daquele extenso deserto. Para lá dos lagos, uma série de mesetas elevava-se, interrompendo o deserto.

Christian circundou o lago a oeste e desviou-se em direção a uma das elevações vizinhas. No topo, erguia-se uma desordem de edifícios de pedra desmoronados, ruínas que rodeavam uma velha torre. Esta apontava ao céu, como um dedo acusador.

Era tudo o que restava do templo do oráculo.

Erin dera instruções a Christian para os levar aí.

Jordan olhou de volta Arella, que continuava a fitar o exterior, uma lágrima correndo-lhe por uma das faces perfeitas.

– Há muito que não o via – disse ela.

Jordan não sabia como responder.

– Esta era a sua casa? – indagou Erin.

A mulher inclinou a cabeça em reconhecimento.

– Isso faz de si a Sibila de Cumas e a Sibila da Líbia. – Os olhos de Erin arregalaram-se, compreendendo subitamente. – Aqueles cinco símbolos,

as cinco profetisas que prenunciaram o nascimento de Cristo eram todas uma única, *você*.

De novo, um inclinar do queixo respondeu-lhe.

– Estabeleci a minha morada em muitos lugares no mundo antigo.

Ela voltou a olhar ansiosamente pela janela enquanto Christian descrevia um círculo em direção às ruínas.

– Esta era uma das minhas preferidas. Embora, claro, fosse bem mais grandiosa, noutros tempos. Deviam tê-la visto nos dias de Alexandre.

– Alexandre Magno? – indagou Rhun, a surpresa na voz.

Erin encarou Arella.

– A História diz que ele veio até aqui. Que a veio consultar.

Ela sorriu.

– Ele era um belo homem, de cabelo castanho encaracolado e olhos brilhantes, tão jovem, tão cheio da necessidade de descobrir o seu destino, de o tornar realidade. Como tantos outros que vieram antes... e depois dele.

Ficou pensativa.

Rhun imaginou que pensasse em Judas.

Arella suspirou.

– O jovem macedónio veio confirmar se era o filho de Zeus, se o seu destino era de conquista e glória. O que lhe disse ser verdade.

Jordan sabia que Alexandre criara um dos maiores impérios do mundo antigo, por volta dos trinta anos, e morrera não derrotado em batalha.

– E o outro *filho de um deus*? – perguntou Erin. – A lenda diz que a família sagrada veio para aqui, depois de fugir à ira de Herodes.

Ela sorriu suavemente.

– Um menino tão bonito.

Rhun remexeu-se, nervoso. Jordan não o censurava. Estaria ela a recordar Cristo em criança?

Erin estudou Arella.

– A Bíblia diz que foi um anjo que apareceu a Maria e José e os avisou para fugirem para o Egito e escaparem ao massacre que se seguiria. Foi também você?

Arella sorriu. A mulher voltou-se para a janela, fitando lá fora as árvores e os lagos.

– Trouxe-O para aqui, para que pudesse crescer em paz e segurança.

Das suas lições de catequese, Jordan sabia dos *anos perdidos* de Cristo, de como Ele desaparecera no Egito, pouco depois de nascer, só reaparecendo por volta dos doze anos, quando visitou o templo de Jerusalém e repreendeu os fariseus.

Erin olhava agora pela janela também, provavelmente imaginando Cristo em criança, a correr por aquelas ruas, a chapinhar naquele lago.

– Eu quero saber tudo...

Arella retorquiui:

– Nem eu posso ter essa pretensão. Mas partilharei consigo o primeiro milagre de Cristo. Para compreender o resto, é preciso começar por aí.

As sobrancelhas de Erin franziram-se de perplexidade.

– O primeiro milagre? Quando ele transformou a água em vinho, nas bodas de Caná?

Arella voltou os olhos tristes para Erin.

– Esse *não* foi o primeiro milagre.

14h07

“Não foi o primeiro milagre?”

Erin estava aturdida, querendo perguntar mais, mas esse segredo teria de esperar. Ela repreendera Bernard por colocar tais segredos acima da vida

do rapaz. Recusou-se a fazer o mesmo.

– E o Tommy? – inquiriu, colocando-lhe uma mão sobre a testa fria. – Disse na caverna que o podia salvar. É verdade?

– Posso – confirmou Arella. – Mas temos de o fazer quanto antes.

A sibila virou-se e inclinou-se para Christian, falando rapidamente e apontando mais longe para oeste, para lá das ruínas do seu templo.

Christian assentiu e inclinou a aeronave nessa direção.

Abaixo dos patins, passaram velozmente por uma aldeia de casas de tijolos de adobe, tendo resistido a novecentos anos, algumas delas permanentemente ocupadas. Erin tentou imaginar viver na mesma casa, geração após geração. O seu atual apartamento da universidade era mais jovem do que ela. Não tinha seguramente a mesma impressionante carga histórica que a rodeava naquele momento.

Mas o Egito, mais do que qualquer outro lugar, encerrava um sentido de intemporalidade e de mistério, uma terra de grandes reinos e dinastias findas, berço de uma multitude de deuses e heróis. Tocou o pedaço de âmbar no seu bolso, recordando o fascínio de Amy pela história daquele país. Como todos os arqueólogos, Amy quisera um dia dirigir uma escavação no Egito, deixar a sua marca aí.

Mas, infelizmente para Amy, esse dia não viria mais.

Erin manteve o aperto sobre o ombro de Tommy, enquanto o helicóptero descrevia uma curva para lá das ruínas do templo.

"Não voltará a acontecer" – prometeu ela.

O templo avultou-se diante dela. As paredes tinham ruído, os tetos desaparecido e as salas abriam-se ao céu escurecido de fumo. Mesmo no seu estado atual, conservava reminiscências da grandeza original. Teria a mulher à sua frente realmente vivido entre aquelas paredes de pedra e determinado o destino do mundo com as suas profecias? Teria ela convencido Alexandre Magno de que podia conquistar o mundo? Teria

encontrado Cleópatra quando esta se banhara naquelas águas? Se sim, o que teria dito à rainha?

Erin tinha mil perguntas, mas todas teriam de esperar.

Christian passou pelas ruínas, na direção do deserto distante.

Para onde os levava Arella?

A mulher continuava a orientar Christian, de costas voltadas para eles.

Rhun lançou a Erin um olhar intrigado, igualmente confuso, mas ela encolheu os ombros. Tinham ido até tão longe com base na palavra daquela mulher angelical. Era demasiado tarde para não confiar.

O helicóptero passou por uma ocasional meseta e voou sobre ondulantes dunas de areia. Adiante, o céu continuava a carregar-se de cinzento, à medida que a nuvem de fumo avançava sobre eles.

Por fim, o helicóptero começou a baixar. Erin procurou referências, mas era como se escolhessem uma extensão de dunas ao acaso onde aterrar. As hélices arrancavam tiras de areia das cristas mais próximas.

O ruído dos motores mudou e o helicóptero pairou no mesmo lugar.

“Mas porquê ali?”

Jordan não parecia mais feliz.

– É igual às centenas de milhares de quilómetros de deserto que já sobrevoámos.

Erin estava tentada a concordar com ele, mas depois a sua visão começou a detetar subtis diferenças. A crista de dunas mais próxima não seguia o padrão do deserto envolvente. Olhou por ambas as janelas para o confirmar. A crista prolongava-se a toda a volta, formando um círculo em torno de uma cova gigantesca de cerca de trinta metros de diâmetro e seis de profundidade.

– Parece uma cratera – disse Erin, apontando a Jordan a borda a toda a volta.

– Outro vulcão? – indagou Jordan.

– Acho que pode ser da queda de um meteorito.

Erin olhou para Arella em busca de resposta, mas a mulher limitou-se a dirigir Christian para baixo.

Instantes depois, os patins tocaram a areia. O helicóptero imobilizou-se, ligeiramente inclinado num ângulo da concavidade, não distante do centro. Christian manteve as pás do helicóptero a girar, como que soprando deliberadamente a areia para fora da cratera.

“Uma forma diferente de escavar.”

Areia em tons de ouro rodopiou com o movimento das hélices, cegando-os momentaneamente.

Depois, os motores pararam por fim e as hélices abrandaram. Após tantas horas de constante zunido, o silêncio derramou-se sobre ela como uma onda. A areia levantada assentou, tamborilando no solo como uma chuva dourada.

Arella encarou-os finalmente, pousando uma mão no ombro de Christian, agradecendo-lhe.

– Podemos ir, agora.

Rhun abriu a porta e saltou para fora, à frente. Deteve-os atrás de si, sempre cauteloso, algo que Erin sabia ser bem justificado.

– Não há nada a recear aqui – assegurou-lhes Arella.

Depois de Rhun o confirmar com um: *“Não há perigo”* – a mulher saiu do aparelho, seguida de Erin.

Uma vez de pé, Erin esticou-se, inspirando fundo, sorvendo a secura para dentro dos pulmões, inalando o aroma rochoso do puro deserto. Deixou-se aquecer, por um momento, ao sol. A areia significava o luxo do tempo nas escavações – horas passadas ao sol a escavar para libertar segredos há muito enterrados, dos pacientes grãos que os haviam ocultado.

Não tinha esse luxo, agora.

Semicerrou os olhos ao sol. Tão avançado no inverno, o Sol pôr-se-ia por volta das cinco, em menos de três horas. Recordou o aviso de Bernard sobre os portões do Inferno, mas afastou tais receios de momento.

Tommy, certamente, não teria sequer essas três horas.

Ela voltou-se, quando as botas de Jordan pisaram a areia ao seu lado, ajudando Christian a carregar o corpo de Tommy para o deserto, para aquela estranha cratera.

– Onde estamos? – perguntou Christian, os seus olhos estreitando-se à luz do sol, embora fosse esbatido pelas cinzas a um brilho incómodo.

– Não sei – disse Erin, brandamente, sentindo que devia sussurrar por alguma razão.

Estudou as paredes que se encurvavam para cima em seu redor, notando que a linha da crista não era tão suave como pensara do ar, mas parecia mais denteada, formando uma paliçada natural na borda da concavidade. O calor irradiava sob os pés, mais do que esperaria naquele dia encoberto pelas cinzas. Tremulava pela cratera de areia, dançando com grãos de areia.

Arella afastou-se deles, dirigindo-se ao centro da cratera.

– Tragam o rapaz, rápido – foi tudo o que disse.

Eles seguiram-na, desorientados e confusos – sobretudo quando ela se pôs de joelhos e começou a escavar com ambas as mãos.

Jordan ergueu uma sobancelha.

– Talvez devêssemos ajudá-la.

Erin concordou. Enquanto Christian ficava com Tommy nos braços, ela juntou-se a Jordan e Rhun, escavando lado a lado, removendo a areia quente. Felizmente, quanto mais fundo escavava, mais fresca a areia se tornava.

Arella chegou-se para trás, deixando-os trabalhar, claramente ainda fraca.

A cerca de quinze centímetros de profundidade, as pontas dos dedos de Erin tocaram algo sólido. Um arrebatado misto de ansiedade e maravilhamento percorreu-a. O que estaria ali escondido? Quantas vezes teria sido enterrado e descoberto pelas constantes tempestades de areia?

– Tenham cuidado – alertou os outros. – Pode ser frágil.

Abrandonou os movimentos, removendo quantidades menores de areia, desejando ter consigo as ferramentas de escavação, as escovas e pincéis. Depois, uma partícula de cinza negra caiu, saltando-lhe à vista e relembrando-a de que tinham de se apressar.

Acelerou o ritmo de novo e os outros seguiram-lhe o exemplo.

– O que é? – perguntou Jordan, quando se tornou claro que havia uma camada de vidro por baixo deles, encurvado e tosco, natural, como se algo tivesse fundido a areia.

– Acho que é vidro de impacto, talvez na sequência da queda de um meteorito. – Erin martelou a superfície com a unha, fazendo-a retinir. – Há um extenso depósito deste tipo de vidro meteórico no deserto líbio. O escaravelho ocre do amuleto de Tutankhamon foi esculpido num fragmento deste vidro.

– Fixe – murmurou Jordan, voltando ao seu labor.

Erin parou um instante para limpar a testa com as costas do pulso. Enquanto Jordan e Rhun continuavam a retirar a areia do vidro, ela deu-se conta de *quem* se esforçava por libertar o que estava ali enterrado.

A Trindade Profética... reunida de novo.

Confortada pela ideia, redobrou os seus esforços e, em poucos minutos, tinham removido areia suficiente para revelar os limites do vidro – embora se estendesse mais para fora ainda. Erin olhou à sua volta.

A cratera inteira seria de *vidro*?

Teria algum meteorito embatido ali, moldando aquela concavidade perfeita?

Seria possível?

Parecia pouco provável. Quando o meteorito atingira a Líbia, há vinte e seis milhões de anos, dando origem ao amuleto de Tutankhamon, espalhara fragmentos de vidro por quilómetros em redor.

Sem respostas ao seu alcance, Erin voltou a sua atenção para o que tinham exposto. Era como se alguém tivesse pegado numa faca com ponta de diamante e cortado um círculo perfeito naquele fundo de vidro, formando um disco de um metro e pouco de diâmetro.

Não era diferente do ralo de uma banheira.

Erin debruçou-se para examinar a superfície mais de perto, inclinando a cabeça em vários ângulos. O disco era de um âmbar translúcido, mais escuro de um lado do que do outro, os dois tons separados por uma linha em forma de *S* de prata apagada, formando uma versão fundida de um símbolo *yin-yang*.

Notou que o mesmo padrão se estendia a partir dali.

O vidro na parte oriental da cratera parecia ser de um âmbar escuro e a metade ocidental era nitidamente mais clara.

Mas o que era aquilo no centro?

– Parece uma tampa de túnel de acesso gigante – comentou Jordan.

Ela viu que ele tinha razão. Cuidadosamente, tateou as bordas do largo disco de vidro, sentindo uma aresta suficiente para a levantar, se tivesse força para isso.

– Mas o que há aqui por baixo? – Erin fitou Arella. – E como vai ajudar Tommy?

Arella desviou o rosto dos céus a norte e acenou para Erin.

– Coloquem o rapaz junto aos meus pés – ordenou. – Depois, levantem a pedra que desenterraram.

Christian baixou suavemente Tommy na areia. Depois, ele e Rhun assumiram lados opostos da tampa em forma de disco. Agarraram-na com as pontas dos dedos e levantaram-na de uma vez, com um raspar de vidro e areia. A placa parecia ter trinta centímetros de espessura e devia pesar muitos quilos, relembrando Erin da força hercúlea dos sanguinistas.

Carregando-a à altura da cintura, desviaram-na uns passos e baixaram-na sobre a areia. Erin rastejou para diante e espreitou para ver o que revelava.

Parecia ser um túnel com um espelho a reluzir alguns centímetros abaixo, refletindo o céu e o seu rosto.

“Não é um espelho” – compreendeu ela.

Era a superfície imóvel de água escura.

Olhou Arella.

– É um poço.

A mulher sorriu, aproximando-se, tornando-se visivelmente mais forte, mais radiante, o seu corpo reagindo a alguma essência desse poço.

Arella ajoelhou-se reverentemente na borda e mergulhou um braço no interior. Quando o tirou para fora, água argêntea pingou da sua mão.

Devia ser uma fonte natural, possivelmente outrora parte do oásis vizinho.

Arella moveu-se para junto de Tommy e deixou cair água das pontas dos seus dedos sobre a ferida no pescoço, depois lavou-lhe delicadamente a garganta. O sangue desapareceu da pele, parou de correr do golpe e mesmo os bordos rosados da ferida começaram a unir-se.

Erin fitava-a com assombro. A cientista dentro de si necessitava de compreender, mas a mulher dentro de si simplesmente exultava, caindo de joelhos, aliviada.

Arella voltou ao poço, com as mãos em concha cheias de água. Ergueu a dupla carga sobre Tommy.

Erin susteve a respiração.

Quando a água límpida se derramou sobre o rosto pálido de Tommy, os olhos abriram-se sobressaltados, como se acordasse subitamente de uma sesta.

Tossiu e limpou o rosto, olhando em volta.

– Onde estou? – crocitou ele.

– Estás a salvo – disse Erin, chegando-se mais perto, desejando que fosse verdade.

Os seus olhos encontraram os dela e sossegou.

– O que aconteceu?

Erin voltou-se para Arella.

– Eu não sei explicar, mas talvez ela o possa fazer.

Arella levantou-se e limpou as mãos na sua túnica.

– As respostas estão escritas no vidro. A história está aqui para quem quiser ver.

– Que história? – indagou Erin.

A mulher agitou o braço em volta para abarcar toda a cratera.

– Aqui jaz a história não contada de Jesus Cristo.

CAPÍTULO 49

20 de dezembro, 15h04, CET

Siwa, Egito

Rhun virou-se num círculo lento, olhando com assombro a cratera varrida pela areia, imaginando as suas fundações de misterioso vidro. Mesmo quando ajudara Erin e Jordan a desenterrar a entrada para o poço das águas curativas, sentira um ligeiro ardor emanado do vidro. Quis ignorá-lo como sendo o calor das areias, do sol escaldante, mas reconhecia aquele ardor familiar, dos séculos a segurar a sua cruz.

O vidro queimava-o da *sacralidade*.

Sentira o mesmo do poço... e daquela estranha mulher angelical. Quando ela o roçou para curar Tommy, a água gotejou-lhe das pontas dos dedos, salpicando na areia com tal sacralidade, que ele tivera de dar um passo atrás, receoso.

Christian sentia claramente o mesmo, contemplando-a com um misto de maravilhamento e respeito.

Rhun estremecia, sentindo todo o peso da natureza sagrada da cratera.

O seu próprio sangue, contaminado como era, ardia face à divindade daquele lugar.

– Temos de afastar a areia! – bradou Erin.

Ela já estava de joelhos, desimpedindo uma secção de teste, revelando a saliência de algo gravado em relevo no vidro. Fez-lhes sinal para que se espalhassem num círculo em volta do poço.

Todos se lançaram ao trabalho, mesmo Tommy.

Só Arella se manteve para trás, não mostrando interesse na escavação. Mas afinal, ela já conhecia os segredos ali escondidos há muitas eras. Em vez disso, os seus olhos mantinham-se fixos nos céus tingidos de cinzas, fitando a norte, quase expectante.

– É mais fácil se não lutarem contra a areia – explicou Erin. – Trabalhem com a sua tendência natural para fluir *para baixo*.

Ela demonstrou, impelindo a areia por entre as pernas como um cão, empurrando-a para a vertente mais baixa. Rhun e os outros seguiram-lhe o exemplo. Os grãos de areia queimavam sob as mãos deste, com um calor que provinha de mais do que o Sol lá no alto.

Rhun escavou até ao leito de vidro da cratera. Mais do esboço que Erin revelara surgiu, profundamente gravado na superfície exposta. Varreu os grãos, reconhecendo um estilo egípcio na técnica. Afastou mais areia, revelando um painel quadrado contendo uma cena única.

O resto da equipa desenterrou quadros similares, inscritos na superfície áurea. Formavam um círculo de painéis em torno do poço, narrando uma história há muito oculta.

Todos se puseram de pé, tentando compreender.

Aparentemente atraída pela perplexidade deles, Arella avançou para o painel mais próximo de Erin. Baixou-se e, suavemente, varreu a areia de uma pequena figura. O rapaz encarava-os, mas o rosto estava de perfil, típico do traçado egípcio.

– Parecem hieróglifos – murmurou Tommy.

Mas ali a história não era de faraós ou deuses egípcios. Gravado no vidro, um rapaz de cabelo encaracolado trepava por uma duna estilizada, com um plano de água a aguardá-lo do outro lado.

Mas não era um rapaz *qualquer*.

– É Cristo em criança? – perguntou Erin.

Arella ergueu o rosto para eles.

– Isto conta como um menino foi sozinho para o deserto à procura de uma fonte escondida. Ainda não tinha onze anos e brincava pelas areias, pelos lagos, como qualquer menino.

O sangue de Rhun agitou-se ante o pensamento de Jesus em menino, a brincar no deserto como qualquer outra criança inocente.

Arella aproximou-se do painel seguinte, arrastando-os com ela. Aí, o rapaz de cabelo encaracolado chegava à fonte de água. Uma ave descansava do lado oposto, com linhas entalhadas irradiando do seu corpo.

Erin estudou o desenho, uma ruga marcando-lhe a fronte.

– O que aconteceu?

– Você é a Mulher Sábia – disse Arella. – Diga-mo.

Erin baixou-se sobre um joelho e seguiu com o dedo os traços do painel, descobrindo mais detalhes.

– O rapaz tem uma funda na mão direita e pedras na esquerda. Devia estar a caçar... ou talvez a brincar. A representar a luta de David contra Golias.

Arella sorriu, irradiando paz.

– Exato. Mas não havia nenhum *Golias* neste deserto. Apenas uma pequena *pomba* branca com reluzentes olhos de esmeralda.

Tommy arquejou, fitando a mulher.

– Eu vi uma pomba assim, em Massada... com uma asa partida.

O sorriso dela esmoreceu para a tristeza.

– Como um outro, muito antes de ti.

– Está a falar de Judas... – Tommy baixou-se ao lado de Erin, observando a ave mais de perto. – Ele disse que vira uma, também. Quando era um rapaz. Na manhã em que conhecera Jesus.

Erin fitou Tommy, depois Arella.

– A pomba foi sempre o símbolo do Espírito Santo para a Igreja.

Rhun esforçava-se por compreender como aquela mesma ave podia ligar os três rapazes. E mais importante do que isso, *porquê?*

Arella simplesmente virou costas, o rosto impassível, passando ao painel seguinte, fazendo-os segui-la.

Nesse quadrado de vidro, uma pedra voou da funda do rapaz e atingiu a ave, deixando-lhe uma asa claramente partida.

– Ele atingiu a ave – disse Erin, soando chocada.

– Ele queria apenas acertar por perto, assustá-la. Mas as intenções não bastam.

– O que quer isso dizer? – perguntou Tommy.

Erin explicou.

– Só porque queremos que algo aconteça de uma determinada maneira, não significa necessariamente que assim seja.

Rhun sentiu a angústia no bater de coração de Tommy. O rapaz já aprendera bem a sua lição.

“Tal como eu.”

O painel seguinte contava um final mais terrível para aquela brincadeira de criança. Aí, o rapaz de cabelo encaracolado segurava a pomba nas suas mãos, o pescoço desta pendendo inerte.

– A pedra fez mais do que partir-lhe a asa – observou Erin. – Matou-a.

– Como ele desejava poder desfazer o que fizera – disse Arella.

Rhun compreendeu o sentimento, também, evocando o rosto de Elisabeta à luz do sol.

Tommy voltou-se para Arella, os olhos semicerrando-se.

– Como sabe o que Jesus fez, o que ele pensou?

– Podia dizer que era por ser velha e sábia ou por ser profetisa. Mas sei-o, porque a criança me *contou*. Ele veio a correr do deserto, coberto de areia e fuligem, e esta foi a Sua história.

Erin olhou a mulher com assombro.

– Então, fez mais do que conduzir a família sagrada até Siwa. Permaneceu aqui, cuidando deles.

Arella inclinou a cabeça.

Christian fez o sinal da cruz. Até a mão de Rhun se ergueu involuntariamente para a cruz pendente do seu pescoço. Aquela mulher conhecera Cristo, partilhara os Seus primeiros triunfos e mágoas. Ela era bem mais santificada do que Rhun alguma vez poderia aspirar ser.

Arella moveu o braço em torno da cratera.

– Jesus encontrava-se, então, onde nos encontramos agora.

Rhun visualizou o poço e o plano de água que teria formado outrora. Imaginou a ave e o rapaz nas suas margens. Mas o que acontecera depois?

Arella prosseguiu no círculo de painéis. O próximo revelava o rapaz a erguer os braços ao alto. Feixes, entalhados no vidro, disparavam para cima das suas mãos. E entre esses raios, a pomba voava alto, as asas estendidas.

– Ele curou-a – disse Erin.

– Não – corrigiu Arella. – Ele devolveu-lhe a vida.

– O *primeiro* milagre – exclamou Rhun.

– De facto. – Ela não pareceu exultante com o ato. – Mas a luz desse milagre captou o olhar obscuro de um outro, alguém que o procurava desde o momento em que o anjo aparecera a Maria e lhe anunciara a boa nova.

– O rei Herodes? – questionou Jordan.

– Não, um inimigo bem mais poderoso do que Herodes alguma vez poderia ser.

– Portanto, não um homem, presumo? – aventou Erin.

Arella conduziu-os ao painel seguinte, onde o rapaz encarava uma figura esfumada com olhos de fogo.

– Não era nenhum *homem*, de facto, mas um inimigo implacável, que armou uma cilada ao rapaz, não por ódio ao Cristo criança, mas pela vontade inabalável de destruir o Pai.

– Está a falar de Lúcifer – compreendeu Erin, a sua voz abafada de temor.

Rhun fitou o vidro, o anjo negro a desafiar o Cristo criança – como Satanás faria de novo, ao tentar Cristo no deserto, com o Salvador feito homem.

– O Pai da Falsidade veio até aqui, pronto para a batalha – explicou Arella. – Mas alguém surgiu em defesa do rapaz.

Ela avançou no círculo gravado, revelando um rapaz agora envolto nas asas de um anjo, tal como a sibila envolvera Tommy nessa mesma manhã.

– Um outro anjo veio em seu auxílio. – Erin voltou-se para Arella. – Foi você?

O rosto da outra suavizou-se.

– Desejava ter sido, mas não fui.

Rhun compreendeu a mágoa na sua voz. Que privilégio teria sido poder salvar Cristo.

– Quem foi, então? – insistiu Erin.

Arella acenou para o painel. Ainda estava parcialmente encoberto pela areia à deriva. Rhun ajudou Erin a afastá-la, a sacralidade queimando-lhe as palmas das mãos.

Erin removeu os últimos grãos, notando que não eram apenas asas que protegiam o rapaz, mas uma espada, empunhada pelo anjo.

Erin levantou o olhar para Arella.

– O arcanjo Miguel. O anjo que lutou contra Lúcifer durante a batalha nos céus. O único que conseguiu ferir Lúcifer, atingindo-o no flanco com uma *espada*.

Arella inspirou fundo.

– O arcanjo Miguel foi sempre a primeira e melhor espada do Céu, e assim foi desta vez. Ele desceu à Terra e protegeu o rapaz do seu antigo adversário.

– O que aconteceu? – perguntou Jordan.

Arella baixou a cabeça, como que relutante em contar. Rhun escutou o sussurro do vento pela areia, o bater de coração dos humanos. Sons tão

eternos como a própria sibila.

Quando teve a certeza de que ela não falaria mais, passou ao painel seguinte, quente do sol. Representava uma explosão emanando do rapaz, as linhas quebrando-se a partir da sua forma esguia, eliminando tudo o resto no painel.

Rhun levantou o rosto e passou o olhar pela cratera. Tentou imaginar uma explosão com violência suficiente para fundir a areia em vidro. O que poderia sobreviver a tal? Imaginou as asas do anjo a protegerem o rapaz mortal.

Mas e o defensor de Cristo?

Rhun voltou-se para Arella.

– Como pôde o arcanjo Miguel resistir a tão assombrosa detonação?

– Não resistiu. – Ela suspirou suavemente, virando as costas ao círculo gravado. – Miguel foi feito em pedaços.

“Feito em pedaços?”

– Tudo o que restou dele foi a espada, deixada abandonada aqui na cratera.

Rhun abeirou-se do último painel. Mostrava simplesmente uma espada fendida, cravada de ponta para baixo na cratera. Percorreu com o olhar o círculo da história, procurando compreender.

O ato misericordioso de Cristo para salvar uma simples pomba resultara na destruição de um anjo. Como poderia o rapaz perdoar-se? Tê-lo-ia aquilo atormentado?

Rhun viu-se de joelhos diante daquele último painel, cobrindo o rosto. Ele destruíra Elisabeta, uma simples mulher, e isso ainda o martirizava ao longo dos séculos. Ele era responsável por destruir a vida dela e todas as vidas que se seguiram no seu rasto sangrento. Contudo, naquele momento, as suas mãos não escondiam a mágoa e a vergonha, mas o *alívio*, ao reconhecer o pequeno consolo que aquela história lhe oferecia.

“Obrigado, Senhor.”

O simples facto de saber que o próprio Cristo podia cometer erros, aliviou o seu fardo. Esse entendimento não perdoava os pecados de Rhun, mas tornava-os mais fáceis de carregar.

Erin falou.

– O que aconteceu à espada do arcanjo Miguel?

– O rapaz veio ter comigo depois, trazendo um fragmento dessa espada nas mãos.

Arella tocou o peito.

– Era o fragmento que usava ao pescoço – compreendeu Erin. – Aquele usado para golpear o Tommy.

Ela olhou-o, arrependida.

– Sim.

“Um pedaço dessa espada angelical.”

– Onde está o resto da espada? – indagou Jordan, sempre o guerreiro.

A voz serena de Arella vacilou, como se a memória se turvasse.

– O rapaz disse-me que pecara quando matara a pomba... e pecara de novo, quando lhe devolvera a vida. E que não estava preparado para a responsabilidade de tais milagres.

– Então, está a dizer que o primeiro milagre de Cristo foi um pecado? – questionou Jordan.

– Ele pensou que o era. Mas afinal, de várias formas, ele era apenas um rapaz assustado e atormentado pela culpa. Não me cabe a mim julgar a verdade.

Erin instou-a a continuar.

– O que aconteceu depois?

– Ele contou-me o resto da história. – Abarcou com o braço o círculo. – Depois, acalmei o rapaz e deitei-o na cama, e fui procurar a verdade por detrás das suas palavras. Encontrei esta cratera e a espada no seu centro fumegante. Procurando mais longe, descobri as pegadas de Lúcifer para sul, manchadas pelo derramar do seu sangue negro.

Rhun olhou para sul. Agora alertado para isso, vislumbrou um corte infecto naquela sacralidade nessa direção, esbatido mas presente.

“Esse sangue derramado ainda estaria ali?”

– Mas de Miguel, – prosseguiu Arella – não encontrei vestígio.

– E da espada?

– Permanece escondida – disse ela. – Até o Primeiro Anjo regressar à Terra.

– Mas não sou eu? – perguntou Tommy.

Os olhos escuros de Arella demoraram-se sobre Tommy por um longo momento, depois falou.

– Tu carregas o melhor dele dentro de ti, mas *não* és o Primeiro Anjo.

– Não compreendo – disse Tommy.

Erin fitou Rhun.

“Nenhum deles compreendia.”

Não era de admirar que o rapaz não conseguisse abençoar o livro.

Um amargo desapontamento invadiu Rhun. Todas as mortes para levar Tommy até ali tinham sido em vão. Tantos tinham sofrido, sangrado e morrido na perseguição do anjo errado. E com os portões do Inferno a continuarem a abrir-se, a condenação do mundo era agora certa.

Eles tinham falhado.

– Helicóptero – disse Christian, retesando-se ao seu lado.

Arella voltou o olhar para norte, para onde tinha estado a olhar insistentemente, como se o esperasse.

– Todos chegam, por fim. Para ver se o que foi outrora quebrado pode ser reparado.

– E se não puder? – indagou Erin. Ela observou o Sol não muito distante do horizonte. O pôr do Sol estava a menos de uma hora.

Rhun recebeu a resposta.

– Se não puder – Arella passou as mãos pela sua túnica branca manchada – será o fim do domínio dos homens na Terra.

CAPÍTULO 50

20 de dezembro, 15h28, CET

Siwa, Egito

“Se eu tivesse os ouvidos deles...”

Jordan inclinou a cabeça, tentando discernir quaisquer sinais de aproximação de um helicóptero, mas tudo o que ouvia era o sibilar do vento sobre a areia. Esforçou os olhos, mas apenas descobriu um horizonte dourado indistinto, dunas de areia espalhadas em todas as direções e uns poucos de planaltos ao longe. Em cima, o céu tornara-se cinzento-escuro, o Sol, um lânguido brilho por entre a névoa, posicionado baixo naquela altura do inverno.

Jordan avaliou a capacidade de resistência da equipa a um ataque – para o caso de ser uma força de assalto que voasse na sua direção.

“Quem estou a iludir?” – pensou ele. – “É claro que é uma força de assalto.”

A equipa não tinha, claramente, onde se abrigar ali em espaço aberto e os dois sanguinistas eram a sua melhor defesa – e ofensiva, aliás.

Mas quantos viriam?

Se fosse Iscariotes, o tipo dispunha de recursos infindáveis: humanos, *strigoi* e mesmo os monstruosos *blasphemare*.

Voltou-se para Christian.

– Que tal voar para um lugar mais fácil de defender?

– O helicóptero está quase sem combustível, mas, mesmo que não estivesse, não é suficientemente potente para escapar ao aparelho que se

aproxima.

Jordan recordou os infernais mísseis disparados contra eles.

– Entendo – disse com um suspiro.

Tirou a arma automática do ombro. Restavam-lhe poucas munições. Erin verificou a sua pistola e encolheu os ombros. A situação era a mesma.

Jordan esboçou o que esperou ser um sorriso tranquilizador.

Pela expressão no rosto dela, falhara.

Depois, ouviu um distante zunir de hélices. Os seus olhos captaram um ponto escuro no brilho refletido das areias. Um pequeno helicóptero comercial voava veloz na direção deles, numa rota baixa e acelerada. Conteria no máximo cinco ou seis inimigos. E, seguramente, não dispunha de mísseis.

Isso era, pelo menos, uma pequena bênção.

O piloto parecia esforçar o aparelho além dos limites. Fumo branco no seu rasto. Jordan ajustou a posição e ergueu a arma, apontando ao *cockpit*. Se conseguisse eliminar o piloto, talvez o helicóptero se despenhasse, resolvendo todos os problemas.

À medida que o helicóptero se aproximava, Jordan vislumbrou do lado direito da dianteira arredondada o ponto onde o piloto deveria estar sentado. Pôs o dedo no gatilho.

– Espere! – Christian empurrou-lhe o cano da arma para baixo.

Jordan recuou um passo.

– Porquê?

– É o Bernard – respondeu Rhun. – À frente, ao lado do piloto.

“Pronto, também quero ter os olhos deles.”

Jordan nem reconheceria a própria mãe àquela distância.

– Isso são boas ou más notícias? – perguntou.

– Não é provável que disparem sobre nós, se é o que quer saber – respondeu Christian. – Mas também não ficará muito satisfeito connosco.

Portanto, eram sobretudo boas notícias.

O helicóptero apontou diretamente a eles e fez uma aterragem brusca na borda da cratera, oscilante, fumo jorrando da traseira do motor, enquanto se imobilizava com um solavanco.

Bernard saltou para fora, acompanhado por um piloto corpulento, uma verdadeira besta envergando um uniforme de voo. Este último arrancou o capacete, revelando uma inesperada cabeleira ruiva. Da cabina atrás deles, saíram duas mulheres. A primeira tinha o longo cabelo grisalho apanhado numa trança perfeita, envergando uma armadura sanguinista. A segunda usava *jeans* e uma camisa prateada, coberta por um longo manto. Este ondeava como asas enquanto ela se distanciava dos outros. Jordan notou o brilho das correntes que lhe prendiam os pulsos.

Bathory.

Avançou rapidamente, descendo veloz a vertente, escorregando de rabo, mostrando pouca preocupação com a indignidade da aproximação. O seu rosto era uma máscara de inquietação, os olhos fixos num membro do grupo.

– Elizabeta! – Tommy correu ao seu encontro e abraçou-a com força.

Ela tolerou-o por um momento – depois, puxou-lhe o queixo rispidamente para cima, examinando-lhe o pescoço.

– Pareces bem – disse ela, mas a reserva traía os seus verdadeiros sentimentos.

Jordan inclinou-se para Erin.

– Não entendo o que o rapaz vê nela.

Bernard alcançou-os, observando Tommy, também.

– Conseguiram curá-los a ambos – disse ele, com brusquidão, fitando Arella. – Muito bem.

Os outros dois sanguinistas flanqueavam-no, reforçando-o, ambos inexpressivos.

Bernard apontou o corpulento homem. Era ainda mais imponente ao perto, um autêntico tanque, com um peito maciço e grossos braços,

cobertos por emaranhados rolos de cabelo ruivo.

– Este é o Agmundr.

O recém-chegado socou o peito com um punho carnudo e esboçou um sorriso para Christian. Ergueu orgulhosamente o seu outro braço na direção da fumegante aeronave.

Christian suspirou e abanou a cabeça.

– Parece que deste cabo de mais um helicóptero. Pensei que te tivesse ensinado melhor, Agmundr. Não é nenhum barco viquingue de guerra. É uma delicada peça de maquinaria.

– Deixou-me irritado. – A voz de Agmundr troou com um sotaque nórdico e cavado. – Demasiado lento.

– Tudo te deixa irritado – censurou Christian, mas agarraram os braços um do outro num aperto caloroso, valendo a Christian uma palmada nas costas que quase o deixou de joelhos.

Jordan gostou daquele Agmundr.

Bernard indicou a outra sanguinista.

– Esta é Wingu.

A mulher era negra e mais alta do que Jordan. De perto, ele viu que a sua trança grisalha estava decorada com penas e presa com um colorido cordão de contas. O rosto era grave, coberto de marcas tribais, com pequenos pontos a cruzar-lhe as faces.

Fez-lhes um simples aceno de cabeça, mas os seus olhos observavam tudo.

– Temos pouco tempo para amabilidades – disse Bernard, sondando os céus atrás de si. – Temos de levar o rapaz ao livro. Se ele foi curado aqui, talvez o possa abençoar aqui.

– Este é um lugar sagrado – afirmou Erin. – Possivelmente mais sagrado do que a Basílica de São Pedro.

Bernard fitou a cratera, de olhar carregado.

– Foi aqui que Cristo realizou o seu primeiro milagre – explicou Erin. – Quando era criança.

Wingu falou, num sussurro profundo.

– Sinto grande sacralidade, aqui.

Bernard assentiu lentamente, sentindo algo também, mas endireitou-se e avançou para Tommy.

– Vejamos, então, se o livro pode ser abençoado neste lugar.

Bathory deixou que Tommy se lhes juntasse, mas ela parecia relutante. Não que pudesse fazer alguma coisa contra isso. Embora pudesse andar debaixo daquele sol encoberto de cinza, estava visivelmente esgotada de forças pelo Sol lá no alto ou talvez fosse a sacralidade debaixo dos seus pés. Fosse como fosse, ela deveria saber que não podia resistir aos sanguinistas ali reunidos, num chão sagrado que os fortalecia.

Bathory estudou as imagens, enquanto atravessava o círculo de inscrições. O seu interesse chamou, finalmente, a atenção de Bernard para o mesmo. Olhou de novo o círculo, depois aproximou-se, andando em volta, passando de painel a painel, como se lesse em velocidade.

Voltou-se para Arella.

– Esta é a história que destruiu em Jerusalém.

Caminhou rapidamente para o último painel, dobrando um joelho para tocar a espada aí representada. A voz cheia de angústia.

– Porque escondeu isto de mim?

– O mundo não estava preparado – explicou ela, simplesmente.

– Quem pensa que é para decidir se o mundo está preparado ou não? – Bernard levantou-se, avançando para Arella com uma mão no punho da sua espada.

Jordan agarrou na arma.

Rhun bloqueou Bernard.

– Esqueça, velho amigo. Deixemos o passado no passado. Agora, temos de enfrentar o presente e o futuro.

– Se tivéssemos possuído tal arma... – Bernard abanou a cabeça, perturbado como Jordan nunca o vira. – Imagine o sofrimento que podíamos ter poupado ao mundo.

– E tudo o que teriam destruído – disse Arella. – Eu percorri a mesquita depois de terem deixado Jerusalém. Vi o que as vossas forças fizeram em nome de Deus. Não estavam preparados. O mundo não estava preparado.

Rhun tocou a sua cruz peitoral.

– Não temos tempo para isto – lembrou-os. – O Sol pôr-se-á dentro de uma hora.

As suas palavras pareceram penetrar, por fim, a fúria e angústia de Bernard.

– Tem razão. – Levou a mão à armadura e tirou de novo para fora o Evangelho de Sangue, estendendo-o. – Por favor, meu filho. Antes que seja tarde demais. Tens de abençoar este livro.

Parecendo preocupado, Tommy pegou-lhe. O livro parecia imenso nas suas pequenas mãos.

– Isto não resultou da última vez. Além de que não sou o Primeiro Anjo.

Bernard olhou para eles, confuso. O cardeal parecia estar a sofrer um longo dia de surpresas, a maioria delas más. Jordan sabia o que isso era.

– O que quer ele dizer?

Erin ignorou-o.

– Tenta de novo – incitou-o. – Mal não fará.

– Está bem – aquiesceu Tommy, duvidoso.

Abriu o livro e ergueu a mão sobre as páginas.

– Eu, Thomas Bolar, abençoo este livro.

Todos se inclinaram para a frente, como que esperando um milagre.

De novo, nada.

Nenhuma luz dourada, nenhuma palavras novas.

Parecia que aquele lugar explodido esgotara todo o seu potencial milagroso.

16h04

– Como o Tommy referiu – avançou Erin, percebendo a sensação de derrota entre os sanguinistas – ele não é o Primeiro Anjo.

– Então, quem é? – indagou Bernard.

Erin sabia que lhe faltava alguma coisa, mas parecia que se debatia com um *puzzle* no escuro, movendo peças às cegas.

– A Arella diz que o Tommy carrega o melhor do Primeiro Anjo *dentro* de si. Por isso, penso que ele continua a ser uma peça essencial.

Rhun endireitou-se ligeiramente, ao ouvi-lo. Ela imaginou que ele estivesse a pensar em todas as vidas perdidas para levar Tommy até ali.

“Não podem ter morrido em vão.”

Contudo, não o abordou. Era desígnio dos sanguinistas entregarem-se ao rememorar do pecado e da redenção. Ela tinha um problema real, que tinha de ser resolvido, e não se podia permitir distrações.

– Se o Primeiro Anjo está dentro do Tommy – disse Jordan – como o podemos fazer sair?

– Talvez tenha de ser cortado para fora – disse Bernard.

Erin olhou-o com ar reprovador.

– Guardaremos essa hipótese para último recurso. – Ela fitou Tommy. – Talvez um exorcismo pudesse libertar o anjo.

Tommy engoliu em seco, não mais feliz com a sugestão dela do que com a de Bernard.

Os ombros de Rhun retesaram-se.

– Não se exorcizam anjos, Erin. Exorcizam-se demónios.

– Talvez sim. Mas talvez não.

Estavam todos em novo território, ali.

Erin olhou para Arella.

– E não nos pode ajudar?

– Têm todas as respostas de que precisam.

Erin franziu a fronte, começando a compreender a frustração dos antigos com os seus oráculos. Por vezes, podiam ser totalmente obtusos. Mas Erin sabia que a sibila lhe estava a dizer a verdade. Algures no interior de Erin estava a resposta. Como a Mulher Sábia, cabia-lhe percebê-lo a partir daí. E tinha de confiar que o silêncio de Arella servia um propósito e que a sibila não se remetia ao recato simplesmente para os frustrar.

Isso significaria algo, também?

– Talvez devamos mesmo levar Tommy até Roma – propôs Jordan – agora que ele está melhor.

– Não – afirmou Erin. – O que quer que tenha de acontecer, será neste lugar.

Voltou-se num círculo lento, sabendo que a resposta estava algures naquela cratera de areia dourada. Os seus olhos foram dos painéis às pontas irregulares de vidro, que se assemelhavam a salpicos de água congelados ao longo do rebordo da cratera.

– Tens a certeza de que deve acontecer aqui? – insistiu Jordan.

Claramente, ele procurava uma desculpa para escapar daquele deserto e levá-la para um lugar seguro. Ela apreciou o sentimento, mas com os portões do Inferno a abrirem-se inexoravelmente, nenhum lugar da Terra seria seguro por muito mais tempo.

O apoio veio do lugar mais improvável.

Agmundr grunhiu.

– A mulher tem razão. Devemos ficar aqui.

– Porquê? – Erin voltou-se para ele. – O que sabe?

Agmundr apontou para norte.

– Não é nada de místico. Aquele helicóptero *Chinook* que achei que nos seguia... – Olhou para Bernard. – Parece que não o despistámos, afinal.

Erin olhou o helicóptero fumegante. Parecia um cavalo deixado de rastos.

Agmundr inclinou a cabeça.

– Pelo ruído dos motores, chegará aqui em breve.

Rhun e os outros procuraram claramente ouvir, mas a sua expressão vazia dizia-lhe que o viquingue devia ter um ouvido mais apurado.

– Tem a certeza? – perguntou Bernard.

Agmundr ergueu uma espessa sobrancelha, visivelmente incrédulo por o cardeal poder duvidar dele.

Jordan sorriu e Erin pôs-lhe a mão no braço.

– Nada como um pouco mais de pressão – disse ele.

– Eu funciono melhor sob pressão.

É claro, talvez não tanta pressão.

16h08

Rhun invejava Erin e Jordan, apreciando a forma como encontravam conforto um no outro, como um simples toque conseguia acalmar um coração agitado.

Olhou para Elisabeta, que colocara um braço protetor em torno de Tommy, depois de Wingu lhe tirar as correntes. Na batalha em aproximação, necessitariam de todos os recursos. Rhun pressentia que Elisabeta faria tudo para salvaguardar o rapaz.

O olhar dela encontrou o seu. Por uma vez, não leu nele animosidade, apenas preocupação pelo rapaz sob o seu braço. Quão diferentes poderiam ter sido os seus destinos, se a tivesse conhecido como simples homem e

não como um *strigoi* conspurcado. Por outro lado, talvez tivesse sido melhor se não a tivesse conhecido sequer.

– Quantos soldados pode transportar um *Chinook*? – perguntou Christian, trazendo Rhun de volta ao momento presente.

– É um veículo de transporte de tropas – respondeu Jordan. – Uns cinquenta. Mais, se bem acondicionados.

“*Cinquenta?*”

Rhun perscrutou o céu escuro. Por fim, vislumbrou o inseto verde-azeitona contra o fundo cinzento do céu. Era, de facto, uma grande nave com hélices à frente e atrás, e uma longa cabina no meio. O seu motor pulsava forte e ameaçador.

Rhun considerou o seu pequeno grupo. Os sanguinistas ali presentes eram todos guerreiros experientes, mas poucos em número.

Jordan seguiu a aeronave com a sua arma, mas não disparou.

– Blindado – murmurou o homem, à medida que o aparelho se aproximava. – Claro.

O impressionante helicóptero circundou a cratera à distância, apreciando-os, avaliando a situação. Depois, pousou lentamente no solo, a uns cem metros para lá da borda da cratera.

Projetou alto uma nuvem gigante de areia, obscurecendo a sua forma. Mas Rhun vislumbrou uma rampa a baixar da traseira do helicóptero. Sombras saíram apressadamente por ela. Contou duas vintenas. Portanto, menos de cinquenta. Mas pareciam fortes, aptos e ferozes, alguns com armadura de couro, outros com uniformes de diferentes exércitos e uns poucos simplesmente de *jeans* e *t-shirt*. Não eram, claramente, uma força armada disciplinada, mas não precisavam de o ser.

Procurou ouvir-lhes o pulsar do coração, mas não encontrou nenhum.

Todos *strigoi*.

Rhun colocou-se na dianteira, escudando Erin e Jordan atrás de si. Ele conduziu ambos àquele momento – no interior da montanha de Massada,

quando lhes revelara a sua natureza. Ele colocara-os naquele caminho sangrento e não podia fazer menos do que dar a sua vida para os proteger agora. Mas receava que não fosse o suficiente.

Por outro lado, desta vez não estava sozinho.

Christian postou-se de um dos lados, Bernard do outro e, a flanqueá-los a todos, estavam Agmundr e Wingu. Elisabeta mantinha-se na retaguarda com Tommy, retraída face à ameaça, desnudando as presas afiadas.

A um sinal silencioso, todo o bando de *strigoi* começou a galopar pela areia, a uma velocidade que nenhum humano poderia igualar, precipitando-se debaixo daquele terrível céu ensombrado.

O coração de Erin acelerou, mas manteve a posição. Jordan mantinha-se calmo ao lado dela, a sua bravura evidente em cada batida forte do coração.

Rhun desembainhou a espada e esperou.

Escolheu o seu primeiro alvo: o maior dos guerreiros, uma figura alta no centro. Christian seguiu-lhe o olhar, assentiu e escolheu um outro para si. Rhun viu os outros escolherem os seus alvos.

Com disciplina e treino, os sanguinistas conseguiram quebrar a primeira onda de atacantes. Além disso, o seu grupo tinha a vantagem de combater em terreno sagrado.

Talvez isso enfraquecesse os adversários o suficiente.

Talvez.

Depois, uma outra escotilha abriu-se no flanco do helicóptero e bestas escuras irromperam das sombras para a lúgubre luz.

A frágil esperança de Rhun desvaneceu-se.

“Blasphemare.”

Avistou chacais pardacentos de longos focinhos e orelhas imensas, uivando enquanto corriam, os seus guinchos perfurando o dia. Atrás deles, surgiu um bando de leões negros, fluindo com uma elegância sinuosa, como petróleo na areia.

Cada um deles transmutado numa encarnação assustadora e monstruosa da sua identidade natural, nascida de sangue negro e crueldade.

Sondou-lhes o batimento cardíaco, descobrindo-o regular e profundo, atestando a sua força e idade. Mesmo sem os *strigoi*, Rhun duvidava que as suas forças pudessem fazer frente a tais criaturas por muito tempo – se é que por algum.

Rhun engoliu em seco e murmurou uma breve prece.

Estavam condenados.

Como fora renunciado no dia em que fora convertido, morreria a lutar.

Mas Erin merecia um destino melhor.

16h31

“Tinha de haver blasphemare, também.”

Jordan resmungou. Agarrou a sua arma automática mais firmemente, ciente de que era pouco melhor de que uma espingarda de ar comprimido contra aquelas bestas.

A condessa arrastou Tommy para trás de si.

– Não pintes o Diabo na parede – disse-lhe ela.

“O que queria isso dizer?”

Tommy ficou igualmente confuso, expressando-o em voz alta.

– Hã?

O rapaz olhou o bando de bestas a arrastar a cauda na direção deles. Parecia, seguramente, que o Diabo andava à sua volta. E não era nenhuma pintura, mas uma horda uivante e salivante, em toda a sua glória cinemática.

– Significa... *tem esperança* – explicou ela.

Era estranho ouvir a condessa falar de esperança, quando o próprio Jordan não conseguia convocar mais do que um fragmento dela. Contudo, era amável da sua parte tentar confortar o rapaz.

A horda *strigoi* chegou primeiro à borda da cratera e, em vez de transbordarem pela crista, separaram-se e dispersaram para os lados, rodeando a cova e cercando-os por completo. Ou talvez sentissem também a sacralidade daquele vale de areia e vidro.

A condessa emitiu um silvo baixo na garganta, puxando Tommy mais para trás de si. Os sanguinistas moveram-se para se ajustarem à manobra dos *strigoi*, formando um círculo protetor.

Arella falou ao ouvido de Jordan, sobressaltando-o, ao aproximar-se dele tão silenciosamente.

– A condessa fala com sabedoria – sussurrou Arella. – Tudo ainda pode ser conquistado.

Antes que Jordan lhe pudesse perguntar o que queria dizer, Arella arrancou Tommy de trás de Bathory, impeliu-o para a boca aberta do poço – e empurrou-o lá para dentro. Ele gritou, quando caiu desajeitadamente na água.

Em menos de nada, Bathory estava sobre ela, afastando-a para o lado. Mas um salpico do poço caiu sobre as suas botas. Ela gritou e saltou para trás, como se fosse lava fundida.

Arella voltou à borda do poço, enquanto Tommy chapinhava lá em baixo.

– Cuidado – alertou ela. – Só aqueles imbuídos por anjos podem tocar estas águas. Todos os outros serão destruídos. Mesmo os humanos.

Com essas duras palavras, mergulhou na água, agarrando o braço de Tommy e arrastando-o para baixo.

A condessa recuou, consternada.

Não admirava que o poço tivesse estado tão firmemente selado e abandonado à areia e aos séculos.

– Pelo menos, o rapaz estará a salvo de perigo imediato – confortou-a Rhun.

“Pois, mas e nós?”

Jordan alargou o ângulo de disparo. Fitou a horda reunida em torno deles. *Strigoi* silvavam e empunhavam longas lâminas curvas. *Blasphemare* juntavam-se a eles, pela altura das suas ancas e ombros. Ao menos, os canalhas não tinham trazido armas de tiro – depois lembrou-se *porque* não carregavam tais armas.

“Preferiam devorar as suas vítimas com vida.”

CAPÍTULO 51

20 de dezembro, 16h33, CET

Siwa, Egito

Um movimento chamou a atenção de Erin para a borda da cratera, onde um gigante vestido de couro acastanhado avançava a passos largos, penetrando na cova. Aquele *strigoi* tinha pele negra, cabeça rapada e a pele cravejada de aço, arrastando atrás de si um longo sabre. Dobrou-se para agarrar um punhado de areia e descartá-la repugnado, provavelmente sentindo a sacralidade do solo. Cuspiu para onde largara os grãos, escarnecendo e olhando-os lá em baixo.

“Olhando-a.”

Um arrepio percorreu-a.

Ele deu mais um passo, depois outro, para o interior da cratera.

Não vinha só.

Um par de leões *blasphemare* avançava silenciosamente de cada lado, mantendo-se junto dele, os seus olhos perscrutando, as caudas vergastando grãos. A sua juba era negra em vez de alourada, eriçada pelo vento quente do deserto. Os seus olhos cintilaram na direção de Erin com um tenebroso carmesim, no dia encoberto de cinzas. Rosnaram, exibindo presas mais adequadas a dentes-de-sabre. Garras negras enterravam-se fundo, arrojando areia para trás, numa pose de pura ameaça felina.

O gigante balançou a espada num descontraído oito no ar, a longa lâmina uma extensão dos seus braços muscúlos.

Subitamente, Erin desejou não ter insistido em levar o seu grupo até Siwa.

Contudo, afastou tais pensamentos e apertou com mais força a arma. Qualquer que fosse o resultado dos minutos seguintes, ela sabia que fora *certo* ir até ali. A sua culpa não residia em trazer todos até ali, mas em não conseguir resolver o mistério daquelas areias a tempo, o enigma escondido por trás dos olhos calmos de Arella.

À sua volta, os sanguinistas tinham desembainhado as espadas. Bernard empunhava uma antiga lâmina curva, que cintilava como água, feita de aço de Damasco, guarnecida a prata, provavelmente muito abençoada. Christian brandia também uma lâmina curva, mas esta era moderna, uma *kukri* do Nepal. Agmundr retirou uma longa espada da bainha presa às suas costas. Wingu erguia duas lâminas curtas, uma em cada mão, agitando-as com elegância e força.

Rhun segurava simplesmente a sua *karambit* na mão, o seu gume em gancho tão letal como a garra de qualquer *blasphemare*.

O *strigoi* gigante deu um último passo em diante, arrastando os leões junto às ancas – depois, estacou de novo.

De trás dele, um familiar vulto de cabelo argênteo surgiu à vista. Iscariotes trocara o seu habitual fato cinzento pela armadura de couro, de um branco imaculado, perfeitamente ajustada ao seu corpo musculoso.

Jordan voltou a arma para ele.

Iscariotes notou o movimento e uma sombra de sorriso irónico desenhou-se no seu semblante. O homem recuperara visivelmente desde a última vez que Jordan disparara sobre ele com aquela mesma arma.

Iscariotes ergueu um braço e soltou uma traça de asas esmeralda no ar.

Os sanguinistas moveram-se com cautela, o olhar fixo naquele esvoaçar. Quantas daquelas criaturas venenosas teria trazido consigo? Com o suficiente delas, poderia derrubar todo o grupo de sanguinistas sem mover o seu exército.

Mas a traça voou apenas alguns metros para o interior da cratera, antes de descer em espiral até ao chão, despedaçando uma asa em escamas iridescentes quando se despenhou. Fosse da contaminação do ar pelas cinzas, fosse do pó soprado da areia, as suas delicadas engrenagens não resistiam, aparentemente, àquele terreno duro.

Ou talvez fosse da sacralidade do lugar.

Independentemente da causa, pelo menos uma ameaça fora neutralizada.

Não que isso pudesse alterar o resultado final.

A voz de Iscariotes propagou-se facilmente pela cratera abaixo. O seu olhar percorreu-os, notando quem faltava.

– Parece que perderam os vossos dois anjos.

Erin forçou-se a manter o olhar fixo no inimigo e não o deixar desviar-se para o poço, por onde Arella desaparecera com Tommy. Esperava que o rapaz conseguisse escapar, que aquela fonte conduzisse a alguma saída secreta, algum lago distante. A imortalidade de Tommy deveria mantê-lo vivo, mesmo mergulhado debaixo de água.

– Podemos ter perdido os nossos anjos – retorquiu Jordan. – Mas vejo que encontrou os seus demónios.

Iscariotes riu-se e gesticulou em direção aos sanguinistas.

– Tem os seus próprios *demónios*, Homem Guerreiro.

– *Amigos* – corrigiu Jordan. – Não demónios.

Iscariotes carregou o olhar, claramente esgotada a paciência.

– Onde o têm escondido? – indagou, não deixando dúvidas de que falava de Tommy.

Iscariotes devia saber que, enquanto Tommy estivesse livre, o seu plano para soltar o Inferno sobre a Terra permanecia ameaçado.

O silêncio prolongou-se por vários instantes.

Os olhos de Judas pousaram sobre Erin e mantiveram-se nela. Ergueu um braço e apontou para ela.

– Que ninguém lhe toque – anunciou em voz alta. – É minha. Ela dar-me-á a resposta.

Uma onda de rosnidos e silvos derramou-se ao longo de toda a crista da cratera.

– Matem os outros!

16h34

Bem fundo na garganta do poço, Tommy corria a toda a velocidade, descendo cada vez mais. O choque inicial depois de a estranha mulher o empurrar ali para dentro e o arrastar para baixo de água desvanecera-se. Agora, procurava simplesmente segui-la. Apesar do súbito mergulho, confiava estranhamente nela.

Não sabia se ela era realmente um anjo, mas salvara-lhe a vida, por isso, por agora, dar-lhe-ia o benefício da dúvida.

Dos lados, as paredes do poço pareciam de vidro de areia, ainda toscas, mas demasiado suaves para serem rocha. Imaginou a explosão impressa à superfície, de uma batalha entre Lúcifer e o arcanjo Miguel. Essa mesma deflagração devia ter penetrado fundo debaixo da terra, selando aquele lago onde Cristo estivera e fundindo em vidro tudo à sua volta.

Queria duvidar dessa história, também, exceto por duas coisas.

Primeira, a água tornava-se mais quente quanto mais fundo mergulhava.

Segunda, abaixo dele, iluminando o seu caminho, avultava um brilho dourado, contornando as pernas esguias da mulher.

Seguiu atrás dela, até os seus pulmões estarem prestes a rebentar e os ouvidos a pungir da pressão.

Desceu mais e mais.

Por fim, chegou ao fundo, desesperado por ar.

Ela apontou para uma caverna lateral, que se abria a uns metros de distância. Com os pulmões a arder, ele encolheu-se pela estreita passagem empurrando as paredes macias e impelindo-se do fundo. A fonte da luz advinha daí, atraindo-o como uma chama a uma traça.

Mas não era uma *chama* que ele procurava.

Era ar.

Ele mergulhara com o seu pai ao largo da costa de Catalina, nas cavernas marinhas que pontilhavam a ilha, recordando-se de se encolher por entre a rocha para encontrar uma caverna batida pela água, no fundo, e uma bolsa de ar, em cima.

Rezava por encontrar o mesmo ali, alguma caverna secreta onde pudesse permanecer com aquela mulher, até a batalha estar terminada e ser seguro.

“Seguro...”

Há quanto tempo não se sentia seguro?

Os pulmões gritavam-lhe, enquanto percorria atabalhoadamente a última distância, rastejando pela entrada para a caverna. A visão começou a estreitar-se, cada vez mais diminuta, centelhas dançando. Sabia que não tinha ar suficiente sequer para regressar à superfície. Agora, estava comprometido. O pai dissera-lhe, um dia, que o mais importante na vida era encontrar o caminho certo e comprometer-se em segui-lo.

“De alguma forma, pai, não creio que fosse isto que querias dizer.”

O pânico emprestou-lhe força extra aos braços e pernas. Penetrou na pequena caverna, delineada por vidro dourado e juncada de areia no fundo. Sabendo que devia haver ar em cima:

“Senão, porquê arrastá-lo até ali?” – empurrou o fundo com força.

Lançou-se para cima – e a cabeça embateu contra o teto.

Apalpou o topo, procurando a mais pequena bolsa, o mais ínfimo fôlego de ar.

Não havia nenhum.

16h35

Strigoi e *blasphemare* inundaram as vertentes da cratera como uma onda imunda.

Jordan agarrou firmemente a sua arma, tentando ignorar o gigante negro que se lançava na direção deles, na dianteira, flanqueado pelo par de leões de juba escura.

Erin apontou a uma das feras.

Jordan escolheu um alvo diferente, ciente de que a sua arma pouco faria contra o que transbordava da crista da cratera. Tinha de confiar que os sanguinistas dariam conta dessa primeira vaga.

Em vez disso, ele apontou ao lado, para perto da borda da concavidade arenosa. Esperou que o obscuro exército chegasse aí – depois disparou.

A intensa rajada perfurou o tanque de combustível do helicóptero inimigo.

A explosão esventrou o aparelho numa deflagração ígnea, lançando as hélices a causar estragos por entre os *strigoi* e esmagando-se na parede distante da cratera. A súbita detonação e danos resultantes dispersaram a carga inicial, fazendo *blasphemare* trotarem para longe, silvando e uivando aos destroços fumegantes. Vários *strigoi* debatiam-se na areia com membros amputados. Outros estavam nitidamente mortos.

Rhun olhou-o, aprovador.

Jordan aproveitou o momento de aturdimento para voltar a arma para Iscariotes, que permanecia na borda da cratera. Firmou-se e apontou à massa central do tipo, não arriscando num tiro à cabeça àquela distância, sobretudo limitado de munições como estava. Não podia desperdiçar um único disparo.

Apertou o gatilho, tencionando derrubar de novo o homem, embora por um breve período. Temporariamente sem líder, talvez o exército pudesse ser derrotado.

Mas quando disparou, o imenso vulto de um chacal guinou para a frente de Iscariotes, recebendo os tiros no seu dorso, salvando o canalha. Sangue negro fluíu do flanco da fera, que não parecia incomodada, movendo-se de lado para lado, protegendo o seu mestre.

Iscariotes recuou pela borda distante, abrigando-se melhor.

“Cobarde.”

Mais próximo, o gigante negro recuperou rapidamente, lançando-se de novo em diante para encurtar a distância, convocando aqueles para mais perto de si. Rosnou, exibindo longas presas.

Agmundr aceitou o desafio, colocando-se na frente dele.

Gigante contra gigante.

Mas não houve lugar a contestação.

Animado pela sacralidade, Agmundr brandiu a sua longa espada, tão rápido que sibilou no ar. Arrancou de um só golpe a cabeça do *strigoi* dos ombros, o esgar ameaçador ainda preso ao crânio ao voar para longe.

Jordan metralhou a horda que atacava à esquerda.

Wingu e Christian saltaram para a direita.

Rhun e Bernard guardavam a retaguarda.

Elizabeta mantinha-se perto da borda do poço, não atacando nem defendendo, simplesmente vigiando o retorno de Tommy sabia-se lá de onde.

Erin disparava por trás do ombro de Jordan, atingindo um leão no olho, fazendo-o rolar para os pés de Agmundr, onde um rodopiar da sua enorme lâmina apanhou a besta na garganta.

Jordan sentiu pena da criatura amaldiçoada. Ela não pedira para ser transformada no que era. Mas a piedade não lhe trazia misericórdia.

Continuou a disparar.

Agmundr enfrentou o segundo leão, dançando diante dele, ambos os adversários procurando uma fraqueza – depois, um imenso chacal lançou-se contra o viquingue, afundando poderosos dentes na sua coxa.

Jordan atingiu a fera no ombro, mas esta nem vacilou.

Rugindo, Agmundr caiu à areia e rolou de costas. O chacal largou a perna grossa e lançou-se à garganta. Jordan disparou na cara da besta – descobrindo a arma vazia.

“Que se lixe...”

Precipitou-se para a frente com a arma erguida, pronto para a usar como uma moca. Antes que a pudesse baixar, ameaçadoras maxilas dardejaram por baixo da espada de Agmundr. Dentes amarelados enterraram-se fundo na garganta do viquingue.

Agmundr esquivou-se uma vez ao ataque – depois, ficou inerte, enquanto o chacal puxava para cima, rasgando toda a garganta do homem.

Sangue frio jorrou sobre o braço de Jordan.

Caiu para trás.

O chacal voltou-se para ele, sangue e pele escorrendo-lhe do focinho sombrio para a areia dourada. Os seus maciços quadris retesaram-se – depois saltou direito a ele.

Todo o seu mundo se transformou em presas amarelecidas e um uivo aterrador.

16h36

Rhun correu a toda a velocidade em defesa de Jordan. Por um canto do olho, vira Agmundr cair e o soldado saltar em sua ajuda – para enfrentar as mesmas mandíbulas que tinham tomado a vida do poderoso viquingue.

Rhun lançou-se contra o flanco do imenso chacal. As mandíbulas deste fecharam-se a menos de três centímetros da cara de Jordan. A fera resvalou na areia, rodando para o enfrentar, as garras enterrando-se na areia e raspando o vidro por baixo.

Rhun empunhou a *karambit* à sua frente e rezou por força para proteger os outros. O próprio ar estava impregnado de sangue, enquanto Christian, Bernard e Wingu continuavam a sua dança entre a obscura horda. A bruma carmesim apelava ao seu próprio sangue, instando-o a beber sofregamente dessa fonte.

Rhun refreou os seus instintos.

Diante dele, os olhos avermelhados e raivosos do chacal fitaram os seus. Pelo cinzento eriçou-se no cachaço arqueado. Um rosnar revelou os dentes amarelos numa mandíbula poderosa.

Quando a besta saltou, Rhun manteve-se firme na areia e ergueu o braço, impelindo a *karambit* fundo, entre os dentes afiados e a boca da criatura. Com toda a força que pôde convocar, arremessou a lâmina pelo céu da boca até ao cérebro – depois puxou a mão para fora.

A fera sucumbiu, o sangue negro espumando-lhe da boca e maculando a areia. As patas dianteiras esgravatavam as maxilas, gemendo de dor.

A piedade cresceu dentro de Rhun face a uma das criaturas de Deus transformada numa monstruosidade tão sofrida. Finalmente, o brilho carmesim esmoreceu para um castanho cego, enquanto a fera era libertada da sua maldição.

Rhun não tinha tempo para se regozijar com a sua libertação.

Uma força bruta lançou-o à areia, vinda de trás, fazendo-o cair de cara sobre o sangue escuro do chacal. Garras raspavam-lhe as costas, rasgando-lhe a armadura e a pele, uma longa unha em gancho atingindo-lhe as costelas.

Rhun urrou, enquanto um leão rugia triunfante sobre ele.

CAPÍTULO 52

20 de dezembro, 16h37, CET

Siwa, Egito

Em pânico, Tommy chapinhava pela caverna inundada. Comprimiou ambas as mãos contra a boca. Incapaz de se impedir, convulsionou uma plena golfada de água para dentro do corpo, inflamando o peito. Os braços e pernas escoiceavam cegamente, embatendo nas paredes laterais da caverna, como se o corpo lutasse por expelir o fogo, tossi-lo, amordaçá-lo. Mas nada havia para o substituir, senão mais água.

Lutou, até não poder mais e ficar suspenso, inerte.

Afogado.

Mas ele era o rapaz que não podia morrer.

Os seus pulmões doíam, mas já não lutavam por expulsar a água. Abriu de novo os olhos e olhou em volta, querendo chorar.

Sabendo agora que não podia morrer, perscrutou a caverna.

A mulher devia tê-lo arrastado até ali por alguma razão.

Recordou-a a apontar-lhe a caverna.

Porquê?

A fonte de luz da caverna erguia-se de uma protuberância de vidro no centro da câmara, como um vulcão em miniatura. Era tão brilhante que tinha de proteger os olhos. Porém, vislumbrou algo de prata no seu âmago.

Inclinou-se para mais perto do brilho, capaz agora de distinguir trinta ou sessenta centímetros de prata fina emergindo do bloco, encimada por uma

ponta couraçada, mais larga. Notou que o punho era indentado, para que os dedos o agarrassem firmemente.

A mão direita estendeu-se para o fazer – depois recordou a história de há pouco, sobre a espada do arcanjo Miguel. Olhou mais de perto e conseguiu mesmo perceber o longo entalhe de um dos lados, de onde fora cortado um fragmento.

A sua outra mão ergueu-se para o pescoço, recordando a dor.

Estendeu um único dedo e tocou o extremo redondo do punho. Quando a pele roçou o metal, sentiu-se percorrer de energia, como se tocasse um fio elétrico descarnado – só que este deixava-o *mais forte*. Sentia-se capaz de despedaçar montanhas com os próprios punhos.

Estudou a lâmina. A maior parte do seu comprimento parecia enterrada no vidro arenoso.

“Como a Excalibur do Rei Artur.”

Tommy sabia o que se esperava dele. Um anjo carregara aquela espada e cabia ao Primeiro Anjo libertá-la, devolvê-la à luz do dia, para ser usada contra a escuridão lá em cima.

Mas retirou a mão.

Não queria tocar-lhe.

Que lhe importava o mundo lá em cima? Ele fora raptado, torturado e raptado de novo – para, por fim, ser sacrificado num altar.

Subitamente, deu-se conta de que a espada podia acabar com a sua miséria.

“Ela pode libertar-me.”

A lâmina podia desferir um golpe bem mais extenso do que o corte do pescoço. Podia levar ambos os pulsos ao seu gume e empurrá-los velozmente de encontro a ele, golpeando fundo.

Poderia morrer.

“Poderia voltar a ver o pai e a mãe.”

O rosto da mãe emergiu na sua mente, recordando como ela prendia o cabelo curto encaracolado atrás das orelhas, como os seus olhos castanhos quase irradiavam preocupação quando ele se magoava. Uma expressão que vira frequentemente, quando lutara contra o cancro. Recordou, também, como ela lhe cantava canções de embalar no hospital, mesmo quando já era provavelmente crescido demais para elas, como ela o fazia rir, mesmo quando sabia que ela queria chorar.

“Ela amava-o.”

E o pai não o amava menos. Um amor mais pragmático: procurando acumular o máximo de vida naqueles últimos anos. Tommy guiou um *Mustang* descapotável, aprendeu a jogar bilhar e, quando estava demasiado fraco, o pai sentava-se de pernas cruzadas ao seu lado, no sofá, ajudando-o a matar zombies em *Resident Evil*. E, por vezes, falavam mesmo. Porque ambos sabiam que viria uma altura em que já não o poderiam fazer.

E tinha uma outra certeza.

“Eu devia morrer primeiro.”

Era esse o trato. Ele estava doente; eles estavam bem. Ele morreria e eles viveriam. Aceitara esse trato, fizera a paz possível com ele – até a estúpida pomba deitar tudo a perder.

Fitou a espada e tomou uma decisão.

Eles podiam travar aquela luta sem ele.

Estendeu as mãos para a espada, pronto a abrir a golpe um caminho de sangue de volta aos braços dos pais. Suspendeu a mão sobre o punho, preparando-se. Uma vez pronto, atacou bruscamente a pega argêntea.

Um abalo percorreu-o. Abaixo de si, a lâmina aumentou e aumentou de brilho, crescendo para uma supernova. Fechou os olhos com força, temendo que o brilho o cegasse. A luz penetrava-lhe as pálpebras e enchia-lhe o crânio.

Depois, lentamente, esmoreceu de novo.

Abriu um olho, depois o outro.

Entre as suas pernas, o vidro derreteria-se. Nas suas mãos, uma espada gigantesca brilhava com um tom laranja mortiço. O seu peso mantinha-o ancorado ao chão de areia.

Levou o polegar ao gume. Cortou-o profundamente, ainda antes de perceber que o tocara. O sangue espalhou-se para cima numa nuvem vermelha. Seguiu-lhe o rasto, sabendo quão fácil seria passar esse gume pelo pulso.

“Uma ferroada na melhor das hipóteses... e terminaria tudo.”

Moveu a lâmina na direção do pulso.

“Quem iria sentir a minha falta aqui?”

Desviou os olhos daquela espada incrivelmente afiada para o teto sobre a sua cabeça, visualizando o deserto escaldante. Recordou uns dedos frios levantando-lhe o queixo, tocando-lhe a garganta, certificando-se de que ele estava bem.

“Elizabetha.”

Ela sentiria a sua falta. Ficaria zangada.

Recordou os outros: Erin, Jordan, até mesmo o sombrio padre Rhun. Eles tinham arriscado tudo para o levar para aquele deserto, para lhe salvar a vida. E naquele preciso momento podiam estar a morrer.

“A morrer por mim.”

16h39

Sem balas, Erin arrebatou a longa espada de Agmundr. Precisou de ambas as mãos para a levantar. Balançando com um movimento da anca, lançou os braços e a lâmina pelo ar, golpeando o espaço entre si e o *strigoi* mais próximo.

O monstro riu-se, deu um passo atrás e carregou sobre Christian, ignorando-a.

Ela procurou alguém para atacar.

Nenhum dos *strigoi* ou *blasphemare* se aproximava dela, obedecendo às ordens de Iscariotes para não a matarem. As suas tropas manteriam a distância, até ele descer para a reclamar.

“Talvez essa seja a minha melhor arma.”

O urro de um leão fê-la voltar-se. A alguns metros de distância, Rhun debatia-se, encurralado debaixo de um dos lúgubres leões *blasphemare*. Jordan precipitou-se em sua ajuda, brandindo a pistola como uma clava.

Ela largou a pesada espada e correu para eles.

Jordan foi enxotado como um moscardo, garras penetrando-lhe o blusão de pele e quase lhe arrancando uma manga. Aterrou de costas. Mas a distração permitiu a Rhun rolar e soltar-se, perdendo uma larga extensão de pele.

O leão lançou-se sobre a presa em fuga.

E Erin fez a coisa mais estúpida da sua vida.

Interpôs-se entre Rhun e o leão, abrindo os braços e bradando, empinando o peito como um lutador de espetáculo cheio de bazófia.

O leão agachou-se, silvando, os quadris em riste e a cauda vergastando furiosamente.

– Não me podes atacar, pois não? – desafiava ela.

Encurvou os lábios negros e rosnou, recuando, sobretudo quando Christian deslizou em seu auxílio.

Olhou-a de relance.

– Não sabia que domar leões fazia parte do seu currículo.

Ela sorriu, baixando a guarda cedo demais.

O leão disparou, atingindo habilmente Christian, ao mesmo tempo que rasgava o ombro dela ao passar, derrubando-a.

Erin caiu de joelhos e agarrou-se à ferida. O sangue quente escorria-lhe por entre os dedos e descia-lhe pelo braço e pelo peito. Percebeu o erro das suas ações. Iscariotes dissera que ela não podia ser *morta* – mas não dissera nada sobre *mutilá-la*.

Ao seu lado, Rhun e Christian lutavam contra o leão.

Jordan gritou o seu nome.

O mundo abrandou.

Caiu de lado, na areia. A textura arenosa sob a face confortou-a. Estava no deserto. Ela adorava o deserto.

16h40

Jordan correu para Erin e deslizou de joelhos para o seu lado. Ele sabia que era tarde demais para vir em sua defesa. O sangue jorrava-lhe do ombro e ensopava a areia dourada.

Erin levantou a cabeça.

Os seus olhos cor de caramelo encontraram os dele – depois olharam para além dele.

O deslumbramento inundou-lhe o rosto, inexplicável com todo o sangue, uivos e gritos que enchiam o ar. Ela ergueu uma mão sangrenta e apontou por cima do ombro dele.

Jordan virou-se para perceber.

“Mas que...?”

Da boca do poço, a simples curva de uma chama alaranjada ergueu-se da escuridão lá no fundo. Espiralava como um estreito turbilhão, perfeitamente vertical em direção ao céu negro.

Jordan não conseguia desviar o olhar.

A própria batalha abrandou, enquanto uma calma cautelosa e temente se estendia do centro até às extremidades.

Olhos e rostos voltaram-se na sua direção.

Quando a chama alcançou o comprimento de um braço, uma mão surgiu do fundo, como se empurrasse a labareda para cima. A língua de fogo continuou a subir. O estranho portador da tocha foi arrastado de baixo com ela, erguido do poço e suavemente baixado na borda.

Tommy.

Quando os seus pés tocaram o chão, o fogo extinguiu-se, para revelar uma espada de prata erguida ao alto, algumas réstias de chama ainda a delineá-la, dançando refulgentes ao longo de todo o comprimento.

Os olhos do rapaz encontraram os de Jordan.

O fogo dançava aí, também.

– Penso que isto lhe pertence! – bradou Tommy, meio rapaz, meio algo temível.

O miúdo – se é que ainda era um *miúdo* – puxou o braço atrás e lançou a espada para cima. Ela girou sobre si mesma. Jordan quis baixar-se, mas em vez disso o seu braço esquerdo ergueu-se, com vontade própria. O punho aterrou perfeitamente na palma da sua mão, como se sempre estivesse destinado a assentar aí. O ardor latente na sua tatuagem tornou-se fogo vivo. Por um rasgão no casaco e camisa, ele viu os traços ondeantes da sua velha marca de relâmpago inflamarem-se com uma chama interna.

A força fluiu pelo seu corpo.

Jordan agitou a espada em seu redor num padrão de fogo e aço, como se lançasse um feitiço arcano. Ele nunca empunhara uma espada na vida.

Um leão rugiu, voltando-se para ir novamente atrás de Erin.

Jordan pensou em bloqueá-lo e em segundos estava lá.

Desferiu a espada contra a pata do leão, quando este lhe lançou com fúria.

Assim que a lâmina lhe penetrou a pele, a criatura urrou em agonia. Seguiram-se chamas na linha aberta pela espada – que depois alastraram à perna e a todo o corpo. Enlouquecido pela dor, o leão saltou para trás e fugiu por entre o exército obscuro, abrindo um trilho de fogo entre eles, inflamando tudo à sua passagem.

Jordan examinou a espada.

Era uma espada infernal!

Ou melhor, *celestial*.

Jordan rodou num círculo, atingindo um *strigoi* no braço, outro na coxa. Ambos uivaram, enquanto labaredas brotavam das suas feridas. Foi arremetendo para fora, movendo-se sobre pernas que desafiavam ossos e músculos.

Tão veloz como qualquer *strigoi*, como qualquer sanguinista.

Criatura após criatura tombava face à sua lâmina.

Depois atacou mais fundo – atrás do seu verdadeiro inimigo.

Iscariotes.

16h42

Judas viu o Homem Guerreiro cruzar a passos largos o terreno de batalha. As bestas fugiam do seu caminho, dispersando-se pelo deserto. As poucas que permaneciam eram perseguidas pelos outros. Viu a condessa agarrar o rapaz, o brilho angelical nos olhos da criança tendo esmorecido, depois de entregar a espada ao seu portador na Terra. O rapaz abraçou com força a criatura antiga.

Judas não sentia medo.

Chegara o momento.

Passara séculos a tentar encontrar um propósito para a sua longa vida e outros tantos séculos a tentar trazer o mundo àquele limiar de condenação em que poderia morrer.

E agora o tempo esgotava-se para ele.

O soldado matá-lo-ia, mas apenas se lhe desse luta. Não era homem para eliminar um inimigo desarmado. Então, Judas baixou-se e pegou numa lâmina abandonada, uma antiga cimitarra quebrada.

O último dos seus guarda-costas tentou juntar-se a ele, erguendo uma espingarda automática. O seu parceiro, Henrik, morrera na caverna em Cumas, mas aquele sobrevivera, escapando com ele.

– Vai-te embora – ordenou-lhe Iscariotes.

– O meu lugar é sempre ao seu lado.

– Perdoa-me.

Judas balançou a espada e decapitou o homem. Afastou-se do corpo. Ninguém interferiria no seu destino.

Os olhos do Homem Guerreiro arregalaram-se de espanto, mas ele não abrandou o passo.

Outros juntaram-se atrás dele, incluindo a doutora Granger, segurando um farrapo ensopado contra o ombro.

– Afasta-te, Erin – bradou Jordan. – Esta luta é minha.

A mulher pareceu querer argumentar, mas não o fez.

Judas ergueu a sua espada sangrenta, em guarda.

– Quantas vezes tenho de o matar, sargento Stone?

– Podia perguntar-lhe o mesmo.

A espada cintilava rubra-branca nas suas mãos, cuspidando faíscas ígneas.

Judas estremeceu de ansiedade.

O soldado rodeou-o, a suspeita nítida no seu rosto, como se desconfiasse de algum ardil.

“Cumpre o teu papel, Guerreiro. Não me desiludas.”

Para o garantir, Judas lançou-se sobre ele e o homem esquivou-se. Era anormalmente rápido. Ciente disso, Judas lutou mais intensamente, não mais precisando de fingir inépcia. Fora treinado por muitos mestres de espada diferentes, ao longo dos séculos.

Atacou uma e outra vez, apreciando o verdadeiro desafio, o derradeiro. Era justo encontrar um adversário digno. Mas não era esse o seu destino. Permitiu-se baixar a guarda, como que por acidente.

Jordan atacou.

A lâmina penetrou o flanco de Judas.

O mesmo ponto onde um soldado romano atingira Cristo na cruz.

Judas ofereceu uma breve oração de graças, antes de tombar sobre os joelhos. Sangue vermelho-vivo derramou-se do ferimento. Ensopou-lhe a camisa. Ele largou a espada.

Jordan erguia-se diante dele.

– Estamos quites.

– Não – disse Judas, estendendo uma mão à perna daquele. – Ficarei para sempre em dívida contigo.

Caiu de lado, rolando depois de costas. O céu sombrio encheu-lhe a visão. Ele criara-o. Aquele mundo rodeado de cinzas e sangue. O Sol estava a minutos de se pôr. Nada poderia impedir o que ele iniciara.

“A minha morte proclama o meu sucesso.”

Tomou-o como um sinal, a sua recompensa por abrir os portões do Inferno e trazer o Dia do Juízo Final.

A dor flamejante no seu flanco não se comparava a nada que tivesse experienciado, mas aceitou-a. Em breve, estaria em paz. Acolheu-a de bom grado. Deixou que os olhos se fechassem.

Depois, uma sombra derramou-se sobre ele, trazendo consigo uma fragrância a flores de lótus.

Arella.

Abriu os olhos e contemplou a sua beleza, outra recompensa pelo cumprimento do seu desígnio.

As mãos quentes dela tomaram as suas.

– Meu amor.

– Aconteceu tal como previste – disse ele.

Enquanto ela se debruçava sobre ele, as suas lágrimas caíram-lhe sobre a face. Saboreou cada lágrima quente.

– Oh, meu amor! – disse ela. – Amaldiçoo a visão que te levou a isto.

Ele procurou-lhe os olhos escuros.

– Esta foi a vontade de Cristo, não a tua.

– Esta foi a *tua* vontade – insistiu ela. – Podias ter seguido por um caminho diferente.

Ele tocou-lhe a face húmida.

– Eu segui sempre por um caminho diferente. Mas estou grato pelos anos em que percorremos esse caminho juntos.

Ela esforçou-se por sorrir.

– Não te culpes – pediu ele. – Se puderes conceder-me um favor, concede-me isso. És inocente em tudo isto.

O queixo dela contraiu-se, como sempre quando escondia os seus sentimentos.

Ele estendeu a mão por entre a dor e enrolou um fio do seu longo cabelo em volta do dedo.

– Somos simplesmente Seus instrumentos.

Ela colocou-lhe a mão sobre a ferida.

– Eu podia ir buscar água do poço para te curar.

O medo percorreu-lhe o corpo. Procurou palavras astutas para a persuadir contra tal caminho, mas ela conhecia-o bem. Assim, decidiu-se por uma única palavra, depositando toda a sua vontade nela, deixando a verdade transparecer dos seus olhos.

– Por favor.

Ela inclinou-se e beijou-lhe os lábios, depois caiu nos seus braços uma última vez.

16h49

A garganta de Erin apertou-se ao ver um anjo chorar por Judas.

Arella embalava-o e acariciava-lhe o cabelo grisalho desde a fronte, murmurando palavras numa língua antiga. Ele sorria a Arella, como se fossem jovens amantes e não duas criaturas sem idade, apanhadas no fim dos tempos.

Rhun tocou o ombro de Erin, olhando para o céu que escurecia.

O simples toque recordou-a de que, embora a batalha tivesse sido ganha, a guerra não terminara. Ela olhou para o Sol, que mergulhava no horizonte a oeste. Estavam quase sem tempo para desfazer o que Iscariotes pusera em movimento.

Ela fitou o homem que começara tudo aquilo.

O sangue de Iscariotes fluía-lhe do flanco, chorando a sua vida. Na escuridão crescente, notou o suave brilho refulgindo por entre o carmesim, recordando ter visto o mesmo quando ele cortara acidentalmente o dedo na caverna, sob as ruínas de Cumas, com a prata da mesma lâmina que agora o lancetara.

Recordou Arella, emanando o mesmo fulgor de ouro quando resgatara Tommy. E mesmo o sangue de Tommy cintilava tenuemente, na praia, em Cumas.

O que significava aquilo?

Olhou de Tommy, imóvel junto ao poço, para Judas.

Significa que *ambos* carregavam sangue angélico?

Recordou que *ambos*, Tommy e Judas, tinham igualmente encontrado uma pomba, símbolo do Espírito Santo, uma reminiscência da ave que Cristo matara. E ambos tinham a idade de Cristo, nesse tempo.

E depois, as palavras de Arella, anteriormente: *"Miguel foi feito em pedaços. Carregas o melhor do Primeiro Anjo dentro de ti."*

Erin começou a compreender.

Tommy não carregava Miguel *por inteiro* dentro de si, apenas o melhor, o mais resplandecente, uma força capaz de conceder a vida.

Um outro veículo carregava o seu pior, o mais obscuro, uma força que tirava a vida.

Percebeu que o brilho do sangue de Iscariotes era distintamente mais escuro que o sangue de Tommy.

Duas gradações distintas de ouro.

Virou-se e olhou em volta para a cratera, o vidro exposto pela escavação, a tampa redonda que selara outrora o poço. Tal como a própria cratera, uma metade era áurea escura, a outra metade mais clara.

Recordou-se de pensar que se assemelhava ao símbolo oriental do *yin-yang*.

Duas partes que formavam um todo.

– Precisamos de ambos – murmurou Erin.

Espreitou Arella. Antes, a sibila mantivera-se em silêncio, porque sabia que Iscariotes tinha de vir até ali também. Teria a própria Arella desenhado o símbolo na areia, para que ele soubesse onde tinha de ir?

Bernard aproximou-se de Erin, as suas vestes rasgadas e ensanguentadas, mas provavelmente pressentindo o crescente entendimento dentro dela.

– O que diz?

Rhun olhou-a também, expectante.

Ela chamou os dois a si, a par de Jordan. Eles tinham de ouvir aquilo, de lhe dizer que ela estava errada.

"Por favor, que eu esteja errada."

Rhun voltou para ela o seu tão característico olhar sombrio e implacável.

– O que foi, Erin?

– O Primeiro Anjo não é o Tommy. É o arcanjo Miguel, o ser celestial feito em pedaços. Feito em *dois*. – Ela gesticulou para o vidro da cratera. – Ele tem de ser unido novamente. Temos de reparar o que aqui foi quebrado.

Esse fora o aviso de Arella – ou seria o fim do domínio dos homens na Terra.

– Mas onde está a outra metade? – inquiriu Bernard.

– Em Judas.

O choque alastrou pelo grupo.

– Mesmo que estejas certa – observou Jordan – como os podemos voltar a unir?

Erin fixou Iscariotes, moribundo nas areias.

Ela também conhecia essa resposta.

– A sua capa imortal tem de lhes ser retirada.

Jordan fitou-a, boquiaberto.

– Têm de morrer?

Ela baixou a voz para um sussurro.

– É a única maneira. Por isso a espada foi aqui deixada, por isso tivemos de vir aqui.

– Iscariotes já recebeu um golpe mortal – proferiu Rhun. – Então, a lâmina tem de desferir golpe igual sobre o rapaz?

– Ousamos fazer tal coisa? – questionou Jordan. – Pensei que tínhamos decidido, em Cumas, que a vida do Tommy era mais importante do que a própria salvação do mundo.

Erin queria concordar. O rapaz não fizera nada de mal. Ele tentara ajudar uma pomba inocente e, em retorno, vira a família ser-lhe arrancada e sofrera incontáveis torturas. Seria justo que tivesse de morrer ali também?

Não podia condenar aquela criança à morte.

Mas, por outro lado, era *uma* vida contra as vidas dos justos e injustos de todo o mundo.

Jordan olhava-a.

Ela sabia que se lhe dissesse a palavra, ele a cumpriria, relutante mas cumpriria. Ele era um soldado – compreendia o que era sacrificar-se por um bem maior. As necessidades de muitos sobrepunham-se às necessidades de um só.

Tapou o rosto.

Não conseguia ver mais sangue inocente a ser derramado. Vira a sua irmã ser sacrificada em nome da falsa crença. Causara a morte de Amy pela sua própria ignorância do perigo em que a colocara. Não tomaria outra vida inocente, por muito que a sua mente lhe dissesse que assim devia ser.

– Não – arquejou, decidida. – Não podemos sacrificar um rapaz para salvar o mundo.

Bernard avançou bruscamente para Jordan, apontando à espada. Mas Jordan era agora igualmente ágil e ergueu a lâmina à altura do peito do cardeal, a ponta dirigida ao seu coração silencioso.

– Esta arma matá-lo-á com a mesma certeza de qualquer *strigoi* – advertiu Jordan.

Bernard fitou Rhun para o apoiar, para se juntar a ele contra Jordan. O cardeal queria aquela espada.

Rhun cruzou os braços.

– Confio no discernimento da Mulher Sábia.

– O rapaz deve morrer – insistiu Bernard. – Ou o mundo morrerá com ele. Num horror maior do que é humanamente imaginável. O que significa um rapaz contra tudo isso?

– Tudo – contrapôs Erin. – Assassinar um rapaz é um ato de maldade. *Todo* o ato de maldade importa. *Todo* e qualquer um. Temos de nos levantar contra todo e qualquer um desses atos, senão quem somos?

Bernard suspirou.

– E se não for um ato de maldade ou bondade, mas simplesmente um ato necessário?

Erin cerrou os punhos.

Não permitiria que Tommy fosse assassinado.

– Erin – os olhos azuis angustiados de Jordan encontraram os dela. Ele acenou a cabeça na direção do poço.

Tommy esboçou um gesto apaziguador para Elizabeta, com as mãos, mantendo-a afastada. Depois, aproximou-se e estudou cada um deles.

– Eu sei – disse ele, parecendo cansado. – Quando toquei a espada e decidi trazê-la para fora do poço... eu soube.

Erin recordou o fogo nos olhos do rapaz quando empunhava a espada.

– É uma escolha – disse ele. – Eu tenho de *escolher* fazê-lo, só assim tudo será corrigido.

Ao ouvi-lo, Erin percebeu quão próximo tinham estado da ruína. Se tivesse largado Jordan ou se Bernard tivesse arrebatado a lâmina, se qualquer deles tivesse lançado a espada contra o rapaz sem o consentimento deste, teriam deitado tudo a perder.

O pensamento deu-lhe um resquício de conforto, mas ínfimo.

O que Tommy dizia implicava um mesmo final.

Um rapaz morto nas areias.

– Mas Iscariotes não concordou em ser golpeado – alertou Rhun.

Erin retesou-se, percebendo que Rhun tinha razão.

“Já estará tudo perdido?”

Jordan engoliu em seco, baixando a espada, ciente de que Bernard não o poderia mais forçar.

– Penso que Judas concordou – disse Jordan. – Durante o combate, ele igualava-me a cada golpe. Depois, subitamente, baixou a guarda. Não percebi na altura, reagi simplesmente e atingi-o.

– Suspeito que ele sempre tenha procurado a morte – observou Rhun.

– Então o que fazemos? – indagou Jordan. – Agora que o sabemos?

Erin viu como os olhos dele nem conseguiam encarar os do rapaz.

Tommy moveu-se, aparentemente para manter as costas voltadas a Elizabeta, olhando sobre o ombro para se certificar, para a impedir de ver. Tommy notou a atenção de Erin.

– Ela vai tentar impedi-lo.

Tommy ergueu a ponta da espada de Jordan e colocou-a sobre o seu peito. Levantou o olhar para Jordan, tentando sorrir, mas o lábio inferior tremia-lhe de medo, esforçando-se por parecer corajoso, seguro, face ao desconhecido.

Por fim, Jordan encontrou também o rosto do rapaz. Erin nunca vira tal agonia e mágoa gravadas nos ângulos tensos e distorcidos do seu rosto.

– Não posso fazer isto – gemeu.

– Eu sei disso, também – disse Tommy, suavemente, a sua voz vacilando. Os seus olhos fitaram a poente, o Sol, a última luz que alguma vez veria.

Um lamento ergueu-se junto ao poço.

– Nãoooooo...

Elizabeta precipitou-se para eles, pressentindo, por fim, o que estava prestes a acontecer.

Tommy suspirou e lançou-se contra a espada – levando consigo a última luz do dia ao morrer.

CAPÍTULO 53

20 de dezembro, 16h49, CET

Siwa, Egito

Rhun agarrou Elisabeta pela cintura quando esta se precipitou para eles.

Tommy caiu no chão, deslizando da lâmina, derramando sangue vermelho pela areia escura. Uma clara cintilação dourada misturava-se aí também. O outro lado da cratera irradiava um brilho similar, uma gradação áurea mais escura a envolver as silhuetas de Judas e Arella.

– Porquê? – soluçou Elisabeta, agarrada a ele.

Rhun baixou-a até ao rapaz.

A espada perfurara-lhe diretamente o coração. Rhun ouvia agora o seu último débil vacilar, depois parou.

Jordan caiu de joelhos diante do corpo, largando a espada, agarrando-se ao seu lado esquerdo.

Erin baixou-se.

– O que se passa...?

Rhun sentiu-o momentos antes de acontecer – uma emanção de um poder inimaginável – e pôs um braço sobre os olhos, protegendo Elisabeta com o seu corpo.

Depois veio a explosão de luz.

A magnificência feriu-lhe os olhos.

O sangue ferveu-lhe nas veias.

Elisabeta gritava estridentemente nos seus braços, o som ecoado pelos outros num coro de dor e medo.

Vergado pelo esplendor, caído de joelhos, Rhun implorava por perdão, enquanto rezava por entre o sofrimento. Cada pecado seu era uma indignidade face a tal brilho sagrado, nada podia permanecer escondido. O seu maior pecado era uma escuridão sem limites, capaz de o consumir por inteiro. Mesmo aquela luz não o poderia vencer.

“Por favor, basta...”

Finalmente, após o que pareceu uma eternidade, a luz deu lugar a uma misericordiosa escuridão. Ele abriu os olhos. Corpos mortos de *strigoi* e *blasphemare* estavam espalhados pela cratera; mesmo os que haviam fugido para lá dela tinham sido dizimados pela explosão. Rhun moveu-se, a dor ainda a assolar o seu corpo.

Queimava com o mais sagrado dos ardores.

Perscrutou a cratera. Erin estrava prostrada ao lado do corpo caído de Tommy, com Jordan ajoelhado ao seu lado e agarrado ao ombro esquerdo. Pareciam ambos abalados, mas intocados pelo brilho. Não tendo sangue contaminado, teriam provavelmente sido poupados ao maior impacto da sua força.

Elisabeta jazia, inerte, nos seus braços.

Ela era *strigoi*, sem sequer a aceitação do amor de Cristo para a escudar daquele fogo. Tal como as outras criaturas amaldiçoadas, devia estar morta.

“Por favor, não a Elisabeta”– implorou.

Encostou-a contra o seu peito. Ele afastara-a do seu tempo, do seu castelo, aprisionara-a durante centenas de anos, para a ver morrer num deserto solitário, longe de tudo e de todos os que alguma vez amara.

Quantas vezes a tinham amaldiçoado as ações dele?

Afastou-lhe o cabelo curto encaracolado da testa pálida e varreu-lhe a areia das faces descoradas. Há muito tempo, segurara-a da mesma forma, ela moribunda num chão de pedra no castelo de Čachtice. Devia tê-la

deixado morrer então, mas mesmo agora, sabia que faria tudo para a ter de volta.

Inclusive pecar de novo.

Como que em resposta a esse pensamento blasfemo, ela mexeu-se. Os seus olhos argênteos pestanejaram e os lábios ganharam cor, esboçando um sorriso hesitante. O olhar ficou-lhe momentaneamente perdido, deslocado no tempo e no espaço.

Contudo, naquele momento, ele soube a verdade.

Apesar de tudo, ela amava-o.

Encostou a mão ao seu rosto. Mas como sobrevivera ela ao cauterizante brilho no seu estado amaldiçoado? Tê-la-ia ele protegido com o seu corpo? Ou o seu amor por ela?

Fosse como fosse, a felicidade inundou-o ao mergulhar nos seus olhos cor de prata, deixando que o deserto se desvanecesse à sua volta. Naquele instante, ela era tudo o que importava. A mão dela ergueu-se. As pontas dos dedos macias tocaram-lhe a face.

– Meu amor... – sussurrou ela.

17h03

Erin desviou o olhar de Rhun e da condessa. Ainda estava meio cega pela explosão de luz, jurando por momentos ter visto um movimento de asas erguer-se das areias. Fitou as estrelas lá em cima.

“Estrelas.”

Endireitou-se e rodou num círculo lento, vendo o manto obscuro desvanecer-se do céu noturno que se estendia em todas as direções. Imaginou o céu a clarear, dali até Cumas.

Teriam conseguido encerrar os portões?

Jordan levantou-se ao seu lado. Ele fletia e esticava o braço, sacudindo-o ligeiramente, lembrando-a de uma preocupação mais imediata. Recordou como ele caíra de joelhos, agarrando-se ao flanco, como se sofresse um ataque cardíaco.

– Estás bem? – perguntou ela.

Ele olhou o rapaz em baixo, o sangue.

– Quando ele sucumbiu, senti-me como se algo fosse arrancado de mim. Achei que ia morrer.

“De novo.”

Ela examinou o rosto pálido de Tommy. Os seus olhos estavam fechados, como se estivesse simplesmente adormecido. Em Estocolmo, o toque do rapaz, o seu sangue, tinham ressuscitado e curado Jordan. Ela notou que a poça de sangue já não irradiava brilho. Infiltrava-se, simplesmente, frio pela areia.

Ela estendeu a mão e apertou a de Jordan, sentindo o seu calor, grata por isso.

– Penso que a essência angélica de que o Tommy te impregnou foi arrancada de ti durante a explosão de luz.

– Onde está a espada? – perguntou Jordan, olhando em volta aos seus pés.

Tinha desaparecido também.

Ela voltou a recordar aquelas asas de luz.

– Acho que foi devolvida ao dono original.

Bernard juntou-se a eles, de olhos postos nos céus.

– Fomos poupados.

Ela esperou que ele tivesse razão, mas nem todos tinham tido a mesma sorte.

Baixou um joelho e tocou a camisa ensopada de sangue de Tommy. Levou os dedos ao seu rosto jovem, parecendo ainda mais novo na morte,

as feições descontraídas, finalmente em paz. A sua pele ainda estava quente ao toque.

“*Quente.*”

Pousou a mão contra a garganta dele, recordando-se de fazer o mesmo com Jordan.

– Ainda está quente.

Procurou em baixo, abrindo-lhe bruscamente a camisa, arrancando os botões.

– A ferida desapareceu!

Tommy sacudiu-se subitamente, sentando-se, afastando-a, claramente assustado, o seu olhar fixando-se em todos eles. O medo desvaneceu-se, em reconhecimento.

– Então... – balbuciou, fitando o seu peito nu.

Os dedos sondaram também.

Elizabeta afastou-se de Rhun e aterrou de joelhos, tomando a sua outra mão.

– Estás bem, rapaz?

Ele apertou-lhe os dedos, chegando-se para mais perto dela, ainda assustado.

– Eu... eu não sei. Acho que sim.

Jordan sorriu.

– A mim, pareces-me bem, miúdo.

Christian juntou-se a eles com Wingu. O par terminara uma rápida inspeção da cratera e da crista, para se certificar de que não havia perigo.

– Consigo ouvir-lhe o bater do coração.

Rhun e Bernard confirmaram-no com um aceno.

O alívio percorreu Erin.

– Graças a Deus!

– Ou, neste caso, graças a *Miguel*. – Jordan fez deslizar um braço em torno dela.

A condessa repreendeu Tommy.

– Não voltes a fazer nada assim!

A sua seriedade ensombrou o sorriso de Tommy.

– Prometo. – Ergueu uma mão. – Nunca mais me lançarei contra uma espada.

Christian chegou-se mais para perto de Erin.

– O sangue dele já não tem um odor... *angélico*. É novamente mortal.

– Penso que foi por termos libertado o espírito que o habitava. Para se poder reunir à sua outra metade. – Ela fitou Iscariotes. – Isso significa que Judas sarou igualmente?

Christian abanou a cabeça.

– Verifiquei-o quando fiz a minha ronda com Wingu. Ainda vive, mas por pouco. Neste preciso momento, sinto o seu coração prestes a ceder.

Rhun fixou os olhos em Judas.

– A sua recompensa não foi a vida.

17h07

Pela primeira vez em milhares de anos, Judas sabia que a morte estava perto. Uma sensação de formigueiro espalhava-se do ferimento no flanco e corria-lhe pelas veias como água gelada.

– Tenho frio – sussurrou.

Arella puxou-o mais para o seu abraço quente.

Com grande esforço, ele levantou o braço diante dos olhos debilitados. As costas da sua mão estavam cobertas de manchas acastanhadas da idade. A sua pele pendia em frouxas dobras dos ossos.

Era o braço frágil de um homem velho.

Com dedos tremulantes, sentiu o rosto, descobrindo sulcos onde outrora existira pele macia, em torno da boca, nos cantos dos olhos. Definhara assim.

– Continuas belo, meu velho vaidoso.

Sorriu brandamente, face às palavras dela, face ao gentil sarcasmo.

Ele substituíra a maldição da imortalidade pela maldição da velhice. Os ossos doíam-lhe e os pulmões chocalhavam. O coração marchava vacilante como um bêbado andando no escuro.

Contemplou Arella, linda como sempre. Parecia-lhe impossível que ela alguma vez o tivesse amado, que ainda o amasse. Errara ao deixá-la partir.

“Errei em tudo.”

Acreditara que o seu desígnio era trazer Cristo de volta à Terra. Todos os seus pensamentos se dirigiram exclusivamente nesse sentido. Empenhara séculos ao serviço dessa missão sagrada.

Mas esse não fora o seu desígnio, apenas a sua presunção.

Cristo concedera-lhe aquele dom, não para acabar com o mundo, não como penitência pela sua traição, mas para desfazer o erro que o próprio Cristo cometera enquanto criança.

Reparar o que fora quebrado.

“E agora, cumpri-o.”

Eram esses a sua verdadeira penitência e verdadeiro desígnio, e eram bem mais do que ele merecia. Fora chamado a devolver a vida e não a trazer a morte.

A paz inundou-o, enquanto fechava os olhos e confessava, em silêncio, os seus pecados.

Eram tantos.

Quando voltou a abrir os olhos, cataratas cinzentas toldavam-lhe a visão. Arella era um borrão indistinto, desvanecendo-se já cruelmente da sua vista, à medida que o fim se aproximava.

Ela abraçou-o com mais força, como que para o reter ali.

– Soubeste sempre a verdade – sussurrou ele.

– Não, mas tinha esperança – sussurrou-lhe ela de volta. – A profecia nunca é clara.

Ele tossiu à medida que os pulmões se engelhavam dentro de si. A sua voz era um crocitar.

– A minha única mágoa é não poder passar a eternidade contigo.

Agora demasiado fraco, Judas fechou os olhos – não para a escuridão, mas para uma luz dourada. O frio e a dor recuaram face àquele brilho, deixando apenas beatitude.

As palavras foram-lhe sussurradas ao ouvido.

– Como sabes como vamos passar a eternidade?

Ele abriu os olhos, uma última vez. Ela resplandecia, agora, por entre as cataratas, em toda a sua glória, cintilando de graça celestial.

– Também eu fui perdoada – entoou ela. – Por fim, sou chamada a casa.

Ela ergueu-se dele, para longe dele. Ele procurou por ela, descobrindo o seu próprio braço feito luz. Ela pegou-lhe na mão e puxou-o do seu casulo mortal para o seu abraço eterno. Inundados de amor e esperança, partiram rumo à paz final.

Juntos.

17h09

Ninguém falou.

Tal como Erin, todos tinham visto Arella irromper em luz, inundando a cratera com um calor que exalava a flores de lótus. Depois, desapareceu.

O corpo de Judas permaneceu, mas desfazia-se em pó naquele preciso momento, agitado pelo vento do deserto que o misturava com a areia

eterna, assinalando o seu lugar de descanso final.

– O que lhe aconteceu? – A voz de Tommy estava tensa de preocupação.

– Envelheceu até à sua idade natural – explicou Rhun. – De novo a velho em instantes.

– Isso vai acontecer-me? – Tommy parecia aterrado.

– Eu não me preocuparia com tal coisa, miúdo – tranquilizou-o Jordan. – Só foste imortal por uns meses.

– É verdade? – Ele voltou-se para a condessa.

– Parece-me que sim – disse Elizabeta. – As palavras do soldado são válidas.

– E a mulher anjo? – Tommy procurou o seu lugar vazio no deserto. – O que lhe aconteceu?

– Se tivesse de adivinhar – disse Erin – diria que ela e Judas foram levados juntos para o alto.

– Ele teria gostado disso – notou Tommy.

– Também acho que sim.

Erin entrelaçou os seus dedos nos de Jordan.

Ele apertou-os com força.

– Mas isso significa que já não temos anjos aqui. Pelo menos *um* deles não tem de abençoar o livro?

Erin voltou-se para Bernard.

– Talvez já o tenham feito. Os céus clarearam de novo no horizonte.

Bernard meteu a mão por entre as roupas rasgadas até à armadura que usava por baixo. Agarrou o fecho, parecendo a ponto de o arrancar. Por fim, conseguiu abri-lo e tirou para fora o Evangelho de Sangue.

Segurou-o nas mãos trémulas, com os olhos inquietos.

O volume encadernado a couro parecia inalterado.

Mas todos sabiam que a verdade estaria contida no interior.

Bernard levou-o até Tommy e depositou-o, reverentemente, nas mãos do rapaz, com uma expressão arrependida.

– Abre-o. Mereceste-o.

Sem dúvida.

Tommy baixou-se sobre os joelhos e pousou o livro no colo. Com um dedo, levantou lentamente a capa, como que receoso do que poderia revelar.

Erin olhava por cima do seu ombro, igualmente inquieta, o coração acelerado.

Tommy baixou a capa até ao joelho, revelando a primeira página. A passagem original escrita à mão cintilava no escuro com um brilho suave, cada letra perfeitamente clara.

– Não há nada de novo aí – comentou Bernard, parecendo desalentado e perturbado.

– Talvez signifique que tudo terminou – propôs Jordan. – Não temos de fazer mais nada.

“Se assim fosse...”

Porém, Erin sabia que não era assim.

– Vira a página.

Tommy passou a língua pelo lábio superior e obedeceu, levantando a primeira página e expondo a seguinte.

Também essa estava inalterada, em branco – então, palavras em carmesim profundo surgiram, percorrendo a página em linhas delicadamente inscritas. Ela imaginou Cristo a desenhar aquelas letras gregas, a sua pena mergulhada no próprio sangue para redigir aquele evangelho milagroso.

Linha após linha, encheram rapidamente a página, bem mais do que da primeira vez que o livro revelara a sua mensagem. Três breves cantos ganharam forma, acompanhados de uma mensagem final.

Tommy levantou o livro para Erin.

– Consegue ler, certo?

Jordan pousou-lhe uma mão sobre o ombro bom.

– É claro que consegue. Ela é a Mulher Sábia.

Por uma vez, Erin não sentiu o impulso de o corrigir.

“Sou.”

Quando pegou no livro, uma estranha energia emanou da capa para as suas mãos. As palavras ganharam um brilho mais intenso, como se sempre tivesse estado destinada a ler o que ali estava escrito. Sentiu-se subitamente possessiva em relação ao livro, àquelas palavras.

Traduziu do grego antigo e leu em voz alta o primeiro canto:

– **«A Mulher Sábia está agora ligada ao livro e ninguém o poderá separar dela.»**

– O que quer isso dizer? – indagou Bernard.

Ela encolheu ligeiramente os ombros, tão desconcertada quanto ele.

Jordan tirou-lhe o livro das mãos. Assim que o Evangelho deixou os seus dedos, as palavras desapareceram.

Bernard abriu a boca de espanto.

Erin voltou a pegar rapidamente no livro e as palavras voltaram a ganhar vida.

Jordan dirigiu um sorriso a Bernard.

– Ainda duvida de quem ela seja?

Bernard fitava simplesmente o livro, parecendo angustiado, como se o amor da sua vida lhe tivesse sido arrancado. E talvez tivesse. Erin recordou como se sentira quando foi enviada de volta à Califórnia, considerada indigna de se envolver com aquele livro milagroso.

– O que mais diz? – perguntou Tommy.

Ela respirou fundo e passou ao segundo canto:

– **«O Homem Guerreiro... »** – Olhou de relance para Jordan, esperando que fosse algo bom. – **«O Homem Guerreiro está do mesmo modo ligado aos anjos, a quem deve a sua vida mortal.»**

Proferida essa última palavra, Jordan estremeceu subitamente, arrancando o resto da manga esfrangalhada do seu braço esquerdo.

Arquejou. A tatuagem aí traçada inflamara-se, irradiando um brilho dourado. Um instante depois, apagou-se, deixando apenas as linhas de tinta azul e preta na sua pele.

Ele friccionou o braço e agitou os dedos.

– Ainda sinto o ardor lá bem no fundo. Como quando o Tommy me trouxe de volta à vida.

– O que quer isso dizer? – perguntou Erin, olhando os outros.

Pelas suas expressões, nenhum sabia.

Christian avançou o único parecer.

– O sangue de Jordan continua a cheirar ao mesmo, pelo que não é imortal ou algo assim.

Jordan franziu o sobrolho.

– Pare de me cheirar.

Deixando esse mistério momentaneamente de parte, Erin passou ao terceiro e último canto, que leu em voz alta:

– ***«Mas o Cavaleiro de Cristo tem de fazer uma escolha. Pela sua palavra, ele poderá desfazer o seu maior pecado e restituir o que se pensou para sempre perdido.»***

Fitou Rhun.

O olhar dele encontrou o seu, os seus olhos escuros, duros como obsidiana. Ela leu algum entendimento nesse fulgor escuro, mas ele manteve-se em silêncio.

Tommy apontou para o fundo da página.

– E o que é isso escrito aí em baixo?

Ela leu-o, também. Estava separado dos três cantos, claramente uma mensagem ou aviso final:

– ***«Em conjunto, a Trindade deve enfrentar a derradeira busca. As grilhetas de Lúcifer foram soltas e o seu Cálice continua perdido. Será necessária a luz dos três para forjar o Cálice e bani-lo de novo para a escuridão eterna.»***

Jordan suspirou pesadamente.

– Então, o nosso trabalho ainda não está terminado.

Erin segurou o cáldo livro nas suas mãos e releu a última passagem várias vezes. O que era aquele *Cálice*? Ela sabia que teria de passar longas horas a tentar perceber o significado daquelas poucas linhas, a extrair o seu sentido.

Mas, de momento, isso podia esperar.

Jordan fitou Rhun.

– Que história é essa do seu maior pecado?

Rhun manteve-se em silêncio e voltou-se para o deserto vazio.

Bernard respondeu.

– O seu maior pecado foi quando se tornou *strigoi*. – Cingiu firmemente o ombro de Rhun. – Meu filho, penso que o Livro te propõe uma vida mortal, para te devolver a alma.

Mas aceitá-lo-ia?

Erin leu de novo esse último canto:

– «*O Cavaleiro de Cristo tem de fazer uma escolha...*»

CAPÍTULO 54

20 de dezembro, 17h33, CET

Siwa, Egito

Rhun sentiu os dedos prementes de Bernard no seu ombro. O hálito do cardeal roçou-lhe o pescoço, quando ele falou. Ouviu o restolhar do tecido e o ranger da armadura de pele, quando o seu mentor mudou de postura. Mas não lhe ouviu nenhum *bater de coração*.

O peito de Rhun estava igualmente silencioso.

Nenhum deles era verdadeiramente humano ou mortal.

O seu sangue ainda doía da explosão, lembrando-o de outra diferença essencial entre eles e toda a humanidade.

“Somos amaldiçoados.”

Embora abençoados e comprometidos no serviço da Igreja, continuavam a ser criaturas corrompidas, melhor relegadas à escuridão.

Assimilou as palavras de Bernard, perguntando-se se poderiam ser verdadeiras. Poderia o seu coração bater de novo? Poderia ter a sua alma de volta? Poderia reintegrar um mundo mais simples, em que poderia ter filhos, em que poderia sentir o toque da mão de uma mulher sem receio?

Raramente se permitia alimentar tal esperança. Aceitara a sua sorte como Sanguinista. Servira sem questionar por longos, longos anos. A sua única escapatória possível dessa maldição era a morte.

Mas, então, conhecera Erin, que questionava tudo e todos. Ela dera-lhe a força de vontade, não só para contestar o seu destino, como para ter esperança em algo mais.

“Mas ousarei tentar?”

Elisabeta surgiu diante dele, desviando-lhe os olhos do deserto para o seu rosto suave. Esperou rancor, azedume por lhe ser oferecida tal dádiva. Em vez disso, ela fez bem pior.

Tocou-lhe a face.

– Deves aceitar essa oferta. É o que sempre quiseste. – A sua mão fria demorou-se. – Mereceste-o.

Ele olhou-a nos olhos, vendo que lhe desejava verdadeiramente o que dizia. Ele acenou levemente, sabendo o que devia fazer, o que verdadeiramente merecera.

Afastou a mão dela do seu rosto e beijou-lhe a palma, em agradecimento.

Voltou-se para Erin, para o livro refulgindo-lhe levemente nas mãos, onde sempre pertencera.

“A cada qual, o seu lugar.”

Ele sabia que tudo o que tinha a fazer era tocar aquele livro e anunciar o seu maior pecado, e este ser-lhe-ia retirado, permitindo o regresso da alma ao amaldiçoado.

Erin sorriu-lhe, feliz por ele.

Bernard seguia-o, visivelmente extasiado por assistir àquele milagre.

– Estou tão orgulhoso de ti, meu filho. Eu sempre soube que se algum membro da nossa ordem viesse a ver a graça ser-lhe restituída, serias tu. Ficarás livre.

Rhun abanou a cabeça.

“Eu nunca ficarei livre.”

Ergueu a mão sobre o livro, evocando o momento em que se contorcera de dor no brilho sagrado de um anjo restituído, em que todos os seus pecados tinham sido expostos – incluindo o maior deles, essa mácula negra para lá de qualquer perdão.

As palavras do Evangelho ecoaram por si: ***“... poderá desfazer o seu maior pecado...”***

Voltou o rosto para o céu. Os seus amigos estavam errados. Rhun conhecia o seu maior pecado, tal como o conhecia aquele que escrevia as palavras nessa página.

Colocou, então, a palma da mão sobre o livro.

– Escolho desistir do meu maior pecado – proferiu Rhun. – Para que seja desfeito e restituído aquilo que roubei.

Erin pareceu confusa com as palavras – como era suposto.

Atrás dele, ouviu Elisabeta arquejar e sucumbir de joelhos.

Erin sussurrou-lhe.

– O que fez?

Em resposta, ele fitou Elisabeta. Ela comprimia as mãos sobre a boca e o nariz, como se pudesse afastar as garras do destino. Mas fumo negro insinuava-se entre os seus dedos, expelido para fora da boca e do nariz, formando uma nuvem negra diante dos seus olhos assustados. Depois, de repente, desceu em espiral e desapareceu deste mundo.

Ela deslizou as mãos da boca para a garganta.

E gritou.

Ela gritou e gritou.

O som ecoou pelo deserto, uma e outra vez.

Rhun tomou-a nos seus braços, acalmando-a, segurando-a.

– É como tem de ser – disse ele. – Como sempre devia ter sido.

Ele viu-lhe o rosto angustiado, amedrontado, ganhar cor. E pela primeira vez, em séculos, ouviu o seu coração bater de novo.

Rhun perdeu-se nesse ritmo, querendo chorar.

Os olhos de Elisabeta fitavam-no, esgazeados.

– Não pode ser.

– Pode, meu amor.

– Não.

– Sim – sussurrou ele. – Destruir a tua alma foi o meu maior pecado. Sempre.

O rosto dela enrubesceu, não da vida recuperada, mas de raiva. Os seus olhos argênteos escureceram para nuvens tormentosas. Unhas afiadas arranharam-lhe o braço.

– Tornaste-me mortal?

– És mortal – disse Rhun, agora hesitante.

Ela afastou-o, a sua força uma ínfima fração do poder anterior.

– Não o queria!

– O... o quê?

– Não te *pedi* que me transformasses em besta, nem te *pedi* que me devolvesse a isto. – Ela estendeu os braços. – Uma frágil e chorosa humana.

– Mas estás perdoada. Tal como eu.

– Não me interessa o perdão. O teu ou o meu! – Afastou-se dele. – Jogas com a minha alma como se fosse um adorno, que pudesses pôr e tirar a teu bel-prazer. Antes e agora. Onde está a minha *escolha* em tudo isso? Ou não importa?

Rhun procurou palavras para lho explicar.

– A vida é a maior dádiva.

– É a maior maldição.

Virou costas e afastou-se a passos largos, em direção ao deserto vazio.

Tommy foi atrás dela.

– Espere! Não me deixe!

O grito solitário e dorido do rapaz deteve-a, mas não se voltou para encarar de novo Rhun. Tommy correu para ela e abraçou-a por trás. Ela puxou-o para a frente e estreitou-o, agitando os ombros enquanto chorava com o queixo sobre a cabeça dele.

Bernard tocou no ombro de Rhun.

– Como pôde desperdiçar tal dádiva nela?

– Não foi *desperdiçada*.

A raiva inundava-o. Como podia Bernard ser tão néscio? Não entendia que os maiores pecados são aqueles que nós próprios cometemos e não os que são cometidos contra nós?

A condessa mantinha as costas voltadas para ele.

Ela acabaria por compreender e perdoá-lo.

Tinha de ser.

17h48

Erin fechou o livro e afastou-se dos outros. Jordan preparou-se para a seguir, mas ela pediu-lhe privacidade. Fitou no alto as estrelas e a Lua emergente, enquanto caminhava pela cratera, o único lugar onde não havia corpos e longe do caos de emoções deixado para trás.

Precisava de um momento de paz.

Alcançou o poço aberto.

A sacralidade ali presente, provavelmente advinda da espada preservada no fundo, mantivera a luta à margem do lugar. Olhou para trás, para a carnificina, de bestas e *strigoi*.

O seu grupo pagara um preço terrível, mas tinham sobrevivido.

Só que não todos.

Os seus olhos recaíram sobre o pobre Agmundr, evocando o seu imenso sorriso.

“Obrigada por nos protegeres.”

Recordou Nadia na neve e mesmo Leopold no chão da caverna. Tinham encontrado o fim longe da sua terra natal e longe daqueles que os tinham amado.

Tal como Amy.

Ajoelhou-se na borda da fonte e espreitou a água límpida. As estrelas refletiam-se aí, uma pincelada de Via Láctea refulgindo da água, recordando-a, simultaneamente, da pequenez e grandiosidade da vida. As estrelas lá no alto eram eternas. Escutou o silvar das areias pelas dunas em volta, sussurrando como milénios antes.

Aquele lugar fora por muito tempo um lugar sagrado e de paz.

Erin contemplou os painéis que contavam a história do primeiro milagre de Cristo e do que se seguira. Era um lembrar de que *qualquer um* podia cometer um erro, dar um passo em falso. Tal como Cristo, ela desconhecerara as consequências fatais das suas ações em Massada, ignorara como os eventos trariam morte e repercussões futuras.

Olhou Bernard e um pensamento pouco caridoso atravessou-lhe a mente. Tanto derramamento de sangue teria sido poupado se o cardeal não tivesse ocultado tantos segredos. Se tivesse conhecido a importância da informação fatal que partilhara com Amy, Erin poderia ter sido mais cautelosa. Em vez disso, os segredos que os sanguinistas lhe tinham ocultado custaram a vida a Amy e a outros.

Centrou-se no livro que tinha nas mãos. Aceitando o manto de Mulher Sábia, não mais permitiria que as verdades lhe fossem ocultadas. As autoridades do Vaticano teriam de lhe abrir as suas bibliotecas e revelar todos os seus segredos, ou ela não cooperaria mais com eles.

O livro estava agora ligado a ela e usá-lo-ia para derrubar todas as portas.

Devia isso a Amy.

Procurou no bolso e tirou para fora a esfera de âmbar. Segurou-a à luz do luar, revelando a delicada pena no interior. O âmbar aprisionara-a, tão seguramente como as suas memórias guardavam Amy: para sempre preservada, nunca libertada para flutuar para longe.

Embora nunca fosse esquecer a sua aluna, talvez pudesse libertar-se de algo.

Inclinou a palma da mão para a frente, até o âmbar lhe deslizar para as pontas dos dedos. Depois, tombou para lá deles e caiu na fonte de água. Ela inclinou-se e observou a esfera a quebrar o reflexo de estrelas e a desaparecer naquela eternidade.

Agora, parte de Amy ficaria para sempre ali, no Egito, descansando num dos lugares mais sagrados da Terra, perto de segredos antigos que podiam nunca vir a ser descobertos.

Erin olhou para dentro do poço, fazendo uma promessa.

“Nunca mais.”

Não seria derramado mais sangue inocente para preservar os segredos dos sanguinistas. Estava na altura de a verdade se revelar.

Agarrou firmemente o livro e levantou-se.

Preparada para mudar o mundo.

DIA DE NATAL

12h04, CET

Cidade do Vaticano

Nas profundezas subterrâneas da Basílica de São Pedro, os sanguinistas reuniam-se na caverna abobadada da sua ordem, o seu mais sagrado dos lugares sagrados, que designavam simplesmente por Santuário. Todos os anos vinham em grande número para celebrar uma missa da meia-noite em honra do nascimento de Cristo.

Rhun estava de pé no extremo da congregação. Outros da sua ordem enchiam o espaço, imóveis, em silenciosa vigília. Nem um sopro, nem um bater de coração, nem mesmo um roçar de vestes perturbavam a mais absoluta paz. Ele absorveu a quietude, como sabia fazerem também os outros à sua volta. O mundo lá em cima tornara-se cada vez mais ruidoso com o passar dos séculos, mas ali ele encontrava a paz calma por que o seu espírito fustigado tanto ansiava.

Acima dele, o teto elevava-se a grande altura, as suas linhas simples e suaves atraindo o seu olhar em direção ao Céu. A pedra fria fora talhada na perfeição por milhares de mãos, nos primeiros anos da Igreja. Não continha nenhum dos adornos das igrejas comuns. Aquele espaço falava à simplicidade da fé de um Sanguinista – a pedra dura e as simples tochas eram suficientes para conduzir as criaturas amaldiçoadas até Ele. Embora estivesse bem abaixo das ruas de Roma, sentia-se ali mais próximo Dele em toda a sua glória, do que em qualquer outro lugar.

Aquela missa de Natal era também conhecida como a Missa dos Anjos. Nunca parecera mais apropriado a Rhun, do que naquela mais sagrada das noites, tão cedo depois de caminhar com anjos.

A fragrância fumegante do incenso desviou a sua atenção do teto para o centro da câmara. Aí, encontrou o mais sagrado dos sacerdotes, caminhando com vagarosa dignidade por entre a congregação. O representante máximo da Ordem dos Sanguinistas envergava simples vestes negras, atadas com um cordão grosseiro. Renunciava aos costumes de cardeais e bispos e do papa – preferindo vestir-se como um simples e humilde padre.

Contudo, era bem mais do que isso.

Ele era o Ressuscitado.

Lázaro.

Sem ele, estariam condenados a viver as suas existências como bestas impuras, matando indistintamente inocentes e culpados, até encontrarem a sua morte na ponta de uma espada ou sob um raio de sol. O Ressuscitado encontrara outro caminho para percorrerem, uma via de santidade e serviço e significado.

Rhun sabia, agora, que não era *pecado* ser Sanguinista.

Tomara a decisão certa no deserto. A sua existência servia agora Deus e esse fora o seu desejo mais genuíno, desde sempre. Desviara-se desse caminho quando corrompera Elisabeta, mas fora-lhe dada a oportunidade de expiar esse pecado. Agora, podia servir de novo Cristo, sem uma sombra na sua consciência.

Lázaro passou por ele.

Rhun observou-lhe os longos dedos, sabendo que tinham tocado Cristo. Aqueles olhos enevoados tinham-No fitado. Aquele rosto grave falara-Lhe, rira com Ele.

Dois outros sanguinistas ladeavam Lázaro.

Um homem e uma mulher.

Dizia-se que eram ainda mais antigos do que o Ressuscitado, mas os seus nomes nunca eram pronunciados. Na verdade, o arcano par raramente era visto, nem mesmo entre Os Enclausurados, os anciãos da ordem que passavam o seu tempo em eternas preces e meditação. Rhun ansiara, outrora, por se juntar aos Enclausurados, mas, em vez disso, fora arrastado de volta ao mundo dos vivos.

O homem carregava uma cruz antiga, a sua madeira castanha tornada cinzenta pelo passar dos séculos. A mulher balançava um incensório de prata. O fumo delicado flutuava pelo espaço, enchendo as narinas de Rhun de incenso e mirra. A sagrada fragrância envolveu-o, pousando na sua veste, no seu cabelo, na sua pele.

Iniciou-se um cântico e a voz de Rhun ergueu-se em harmonia com os outros sanguinistas. O belo coro ressoou pela vasta câmara, atingindo notas subtis não captadas por ouvidos humanos banais. No Santuário, reunido com a sua ordem na longa escuridão, não precisava de ocultar a sua alteridade e podia verdadeiramente cantar.

Lázaro estacou diante da antiga pedra de altar e ergueu a mão pálida para fazer o sinal da cruz.

– *In nomine Patris, et Filii, et Spiritus Sancti.*

– Ámen – respondeu a congregação.

A familiar rotina levou Rhun para longe. Não pensava nem rezava. Simplesmente existia em cada instante, deixando a corrente dos outros empurrá-lo cada vez mais para diante. Ele pertencia ali, com os seus irmãos e irmãs de hábito. Aquela era a vida piedosa que *desejara* quando era um homem mortal e a vida que ele *escolhera* enquanto imortal.

E assim chegaram à Eucaristia.

Lázaro disse as palavras em latim.

– O Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, derramado por vós, para preservar o vosso corpo e alma até à eternidade. Bebei em memória do Sangue de Cristo derramado por vós e dai graças.

Segurou o antigo cálice ao alto, para que todos contemplassem a fonte da sua salvação.

Rhun respondeu com os outros e alinhou-se para receber a Sagrada Comunhão.

Quando chegou em frente do Ressuscitado, Lázaro encontrou-lhe o olhar e um ténue sorriso atravessou-lhe o rosto.

– Para ti, meu irmão.

Rhun inclinou a cabeça para trás e Lázaro verteu o vinho.

Rhun saboreou a suavidade, enquanto lhe fluía pela garganta, espalhando-se pelos seus membros. Nessa noite, não o queimou. Na mais sagrada das noites, não houve penitência.

Apenas o Seu amor.

14h17

Roma

Tommy corria os canais na minúscula televisão de Elizabeta. Todos eles exibiam uma celebração de Natal em italiano. Fora assim todo o dia – nada para ver. Suspirou e desligou o televisor.

Elizabeta estava sentada muito direita no sofá, ao lado dele. Nunca a vira desleixar a postura, nem permitia que ele a descurasse.

"Ambos os pés assentes no chão, sempre" – advertira-o ela com firmeza.

– Esperavas programação diferente? – perguntou ela.

– Não esperava. Mas tinha esperança.

Além do mais, ele era judeu e não celebrava aquele feriado, mas sentia falta do Hanukkah, também. O único reconhecimento da época a chegar-lhe viera da fonte mais inesperada, um cartão de Natal enviado por Grigori

Rasputine. De alguma forma, o russo descobrira que ele estava naquele apartamento, na Cidade do Vaticano.

Elizabeta franzira o sobrolho ao encontrar o cartão colado à porta do apartamento.

Escrito na frente do envelope, lia-se: «***Feliz Natal, meu anjo!***»

O cartão mostrava um anjo com uma auréola dourada.

Ele não sabia se havia de o considerar ameaça, brincadeira ou sincero.

Tendo em conta de quem se tratava, *provavelmente os três*.

Passou o comando a Elizabeta, mas ela pousou-o na mesinha de apoio. Ele ensinara-a a usá-lo e ela aprendia rápido. Era curiosa em relação a tudo naquele mundo moderno e ele tinha prazer em ensiná-la.

Depois de deixar os desertos do Egito, Tommy acabara em Roma, num apartamento disponibilizado pela Igreja. Tinham-lhe feito análises ao sangue por diversas vezes, desde que voltara, mas fora isso deixavam-no em paz. Agora, era apenas um rapaz órfão. Propuseram-lhe outro alojamento temporário, um lugar onde ficar sozinho até ser reenviado para os Estados Unidos, mas preferira ficar com Elizabeta.

Aborrecido, perguntou-lhe:

– Quer aprender a usar o micro-ondas?

– Isso não é um aparelho para cozinhar refeições? – Ela comprimiu os lábios. – Isso é função de servos.

Tommy ergueu uma sobrancelha. Ela precisava, claramente, de aprender bastante mais sobre o mundo moderno, do que simplesmente a tecnologia.

– Acha que não vai ter de cozinhar para si própria?

Os seus olhos ensombraram-se.

– Porquê perder tempo com tais trivialidades?

Ele agitou o braço para abarcar o espaço.

– Não pode viver aqui para sempre. E quando sair daqui, vai ter de arranjar um emprego e ganhar dinheiro e cozinhar para si.

– A Igreja não faz tenção de se livrar de mim – disse ela.

– Porquê? Vão livrar-se de mim. – Ele ia ser enviado para casa dos tios, em Santa Bárbara, pessoas que mal conhecia.

– Tu és apenas uma criança. Não te veem como uma ameaça. Por isso, enviam-te para essa tal Califórnia, sem receio.

Ele suspirou, tentando não se lamentar. Elizabeta odiava queixumes. Por fim, limitou-se a suspirar.

– Eu não quero ir.

Ela voltou-se para ele.

– Mas vais.

– Eu não conheço essas pessoas. De todo. Acho que só os vi uma vez.

– Eles vão cuidar de ti, como é seu dever de família.

“Mas não me vão amar” – pensou. – “Não como o pai e a mãe.”

– Quando partes? – perguntou ela.

– Amanhã. – Ele deixou pender a cabeça.

Ela deu-lhe um toque no queixo.

– Senta-te direito. Senão ficas corcunda.

Contudo, viu que ela o fez também para esconder o choque. Aparentemente, ninguém lhe dissera.

– Eu próprio só o soube hoje de manhã – disse ele. – Feliz Natal para nós.

Ela olhou-o de testa franzida.

– Porque haveria de sentir outra coisa que não felicidade, quando te vais reunir com a tua família?

– Por nenhuma razão – murmurou.

Ele levantou-se e foi até à cozinha. Não tinha mais o que fazer. Não tinha nada para emalar, só umas roupas que Christian lhe trouxera e um punhado de livros que Erin lhe dera, antes de partir com Jordan para os Estados Unidos.

– Tommy. – Elizabeta pôs-se de pé e abeirou-se dele. – Podes achar difícil viver com essas pessoas, mas são a tua família. É melhor do que

estares aqui encurralado... comigo.

Ele abriu e fechou um armário, não que precisasse de algo, apenas para fazer alguma coisa. Bateu a porta com demasiada força.

Ela virou-o pelos ombros e agarrou-lhe o queixo.

– Porque estás tão zangado? O que é? Queres que chore na nossa despedida? Que te implore para ficares comigo?

“Talvez um pouco.”

– Não.

– Tais manifestações de histeria não aconteceram quando eu era menina – afirmou ela. – Já assisti a muito desse disparate na vossa televisão, mas acho estúpido.

– Tudo bem – disse ele.

Ela tocou-lhe o braço.

– Vou sentir a falta da tua presença. Ensinaste-me muito e trouxeste-me alegria.

Presumiu que as palavras dela equivalessem a uma mulher moderna a atirar-se para o chão a chorar.

– Vou sentir a sua falta, também – disse ele.

Ela tirou uma caixa cinzenta do bolso e colocou-a na mão dele.

– É um presente de despedida, já que não celebras o Natal.

Tommy retirou o papel de embrulho com todo o cuidado. Era um telemóvel pré-pago.

– Se precisares de mim – prometeu ela – liga e eu irei.

– Pensei que era prisioneira.

Ela escarneceu.

– Como se alguma vez me pudessem manter presa.

Tommy sentiu as lágrimas a ameaçarem sair e esforçou-se por reprimi-las.

Ela curvou-se para o olhar nos olhos.

– Há poucos neste mundo dignos de confiança. Mas eu confio em ti.

– E eu em si.

Fora por isso que ficara ali com ela. Os outros eram leais às suas convicções, mas ela era-lhe leal a ele.

Abraçou-a para esconder as lágrimas.

– Que tolice – disse ela, mas apertou-o ainda mais.

10h12, CST

Des Moines, Iowa

Erin estava sentada nas escadas alcatifadas da casa dos pais de Jordan. Escondia-se da ação na sala de baixo, aproveitando o momento para se recompor do caos da manhã de Natal. Aspirou o odor doce do pão de gengibre acabado de cozer e o aroma sedutor do café acabado de fazer. Contudo, deixou-se ficar.

Demorou-se nas escadas, a estudar as fotografias penduradas na parede próxima. Mostravam Jordan em diferentes idades, a par de vários irmãos e irmãs. Toda a sua infância estava ali imortalizada, desde os jogos de *baseball*, às excursões de pesca, ao baile de finalistas.

Erin não tinha uma única fotografia sua de criança.

Um olhar para baixo revelou-lhe as sobrinhas e sobrinhos de Jordan a saltarem pela sala de estar como pipocas, carregados de açúcar das guloseimas nas suas meias de Natal. Era o tipo de coisa que Erin apenas vira em filmes. Quando era criança, o Natal era um dia de orações suplementares, não de presentes ou meias ou Pai Natal.

Enfiou uma mão no bolso da sua nova túnica de lã. O outro braço estava numa tala. O ombro estava quase curado do ataque do leão. Jordan acabara de lhe mudar a ligadura no quarto e já tinha descido, arrastado pelo

sobrinho Bart. Erin prometera segui-lo prontamente, mas era tranquilo ali nos degraus.

Finalmente, Jordan espetou a cabeça pela esquina, descobrindo-a e juntando-se a ela na escada. Prendeu as pontas da sua nova túnica entre as pernas, quando se sentou. Ambas as túnicas tinham sido presente da mãe de Jordan.

– Não te podes esconder para sempre – disse ele. – Os meus sobrinhos e sobrinhas vão caçar-te. Eles sentem o cheiro do medo.

Ela sorriu e deu-lhe um encontrão com o ombro.

– Está tudo muito alegre lá em baixo.

– Eu sei, eles são um pouco excessivos.

– Não, são divertidos. – Era sincera, mas a família dele parecia tão normal, tão diferente da sua. – Apenas requerem alguma habituação.

Jordan acariciou-lhe as costas da mão com o polegar, esse simples toque relembrando-a porque gostava tanto dele.

– Estás a dizer-me que enfrentaste leões e lobos e ursos, e todo o tipo de mortos-vivos, mas tens medo de ir até ali com quatro crianças pequenas, os respetivos pais exaustos e a minha mãe?

– Isso resume praticamente tudo.

Ele puxou-a para os seus braços e ela descansou a face no seu peito coberto de flanela. O coração dele batia firme ao seu ouvido. Ela saboreou o som, sabendo quão perto estivera de o perder. Pôs os braços em volta dele.

Ele falou-lhe com voz profunda.

– Enfim... podemos sempre mudar-nos para um hotel, um lugar com *uma* cama para nós *dois*?

Ela sorriu-lhe. Na véspera, quando chegaram, a mãe dele insistira em que dormissem em quartos separados.

– É muito tentador. Mas é de certa forma divertido ver-te no teu ambiente nativo.

Uma voz de criança soprou vinda de baixo, exigente.

– Onde está o tio Jordan?

– A menina Olivia parece estar a ficar impaciente. – Ele puxou-a para a levantar. – Vamos lá. Eles não mordem. A não ser, talvez, os mais pequenos.

A sua mão estava quente e segura na dele, enquanto a conduzia pelos últimos degraus e para dentro da ruidosa sala. Ele guiou-a para lá da árvore de Natal decorada, até um sofá.

– É melhor ficares fora da zona de combate – alertou Jordan.

A mãe dele, Cheryl, sorriu-lhe. Estava sentada numa cadeira de couro castanho, com uma manta tricotada sobre os joelhos. Parecia pálida e frágil. Erin sabia que ela lutava contra o cancro e ninguém sabia ao certo se veria outro Natal.

– O meu filho tem razão – disse Cheryl. – Evite a árvore até a loucura acalmar.

– Avó! – berrou Olivia com toda a força dos seus pulmões. – Já podemos abrir os presentes?

Um coro similar ergueu-se das outras crianças.

Cheryl levantou finalmente uma mão.

– Pronto. Está bem. Ataquem!

Como leões sobre uma gazela abatida, as crianças atiraram-se aos presentes. Papel foi rasgado. Gritos de alegria encheram o ar e uma voz desapontada bradou:

– Meias?!

Erin tentou imaginar que tipo de pessoa seria se tivesse crescido ali.

Olivia depositou um unicórnio de plástico no colo de Erin.

– Este é o *Twilight Sparkle*.

– Olá, *Twilight*.

– O tio Jordan diz que tens pontos. Posso ver? Quantos são? Dói?

Jordan salvou-a do tormento.

– Olivia, os pontos estão debaixo das ligaduras, portanto não se podem ver.

Ela pareceu desalentada, como uma criança poderia parecer.

Erin chegou-se mais perto.

– São vinte e quatro pontos.

Os olhos da criança arregalaram-se de espanto.

– Isso é imenso! – Depois, semicerrou um olho, suspeitosa. – Como é que os arranjaste?

Erin honrou o seu próprio compromisso com a verdade.

– Foi um leão.

A mãe de Jordan quase deixou cair a chávena do café.

– Um leão?

– Fixe! – exclamou Olivia. Depois, passou a Jordan outro pónei de plástico. – Segura no *Applejack*.

E correu a buscar mais dos seus cavalos de brincar.

– Conquistaste-a, claramente – confessou-lhe Jordan.

Olivia voltou e empilhou póneis no colo de Erin, recitando nomes: *Fluttershy*, *Rainbow Dash* e *Pinkie Pie*. Erin fez o seu melhor por brincar com eles, mas era-lhe tão estranho como costumes tribais aborígenes.

Cheryl falou por cima do ombro de Olivia.

– O Jordan disse-me que foi destacado para uma unidade especial de proteção no Vaticano.

– É verdade – admitiu Erin. – Eu vou trabalhar com ele.

– Mãe – disse Jordan – pare de tentar sacar informação da Erin. É Natal.

Cheryl sorriu.

– Só lhe quero agradecer por te conseguir destacar para um lugar seguro.

Erin pensou na quantidade de experiências de proximidade com a morte a que os dois tinham sobrevivido desde que se tinham encontrado em Massada.

– Não sei se *seguro* será o termo adequado. Além de que, se fosse completamente seguro, o Jordan não o queria fazer.

A mãe de Jordan deu-lhe uma palmadinha no braço.

– O Jordan nunca toma o caminho mais fácil.

Olivia estava farta de ser ignorada e puxou a manga de Erin. Apontou um dedo acusador ao nariz dela.

– Ao menos sabes montar a cavalo?

– Sei. Tenho mesmo uma grande égua chamada *Gunsmoke*.

Recordou *Blackjack* e sentiu uma pontada de dor e perda.

– Posso conhecer a *Gunsmoke*? – perguntou Olivia.

– Ela vive na Califórnia, onde eu trabalho. – Erin corrigiu-se. – Onde costumava trabalhar.

Erin falara brevemente com Nate Highsmith, na noite anterior, para lhe desejar um feliz Natal. Ele já conhecera um dos professores alternativos que ela lhe sugerira e parecia conformado com a sua partida. Agora, independentemente do que lhe acontecesse, ele ficaria bem.

– O que fazes? – continuou Olivia. – És soldado como o tio Jordan?

– Sou arqueóloga. Desenterro ossos e outros mistérios para tentar descobrir o passado.

– Isso é divertido?

Erin olhou o rosto descontraído e feliz de Jordan.

– A maior parte do tempo.

– Ótimo. – Olivia acotovelou o joelho de Jordan. – Ele precisa de mais diversão.

Com aquelas palavras profundas, a menina regressou à sua pilha de brinquedos debaixo da árvore.

Jordan inclinou-se para Erin e sussurrou-lhe ao ouvido.

– Ele *precisa* seguramente de mais diversão.

Erin sorriu para os seus olhos azuis e disse a verdade.

– Também eu.

E ENTÃO...

Bem nas profundezas das ruínas de Cumas, Leopold retomava e perdia consciência. Nos últimos poucos dias, cavalaria por ondas de escuridão e dor, subindo para voltar a cair, sempre e de novo.

A lâmina de Rhun atingira-o suficientemente fundo para o matar, mas não morrera. De cada vez que lhe parecia certo afundar-se na escuridão final, preparado para aceitar o sofrimento eterno pelo seu fracasso – despertava de novo. E forçava-se a arrastar o corpo e a alimentar-se dos cadáveres deixados na caverna e de um ocasional rato menos afortunado.

Esses animais inquietos ofereciam pouca substância, mas davam-lhe esperança.

Achara-se selado ali na sequência dos abalos, sem possibilidade de fuga. Mas por onde um rato rastejava, ele podia escavar. Só precisava de recuperar as forças.

Mas como?

Debaixo de si, ouviu as pedras ressoarem bem fundo, rangendo como dentes gigantes, como que chamando-o ao dever. Forçou as pesadas pálpebras a abrirem-se. As tochas há muito que se tinham extinguido, deixando apenas o odor do fumo. Mas mal se notava contra o fedor sulfúreo e o apodrecer dos corpos.

Procurou no bolso e tirou para fora uma pequena lanterna. Os dedos torpes de Leopold tatearam-na desajeitadamente, por agonizantes segundos, antes de a conseguir acender.

A luz ofuscou-o. Fechou as pálpebras, esperando até que o brilho deixasse de lhe ferir os olhos. Depois, abriu-as de novo.

Perscrutou o chão em torno da pedra de altar negra. A rede que amarrara um anjo ainda ali estava. As fendas que tinham sido abertas pelo sangue

desse mesmo anjo tinham fechado de novo. A escuridão rodopiante também desaparecera, novamente selada.

“Tudo sinais do meu fracasso.”

Fraco como um pequeno gato indefeso, rolou de costas e procurou no bolso interior da sua veste o que aí escondia o seu peso. O *Damnatus* incumbira-o dessa segunda missão. A primeira fora agarrar a sibila e aprisioná-la ali em baixo.

Essa missão destinava-se a ser cumprida, *antes* do sacrifício.

A segunda responsabilidade devia ser cumprida, depois.

Não sabia se ainda importava, mas fizera um juramento e não renunciaria a ele, nem mesmo agora. Do bolso, retirou uma pedra verde turva, um pouco maior que um baralho de cartas. Era uma posse valiosa do *Damnatus*, descoberta no deserto egípcio, negociada por muitas mãos, escondida e revelada vezes sem conta, até acabar nas mãos do Traidor de Cristo.

“E agora nas minhas.”

Ergueu a pedra à luz. Observou a escuridão no interior agitar-se e afastar-se da luz. Quando desviou o feixe da lanterna, a mancha no interior cresceu, vibrando com uma força terrível.

Era algo das trevas.

“Tal como eu.”

Ele conhecia os rumores sobre aquela pedra, que se dizia conter uma única gota do sangue de Lúcifer. Não sabia se era verdade. Apenas sabia o que lhe fora ordenado fazer com ela.

“Mas terei forças para o cumprir?”

Nos últimos dias, suportara a escuridão e a dor, alimentara-se para se sustentar, tornando-se gradualmente mais forte, ansiando pelo poder de músculo e osso, para cumprir a última missão que lhe fora exigida pelo *Damnatus*. A necessidade de tal ato nunca lhe fora revelada, mas sabia que

se não o tentasse agora, debilitar-se-ia inescapável e lentamente até morrer de fome na escuridão.

Voltou a pedra para estudar o estranho esboço do outro lado, tenuemente gravado no cristal.



Tinha a forma de uma taça – ou talvez de um cálice. Mas não era nenhuma taça, como aquela de onde Leopold tantas vezes bebera o sangue de Cristo. Ele sabia que a taça ali representada era bem mais antiga que o próprio Cristo e que aquela pedra era um ínfimo fragmento desse mistério maior, a chave para a sua verdade.

Ergueu a pedra ao alto e baixou o braço com força, esmagando o cristal contra o chão de rocha. Conseguiu lascá-la um pouco, mas não o suficiente.

“Por favor, Senhor, dai-me força.”

Leopold repetiu a ação uma e outra vez, chorando de frustração. Não podia falhar de novo. Ergueu o braço e esmagou-a no chão. Desta vez, sentiu o cristal quebrar dentro da sua mão, separando-se em metades grosseiras.

“Obrigado...”

Virou a cabeça o suficiente para ver. Virou a mão. O cristal quebrara pelo centro. O líquido negro derramou-se do vidro esmeralda e encontrou a sua mão.

Gritou quando este lhe tocou.

Não de dor, mas de perfeito e puro êxtase.

Naquele glorioso momento, soube que os rumores eram verdadeiros.

Observou a gota do sangue de Lúcifer penetrar-lhe na carne, reclamando-o, consumindo-o totalmente com a sua treva, deixando para trás apenas um propósito.

E um novo nome.

Levantou-se, agora animado por uma força terrível, a sua pálida pele tornada negra como ébano. Ergueu o rosto e bradou o seu novo nome ao mundo, despedaçando as pedras em volta só com a voz.

– *EU SOU LEGIÃO, O DESTRUIDOR DE MUNDOS!*



JAMES ROLLINS:

É autor de perto de quinze *thrillers* internacionais, todos eles *best-sellers* do *New York Times*, e os seus livros estão publicados em mais de quarenta países. Em cada um dos seus romances são revelados mundos invisíveis, descobertas científicas e segredos históricos. Na sua obra, a ação tem um ritmo alucinante e a narrativa é inteiramente original.

www.jamesrollins.com



REBECCA CANTRELL:

Os seus romances de receberam os prémios «*Bruce Alexander*» e «*Macavity*» e foram nomeados para vários outros. Rebecca é uma autora *best-seller* do *New York Times*. Acabou de abandonar as praias do Havai com o marido e o filho para viver novas aventuras em Berlim.

[*http://rebeccacantrell.com/*](http://rebeccacantrell.com/)

“ÍNDICE”

CAPA

FICHA TÉCNICA

DEDICATÓRIA

EPÍGRAFE

PRÓLOGO

PRIMEIRA PARTE

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

SEGUNDA PARTE

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[TERCEIRA PARTE](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[QUARTA PARTE](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[CapítuloO 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

QUINTA PARTE

Capítulo 48

Capítulo 49

Capítulo 50

Capítulo 51

Capítulo 52

Capítulo 53

EPÍLOGO I: Dia de Natal.

EPÍLOGO II: E então...

SOBRE OS AUTORES